

O MAIOR *BESTSELLER* NÓRDICO DOS ÚLTIMOS TEMPOS

KEPLER

O HIPNOTISTA

ALTA TENSÃO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O MAIOR *BESTSELLER* NÓRDICO DOS ÚLTIMOS TEMPOS

KEPLER

O HIPNOTISTA

ALTA TENSÃO



© Anna-Lena Ahlström

Lars Kepler é o pseudónimo de uma dupla de escritores suecos: Alexander Ahndoril e Alexandra Coelho Ahndoril. Ambos com vasta obra já publicada, este foi o primeiro livro que escreveram juntos.

Os direitos de tradução de *O Hipnotista* foram vendidos para 35 países e a sua adaptação ao cinema será levada a cabo pelo realizador Lasse Hallström.

O Executor, o segundo livro desta série protagonizado pelo comissário Joona Linna, já se encontra também publicado pela Porto Editora.

«Os órfãos de Stieg Larsson encontrarão em Lars Kepler um novo mestre do *thriller*.»

Media World Magazine

«Um romance explosivo que nos chega da Suécia. Lars Kepler é a nova voz do *thriller* nórdico.»

Thriller Magazine

«Um dos melhores *thrillers* policiais de sempre, digno de nos fazer perder uma boa noite de sono.»

Norrköpings Tidningar

«Não existem momentos mortos em *O Hipnotista*. O livro tem um ritmo vertiginoso.»

Tidningen Kulturen

«Lars criou um *thriller* de cortar a respiração, que desvenda os recantos mais obscuros da mente [...] E fá-lo de um modo irresistível.»

Borås tidning

«Uma coisa é certa: esta história irá hipnotizar os leitores.»

Trentino

«Uma descida vertiginosa à zona mais obscura da mente humana. A revelação será assustadora.»

Donato Carrisi (*Prémio Bancarella 2009*)

«*O Hipnotista* é uma pérola rara. Um *thriller* com um enredo inteligente, poderoso e surpreendente.»

Kristianstadsbladet

«Uma teia de suspense cuidadosamente tecida.»

Swedish Radio

LARS KEPLER

O HIPNOTISTA

Tradução de Jaime Bernardes,
revista por Henrique Tavares e Castro

O Hipnotista

Lars Kepler

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Hypnotisören

© 2009, Lars Kepler

First published by Albert Bonniers Förlag, Stockholm, Sweden

Published in the Portuguese language by arrangement with Bonnier Group Agency,
Stockholm, Sweden

Imagem da capa: © Hummingbirds

1.ª edição em papel: maio de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Porto Editora
Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-0-68512-0



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

«Como fogo, exatamente como fogo.» Essas foram as primeiras palavras pronunciadas pelo rapaz hipnotizado. Apesar de ter ferimentos letais – centenas de facadas no rosto, nas pernas, no tronco, nas costas, nas plantas dos pés, no pescoço e na nuca –, fora submetido à hipnose profunda na esperança de que, através dos seus olhos, fosse possível descobrir o que tinha acontecido.

– Tento pestanejar – murmurou. – Entro na cozinha, mas noto algo estranho, um som crepita entre as cadeiras e um fogo ao rubro derrama-se pelo chão.

O polícia que o encontrou entre os outros corpos na vivenda pensou que estava morto. O rapaz tinha perdido muito sangue, entrara em estado de choque e apenas recuperou a consciência cerca de sete horas depois.

Era a única testemunha sobrevivente e o comissário Joon Linna considerou que provavelmente poderia fazer uma boa descrição do sucedido. A intenção do autor dos crimes fora matá-los a todos e, por isso, possivelmente não tivera o cuidado de esconder o rosto durante a sua ação.

Contudo, se as demais circunstâncias não fossem tão excepcionais, nem sequer se teria admitido a hipótese de recorrer aos serviços de um hipnotista.

Na mitologia grega, o deus Hipnos é um jovem alado com uma papoila na mão. O seu nome significa «sono». É irmão gémeo da morte e filho da noite e da escuridão.

O termo «hipnose» foi usado pela primeira vez com o seu significado atual em 1843, pelo cirurgião escocês James Braid. Com esse termo, Braid descreveu um estado físico parecido com o sono e, ao mesmo tempo, de extrema atenção e grande recetividade.

Hoje, está cientificamente estabelecido que quase todas as pessoas podem ser hipnotizadas, mas continuam a variar os pontos de vista sobre a utilidade do uso da hipnose, sobre a sua fiabilidade e os seus riscos. Esta ambivalência depende possivelmente do facto de a hipnose ter sido mal usada por impostores, artistas e Serviços Secretos do mundo inteiro.

Do ponto de vista técnico, é relativamente fácil conduzir uma pessoa ao estado de consciência hipnótica. Difícil torna-se controlar a sequência, orientar o paciente, analisar e tornar útil o resultado. Só por meio de uma ampla experiência e de uma grande capacidade é possível realmente dominar a hipnose profunda. Em todo o mundo, não existe mais do que uma mão-cheia de peritos consumados em hipnose, com competência médica.

Madrugada do dia 8 de dezembro

Erik Maria Bark é subitamente arrancado ao seu sonho quando o telefone toca. Antes de acordar por completo, ouve-se a si mesmo dizer com um sorriso:

– Balões e serpentinas.

O coração palpita-lhe, pelo súbito despertar. Erik não sabe o que quis dizer com aquelas palavras e não faz ideia nenhuma do conteúdo do seu sonho.

Para não incomodar Simone, sai do quarto sem fazer ruído e fecha a porta, antes de atender.

– Sim, fala Erik Maria Bark.

O comissário da Polícia Judiciária Joona Linna pergunta-lhe se está suficientemente desperto para poder assimilar informações importantes. Enquanto escuta as palavras do comissário, os seus pensamentos permanecem ainda na antecâmara vazia e escura posterior ao sonho.

– Ouvi dizer que o senhor é muito competente no tratamento de traumas agudos – arrisca Joona Linna.

– Sim – responde Erik laconicamente.

Engole um analgésico enquanto ouve o relato do comissário. Este começa por explicar que precisa de interrogar uma testemunha, um rapaz de quinze anos de idade que presenciara um duplo assassinato. O problema é que o rapaz fora gravemente ferido. O seu estado é instável, entrou mesmo em estado de choque e mantém-se inconsciente. Foi transferido durante a noite dos Serviços de Neurologia do Hospital de Huddinge para a enfermaria de Neurocirurgia do Hospital Universitário Karolinska, em Solna.

– Quem é o médico responsável? – pergunta Erik.

– Daniella Richards.

– Ela é muito competente e tenho a certeza de que pode resolver...

– Foi ela mesma que me pediu que lhe telefonasse – interrompe

o comissário. – Precisa da sua ajuda urgentemente.

Erik volta para o quarto para recolher as suas roupas. A luz de um candeeiro da rua filtra-se por entre os dois cortinados. Simone está deitada de costas e olha para ele com uma expressão estranha, vazia.

– Não queria acordar-te – diz ele em voz baixa.

– Quem era? – pergunta ela.

– Um polícia... Um comissário, não percebi o nome dele.

– De que se trata?

– Tenho de ir ao Karolinska – responde. – Precisam de ajuda para um rapaz.

– Mas que horas são?

Ela olha para o despertador e fecha os olhos. Erik repara que nos seus ombros sardentos há vincos do lençol.

– Fica a dormir, Sixan – sussurra.

Depois leva a roupa para o vestíbulo, acende a luz e veste-se rapidamente. Uma lâmina de aço reflete a luz e brilha nas suas costas. Erik volta-se e vê que o filho pendurou os patins de gelo na maçaneta da porta de casa, para não se esquecer deles. Apesar de estar com pressa, vai ao guarda-roupa da entrada, puxa o baú e procura os protetores de borracha dos patins. Fixa-os nas lâminas afiadas dos patins e deixa-os em cima do tapete da entrada, antes de sair do apartamento.

São três horas da madrugada de terça-feira, dia 8 de dezembro, quando Erik Maria Bark se senta no carro. A neve cai lentamente de um céu muito escuro. Não sopra vento absolutamente nenhum e os pesados flocos brancos pousam sonolentos na rua vazia. Gira a chave de ignição e logo se ouve uma música, em ondas suaves: *Kind of Blue*, de Miles Davis.

Conduz o carro através de uma cidade adormecida. A distância é curta desde a rua Luntmakargatan, seguindo pela avenida Sveavägen, até Norrtull. O lago Brunnsviken vislumbra-se como uma abertura grande e escura por detrás da neve que cai. Diminui a velocidade, entra na área hospitalar, entre o Hospital Astrid Lindgren, que subsiste com escassez de pessoal, e a maternidade, passando depois pelo edifício da Radiologia e da Psiquiatria. Acaba por estacionar no seu lugar habitual perto da ala de Neurocirurgia e

sai do carro. A iluminação da rua reflete-se nas janelas do enorme complexo. No estacionamento, apenas alguns carros de visitantes. Os melros esvoaçam na escuridão que envolve as árvores, as asas crepitando como folhas secas. Erik repara que, àquela hora, não se ouve o ruído da autoestrada.

Introduz o cartão de acesso, marca o código de seis dígitos e entra no átrio do complexo, sobe no elevador até ao quinto andar e percorre os corredores. As lâmpadas fluorescentes no teto brilham no linóleo azul do chão como se fossem pedaços de gelo numa vala. Só então começa a sentir cansaço, depois da repentina subida de adrenalina. O sonho tinha sido tão bom, ainda persiste um travo de felicidade. Passa diante de uma sala de operações, das portas da enorme câmara hiperbárica, cumprimenta uma enfermeira e pensa mais uma vez naquilo que o comissário lhe contou ao telefone: um rapaz com várias hemorragias internas e com cortes por todo o corpo transpira, não quer ficar deitado, está inquieto e tem muita sede. Fazem uma tentativa para falar com ele, mas o seu estado piora rapidamente. O estado de consciência começa a falhar, ao mesmo tempo que o coração acelera, e a médica responsável, Daniella Richards, toma a decisão correta de impedir que o polícia se aproxime do paciente.

Dois polícias de uniforme estão em frente da porta da enfermaria N18. Ao aproximar-se, Erik sente que a expressão deles é de preocupação. Talvez estejam apenas cansados, pensa, quando se detém diante deles, identificando-se. Dão uma rápida vista de olhos ao cartão e, em seguida, carregam num botão e a porta abre-se com um zumbido.

Erik entra na sala, dá um aperto de mão a Daniella Richards e nota a tensão expressa na sua boca e nos seus movimentos.

- Toma um café – oferece ela.
- Temos tempo? – pergunta Erik.
- Tenho a hemorragia do fígado controlada.

Um homem aparentando uns quarenta e cinco anos, de *jeans* e casaco preto, encontra-se diante da máquina de café a dar-lhe pequenas pancadas. Tem o cabelo loiro, desgrenhado, e os lábios sérios e apertados. Erik pensa que talvez se trate de Magnus, marido de Daniella. Nunca o viu pessoalmente, apenas em fotografia no

gabinete dela.

– É o teu marido? – pergunta, apontando para o homem.

– O quê? – responde ela, entre divertida e surpresa.

– Pensei que talvez o Magnus te tivesse acompanhado.

– Não. – Daniella ri-se.

– Tens a certeza? Posso-lhe perguntar – brinca Erik, e começa a dirigir-se para o homem.

O telemóvel de Daniella toca e ela atende, ainda a rir-se.

– Erik, para com isso – diz ela, antes de encostar o aparelho ao ouvido e responder: – Sim, fala Daniella.

Escuta, mas não ouve nada.

– Estou?

Espera alguns segundos, e depois despede-se ironicamente com a tradicional saudação havaiana «aloha» antes de fechar o aparelho e seguir Erik, que já está junto do homem loiro. A máquina de café continua a emitir zumbidos e silvos.

– Tome um café – diz o homem, oferecendo o copo de papel a Erik.

– Não, obrigado.

O homem toma a bebida quente, sorri e formam-se-lhe duas pequenas covas nas faces.

– Está bom – garante, tentando oferecer o copo novamente a Erik.

– Não quero.

O homem bebe mais um pouco, enquanto o observa.

– Pode emprestar-me o seu telemóvel? – pergunta de repente. – Se não tiver nada contra. Deixei o meu no carro.

– E agora quer usar o meu? – pergunta Erik, muito sério.

O homem loiro assente e olha para ele com os seus olhos claros, cinzentos como granito polido.

– Pode voltar a usar o meu – oferece Daniella.

– Obrigado.

– De nada.

O homem loiro pega no telemóvel, olha para o aparelho e depois para ela:

– Prometo que o devolverei.

– Afinal, é você que o usa – brinca ela.

Ele ri-se e afasta-se.

– Só pode ser o teu marido – diz Erik.

Daniella abana a cabeça, ainda a sorrir, mas vê-se que está muito cansada. Tinha esfregado os olhos e a maquilhagem cinzento-prateada esborratara-lhe o rosto.

– Posso ir ver o paciente? – pergunta Erik.

– Claro – concorda ela.

– Já que vim até cá... – apressa-se ele a dizer.

– Erik, preciso mesmo de ouvir a tua opinião, sinto-me muito insegura.

Abre a pesada porta em silêncio e Erik entra com ela num quarto bem aquecido, anexo à sala de operações. Um rapaz magro está deitado na cama. Duas enfermeiras tratam-lhe as feridas. Tem centenas de arranhões e de cortes pelo corpo todo. Nas plantas dos pés, no peito, na barriga, no pescoço, na nuca, no rosto e nas mãos.

O pulso é fraco, mas muito rápido. Tem os lábios cinzentos como alumínio, está a suar e os olhos permanecem bem fechados. O nariz parece estar partido. Um hematoma estende-se por baixo da pele como uma nuvem, do pescoço até ao peito.

Erik nota que o rosto do rapaz, apesar dos ferimentos, é bonito.

Daniella explica em voz baixa a sua evolução, a maneira como os indicadores do estado do rapaz estão a variar, quando, de repente, alguém bate na porta de vidro e ela se cala. É de novo o homem loiro, que lhes faz sinal do lado de fora da porta.

Erik e Daniella entreolham-se e saem da sala de tratamento. O homem loiro está de novo junto da máquina de café.

– Vai um *cappuccino* grande? – pergunta, dirigindo-se a Erik. – Pode fazer-lhe falta antes de falar com o polícia que encontrou o rapaz.

Só então Erik percebe que o homem loiro é o comissário da Polícia Judiciária, o mesmo que o acordou há menos de uma hora. O seu sotaque finlandês não era tão evidente ao telefone ou, então, Erik estava demasiado cansado para o notar.

– Por que razão iria querer falar com o polícia que encontrou o rapaz? – pergunta Erik.

– Para compreender o motivo por que eu preciso de interrogar...

Joona cala-se no momento em que toca o telemóvel de Daniella.

Retira-o do bolso do casaco, não faz caso da mão que ela lhe estende e olha para o visor.

– É para mim, de certeza – diz Joona e atende: – Sim... Não, quero que ele venha aqui... De acordo, mas para mim é igual.

O comissário sorri ao escutar as objeções do colega do outro lado da linha.

– Mas já me apercebi de uma coisa – responde.

O outro grita algo.

– Vou fazer as coisas à minha maneira – replica Joona, com voz calma, e encerra a conversa.

Devolve o telemóvel a Daniella e agradece-lhe com um aceno silencioso.

– Preciso de interrogar o paciente – explica depois, com uma expressão séria.

– Infelizmente – informa Erik –, o meu parecer é semelhante ao da Dra. Richards.

– Quando poderei falar com ele? – pergunta Joona.

– Não enquanto permanecer em estado de choque.

– Já sabia que ia dizer isso – balbucia Joona, em voz baixa.

– O estado dele continua a ser muito crítico – explica Daniella. – A pleura está afetada, o intestino delgado também, o fígado e...

Nesse momento, entra na sala um homem com um uniforme da polícia sujo. O seu olhar é de preocupação. Joona faz-lhe sinal, aproxima-se dele e cumprimenta-o com um aperto de mão. Diz qualquer coisa em voz baixa e o polícia passa a mão pela boca, olhando para os médicos. O comissário insiste com o polícia em que precisam de conhecer os pormenores, o que poderia significar uma grande ajuda.

– Bom, enfim... – começa o polícia, pigarreando um pouco. – Pela rádio recebemos a informação de que um empregado da limpeza encontrou um homem morto no balneário do pavilhão desportivo de Tumba. Íamos de carro, a circular pela estrada de Huddinge... só tivemos de virar para Dalvågen, em direção ao lago. O meu colega Janne entra no balneário, enquanto eu fico cá fora a falar com o empregado. Primeiro, pensámos que se tratava de uma *overdose*, mas logo ficou claro que era outra coisa. Janne sai do balneário muito pálido e não quer que eu entre. «Sangue por todos

os lados», diz ele três vezes e senta-se na escada e...

O polícia para de falar e deixa-se cair numa cadeira, olhando fixamente em frente, com a boca entreaberta.

– Consegues continuar? – pergunta Joonas.

– Sim... A ambulância chega ao local, o cadáver é identificado e eu fico encarregado de falar com os familiares. Temos poucos agentes de serviço, de modo que me cabe ir sozinho. A minha chefe dá a entender que não quer que o Janne vá comigo no estado em que se encontra, o que é compreensível...

Erik olha para o relógio.

– De certeza que tem tempo para ouvir isto – diz-lhe Joonas calmamente, com o seu sotaque finlandês.

– O falecido – continua o polícia, de olhos baixos – era professor no liceu de Tumba e morava na nova urbanização de vivendas, no alto da colina. Toco à campainha, ninguém abre. Toco várias vezes e nada. Por fim, não sei porquê, resolvo dar a volta à rua até chegar às traseiras da casa e aponto a lanterna para o interior através de uma janela.

O polícia cala-se novamente, os lábios tremem-lhe e começa a arranhar o braço da cadeira.

– Continua, por favor – pede-lhe Joonas.

– É mesmo preciso? É que eu... eu...

– Encontraste o rapaz, a mãe e uma menina de uns cinco anos. O rapaz era o único ainda com vida.

– Embora eu achasse... eu...

Cala-se mais uma vez, muito pálido.

– Obrigado por teres vindo, Erland – agradece Joonas.

O polícia faz um aceno rápido, levanta-se, confuso, passa as mãos pela farda suja e deixa a sala.

– Foram todos esfaqueados – continua Joonas. – Pura loucura... Apresentavam lesões graves, tinham sido espancados a pontapé, e a menina... cortada ao meio. A parte inferior do tronco e as pernas, ainda na poltrona, diante da televisão e... – interrompe-se e observa Erik antes de continuar: – Parece que o criminoso sabia que o chefe da família estava no pavilhão desportivo – explica. – Tinha havido um jogo de futebol e ele fora o árbitro. O assassino esperou que ele ficasse sozinho, antes de o matar, e esquartejou-o... esquartejou-o

de modo selvagem, e depois dirigiu-se à casa para matar os outros.

– Isso aconteceu nessa ordem? – pergunta Erik.

– Pelo que pude perceber, sim – responde o comissário.

Erik sente a mão a tremer, ao passá-la pela boca. «Pai, mãe, filho e filha», pensa lentamente e enfrenta depois o olhar de Joona Linna.

– O assassino quis eliminar a família inteira – constata Erik, com voz fraca.

Joona faz um gesto hesitante.

– É justamente isso que... Falta ainda um dos filhos, a irmã mais velha. De uns vinte e três anos. Ainda não conseguimos dar com ela. Não se encontra no seu apartamento, em Sundbyberg, nem tão-pouco em casa do namorado. É muito provável que o assassino também ande à procura dela e por isso queremos ouvir a testemunha o mais cedo possível.

– Vou entrar e fazer uma verificação mais precisa – diz Erik.

– Obrigado – assente Joona.

– Mas não podemos pôr em risco a vida do paciente com...

– Compreendo – interrompe Joona. – Porém, quanto mais tempo passar até encontrarmos algum indício que possamos averiguar, mais tempo o criminoso terá para procurar a filha mais velha.

– Deviam fazer, talvez, uma busca minuciosa nos locais dos crimes – sugere Daniella.

– Estamos a fazer isso – responde ele.

– Vá lá e apresse-os – insiste ela.

– De qualquer maneira, a busca não vai dar resultado nenhum – replica o comissário.

– O que quer dizer com isso?

– Vamos encontrar o ADN de centenas de pessoas em ambos os lugares.

Erik volta para junto do paciente. Diante da cama, observa o rosto pálido, coberto de ferimentos. A respiração é débil. Os lábios estão inchados. Erik pronuncia o nome do rapaz, o que provoca um pequeno estremecimento de dor no rosto dele.

– Josef – repete em voz baixa. – O meu nome é Erik Maria Bark, sou médico e estou aqui para tratar de ti. Por favor, podes dar qualquer sinal, caso estejas a compreender o que digo?

O rapaz permanece completamente imóvel, apenas o ventre se

move com inspirações curtas. No entanto, Erik está convencido de que ele entendeu as suas palavras, embora, no momento seguinte, o nível de consciência tenha caído e o contacto tenha sido interrompido.

Meia hora mais tarde, quando Erik sai do quarto, Joona e Daniella ficam a olhar para o rapaz.

– Vai sobreviver? – pergunta Joona.

– É muito cedo para responder a essa pergunta, mas ele...

– O rapaz é a nossa única testemunha – interrompe o comissário.

– Alguém matou o pai, a mãe e a irmã mais nova. E a mesma pessoa, muito provavelmente, está agora à procura da irmã mais velha.

– Sabemos disso – diz Daniella. – Mas achamos que talvez a Polícia deva dedicar o seu tempo a procurá-la, em vez de continuar a aborrecer-nos.

– A procurá-la estamos nós, mas o processo é muito lento. Precisamos de falar com o rapaz, porque é possível que tenha visto o rosto do assassino.

– Pode levar semanas, antes de podermos interrogar o rapaz – intervém Erik. – Não podemos simplesmente abaná-lo para lhe insuflar vida e contar-lhe que toda a sua família está morta.

– Mas sob hipnose... – sugere Joona.

Faz-se silêncio na sala. Erik pensa na neve que caía sobre o lago Brunnsviken, quando fazia o caminho para o hospital. Como os flocos de neve flutuavam por cima das árvores e caíam nas águas escuras.

– Não – murmura para si mesmo.

– A hipnose não resultaria?

– Não sei nada sobre isso – reage Erik.

– Tenho muita boa memória – diz Joona, com um largo sorriso – e sei que é um famoso hipnotista. Poderia...

– Eu era um incompetente – interrompe-o Erik.

– Não foi o que ouvi dizer – contradiz Joona. – E esta é uma situação de emergência.

Daniella corou e sorriu, baixando os olhos.

– Não posso – insiste Erik.

– Na realidade, sou eu que tenho a responsabilidade do paciente – diz Daniella, elevando a voz. – E não estou especialmente inclinada a autorizar a hipnose.

– E se chegasse à conclusão de que não oferece qualquer perigo para o paciente? – pergunta Joona.

Erik apercebe-se de que o comissário tinha pensado na hipnose como uma possível solução desde o início. Compreende que não se trata de uma ideia que acabara de lhe ocorrer. Joona Linna chamara-o ao hospital apenas para tentar convencê-lo a hipnotizar o paciente e não para atuar como perito no tratamento de estados de choque e de traumas agudos.

– Prometi a mim mesmo nunca mais hipnotizar fosse quem fosse – alega Erik.

– De acordo, compreendo – anui Joona. – Ouvi dizer que é o melhor, mas sinto-me obrigado a respeitar a sua opção.

– Lamento – diz Erik.

Olha para o paciente através do vidro e, depois, volta-se para Daniella.

– Deram-lhe desmopressina?

– Ainda não. De facto, resolvi esperar – responde ela.

– Porquê?

– Por causa do risco de complicações tromboembólicas.

– Acompanhei o debate sobre esse tema, mas acho que não faz sentido. Dou desmopressina ao meu filho frequentemente – diz Erik.

Joona levanta-se da cadeira, inconformado.

– Ficaria agradecido se me pudesse recomendar outro hipnotista – pede.

– Nem sequer sabemos se o paciente vai recuperar a consciência – reage Daniella.

– Mas eu conto com...

– E ele, de qualquer maneira, precisa de estar consciente para poder ser hipnotizado – conclui Daniella, com uma expressão tensa.

– Josef ouviu quando Erik falou com ele – insiste Joona.

– Não creio – murmura ela.

– É verdade. De facto, ouviu-me – confirma Erik.

– Podíamos salvar a vida da irmã dele... – relembra Joona.

– Vou para casa – diz Erik, em voz baixa. – Dá-lhe a

desmopressina e considera a hipótese de o transferir para a câmara hiperbárica.

Erik abandona a sala e despe a bata de médico já no corredor. Entra no elevador. Várias pessoas movimentam-se no átrio. As portas abrem-se automaticamente e constata que o céu começou a clarear. Depois de tirar o carro do parque de estacionamento, procura a pequena caixa de madeira no porta-luvas. Sem tirar os olhos da estrada, levanta a tampa, decorada com um índio e o seu papagaio colorido, e retira três comprimidos que engole rapidamente. Sente que precisa de umas duas horas de sono ainda essa manhã, antes de acordar Benjamin e lhe dar a injeção.

2

Terça-feira, dia 8 de dezembro, pela manhã

No Il Caffè, o pequeno estabelecimento onde se servem pequenos-almoços, na rua Bergsgatan, o comissário Joona Linna pede uma tosta grande com queijo parmesão, *bresaola* e tomate seco. É ainda muito cedo e a cafetaria acaba de abrir: a jovem que anotou o seu pedido ainda nem teve tempo de tirar o pão dos sacos.

Depois de no dia anterior ter trabalhado até tarde, a inspecionar o local do crime em Tumba, a visitar a vítima sobrevivente no Hospital Karolinska, em Solna, e falar, de madrugada, com os médicos Daniella Richards e Erik Maria Bark, Joona voltara para o seu apartamento em Fredhäll e dormira três horas.

Agora, enquanto espera pelo pequeno-almoço, olha para o Palácio da Justiça através da montra embaciada do café e pensa na passagem subterrânea que une aquele edifício ao comissariado da Polícia Judiciária. Recolhe o cartão de crédito, assina a nota com a enorme caneta em cima do balcão de vidro, e sai do café.

Cai do céu uma mistura pesada de chuva e neve, e ele sobe apressado a rua Bergsgatan, com a tosta quente numa mão e o saco desportivo com o *stick* de hóquei na outra.

«Vai ser uma batalha esta noite. Pobres de nós», pensa Joona. «Vamos ser batidos, exatamente como eles prometeram.»

A equipa de hóquei da Polícia Judiciária perde habitualmente com a Polícia de Segurança Pública, a Polícia de Trânsito, a Polícia Marítima, as Forças de Operações Especiais, a Polícia Antimotim e os Serviços Secretos. Mas isso proporciona-lhes um motivo válido para se encontrarem e se consolarem depois no bar mais próximo.

«Os únicos a quem ganhámos foram os velhotes do laboratório.»

Ao passar em frente do edifício da Judiciária, diante da entrada principal, ainda não sabe que naquela terça-feira não jogará hóquei, nem irá ao bar. Repara que pintaram uma cruz suástica na placa à entrada da sala de julgamentos. A passos largos, segue na direção da prisão de Kronoberg e vê a grade alta fechar-se sem ruído depois

de deixar passar um carro. Os flocos de neve derretem-se ao embaterem no enorme vidro da guarita de vigilância. Jooná passa pela piscina coberta da polícia e atravessa o relvado em direção ao muro do gigantesco complexo. A fachada parece feita de chapas de cobre polido, escurecido pela água. Não se vê nenhuma bicicleta estacionada na longa estrutura construída com essa finalidade, junto da sala de audiências, as bandeiras pendem molhadas ao longo dos mastros. Jooná passa meio a correr entre dois plintos de metal e, sob o teto alto de vidro coberto de gelo, bate com os pés no chão para sacudir a água dos sapatos. Entra, depois, pela porta que leva à Direção-Geral da Polícia.

Na Suécia, o Ministério da Justiça regula as atividades policiais, mas não tem autoridade para decidir como a lei deve ser aplicada. É a Direção-Geral da Polícia do Reino que, para o efeito, representa a autoridade central. Dela dependem a Direção-Geral da Polícia, a Direção Nacional da Polícia Judiciária, os Serviços Secretos, a Escola Superior de Polícia e o Laboratório Nacional da Polícia Científica.

A Direção Nacional da Polícia Judiciária é o único corpo operativo central da Suécia com competência para lutar contra a criminalidade mais grave, a nível nacional e internacional. É aqui que trabalha Jooná Linna como comissário, há nove anos.

Jooná atravessa o seu corredor, tira o gorro da cabeça diante do quadro de avisos, passa os olhos pelos anúncios de ioga, de alguém que quer vender uma caravana, informações do sindicato OFR/F e mudança de horários no clube de tiro.

O chão, limpo na sexta-feira anterior, já está muito sujo. A porta de Benny Rubin está entreaberta. O sexagenário de bigode grisalho e pele cheia de rugas provocadas pelo sol fez parte da equipa de investigação do assassinato do primeiro-ministro Olof Palme durante alguns anos, mas trabalha agora na central de comunicações e na adaptação ao novo sistema de rádio, denominado Rakel. Está sentado diante de um computador, com um cigarro na orelha e escreve com horrorosa lentidão.

– Tenho olhos na nuca – diz ele, de repente.

– Isso explica porque escreves tão mal – brinca Jooná.

Repara que a última novidade de Benny é um cartaz publicitário

da companhia aérea sueca SAS: uma jovem um tanto exótica com um biquíni mínimo, a beber um sumo de frutas por uma palhinha. Benny levou a mal a proibição de pendurar calendários com jovens nuas ou pouco vestidas, ao ponto de a maioria pensar que ele iria pedir a demissão do cargo. Em vez disso, no entanto, há muitos anos que resolveu dedicar-se a um protesto silencioso e persistente. No primeiro dia de cada mês, troca de decoração na parede. Ninguém disse que estavam proibidos os anúncios de companhias aéreas, imagens de patinadoras do gelo, de pernas muito abertas, posições de ioga ou anúncios de roupa interior da H&M. Joonas lembra-se ainda de um cartaz da velocista Gail Devers, de calções justos, e de uma litografia ousada do artista Egon Schiele, que mostrava uma mulher ruiva, de cuecas, sentada de pernas abertas.

Joonas detém-se para cumprimentar a sua assistente e colega, Anja Larsson. Com boca entreaberta, está sentada diante do computador e o seu rosto redondo parece tão concentrado que ele opta por não a importunar. Em vez disso, dirige-se ao seu gabinete. Aí, pendura o sobretudo molhado atrás da porta, acende a estrela do Advento na janela e dá uma rápida vista de olhos ao *placard* de entrada: um memorando com questões laborais, uma proposta de lâmpadas de baixo consumo de energia, uma solicitação da Procuradoria e um convite pessoal para a festa natalícia no Skansen¹.

Deixa então o gabinete, vai até à sala de reuniões, senta-se no seu lugar habitual, abre o embrulho com a tosta e começa a comer.

No grande quadro branco, pendurado na parede mais comprida, está escrito: «Roupa, colete à prova de bala, arma, gás lacrimogénico, equipas de comunicação, veículos, outros recursos técnicos, canais, sinais de rádio, alternativas de vigilância, rádio em silêncio, códigos, provas de contacto.»

Petter Näslund detém-se no corredor, sorri satisfeito e encosta-se à ombreira da porta, de costas para a sala de reuniões. Petter é um homem musculoso e careca, de uns trinta e cinco anos de idade, comissário com funções especiais, o que faz dele o superior direto de Joonas. Há vários anos que tenta a sua sorte com Magdalena Ronander, sem ligar às reações negativas e às suas constantes tentativas para passar a um tom mais profissional. Magdalena é

inspetora do Departamento de Investigação há quatro anos e faz tentativas de terminar o curso de Direito, antes de completar trinta anos.

Petter baixa a voz e pergunta a Magdalena que arma de serviço prefere e quantas vezes troca de cano porque as estrias se desgastaram. Sem deixar transparecer que percebera o duplo sentido, ela explica-lhe que tem registos exatos sobre os disparos que fez.

– Mas gostas delas grandes, não? – insiste Petter.

– Não. Na realidade, uso uma *Glock 17* – responde Magdalena – porque é uma arma que aceita muitas das munições de 9 mm regulamentares.

– Não usas também uma checa?

– Sim, mas... prefiro a *m39B* – diz ela.

Entram ambos na sala de reuniões, sentam-se nos seus lugares e saúdam Joona.

– Além disso, a *Glock* também tem a saída dos gases de pólvora ao lado do ponto de mira – continua ela. – O coice é muito reduzido e, assim, podes dar o tiro seguinte com maior rapidez.

– O que acha o Moomin²? – pergunta Petter.

Joona sorri levemente e os seus olhos cinzento-claros ficam translúcidos, da cor do gelo, quando responde com o seu musical sotaque finlandês:

– Que não tem qualquer importância. Que são outras coisas, completamente diferentes, que decidem.

– Quer dizer que nem precisas de saber disparar – atira-lhe Petter, com uma gargalhada.

– Joona é bom atirador – atalha Magdalena Ronander.

– Ele é bom em tudo – suspira Petter.

Magdalena ignora-o e vira-se para Joona.

– A grande vantagem da *Glock* compensada reside no facto de os gases de pólvora não se verem a sair do cano no escuro.

– Correto – concorda Joona, em voz baixa.

Ela mostra-se satisfeita e abre a sua pasta preta de couro, de onde tira vários documentos que começa a folhear. Benny entra, senta-se, olha para todos os presentes, bate com força no tampo da mesa e sorri ao ver que Magdalena lhe lança um olhar irritado.

- Assumi o caso de Tumba – declara Joona.
- Que caso? – pergunta Petter.
- Uma família inteira foi assassinada à facada.
- Isso não tem nada a ver connosco – diz Petter.
- Julgo que pode tratar-se de um assassino em série ou, pelo

menos...

– Parem de discutir, agora – interrompe Benny, com os olhos fixos em Joona, e bate mais uma vez com a palma da mão na mesa.

– Foi apenas um acerto de contas – continua Petter. – Empréstimo, dívida, jogo... O homem era conhecido no hipódromo de Solvalla.

– Um jogador compulsivo – confirma Benny.

– Pedia dinheiro emprestado a bandidos locais e teve de pagar por isso – conclui Petter, encerrando a conversa.

A sala fica em silêncio. Joona bebe um pouco de água, apanha algumas migalhas de pão de cima da mesa e mete-as na boca.

– Sinto que este caso é especial – diz a meia-voz.

– Então, pede a transferência – aconselha Petter, sorrindo. – Isto não é para a Judiciária.

– Eu acho que sim.

– Então, terás de te transferir para a esquadra de Tumba, se quiseses tomar conta do caso – declara Peter.

– Tenciono investigar esses assassinatos – insiste Joona.

– Quem decide isso sou eu – reage Petter.

Yngve Svensson entra na sala e senta-se. Usa o cabelo penteado para trás, com gel, tem olheiras azuladas, uma barba ruiva de dois dias e veste, como sempre, um fato escuro amarrotado.

– *Yngwie* – diz Benny, satisfeito.

Yngve Svensson é um dos melhores peritos em crime organizado do país, responsável pela secção de análises e pertence à unidade internacional de cooperação policial.

– Yngve, o que achas do caso de Tumba? – pergunta Petter. – Certamente, já sabes, não?

– Sim, parece ser um problema local – responde. – O cobrador vai à casa. O pai devia estar lá àquela hora, mas tinha ficado a arbitrar um jogo de futebol. O cobrador provavelmente tinha enfiado um *speed* com *Rophynol*, está desequilibrado, nervoso e algo

o provoca. Decide atacar a família com uma faca de caça para lhe dizerem onde está o homem. Certamente, contam-lhe a verdade, mas ele está descontrolado e mata-os a todos, antes de seguir para o pavilhão desportivo.

Petter sorri, sarcástico, bebe dois longos goles de água, leva a mão à boca, arrota, olha para Joona e pergunta:

– O que achas desta explicação?

– Que seria boa se não estivesse totalmente errada – responde.

– O que é que está errado? – pergunta Yngve, preparado para a luta.

– O assassino, primeiro, matou o homem no pavilhão desportivo

– responde Joona calmamente. – Depois, dirigiu-se à casa e executou o resto da família.

– Então, dificilmente poderia ser um acerto de contas – intervém Magdalena Ronander.

– Vamos ver o que diz o pessoal da autópsia – murmura Yngve.

– Vão dizer que eu tenho razão – afirma Joona.

– Idiota – espeta-lhe Yngve, suspirando, e mete duas pastilhas de tabaco debaixo da língua.

– Joona, não te vou dar este caso – declara Petter.

– Compreendo – diz Joona, com um suspiro. E levanta-se da mesa.

– Onde é que vais? Ainda estamos em reunião – clama Petter.

– Tenho de falar com o Carlos.

– Não a este respeito.

– Claro que sim – responde Joona, abandonando a sala.

– Fica aqui – grita-lhe Peter. – Caso contrário, terei de...

Joona já não ouve a ameaça, fecha a porta atrás de si, tranquilamente, continua pelo corredor, saúda Anja, que levanta os olhos do computador com uma expressão de estranheza.

– Não estavas na reunião?

– Sim – responde, continuando a caminho do elevador.

No quinto andar fica a sala de reuniões da Direção-Geral da Polícia e a secretaria. E é aí que se encontra também Carlos Eliasson, chefe da Direção Nacional da Polícia Judiciária. A porta está entreaberta, mas, como de costume, mais fechada do que aberta.

– Entra, entra – diz Carlos.

Quando Joona se aproxima, o rosto de Carlos revela uma expressão mesclada de alegria e preocupação.

– Ia dar de comer aos meus pequeninos – explica ele, ao mesmo tempo que bate na borda de um aquário.

Sorri para os peixinhos que nadam para a superfície e apanham as migalhas de comida, que levam depois para o fundo.

– Aqui vai mais bocadinho – murmura.

Carlos aponta a comida ao peixe mais pequenino, *Nikita*, depois, vira-se e diz amavelmente:

– O Departamento de Homicídios perguntou se poderias dar uma vista de olhos no assassinato de Dalarna.

– Isso é coisa para eles mesmos resolverem – opõe-se Joona.

– Parece que não pensam o mesmo. Tommy Kofoed esteve aqui para tentar...

– De qualquer forma, não tenho tempo – interrompe-o Joona.

Senta-se à frente de Carlos. O gabinete cheira bem, a couro e a madeiras. O sol brilha, entra pela sala dentro, brincando com os reflexos no aquário.

– Quero encarregar-me do caso de Tumba – declara Joona, sem rodeios.

Por momentos, a expressão preocupada domina o rosto de Carlos, um rosto enrugado e cordial.

– Petter Näslund acaba de me telefonar. Ele tem razão. Não é caso para a Polícia Judiciária – diz com precaução.

– Eu acho que sim – insiste Joona.

– Só se a cobrança de empréstimos estiver relacionada com o crime organizado, Joona.

– Não se trata de cobrança nenhuma.

– Não?

– O assassino atacou primeiro o homem – explica Joona. – Depois, foi à vivenda para acabar com a família. Queria matá-los a todos. Vai agora procurar a irmã mais velha e virá procurar o rapaz se ele sobreviver.

Carlos lança um olhar rápido ao aquário como se receasse que os peixes pudessem ouvir uma história tão horrorosa.

– Ora – exclama, com ar cético. – Como é que sabes disso?

– Porque as pegadas no sangue eram mais curtas na casa.

– O que queres dizer?

Joona inclina-se para a frente e afirma:

– Evidentemente, havia pegadas por todo o lado. Ainda não fiz as medições exatas, mas fiquei com a impressão de que as pegadas no balneário eram mais... enérgicas, e as da casa, mais cansadas.

– Lá estás tu outra vez – protesta Carlos, esgotado. – Sempre a criar problemas.

– Mas tenho razão – reage Joona.

Carlos nega com a cabeça:

– Desta vez, não, não creio que tenhas.

– Tenho, sim.

Carlos vira-se de novo para os peixes:

– Este Joona Linna é a pessoa mais teimosa que conheci na minha vida – afirma.

– Porque devo recuar quando sei que tenho razão?

– Não posso passar por cima de Petter Näslund e dar-te o caso com base numa intuição – explica Carlos.

– Claro que podes.

– Todos acham que se trata de um caso de cobrança de dívidas de jogo.

– Tu também?

– Sim, de facto, também acho.

– As pegadas são mais enérgicas no balneário porque o homem foi assassinado primeiro – insiste Joona.

– Tu nunca desistes, não é verdade?

Joona encolhe os ombros e sorri.

– É melhor eu telefonar diretamente para o Instituto de Medicina Legal – murmura Carlos, pegando no telefone.

– Vão dizer que eu tenho razão – replica o comissário, de olhos baixos.

Joona Linna tem consciência de que é teimoso, mas também sabe que uma pessoa tem de ser perseverante se quiser avançar na vida. Talvez tudo tivesse começado com o pai de Joona, Yrjö Linna, polícia que patrulhava o distrito de Märsta. Uma vez, encontrava-se no caminho antigo de Uppsala, um pouco a norte do Hospital Löwenströmska, quando a central recebeu uma denúncia e o

mandaram para a rua Hammarbyvägen, em Upplands Väsby. Uma vizinha tinha telefonado para a Polícia, dizendo que os filhos de Olsson estavam mais uma vez a ser espancados pelo pai. Em 1979, a Suécia foi o primeiro país do mundo a proibir o castigo físico de crianças, e a Polícia tinha recebido ordens da administração central para levar a sério a nova lei. Yrjö Linna entrou com o carro no pátio do bloco de apartamentos e estacionou diante da entrada. Ficou à espera do colega, Jonny Andersen. Alguns minutos depois, resolveu chamá-lo. Jonny estava na fila de um posto de venda de salsichas De Mamá, e disse-lhe que, na sua opinião, às vezes um homem precisa de mostrar quem manda em casa. Yrjö Linna era um tipo pacato. Sabia que o regulamento exigia que fossem dois a intervir num caso desses, mas não insistiu. Não disse nada, apesar de saber que tinha direito a pedir reforços. Mas não quis ser maçador, nem quis parecer que era covarde. E não podia esperar. Assim, subiu as escadas até ao terceiro andar e tocou à campainha. Uma menina de olhos assustados veio abrir. Ele pediu-lhe para ela ficar ali no patamar da escada, mas ela abanou a cabeça e correu para o interior do apartamento. Yrjö Linna seguiu-a, entrou na sala de estar e viu que a menina batia na porta que dava para a varanda. Yrjö percebeu então que estava lá fora um bebé apenas com uma fralda. Parecia ter uns dois anos. Apressou-se a atravessar a sala para trazer o bebé para dentro e deu-se conta, demasiado tarde, da presença do homem embriagado, sentado tranquilamente num sofá, atrás da porta, virado para a varanda. Yrjö era obrigado a usar as mãos para tirar o trinco e rodar o puxador da porta. Foi então que parou ao ouvir o clique de uma caçadeira. Uma rajada de trinta e seis chumbos trespassou-lhe a coluna vertebral, matando-o quase de imediato.

Joona, naquela altura com onze anos, mudou-se com a mãe, Ritva, de um apartamento cheio de luz em Märsta para o da tia, com três divisões, em Fredhäll, em Estocolmo. Depois de ter concluído a instrução primária e frequentado três anos no liceu de Kungsholmen, Joona solicitou o ingresso na Escola Superior de Polícia. Lembra-se ainda dos amigos do seu grupo, dos passeios nos extensos relvados, da calma que antecedeu o período de estágio e os primeiros anos depois de se formar como polícia. Durante todos

aqueles anos, tocou-lhe uma boa dose de trabalhos burocráticos; colaborou nos planos de igualdade e trabalhos sindicais; serviu como polícia de trânsito durante a maratona de Estocolmo e em centenas de acidentes; sentiu-se envergonhado quando arruaceiros se meteram com as colegas dele, cantando aos berros nas carruagens do metro: «Mulher-polícia, o que fazes com essa porra? Para dentro e para fora!»; encontrou vítimas de heroína, já mortas e com feridas necrosadas; manteve conversas com inúmeros gatunos; ajudou o pessoal das ambulâncias a levar bêbados aos vômitos; tentou encaminhar prostitutas com a síndrome de abstinência, infetadas com o vírus da sida, assustadas; encontrou-se com centenas de homens que maltratavam as mulheres e os filhos, sempre com o mesmo padrão, bêbados, mas controlados, o rádio no volume máximo e as persianas descidas; mandou parar condutores por excesso de velocidade e outros alcoolizados; confiscou armas, drogas e bebidas alcoólicas fabricadas em casa. Uma vez, quando estava de baixa médica com um problema na coluna e dava um passeio ao ar livre para não ficar entorpecido, viu um *skinhead* a apalpar o peito de uma muçulmana em frente de uma escola, em Klastorp. Apesar das dores nas costas, correu atrás do neonazi ao longo da margem do lago, através do parque todo, passou ao largo de Smedsudden, subiu pela ponte Västerbron, atravessou o lago e a ilha de Långholmen até à de Södermalm, e apanhou-o num dos semáforos da rua Högalidsgatan.

Sem um verdadeiro desejo de fazer carreira, Joona Linna foi subindo no quadro. Gosta de missões qualificadas e nunca desiste. Nas insígnias tem uma coroa e dois galões de folhas de carvalho, mas falta-lhe o cordão por serviços especiais. Simplesmente, não tem interesse pelas posições de chefia e recusa-se a ingressar no Departamento Nacional de Homicídios.

Nessa manhã de dezembro, Joona Linna continua sentado na sala do chefe da Polícia Judiciária. Ainda não se sente cansado, após a longa noite que passou em Tumba e no Hospital Karolinska, enquanto escuta, atentamente, as palavras de Carlos Eliasson, que fala com o diretor-adjunto do Instituto de Medicina Legal de Estocolmo, o professor Nils Åhlén, mais conhecido por «Nålen».

– Não, só quero saber qual foi o primeiro ataque do criminoso –

explica Carlos e fica a ouvi-lo. – Compreendo, compreendo... mas, de momento, o que te parece?

Joona recosta-se na cadeira, coça a cabeça, alisa os cabelos loiros despenteados e vê como o chefe da Judiciária começa a ficar cada vez mais corado. Carlos escuta a voz monótona de Nâlen e, em vez de responder, apenas anui com a cabeça e desliga sem se despedir.

– Eles... Eles...

– Eles constataram que primeiro mataram o pai – Joona completa a frase por ele.

Carlos confirma.

– Foi o que eu disse – acrescenta Joona, com um largo sorriso.

Carlos baixa os olhos e pigarreja:

– De acordo, a partir de agora, conduzes a investigação. O caso de Tumba é teu.

– Um momento... – responde Joona, com uma expressão séria.

– Um momento?

– Primeiro, quero ouvir uma coisa. Quem é que tinha razão? Tu ou eu?

– Tu! – grita Carlos. – Por amor de Deus, Joona, o que se passa contigo? Claro, tinhas razão, como sempre!

Joona esconde o sorriso com a mão ao levantar-se.

– Agora, preciso de interrogar a minha testemunha, antes que seja tarde.

– Vais interrogar o rapaz? – pergunta Carlos.

– Sim.

– Já falaste com o procurador?

– Não vou terminar a investigação preliminar antes de ter um suspeito – responde Joona.

– Não, não é isso que eu quero dizer – atalha Carlos. – Acho apenas que será boa ideia o procurador estar envolvido, no caso de ires falar com um rapaz em estado tão grave.

– Concorde, o que dizes é sensato, como de costume. Vou ligar para o Jens – acrescenta Joona. E sai.

¹ Museu ao ar livre, que inclui um jardim zoológico. (*N. do E.*)

2 Referência a personagens da literatura infantil, criadas por Tove Jansson, escritora finlandesa de expressão sueca, como Joona Linna. (*N. do E.*)

3

Terça-feira, dia 8 de dezembro, ao fim da manhã

Depois da conversa com o chefe da Polícia Judiciária, Joona Linna entra no carro para percorrer a curta distância até ao Instituto de Medicina Legal de Estocolmo, na área do Hospital Karolinska. Liga a ignição, engrena a primeira e sai lentamente do estacionamento.

Antes de telefonar para o procurador-geral, Jens Svane hjälm, precisa de rever tudo aquilo que conseguiu apurar até ao momento sobre o caso de Tumba. O bloco de notas onde reuniu as suas anotações desde o início das investigações preliminares está no assento ao lado. Segue em direção à praça Sankt Eriksplan e tenta lembrar-se do que já relatou à Procuradoria sobre a investigação feita no local do crime e das anotações sobre o conteúdo da conversa noturna com os Serviços Sociais.

Joona atravessa a ponte, vê do lado esquerdo o Palácio Karlberg e repete para si mesmo as objeções dos médicos face ao risco de interrogar um paciente que se encontra num estado tão grave. E decide rever mais uma vez as últimas doze horas.

Karim Muhammed chegou à Suécia como refugiado do Irão. Era jornalista e foi preso quando o aiatola Khomeini regressou ao seu país. Após oito anos na prisão, conseguiu fugir pela fronteira com a Turquia, seguindo para a Alemanha e entrando depois na Suécia, por Trelleborg. Há dois anos que trabalha para Jasmin Jabir, dono da empresa Limpezas Johansson, com sede social na rua Alice Tegnér, 9, em Tullinge. A empresa foi contratada pela câmara de Botkyrka para fazer a limpeza das escolas de Tullingeberg, Vista, e Broäng, da piscina Storvret, do liceu e do pavilhão desportivo de Tumba, e dos balneários do Rödsthage.

Karim Muhammed chegara ao pavilhão desportivo de Rödsthage às 20h50 do dia anterior, segunda-feira, dia 7 de dezembro. Era o seu último serviço naquela noite. Parou a carrinha

Volkswagen no estacionamento, não longe de um *Toyota* vermelho. Os holofotes nos altos postes à volta do campo de futebol estavam desligados, mas ainda havia luz no balneário. Abriu as portas traseiras da carrinha, baixou a rampa, subiu e soltou os cintos de segurança do carrinho de limpeza mais pequeno.

Quando chegou ao edifício baixo de madeira e tentou rodar a chave da porta do balneário dos homens, notou que esta não estava fechada. Bateu com os nós dos dedos, não obteve resposta e abriu-a, mantendo-a na posição com um calço de plástico. Só então descobriu que havia sangue no chão. Entrou, viu o homem morto, voltou para a carrinha e telefonou para as emergências.

A central da Polícia entrou em contacto com um carro-patrulha na estrada de Huddinge, não muito longe da estação do metro de superfície de Tumba. Os dois polícias, Jan Eriksson e Erland Björkander, foram mandados para o pavilhão desportivo.

Enquanto Erland Björkander anotava as declarações de Karim Muhammed, Jan Eriksson entrou no balneário. Pareceu-lhe que a vítima dizia alguma coisa, achou que ainda vivia e apressou-se a chegar junto dela. Mas quando a virou, compreendeu que era impossível. O corpo apresentava lesões gravíssimas, faltava-lhe o braço direito e o peito estava tão dilacerado que mais parecia uma concavidade cheia de uma pasta sanguinolenta. Veio a ambulância e, logo depois, a inspetora Lillemor Blom. A vítima foi identificada sem problemas como sendo Anders Ek, professor de Físico-Química no liceu de Tumba, casado com Katja Ek, funcionária na Biblioteca Central de Huddinge. Moravam numa vivenda na Gärdesvägen, 8, com dois filhos, Lisa e Josef.

Como era muito tarde, a inspetora Lillemor Blom deu ordem ao agente Erland Björkander para ir falar com a família da vítima, enquanto ela se encarregaria pessoalmente do relatório de Jan Eriksson e de isolar o local do crime.

Erland Björkander chegou à vivenda em Tumba, estacionou e tocou à campainha. Como ninguém veio abrir, deu a volta à casa até chegar às traseiras, ligou a lanterna e procurou ver o interior da moradia. A primeira coisa que vislumbrou foi uma grande poça de sangue no tapete que cobria o chão do quarto. Viu ainda alguns rastros de sangue como se alguém tivesse sido arrastado através do

umbral e um par de óculos de criança na soleira da porta. Sem pedir reforços, Björkander forçou a porta da varanda e entrou na casa de pistola em punho. Procurou por todo o lado e encontrou três corpos no chão. Chamou imediatamente mais colegas e uma ambulância, e nem se apercebeu de que o rapaz estava vivo. Entretanto, a sua chamada foi feita acidentalmente por um canal que cobria toda a área de Estocolmo.

Às 22h10, Joona Linna ia de carro na estrada de Drottningholm e ouviu o pedido de reforços desesperado. Um polícia chamado Erland Björkander gritava que as crianças tinham sido massacradas, que estava sozinho na casa, que a mãe fora morta, que estavam todos mortos. Mais tarde, já do lado de fora da vivenda e mais controlado, Björkander acrescentou que a inspetora Lillemor Blom o tinha mandado sozinho à casa da Gärdesvägen. De repente, fez uma pausa, deu-se conta de que estava a falar pelo canal errado e cortou a comunicação.

Dentro do carro de Joona Linna fez-se silêncio. O limpa-para-brisas continuava a sacudir as gotas de água do vidro. Ao rodar lentamente por Kristineberg, lembrou-se do pai que também não recebera qualquer reforço.

Joona parou o carro à beira da estrada, junto ao colégio Stefan, irritado com a falta de liderança em Tumba. Nenhum polícia deveria realizar uma intervenção deste tipo isoladamente. Suspirou, pegou no telefone e pediu para falar com Lillemor Blom.

Lillemor Blom ingressara na Escola Superior de Polícia no mesmo ano que Joona, e casara-se, após o período de estágio, com um colega da unidade de investigação, chamado Jerker Lindkvist. Dois anos mais tarde, tiveram um filho, a quem deram o nome de Dante. Jerker nunca chegou a usufruir do seu direito à licença de paternidade. A sua decisão arrastou como consequência um prejuízo económico para a família e um considerável atraso na carreira de Lillemor. Depois, Jerker veio a trocá-la por outra agente mais jovem que acabara de terminar a sua formação. Joona soube mais tarde que o tipo nem sequer ia visitar o filho aos fins de semana, de quinze em quinze dias.

O comissário apresentou-se em poucas palavras, assim que Lillemor atendeu, e explicou logo o que tinha ouvido pelo rádio.

– Estamos com pouca gente, Joona – explicou ela. – E eu julguei, de facto...

– Pois julgaste mal. A tua avaliação foi um desastre – interrompeu-a.

– Não me estás a ouvir – replicou ela.

– Sim, mas, então...

– Então, escuta!

– Nem ao Jerker deves pedir que vá sozinho para o local do crime – continuou Joona.

– Já acabaste?

Após um curto silêncio, Lillemor Blom explicou que Erland Björkander recebera apenas ordens para informar a família da morte de Anders Ek, e que ele, por sua conta e risco, decidira entrar na casa pelas traseiras, forçando a porta da varanda. Joona disse-lhe então que ela agira corretamente, pediu desculpa várias vezes e perguntou-lhe, mais por cortesia, o que acontecera em Tumba.

Lillemor repetiu-lhe aquilo que Erland Björkander relatara sobre as facas e os talheres espalhados no chão da cozinha, manchados de sangue, os óculos da menina, as pegadas, os rastros de sangue, e a localização dos cadáveres na casa e das diferentes partes dos corpos mutilados. Contou-lhe a seguir que Anders Ek, que ela supunha ser a última vítima, era conhecido dos Serviços Sociais por ser um viciado no jogo. Tinha procedido a uma reestruturação financeira, mas, entretanto, pedira mais dinheiro emprestado a alguns delinquentes importantes do município. E, agora, um desses cobradores de dívidas tinha atacado a família, para o apanhar. Lillemor descreveu o estado do corpo mutilado de Anders Ek no balneário e acrescentou que fora encontrada uma faca de caça e um braço cortado, no chuveiro. Descreveu-lhe ainda o cenário na casa e explicou-lhe que o filho tinha sido levado para o Hospital de Huddinge. Por várias vezes, voltou a falar da falta de pessoal e disse que a investigação técnica dos locais dos crimes teria de esperar.

– Eu vou passar por aí – disse, então, Joona.

– Porquê? – perguntou ela, surpreendida.

– Quero dar uma vista de olhos.

– Agora?

– Sim – respondeu ele.

– Estupendo – disse Lillemor, num tom que o levou a crer que ela falava a sério.

Joona não compreendeu imediatamente o que tinha captado o seu interesse pelo caso. Numa primeira instância, não se tratava da gravidade do crime, mas de algo que não encaixava, ao comparar as informações que recebera com as conclusões a que tinham chegado.

Depois de ter visitado os dois locais dos crimes, o balneário do pavilhão desportivo de Rödsthage e a casa na Gärdesvägen, em Tumba, teve a certeza de que a sua impressão inicial podia ser relacionada com observações concretas. Não havia, obviamente, quaisquer provas consistentes, mas as impressões eram tão marcantes que não poderia deixar de as considerar. Estava convencido de que o pai fora assassinado antes de o resto da família ter sido atacada. Em primeiro lugar, pela simples razão de que as pisadas no vestiário pareciam mais vigorosas, mais enérgicas, em comparação com as da vivenda. Por outro lado, porque a faca de caça encontrada no chuveiro tinha a ponta partida, o que explicaria a presença dos talheres espalhados no chão da cozinha da casa: o criminoso, muito simplesmente, tinha procurado uma nova arma.

Joona pediu ajuda a um clínico geral do Hospital de Huddinge para fazer uma análise preliminar, antes que o médico e os técnicos do Instituto de Medicina Legal se pronunciassem. Os dois fizeram uma investigação preliminar ao local do crime na casa. E, mais tarde, o próprio Joona falou com o médico, chefe do instituto em Estocolmo, e pediu-lhe que fosse feita uma autópsia completa dos cadáveres.

Lillemor Blom estava a fumar perto de um contador de eletricidade de rua e de um poste de iluminação, à espera que Joona saísse da casa. Há muito tempo que não se sentia tão perturbada. Tinham sido especialmente cruéis com a pequenina.

Um técnico de Medicina Legal já estava a caminho. Joona passou por cima da fita flutuante de plástico azul e branco que circundava a área e seguiu em frente, até chegar junto de Lillemor.

O vento soprava e estava escuro. De vez em quando, alguns flocos de neve, finos e isolados, colavam-se-lhes aos rostos. Lillemor era uma mulher bonita, embora o seu aspeto fosse descuidado. O rosto já mostrava rugas de cansaço, e maquilhava-se

excessivamente, mas a Joona sempre lhe parecera atraente, com o seu nariz arrebitado, as maçãs do rosto salientes e os olhos rasgados.

– Já começaram as investigações preliminares? – perguntou.

Ela negou com a cabeça, enquanto expelia o fumo do cigarro.

– Vou tratar disso – prontificou-se ele.

– Nesse caso, vou para casa dormir.

– Isso soa bem. – Joona sorriu.

– Vem comigo – disse ela, a brincar.

– Tenho de ver se é possível falar com o rapaz.

– Precisamente, acabei de ligar para a Medicina Legal em Linköping para entrarem em contacto com o Hospital de Huddinge.

– Boa... estupendo.

Lillemor atirou o cigarro para o chão e pisou a beata.

– O que é que a Judiciária tem a ver com este caso? – perguntou ela, enquanto desviava o olhar para o seu carro.

– É o que iremos ver – murmurou Joona.

Voltou a pensar que o motivo dos assassinios não tinha sido a tentativa de cobrar dívidas de jogo: simplesmente, não encaixava. Alguém quis acabar com uma família inteira, mas a motivação por detrás desse desejo ainda permanecia oculta.

Voltou para o carro, instalou-se ao volante, telefonou para o Hospital de Huddinge e soube, então, que o paciente tinha sido levado para os Serviços de Neurocirurgia do Hospital Karolinska, em Solna. Disseram-lhe que o seu estado tinha piorado, uma hora depois de os técnicos de Medicina Legal, em Linköping, terem providenciado para que um médico fizesse a colheita de amostras biológicas.

Foi só a meio da noite que Joona começou a conduzir de regresso a Estocolmo. Ainda na estrada, perto de Södertälje, telefonou para os Serviços Sociais, dando início a uma colaboração relacionada com os interrogatórios previstos como parte das investigações preliminares. O telefonema foi então transferido para a agente de apoio a testemunhas, que estava de plantão, Susanne Granat, a quem ele referiu as circunstâncias especiais, pedindo para voltar a falar com ela assim que soubesse com exatidão qual era o estado do paciente.

Joona chegou aos Cuidados Intensivos de Neurocirurgia do Hospital Karolinska às 2h05 da madrugada, e teve a oportunidade de falar com a médica responsável, a Dra. Daniella Richards, quinze minutos mais tarde. Esta explicou que, na sua opinião, o rapaz não poderia ser interrogado senão dali a algumas semanas, se, porventura, sobrevivesse aos ferimentos.

– Está em estado de choque – disse a médica.

– O que significa isso?

– Perdeu muito sangue, o coração tenta compensar essa perda e o seu ritmo acelera.

– Conseguiram parar as hemorragias?

– Acho que sim. Ou, melhor, espero que sim. E estamos a administrar-lhe sangue permanentemente, mas a falta de oxigénio no organismo faz com que as impurezas produzidas pelo metabolismo não possam ser escoadas, o sangue fica mais ácido e pode prejudicar o coração, os pulmões, o fígado e os rins...

– Ele está consciente?

– Não.

– Poderia arranjar-se maneira, se tiver de falar com ele? – quis saber Joona.

– O único que possivelmente poderia apressar a recuperação do rapaz seria Erik Maria Bark.

– O hipnotista? – perguntou Joona.

Ela abriu um largo sorriso e corou.

– Não o trate assim, se quiser a ajuda dele – disse ela, depois. – Ele é o nosso maior perito em tratamento de choque e de traumas.

– Tem alguma coisa contra, se eu lhe pedir para vir aqui?

– Antes pelo contrário, já tinha pensado nisso.

Joona procurou o telemóvel nos bolsos, concluiu que se esquecera dele no carro e pediu emprestado o de Daniella. Depois de ter relatado as circunstâncias a Erik Maria Bark, telefonou de novo para Susanne Granat, dos Serviços Sociais, e disse-lhe ter esperança de poder falar em breve com Josef Ek. Susanne Granat informou-o então de que a família constava dos seus registos, que o pai era viciado em jogo e que eles, assistentes sociais, tinham tido contacto com a filha, três anos atrás.

– Com a filha? – perguntou Joona, cético.

– Com a filha mais velha, Evelyn – explicou Susanne.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, de manhã

Erik Maria Bark acaba de voltar para casa, depois da sua visita noturna ao Hospital Karolinska, onde se encontrou com o comissário Joonas Linna. Erik simpatizara com ele, apesar de este ter tentado que quebrasse a sua promessa de nunca mais hipnotizar ninguém. Talvez tenha sido a sua preocupação sincera pela situação da filha mais velha da família assassinada que o tornara tão simpático. Naquele momento, provavelmente alguém andaria no encalço dela.

Erik entra no quarto e observa a sua mulher, Simone, deitada na cama. Sente-se muito cansado, os comprimidos começaram a fazer efeito, os olhos ardem-lhe e as pálpebras estão pesadas, o sono está a chegar. A luz repousa em Simone como luar raiado. Passou-se quase uma noite inteira desde que a deixou ali para ir ver o rapaz ferido. Agora, Simone ocupa a cama toda. O seu corpo é pesado. O edredão está enrolado aos seus pés, a camisa de noite subira-lhe até à cintura. Descansa, deitada de bruços. Tem a pele eriçada nos braços e nos ombros. Erik cobre-a cuidadosamente com o edredão. Ela murmura algo e encolhe-se. Ele senta-se na cama, afaga-lhe o tornozelo e nota que os dedos dos pés reagem, mexem-se.

– Vou tomar um duche – diz ele, inclinando-se para trás.

– Como se chama o polícia? – balbucia Simone.

Mas antes de ter tempo de responder, já ele se imagina no parque Observatorielunden. Está a brincar na areia do parque, cava e encontra uma pedra amarela, redonda como um ovo, grande como uma abóbora. Passa-lhe as mãos por cima, sente um relevo num dos lados, uma fileira de dentes afiados. Ao virar a pedra, vê que é o crânio de um dinossauro.

– Raios te partam – grita Simone.

Ele estremece e compreende que adormeceu e começou a sonhar. Os fortes comprimidos puseram-no a dormir a meio da conversa. Tenta sorrir, mas encontra o olhar frio de Simone.

– Sixan... O que se passa?

– Vais começar de novo? – pergunta ela.

– O quê?

– O quê?! – repete, irritada. – Quem é a Daniella?

– Daniella?

– Tu juraste, foi uma promessa, Erik – exclama, perturbada. – Confiei em ti. Fui tão idiota que, de facto, acreditei...

– De que é que estás a falar? – interrompe-a ele. – Daniella Richards é uma colega do Karolinska. Qual é o problema?

– Não me mintas.

– Isto é absurdo, a sério – diz ele a sorrir.

– Achas divertido? – pergunta-lhe. – Às vezes, penso... Cheguei até a acreditar que poderia esquecer o que aconteceu.

Erik adormece por alguns segundos, mas ouve o que ela diz.

– Talvez seja melhor separarmo-nos – diz Simone, num murmúrio.

– Não aconteceu nada entre mim e a Daniella.

– Não faz diferença nenhuma – responde-lhe, cansada.

– Não? Não faz diferença nenhuma? Queres separar-te por uma coisa que aconteceu há dez anos?

– *Uma coisa?*

– Eu estava bêbado e...

– Não quero ouvir mais nada, sei de tudo, eu... Porra! Não quero representar este papel. Não sou ciumenta, mas sou uma pessoa leal e exijo lealdade para comigo.

– Não voltei a trair-te e nunca irei...

– E por que razão não mo demonstras? – interrompe ela. – É disso que eu preciso.

– Tens de confiar em mim – diz Erik.

– Pois – suspira ela, e sai do quarto com a almofada e o edredão.

Ele respira fundo, sabe que devia ir atrás de Simone, não desistir tão facilmente, que devia trazê-la de novo para a cama ou deitar-se no chão, ao lado do sofá, no quarto de hóspedes, mas o sono de momento é muito mais forte. Já não tem forças para resistir. Cai na cama, sente o efeito da dopamina a flutuar pelo corpo, a sensação relaxante espalha-se pelo rosto, pelas pontas dos dedos dos pés e das mãos. O sono pesado, químico, envolve-lhe a consciência como

uma nuvem leitosa.

*

Duas horas mais tarde, Erik abre os olhos lentamente e observa a luz pálida que atravessa as cortinas. Imediatamente, as imagens da noite anterior perpassam pela sua mente: as acusações de Simone, o rapaz ferido, o seu corpo iluminado e coberto de centenas de cortes negros, as feridas profundas no pescoço, na garganta e no peito.

Erik pensa no comissário da Polícia Judiciária, que parecia estar convencido de que o criminoso quisera matar a família inteira. Primeiro o pai, depois a mãe, o filho e a filha.

O telefone toca ao seu lado, na mesa de cabeceira.

Erik levanta-se, mas, em vez de atender, abre os cortinados e olha para a fachada em frente. Espera um momento e tenta ordenar os pensamentos. À luz matinal, veem-se nitidamente as estrias de pó nos vidros da janela.

Simone já saíra para a galeria de arte. Erik não compreende a reação dela, por que razão falou de Daniella. Fica a imaginar se não se trata de alguma coisa completamente diferente. Talvez seja dos comprimidos. Tem consciência de que se encontra muito perto de um estado de dependência séria, mas precisa de dormir. O serviço noturno no hospital alterou-lhe o sono. Pensa que, sem os comprimidos, se afundaria. Estica o braço para agarrar o despertador, mas bate-lhe sem querer e atira-o ao chão.

O telefone deixa de tocar, mas apenas por uns momentos.

Erik considera a hipótese de ir para o quarto de Benjamin e deitar-se ao lado do filho, acordá-lo com cautela, perguntar-lhe se sonhou.

Acaba por levantar o auscultador e atender.

– Erik Maria Bark.

– Olá, é a Daniella Richards.

– Ainda estás no hospital? Mas que horas são?

– Oito e um quarto. Estou a ficar um pouco cansada.

– Vai para casa.

– Não posso – responde-lhe, com a voz sumida. – Pelo contrário, tu tens de voltar. O comissário está a caminho e cada vez mais

convencido de que o criminoso anda à procura da irmã mais velha. Insiste em que precisa de falar com o rapaz.

Erik sente um peso repentino e obscuro nos olhos.

– Não é boa ideia, atendendo a que...

– Mas... e a irmã? – interrompe ela. – Penso que vou autorizar o comissário a interrogar o Josef.

– Se achas que o paciente consegue aguentar... – diz Erik.

– Aguentar? Não, não vai aguentar. É muito cedo, o seu estado é... Vai ficar a saber o que aconteceu à família, sem estar preparado previamente... Poderá ter um surto psicótico...

– Essa questão, és tu que tens de decidir – interrompe-a Erik.

– Por um lado, não quero autorizar o interrogatório, mas também não posso ficar aqui sentada à espera, com a irmã dele a correr perigo.

– Embora seja...

– Há um assassino à procura dessa rapariga – replica, elevando a voz.

– Provavelmente.

– Desculpa, não sei porque fico tão nervosa com isto – diz ela. – Talvez porque ainda não seja tarde de mais, talvez porque, de facto, ainda haja alguma coisa que se possa fazer. Não são muitas as vezes que isto acontece, mas, neste caso, talvez possamos salvar a rapariga, antes que seja...

– Afinal, onde é que queres chegar? – interrompe-a novamente.

– Tens de vir aqui e fazer aquilo em que és muito bom.

– Posso falar com o rapaz assim que ele ficar melhor.

– Tens de o hipnotizar – acrescenta ela, de forma definitiva.

– Não, isso não – responde Erik.

– É a única saída.

– Não posso.

– Mas não existe mais ninguém tão bom como tu.

– Nem sequer tenho autorização para hipnotizar no Karolinska.

– Eu trato disso antes de tu chegares.

– Prometi que nunca mais o faria.

– Será que, pelo menos, não poderás vir até cá?

Faz-se silêncio por uns momentos. Depois, ele pergunta:

– O rapaz está consciente?

– Em breve.

Erik ouve a sua própria respiração no telefone.

– Se não hipnotizares o rapaz, vou deixar entrar a Polícia.

E desliga.

Erik fica de pé com o telefone na mão trémula. O peso dos olhos desloca-se para o cérebro. Abre a gaveta da mesa de cabeceira. A caixa de madeira com o papagaio pintado não está lá. Deve ter-se esquecido dela no carro.

O sol inunda já todo o apartamento quando atravessa as salas, a fim de acordar Benjamin.

O rapaz dorme de boca aberta, tem o rosto pálido e cansado, apesar de uma noite de sono.

– Benni?

Benjamin abre os olhos, ainda ensonados, e olha para o pai como se fosse um ser absolutamente estranho. Mas logo sorri, um sorriso igual ao que sempre teve, desde que nasceu.

– É terça-feira. São horas de acordar.

Benjamin senta-se na cama, a bocejar. Coça a cabeça e olha para o telemóvel que traz pendurado ao pescoço. Essa é a primeira coisa que faz todas as manhãs: verificar se recebeu alguma mensagem durante a noite. Erik pega na maleta amarela, com o desenho de um puma, que contém o preparado do fator de coagulação, desmopressina, álcool, agulhas esterilizadas, compressas, fita adesiva, analgésicos.

– Agora ou depois do pequeno-almoço?

Benjamin encolhe os ombros:

– Tanto faz.

Erik humedece rapidamente o braço magro do filho, vira-o para a luz que entra pela janela, sente o músculo flácido, dá dois toques na seringa e enfia cautelosamente a agulha debaixo da pele. Enquanto a seringa se esvazia lentamente, Benjamin continua a pressionar as teclas do telemóvel com a mão livre.

– Bolas, a bateria está quase a acabar – diz, deitando-se em seguida, enquanto Erik lhe pressiona o braço com uma compressa para estancar o fluxo de sangue.

Benjamin mantém-se deitado por mais algum tempo, até o pai colar a compressa com adesivo. Com todo o cuidado, Erik flete as

pernas do filho várias vezes. Depois, movimenta as finas articulações dos joelhos e termina com uma massagem dos tornozelos e dos pés.

– Como te sentes? – pergunta, olhando sempre para o rosto do filho.

Benjamin faz uma careta.

– Como de costume – responde.

– Queres um analgésico?

O filho nega com a cabeça, e Erik pensa, de repente, na testemunha inconsciente, no rapaz com as facadas. O criminoso talvez esteja naquele preciso momento à procura da irmã mais velha.

– Papá, o que tens? – pergunta Benjamin cautelosamente.

Erik devolve-lhe o olhar e diz:

– Se quiseres, posso levar-te à escola.

– Porquê?

*

O trânsito, na hora de ponta, ruge lentamente. Benjamin está sentado ao lado do pai e deixa-se adormecer no balanço sincopado do carro. Boceja constantemente e sente que um calor suave ainda está entranhado no corpo, depois de uma noite de sono. Vê que o pai está com pressa, mas que, mesmo assim, faz questão de o levar à escola. Benjamin sorri para si mesmo. «Sempre foi assim», pensa, «quando está a tratar de casos horríveis no hospital, o pai fica ainda mais preocupado que alguma coisa me aconteça».

– Olha lá, esquecemo-nos dos patins de gelo – diz Erik, de repente.

– Pois foi.

– Vamos voltar – acrescenta ele.

– Não, não é preciso, não faz mal – replica Benjamin.

Erik tenta mudar de fila, mas não consegue. Um carro ao lado não deixa. Ao voltar para o seu lugar, quase colide com um camião do lixo.

– Ainda temos tempo, podemos voltar e...

– Quero que os patins se lixem, não me importo com isso –

interrompe Benjamin, elevando a voz.

Erik olha para ele de lado, com uma expressão de espanto:

– Pensei que gostavas de patinar.

O filho não sabe o que responder, não gosta de ser interrogado, não quer mentir.

– Não gostas mesmo? – indaga Erik.

– De quê?

– De patinar no gelo?

– Por que motivo haveria de gostar? – murmura ele.

– Acabámos de comprar patins novos...

– E o que é que isso tem de divertido? – interrompe Benjamin, com um ar cansado.

– Então, não queres que eu volte para trás e os vá buscar?

Benjamin apenas solta um suspiro como resposta.

– Os patins são uma chatice – diz Erik. – O xadrez e os jogos de vídeo são uma chatice. Na realidade, para ti, o que é divertido?

– Não sei – responde o rapaz.

– Nada?

– Não.

– Ver filmes?

– Às vezes.

– Às vezes? – Erik sorri.

– Sim – responde Benjamin.

– Mas tu chegas a ver três, quatro filmes numa tarde – diz Erik, soltando uma gargalhada.

– E o que é que tem?

– Nada – continua Erik, sorrindo. – O que é que pode ter? Mas gostaria de saber quantos filmes verias por dia se gostasses realmente de cinema, se adorasses ver filmes...

– Deixa-te disso.

– Nesse caso, talvez precisasses de um ecrã duplo ou usasses o avanço rápido para teres tempo de ver mais.

Benjamin sente que não pode deixar de rir quando o pai tenta gozar com ele.

De repente, ouve-se um estrondo abafado e no céu surge uma estrela azul-clara, com pontas cor de fumo, em queda.

– Que hora mais esquisita para fogos de artifício – comenta

Benjamin.

– O quê? – indaga o pai.

– Olha para ali – aponta Benjamin.

Do céu, cai uma estrela de fumo. Por algum motivo, Benjamin vê Aida diante de si e sente um aperto no estômago, um calor repentino. Na sexta-feira anterior, ambos ficaram sentados no sofá, na pequena sala de estar do apartamento de Aida, no bairro de Sundbyberg. E, em silêncio, viram o filme *Elephant*, enquanto o irmãozinho dela brincava no chão com as cartas de Pokémon e falava consigo mesmo.

No momento em que Erik parou o carro em frente do pátio da escola, Benjamin vê Aida, que está à sua espera. Ela também o vê e acena-lhe com a mão. Benjamin pega na pasta e diz, apressado:

– Adeus, pai. E obrigado pela boleia.

– Amo-te – sussurra Erik.

Benjamin faz um aceno de despedida e prepara-se para se afastar.

– Vamos ver um filme esta noite? – pergunta Erik.

– Não sei – responde ele, baixando os olhos.

– Aquela rapariga é a Aida? – indaga o pai.

– É – responde Benjamin, quase sem voz.

– Gostava de a conhecer pessoalmente – diz Erik, saindo do carro.

– Mas porquê?

Os dois dirigem-se à rapariga. Benjamin quase não ousa olhar para ela, sente-se como se fosse uma criança. Não quer que Aida pense que ele pretende a aprovação do pai. A ele, não lhe importa a opinião do pai. Aida parece nervosa, quando os dois se aproximam. Olha alternadamente para um e para o outro. Antes de Benjamin ter tempo de dar qualquer explicação, Erik estende a mão para Aida e cumprimenta-a:

– Olá.

Aida estreita-lhe a mão, sem saber o que dizer. Benjamin nota que o pai se sobressalta quando vê a tatuagem dela: uma cruz suástica no pescoço e, ao lado, uma pequena estrela de David. Tem os olhos pintados de negro, o cabelo penteado com duas tranças

infantis e está vestida com um casaco de couro preto e uma saia larga, de tule também preto.

– Sou o Erik, o pai de Benjamin – apresenta-se.

– Aida.

A sua voz é clara e aguda. Benjamin sente as suas faces corarem, olha nervosamente para Aida e, em seguida, baixa os olhos para o chão.

– És nazi? – pergunta Erik.

– E você? – replica ela.

– Não.

– Eu também não – diz ela, encarando-o por um instante.

– Porque usas essa...

– Por nenhuma razão – interrompe ela. – Não sou nada. Sou apenas...

Benjamin intervém, com o coração a bater-lhe forte no peito, pela vergonha que o pai o está a fazer passar.

– Ela frequentou certos meios, há alguns anos – diz em voz alta –, mas chegou à conclusão de que eram uns idiotas e...

– Não tens de lhe dar explicações – interrompe Aida, irritada.

Benjamin fica mudo por um momento.

– Eu... Eu acho apenas que é preciso coragem para assumir os nossos próprios erros – acrescentou, então.

– Sim – diz Erik –, mas eu interpreto o facto de não a tirar como sinal de continuar sem compreender...

– Chega, pai – grita Benjamin. – Não sabes nada a respeito dela...

Aida vira-se e vai-se embora. Benjamin apressa-se a segui-la.

– Desculpa – diz-lhe, quase sem fôlego. – O meu pai é tão desajeitado...

– Então achas que ele não tem razão? – pergunta ela.

– Não – responde Benjamin, num murmúrio.

– Pois eu acho que talvez a tenha – replica. Depois, sorri um pouco e pega-lhe na mão.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, de manhã

O Instituto de Medicina Legal está instalado num edifício de tijolo vermelho no número 5 da rua Retzius, no meio do enorme *campus* do Hospital Karolinska, rodeado por construções mais altas por todos os lados. Joona Linna contorna o edifício e para no estacionamento para visitantes. Sai do carro, passa por um canteiro de relva coberta de geada, por uma rampa de aço para cargas e encaminha-se para a entrada principal.

O comissário pensa na palavra sueca para «autópsia», *obduktion*, que vem do latim e significa, originalmente, «cobrir, ocultar, envolver», quando, na realidade, o que se faz durante esse processo é precisamente o contrário. Talvez, simplesmente, e de maneira inconsciente, se deseje pôr ênfase no final, quando o corpo se fecha depois da autópsia e se volta a ocultar o interior.

Entretanto, Joona chegou à receção e anunciou a sua presença. Foi encaminhado pela rececionista para o professor Nils Åhlén, o catedrático em Medicina Legal, mais conhecido por «Nålen», por assinar os relatórios com a sigla «N. Åhlén»¹.

O gabinete de Nålen tem uma decoração moderna, com superfícies limpas, de cores claras, variando do branco brilhante ao cinzento-mate. É uma decoração cara, de *design*. Os poucos assentos são feitos de aço escovado, com almofadas de couro branco e duro. A luz que banha a mesa de trabalho vem de um grande candeeiro de vidro, suspenso do teto.

Nålen aperta a mão de Joona, sem se levantar. Usa uma camisola branca de gola alta debaixo da bata de médico e óculos de piloto, com armação branca. O rosto é magro, bem escanhado, os cabelos grisalhos curtos, tem os lábios pálidos e o nariz grande e proeminente.

– Bom-dia – diz entre dentes.

Na parede, está pendurada uma fotografia descolorida do próprio Nålen e de alguns dos seus colegas, todos ligados à

Medicina Legal, patologistas, especialistas em Genética e Odontologia forense. Todos foram fotografados de bata branca e parecem contentes. Estão reunidos em volta de uma mesa de aço com fragmentos escuros de ossos. A legenda da foto indica que se trata de uma descoberta arqueológica realizada numa escavação de túmulos do século IX, nas imediações de Birka, na ilha de Björkö.

– Uma fotografia nova – comenta Joona.

– Tenho de as prender com fita-cola à parede – confessa Nålen, insatisfeito. – Nos antigos Serviços de Patologia, havia um quadro com dezoito metros quadrados.

– Não me digas – surpreende-se Joona.

– Pintado por Peter Weiss.

– O escritor?

Nålen assente com a cabeça, o reflexo do candeiro de mesa a dançar nos seus óculos de piloto.

– Sim, retratou toda a instituição na década de 1940. Um trabalho de meio ano, pelo qual recebeu 600 coroas suecas, segundo me disseram. O meu pai está entre os médicos forenses do quadro. É aquele que está em baixo, ao lado de Bertil Falconer.

Nålen inclina a cabeça e volta para o computador.

– Estou aqui a tentar encontrar o relatório da autópsia dos assassinatos de Tumba – diz ele, justificando a demora.

– A sério?

Nålen olha para Joona de olhos semicerrados:

– O Carlos telefonou-me esta manhã para me apressar.

Joona sorri:

– Eu sei.

Nålen puxa os óculos para cima.

– Parece que era importante estabelecer a hora das mortes.

– Sim, precisávamos de saber em que ordem...

Nålen procura no computador, os lábios franzidos:

– É apenas um julgamento preliminar, mas...

– O homem morreu primeiro?

– Exatamente... Baseei-me tão-só na temperatura dos corpos – diz e aponta para o ecrã. – Erixon informou que ambos os locais, o balneário e a casa, estavam à mesma temperatura. Daí que, de acordo com a minha avaliação, o homem morreu sensivelmente

mais de uma hora antes dos outros dois corpos que estavam na casa.

– E, agora, a tua avaliação mudou?

Nålen nega com a cabeça e levanta-se com um gemido.

– Hérnia discal – diz em jeito de explicação. Depois abandona a sala e começa a andar pelo corredor.

Joona segue Nålen, que coxeia lentamente em direção à secção de autópsias. Passam por uma sala às escuras onde há uma mesa de aço inoxidável, que parece uma bancada de cozinha, mas com secções quadrangulares e com as bordas laterais ligeiramente elevadas. Chegam então a uma outra sala, mais fresca, onde os corpos sujeitos a autópsia estão guardados em gavetas, à temperatura de quatro graus. Nålen detém-se, confere um número, abre uma das grandes gavetas e vê que está vazia.

– Foi levado – diz, sorrindo. E volta para o corredor onde se veem milhares de pequenas marcas de rodas no chão. Abre mais uma porta e deixa que Joona passe primeiro.

Entram numa sala iluminada, de paredes revestidas a azulejos brancos e com um grande lavatório junto a uma das paredes. A água escorre de uma mangueira amarela para um ralo no chão. Em cima da mesa de autópsias, coberto com um lençol de plástico acastanhado, está deitado um corpo nu, de cor indefinida, com centenas de feridas escuras.

– Katja Ek – comentou Joona.

Os traços fisionómicos da mulher morta apresentam uma estranha quietude. A boca está entreaberta e os olhos têm uma expressão tranquila. Parecia estar a ouvir uma bonita melodia. A expressão no seu rosto não combina de forma alguma com as feridas causadas por cortes nas faces e na testa. Joona percorre com o olhar o corpo de Katja Ek, no qual começa a surgir o desenho de uma veia marmórea em volta do pescoço.

– Esperamos ter tempo de realizar o exame interno ainda esta tarde.

– Sim, por favor – suspira Joona.

Nesse momento abre-se a outra porta e entra um jovem com um sorriso inseguro. Tem vários *pierings* nas sobrancelhas e os cabelos pintados de preto estão apanhados na nuca, formando um longo rabo de cavalo que cai por cima da bata de médico. Com um meio

sorriso, Nålen levanta um dos punhos, à maneira de um cantor de *rock* pesado, numa saudação logo correspondida pelo jovem.

– É Joona Linna, da Judiciária – explica Nålen. – É daqueles que, de vez em quando, nos vem visitar.

– Frippe – diz o jovem, estendendo a mão a Joona.

– Está a especializar-se em Medicina Legal – explica Nålen.

Frippe enfia um par de luvas de látex e Joona segue-o até à mesa de autópsias; de imediato sente um cheiro pestilento que envolve a mulher.

– Ela foi a que sofreu menos violência – salienta Nålen –, apesar de todos os cortes e incisões. – Os três observam a mulher. O seu corpo está coberto de feridas, grandes e pequenas. – Além disso, ao contrário das duas outras vítimas, não foi mutilada nem cortada em pedaços. A causa direta da morte não foi a ferida no pescoço, mas esta perfuração aqui que atingiu o coração, de acordo com a tomografia no computador.

– Mas é um pouco difícil ver as hemorragias nas imagens – explica Frippe.

– Vamos confirmar tudo, evidentemente, quando abrirmos o corpo – diz Nålen, dirigindo-se a Joona.

– Ela ofereceu algum tipo de resistência? – indaga Joona.

– Na minha opinião, tentou evitar o ataque – responde Nålen –, a julgar pelas feridas nas palmas das mãos, mas, depois, tentou apenas escapar e proteger-se. – Nålen repara que o jovem médico está a olhar para ele. – Observem os ferimentos nas partes laterais dos braços – diz então.

– Ferimentos de defesa – murmura Joona.

– Exatamente.

O comissário inclina-se para a frente e observa as manchas de um amarelo-acastanhado que aparecem nos olhos abertos da mulher.

– Estás a olhar para as manchas?

– Sim...

– Aparecem algumas horas após a morte, às vezes alguns dias depois – explica Nålen. – Por fim, os olhos ficam totalmente negros, devido à paragem da pressão ocular.

Nålen pega num martelo para analisar reflexos e exorta Frippe a

verificar se o inchaço muscular se mantém. O jovem médico bate no meio do bíceps da mulher e procura sentir com os dedos o estado do músculo para ver se subsistem as contrações.

– Contração mínima, agora – diz para Joona.

– Costuma terminar após treze horas – adianta Nålen.

– Os mortos nunca ficam totalmente mortos – comenta Joona, que se arrepia ao notar um movimento fantasmagórico no braço flácido de Katja Ek.

– *Mortui vivos docent*: os mortos ensinam os vivos – replica Nålen, sorrindo para si próprio, ao mesmo tempo que ele e Frippe viram o cadáver de barriga para baixo.

Assinala as manchas difusas de cor violácea nas nádegas, na região lombar, nas omoplatas e nos braços:

– A lividez cadavérica é fraca quando a vítima perdeu muito sangue – declara.

– É lógico – concorda Joona.

– O sangue é pesado e, quando morremos, deixa de existir qualquer tipo de pressão interna – explica a Frippe. – Talvez seja uma questão fácil de entender. O sangue corre para baixo e, simplesmente, acumula-se nos lugares inferiores do corpo. Isso vê-se com maior frequência nas superfícies de contacto com as bases de apoio. – Pressiona com o polegar uma mancha na barriga da perna direita e aquela quase desaparece. – Vês?... Podemos pressionar e quase fazer desaparecer as manchas, até vinte e quatro horas depois da morte.

– Mas acho que também vi manchas nas ancas e nos seios – arrisca Joona, hesitante.

– Bravo – exclama Nålen, olhando para ele, com um leve sorriso de surpresa. – Pensei que não ias descobri-las.

– Ela ficou deitada de bruços quando morreu, até que foi virada – constata Joona, com o seu sotaque finlandês.

– Durante umas duas horas. Apostaria.

– Portanto, o criminoso deve ter permanecido no local durante duas horas – refletiu Joona. – Ou, então, ele ou outra pessoa regressou mais tarde ao local do crime e virou-a.

Nålen encolhe os ombros.

– Ainda estou muito longe de chegar ao fim das minhas

conclusões.

– Posso perguntar uma coisa? Notei que um dos ferimentos na barriga parece ser de uma cesariana...

– Cesariana? – Nålen sorri. – Porque não? Vamos dar uma olhadela?

Os dois médicos viram novamente o corpo.

– Referes-te a isto?

Nålen aponta para uma grande incisão, de uns quinze centímetros, do umbigo para baixo.

– Isso mesmo – concorda Joona.

– Ainda não tive tempo de verificar cada um dos ferimentos.

– *Vulnera incisa scissa* – diz Frippe.

– É... Parece ser um corte profundo, como se diz em linguagem corrente – anui Nålen.

– E não uma ferida por incisão superficial – diz Joona.

– Atendendo a que a forma é regular, reta, e a pele em volta está intacta...

Nålen pressiona o ferimento com os dedos e Frippe inclina-se para ver.

– É isso mesmo...

– As paredes do ferimento – continua Nålen – não parecem estar especialmente ensanguentadas, mas...

Interrompe-se bruscamente.

– O que é agora? – pergunta Joona.

Nålen olha para ele, com uma expressão peculiar.

– Este corte foi feito depois de ela já estar morta – afirma.

Tira as luvas.

– Preciso de ver a TAC – diz, tenso, encaminhando-se para o computador em cima da mesa, perto da porta. Carrega em várias teclas até chegar ao que procurava, imagens tridimensionais. Para, continua, muda o ângulo de visão. – O ferimento parece ter chegado ao útero – murmura. – Parece seguir uma cicatriz antiga.

– Antiga? O que queres dizer com isso? – inquire Joona.

– Não viste? – diz Nålen, a sorrir, voltando para junto do corpo.

– Um corte catastrófico.

Aponta para o ferimento vertical. Joona olha de mais perto e verifica que a longa incisão corre como um fio muito fino junto de

uma cicatriz rósea resultante de uma cesariana realizada muito antes.

– Mas ela agora não estava grávida, pois não? – pergunta Joona.

– Não – confirma Nålen, enquanto puxa os óculos de piloto para cima.

– Será que estamos diante de um assassino com conhecimentos de cirurgia? – pergunta Joona.

Nålen meneia a cabeça e Joona pensa que, afinal, alguém matou a mulher, Katja Ek, com grande violência e muita raiva. Duas horas mais tarde, o assassino volta ao local do crime, vira o corpo da vítima de barriga para cima e enfia-lhe a faca pela cicatriz da antiga cesariana.

– Verifica se existem cortes semelhantes nos outros corpos.

– Vamos dar prioridade a isto? – quer saber Nålen.

– Sim, acho que sim – responde Joona.

– Tens dúvidas?

– Não.

– Mas queres que dê prioridade a tudo, não é verdade?

– Mais ou menos isso. – Joona sorri e abandona a sala.

Ao instalar-se no carro, no estacionamento, Joona começa a sentir frio. Arranca, segue pela rua Retzius, liga o aquecimento do veículo e marca o número do procurador-geral, Jens Svane hjälm.

– Svane hjälm – responde alguém do outro lado da linha.

– Fala Joona Linna.

– Bom-dia... Acabei de falar com Carlos. Ele disse-me que entrarias em contacto comigo.

– É um pouco difícil explicar o que temos em mãos – começa por dizer Joona.

– Estás a conduzir?

– Acabei de passar pelo Instituto de Medicina Legal e pensei ir agora ao hospital. Preciso mesmo de ouvir a vítima sobrevivente.

– Carlos explicou-me a situação – diz Jens. – Vamos ter de acelerar este caso. Já acionaste o grupo que esboça o perfil do criminoso?

– É insuficiente estabelecer um perfil – responde Joona.

– É... Também acho. Para podermos defender a irmã mais velha,

é preciso falar com o rapaz, sem dúvida.

De repente, Joona vê uma peça de fogo de artifício explodir, silenciosa, uma estrela azul-clara, ao longe, sobre os telhados de Estocolmo.

– Eu estou em contacto... – diz Joona, mas para, tossindo para aclarar a voz. – Estou em contacto com Susanne Granat, dos Serviços Sociais, e tinha pensado levar o psiquiatra Erik Maria Bark, que é perito no tratamento de estados de choque e de traumas.

– Parece-me bem – diz Jens, em tom tranquilizador.

– Então, vou diretamente para a Neurocirurgia.

– Acho bem.

¹ Nålen – «agulha», em sueco. (*N. do E.*)

Na madrugada do dia 8 de dezembro

Por algum motivo, Simone já está acordada quando o telefone começa a tocar baixinho na mesa de cabeceira do lado de Erik.

O marido murmura qualquer coisa sobre balões e serpentinas, pega no aparelho e sai a correr do quarto.

Fecha a porta antes de atender. A voz que ela ouve através da parede parece-lhe delicada, quase carinhosa. Um pouco depois, Erik volta para o quarto, pé ante pé, e ela pergunta-lhe quem era.

– Um polícia... Um comissário. Não percebi como se chamava – responde Erik e explica-lhe que precisa de ir ao Hospital Karolinska.

Ela olha para o despertador e fecha os olhos.

– Fica a dormir, Sixan – diz ele em voz baixa, e sai do quarto.

A camisa de noite enrolou-se-lhe no corpo e aperta-lhe o seio esquerdo. Ajeita-a, vira-se para o lado e fica quieta a escutar os movimentos de Erik.

Ele veste-se, procura alguma coisa no guarda-roupa, utiliza a calçadeira, sai do apartamento e fecha a porta atrás de si. Momentos depois, Simone ouve o portão a fechar-se.

Deixa-se ficar na cama, tenta por algum tempo voltar a adormecer, mas não consegue. Tem a impressão de que Erik não estava a falar com um polícia; a voz dele soava demasiado descontraída. Ainda que talvez fosse apenas de cansaço.

Levanta-se, vai à casa de banho, toma um pouco de iogurte e deita-se de novo. Em seguida, começa a pensar no que acontecera dez anos atrás e não consegue conciliar o sono. Permanece deitada mais meia hora, depois senta-se na cama, acende o candeeiro da mesa de cabeceira e pega no telefone. Olha para o mostrador e encontra o registo da última chamada recebida. Ela sabe que devia apagar a luz e dormir, mas, em vez disso, liga para o número indicado. Ouve três toques. Então atendem e ouve uma gargalhada de mulher um pouco afastada do telefone.

– Erik, para com isso – diz a mulher alegremente, e logo se ouve

a voz dela, muito clara: – Sim, fala Daniella. Está?

Simone fica em silêncio e ouve a mulher dizer com uma voz cansada, à laia de pergunta, «aloha», antes de interromper a ligação. Fica sentada, com o telefone na mão. Tenta entender a razão de Erik ter dito que era um polícia, um homem, portanto, que tinha ligado. Tenta encontrar uma explicação plausível, mas não consegue evitar que os seus pensamentos retornem ao passado, àquela ocasião, dez anos atrás, quando de repente soube que Erik a traía.

Coincidiu ter sido no mesmo dia em que ele lhe comunicou que nunca mais voltaria a hipnotizar ninguém. Uma promessa para todo o sempre.

Simone lembra-se de que ela, ao contrário do habitual, naquela manhã não se encontrava na sua galeria, recentemente inaugurada, talvez porque Benjamin não tinha ido ao colégio, talvez porque decidira tirar uma folga, não sabe exatamente porquê, mas nesse dia, de qualquer forma, estava sentada à mesa da cozinha, de cor clara, na vivenda de Järfälla, a abrir o correio, quando viu um envelope azul-claro endereçado a Erik. No remetente, estava escrito apenas um nome: Maja.

Há momentos em que todos os átomos do corpo sabem que alguma coisa está errada. Talvez tivesse ganho medo à traição, depois de ter visto o pai ser enganado. Ele, que tinha trabalhado a vida inteira como polícia até chegar a hora da reforma e que, inclusivamente, fora condecorado por serviços extraordinários prestados na Polícia de Segurança Pública, tinha levado muitos anos a descobrir a infidelidade cada vez menos disfarçada da sua mulher.

Simone lembra-se de se ter escondido na noite em que os pais tiveram aquela discussão terrível, que terminou com a saída da mãe de casa, abandonando a família. O homem com quem ela se encontrara nos últimos anos era um vizinho, um alcoólico antecipadamente reformado, que, no passado, tinha gravado alguns discos com uma orquestra de dança. A mãe mudou-se com ele para um apartamento em Fuengirola, na Costa do Sol, em Espanha.

Simone e o pai continuaram as suas vidas, fizeram das tripas coração e constataram que, afinal, sempre tinham sido só os dois na família. Ela cresceu e adquiriu a mesma pele sardenta da mãe, o

mesmo cabelo ruivo e naturalmente ondulado. Mas, ao contrário da mãe, Simone tinha uma boca risonha. Erik dissera-lho uma vez, e ela gostou da descrição.

Quando era jovem, Simone queria ser artista, mas acabou por desistir, não se atreveu. O pai, Kennet, convenceu-a a arranjar um emprego, como era devido, sem riscos. E ela teve de fazer concessões. Começou a estudar História de Arte, inesperadamente gostou muito do convívio com os colegas e escreveu vários ensaios sobre o pintor Ola Billgren.

Durante uma festa na faculdade, conheceu Erik, que se aproximou dela e a felicitou, pensando que era ela que se tinha doutorado. Ao dar-se conta do erro, corou, pediu desculpa e fez tenção de se afastar. No entanto, alguma coisa, não apenas por ele ser alto e bonito, mas sobretudo pelas suas maneiras cavalheirescas, fez com que Simone comesse a conversar com ele. E a conversa tornou-se logo interessante, divertida, a pedir repetição. Combinaram ir ao cinema no dia seguinte, ver *Fanny e Alexander*, de Ingmar Bergman.

Simone estava casada com Erik havia oito anos quando, com as mãos a tremer, abriu o envelope remetido por Maja. Dez fotografias caíram em cima da mesa da cozinha da vivenda. As fotos não tinham sido tiradas por um fotógrafo profissional. Primeiros planos desfocados de um seio de mulher, uma boca, um pescoço nu, cuecas verde-claras e cabelos negros muito encaracolados. Numa das imagens aparecia Erik, surpreso e contente ao mesmo tempo. Maja era uma mulher muito jovem, atraente, com sobrancelhas negras, muito marcadas. Tinha uma boca grande e expressiva. Aparecia deitada numa cama estreita, apenas de cuecas, com os cabelos negros espalhados sobre os seios grandes e brancos. Parecia alegre, com as maçãs do rosto coradas.

É difícil evocar a sensação de ter sido traída. Há muito tempo que tudo se tornara apenas uma mágoa e um estranho vazio no estômago, um desejo sempre presente de evitar pensamentos dolorosos. Entretanto, a primeira sensação de que ela se lembra foi de espanto. Um espanto enorme, idiota, por ter sido enganada por alguém em quem confiava sem restrições. E, depois, chegou a vergonha, seguida do sentimento desesperado de incapacidade, de

raiva ardente, de uma imensa solidão.

Simone está deitada na cama enquanto os pensamentos lhe dão voltas na cabeça e disparam em diversas mas dolorosas direções. Lentamente, a cidade amanhece. Adormece uns minutos antes de Erik voltar do Hospital Karolinska. Ele tenta não fazer barulho, mas quando se senta na cama, acorda-a. Erik diz que vai tomar um duche. Simone olha para ele e percebe que já tomou muitos comprimidos. Com o coração sobressaltado, pergunta-lhe como se chamava o polícia que telefonou de noite, mas Erik não responde e ela percebe que o marido adormeceu a meio da conversa. Nessa altura, Simone conta-lhe que telefonou para aquele número e que não foi um polícia que atendeu, mas uma mulher, dando risadinhas, chamada Daniella. Erik não consegue manter-se acordado e adormece de novo. Então, ela grita e exige uma resposta, quer saber, acusa-o de ter estragado tudo, precisamente quando começava de novo a confiar nele.

Fica sentada na cama, a olhar para o marido, que parece não entender a sua agitação. Ela decide que não aguenta mais mentiras e então diz aquelas palavras que tantas vezes pensou em dizer, mas que, ao mesmo tempo, sente já estarem tão longe, dolorosas, a representar um verdadeiro fiasco.

– Talvez seja melhor separarmo-nos.

Simone deixa o quarto com a almofada e o edredão debaixo dos braços. Ouve a cama a ranger e espera que ele venha atrás dela, para a consolar e contar o que aconteceu. Mas Erik fica na cama e ela fecha-se no quarto de hóspedes e chora por algum tempo. Depois, enxuga as lágrimas, assoa-se e tenta dormir, mas reconhece que não tem forças para ver a família naquela manhã. Vai à casa de banho, lava o rosto, escova os dentes, maquilha-se e veste-se. Verifica se Benjamin continua a dormir, deixa-lhe uma mensagem em cima da mesa de cabeceira e sai do apartamento para tomar o pequeno-almoço em qualquer lado, antes de ir para a galeria.

Deixa-se ficar sentada, a ler, na sala envidraçada de um café no jardim Kungsträdgården, no centro de Estocolmo. Pela ampla vidraça, vê uma dezena de pessoas a preparar algum tipo de evento. Há toldos cor-de-rosa, armados diante de um palco. Colocam barreiras de proteção em volta de uma pequena rampa de

lançamento de fogos de artifício. De repente, alguma coisa corre mal. Ouve-se uma explosão e um foguete sobe disparado no ar. Os homens afastam-se aos tropeções e gritam uns com os outros. O foguete estreleja com um resplendor azul contrastante com o céu cinzento-claro. O estouro ecoa por entre as fachadas que rodeiam o jardim da cidade.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, de manhã

Duas figuras descompostas seguram um feto acinzentado de encontro ao peito. O pintor Sim Shulman misturou ocre, hematite, óxido de magnésio e carvão com gordura animal, e, depois, espalhou a mistura em cima de grandes lousas. Os seus traços são suaves e gentis. Em vez de pincéis, Shulman usou um pequeno pau com a ponta carbonizada. Seguiu a técnica usada na cultura magdaleniana, existente em França e em Espanha, há uns quinze mil anos, onde a pintura rupestre de búfalos a correr, veados brincalhões e aves bailarinas atingiu o seu apogeu.

Em lugar de animais, Sim Shulman pintou seres humanos, amorosos, flutuantes, sobrepostos quase ao acaso. Quando Simone viu pela primeira vez o seu trabalho, convidou-o imediatamente para realizar uma exposição individual na sua galeria.

Os cabelos negros e espessos de Shulman costumam estar apanhados num rabo de cavalo. Os seus traços fisionómicos, muito marcados, e a pele morena são testemunho da sua origem sueco-iraquiana. Cresceu em Tensta, onde a mãe, Anita, que o criou sozinha, trabalhava como empregada de balcão no supermercado Ica.

Aos doze anos de idade, Sim Shulman era membro de um bando de delinquentes juvenis que praticava luta livre e roubava dinheiro e cigarros a outros jovens. Uma manhã, foi encontrado no assento traseiro de um carro estacionado. Tinha inalado cola e estava inconsciente, a temperatura do corpo baixara e, quando a ambulância finalmente chegou a Tensta, o seu coração deixara de bater.

Sim sobreviveu e foi inserido num programa de reabilitação para jovens. Tinham de terminar os estudos básicos e, ao mesmo tempo, aprender um ofício. Certa ocasião, ele dissera que queria ser artista plástico, sem saber exatamente o que isso significava. Por essa altura, os Serviços Sociais iniciaram uma colaboração com o

Instituto Cultural e o pintor sueco, Keve Lindberg. Sim Shulman contou a Simone o que sentiu quando entrou pela primeira vez no estúdio de Keve Lindberg. A enorme sala cheia de luz cheirava a terebintina e a óleo de tintas. Andou pelo meio de telas gigantescas, de rostos berrantes, boquiabertos. Em pouco menos de um ano, foi admitido na Academia de Belas-Artes como o mais jovem aluno de sempre, com apenas dezasseis anos de idade.

– Devíamos colocar os quadros em pedra bem em baixo – diz Simone a Ylva, a sua assistente na galeria. – O fotógrafo poderá iluminá-los indiretamente. As fotos vão ficar bonitas no catálogo. Poderíamos simplesmente pousar os quadros no chão, encostá-los à parede e dirigir a luz do...

– Olha, olha, lá vem o bonitão outra vez – interrompe-a Ylva.

Simone volta-se e depara-se com um homem a tentar abrir a porta de vidro. Reconhece-o imediatamente. É um pintor chamado Norén, que entende que a galeria devia realizar uma exposição individual das suas aquarelas. Bate na porta de vidro e vocifera irritado, antes de perceber que a porta abre para dentro.

O homem, baixo e robusto, entra, olha em volta e dirige-se então para elas. Ylva afasta-se, diz algo sobre o telefone e logo desaparece no escritório.

– Parece que a senhora ficou com vontade de ir à casa de banho – sorri, brincalhão. – Não há por aqui nenhum homem com quem se possa falar?

– Do que se trata? – pergunta Simone secamente.

Ele indica com a cabeça um dos quadros de Shulman.

– Isso é que é arte, não é verdade?

– É, sim – responde Simone.

– Senhoras finas – diz ele, com desprezo. – Só estão satisfeitas com a picha enfiada, não é verdade? Não é disso mesmo que se trata?

– Desapareça da minha vista agora mesmo – vocifera Simone.

– A mim não me diz o que...

– Desapareça! – interrompe-o Simone.

– Vá para o inferno – resmunga, saindo da galeria, e, já do lado de fora, grita qualquer coisa e mete a mão entre as pernas.

A assistente sai do escritório, silenciosa, com um leve sorriso nos

lábios.

– Desculpa eu ter saído de cena. É que me assustei da última vez que ele cá esteve.

– Devíamos ter o aspeto do Shulman, não é? – Simone sorri e aponta para o enorme retrato do artista, em que ele posa como um ninja, com um traje negro e uma espada levantada sobre a cabeça.

Ambas se riem e decidem que comprarão roupas de ninja, quando o telemóvel começa a zumbir na carteira de Simone.

– Galeria Simone Bark – diz ela.

– Daqui é Siv Sturesson, da secretaria da escola – esclarece a voz de uma mulher idosa, do outro lado.

– Ah, sim, muito bem. Como tem passado?

– Estou a telefonar para saber como está Benjamin.

– Benjamin?

– Ele não veio à escola hoje – explica a mulher – e não avisou que estava doente. Quando é assim, telefonamos sempre aos pais.

– Ouça... – responde Simone. – Vou telefonar para casa. Ele e o pai ainda estavam lá, quando eu saí. Volto a ligar-lhe.

Simone desliga e telefona imediatamente para casa. Não é costume Benjamin adormecer, nem deixar de cumprir as suas obrigações. Tanto ela como Erik tinham tido o cuidado para que o filho fosse respeitador.

Ninguém atende o telefone em casa. Erik devia ter a manhã livre para dormir. Uma nova angústia toma conta dela, antes de pensar que provavelmente a essa hora Erik está deitado na cama, de boca aberta, a ressonar, anestesiado com os seus soporíferos, enquanto Benjamin ouve música aos berros. Tenta ligar para o telemóvel de Benjamin. Sem resposta. Deixa uma breve mensagem e experimenta o telemóvel de Erik, que, naturalmente, está desligado.

– Ylva – chama. – Tenho de ir a casa. Volto já.

A assistente, no escritório, com uma grossa pasta na mão, sorri e exclama por sua vez:

– Um beijo!

Mas Simone está demasiado tensa para corresponder à brincadeira. Pega na mala, põe o casaco por cima dos ombros e sai apressadamente em direção ao metro.

Há um silêncio especial diante das portas das casas vazias. No momento de meter a chave na fechadura, Simone já sabe que não está ninguém em casa.

Os patins de gelo ficaram esquecidos no chão da entrada, mas a mochila, os sapatos e o casaco de Benjamin não se encontram nos seus lugares, assim como as roupas de Erik. No quarto do filho, ela vê a caixa de medicamentos, decorada com um puma. E pensa que isso significa – pelo menos, espera que signifique – que Erik lhe administrou o medicamento.

Senta-se numa cadeira, leva as mãos ao rosto e tenta deter os maus pressentimentos. No entanto, antevê a possibilidade de Benjamin ter sofrido uma embolia por efeito do medicamento e imagina Erik a gritar por ajuda, a correr pelas escadas abaixo com Benjamin nos braços.

Simone não consegue deixar de se preocupar. Na sua mente, vê repetidamente Benjamin a levar uma bolada na cara durante o recreio, ou a sofrer repentinamente uma hemorragia interna na cabeça: uma pérola negra no cérebro que se alastra como uma estrela e provoca convulsões.

Invade-a uma sensação de vergonha quase insuportável ao relembrar o momento em que perdeu a paciência com o filho porque ele não queria andar. Ele já tinha dois anos de idade e ainda gatinhava. Nessa altura, ainda não sabiam que ele era hemofílico e que os vasos sanguíneos se rompiam nas articulações quando se punha de pé. Ela ralhava-lhe quando chorava. Dizia-lhe que parecia um bebé quando andava de gatas. Benjamin tentava andar, dava alguns passos, mas as dores horríveis obrigavam-no a baixar-se de novo.

Quando diagnosticaram ao menino a doença de Von Willebrand, foi Erik quem se encarregou dos cuidados a ter com Benjamin, não ela. Era ele quem, com cautela, fletia repetidamente as articulações do filho, após a imobilidade da noite, para diminuir o risco de sofrer hemorragias internas. Era Erik que lhe dava as complicadas injeções, em que a agulha, em nenhum caso, poderia penetrar no músculo, e o preparado devia ser introduzido, cuidadosa e

lentamente, por baixo da pele. Era uma técnica muito mais dolorosa do que uma injeção normal. Nos primeiros anos, Benjamin sentava-se com o rosto encostado à barriga do pai e chorava de dor em silêncio, enquanto a agulha penetrava no seu corpo. Atualmente, não abandonava o que estivesse a fazer e, sem olhar, esticava o braço para Erik, que o desinfetava, injetava e o cobria com adesivo.

O preparado que ajudava o sangue de Benjamin a coagular chamava-se *Haemate P*. O nome soava a Simone como o da deusa grega da vingança. Era um medicamento desagradável e insatisfatório, fornecido sob a forma de um granulado liofilizado, de cor amarela, que deveria ser diluído e misturado, temperado e doseado, antes de ser administrado. O *Haemate P* aumentava o risco de embolia e os pais estavam sempre à espera de que surgisse no mercado algo melhor. Mas com o *Haemate P*, as doses de desmopressina e um nebulizador nasal, *Cyklokapron*, para evitar hemorragias nas mucosas, Benjamin estava razoavelmente defendido.

Simone lembra-se ainda do dia em que Benjamin recebeu dos Serviços de Urgência do Centro de Hemofilia de Malmö o pequeno cartão plastificado com a sua data de nascimento e uma fotografia com a cara risonha de um menino de quatro anos, por baixo do texto: «Tenho a doença de Von Willebrand. Se me acontecer alguma coisa, por favor, telefone imediatamente para a emergência do Centro de Hemofilia: 040-33 10 10.»

Simone olha em volta no quarto de Benjamin e pensa que foi um pouco triste quando ele tirou o cartaz de Harry Potter da parede e arrumou quase todos os seus brinquedos numa caixa de cartão, na cave. Quando conheceu Aida, ficou com pressa de crescer.

Simone para e pensa então que Benjamin talvez esteja agora com ela.

O filho tem apenas catorze anos. Aida, dezassete. Ele diz que são apenas amigos, mas é evidente que ela é namorada de Benjamin. Simone gostaria de saber se ele teve a coragem de lhe contar que é hemofílico. Saberá ela que o mais pequeno acidente pode custar-lhe a vida, caso não tenha tomado devidamente os medicamentos?

Desde que passou a andar com Aida, Benjamin traz sempre o telemóvel ao pescoço, suspenso de um fita com uma pequena

caveira negra impressa. Trocam mensagens até muito tarde, durante a noite, e, quando acorda, de manhã, Benjamin ainda tem o telemóvel ao pescoço.

Simone procura cuidadosamente entre os papéis e as revistas em cima da escrivaninha do filho, abre uma gaveta, põe de lado um livro sobre a Segunda Guerra Mundial e encontra um bilhete com a marca de lábios pintados com *bâton* escuro e um número de telemóvel. Corre para a cozinha, digita o número, espera enquanto ouve os sinais de chamada e, no momento em que deita um pano mal cheiroso ao lixo, alguém atende.

É uma voz fraca, gutural e uma respiração pesada.

– Estou? – diz Simone. – Peço desculpa por telefonar a esta hora tão inconveniente. Fala Simone Bark, a mãe do Benjamin. Gostaria de saber se...

A voz rouca, que parece ser de uma mulher, diz que não conhece nenhum Benjamin, que se deve ter enganado no número.

– Espere, por favor – pede Simone, tentando permanecer calma. – A Aida e o meu filho costumam andar juntos e eu gostaria de saber onde é que eles poderão estar, porque preciso de encontrar o Benjamin.

– Ten... Ten...

– Não oiço. Desculpe, mas não percebo o que está a dizer.

– Ten... sta.

– Tensta? Aida está em Tensta?

– Sim, a maldita... tatuagem.

Simone tem a impressão de ouvir ao fundo uma máquina de oxigénio a funcionar lentamente. Um ruído sibilante, regular.

– O que quer dizer com isso? – pergunta, suplicante.

A mulher acrescenta qualquer coisa desdenhosamente e desliga. Simone senta-se e fica a olhar para o telefone, pensa em ligar novamente para a mulher, quando, de repente, se lembra do que ela disse: qualquer coisa sobre tatuagem em Tensta. Liga imediatamente para as informações e consegue o endereço de um *atelier* de tatuagem no Tensta Centrum. Simone sente um arrepio quando pensa que Benjamin foi convencido a tatuar-se e imagina o sangue a começar a correr sem poder coagular.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, de manhã

Enquanto percorre os corredores do hospital, depois de ter deixado Benjamin na escola, Erik relembra o encontro com Aida e considera que foi um grande idiota ao comentar a tatuagem no pescoço dela. Aos olhos dos dois jovens, deve ter parecido fanfarrão e prepotente.

Dois policiais fardados deixam-no passar. Em frente do quarto onde se encontra Josef Ek, Joona Linna espera por ele. Este, quando vê Erik, saúda-o como costumam fazer os miúdos, abrindo e fechando a mão.

Erik chega junto dele e olha para o rapaz através da porta envidraçada. Uma bolsa com sangue quase preto está pendurada por cima dele. A situação do paciente parece estável, mas a qualquer momento podem surgir novas hemorragias no fígado.

Está deitado de costas, a boca bem fechada, o abdómen sobe e desce rapidamente, conforme a respiração, e os dedos estremecem de vez em quando, na sequência de contrações espasmódicas.

Foi colocado um novo cateter no outro antebraço. A enfermeira prepara uma dose de morfina. O ritmo das gotas diminuiu um pouco.

– Eu tinha razão quando disse que o criminoso começou por agir no pavilhão desportivo – informou Joona. – Primeiro, matou o pai, Anders Ek, depois dirigiu-se à casa e assassinou raivosamente Lisa, a filha pequena, e, julgando que tinha matado o filho, acabou com a mãe, Katja.

– O patologista confirmou isso?

– Sim – afirma Joona.

– Entendo.

– Portanto, se a intenção do criminoso era acabar com toda a família – prossegue Joona –, resta apenas a filha mais velha, Evelyn.

– Se é que ainda não sabe que o rapaz continua vivo... – nota Erik.

– É claro. Mas dar-lhe-emos proteção.
– Claro que sim.
– Temos de encontrar o criminoso antes que seja tarde de mais – acrescenta Joona. – Preciso de ouvir o que o rapaz sabe.
– A minha obrigação é zelar pelo bem-estar do paciente.
– Talvez o melhor para ele, agora, seja não perder a irmã.
– Tenho consciência disso. Vou ver o rapaz outra vez – diz Erik –, embora, na verdade, tenha quase a certeza de que ainda é muito cedo.

– De acordo – responde Joona.

Daniella chega vestida com um casaco vermelho, fino. Caminha a passos rápidos, diz que está com pressa e entrega um relatório a Erik.

– Acho que o paciente vai acordar muito em breve – explica Erik, dirigindo-se a Joona. – Talvez dentro de algumas horas, o suficiente para se poder falar com ele. Mas depois disso... Deve compreender que temos um longo processo terapêutico pela frente. Um interrogatório poderia piorar o estado do rapaz, de maneira que...

– Erik, não interessa nada aquilo que nós achamos – interrompe Daniella. – O procurador já decidiu que existem motivos suficientes para tal.

Erik vira-se e olha para Joona, na expectativa de uma confirmação.

– Quer dizer que não precisa de nenhuma autorização da nossa parte? – interroga Erik.

– Não, não preciso – responde Joona.

– Então, de que está à espera?

– Acho que Josef já sofreu mais do que qualquer pessoa devia sofrer – reage Joona. – Não quero expô-lo ao que quer que seja que possa piorar a situação dele, mas, ao mesmo tempo, tenho de encontrar a irmã mais velha, antes que o criminoso o faça. E o rapaz, seguramente, viu o rosto do assassino. Se não me ajudar a descobrir o que ele sabe, então, vou ter de o ouvir, como é habitual. É óbvio que prefiro fazê-lo da melhor forma possível.

– E que forma seria essa? – quer saber Erik.

– Por hipnose – conclui Joona.

Erik olha para ele e diz lentamente:

– Nem sequer tenho autorização para hipnotizar...

– Eu falei com a Annika – diz Daniella.

– Que foi que ela disse? – pergunta Erik, não conseguindo evitar um sorriso.

– Esta não é seguramente uma decisão fácil, autorizar a hipnose de um paciente em situação instável e, ainda por cima, de menor idade, mas como eu sou a responsável por ele, a Annika transferiu-me a incumbência de decidir.

– A verdade é que quero escapar-me a isto – diz Erik.

– Porquê? – pergunta Jooná.

– Não quero falar disso, mas prometi a mim mesmo que não voltaria a hipnotizar mais ninguém. Foi uma decisão minha, que ainda hoje considero a mais correta.

– É correto, neste caso? – pergunta Jooná.

– De facto, não sei.

– Abre uma exceção – pede-lhe Daniella.

– De modo que o hipnotismo... – Erik suspira.

– Quero que faças uma tentativa, assim que achares que o paciente está em condições mínimas de aceitar a hipnose – diz Daniella.

– Seria bom que pudesses estar presente – pede-lhe Erik.

– Tomei a decisão de recorrer à hipnose – explica ela –, na condição de que tu assumas a responsabilidade do paciente.

– Quer dizer que, a partir de agora, estou sozinho?

Daniella olha para ele, com um rosto cansado.

– Trabalhei a noite toda e tinha prometido levar a Tindra ao colégio. Vou ter de enfrentar esse conflito logo à noite, mas agora preciso mesmo de ir para casa e dormir.

Erik vê-a afastar-se no corredor, com o casaco vermelho a esvoaçar atrás dela. Jooná olha para o paciente. Erik vai à casa de banho, tranca a porta, lava a cara, puxa alguns toalhetes de papel e, sem os dobrar, enxuga a testa e as faces. Pega no telemóvel e faz uma chamada para Simone, mas ela não atende. Tenta o número de casa, ouve os toques e a mensagem de atendimento. Quando a gravação termina e se ouve o sinal para deixar a mensagem, não sabe o que dizer:

– Sixan, eu... Tens de me ouvir. Não sei o que pensas, mas não aconteceu nada. Talvez não queiras saber, mas prometo-te que vou arranjar maneira de te demonstrar que eu...

Erik cala-se, sabe que as suas palavras já não têm qualquer significado. Mentiu-lhe há dez anos e ainda não conseguiu demonstrar todo o seu amor, pelo menos de modo que ela pudesse confiar nele novamente. Desliga e deixa a casa de banho. Dirige-se à porta envidraçada, diante da qual o comissário olha para o interior.

– O que é, realmente, a hipnose? – pergunta Joona, momentos depois.

– Trata-se apenas de um estado de consciência alterado e relacionado com sugestão e meditação – responde Erik.

– Está bem... – diz o detetive ambiguamente.

– Quando se fala de hipnose, na realidade, refere-se a hetero-hipnose, através da qual uma pessoa hipnotiza outra com alguma finalidade.

– Como, por exemplo?

– Como no caso de se pretender reproduzir alucinações negativas.

– O que é isso?

– O caso mais vulgar é o de tentar impedir o registo consciente da dor.

– Mas a dor continua a existir.

– Depende do que se entende por dor – responde Erik. – O paciente responde, evidentemente, com reações fisiológicas ao estímulo da dor, mas não a sente. Podem até realizar-se cirurgias sob hipnose clínica.

Joona escreve algo no seu bloco de anotações.

– Sob o ponto de vista estritamente neurofisiológico – prossegue Erik –, o cérebro funciona de uma forma especial durante a hipnose. Partes do cérebro que raramente utilizamos são ativadas subitamente. Uma pessoa hipnotizada fica profundamente descontraída, parece quase adormecida, mas se lhe fizermos um eletroencefalograma, a atividade cerebral revela uma pessoa acordada e atenta.

– De vez em quando, o rapaz abre os olhos – comenta Joona, olhando pela porta de vidro.

- Já reparei.
- O que irá acontecer agora? – indaga o comissário.
- Com o paciente?
- Sim, quando o hipnotizar.
- No caso da chamada hipnose dinâmica, isto é, num ambiente terapêutico, o paciente divide-se quase sempre entre um «eu» observador e um ou vários «eus» que testemunham experiências e agem em conformidade com essas experiências.

- Ele vê-se como um ator num teatro?

- Exatamente.

- O que lhe vai dizer?

- Antes de mais nada, preciso de fazer com que ele se sinta seguro. Viveu acontecimentos horríveis e, por isso, vou começar por lhe explicar a minha intenção e passo depois para a fase de provocar a descontração máxima. Digo-lhe calmamente que as pálpebras começam a ficar pesadas, que quer fechar os olhos, que respire profundamente pelo nariz. Percorro todas as partes do seu corpo, de cima a baixo e, depois, volto ao princípio.

Erik aguarda que Joona escreva tudo no seu caderno.

- Em seguida, passo à chamada fase de indução – prossegue. – Incluo uma série de instruções ocultas nas minhas palavras e faço com que o paciente imagine lugares e situações simples, vou sugerindo um passeio imaginário, cada vez mais longe, até que a necessidade de controlar a situação quase deixa de existir. É um pouco como quando se lê um livro tão emocionante que deixamos de ter consciência de que estamos sentados e a ler.

- Entendo.

- Se levantarmos a mão do paciente e a largarmos, ela continuará levantada, catapleticamente, quando a indução se completa – explica Erik. – Depois procedo a uma contagem decrescente, forçando o aprofundamento da hipnose. Eu costumo contar, outros preferem deixar que o paciente veja uma escala cinzenta, para dissolver os limites dos pensamentos. Na prática, o que sucede realmente é que se deixam de fora o medo e o pensamento crítico que bloqueiam determinadas recordações.

- Vai conseguir hipnotizá-lo?

- Se ele não resistir, sim.

– O que acontecerá nesse caso? – pergunta Joona. – O que sucede se ele resistir?

Erik não responde. Observa o rapaz através do vidro, tenta ler-lhe o rosto, a sua recetividade.

– É difícil dizer o que vou conseguir, varia muito de acordo com as pessoas e as circunstâncias – explica.

– Não estou à procura de um testemunho. Preciso apenas de uma pista, de um sinal, de algo que eu possa usar.

– Quer dizer, o que devo averiguar é quem lhes fez isso?

– De preferência, um nome, um lugar ou uma conexão.

– Não faço ideia nenhuma de como irá decorrer... – diz Erik, respirando fundo.

Joona entra com ele na enfermaria, senta-se a um canto, tira os sapatos e recosta-se na cadeira. Erik baixa a luz, chega um banco de aço para junto da cama e senta-se nele. Cautelosamente, começa por esclarecer o rapaz de que quer hipnotizá-lo para o ajudar a entender o que aconteceu na noite anterior.

– Josef, vou ficar aqui sentado o tempo todo – diz Erik calmamente. – Não há razão para teres medo. Podes sentir-te completamente seguro. Estou aqui por ti, não digas nada que não queiras dizer, e tu mesmo podes dar por terminada a sessão de hipnotismo quando quiseres.

Só agora Erik começa a perceber as saudades que tinha deste processo. O seu coração bate forte, acelerado. Tem de tentar aplacar a ansiedade. O curso do processo não pode ser forçado, não pode ser apressado. É preciso avançar com toda a tranquilidade, só assim poderá aprofundar, dentro da suavidade do seu próprio ritmo.

É fácil fazer com que o rapaz fique muito descontraído, o corpo já se encontra em estado de repouso e parece desejar mais.

Quando Erik abre a boca para começar a indução, é como se nunca tivesse abandonado a hipnose: a sua voz é densa, neutra e calma, as palavras vêm-lhe à mente com facilidade, e, naturalmente, fluem cálidas, em tom monótono, sonolento, profundo.

Imediatamente se dá conta da grande recetividade por parte de Josef. É como se o rapaz se agarrasse intuitivamente à segurança transmitida por Erik. O seu rosto ferido fica mais concentrado, os

traços mais definidos e a boca adquire um aspeto mais descontraído.

– Josef, caso aceites... pensa num dia de verão – sugere Erik. – Tudo nesse dia está tranquilo, silencioso e agradável. Tu estás deitado no convés de um pequeno barco de madeira que baloiça na água, suavemente. Ouves o marulhar das ondas à tua volta e estás a contemplar as pequenas nuvens que se movimentam no céu azul.

O rapaz reage tão bem à indução que Erik chega a pensar em reduzir um pouco o seu andamento. Ele sabe que os acontecimentos traumáticos podem aumentar a sensibilidade face à hipnose e que a tensão interior pode funcionar como um motor invertido, a travagem acontece de maneira inesperada e rápida e as rotações do motor começam a cair até chegar a zero.

– Agora vou começar uma contagem regressiva e, a cada número que eu disser, ficarás um pouco mais descontraído. Vais sentir-te inundado por uma grande paz interior e ver como tudo à tua volta é agradável. Descontrai os dedos dos pés, os tornozelos, a barriga das pernas. Nada te incomoda, tudo é serenidade. Precisas apenas de ouvir a minha voz, os números que vão decrescendo. Agora estás ainda mais descontraído, o teu corpo está ainda mais pesado e descontrais também os joelhos, as coxas, as virilhas. Sentes, ao mesmo tempo, que te afundas na água, de modo suave e agradável. Tudo está calmo, em paz...

Erik coloca a mão no ombro do rapaz. Tem o olhar fixo na barriga e, a cada expiração, vai contando em ordem decrescente.

Por vezes, muda o padrão lógico, mas continua sempre com a contagem regressiva. Como num sonho, uma sensação de leveza e de força física começa a entranhar-se em Erik, à medida que o processo decorre. Continua a contagem e vê-se a si mesmo a afundar-se numa água totalmente transparente, rica em oxigénio. Quase se tinha esquecido da sensação de mar azul, de oceano. Sorrindo, submerge junto de uma enorme formação rochosa. Uma falha continental que penetra no mar a grande profundidade. A água cintila com pequenas bolhas. Com uma incrível sensação de placidez, desliza, ténue, ao longo da parede rugosa, subaquática.

O rapaz mostra sinais claros de repouso hipnótico. Nas faces e na boca nota-se uma forte descontração. Erik sempre achou que,

nessa altura, o rosto do paciente fica mais alargado, como se fosse mais plano. Menos bonito, mas mais sensível, sem qualquer artificialismo.

Erik afunda-se mais, estica um braço e toca na parede rochosa ao passar por ela. A água clara muda lentamente de cor e fica rósea.

– Agora estás profundamente descontraído – diz Erik com uma voz serena. – E tudo à tua volta é muitíssimo agradável.

Os olhos do rapaz reluzem sob as pálpebras entreabertas.

– Josef... quero que tentes lembrar-te do que aconteceu ontem. O dia começou como uma segunda-feira normal, mas à noite alguém foi visitar a tua casa.

O rapaz mantém-se em silêncio.

– Agora vais contar-me o que está a acontecer – pede Erik.

O rapaz acena com a cabeça, quase impercetivelmente.

– Estás no teu quarto? O que estás a fazer? A ouvir música?

Não responde. A boca mexe-se, agitada, em busca.

– A tua mãe estava em casa quando chegaste da escola – diz Erik.

Ele confirma.

– Porquê? Sabes porquê? Será porque Lisa ficou com febre?

O rapaz confirma e humedece os lábios.

– O que fazes quando chegas a casa, Josef?

O rapaz murmura qualquer coisa.

– Não te ouço – diz Erik. – Quero que fales de maneira a que eu te consiga ouvir.

Os lábios do rapaz mexem-se e Erik inclina-se para a frente.

– Como fogo, exatamente como fogo – murmura Josef. – Tento pestanejar. Entro na cozinha, mas noto algo estranho, um som crepita entre as cadeiras e um fogo ao rubro derrama-se pelo chão.

– De onde vem o fogo? – pergunta Erik.

– Não me lembro, aconteceu alguma coisa antes...

Fica de novo em silêncio.

– Recua um pouco mais, antes de o fogo começar na cozinha – pede-lhe Erik.

– Está lá alguém – diz o rapaz. – Ouço alguém a bater à porta.

– À porta da frente?

– Não sei.

O rosto do rapaz, de repente, fica tenso. Geme, inquieto, e os dentes inferiores ficam à vista num estranho esgar.

– Não há perigo nenhum – tranquiliza-o Erik. – Não há perigo nenhum, Josef, aqui estás em segurança, estás calmo, não sentes nenhuma inquietação. Olha apenas para o que está a acontecer. Não participas em nada. Vês apenas tudo a uma distância razoável e não existe qualquer perigo.

– Os pés estão roxos – sussurra.

– O que disseste?

– Batem à porta – diz o rapaz, balbuciante. – Abro, mas não há ninguém, não vejo ninguém. Mas as batidas continuam. Percebo que alguém me quer enraivecer.

Respira com mais rapidez, a barriga movimenta-se espasmodicamente.

– O que está a acontecer agora? – indaga Erik.

– Vou à cozinha buscar pão e fazer uma sanduíche.

– Comes uma sanduíche?

– Mas agora voltam as batidas. O ruído vem do quarto de Lisa. A porta ficou meio aberta e vejo que o seu candeeiro de princesa está aceso. Com a faca empurro a porta com cuidado e olho para dentro do quarto. Lisa está deitada na cama. Tem os óculos postos, mas os olhos fechados, e respira ofegante. Está pálida. Os braços e as pernas estão completamente imóveis. Então, deita a cabeça para trás, o pescoço fica tenso e começa a dar pontapés contra a cabeceira da cama, cada vez mais rápidos e mais violentos. Digo-lhe que pare, mas ela continua, com mais força ainda. Grito-lhe, mas a faca já começou a cravar-se. A mãe entra a correr e puxa por mim. Eu viro-me e a faca avança, escapa ao meu controlo. Vou buscar mais facas, estou com medo de parar, tenho de continuar, não posso parar... A mamã arrasta-se pela cozinha, o chão está todo vermelho... Tenho de experimentar as facas em tudo: em mim mesmo, nos móveis, nas paredes, ataco e esfaqueio e, de repente, fico cansado e caio. Não sei o que está a acontecer, sinto dores no corpo, dentro de mim, estou com sede, mas não tenho forças para me mexer.

Erik sente que se mantém junto do rapaz, na profundidade das águas claras, as suas pernas agitam-se suavemente. Com o olhar

percorre a parede rochosa, cada vez mais abismal, sem fim, as águas escurecem, tornam-se azul-acinzentadas e, depois, tentadoramente negras.

– Encontraste?... – pergunta Erik e dá-se conta do tremor da sua voz. – Tinhas-te encontrado com o teu pai antes?

– Sim, no campo de futebol – responde Josef.

Depois, fica em silêncio. Parece pensar, olha em frente, de olhos sonolentos.

Erik vê que o ritmo da pulsação do rapaz aumenta e percebe simultaneamente que a pressão arterial baixa.

– Quero que penetres na água mais profundamente – diz Erik, num tom de voz baixo. – Submerges, sentes-te mais tranquilo, mais à vontade, e...

– A mamã, não? – pergunta o rapaz, num tom de voz lastimoso.

– Josef, conta... Também te encontraste com a tua irmã mais velha, com a Evelyn?

Erik observa o semblante de Josef, consciente de que a conjectura poderá criar problemas, uma fenda na hipnose, caso esteja errado. Mas fora obrigado a realizar esse corte abrupto, o tempo está a acabar. Terá de interromper a hipnose muito em breve, pois o estado do paciente volta a ser crítico.

– O que aconteceu quando te encontraste com Evelyn? – pergunta ele, ainda.

– Nunca devia ter ido procurá-la.

– Isso aconteceu ontem?

– Ela escondeu-se na cabana – murmura o rapaz, a sorrir.

– Qual cabana?

– A da tia Sonja – diz, cansado.

– Descreve o que está a acontecer na cabana.

– Cheguei lá. Evelyn não fica contente, sei o que ela pensa – murmura. – Para ela, não passo de um cão, não valho nada...

As lágrimas escorrem pelo rosto de Josef. A boca treme-lhe.

– É isso que Evelyn te diz?

– Não quero, não tenho necessidade, não quero... – lamenta-se Josef.

– O que é que não queres?

As pálpebras começam a tremer-lhe espasmodicamente.

– O que está a acontecer agora, Josef?
– Ela diz que eu tenho de morder, de morder para receber a minha recompensa.

– Quem tens de morder?
– Há uma fotografia na cabana... Uma fotografia numa moldura com forma de cogumelo... Nela estão o papá, a mamã e Knyttet, mas...

O corpo do rapaz fica tenso de repente, as pernas movimentam-se rápida e violentamente, está prestes a sair da hipnose profunda. Erik dirige o processo com todo o cuidado, tranquiliza-o e fá-lo subir vários níveis. Meticulosamente, fecha bem as portas de todas as recordações do dia e também as da hipnose. Nada poderá ficar aberto, quando ele iniciar o delicado processo de acordar.

Josef continua deitado na cama, a sorrir, no momento em que Erik o deixa sozinho. O comissário levanta-se do seu canto e acompanha-o para fora do quarto. E dirige-se automaticamente à máquina de café.

– Estou impressionado – diz Joona em voz baixa, enquanto pega no telemóvel.

Erik sente-se desolado, com a impressão de que alguma coisa está irremediavelmente errada.

– Antes de fazer o telefonema, devo sublinhar um ponto – impõe. – O paciente diz sempre a verdade quando está sob hipnose, mas trata-se apenas, evidentemente, daquilo que ele considera a sua verdade. Ele só fala do que percebe como verdade, ou seja, descreve as suas lembranças subjetivas, e não...

– Isso eu compreendo – interrompe-o o comissário.

– Já hipnotizei pessoas esquizofrénicas – continua Erik.

– Onde quer chegar?

– Josef falou da irmã...

– Sim, disse que ela exigiu que ele morderse como um cão, e assim por diante – diz Joona.

Marca um número e leva o telemóvel à orelha.

– Não é seguro que a irmã lhe tenha dito para ele fazer isso – explica Erik.

– Mas pode tê-lo feito – contrapõe Joona, levantando a mão para que Erik se cale. – Anja, meu tesouro...

Adivinha-se uma voz doce do outro lado da linha.

– Podes verificar-me uma coisa? Isso mesmo. Josef Ek tem uma tia que se chama Sonja e que possui uma casa ou uma cabana algures... Sim, exatamente... És uma joia!

Joona levanta os olhos e encara Erik.

– Desculpe, ia dizer mais alguma coisa?

– Apenas que também não é seguro que Josef tenha assassinado a família.

– Mas é possível que se tenha esfaqueado, não? Na sua opinião, ele poderia ter feito todos aqueles ferimentos em si mesmo?

– É difícil, mas não impossível – responde Erik.

– Nesse caso, acho que o nosso assassino está aí dentro – diz Joona.

– Também acho.

– Ele está em condições de poder fugir do hospital?

– Não. – Erik sorri, surpreendido.

Joona começa a encaminhar-se para o corredor.

– Vai a casa da tia dele? – pergunta Erik.

– Sim.

– Acompanho-o – declara Erik, seguindo-o. – A irmã pode estar ferida ou em estado de choque grave.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, à hora de almoço

Sentada, Simone olha pela janela da carruagem do metro. Ainda se sente suada, depois de ter deixado o apartamento vazio e corrido para a estação.

De momento, a carruagem está parada em Huvudsta.

Pensa que devia ter apanhado um táxi, mas tenta convencer-se de que não aconteceu nada, e repete para si mesma que se preocupa sempre desnecessariamente.

Olha outra vez para o telemóvel e interroga-se se a mulher estranha com quem acabou de falar seria a mãe de Aida, e se estaria certa ao dizer que a rapariga está no *atelier* de tatuagem no Tensta Centrum.

As portas fecham-se mas imediatamente se abrem. Ouvem-se berros mais à frente, as portas fecham-se de novo e a composição põe-se finalmente em movimento.

Na sua frente, um homem folheia um jornal ruidosamente. Estende-o no assento do lado, parece fazer uma comparação e volta a dobrá-lo. No vidro da janela, ela vê o seu reflexo e repara que o homem a olha de soslaio de vez em quando. Considera trocar de lugar, mas muda de ideias ao ouvir um toque no telemóvel a indicar que recebeu uma mensagem. É de Ylva, da galeria. Simone não sente vontade de a ler. Esperava que fosse de Erik. Já não se lembra de quantas tentativas fez para falar com ele, mas, mesmo assim, tenta mais uma vez. Ouve os mesmos sinais de chamada e, de repente, a transferência para a caixa de correio do marido.

– Ei!, tu – diz o homem à sua frente, num tom irritante e exigente.

Ela tenta fazer que não o ouve, olha pela janela e finge estar ao telemóvel.

– Ei!... – insiste.

Simone percebe que o homem não vai desistir até chamar a sua atenção. Como muitos outros homens, parece não compreender que

as mulheres têm a sua própria vida, as suas ideias próprias e que não estão permanentemente dispostas a ouvi-los.

– Ei, não estás a ouvir o que te estou a dizer? – repete o homem.

Simone volta-se para ele.

– Oiço muito bem – diz ela calmamente.

– E porque não respondes? – pergunta.

– Estou a responder agora.

Ele pisca o olho algumas vezes e, depois, atira:

– És mulher, não és?

Simone engole em seco e imagina que ele é daqueles que pensam obrigá-la a dizer o seu nome, revelar o estado civil e, finalmente, provocá-la até ela tomar uma atitude realmente desagradável.

– És mulher?

– É só isso que queres saber? – pergunta secamente, virando-se de novo para a janela.

Ele troca de lugar e senta-se ao lado dela:

– Ouve lá... Eu tinha uma mulher e a minha mulher, a minha mulher...

Simone sente alguns perdigotos na cara.

– Ela era como Elizabeth Taylor – continua ele. – Sabes quem é?

Ele sacode-lhe o braço.

– Sabes quem é a Elizabeth Taylor?

– Sim – diz Simone, impaciente. – É claro que sei.

Ele recosta-se no banco, satisfeito.

– Mudava de amante constantemente – queixa-se. – Tudo tinha de ser cada vez melhor: anéis de diamantes, presentes, colares...

A composição do metro abranda a marcha e Simone dá conta de que tem de sair, pois chegaram a Tensta. Levanta-se, mas ele impede-lhe a passagem.

– Dá-me um pequeno abraço, só quero um abraço.

Ela desculpa-se, resoluta, afasta-lhe o braço e sente uma mão nas nádegas. Nesse mesmo momento, a composição para, o homem perde o equilíbrio e cai pesadamente no banco.

– Puta – diz com toda a calma, atrás dela.

Simone sai do metro, corre pela estação fora, atravessa a passagem com cobertura de plástico e desce uma escada. Sentados

num banco, no exterior do centro comercial, estão três bêbados que falam em linguagem ordinária. Simone atravessa apressadamente a entrada principal e tenta contactar Erik mais uma vez pelo telemóvel. Da loja de vinhos e licores, Systembolaget, vem um cheiro a vinho tinto azedo de uma garrafa partida, no chão. Com a respiração acelerada, passa, célere, pela montra de um restaurante. Olha para o prato com milho enlatado, pedaços de pepino e folhas de alface ressequidas. No meio da praça coberta, vê um grande cartaz com a informação das lojas existentes. Consulta-a até encontrar o que procura: Tensta Tatoo. De acordo com a planta, a loja está instalada no último andar. Corre para a escada rolante, no meio de mães em licença de maternidade, reformados de braço dado e adolescentes que faltaram à escola.

Ao ver os jovens, imagina logo que eles se agrupam em volta do corpo de um rapaz caído no chão, e que ela abre passagem até chegar junto deles e se apercebe de que se trata de Benjamin, cujo sangue não deixa de escorrer de uma tatuagem iniciada.

Em grandes passadas, sobe os degraus da escada rolante. Porém, no momento em que chega ao último andar o seu olhar nota um movimento estranho, ao fundo, numa zona deserta da área. Parece que há alguém dependurado do varandim. Decide andar nessa direção e, à medida que se aproxima, vê com maior nitidez o que está a acontecer: dois rapazes mantêm suspenso do lado de fora do varandim um terceiro vulto. Uma figura alta anda por trás deles, de um lado para o outro, abrindo e fechando os braços como se estivesse com frio e se aquecesse.

Os rapazes parecem completamente tranquilos, enquanto seguram uma miúda aterrorizada para fora do varandim.

– O que estão a fazer? – grita Simone, ao caminhar para eles.

Não ousa correr, tem receio de que eles se assustem e a larguem. Seria uma queda de pelo menos dez metros, dali até à praça central no andar térreo.

Eles veem-na e fingem que vão largar a menina. Simone grita, mas eles mantêm a miúda segura e puxam-na para cima lentamente. Um deles dirige a Simone um sorriso estranho e atrevido, antes de fugir. Só fica o grandalhão. A menina põe-se de cócoras, encolhida ao lado do varandim, já em segurança. Simone estaca, com o

coração a bater desordenadamente, e inclina-se para ela.

– Sentes-te bem?

Ela nega com a cabeça, em silêncio.

– Temos de falar com os seguranças – diz Simone.

A rapariga abana a cabeça de novo. Todo o seu corpo treme e encolhe-se ainda mais, como se fosse um novelo junto ao varandim. Simone olha para o rapazola robusto, que as observa imóvel. Traz um anoraque leve e preto, e usa óculos escuros.

– Quem és tu?

Em vez de responder, ele tira do bolso do casaco um maço de cartas e começa a baralhá-las.

– Quem és tu? – repete Simone, em voz mais alta. – És amigo daqueles rapazes?

A expressão dele não se altera.

– Porque não fizeste nada? Eles podiam tê-la matado!

Simone sente a adrenalina correr-lhe pelo corpo e a pulsação acelerada nas têmporas.

– Fiz-te uma pergunta: porque não fizeste nada?

Ela olha-o fixamente. Ele continua sem responder.

– Idiota! – grita.

O rapaz afasta-se lentamente. Quando começa a correr atrás dele para que não fuja, ele tropeça e deixa cair o baralho no chão. Resmunga qualquer coisa entre dentes e foge pela escada rolante.

Simone vira-se para se ocupar da menina e vê que ela desapareceu. Deita de novo a correr pelo corredor de lojas vazias, com as luzes apagadas, mas não vê a menina nem nenhum dos rapazes. Continua mais um pouco e, de repente, verifica que está diante do *atelier* de tatuagens. A montra da frente tem um revestimento preto, amarrotado, e mostra uma imagem enorme de Fenris, o lobo da mitologia nórdica. Abre a porta e entra. A loja parece vazia. As paredes estão cobertas com fotografias de tatuagens. Olha em volta e está prestes a sair quando ouve uma voz clara e sobressaltada:

– Nicke? Onde estás?... Diz qualquer coisa.

De repente, abre-se uma cortina preta e surge uma jovem de telemóvel ao ouvido. Está de tronco nu e veem-se-lhe algumas gotas finas de sangue a escorrer pelo pescoço. O rosto está concentrado e

denota preocupação.

– Nicke – diz a rapariga, serena, ao telefone. – O que aconteceu?

Os bicos dos seios estão eretos, mas parece não se dar conta de estar meio nua.

– Posso perguntar-te uma coisa? – interrompe Simone.

A rapariga sai da loja e começa a correr. Simone segue-a até à porta, quando ouve alguém atrás dela.

– Aida? – brada um rapaz, com voz consternada.

Simone volta-se e vê que é Benjamin.

– Onde está o Nicke? – pergunta ele.

– Quem?

– O irmão mais novo de Aida. Ele é atrasado mental. Não o viste aí fora?

– Não, eu...

– É alto e usa óculos escuros.

Simone regressa lentamente à loja e senta-se numa cadeira.

Aida regressa com o irmão, que fica do lado de fora, diante da porta, concorda com a cabeça com tudo o que a irmã diz, de olhar ansioso, e depois limpa o nariz. A jovem entra, cobre os seios com um dos braços, passa por Simone e Benjamin sem olhar para eles e desaparece atrás da cortina. Simone ainda teve tempo de ver que o pescoço dela ficou arroxeadado por ter tatuado uma rosa vermelho-escura ao lado de uma pequena estrela de David.

– O que está a acontecer? – pergunta Benjamin.

– Vi uns rapazes... pareciam loucos, tinham uma menina suspensa do lado de fora do varandim. O irmão de Aida também estava lá a ver e...

– Disseste-lhes alguma coisa?

– Acabaram com a brincadeira quando eu cheguei, mas parecia que se divertiam muito com o perigo que a menina corria.

Benjamin parece incomodado, as faces ficam coradas, desvia o olhar e procura em volta como se quisesse fugir.

– Não gosto que venhas aqui – diz Simone.

– Posso fazer o que eu quiser – responde ele.

– És novo de mais para...

– Para com isso – interrompe-a, em voz baixa.

– O quê? Também estás a pensar tatuar-te?

- Não, nunca pensei nisso.
- Acho horrível, essas tatuagens no pescoço e no rosto...
- Mãe – interrompe ele, novamente.
- É feio.
- Aida está a ouvir o que tu dizes.
- Mas eu acho...
- Porque não te vais embora? – interrompe-a, ríspido.

Simone olha para ele, pensa que não reconhece aquele tom de voz, mas, no fundo, sabe que Benjamin responde cada vez mais como o pai.

- Vem para casa comigo – diz ela calmamente.
- Irei se tu fores primeiro – declara.

Simone sai da loja e vê Nicke junto da montra escura, de braços cruzados sobre o peito. Aproxima-se dele, tenta parecer amável e aponta para o baralho de cartas com figuras do Pokémon.

- Toda a gente gosta do Pikachu – comenta ela.

Ele diz que sim, mas sem a olhar nos olhos.

- Embora eu goste mais da Mew – continua ela.
- A Mew aprende coisas – diz ele, ainda hesitante.
- Desculpa se gritei contigo.

– Não há nada a fazer contra Wailord, ninguém consegue nada, ele é o maior – continua Nicke.

- Ele é o maior de todos?
- Sim – responde o rapaz, com o rosto sério.

Simone apanha uma carta que ele deixou cair.

- Quem é este?

Benjamin sai da loja com os olhos brilhantes.

– Arceus – responde Nicke, colocando a carta em cima das outras.

- Parece simpático – constata Simone.

Nicke sorri abertamente.

- Vamos embora – diz Benjamin, em voz baixa.
- Adeus – despede-se Simone, sorrindo.
- Adeus-e-passe-bem – responde Nicke mecanicamente.

Benjamin caminha em silêncio ao lado da mãe.

– É melhor apanharmos um táxi – decide ela, quando se aproximam da entrada do metro. – Estou farta de andar de metro.

– Vamos – diz Benjamin, dando meia-volta.

– Espera um pouco – atalha Simone.

Acaba de reconhecer um dos rapazes que ameaçavam a menina. Está parado junto da entrada do metro e parece esperar por alguma coisa. Ela percebe que Benjamin tenta afastá-la.

– O que se passa? – pergunta.

– Vem, vamos embora, íamos apanhar um táxi.

– Tenho de falar com ele por um momento – diz ela.

– Mãe, não lhes ligue – pede Benjamin.

Pálido e inquieto, permanece onde está, enquanto ela, resoluta, se aproxima do rapaz.

Simone põe a mão no ombro do rapaz e faz com que ele se volte para ela. Talvez tenha apenas uns treze anos, mas, em vez de se assustar ou ficar surpreso, sorri-lhe com escárnio, como se lhe tivesse estendido uma cilada.

– Vens comigo até aos seguranças – diz ela, com decisão.

– O que é que disseste, velhota?

– Eu vi-te quando...

– Cala o bico! – interrompe o rapaz. – Cala o bico, se não queres que te foda de castigo.

Simone fica tão estupefacta que nem sabe o que responder. O rapaz cospe no chão diante dela, salta por cima do torniquete e desaparece lentamente pelo corredor do metro.

Abalada, Simone encaminha-se para onde Benjamin a espera.

– O que foi que ele disse?

– Nada – responde, cansada.

Os dois dirigem-se à paragem de táxis e entram para os lugares traseiros do primeiro da fila. Assim que o carro começa a rodar, afastando-se do Tensta Centrum, Simone conta-lhe que recebeu uma chamada da escola.

– Aida quis que eu a acompanhasse, para modificar uma tatuagem – explica Benjamin, em voz baixa.

– Muito amável da tua parte.

Seguem em silêncio pela estrada de Hjulsta, paralelamente a uma estrada secundária de gravilha.

– Chamaste idiota ao Nicke? – pergunta Benjamin.

– Enganei-me, a idiota sou eu.

- Mas como é que pudeste fazer isso?
- Às vezes também erro – diz ela em surdina.

Na ponte de Traneberg, Simone olha para baixo, para a ilha Stora Essingen. As águas ainda não congelaram, mas já têm um aspeto denso e pálido.

- Acho que eu e o teu pai nos vamos separar – diz.
- Ah?... Porquê?
- Não tem absolutamente nada a ver contigo.
- Eu perguntei porquê.

– Na verdade, não existe uma resposta certa – começa ela por dizer. – O teu pai... Como é que eu vou explicar? Ele é o amor da minha vida, mas isso... isso também pode acabar um dia. Não é o que se pensa quando duas pessoas se conhecem, quando os filhos nascem e... Desculpa, não devia ter tocado neste assunto hoje. Queria apenas que compreendesses por que razão estou tão descontrolada. Por outro lado, ainda não é certo que nos separemos.

- Não quero que me metam nesse assunto.
- Desculpa, eu...
- Então, para de falar – insiste ele.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, de tarde

Erik sabia que não iria conseguir dormir, mas, mesmo assim, fizera uma tentativa. Fica acordado durante todo o trajeto, apesar de o comissário Joonas Linna ter conduzido o carro com muita suavidade pela estrada 274, passando por Värmdö, a caminho da cabana onde se supõe que Evelyn se encontra.

Ao passar em frente da velha serraria, entraram numa estrada de terra batida, ouvindo as pedras a ressaltar na carroçaria, debaixo do carro. Os efeitos secundários dos comprimidos de codeína fazem com que os olhos de Erik fiquem supersensíveis e secos. Ele observa com as pálpebras pesadas uma zona de casas de fim de semana, feitas de troncos de madeira, à moda antiga, rodeadas de estreitos canteiros de relva. As árvores estão despidas, no frio estéril de dezembro. E a luz e as cores fazem com que Erik comece a lembrar os passeios ao ar livre nos tempos de escola, quando ainda era criança. O cheiro dos troncos apodrecidos e o aroma dos cogumelos nascidos entre as folhas caídas no chão. A mãe dele trabalhava a meio tempo como enfermeira na escola secundária de Sollentuna e estava convencida dos efeitos benéficos da vida no campo. Foi ela que quis que ele se chamasse Erik Maria. O nome, inusitado na Suécia, era consequência de uma viagem de estudo que ela fizera a Viena. Durante a visita, fora ao Burgtheater assistir à representação da peça de August Strindberg, *Fadern* [O Pai], com Klaus Maria Brandauer no papel principal. Gostou tanto que, durante muitos anos, continuou a lembrar-se do nome do ator. Quando era criança, Erik sempre tentou esconder o seu segundo nome, Maria, mas na adolescência tomou conhecimento da canção *A boy named Sue*, num disco de Johnny Cash, gravado na prisão de San Quentin. «*Some gal would giggle and I'd get red, and some guy'd laugh and I'd bust his head, I tell ya, life ain't easy for a boy named Sue.*»¹

O pai de Erik, que trabalhava na Segurança Social, na realidade

tivera apenas um interesse genuíno na vida, ser mágico amador. Costumava vestir-se com um manto feito em casa, um fraque usado e uma espécie de cartola retrátil na cabeça, a que ele chamava o seu *chapeau claque*. Erik e os amigos ficavam sentados na garagem em cadeiras de madeira, estilo Windsor, e onde ele construíra um pequeno palco com aberturas secretas. A maior parte dos seus truques vinha num catálogo de magia de Bernandos Magic, que ele encontrara em Bromölla: varinhas mágicas que, sacudidas, se abriam, bolas de bilhar que se multiplicavam com a ajuda de um lenço, um saco de veludo com fundo falso e a guilhotina manual reluzente. Atualmente, Erik recorda o pai com ternura, relembrando a cena em que ele conseguia ligar o gravador com o pé para se ouvir a música de Jean-Michel Jarre, enquanto realizava passes mágicos por cima de uma caveira que flutuava no ar. Erik espera, do fundo do coração, que o pai nunca tenha notado que ele, ao crescer, se envergonhava dele e, à frente dos colegas, revirava os olhos nas suas costas.

Não houve, talvez, nenhuma explicação profunda para Erik se ter tornado médico. Nunca desejou para si qualquer outro tipo de trabalho, nunca imaginou uma vida diferente. Lembra-se de todos os finais de ano durante o curso: a chuva sempre presente, a bandeira nacional içada no mastro, os salmos de verão. Obtivera sempre as melhores notas em todas as disciplinas e os pais sempre contaram com isso. A mãe dizia muitas vezes que os suecos estavam mal habituados ao darem por garantida a sua sociedade de bem-estar, pois, provavelmente, tratava-se apenas de um pequeno parêntese histórico. Argumentava que um sistema de governo em que o tratamento da saúde, em geral, os cuidados odontológicos, o acolhimento gratuito das crianças em creches, o ensino básico, o secundário e universitário eram gratuitos, poderia desaparecer a qualquer momento. Naquele tempo, existia a possibilidade de qualquer rapaz ou rapariga poder estudar e formar-se em Medicina, em Arquitetura, ou fazer um doutoramento em Economia Financeira em qualquer universidade do país, sem necessidade de ser rico, candidatar-se a bolsas de estudo ou pedir esmola.

A sensibilidade para compreender essas possibilidades era um privilégio que o tinha envolvido como uma auréola dourada.

Garantira-lhe uma grande vantagem e determinação para alcançar as suas metas quando era jovem, mas talvez também uma espécie de arrogância.

Erik lembra-se de um momento da sua vida, quando tinha dezoito anos, e estava sentado no sofá da casa de Sollentuna a olhar fixamente para o caderno com as suas notas, todas ótimas, e depois passara os olhos pelo quarto simples em que vivia. As estantes de livros com bugigangas e *souvenirs*, fotografias em molduras de alpaca, imagens do dia de crisma, do casamento e do quinquagésimo aniversário dos pais, acompanhadas de umas dez fotografias suas, desde que era um bebé roliço com lacinhos até ao jovem meio sorridente em fato de gala.

A mãe entrou no quarto e entregou-lhe os impressos de matrícula no curso de Medicina. Ela tinha toda a razão, como sempre. Assim que pôs os pés no Instituto Karolinska para se formar em Medicina, sentiu-se em casa. Ao especializar-se em Psiquiatria, percebeu que a profissão de médico se adequava à sua personalidade mais do que, na realidade, gostaria de admitir. Após o serviço como residente, os dezoito meses de serviço geral exigidos pela Direção Nacional de Saúde, trabalhou para os Médicos Sem Fronteiras. Foi parar a Chisimayu, a sul de Mogadíscio, na Somália. Foi um período de trabalho muito intenso num hospital de campanha cujo equipamento consistia em material hospitalar em desuso nas clínicas suecas, aparelhos de raios X da década de 1960, medicamentos com o prazo de validade expirado, camas ferrugentas provenientes de centros de saúde fechados ou reformados. Na Somália, encontrou-se pela primeira vez com pessoas profundamente traumatizadas: crianças apáticas que tinham perdido a vontade de brincar, jovens que, em tom cansado, davam testemunho de como tinham sido obrigados a realizar atos horríveis, mulheres que sofreram tanto que nem conseguiam falar, apenas sorrir de modo esquivo, sem nunca levantar os olhos do chão. Sentiu então que queria trabalhar ajudando pessoas presas às violências a que foram submetidas, que sofriam ainda, mesmo quando os agressores já estavam longe.

Erik regressou ao país e fez o curso de psicoterapeuta em Estocolmo, mas foi quando se especializou em Traumatologia

Psíquica e Psiquiatria de Catástrofe que entrou em contacto com as diferentes teorias sobre a hipnose. O que mais o atraía na hipnose era a rapidez com que o psicólogo se podia aproximar da origem do trauma. Reconheceu que essa rapidez era tremendamente importante no trabalho com vítimas de guerra ou de catástrofes naturais.

Recebeu a formação básica em hipnose através da European Society of Clinical Hypnosis e depois tornou-se membro da Society for Clinical and Experimental Hypnosis, do European Board of Medical Hypnosis, da Associação Sueca de Hipnose Clínica e trocou correspondência durante vários anos com Karen Olness, a pediatra norte-americana cujo método original de hipnotizar doentes crónicos e crianças com quadros severos de dor continua a ser o que mais o impressiona.

Durante cinco anos, Erik trabalhou para a Cruz Vermelha, no Uganda, no tratamento de pessoas traumatizadas. Nesse período, praticamente não teve tempo de experimentar e desenvolver a hipnose, pois as situações eram sufocantes e urgentes, tratava-se quase sempre de atender às necessidades básicas. Só recorreu à hipnose uma dezena de vezes durante todo esse tempo e, na realidade, em situações simples, para alívio de dores em pacientes hipersensíveis aos analgésicos e no bloqueio primário de fixações fóbicas. Mas, uma vez, no último ano no Uganda, deparou-se com o caso de uma menina fechada num quarto por não parar de gritar. As freiras católicas que trabalhavam como enfermeiras explicaram que ela tinha chegado a arrastar-se, vinda de um bairro de barracas ao norte de Mbale; achavam que a menina pertencia à etnia bagisu, visto que falava lugisu. Não tinha dormido uma única noite e gritava constantemente que era um demónio maléfico, com fogo no olhar. Erik pediu às freiras que abrissem a porta do quarto onde ela estava e, assim que a viu, logo concluiu que a menina estava gravemente desidratada. Quando tentou dar-lhe água a beber, ela berrou como se a visão da água a queimasse como fogo; rebojava pelo chão e gritava. Erik decidiu, então, utilizar a hipnose para a acalmar. Uma das freiras, a irmã Marion, traduziu as suas palavras para bukusu, língua que a rapariga devia entender, e, quando ela começou a ouvir, foi fácil submetê-la à hipnose. Em apenas uma

hora, a menina expôs todo o seu trauma psíquico. Um caminhão-cisterna, vindo de Jinja, saiu da estrada Mbale-Soroti, a norte da aldeia onde vivia. O pesado veículo tinha-se virado, indo parar a uma vala profunda ao lado da estrada. De um buraco na enorme cisterna, começou a sair gasolina pura que se espalhou pelo terreno. A menina correu para casa onde se encontrava um tio, a quem contou que a gasolina se infiltrava e desaparecia na terra. O tio acorreu ao local com dois bidões de plástico vazios. Já havia uma dezena de pessoas no local, quando ela o conseguiu alcançar, junto ao caminhão; estavam a encher baldes de gasolina. Eles encheram os dois bidões. O cheiro era horrível, o sol brilhava forte e estava muito calor. O tio fez-lhe sinal. Ela pegou no primeiro bidão e iniciou o caminho de volta a casa, arrastando-o. Era muito pesado. Parou para o pôr à cabeça. Entretanto, viu uma mulher com um turbante azul, perto do caminhão-cisterna, com a gasolina até aos joelhos, a encher pequenas garrafas de vidro. Mais longe na estrada, na direção da aldeia, a menina avistou um homem com uma camisa de camuflado em tons amarelos. Vinha a pé, com um cigarro na boca e, quando aspirava o fumo, a ponta brilhava, incandescente.

Erik lembra-se nitidamente do aspeto da menina enquanto falava. A sua voz era grossa e surda, e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, quando contou que tinha captado o fogo do cigarro com os olhos e o transmitiu à mulher do turbante azul. Havia fogo no seu olhar, disse, porque, quando deu meia-volta e olhou para a mulher, esta começou a arder. Primeiro, o turbante azul, e, de imediato, toda ela ficou envolta em chamas. E, de repente, abriu-se uma tempestade de fogo em volta do caminhão-cisterna. A menina começou a correr e não ouviu mais nada senão gritos atrás de si.

Depois da hipnose, Erik e a irmã Marion falaram com a rapariga por um longo período sobre o que ela contara enquanto estivera hipnotizada. Explicaram-lhe repetidamente e de várias maneiras que foram os vapores da gasolina, cujo cheiro forte ela sentiu, que começaram a arder. O cigarro do homem é que tinha pegado fogo ao caminhão-cisterna através do ar, e a explosão nada tivera a ver com ela.

Apenas um mês mais tarde, depois desse episódio, Erik voltou para Estocolmo, onde solicitou uma subvenção do Conselho

Nacional de Pesquisas Médicas para aprofundar o estudo da hipnose e do tratamento de traumas no Instituto Karolinska. Foi pouco depois que conheceu Simone. Recordava-se de a ter encontrado numa grande festa na universidade. Ela estava alegre, radiante, de faces rosadas e cheia de vida. Primeiro, reparou nos seus cabelos ruivos, encaracolados, e, depois, viu-lhe o rosto, a testa alta e pálida, a pele fina e clara, coberta de sardas levemente acastanhadas. Parecia um daqueles anjos de um marcador de livros antigos, pequena e esbelta. Ainda se lembra de como ela estava vestida naquela noite: tinha uma blusa de seda verde, justa ao corpo, calças compridas pretas e sapatos escuros, de salto alto. Os lábios estavam pintados de cor-de-rosa pálido e os olhos verde-claros brilhavam no rosto sardento.

Casaram-se um ano mais tarde e logo procuraram ter filhos. Contudo, foi mais difícil do que esperavam e ela abortou quatro vezes seguidas. Erik lembra-se de um em especial. Simone estava na décima sexta semana quando perdeu o bebé: era uma menina. Dois anos mais tarde, finalmente, nasceu Benjamin.

Erik, de olhos entreabertos, continua a olhar pela janela do carro enquanto ouve a conversa de Joona pelo rádio, em voz baixa, com os seus colegas, a caminho de Värmdö.

– Estava a pensar numa coisa – diz Erik.

– Sim?

– Disse há bocado que Josef Ek não podia fugir do hospital, mas a verdade é que se foi capaz de se esfaquear a si próprio daquele modo, já não estou tão seguro.

– Pensei o mesmo – respondeu Joona.

– Ainda bem.

– Já ordenei que um dos meus homens monte guarda em frente do quarto dele.

– Provavelmente, será desnecessário, mas... – diz Erik.

– É melhor assim.

Três carros estão em fila na berma da estrada, junto a um poste de eletricidade. Quatro polícias conversam debaixo da luz branca, enquanto vestem os coletes à prova de bala e apontam para um mapa. Veem-se os reflexos da luz de um fraco sol nascente no telhado de vidro de uma estufa.

Joona volta a entrar no carro e a sentar-se no lugar do motorista, arrastando consigo uma lufada de ar gelado. Espera que os outros entrem nos respetivos carros e, pensativo, fica a tamborilar com os dedos no volante.

De repente, ouve-se uma sequência de sinais rápidos pelo rádio e, depois, uns estalidos fortes que cessam bruscamente. Joona muda de canal, testa a comunicação com todos os agentes do seu grupo, troca algumas palavras com cada um deles, gira a chave de ignição e liga o motor.

Os carros seguem em fila ao longo de uma pastagem acastanhada e passam em frente de um pequeno bosque de bétulas e de um grande silo enferrujado.

– Quando chegarmos, espere dentro do carro – diz o comissário, em voz baixa.

– Está bem – responde Erik.

Alguns corvos, que se encontram na estrada levantam voo e afastam-se.

– Quais são os lados negativos da hipnose? – pergunta, então, Joona.

– Que quer dizer com isso?

– Era um dos melhores hipnotistas do mundo e afastou-se.

– As pessoas podem ter razões de sobra para manter determinados segredos – responde Erik.

– É claro, mas...

– E essas razões são muito difíceis de julgar sob o estado de hipnose.

Joona dirige-lhe um olhar cético.

– Por que razão não acredito que seja esse o motivo do seu afastamento?

– Não quero falar disso – diz Erik.

Os troncos das árvores passam rapidamente de ambos os lados da estrada. A floresta torna-se mais densa e escura à medida que os carros avançam. A gravilha ressalta debaixo do carro. Fazem um desvio por um caminho florestal mais estreito, deixam para trás várias casas de madeira e finalmente param. Um pouco mais ao longe, entre os abetos, Joona descortina uma casa de madeira escurecida pelo tempo, numa clareira pouco iluminada.

– Espero que fique aqui sentado no carro... – diz Joona, dirigindo-se a Erik, antes de sair da viatura.

Enquanto o comissário avança em direção à entrada da casa, onde já se encontram os outros policiais, volta a pensar em Josef, o rapaz hipnotizado. E nas palavras que saíram dos seus lábios débeis. Um rapaz que descreveu a sua agressão brutal, com um claro distanciamento. A lembrança deve ter sido muito nítida para ele: os espasmos da irmã mais nova provocados pela febre, a raiva incontida, a escolha das facas, a euforia por ter ultrapassado os limites. No final da hipnose, as descrições de Josef passaram a ser confusas, ficou mais difícil compreender o que queria dizer, se realmente a irmã mais velha o tinha levado a cometer os assassinatos.

Joona reúne os quatro policiais à sua volta. Sem pormenorizar demasiado a importância da intervenção, descreve a gravidade da situação e dá instruções para a eventual utilização das armas de fogo. Os disparos, em qualquer circunstância, devem ser feitos para as pernas. Evita usar termos específicos das táticas policiais e, pelo contrário, explica que, quase de certeza, a pessoa que se encontra em casa não é agressiva.

– Peço-lhes que atuem com a maior cautela para não amedrontar a rapariga – diz Joona. – Ela talvez esteja assustada, talvez se encontre ferida, mas, ao mesmo tempo, nunca se esqueçam, nem por um momento, de que se pode tratar de uma pessoa perigosa.

Ordena a três dos seus homens que rodeiem a casa, pede-lhes para não pisarem o jardim e que se aproximem a uma distância segura das traseiras.

Começam a descer por um trilho da floresta, um deles para um instante e mete uma pastilha de tabaco debaixo da língua. A fachada da casa, de cor castanho-chocolate, é feita de troncos horizontalmente sobrepostos. Os caixilhos são brancos e a porta da frente, preta. As janelas têm cortinados cor-de-rosa. Não se vê fumo na chaminé. No primeiro degrau da entrada, há uma vassoura e um balde de plástico amarelo com pinhas secas no interior.

Joona espera até que os policiais se espalhem à volta da casa a uma distância segura, mas empunhando as armas. Ouve-se o estalido de um ramo de árvore. Ao longe, ecoa o som de um pica-

pau a fazer o seu trabalho noutra árvore. Joona segue a movimentação dos colegas e, ao mesmo tempo, aproxima-se lentamente da casa. Tenta ver através dos cortinados rosa. Faz um sinal a Kristina Andersson, uma agente recém-formada, de queixo afilado, para que pare. Ela tem as faces rosadas do frio e obedece, sem desviar os olhos da casa. Tranquilamente, concentra-se, tira a arma do coldre e dá alguns passos para o lado.

A casa está vazia, pensa Joona, ao aproximar-se da entrada cujos poucos degraus rangem sob o peso do seu corpo. Quando bate à porta, está à espera de vislumbrar movimentos rápidos nas cortinas, mas nada acontece. Espera um pouco, e fica imóvel, ao julgar ouvir alguma coisa, enquanto presta atenção às árvores ao lado da casa, por trás dos troncos e dos arbustos. Pega na pistola, uma pesada *Smith & Wesson*, que prefere às armas padrão da marca *Sig Sauer*, destrava a segurança e verifica as balas no carregador. De repente, ouve-se um barulho na extremidade do terreno e vê-se um pequeno veado a correr por entre as árvores, com movimentos rápidos e ziguezagueantes. Kristina Andersson sorri, ainda tensa, quando Joona olha para ela. O comissário aponta para a janela, avança cautelosamente e dá uma olhadela ao interior da cabana por uma frincha no cortinado.

Na obscuridade, vê uma mesa de vime com tampo de vidro e um sofá de bombazina castanho-claro. Nas costas de uma poltrona vermelha, estão a secar duas cuecas de mulher brancas e de algodão. Na pequena cozinha, veem-se vários pacotes de massas, *pesto* enlatado, conservas e uma taça com maçãs. Vários talheres brilham no chão, em frente da bancada e debaixo da mesa da cozinha. Joona retorna aos degraus da entrada, faz sinal a Kristina Andersson de que vai entrar, abre a porta e afasta-se da linha de fogo. Recebe sinal de Kristina de que a entrada está livre, olha para o interior e transpõe a soleira da porta.

Erik mantém-se no carro e só percebe de longe o que está a acontecer. Vê Joona Linna a entrar na casa de madeira, seguido pela colega. Após um instante, Joona volta aos degraus da entrada. Os outros três polícias deixam os seus postos e aparecem diante dele. Conversam, olham para um mapa, apontam para o trilho do caminho e para as casas mais próximas. Joona parece querer

mostrar-lhes algo dentro da cabana. Todos o seguem e o último fecha a porta para não deixar escapar o calor.

De repente, Erik vê alguém entre as árvores, num lugar em que o terreno se inclina em direção a um lodaçal. É uma mulher jovem, magra, com uma caçadeira na mão. Arrasta pelo chão o cano reluzente e começa a dirigir-se para a cabana. Erik vê-a caminhar lentamente sobre o musgo, por entre os arbustos de mirtilos.

Os polícias não viram a mulher, e ela também não tinha qualquer possibilidade de os ver. Erik liga para o telemóvel de Joona, mas o aparelho começa a tocar dentro do carro, está em cima do assento do condutor, ao seu lado.

Sem pressa, a mulher avança por entre as árvores, com a caçadeira a baloiçar na mão. Erik percebe que se trata de uma situação perigosa, caso os agentes e a mulher se encontrem de repente. Sai do carro, corre pelo caminho de acesso e, depois, avança lentamente.

– Olá – chama-a em voz alta.

A mulher para e olha para ele.

– Está bastante frio hoje – diz, agora em voz baixa.

– Como?

– Está frio à sombra, no bosque – repete num tom de voz mais alto.

– É verdade – responde a jovem.

– És nova aqui? – pergunta ele, continuando a caminhar na sua direção.

– Não, a minha tia emprestou-me a casa.

– A tua tia chama-se Sonja?

– Sim – diz ela, sorrindo.

Erik aproxima-se mais.

– Que andas a caçar?

– Lebres.

– Posso ver a espingarda?

Ela abre-a e entrega-lha. Tem a ponta do nariz vermelha. Agulhas de pinheiro prendem-se-lhe no cabelo castanho-claro.

– Evelyn – diz Erik, calmamente. – Em tua casa, estão uns polícias que querem falar contigo.

Ela fica preocupada e, de repente, dá um passo atrás.

– Se tiveres tempo, claro... – acrescenta ele, sorridente.

Evelyn concorda com a cabeça e Erik grita em direção da casa. Joona surge com uma expressão irritada, pronto para o mandar outra vez para o carro. Ao ver a jovem, porém, fica imóvel numa fração de segundo.

– É a Evelyn – informa Erik e estende-lhe a espingarda.

– Olá – cumprimenta Joona.

Ela empalidece, parece que vai desmaiar.

– Preciso de falar contigo – explica o comissário, com uma expressão séria.

– Não – murmura ela.

– Por favor, entra em casa.

– Não quero.

– Não queres entrar?

Evelyn volta-se para Erik:

– Sou obrigada a entrar? – pergunta, os lábios a tremer.

– Não – responde ele. – Decide tu.

– Por favor, acompanha-me – insiste Joona.

Ela recusa com a cabeça, mas, ao mesmo tempo, segue-o para dentro de casa.

– Eu espero cá fora – declara Erik.

Percorre o caminho de acesso. A gravilha está coberta de pinhas castanhas e de agulhas de pinheiro. Ouve, então, Evelyn gritar através das paredes da casa. Um único grito. Soa a solidão e desespero. Uma expressão de perda incompreensível. Ele conhece muito bem esse tipo de grito, dos tempos que passou no Uganda.

Evelyn está sentada no sofá de bombazina, com as mãos entre as coxas, o rosto branco como a neve. Recebeu a notícia do que acontecera à família. A moldura que se parece com um cogumelo jaz no chão. Na fotografia, a mãe e o pai estão sentados no que parece ser uma rede de jardim. No meio deles, a filha mais nova. Os pais semicerram os olhos em virtude da luz forte do sol, ao passo que os olhos da menina se iluminam de branco.

– Lamento imenso – diz Joona em voz baixa.

O queixo dela treme.

– Achas que nos poderás ajudar a compreender o que aconteceu?

– indaga Joona. A cadeira range sob o seu peso. Espera um momento e pergunta:

– Onde estavas no dia 7 de dezembro?

Ela abana a cabeça.

– Mais precisamente, ontem.

– Estava aqui – responde, com voz fraca.

– Nesta cabana?

Evelyn olha-o fixamente:

– Sim.

– Não saíste durante todo o dia?

– Não.

– Simplesmente, estiveste aqui?

Ela faz um gesto indicando a cama e os livros de Ciências Políticas.

– Estudas?

– Sim.

– Portanto, ontem, não saíste de casa?

– Não.

– Há alguém que possa confirmar?

– Como assim?

– Esteve alguém aqui contigo? – pergunta Joona.

– Não.

– Tens ideia de quem possa ter feito isso à tua família?

Ela nega com a cabeça.

– Alguém vos ameaçou?

A jovem não parece estar a ouvi-lo.

– Evelyn?

– O quê? O que é que disse?

Tem os dedos fortemente apertados entre as pernas.

– Alguém fez alguma ameaça à tua família? Têm inimigos, rivais?

– Não.

– Sabes se o teu pai tinha dívidas grandes?

Ela nega com a cabeça.

– Mas tinha – afirma Joona. – Alguns delinquentes tinham-lhe emprestado dinheiro.

– O quê?

- Pode ser que algum deles tenha...
- Não – interrompe-o.
- Porque não?
- Não percebem nada – diz, levantando a voz.
- O que é que não percebemos?
- Não percebem nada.
- Conta-nos o que...
- Não consigo – grita ela.

Está tão alterada que desata a chorar, sem se conseguir conter, sem levar sequer as mãos ao rosto. Kristina Andersson aproxima-se e abraça-a. Pouco depois, parece mais calma. Fica quieta nos braços da agente, soluçando por vezes, em virtude do choro.

- Minha querida... – sussurra Kristina Andersson, confortando-a.

Conserva a rapariga abraçada, afagando-lhe o rosto. De repente, a agente grita e empurra Evelyn para o chão.

- Caramba, ela mordeu-me... Deu-me uma dentada dos diabos!

Kristina, estupefacta, olha para os dedos ensanguentados. O sangue escorre-lhe de uma ferida no meio do pescoço.

Evelyn continua sentada no chão, ocultando com a mão um sorriso desconcertado. De súbito, revirou os olhos e cai no chão, inconsciente.

1 «Uma rapariga ria-se e eu corava; um tipo ria-se e eu ia-lhe às trombas. Podes crer, a vida não é fácil para um rapaz chamado Sue.» (*N. do E.*)

Terça-feira, dia 8 de dezembro, à noite

Benjamin fechou-se no quarto. Simone está sentada à mesa da cozinha, de olhos fechados, a ouvir rádio. É uma emissão em direto da sala de concertos Berwaldhallen de Estocolmo. Tenta imaginar a sua vida, sozinha. «Não seria muito diferente da que tenho hoje», pensa com ironia. Talvez fosse mais a concertos, ao teatro e a galerias de arte, como fazem todas as mulheres que vivem sozinhas.

Encontra uma garrafa de *whisky* de malte no armário, serve-se de um pouco e junta-lhe algumas gotas de água: uma dose fraca, amarelada, num copo bem pesado. A porta da frente abre-se enquanto as tonalidades cálidas de uma suíte para violoncelo de Bach inundam a cozinha. É uma melodia suave e triste. Erik aparece no umbral e olha para ela, o rosto cinzento de cansaço.

– Tem boa pinta – diz ele.

– Chama-se *whisky* – replica Simone, estendendo-lhe o copo.

Prepara uma nova dose para si. Ficam de pé, um em frente do outro, e fazem um brinde, sérios.

– Tiveste um dia complicado? – pergunta-lhe ela, em voz baixa.

– Bastante – responde, com um sorriso fraco.

De repente, parece esgotado. Há uma indefinição nos seus traços fisionómicos, uma espécie de poeira sobre o rosto.

– O que estás a ouvir? – quer saber.

– Queres que desligue?

– Por mim, não. A música é boa.

Erik esvazia o copo, estende-o a Simone, que lhe prepara mais uma dose.

– Quer dizer que o Benjamin não se tatuou – diz ele.

– Deves ter seguido o drama pela caixa de correio do telemóvel.

– Só agora, a caminho de casa. Não tive tempo, antes...

– Não – interrompe ela, e pensa na mulher que atendeu o telefonema naquela manhã.

– Foi bom teres ido buscá-lo – murmura Erik.

Ela acena com a cabeça e pensa como os sentimentos se entrelaçam uns nos outros, como nenhuma relação permanece livre e compartimentada, como tudo se entrecruza.

Bebem mais um gole e, de repente, repara que Erik lhe sorri. O seu sorriso, de dentes tortos, sempre a deixara vulnerável. Pensa como gostaria de ir para a cama com ele naquele momento, sem conversas, sem complicações. «Um dia acabaremos mesmo por ficar sós», diz para si mesma.

– Não sei nada – diz enigmaticamente. – Ou melhor... sei que não posso confiar em ti.

– Porque dizes isso agora?

– Parece que deitámos tudo a perder – interrompe. – Tu apenas dormes ou, então, estás no trabalho ou seja lá onde for. Eu gostaria de fazer coisas... de viajar, de estarmos juntos...

Ele afasta o copo e dá um passo na sua direção.

– E não podemos fazê-lo? – apressa-se a dizer.

– Não digas isso – murmura.

– Porque não?

Erik sorri, afaga-lhe o rosto e fica sério. De repente, beijam-se. Simone sente como todo o seu corpo ansiava por aquilo, como desejava os beijos dele.

– Pai, sabes onde...

Benjamin cala-se ao entrar na cozinha.

– Vocês são malucos – suspira. E sai novamente.

– Benjamin! – chama Simone.

Ele volta para trás.

– Prometeste ir buscar a comida.

– Já telefonaste?

– Estará pronta dentro de cinco minutos – responde Simone, e dá-lhe a carteira com o dinheiro. – Sabes onde fica o restaurante tailandês, não sabes?

– Não – e suspira...

– Vais lá diretamente e voltas – diz ela.

– Deixa-te disso.

– Ouve o que a mãe te diz – intervém Erik.

– Vou só à esquina buscar a comida, não vai acontecer nada – replica Benjamin, e dirige-se para o *hall* de entrada.

Simone e Erik sorriem um para o outro, ouvem a porta da frente a fechar-se e, depois, os passos rápidos a descer a escada.

Erik tira três copos do armário, para, pega na mão de Simone e encosta-a à cara dele.

– Vamos para o quarto? – pergunta ela.

Erik parece embaraçosamente feliz e, nesse preciso momento, o telefone toca.

– Não atendas – pede ele.

– Pode ser o Benjamin – diz-lhe e levanta o auscultador. – Sim, Simone.

Não se ouve nada, apenas um estranho ruído, como um fecho ecler que se abre.

– Está?

Volta a pousar o auscultador no descanso.

– Não era ninguém? – pergunta Erik.

Simone pensa que ele ficou nervoso. Vai à janela e olha para a rua. Ouve mentalmente a voz daquela mulher que atendeu o telemóvel quando ela ligou para o número de onde tinham telefonado para Erik, de madrugada. «Para com isso, Erik...», tinha dito, a rir-se. Para com quê? De a apalpar debaixo da roupa, de lhe chupar os seios, de lhe subir a saia?

– Liga para o Benjamin – pede ele, com a voz tensa.

– Porquê?...

Ela atende o telefone, quando este volta a tocar.

– Está?

Como ninguém responde, interrompe a chamada e marca o número do filho.

– Está ocupado.

– Não consigo ver o Benjamin – diz Erik.

– Vou buscá-lo?

– Talvez seja melhor.

– Vai ficar zangado comigo – diz ela a sorrir.

– Vou eu – oferece-se Erik e dirige-se para o *hall* de entrada.

Retira o casaco do bengaleiro e, nesse momento, a porta abre-se e entra Benjamin. Erik volta a pendurá-lo e pega no saco quente, com as caixas de cartão da comida.

Sentam-se os três diante da televisão a ver um filme e a comer

diretamente das embalagens. Benjamin ri-se com um dos diálogos. Eles olham um para o outro, satisfeitos, exatamente como faziam quando o filho era pequeno e se ria com os programas infantis. Erik põe-lhe a mão no joelho e Simone coloca a sua sobre a dele, acariciando-lhe os dedos.

Bruce Willis está caído de costas no chão e limpa o sangue da boca. O telefone toca de novo. Erik afasta a comida e levanta-se do sofá. Vai ao *hall* de entrada e atende, tão calmamente quanto lhe é possível.

– Erik Maria Bark.

Não se ouve nada, apenas um vago toque de teclas.

– Agora chega – diz ele, zangado.

– Erik?

É a voz de Daniella.

– És tu, Erik?

– Estamos a jantar.

Ele ouve-a respirar agitadamente.

– O que é que ele queria? – pergunta ela.

– Ele quem?

– Josef – esclarece.

– Josef Ek? – pergunta Erik.

– Ele disse alguma coisa? – insiste Daniella.

– Quando?

– Agora... pelo telefone.

Erik olha pela porta que dá para a sala de estar e vê Simone e Benjamin sentados a ver o filme. Pensa na família de Tumba. A menina, a mãe e o pai. A feroz insanidade dos crimes.

– Porque achas que ele me ligou?

Daniella pigarreia.

– Deve ter convencido a enfermeira a levar-lhe um telefone. Perguntei à telefonista e ela disse-me que ele pediu para te ligar.

– Tens a certeza? – questiona Erik.

– Quando entrei, Josef estava a gritar, tinha arrancado os tubos. Dei-lhe alprazolam, mas disse uma quantidade de coisas sobre ti antes de adormecer.

– O quê? O que é que ele disse?

Erik ouve Daniella a engolir em seco do outro lado da linha e a

voz dela soa extremamente cansada ao responder:

– Que tu lhe tinhas fodido o cérebro, que devias deixar a irmã dele em paz, se não querias ser liquidado. Disse-o várias vezes. Que podias estar certo de que vai dar cabo de ti.

Terça-feira, dia 8 de dezembro, à noite

Há três horas que Joona deixou Evelyn na prisão de Kronoberg. Foi conduzida a uma pequena cela de paredes frias e grades horizontais, com uma janela embaciada. A um canto, o lavatório de aço inoxidável cheirava a vomitado. Quando Joona a deixou ali, Evelyn ficou junto do catre com o colchão de plástico verde encostado à parede, a olhar para ele com uma expressão de espanto.

Após a detenção, o procurador tem no máximo doze horas para decidir se a detida fica à disposição da Justiça ou é deixada em liberdade. Caso se decida pela prisão, tem um prazo até às doze horas do terceiro dia para apresentar no tribunal essa justificação. Se não o fizer, será posta em liberdade. Se solicitar a sua prisão, será na qualidade de «suspeita por indícios razoáveis» ou «suspeita por indícios racionais de criminalidade», que constitui o grau mais elevado de suspeição.

Joona encontra-se de novo no corredor da prisão, de piso de linóleo branco, brilhante. Passa ao longo de duas fileiras de portas esverdeadas das celas. Vê a sua própria imagem refletida nas placas metálicas com tranca e fechadura. Veem-se garrafas térmicas no chão, diante de cada uma das portas. Os armários com os extintores de incêndio estão assinalados a vermelho. E, perto da receção, há um carrinho de limpeza com dois sacos, um branco, para a roupa suja, e outro verde, para o lixo.

Joona para para trocar algumas palavras com um assistente social da ONG Individuell Människohjälp, dedicada à ajuda individual aos presos, e continua, depois, para a ala das mulheres.

No exterior de uma das cinco salas de interrogatórios da prisão está Jens Svanebjörn, o novo procurador da região de Estocolmo. Parece ter pouco mais de vinte anos de idade, mas, na realidade, já tem quarenta. Conserva um ar juvenil no olhar e no rosto, o que dá a impressão de nunca ter passado por qualquer situação comprometedora na sua vida.

– Evelyn Ek – diz Jens, dubitativo. – Foi ela que obrigou o irmão mais novo a matar a família?

– Foi isso o que o rapaz disse, quando...

– Embora nada do que Josef Ek tenha confessado sob hipnose possa ser usado – interrompe-o Jens. – Isso vai tanto contra o direito de manter silêncio como contra o direito de não dizer nada que o comprometa.

– Entendo, se bem que não se tenha tratado de um interrogatório: ele não era suspeito do assassinato – responde Joona.

Jens olha para o telemóvel e diz ao mesmo tempo:

– Basta que a conversa toque no assunto ligado à investigação preliminar para que seja considerada um interrogatório.

– Estou consciente disso, mas dei prioridade a outra questão – defende-se Joona.

– Imagino que sim, mas...

Jens cala-se e olha de soslaio para Joona, como se esperasse algo mais.

– Em breve, vou saber o que aconteceu – diz o comissário.

– Ainda bem – acrescenta Jens, parecendo satisfeito. – Isto porque o único conselho que recebi da minha antecessora, Anita Nidel, foi que, quando Joona Linna afirma que vai averiguar a verdade, é porque vai mesmo.

– Tivemos algumas discordâncias.

– Também o deu a entender – diz Jens, sorrindo.

– Posso entrar? – pergunta Joona.

– Tu és o responsável pela investigação, mas...

Jens Svane hjälm coça a orelha e murmura que não quer mais discutir conceitos, nada de resumos de interrogatórios, nada de divagações.

– Sempre que é possível, os meus interrogatórios são feitos em forma de diálogo – responde Joona.

– Então, se gravares a conversa, sou de opinião que não precisamos de nenhuma testemunha para o interrogatório, não na situação atual – diz Jens, anuindo.

– Já esperava isso.

– Vamos ouvir Evelyn Ek apenas para obter informações –

sublinha Jens.

– Queres que lhe diga que é suspeita? – pergunta Joona.

– Sobre essa questão és tu que vais decidir, mas o relógio não para. Não tens muito mais tempo.

Joona bate à porta e entra numa sala triste em que as persianas da janela foram descidas, não deixando ver as grades. Evelyn Ek está sentada numa cadeira, com os ombros tensos. O rosto está fechado, os maxilares contraídos, o olhar fixo no tampo da mesa. Os braços estão cruzados sobre o peito.

– Olá, Evelyn.

Ela levanta rapidamente o olhar, assustada. Joona Linna senta-se à sua frente. Tal como o irmão, ela é bonita. Os seus traços não têm nada de especial, mas são simétricos. Tem cabelos castanho-claros e uma expressão inteligente. Joona acha que, à primeira vista, ela possui um rosto que talvez pareça insignificante, mas que se torna cada vez mais bonito à medida que se observa mais demoradamente.

– Pensei que podíamos ter uma pequena conversa – diz ele. – O que te parece?

Ela encolhe os ombros, indiferente.

– Quando foi que tu e Josef se encontraram pela última vez?

– Não me lembro.

– Foi ontem?

– Não – reagiu ela, surpreendida.

– Foi há quantos dias?

– O quê?

– Quero saber quando viste Josef pela última vez – insiste Joona.

– Foi há muito tempo.

– Ele visitou-te na cabana?

– Não.

– Nunca? Nunca te visitou na cabana?

Ela encolhe um pouco os ombros.

– Não.

– Mas ele conhece a cabana, não é verdade?

Ela assente com a cabeça.

– Foi lá quando era criança – responde, fitando-o longamente com os seus olhos de um castanho suave.

– Quando foi isso?

– Não sei... Eu tinha dez anos. Nós pedimos a casa emprestada à tia Sonja, durante o verão, quando ela fez uma viagem à Grécia.

– E Josef nunca mais esteve lá depois disso?

O olhar de Evelyn voa repentinamente para a parede atrás de Joona.

– Penso que não – responde.

– Há quanto tempo vives na cabana da tua tia?

– Mudei-me para lá exatamente no início das aulas.

– Em agosto?

– Sim.

– Já moras lá, portanto, desde agosto. São quatro meses... numa pequena cabana na ilha de Värmdö. Porquê?

Deixa de novo o olhar vaguear por trás da cabeça de Joona.

– Para ter tranquilidade, para poder estudar – responde ela.

– Durante quatro meses?

Lentamente, ela muda de posição na cadeira, cruza as pernas e coça a testa.

– Preciso de ficar em paz – suspira.

– Quem é que te incomoda?

– Ninguém.

– Nesse caso, porque precisas de ficar em paz?

Evelyn sorri vagamente, sem alegria.

– Gosto de estar na floresta.

– O que é que estudas?

– Ciências Políticas.

– E vives da bolsa de estudo?

– Sim.

– Onde fazes as compras?

– Vou de bicicleta a Saltarö.

– Não fica longe?

Evelyn encolhe os ombros.

– Sim.

– Já encontraste lá alguém que conheças?

– Não.

O comissário observa a testa lisa e jovem de Evelyn.

– Não encontraste Josef por lá?

– Não.

– Evelyn, ouve bem – diz Joona, num tom diferente, agora ainda mais sério. – O teu irmão Josef afirma que foi ele o assassino do teu pai, da tua mãe e da tua irmã mais nova.

Evelyn olha fixamente para o tampo da mesa, as pestanas começam a tremer-lhe. As faces ficam um pouco coradas, perdem a palidez anterior.

– Ele tem apenas quinze anos – continua Joona.

O comissário observa-lhe as mãos finas e os cabelos bem penteados e brilhantes, que lhe caem sobre os ombros frágeis.

– Porque achas que ele admite ter matado a família?

– O quê? – pergunta ela, levantando os olhos.

– Ao que parece, achas que ele está a dizer a verdade.

– Acho?

– Não ficaste surpreendida quando te disse que ele confessou os assassinatos – arrisca. – Ou ficaste?

– Sim.

Evelyn permanece sentada totalmente imóvel na cadeira, gelada e extenuada. Uma ruga fina formou-se-lhe entre os olhos, na fronte lisa. Parece muito cansada. Mexe os lábios como se estivesse a rezar ou a murmurar para si mesma.

– Ele está preso? – pergunta, de repente.

– Quem?

Não olha para Joona quando responde, mas fala monotonamente, fixando a mesa:

– Josef. Meteram-no na cadeia?

– Tens medo dele?

– Não.

– Pensei que tinhas uma espingarda por ter medo dele.

– Eu costumo caçar – esclarece, enfrentando o olhar dele.

Joona pensa que há qualquer coisa de estranho nela, algo que ainda não descortinou. Nada do que é normal: culpa, raiva, ódio. Parece oferecer uma enorme resistência e Joona não consegue chegar a uma conclusão. Um mecanismo de defesa ou uma barreira de proteção que não se parece com nada do que vira até então.

– Lebres?

– Sim.

- Gostas de comer lebre?
- Nem por isso.
- Tem gosto a quê?
- Carne doce.

Joona recorda-se dela de pé, ao frio, em frente à cabana. Tenta relembrar os acontecimentos.

Erik Maria Bark acabara de lhe tirar a espingarda das mãos; tinha-a no braço, aberta. Evelyn olhava para ele de olhos semicerrados, à luz do sol. Esbelta e alta, os cabelos castanho-dourados apanhados num rabo de cavalo. Um casaco de penas prateado, *jeans* rasgados em baixo, os ténis molhados, os abetos por trás dela, o musgo no solo, os arbustos de mirtilos e os cogumelos.

De repente, Joona vislumbra uma inconsistência nas palavras de Evelyn. A ideia já lhe tinha perpassado, fugaz, pela mente, mas escapara. Agora, a contradição revela-se-lhe evidente. Quando falou com Evelyn na cabana da tia, ela ficou sentada, imóvel, no sofá de bombazina, com as mãos apertadas entre as coxas. No chão, aos seus pés, havia uma fotografia numa moldura em forma de cogumelo. Nessa fotografia, aparecia a irmã mais nova de Evelyn. Estava sentada entre os pais e a luz do sol refletia-se nos óculos dela.

A menina devia ter quatro anos, talvez cinco, na fotografia, pensa Joona. Por outras palavras, a fotografia não fora tirada há mais de um ano.

Evelyn afirmou que Josef não ia à cabana há muitos anos, mas ele descrevera a fotografia durante a hipnose.

É claro que podia haver mais cópias dessa foto, noutras molduras em forma de cogumelo, pensa Joona. Existia até a possibilidade de essa fotografia ter andado de um lado para o outro. E Josef podia ter estado na cabana, sem conhecimento de Evelyn.

Mas, diz para si mesmo, também pode ser uma contradição na história de Evelyn. Não é totalmente impossível.

– Evelyn – retorna Joona. – Estou a pensar numa coisa que disseste ainda há pouco.

Nesse instante, batem à porta da sala de interrogatórios. A rapariga sobressalta-se. Joona levanta-se e vai abrir. É o procurador-geral, Jens Svanebjälm, que pede que ele o acompanhe.

– Vou deixá-la sair – diz Jens. – Isto é uma estupidez, não temos absolutamente nada; um interrogatório sem validade com o irmão de quinze anos, que sugere ser ela...

Jens cala-se ao enfrentar o olhar de Joona.

– Já deveras ter encontrado alguma coisa – diz ele. – Ou não?

– Não importa – responde Joona.

– Está a mentir?

– Não sei, talvez...

Jens afaga o queixo, pensa.

– Dá-lhe uma sanduíche e um chá – diz finalmente. – E tens mais uma hora, antes de eu tomar a decisão de a manter presa ou não.

– Não é garantido que a conversa possa levar a algum lugar.

– Mas faz mais uma tentativa.

Joona traz um copo de plástico com chá inglês e uma sanduíche num prato de papel, e coloca-os em frente de Evelyn. Depois, senta-se.

– Achei que devias estar com fome.

– Obrigada – agradece, e parece um pouco mais alegre por alguns segundos.

A mão treme-lhe enquanto come a sanduíche. Depois, recolhe as migalhas no prato e limpa a mesa.

– Evelyn, na cabana da tua tia existe uma fotografia numa moldura em forma de cogumelo.

Evelyn confirma:

– Comprou-a em Mora, achou que ficaria bem na cabana. E...

Cala-se por instantes, enquanto sopra o chá demasiado quente.

– Têm mais molduras iguais essa?

– Não – diz ela, sorrindo.

– A fotografia sempre esteve na cabana?

– Onde é que quer chegar? – pergunta ela, em voz baixa.

– A lado nenhum, sucede apenas que o Josef falou dessa fotografia; deve tê-la visto. Portanto, pensei que talvez te tenhas esquecido de alguma coisa.

– Não.

– Era só isso – conclui Joona, levantando-se.

– Vai-se embora?

- Evelyn, eu confio em ti – diz Joona, sério.
- Todos parecem acreditar que eu estou envolvida.
- Mas não estás, não é verdade?

Ela nega com a cabeça.

- Assim, não – protesta Joona.

Ela enxuga as lágrimas das faces rapidamente.

– O Josef foi à cabana uma vez, de táxi, e levou um bolo – explica, com a voz entrecortada.

- No dia do teu aniversário?
- No dele... Era ele que fazia anos.
- Quando foi que isso aconteceu? – pergunta Joona.
- No dia 1 de novembro.
- Há pouco mais de um mês – diz ele. – E o que aconteceu?
- Nada – responde ela. – Fiquei surpreendida.
- Não te avisou que ia?
- Nós não mantemos contacto.
- Porque não?
- Preciso de ficar sozinha.
- Quem sabia que vivias na cabana?
- Ninguém, a não ser Sorab, o meu namorado... Isto é, o meu

ex-namorado, ele acabou comigo. Agora, somos apenas amigos, mas ajuda-me, diz a todos que eu vivo com ele, atende o telefone quando a minha mãe liga e...

- Porquê?
- Preciso de viver em paz.
- O Josef foi lá mais vezes?
- Não.
- Isto é importante, Evelyn.
- Não foi mais vezes – insiste ela.
- Porque me mentiste a esse respeito?
- Não sei – murmura.
- Sobre o que mais me mentiste?

Quarta-feira, dia 9 de dezembro, de tarde

Erik caminha entre os expositores iluminados da secção de joias do centro comercial NK. Uma mulher elegantemente vestida de preto fala em voz baixa com o seu cliente. Abre uma gaveta e retira um par de joias que coloca numa bandeja forrada de veludo. Erik para em frente de um dos expositores e admira um colar de Georg Jensen. Triângulos grossos, delicadamente talhados, unidos como pétalas em forma de coroa fechada. Uma joia brilhante que se assemelha a platina, mas é de prata polida. Erik pensa em como o bonito colar ficaria bem no pescoço fino de Simone e decide comprá-lo como presente de Natal.

Enquanto a empregada embrulha a joia em papel brilhante vermelho-escuro, o telemóvel começa a vibrar no bolso de Erik e ressoa de encontro à caixa de madeira com o índio e o papagaio. Tira o telemóvel e atende sem ver o número no visor.

– Erik Maria Bark.

Ouve-se um crepitar estranho na ligação e uma canção natalícia ao longe.

– Estou? – diz ele.

Então, ouve-se uma voz fraca:

– É o doutor Bark?

– Sim, sou eu.

– Queria saber se...

Erik suspeita de que há alguém a rir-se baixinho, em segundo plano.

– Com quem estou a falar? – pergunta secamente.

– Espere um pouco, doutor. Quero pedir-lhe uma coisa – continua a voz, agora manifestamente a gozar.

Erik está prestes a desligar quando, do outro lado, a voz exclama:

– Hipnotize-me! Quero ser...

Erik afasta o telemóvel do ouvido, desliga e tenta ver quem

ligou, mas o número não aparece. Um sinal indica que recebeu um SMS, também sem número. Abre a mensagem e lê: «*Pode hipnotizar um cadáver?*»

Confuso, Erik pega no saco dourado e vermelho contendo o presente de Natal e sai da loja. Na saída que dá para a Hamngatan, cruza o olhar com uma mulher de casaco preto, largo e comprido. Está parada debaixo de uma árvore de Natal de uns três metros de altura, e observa-o. Erik nunca a viu antes, mas o olhar dela é nitidamente hostil.

Com uma mão, abre a tampa da caixa que leva no bolso do sobretudo, e, com a outra, retira uma cápsula de *Codipront* que leva à boca e engole.

Sai, então, para o frio exterior. As pessoas amontoam-se diante das montras. Os duendes de Natal dançam numa paisagem decorada com guloseimas. Um caramelo com a boca enorme canta uma melodia natalícia. Crianças de alguma creche, vestidas com casacos amarelos por cima de macacões azuis, olham em silêncio.

O telemóvel toca de novo, mas desta vez Erik verifica o número antes de atender. Vê que é o indicativo de Estocolmo e atende, expectante:

– Erik Maria Bark.

– Olá, o meu nome é Britt Sundström. Trabalho para a Amnistia Internacional.

– Olá – responde ele, ainda na expectativa.

– Gostaria de saber se o seu paciente teve alguma possibilidade de recusar a hipnotização.

– Como diz? – pergunta Erik, enquanto olha para um enorme caracol a puxar um trenó com presentes de Natal, na montra.

Sente o coração a bater mais fortemente e a azia a formar-se no estômago.

– Kubark, o manual da CIA sobre tortura sem deixar pistas, de facto, considera a hipnose como um dos...

– O médico responsável fez a avaliação...

– Quer dizer que não tem qualquer responsabilidade?

– Acho que não devo fazer comentários sobre o caso – remata.

– Já foi denunciado à Polícia – corta ela, abruptamente.

– Ai sim? – responde, com voz fraca, e desliga.

Lentamente, começa a andar em direção à Sergels Torg, a torre de vidro iluminada, e à Kulturhuset. Na praça, está montada a feira de Natal, onde ouve um trompetista a tocar a famosa *Noite Feliz*. Vira para a Sveavägen e passa em frente a todas as agências de viagens. No exterior de uma loja 7-Eleven, para e lê os títulos dos tabloides do dia:

CRIANÇA ENGANADA PARA CONFESSAR O ASSASSINATO
DE TODA A FAMÍLIA
SOB HIPNOSE

ESCÂNDALO NO MUNDO DO HIPNOTISMO:
ERIK MARIA BARK
ARRISCA A VIDA DE UM JOVEM

Erik sente o sangue a latejar-lhe nas têmporas, estuga o passo, evitando os olhares das pessoas à sua volta. Passa pelo lugar onde foi assassinado o primeiro-ministro Olof Palme. Há três rosas vermelhas sobre a placa suja que assinala a tragédia. Erik ainda ouve alguém a chamar pelo seu nome e foge para dentro de uma loja de equipamentos de alta-fidelidade. O cansaço, que há pouco lhe transmitia uma sensação de embriaguez, é substituído por um estado febril, uma mistura de nervosismo e desespero. As mãos tremem-lhe ao procurar mais um comprimido de *Codipront*, um analgésico forte. O estômago arde-lhe quando o comprimido se dissolve e o produto químico se espalha pelas mucosas.

Na rádio, emitem um debate sobre se a hipnose como método de interrogatório deveria ser proibida. Um homem conta que, uma vez, sob hipnose, foi induzido a acreditar que era Bob Dylan.

«Eu sabia, claro, que não era verdade», dizia com uma voz arrastada. «Mas era como se fosse obrigado a dizê-lo. Sabia que estava hipnotizado, via o meu colega ali sentado, à minha espera, e, no entanto, acreditava que era Bob Dylan, falava em inglês, não conseguia deixar de o fazer, podia ter confessado tudo e mais alguma coisa.»

O ministro da Justiça diz, então, com o seu sotaque da região de Småland:

«Usar a hipnose como método de interrogatório é, sem dúvida, ilegal.»

«Portanto, Erik Maria Bark voltou a violar a lei?», perguntou o jornalista, incisivo.

«Essa é uma situação que a Procuradoria-Geral terá de decidir...»

Erik deixa a loja, mete-se por uma rua secundária e segue em direção a Luntmakargatan.

O suor escorre-lhe pelas costas ao chegar ao número 73 dessa rua, marca um código e abre a porta. Desajeitadamente, procura as chaves enquanto sobe no elevador. Mal abre a porta, dá a volta à chave, entra a cambalear na sala de estar, tenta tirar a roupa, mas não consegue evitar inclinar-se constantemente para a esquerda.

Liga a televisão e vê o presidente da Associação Sueca de Hipnose Clínica sentado num estúdio. Erik conhece-o bem, já viu muitos dos seus colegas afetados pela sua arrogância e ambição profissional.

«Expulsámos o doutor Bark há dez anos e mantemos a porta fechada», diz o presidente, com um meio sorriso.

«Isso vai influenciar a reputação da hipnose séria?»

«Todos os nossos membros seguem, estritamente, as regras éticas», responde, em tom de superioridade. «De qualquer forma, a Suécia, de facto, tem leis contra a charlatanice.»

Erik despe-se com movimentos desajeitados, senta-se no sofá e descansa, abre os olhos de novo ao ouvir um apito e vozes infantis na televisão. No pátio de uma escola iluminado pelo sol, está Benjamin, as sobranceiras franzidas, o nariz e as orelhas vermelhas, os ombros encolhidos; parece estar com frio.

«O teu pai já te hipnotizou alguma vez?», pergunta o repórter.

«O quê? Ah... Não, é claro que ele nunca...»

«Como é que sabes?», interrompe o repórter. «Se ele te hipnotizou, é quase certo que não terias consciência.»

«Não, é claro», diz Benjamin, surpreendido perante o descaramento do repórter.

«Como te sentirias se se viesse a saber que ele te hipnotizou?»

«Não sei.»

As faces de Benjamin ficam coradas.

Erik levanta-se e desliga a televisão, dirige-se ao quarto, senta-se na cama, tira as calças e coloca a caixa de madeira com o papagaio na gaveta da mesa de cabeceira.

Não quer pensar na nostalgia que cresceu dentro de si ao hipnotizar Josef Ek, ao acompanhá-lo pelo mar azul e profundo.

Deita-se, estende a mão para o copo de água em cima da mesa de cabeceira, mas adormece antes de ter tempo de beber.

*

Acorda, pensa ainda meio estremunhado no seu próprio pai a atuar em festas de aniversário de crianças, vestido de fraque, já preparado para fazer alguns truques, o suor a escorrer-lhe pelas faces. Fazia figuras com balões e sair flores de cores vivas de uma bengala oca. Ao chegar à velhice e após ter mudado da casa de Sollentuna para um lar de idosos, inteirou-se de que Erik praticava a hipnose clínica e quis organizar um número especial com ele. O pai no papel de ladrão de luva branca e Erik como hipnotista, a fazer com que os espectadores cantassem, imitando Elvis Presley e Zarah Leander.

Subitamente, já desperto, vê Benjamin na sua frente, cheio de frio, no pátio da escola, diante dos colegas e dos professores, o câmara e o repórter sorridentes.

Ergue-se e sente o ardor no estômago, pega no telefone da mesa de cabeceira e liga para Simone.

– Galeria Simone Bark – ouve-a dizer.

– Olá, sou eu.

– Espera um segundo.

Ele ouve os passos dela ecoarem no chão de madeira e, depois, a porta do escritório a fechar-se.

– O que aconteceu? – pergunta Simone. – O Benjamin telefonou-me e...

– Começou a perseguição dos meios de comunicação...

– Mas... ouve lá – interrompe-o –, o que é que fizeste?

– A médica responsável pelo paciente pediu-me para o hipnotizar.

– Mas confessar um crime sob hipnose é...

- Escuta, por favor – interrompe ele. – Será que me podes ouvir?
- Posso.
- Não se tratava de interrogatório – explica.
- Não faz diferença nenhuma o nome que se dá... – Simone cala-se. Erik ouve-lhe a respiração. – Desculpa – diz ela, em voz baixa.
- Não foi nenhum interrogatório. A Polícia queria ter uma pista, qualquer coisa, pois acreditavam que a vida de uma rapariga dependia dessa informação, e a médica responsável considerou que não havia perigo nenhum, que os riscos para a saúde do paciente eram relativamente pequenos.
- Mas...
- Pensávamos que ele era uma vítima e tentávamos salvar a vida da irmã.
- Erik guarda silêncio e ouve a respiração de Simone.
- Meteste-te numa boa – diz ela, com ternura na voz.
- Vai correr tudo bem.
- Achas?

Erik vai até à cozinha, dissolve um comprimido de *Treo Comp*¹ num copo de água e toma-o juntamente com um antiácido para a úlcera do estômago.

¹ Analgésico que contém cafeína e codeína, e que pode causar dependência. (N. do E.)

Joona olha pelo corredor vazio e escuro. Em breve, serão oito horas da noite, está sozinho no departamento. Nas janelas, estão penduradas as estrelas do Advento e os candeeiros elétricos criam um resplendor suave e redondo ao refletir-se nos vidros escuros. Anja deixou uma taça com doces da época em cima da sua secretária, e ele não resiste e come demasiados, enquanto redige o relatório do interrogatório a Evelyn.

Depois de terem ficado evidentes as primeiras mentiras da rapariga, o procurador decidiu mantê-la presa preventivamente. Informou-a sobre as suspeitas de ela estar implicada nos assassinatos e o direito de ser assistida por um advogado de defesa. Com essa decisão, ficou com um prazo de três dias para decidir se solicitaria o seu encarceramento. Nessa altura, teriam de apresentar indícios suficientemente sólidos se quisessem que o tribunal considerasse a possibilidade de ela ser culpada, ou, pelo contrário, teriam de a deixar em liberdade.

Joona sabe muito bem que as mentiras de Evelyn não significam de modo nenhum que ela seja culpada de qualquer delito, mas fica com três dias para averiguar o que ela está a ocultar e porquê.

Imprime o relatório, coloca-o no cesto de saída do correio para ser entregue ao procurador, verifica se a sua pistola está fechada à chave no armário, desce no elevador, deixa o edifício da Judicária e entra no carro.

Perto de Fridhemsplan, Joona ouve o toque do telemóvel, mas não consegue tirá-lo do bolso do sobretudo. Aparentemente, o aparelho escapara-se por um buraco no forro. O semáforo fica verde e os carros atrás dele começam a buzinar. Imediatamente, desvia-se para uma paragem de autocarros, em frente do restaurante dos Hare Krishna, encontra o telemóvel e responde à chamada.

– Está lá? Aqui é Joona Linna. Ligaste há pouco.

– Ah, ótimo – diz o polícia, Ronny Alfredsson. – Não sabemos

exatamente o que fazer.

- Já falaram com Sorab Ramadani, o namorado de Evelyn?

- Não correu nada bem.

- Verificaram no emprego?

- Não é isso – explica Ronny. – Ele está aqui, no apartamento, mas não quer abrir a porta, não quer falar connosco. Grita para nos irmos embora, que estamos a incomodar os vizinhos, que estamos a acoossá-lo por ele ser muçulmano.

- Que lhe disseram?

- Nada de mais. Apenas que precisávamos de ajuda num assunto. Fizemos exatamente o que nos recomendaste.

- Estou a ver – diz Joona.

- Podemos forçar a porta?

- Vou para aí. Deixem-no ficar sossegado por agora.

- Devemos ficar no carro em frente da porta?

- Sim, por favor.

Joona coloca a sirene no capô do carro, dá meia-volta, passa pelo arranha-céus do *Dagens Nyheter* e atravessa a ponte Västebro. Na escuridão da noite, brilham as luzes e as janelas da cidade, e o céu parece uma cúpula cinzenta, brumosa, por cima delas.

Volta a pensar nas cenas dos crimes e sente que há algo de peculiar no padrão utilizado. Certas circunstâncias parecem simplesmente incongruentes. Ao parar num cruzamento com sinal vermelho na Heleneborgsgatan, aproveita para consultar o caderno que colocara no assento ao lado. Passa os olhos rapidamente pelas fotografias do pavilhão desportivo. Três chuveiros sem divisórias entre si. A luz do *flash* da máquina fotográfica reflete-se nos azulejos brancos. Numa das fotos vê-se um utensílio com cabo de madeira para secar a água do chão. Está encostado contra a parede. As lâminas de borracha da base estão rodeadas por uma poça de sangue, água e sujidade, cabelos, pensos e um frasco de gel de banho.

No chão, perto do ralo, vê-se um braço inteiro. A articulação está à vista, a cartilagem e o tecido muscular cortados. A faca de caça com a ponta quebrada está caída no chuveiro.

Nålen encontrou essa ponta com a ajuda de uma TAC. Estava alojada no osso pélvico de Anders Ek.

O seu corpo dilacerado fora deixado no chão, entre um banco de madeira e as cadeiras de plástico amolgado. De um gancho pende um casaco desportivo vermelho. Há sangue por todo o lado: no chão, nas portas e nos bancos.

Joona tamborila com os dedos no volante à espera de que o semáforo fique verde e pensa na enorme quantidade de pegadas, impressões digitais, fibras e fios de cabelo que os técnicos encontraram. Trata-se de enormes quantidades de ADN, de centenas de pessoas, mas, por enquanto, não há nada que possa relacionar-se com Josef Ek. Grande parte do ADN obtido estava contaminado, e as misturas eram tão complexas que as análises laboratoriais da Medicina Legal se tinham complicado.

O comissário explicou aos técnicos que deviam concentrar-se na procura de amostras de ADN do pai em Josef Ek, que a grande quantidade de sangue que cobria o seu corpo, no segundo local do crime, não tinha qualquer relevância. Todos os membros da família encontrados na vivenda estavam banhados em sangue uns dos outros. Que Josef estivesse manchado com sangue da irmã não era mais estranho do que o facto de ela estar com o dele. Mas se encontrassem sangue do pai em Josef ou impressões digitais do rapaz no balneário, nesse caso poder-se-ia relacioná-lo com ambos os locais dos crimes. Bastaria estabelecer uma conexão entre ele e o balneário para se poder fundamentar a acusação.

No Hospital de Huddinge, Sigrid Krans, uma das médicas, recebera instruções do Instituto de Medicina Legal, em Linköping, que faz as análises de ADN na Suécia, para recolher amostras biológicas em Josef.

Ao passar pelo parque Högalid, Joona liga para Erixon, um tipo corpulento, responsável pelo trabalho dos técnicos criminologistas na investigação dos locais dos crimes de Tumba.

– Já chega! – atende uma voz grossa.

– Erixon? – pergunta Joona. – Erikson? Há sinal de vida por aí? – brinca.

– Estou a dormir – foi a resposta de quem se sente cansado.

– Desculpa.

– Deixa lá, na realidade, vou a caminho de casa.

– Encontraram alguma coisa do Josef no balneário? – pergunta

Joona.

- Não.
- É claro que sim, devem ter encontrado qualquer coisa.
- Não – repete Erixon.
- Acho que estão a trabalhar mal.
- Estás enganado – responde Erixon calmamente.
- Pressionaste os nossos amigos em Linköping? – pergunta

Joona.

- Com toda a minha força!
- E?
- Não encontraram nem pingo de ADN do pai em Josef.
- Não acredito nisso – diz Joona. – Com os diabos, ele estava

banhado em...

- Nem uma gota – interrompe Erixon.
- Não joga.
- Aliás, eles pareciam muito contentes quando o anunciaram.
- LCN¹?
- Nem uma microgota, nada.
- Porra... Não é possível termos tanto azar.
- É possível, sim.
- Não.
- Infelizmente, desta vez, vais ter de te render.
- Pois.

Chamada interrompida, Joona pensa que, por vezes, aquilo que pode parecer um enigma indecifrável depende tão-somente de um pequeno acaso. O *modus operandi* do agressor, nos dois locais dos crimes, é idêntico: as facadas dadas com raiva e as tentativas de esquartejamento. Por isso mesmo, é muito estranho que não tenham encontrado vestígios do sangue do pai em Josef, se é que este foi o autor dos crimes. Ele tinha de estar banhado com o sangue dos diferentes corpos, pensa Joona, voltando a telefonar para Erixon.

- Sim?
- Estive a pensar numa coisa.
- Em vinte segundos apenas?
- Levaram amostras do balneário das mulheres?
- Ninguém foi lá. A porta estava fechada à chave.
- A vítima, certamente, tinha chave.

– Mas...

– Verifiquem o ralo do chuveiro das mulheres – diz Joona.

Depois de ter contornado Tantolund, conduz o carro por uma faixa para peões e estaciona diante dos edifícios altos que dão para o parque. Procura descobrir o carro da polícia que devia estar à espera dele, confere o endereço e admite a hipótese de Ronny e o seu colega se terem enganado na porta. Franze os lábios. Isso explicaria o facto de Sorab não querer abrir-lhes a porta, visto que, nesse caso, o tipo em questão nem sequer se chamaria Sorab.

O ar noturno é frio. Caminha rapidamente em direção à entrada da casa, e relembra a maneira como Josef descreveu a cena na vivenda durante a hipnose. A julgar pela versão do rapaz, este não fez nada para esconder o crime, não se protegeu. Não pensou nas consequências e permitiu até que o sangue o empapasse por completo. Joona Linna admite, então, que, durante a hipnose, Josef Ek apenas tenha descrito o que sentira no momento de cometer os crimes, um impulso furioso e confuso, ao passo que, na realidade, atuara metodicamente, vestira um impermeável comprido, da cabeça aos pés, e tomara um duche no balneário das mulheres, antes de se dirigir à vivenda.

Pensa que tem de falar com a médica Daniella Richards e perguntar-lhe se ela acha que Josef Ek estará em condições de ser interrogado.

Entretanto, entra no edifício e vê o seu rosto refletido nos azulejos pretos da parede da entrada, recoberta com um padrão axadrezado. Examina-se, vê a cara pálida, enregelada, o olhar sério e os cabelos loiros despenteados. Diante do elevador, liga novamente para Ronny, mas ninguém atende. Talvez tenham feito uma última tentativa e Sorab os tenha deixado entrar no apartamento. Chega ao sexto andar, espera que uma mãe com um carrinho de bebé saia do elevador, dirige-se para a porta de Sorab e toca à campainha.

Aguarda um momento, bate à porta, espera alguns segundos, levanta com a mão a patilha da caixa do correio e chama:

– Sorab? O meu nome é Joona Linna. Sou comissário da Polícia Judiciária.

Ouve-se um ruído por trás da porta, como se alguém se tivesse

encostado a ela pesadamente, mas, depois, se tivesse afastado.

– És a única pessoa que sabia onde Evelyn se encontrava – continua.

– Eu não fiz nada – diz uma voz masculina e grave, no interior do apartamento.

– Mas...

– Não sei de nada – grita.

– Está bem – diz Joona. – Mas eu quero que abras a porta, olhes para mim e me digas que não sabes de nada.

– Vá-se embora.

– Abre a porta.

– Foda-se... não podem deixar-me em paz? Eu não tenho nada a ver com isso, não quero envolver-me.

O seu tom de voz denota uma grande angústia. Fica em silêncio, respira fundo e bate com a mão nalguma coisa, lá dentro.

– A Evelyn está bem – diz Joona.

Ouve-se um pequeno ruído na portinhola do correio.

– Achei que...

Cala-se.

– Precisamos de falar contigo.

– É verdade que não aconteceu nada à Evelyn?

– Abre a porta.

– Já disse que não.

– Seria bom vires connosco.

Novo silêncio, por alguns momentos.

– Ele já aqui esteve? – pergunta Joona, de repente.

– Quem?

– Josef?

– Quem é?

– O irmão da Evelyn.

– Nunca esteve aqui – responde Sorab.

– Quem é que esteve aqui, então?

– Não percebe que não quero falar consigo?

– Quem é que esteve aqui?

– Acaso lhe disse que alguém esteve aqui? Está a tentar enganar-me.

– Não, claro que não.

De novo, silêncio. Depois, ouve-se um soluço angustiado por trás da porta.

– Ela está morta? – pergunta Sorab. – A Evelyn morreu?

– Porque perguntas?

– Não quero falar consigo.

Joona ouve o som de passos que se afastam e, depois, uma porta a fechar-se. Começa a ouvir-se uma música com o volume altíssimo. Ao descer as escadas, pensa que certamente alguém deve ter ameaçado Sorab para lhe dizer onde Evelyn se escondia.

Sai para o frio da noite e vê dois homens com blusões da academia Pro Gym à espera junto do seu carro. Ao ouvirem os seus passos, voltam-se para ele. Um deles está apoiado no capô com o telemóvel na orelha. Joona examina-os rapidamente. Aparentam ambos uns trinta anos de idade. O que está encostado ao capô tem o cabelo rapado, enquanto o outro tem um penteado de menino. Joona calcula que este último deve pesar mais de cem quilos. Talvez pratique artes marciais, *aikido*, karaté ou *kickboxing*. Provavelmente, consome hormonas de crescimento, pensa. O outro talvez tenha uma faca, mas possivelmente não tem qualquer arma de fogo.

Uma fina camada de neve cobre os canteiros de relva.

Joona dá meia-volta como se não tivesse notado a presença dos dois homens e começa a andar na direção da passagem iluminada de peões.

– Ei, pá – chama um deles.

Joona finge não ouvir e continua a caminhar em direção ao poste de iluminação com um pequeno recipiente do lixo esverdeado.

– Não vais levar o carro?

Joona para e olha de relance para a fachada do edifício. Percebe, então, que o tipo encostado ao capô está a falar por telemóvel com Sorab, e que este os observa da janela.

O mais corpulento dos dois aproxima-se cautelosamente e Joona vira-se, disposto a enfrentá-lo.

– Sou da Polícia – apresenta-se.

– E eu sou um macaquinho do zoológico – diz o outro.

Joona pega rapidamente no telemóvel e liga para Ronny de

novo. A melodia *Sweet Home Alabama* começa a tocar no bolso do homem. Este abre um largo sorriso e atende o telefone de Ronny.

– Sim, daqui é o chui.

– Afinal, o que está a acontecer aqui? – pergunta Joona.

– Deixa o Sorab em paz, ele não quer falar.

– Vocês acham que estão a ajudá-lo com...

– Isto é um aviso – interrompe o outro. – Estou-me a cagar para quem sejas; simplesmente, afasta-te do Sorab.

Joona compreende que a situação pode tornar-se perigosa, lembra-se de que deixou a pistola no armário da polícia e olha em volta à procura de qualquer coisa que lhe possa servir de arma.

– Onde estão os meus colegas? – pergunta, com voz tranquila.

– Ouviste o que eu disse? Deixa o Sorab em paz.

O homem na sua frente passa a mão pelo cabelo, com a respiração acelerada, aproxima-se um pouco de Joona e levanta o tacão do pé mais recuado, alguns centímetros do chão.

– Já treinei isso quando era mais jovem – diz Joona. – E, se me atacares, vou ter de me defender e prendê-los aos dois.

– Já estou a tremer – diz o que está apoiado no capô do carro.

Joona não tira os olhos do tipo com o penteado de miúdo.

– Estás a pensar dar-me um pontapé nas pernas, não? – diz Joona. – Sabes que és desajeitado de mais para me atingires mais acima.

– Idiota – gagueja o outro.

Joona vira-se um pouco de lado, adotando uma linha de defesa.

– Se resolveres dar-me um pontapé – prossegue –, não vou recuar, como estás habituado. Vou acertar-te atrás do joelho da outra perna e, quando caíres para trás, aplico-te uma cotovelada no pescoço com este braço.

– Esse tipo só tem paleio – diz o tipo do carro.

– É isso mesmo – chia o outro.

– E tu, que tens a língua comprida, vais acabar por mordê-la – acrescenta Joona.

O tipo com o penteado de miúdo balança o corpo um pouco e, quando atira o pontapé, o movimento é mais lento do que o esperado. Joona já tinha dado um passo em frente, quando o outro iniciara o movimento da anca. E, antes que a perna se esticasse e

alcançasse o alvo, Joona assentara-lhe um pontapé com toda a força na dobra da outra perna, na qual apoiava todo o seu peso. Desequilibrado, o homem cai de costas, e, simultaneamente, Joona vira-se e atinge-o com o cotovelo no pescoço.

¹ LCN (do acrónimo inglês *Low Copy Number*), processo de análise de amostras que contenham um número muito baixo de moléculas de ADN. (*N. do E.*)

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, de manhã

São apenas cinco e meia da manhã quando se ouvem várias pancadas algures no apartamento. Simone ouve o barulho como se fosse parte de um sonho frustrante em que tem de levantar várias chávenas e tampas de porcelana. Tenta compreender as regras, mas engana-se. Um rapaz bate na mesa e aponta para o erro que ela cometeu. Simone vira-se na cama durante o sono, resmunga, abre os olhos e, de repente, fica bem acordada.

Alguém ou alguma coisa está a bater dentro do apartamento. Tenta localizar o ruído no escuro, permanece completamente imóvel, e escuta, mas as pancadas cessaram.

Ouve Erik a ressonar ligeiramente, ao seu lado. Há batidas nas canalizações. O vento sopra contra os vidros das janelas.

Simone chega a pensar que deve ter ampliado os sons durante o sono, quando, de repente, voltam a ouvir-se as pancadas. Alguém deve estar dentro do apartamento. Erik tinha tomado os seus comprimidos e dorme profundamente. O som do motor de um carro, na rua, ressoa através das vidraças. Os roncoss de Erik ficam mais abafados quando ela coloca a mão sobre o seu braço. Ele vira-se, a dormir, e sopra. Tão silenciosamente quanto pode, Simone levanta-se da cama e desliza pela porta do quarto, que estava meio aberta.

Há uma luz acesa na cozinha. Ao passar pelo *hall* de entrada, em bicos de pés, vê reflexos de luz no teto, como se fosse uma nuvem azulada de gás. É da lâmpada do frigorífico. As suas portas e as do congelador estão abertas de par em par. Caem gotas de água do congelador, e a água espalhou-se pelo chão da cozinha. As gotas provêm dos alimentos em processo de descongelamento e tombam no chão, produzindo pequenas pancadas.

Simone sente que está muito frio na cozinha. E cheira a fumo de cigarro.

Olha para o corredor.

Descobre, então, que a porta de entrada está aberta de par em par.

Corre apressada para o quarto de Benjamin, mas comprova que ele está deitado e dorme tranquilamente. Por uns momentos, fica ali, ao lado da cama, a ouvir a respiração regular do filho.

Ao voltar para fechar a porta de entrada, sente um sobressalto no coração. Há alguém no umbral da porta. O homem faz-lhe um gesto com a cabeça e estende-lhe um objeto. Leva uns segundos a perceber que é o distribuidor de jornais, que lhe quer entregar o diário da manhã. Ela recebe-o e agradece. Quando, por fim, fecha a porta à chave, dá conta de que está a tremer dos pés à cabeça.

Acende as luzes todas e revista o apartamento. Nada parece faltar.

Está de joelhos, na cozinha, a limpar o chão, quando Erik entra. Este procura um pano, atira-o ao chão e começa também a secá-lo com os pés.

– Com certeza, fui eu que me levantei durante o sono – diz ele.

– Não – replica ela, exausta.

– A vinda ao frigorífico é típica. Vais ver que estava com fome.

– Não tem graça nenhuma. Eu tenho o sono muito leve... Acordo sempre que te viras na cama ou paras de rressonar. Acordo quando o Benjamin vai à casa de banho, ouço quando...

– Deves ter sido tu que te levantaste durante o sono.

– Então, explica-me como é que a porta da entrada estava aberta, vá lá, explica... – mas cala-se, não sabe se deve contar o que aconteceu ou não. – Senti perfeitamente o cheiro a tabaco, aqui na cozinha – diz finalmente.

Erik ri-se e Simone fica corada, aborrecida.

– Porque não acreditas que alguém esteve aqui dentro? – pergunta, irritada. – Depois de toda a merda que saiu nos jornais... porra, não é de estranhar que algum louco tenha entrado aqui e...

– Deixa-te de histórias – interrompe ele. – Não tem lógica, Sixan. Quem? Quem é que iria querer entrar no nosso apartamento, abrir o frigorífico e o congelador, fumar um cigarro e ir-se embora?

Simone atira o pano ao chão:

– Não sei, Erik! Não sei, mas tenho a certeza de que alguém entrou cá em casa!

– Tem calma! – exclama Erik, irritado.

– Como queres que tenha calma?!

– Posso dizer-te o que penso? Na minha opinião, não é estranho que aqui cheire a tabaco. Provavelmente, algum dos vizinhos ficou perto do ventilador das cozinhas a fumar. Neste prédio, as cozinhas partilham o mesmo ventilador da chaminé. Ou, então, algum sacana pôs-se a fumar na escada...

– Não faças pouco de mim... – replica ela num tom cortante.

– Mas, por amor de Deus, Sixan, põe o orgulho de lado, por favor. Estou convencido de que tem de haver uma explicação lógica para tudo isto, e, a qualquer momento, vamos encontrá-la.

– Quando acordei, senti que havia alguém no apartamento – diz ela, em voz baixa.

Erik suspira e sai da cozinha. Simone olha para o pano todo sujo que usou para secar o chão.

Benjamin entra na cozinha e senta-se à mesa no lugar habitual.

– Bom-dia – diz ela.

Ele suspira e segura a cabeça entre as mãos.

– Porque é que tu e o pai estão sempre a mentir um ao outro?

– Isso não é verdade – responde-lhe.

– Não?

– Tu achas?

Benjamin não responde.

– Se estás a pensar no que eu te disse no táxi ao voltar de...

– Eu penso em muitas coisas! – interrompe o rapaz em voz alta.

– Não precisas de gritar.

– Esquece o que eu disse – suspira ele.

– Não sei o que vai acontecer comigo e com o teu pai. Não é fácil – explica. – Se calhar, tens razão e só nos estamos a enganar a nós mesmos, mas isso não é a mesma coisa que mentir.

– És tu que o dizes – replica Benjamin, em voz baixa.

– Estás a pensar em mais alguma coisa?

– Não existem fotografias minhas de quando eu era pequeno.

– Claro que existem – responde ela, a sorrir.

– Refiro-me a quando era recém-nascido – atalha Benjamin.

– Já sabes que tive alguns abortos antes... Bom, ficámos tão felizes quando nasceste que até nos esquecemos de tirar fotos.

Lembro-me exatamente de como eras em bebé, das tuas orelhinhas enrugadas e...

– Para com isso – grita Benjamin e corre para o quarto.

Erik volta à cozinha e deita um comprimido de *Treo Comp* num copo de água.

– O que se passa com o Benjamin?

– Não sei – murmura ela.

Erik bebe o medicamento encostado ao balcão da cozinha.

– Ele acha que nós mentimos a respeito de tudo – diz ela.

– Isso acontece com todos os adolescentes.

Erik arrota silenciosamente.

– Acabei por lhe contar que nos vamos separar – confessa ela.

– Como podes ter feito semelhante estupidez?

– Disse apenas o que sentia naquele momento.

– Bolas!, não podes pensar só em ti.

– Não sou eu que não ajo corretamente. Não fui eu que andei a dormir com estagiárias, não fui...

– Cala-te! – grita-lhe Erik.

– Não sou eu que toma uma porção de comprimidos para...

– Tu não sabes de nada!

– Sei que tomas uma série de analgésicos fortíssimos.

– E o que é que tu tens com isso?

– De que te queixas, Erik? Conta-me...

– Eu sou médico e acho que posso avaliar um pouco melhor do que...

– Mas não consegues enganar-me – interrompe-o.

– O que queres dizer com isso? – pergunta ele, a rir.

– Estás viciado, Erik. Já não fazemos amor há muito tempo, porque tu tomas todos esses medicamentos fortes que...

– Talvez eu não queira – replica ele. – Porque haveria de querer, se estás sempre insatisfeita comigo?

– Então, separemo-nos – lança ela.

– Está bem – responde Erik.

Simone não consegue olhar para ele. Simplesmente, sai devagar da cozinha, e sente o pescoço a ficar tenso e a garganta a doer-lhe. As lágrimas picam-lhe nos olhos.

Benjamin fechara a porta do quarto e tem o volume da música

tão alto que as paredes e as portas estremecem. Simone fecha-se na casa de banho, apaga a luz e chora.

– Que merda! – ouve Erik a gritar na entrada de casa, antes de a porta se abrir e, em seguida, fechar-se com estrondo.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, de manhã

Não eram ainda sete horas da manhã e já Joona Linna recebia um telefonema de Daniella Richards. A médica telefonava para lhe comunicar que, na sua opinião, Josef já estava em condições de aguentar um breve interrogatório, embora ainda continuasse no quarto ao lado da sala de operações.

Ao meter-se no carro para ir ao hospital, Joona sente uma dor no cotovelo. Lembra-se, então, da noite anterior, do brilho azul do carro-patrolha a refletir-se na fachada do edifício de Sorab Ramadani, em Tantolund. O grandalhão com penteado de miúdo cuspira sangue pela boca e gaguejara algo sobre a língua, enquanto era enfiado no assento traseiro do carro-patrolha. Ronny Alfredsson e o seu colega, Peter Jysk, foram encontrados na cave do prédio. Tinham sido ameaçados com facas e fechados à chave. Depois, os dois fanfarrões haviam levado o carro-patrolha para o parque de estacionamento de outro edifício.

Joona regressou ao prédio de Sorab, tocou à campainha de novo e disse-lhe que os seus dois guarda-costas estavam presos e que, se não abrisse a porta, os seus homens forçariam a entrada.

Sorab deixou-o entrar, ofereceu-lhe um assento no sofá de couro azulado, preparou um chá de camomila e pediu-lhe desculpa pelos amigos.

Ramadani era um tipo de tez pálida e com os cabelos presos num rabo de cavalo. Parecia nitidamente ansioso, e olhava à volta a todo o instante. Voltou a desculpar-se ao comissário pelo sucedido, e explicou-lhe que tinha tido muitos problemas nos últimos tempos.

– Foi por isso – disse em voz baixa – que resolvi contratar os dois guarda-costas.

– Que tipo de problemas tiveste? – perguntou Joona, bebendo um pouco de chá quente.

– Anda alguém atrás de mim.

Sorab levantou-se e foi até à janela.

– Quem? – quis saber Joona.

Com uma voz monótona, de costas para Joona, o jovem respondeu que não gostaria de falar no assunto.

– Sou obrigado a falar? – perguntou a seguir. – Não terei direito de ficar em silêncio?

– Sim, tens esse direito – concedeu Joona.

– Pois então – disse Sorab, encolhendo os ombros.

– Mas gostaria que falasses comigo – insistiu Joona. – Talvez te possa ajudar. Já pensaste nisso?

– Muito obrigado – agradeceu Sorab, sem deixar de olhar pela janela.

– É o irmão da Evelyn que...?

– Não – interrompeu-o bruscamente.

– Não foi o Josef Ek que esteve aqui?

– Ele não é irmão dela.

– Quem é ele, então?

– Não sei quem ele é, mas sei que não é irmão da Evelyn. É outra coisa.

Após ter afirmado que Josef não era irmão de Evelyn, Sorab voltou a mostrar-se visivelmente inquieto. Passou a falar de futebol, da liga alemã, e tentou fugir a várias outras perguntas. Joona ficou a imaginar o que Josef lhe teria dito, o que teria feito, de que modo amedrontara Sorab ao ponto de ele lhe revelar onde Evelyn se encontrava.

Joona dobra uma esquina e estaciona diante da ala de Neurocirurgia, sai do carro, entra pela porta principal, sobe no elevador até ao quinto andar, percorre o corredor, cumprimenta o polícia de guarda à porta e entra no quarto onde Josef se encontra. Uma mulher levanta-se de uma cadeira ao lado da cama e apresenta-se:

– Lisbet Carlén. Sou assistente social e estou aqui para dar apoio a Josef durante o interrogatório.

– Muito bem – diz Joona, cumprimentando-a.

A mulher olha-o de um modo que ele, por algum motivo, acha simpático.

– Vai ser o responsável pelo interrogatório? – pergunta ela,

interessada.

– Sim. Desculpe, chamo-me Joona Linna e sou comissário da Polícia Judiciária. Já falámos por telefone.

A intervalos regulares, ouve-se no quarto o borbulhar do dispositivo de drenagem, a bomba que está ligada por uma sonda à pleura perfurada de Josef. Deste modo fica assegurada a pressão que deixou de existir naturalmente, e permite que os pulmões possam funcionar durante o processo de cura.

Lisbet Carlén informa-o em voz baixa de que a médica lhe explicou que o rapaz deve permanecer deitado, absolutamente imóvel, pois, de contrário, corre o risco de sofrer novas hemorragias no fígado.

– Não vou pôr em risco a saúde dele – esclarece Joona, ao mesmo tempo que coloca o gravador na mesa de cabeceira, ao lado de Josef.

Faz um sinal interrogativo a Lisbet, que concorda com a cabeça. Ele liga o gravador e começa a falar. Descreve a situação em que é feito o interrogatório, diz que Josef Ek será ouvido com fins informativos, que é sexta-feira, dia 11 de dezembro, oito horas e quinze minutos da manhã. Em seguida, menciona que pessoas se encontram no quarto.

– Olá – diz em seguida, dirigindo-se ao rapaz.

Josef fixa-o, com os olhos pesados.

– O meu nome é Joona... Sou comissário da Polícia Judiciária.

Josef fecha os olhos.

– Como estás?

A assistente social olha pela janela.

– Consegues dormir com esse borbulhar constante do aparelho?

– pergunta Joona.

Josef mexe a cabeça, afirmativamente.

– Sabes porque estou aqui?

O rapaz abre os olhos e nega com a cabeça lentamente. Joona espera enquanto lhe observa o rosto.

– Houve um acidente – diz Josef. – Toda a minha família sofreu um acidente.

– Ninguém te contou o que aconteceu? – pergunta Joona.

– Talvez um pouco – responde, com voz fraca.

– Ele recusa-se a falar com psicólogos e assistentes sociais – intervém Lisbet Cardén.

Joona recorda que a voz de Josef era totalmente diferente durante a hipnose. Agora, repentinamente, é frágil, quase inaudível, sempre inquisitiva.

– Acho que sabes o que aconteceu.

– Não precisas de responder – apressa-se a advertir a assistente social.

– Tu tens quinze anos – continua Joona.

– Sim.

– O que fizeste no dia do teu aniversário?

– Já não me lembro – diz Josef.

– Recebeste presentes?

– Estive a ver televisão – responde Josef.

– Foste a casa de Evelyn? – pergunta Joona, em tom neutro.

– Sim.

– Ao apartamento dela?

– Sim.

– Ela estava lá?

– Sim.

Silêncio.

– Não, não estava – corrige Josef, hesitante.

– Onde é que ela estava, então?

– Na cabana – responde.

– A cabana é bonita?

– Bonita, não... mas é acolhedora.

– Ela ficou contente por te ver?

– Quem?

– A Evelyn.

Silêncio.

– Levaste alguma coisa contigo?

– Um bolo.

– Um bolo? Era bom?

O rapaz indica que sim.

– A Evelyn também gostou? – continua Joona.

– Ela só gosta do que é bom – responde Josef.

– Deu-te algum presente?

- Não.
- Mas ela deve ter cantado, talvez...
- Ela não queria dar-me o meu presente – confessa, magoado.
- Foi isso que ela te disse?
- Sim, foi – apressa-se a responder.
- Porquê?

Silêncio.

- Estava zangada contigo? – pergunta Joona.

Ele assente.

- Queria que fizesses alguma coisa que não querias fazer? – continua Joona, calmamente.

- Não, ela...

Josef pronuncia o resto da frase num murmúrio.

- Não ouvi, Josef.

Ele continua a sussurrar. Joona aproxima-se e inclina-se sobre ele, para tentar ouvir as palavras.

- Maldito cabrão! – grita-lhe Josef ao ouvido.

Joona assusta-se, dá alguns passos em volta da cama, esfrega a orelha e tenta sorrir. O rosto do rapaz está cinzento como a noite, ao grunhir:

- Vou descobrir onde está aquele maldito hipnotista e vou dar cabo do pescoço dele à dentada. Vou acabar com ele e com a sua...

A assistente social precipita-se para a cama e tenta desligar o gravador.

- Josef! Tu tens o direito de ficar em silêncio se...

- Não se meta nisto – interrompe-a Joona.

Ela fita-o, indignada, e diz-lhe a tremer:

- Antes do interrogatório, devia tê-lo informado...

– Não, está enganada, não existe lei nenhuma que impeça isso – contrapõe Joona, elevando a voz. – Ele tem direito a ficar em silêncio, é verdade, mas não existe qualquer lei que me obrigue a informá-lo sobre esse direito.

- Então, desculpe.

– Está bem – murmura Joona, e volta-se de novo para Josef. – Porque estás zangado com o hipnotista?

- Não preciso de responder às tuas perguntas – replica ele, e faz um gesto com a cabeça em direção à assistente social.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, de manhã

Erik desce as escadas a correr, sai pela porta principal e para na rua Sveavägen. Sente que o suor nas costas arrefece. Tem tonturas, está angustiado, ainda não compreende como pôde ser tão estúpido ao ponto de rejeitar Simone, só porque se sentiu ferido. Lentamente, continua a caminhar em direção a Odenplan e senta-se num banco da praça, em frente da biblioteca. A atmosfera está fria. Há um homem a dormir um pouco adiante, debaixo de uma grossa camada de cobertores.

Erik levanta-se e começa a caminhar em direção a casa. Compra alguns bolos numa padaria e um café com leite para Simone. Apressa-se no regresso e sobe as escadas a grandes passadas. A porta está fechada à chave, abre-a e dá-se conta imediatamente de que o apartamento está vazio. Erik decide então que tem de demonstrar a Simone que pode confiar nele. Custe o que custar, vai convencê-la de novo. Toma o café, de pé, junto à mesa da cozinha, sente náuseas e toma um antiácido.

Ainda não são nove da manhã. O seu turno no hospital está marcado para dentro de algumas horas. Pega num livro e vai para a cama, mas, em vez de ler, começa a pensar em Josef Ek. Pergunta-se se o detetive Joonas Linna vai conseguir pô-lo a falar.

O apartamento está totalmente silencioso.

Uma calma suave inunda-lhe o estômago devido ao comprimido.

Nada do que é dito sob hipnose poderá ser usado como prova, mas Erik sabe que Josef disse a verdade, que foi ele que matou a família, embora desconheçam o verdadeiro motivo e a razão por que, de alguma maneira, parecia ter sido conduzido pela irmã.

Erik fecha os olhos e tenta imaginar a moradia onde vivia a família Ek. Evelyn, crê, deve ter percebido bastante cedo que o irmão era perigoso. Ao longo dos anos, a rapariga aprendera a conviver com a impulsividade e a falta de autocontrolo do irmão, a sopesar sempre os seus desejos para evitar o risco de um ataque de

fúria. Josef foi, seguramente, um rapaz agressivo. Os pais ralhavam-lhe, mas servia de pouco. Como irmã mais velha que era, não deve ter usufruído de nenhuma proteção contra ele. A família foi controlando a violência de Josef no dia a dia, tentou conformar-se, mas nunca teve consciência da gravidade da situação. Os pais talvez tenham pensado que o seu comportamento agressivo era consequência de ele ser rapaz. É possível, também, que se tenham sentido culpados por terem permitido que ele se divertisse com videogames violentos e visse filmes de terror na televisão.

Evelyn saiu de casa assim que pôde, arranhou um emprego e foi viver para um apartamento sozinha, mas alguma coisa lhe permitiu adivinhar o perigo crescente. Um dia, sentiu-se tão amedrontada que precisou de se esconder na cabana da tia e levou consigo uma espingarda para se proteger.

Tê-la-ia Josef ameaçado?

Erik tenta imaginar o medo de Evelyn durante as noites na cabana, no escuro, com a espingarda carregada, ao lado da cama.

Pensa na conversa telefónica com Joonas Linna, logo após o interrogatório da rapariga. O que aconteceu, quando Josef apareceu lá com um bolo de aniversário? Que lhe terá dito ele? O que sentiu ela? Foi nessa altura que ficou com medo e arranhou a espingarda? Foi depois da visita dele que passou a viver aterrorizada, com medo de que o irmão a matasse?

Erik imagina Evelyn. Vê-a diante de si, em frente da cabana. Uma mulher jovem, com um casaco de penas prateado, uma camisola de lã vermelha tricotada, *jeans* desgastados e ténis. Caminha lentamente por entre as árvores, com o rabo de cavalo a baloiçar de um lado para o outro. A expressão do seu rosto é indefesa, quase pueril. Segura indolentemente a caçadeira, com o cano a roçar o solo, enquanto caminha sobre os arbustos de mirtilos e o musgo. Os raios de sol filtram-se por entre os ramos dos pinheiros.

De repente, Erik compreende algo decisivo: se Evelyn estivesse amedrontada, se tivesse uma espingarda para se defender de Josef, teria pegado nela de maneira diferente, não a arrastaria enquanto caminhava para casa.

Erik lembra-se de que ela tinha os *jeans* molhados até aos

joelhos e manchas escuras de lama.

Talvez tivesse entrado no bosque para se suicidar, pensa.

Ajoelhara-se no musgo, metera o cano da espingarda na boca, mas arrependera-se, não tivera coragem.

Quando a viu na clareira, com a espingarda a roçar os arbustos de mirtilos, ela estava de regresso à cabana, à alternativa de que tinha querido fugir.

Erik pega no telefone e marca o número do telemóvel de Joona.

– Sim, fala Joona Linna.

– Olá, é Erik Maria Bark.

– Erik? Já tinha pensado em telefonar-lhe, mas tem havido tanta coisa a...

– Não faz mal – diz ele. – Eu estive...

– Quero que saiba – interrompe-o Joona – que lamento muitíssimo a perseguição da comunicação social. Prometo-lhe que vou descobrir quem passou a informação, logo que isto acalme um pouco...

– Não tem importância.

– Sinto-me culpado por o ter convencido a...

– Fui eu quem tomou a decisão. Não culpo ninguém.

– Pessoalmente, e talvez não seja correto dizê-lo neste momento, continuo a pensar que fizemos bem em hipnotizar o Josef. Ainda não sabemos nada, mas é muito possível que isso tenha salvado a vida de Evelyn.

– É por isso que lhe estou a telefonar – diz Erik.

– A que se refere?

– Dei-me conta de uma coisa. Está com tempo?

Erik ouve que Joona arrasta alguma coisa, como se puxasse por uma cadeira para se sentar.

– Sim – responde. – Tenho tempo.

– Quando fomos a Värmdö, à cabana da tia – começa Erik por dizer –, e estava sentado no carro, vi uma mulher entre as árvores. Trazia uma espingarda na mão. De algum modo, percebi que se tratava de Evelyn, e achei que poderia haver uma situação perigosa se ela fosse surpreendida pela Polícia.

– É verdade, poderíamos ter disparado através da janela – confirma Joona –, se tivéssemos suspeitado de que era Josef que se

aproximava.

– Mas agora, aqui em casa, pus-me a pensar na rapariga outra vez – prossegue Erik. – Vi-a no meio das árvores, a andar lentamente em direção à cabana, com o cano da arma a arrastar pelo chão.

– E então?

– É assim que se leva uma espingarda quando se está com medo de ser assassinado?

– Não – responde Joona.

– Acho que ela se tinha metido no bosque para se suicidar – diz Erik. – As calças estavam molhadas até aos joelhos. Provavelmente, ajoelhou-se no musgo húmido, com a arma encostada à testa ou ao peito, mas depois não se atreveu a disparar. É isso que eu julgo.

Erik para de falar. Escuta a respiração pesada de Joona através do telemóvel. Na rua, começa a soar o alarme de um carro.

– Obrigado – agradece, por fim, o comissário. – Vou falar com ela.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, à tarde

O interrogatório de Evelyn terá lugar num gabinete da penitenciária. Para fazer da sala triste um lugar um pouco mais agradável, alguém colocou uma latinha vermelha de bolachas de gengibre em cima da mesa e uns castiçais elétricos da Ikea no parapeito da janela. Evelyn e o assistente social estão sentados nas suas cadeiras, no momento em que Joona liga o gravador.

– Sei que as minhas perguntas vão ser um pouco difíceis, Evelyn – diz ele, em voz baixa, enquanto lhe lança um rápido olhar. – Mas agradecia que, de qualquer modo, respondesses o melhor que pudesses.

Evelyn não reage e fica a olhar para os joelhos.

– Não creio que tenhas qualquer benefício em ficares calada – continua o comissário, num tom de voz muito suave.

Evelyn não reage, mantendo o olhar fixo nos joelhos. O assistente social, um homem de meia-idade, com a sombra de uma barba incipiente no rosto, olha para Joona inexpressivamente.

– Posso começar, Evelyn?

Ela diz que não com a cabeça. O comissário aguarda. Um pouco depois, Evelyn levanta a cabeça e encara-o.

– Tinhas ido ao bosque para te suicidares, não é verdade?

– Sim – sussurra ela.

– Fico feliz por ver que não o fizeste.

– Eu, não.

– Tentaste mais vezes?

– Sim.

– Antes desta vez?

Ela assente.

– Mas não antes de Josef ter ido à cabana com o bolo...

– Não.

– O que te disse ele?

– Não quero pensar nisso.

– Nisso, o quê? No que ele te disse?

Evelyn ergue-se na cadeira, a boca firmemente cerrada.

– Não me lembro – diz, quase sem voz. – De certo, não foi nada de especial.

– Pensaste em matar-te, Evelyn – relembra Joona.

Ela levanta-se da cadeira, vai até à janela, apaga os castiçais e volta a ligá-los, regressa à cadeira e senta-se com os braços cruzados sobre o peito.

– Não podem deixar-me em paz?

– É isso que queres? É isso que realmente queres?

Ela acena que sim, sem olhar para Joona.

– Queres fazer uma pausa? – pergunta o assistente social.

– Não sei o que se passa com o Josef – diz então Evelyn, em voz baixa. – Está mal da cabeça. Ele sempre... Quando era pequeno, costumava bater-me com demasiada força, com uma grande agressividade. Destruía as minhas coisas, eu nunca podia ter nada. – A boca treme-lhe. – Quando ele tinha oito anos, perguntou-me se teria alguma oportunidade comigo. Talvez não pareça muito perigoso, mas para mim... Eu não queria, mas ele exigia que nos beijássemos... Tinha medo dele, fazia coisas estranhas, entrava no meu quarto de noite e mordida-me até eu sangrar. Comecei a responder-lhe aos golpes, mas ele ficava ainda mais violento. – Seca as lágrimas no rosto. – E vingava-se no *Buster*, se eu não lhe fizesse a vontade... Foi cada vez pior, queria ver-me os seios, tomar banho comigo... Matou o meu cão e atirou-o de uma ponte abaixo.

Evelyn levanta-se mais uma vez e vai até à janela, inquieta.

– O Josef teria talvez uns doze anos quando...

A voz falha-lhe e chora silenciosamente, antes de continuar.

– Perguntou-me se eu queria chupar o... Chamei-lhe porco. Então, foi direito ao quarto da Knyttet e bateu-lhe... Ela só tinha dois anos.

Evelyn chora durante algum tempo e, depois, parece acalmar-se.

– Eu era obrigada a olhar para ele várias vezes ao dia, quando se masturbava... Batia na pequenina sempre que eu me recusava, e chegou a dizer que a mataria. Passado algum tempo, talvez coisa de meses, começou a exigir que me deitasse com ele, dizia-me isso todos os dias, fazia ameaças... Mas ocorreu-me uma saída: disse-lhe

que ele ainda era menor, que isso era proibido por lei e que não podia fazer nada que fosse ilegal. – Volta a enxugar as lágrimas do rosto. – Pensei que com o tempo aquilo lhe passaria. Saí de casa, decorreu um ano, mas, então, começou a telefonar-me e a dizer que, em breve, faria quinze anos. Foi nessa altura que me escondi... Não entendo como consegui saber que eu estava na cabana, eu... – Chora agora sem se conter, abertamente. – Oh! Meu Deus...

– Ameaçou-te, portanto – conclui Joona. – Ameaçou matar a família toda se não...

– Não disse isso! – grita ela, de súbito. – Disse que mataria o pai. É tudo culpa minha, tudo... Quero morrer, apenas morrer...

Encosta-se à parede, deixa-se deslizar e fica como um novelo no chão.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, à tarde

Joona está sentado no seu gabinete e, por um momento, olha fixamente para a palma da mão. A outra ainda segura o telefone. Quando informou Jens Svane hj älm sobre a repentina mudança de atitude por parte de Evelyn, o procurador escutara em silêncio, suspirando profundamente de vez em quando, enquanto o comissário lhe revelava o cruel móbil dos crimes.

– Para ser sincero, Joona – disse-lhe, por fim –, isso ainda é uma prova muito ténue, tendo em conta que Josef Ek, por sua vez, acusou a irmã. Significa que precisaríamos de uma confissão do rapaz ou de dispor de provas materiais.

Joona passeia o olhar pela sala e passa a mão pelo rosto. Em seguida, telefona para a médica de Josef Ek, Daniella Richards, e combina com ela o momento apropriado para prosseguir o interrogatório, quando o suspeito não estiver sob o efeito de tantos analgésicos.

– Tem de estar acordado e com as ideias bem claras – pede Joona.

– Pode vir às cinco horas – diz Daniella.

– Da tarde?

– Ele vai tomar uma nova dose de morfina por volta das seis, conforme está previsto, antes da refeição da noite.

Joona olha para o relógio. São duas e meia da tarde.

– Para mim, está bem – confirma.

Após a conversa com Daniella Richards, telefona a Lisbet Carlén, a assistente social de Josef, informando-a da hora.

Dirige-se ao pequeno refeitório do pessoal, tira uma maçã da fruteira e, ao regressar, encontra Erixon sentado no seu lugar na sala. Erixon é o técnico responsável pelas investigações nos locais dos crimes em Tumba. Está com o corpanzil recostado na secretária e o rosto vermelho. Faz um sinal a Joona com a mão e resmunga.

– Mete-me essa maçã na boca e já ficas com um leitão para o

Natal – diz ele.

– Cala-te lá – replica Joona, dando uma dentada na peça de fruta.

– Bem mereço, meu caro – diz Erixon. – Desde que abriram o restaurante tailandês na esquina, já engordei onze quilos.

– Eles servem boa comida.

– Se servem...

– Como correram as coisas no balneário das mulheres? – pergunta Joona.

Erixon ergue a mão rechonchuda, na defensiva:

– Proibido dizer: «O que foi que eu disse?» De acordo?

Joona abre um largo sorriso.

– Já veremos – diz, diplomaticamente.

– Está bem – suspira Erixon, ao mesmo tempo que enxuga o suor do rosto. – Encontrámos cabelos do Josef Ek no ralo, e sangue do pai, Anders Ek, nas juntas do chão.

– O que foi que eu disse? – exclama Joona, radiante.

Erixon solta uma gargalhada e protege o pescoço, simulando receio de que Joona o atacasse.

No elevador, a caminho do átrio da Judiciária, o comissário telefona de novo para Jens Svanejhjälms.

– Ainda bem que telefonaste – adianta-se Jens. – Estão em cima de mim por causa daquela história da hipnose... Acho que devemos suspender a investigação preliminar relativa a Josef Ek. Vai custar dinheiro e...

– Espera um segundo, por favor – interrompe-o Joona.

– Por isso, decidi que...

– Jens?

– Sim.

– Temos provas materiais – atalha Joona, muito sério. – O Josef Ek está relacionado com o primeiro local do crime.

O procurador, Jens Svanejhjälms, respira fundo ao telefone e diz, contido:

– Joona, telefonaste no último segundo.

– Mas a tempo, não?

– Sim.

Jens está prestes a desligar, quando o comissário acrescenta:

- Não te disse que tinha razão?
- O quê?
- Eu não tinha razão?

Fez-se silêncio do outro lado da linha. Depois, Jens admite lentamente, como se falasse para um miúdo:

- Sim, Joona, tinhas razão.

Terminada a chamada, o sorriso desaparece dos lábios do comissário da Judiciária. Enquanto caminha por trás da parede de vidro, em direção ao jardim, olha de novo para o relógio. Dentro de meia hora, tem de estar no Museu Nórdico, no parque de Djurgården.

*

Joona sobe a escadaria do museu e percorre os longos corredores, agora desertos. Passa por centenas de vitrinas iluminadas, sem lhes prestar qualquer atenção. Não repara nos objetos de uso comum, nos tesouros ou nas peças artesanais, não se fixa nas exposições, nos trajes regionais e nas grandes fotografias.

O guarda do museu já tinha trazido uma cadeira e colocara-a em frente de uma vitrina pouco iluminada. Sem pronunciar uma palavra, o comissário senta-se como habitualmente e observa a coroa de noiva sami, da Lapónia. Frágil, alarga-se delicadamente até formar um círculo perfeito. Os engastes fazem lembrar o cálice de uma flor ou duas mãos entrelaçadas, com os dedos esticados. Devagar, Joona muda a posição da cabeça, de modo que a luz incida de outra maneira. A coroa de noiva está tecida com raízes e é feita à mão. O material foi extraído da terra e brilha como a pele, como o ouro.

Desta vez, Joona fica sentado diante da vitrina apenas uma hora. No final, levanta-se, faz um aceno de agradecimento ao guarda e sai lentamente do Museu Nórdico. A neve lamacenta no chão é escura e o ar cheira ao combustível de um barco que passa por baixo da ponte do parque. Sem pressa, encaminha-se para a Strandvägen, quando o telemóvel toca. A chamada é de Nålen, o médico do Instituto de Medicina Legal.

- Ainda bem que atendes – diz, assim que Joona responde.

– A autópsia está pronta?

– Quase, quase.

Joona vê um jovem pai no passeio a inclinar-se para um carrinho de bebé e a rir-se com a criança. Uma mulher olha para a rua, por detrás dos vidros de uma janela, imóvel. Quando cruza o olhar com o dela, recua imediatamente um passo para o interior de casa.

– Encontraste mais alguma coisa? – pergunta a Nålen.

– Sim. Ou melhor, não sei...

– Mas então?

– Tem a ver com o corte na barriga, claro.

– Sim?

Ouve Nålen a inspirar longamente e um ruído de fundo.

– Deixei cair a esferográfica – explica o patologista, em voz baixa, ao mesmo tempo que se ouve um restolhar no aparelho. – Foi exercida uma violência extrema contra estes corpos – diz, em seguida, de volta ao telefone. – Principalmente, contra a pequenina.

– Já me tinha dado conta disso – declara Joona.

– E muitos dos ferimentos eram totalmente desnecessários, foram infligidos por puro prazer. Uma sequência diabólica, se queres que te diga.

– Imagino – concorda Joona, lembrando-se do que encontrou ao chegar ao local do crime.

Os polícias em estado de choque, a sensação de caos no ar. Os corpos dentro de casa. Lembra-se das faces pálidas que nem papel de Lillemor Blom, de pé, a fumar, com as mãos a tremer. E das manchas de sangue seco nas vidraças das janelas e nas portas de vidro do terraço nas traseiras da casa.

– Conseguiste descobrir mais alguma coisa sobre o corte na barriga da mulher?

Nålen suspira.

– Sim, é o que pensávamos. Fizeram-lhe aquele corte cerca de duas horas depois de morta. Alguém virou o corpo e enfiou uma faca bem afiada, fazendo um corte por cima da cicatriz da antiga cesariana. – Ouve-se um folhear de papéis. – O nosso criminoso, porém, não é perito em *sectio caesarea*. No caso de Katja Ek, tratou-se de uma cesariana de emergência; o corte descrevia uma trajetória

vertical, do umbigo até baixo.

– Sim?

Nålen solta um suspiro.

– Acontece que o útero se abre sempre na horizontal, mesmo que o corte na barriga seja feito verticalmente.

– Mas isso o Josef não sabia, claro.

– Pois não – confirma Nålen. – Ele apenas abriu a barriga, sem saber que a cesariana é sempre composta de duas incisões: uma na barriga e outra no útero.

– Tens mais alguma coisa para me dizer?

– Talvez que, ao contrário do que costuma acontecer, violentou os corpos por muito tempo. Não se detinha, apesar de cansado, como se nunca se desse por satisfeito, a raiva não passava.

Faz-se silêncio entre eles. Jooná prossegue por Strandvågen. Começa a pensar novamente no último interrogatório a que submeteu Evelyn.

– Só queria informar-te da cesariana – diz Nålen, momentos depois. – Que o corte foi realizado cerca de duas horas após a morte ter ocorrido.

– Obrigado, Nålen – agradece Jooná.

– Vais receber o relatório completo das autópsias amanhã de manhã.

Ao desligar, Jooná pensa como deve ter sido horrível crescer ao lado de Josef Ek. Como Evelyn se deve ter sentido indefesa, para não falar da irmã mais nova.

Jooná tenta lembrar-se do que a jovem dissera sobre a cesariana feita à mãe.

Relembra como Evelyn se encolhera toda no chão, encostada à parede da sala do interrogatório, enquanto falava dos ciúmes quase patológicos de Josef em relação à irmã mais nova.

– O Josef sofre da cabeça – sussurrou. – Sempre sofreu. Lembrome de quando ele nasceu. A mãe ficou muito mal, não sei o que se passou, mas tiveram de fazer uma cesariana de urgência. – Evelyn sacudiu a cabeça e mordeu o lábio, antes de continuar: – Sabe o que é uma cesariana de urgência?

– Sim, mais ou menos – respondeu Jooná.

– Às vezes... Às vezes, surgem complicações quando se dá à luz

dessa maneira.

Evelyn olhou para ele timidamente.

– Referes-te à falta de oxigénio, ou algo assim? – perguntou Joona.

Ela negou com a cabeça e limpou as lágrimas do rosto.

– Falo de problemas psíquicos na mãe. Uma mulher que passa por um parto difícil e que, de repente, é anestesiada para ser aberta, pode ter problemas para estabelecer laços afetivos com a criança.

– A tua mãe sofreu algum tipo de depressão pós-parto?

– Não exatamente – respondeu Evelyn, com voz grave, densa. – A minha mãe sofreu uma psicose ao dar à luz. Na maternidade, não se aperceberam e deixaram que ela voltasse para casa com a criança. Fui eu que descobri. Tudo corria mal. Fui eu que tive de tomar conta do Josef. Eu tinha apenas oito anos, mas ela não queria saber dele, nem sequer lhe tocava; ficava na cama todo o dia e chorava, chorava, só chorava. – Evelyn olhou de novo para Joona e sussurrou: – A mãe dizia que ele não era filho dela, que o seu verdadeiro filho tinha morrido, até que finalmente teve de ser internada.

A rapariga sorriu para si mesma:

– A mamã voltou para casa mais ou menos um ano mais tarde. Fingia que tudo tinha voltado ao normal, mas, na realidade, continuou a rejeitar o Josef.

– Portanto, achas que a tua mãe nunca ficou curada – concluiu Joona cautelosamente.

– Ficou curada, sim, porque quando teve a Lisa, foi tudo diferente. Ficou feliz, fazia tudo por ela.

– E tu tiveste de continuar a tomar conta do Josef.

– Ele começou a dizer que a minha mãe o devia ter tido como deve ser. Para ele, a explicação da injustiça que sofria era que a Lisa tinha nascido «pela cona», ao passo que ele, não. Estava sempre a dizer isso: que a mãe o devia ter parido pela cona, e não...

A voz de Evelyn apagou-se de repente. Virou a cara e Joona viu-lhe os ombros encolhidos, tensos e não se atreveu a tocar-lhe.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, à noite

A Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Karolinska, ao contrário do que é habitual, não está completamente em silêncio no momento em que Joona lá chega. Cheira a comida em toda a unidade e, na sala de espera, há um carrinho com recipientes de aço inoxidável, pratos, copos e talheres. Alguém ligou a televisão e ouve-se também o ruído de pratos.

Joona pensa em Josef a rasgar a antiga cicatriz da cesariana no ventre da mãe. Abriu a sua própria passagem de acesso à vida, a passagem que, simultaneamente, o condenou a ser órfão de mãe, que fez com que ela nunca tivesse reconhecido o filho.

Josef sentiu bem cedo que não era uma criança como as outras, estava sozinho. A única pessoa que lhe prodigalizara amor e carinho tinha sido Evelyn. E não aceitava que ela o rejeitasse. O mínimo sinal de afastamento enchia-o de desespero e de raiva. E a fúria foi-se dirigindo cada vez mais contra a irmã mais nova.

Com um aceno, Joona saúda Sunesson, o polícia de guarda à porta do quarto de Josef Ek, e dirige o olhar para o rosto do rapaz. O saco de urina está meio cheio e, junto à cama, um saco a contagotas fornece soro e plasma sanguíneo. Os pés do rapaz estão fora do cobertor azul-claro e as plantas dos pés, encardidas. Há cabelos e sujidade agarrados aos adesivos dos pontos. A televisão está ligada, mas ele não parece prestar-lhe atenção.

A assistente social Lisbet Carlén já se encontra no quarto. Ainda não deu pela presença de Joona. Está de pé junto à janela, a prender os cabelos com um gancho.

Josef voltou a sangrar de uma das feridas: o sangue escorre-lhe pelo braço e pinga no chão. Uma enfermeira já idosa está inclinada sobre ele, pressiona uma compressa e volta a colocar adesivo nos bordos da ferida, limpa o sangue do braço e sai do quarto.

– Desculpe – diz Joona, alcançando a enfermeira no corredor.

– Sim?

– Como é que ele está, o Josef Ek?

– Tem de falar com a médica responsável – responde a mulher e segue em frente.

– É o que vou fazer – diz Joona, a sorrir, e vai atrás dela. – Apesar de tudo... gostaria de lhe mostrar uma coisa que... Será que posso levá-lo a um lugar numa cadeira de rodas?

A enfermeira nega com a cabeça e para bruscamente.

– O paciente não pode sair da cama, seja a que pretexto for – diz em tom autoritário. – Que grande estupidez! Ele tem muitas dores, não se pode mexer, voltaria a ter hemorragias, caso se levantasse.

Joona regressa então ao quarto de Josef. Sem bater, entra e caminha na direção do rapaz, pega no comando e desliga a televisão. Em seguida, liga o gravador, diz a hora e a data, menciona os presentes e depois senta-se na cadeira das visitas. Josef entreabre as pálpebras e olha para ele sem grande interesse. O dispositivo de drenagem, ligado à caixa torácica para restabelecer a pressão na pleura perfurada, emite um som abafado e borbulhante, agradável.

– Deves ter alta em breve – diz Joona.

– Maravilha – reage Josef, em surdina.

– Embora vás ser transferido para a cadeia.

– A Lisbet disse-me que o procurador não está disposto a abrir qualquer processo – responde o rapaz e olha para a assistente social.

– Isso era antes de termos uma testemunha.

Josef fecha os olhos suavemente.

– Quem?

– Já falámos bastante, tu e eu – diz Joona –, mas talvez agora queiras mudar alguma coisa do que disseste antes ou acrescentar algo que não tenhas dito.

– Evelyn... – sussurra ele.

– Não vais sair da prisão tão depressa.

– Está a mentir.

– Não, Josef, estou a dizer-te a verdade. Podes ter a certeza: vai ser emitido um mandado de prisão contra ti e, a partir de agora, terás direito a dispor de assistência legal.

Josef tenta levantar a mão, mas não consegue.

– Hipnotizaram-na – diz ele, a sorrir.

– Não.

– É a palavra dela contra a minha.

– Não exatamente – afirma Joona, enquanto observa o rosto do rapaz, um rosto pálido, quase branco. – Também temos provas.

Josef contrai os maxilares com força.

– Não tenho tempo para ficar aqui sentado, mas se tiveres alguma coisa para me contar, posso ficar mais um pouco – diz Joona, num tom de voz amistoso.

Deixa passar meio minuto, tamborila com os dedos no braço da cadeira, levanta-se, pega no gravador e, após um breve aceno para a assistente, sai do quarto.

Fora do hospital, já no carro, Joona chega à conclusão de que devia ter confrontado Josef com o depoimento de Evelyn, para ver a sua reação. Há uma insolência patente no rapaz que talvez o levasse a confessar, se fosse suficientemente provocado.

Por momentos, considera a hipótese de voltar, mas desiste para não chegar tarde ao jantar em casa de Disa.

Está escuro e enevoado no momento em que estaciona o carro em frente da casa de cor clara na Lützengatan. Contrariamente ao que é habitual, sente-se gelado ao aproximar-se da porta de entrada, olha em volta, vê os relvados brancos com gelo na praça Karlaplan, os ramos escuros das árvores.

Tenta lembrar-se de Josef deitado na cama, mas só lhe vem à mente o dispositivo de drenagem que borbulhava e assobiava permanentemente. No entanto, tem a sensação de ter deixado escapar algo de muito importante.

A sensação de que alguma coisa não batia certo continuou a incomodá-lo no elevador até chegar ao andar de Disa e tocar à porta do seu apartamento. Ninguém abre. Joona ouve alguém na escada, por cima dele: suspira a intervalos irregulares ou chora em silêncio.

Disa abre finalmente a porta com uma expressão tensa no rosto, vestida apenas com sutiã e *collants*.

– Contava que chegasses atrasado – explica.

– Cheguei cedo de mais – diz Joona, dando-lhe um beijo na cara.

– Podes entrar e fechar a porta, antes que todos os vizinhos me vejam o rabo?

Na entrada acolhedora sente-se um aroma a comida. Joona toca sem querer com a cabeça num candeeiro de franjas cor-de-rosa.

- Fiz um prato de linguado com batatas – anuncia Disa.
- Com manteiga derretida?
- E cogumelos, salsa e caldo de vitela.
- Deve estar bom.

O apartamento é bastante antigo, mas, no seu todo, é bonito. Compõe-se apenas de uma sala de estar, um quarto e a cozinha, mas os tetos são altos, tem janelas amplas que dão para a Karlaplan, com caixilhos de teca, um dos tetos é recoberto com painéis de madeira envernizada e o chão, de tacos.

Joona acompanha Disa até ao quarto. De repente, para e tenta descobrir o que viu em Josef Ek. Em cima da cama por fazer, está um computador ligado, há livros espalhados e papéis soltos à sua volta.

Senta-se numa poltrona e espera que ela acabe de se vestir. Sem pronunciar uma palavra, Disa põe-se de costas para Joona para que este lhe puxe o fecho eclair de um vestido de corte simples, mas ajustado ao seu corpo.

Joona olha para um livro aberto e vê uma foto grande a preto e branco de uma necrópole. Os arqueólogos, com roupas dos anos quarenta, veem-se ao fundo da imagem e olham para o fotógrafo de olhos semicerrados. Parecem ter começado a escavar o local, tendo marcado a superfície com umas cinquenta bandeirolas.

– São túmulos – explica ela, em voz baixa. – As bandeirolas assinalam a posição dos mesmos. Quem conduziu as escavações foi Hannes Müller. Morreu há pouco tempo, mas, certamente, chegou aos cem anos. E sempre à frente da sua instituição... Parecia uma tartaruga velha e bondosa.

Ela está em frente de um espelho alto, penteia o cabelo liso, faz um par de tranças, e, por fim, dá meia-volta e olha para ele.

- Que tal estou?
 - Estás linda – elogia Joona, amável.
 - Sim, sim – responde ela, triste. – Como está a tua mãe?
- Joona toma-lhe a mão.
- Está bem – murmura. – Manda-te cumprimentos.
 - Que simpática, e que mais disse ela?

- Que não deves interessar-te por mim.
- Pois não – exclama ela, sombria. – É claro que ela tem razão.

Lentamente, Disa passa-lhe os dedos pelos cabelos espessos e revoltos, olha-o nos olhos com um sorriso repentino. Depois pega no portátil, desliga-o e coloca-o em cima da cómoda.

– Sabes que, segundo as leis anteriores ao cristianismo, todas as crianças recém-nascidas não eram consideradas pessoas antes de lhes darem o peito? E que era permitido abandonar na floresta os bebés durante o período entre o parto e a primeira mamada?

– Só se era um ser humano por decisão dos outros – reflete Joona.

- E não é sempre assim?

Ela abre o guarda-roupa e, de uma caixa de sapatos, tira um par de sandálias castanho-escuras, com tiras de couro macio e saltos finos, feitos de vários tipos de madeira.

- São novas? – pergunta Joona.

– Sergio Rossi. Foi um presente para mim mesma, pelo simples motivo de ter um trabalho tão desagradável – diz ela. – Passo os dias a arrastar-me por prados enlameados.

- Ainda continuas em Sigtuna?

– Sim.

- Na realidade, o que encontraram?

- Conto-te enquanto comemos.

Ele aponta para as sandálias.

- Muito bonitas – elogia, levantando-se da poltrona.

Disa vira-se de costas, com um sorriso ácido.

– Sinto muito, Joona – diz ela por cima do ombro –, mas acho que não as há para o teu tamanho.

Joona, de repente, estaca.

- Espera – diz, e apoia-se na parede.

Disa olha, curiosa, para ele.

- Disse-o a brincar – explica.

- Não... Eram os pés dele...

Joona passa por ela, em direção ao *hall* de entrada, tira o telemóvel do casaco, liga para a central de comunicações e diz, com uma voz grave, que Sunesson precisa de reforços no hospital imediatamente.

– O que aconteceu? – pergunta Disa.

– Os pés dele... estavam muito sujos – explica Joona. – Disseram-me que ele não podia mexer-se, mas é óbvio que se tinha levantado e andado.

Joona marca, então, o número de telefone de Sunesson e, ao ver que ninguém atende, veste o casaco, murmura uma desculpa, deixa o apartamento e desce a escada a correr.

*

No preciso instante em que Joona toca à porta de Disa, Josef Ek senta-se na cama do seu quarto, no hospital.

Na noite anterior, verificou se podia andar: deslizou para o chão, teve de ficar quieto um bom bocado, com as mãos agarradas aos pés da cama. As dores dos muitos ferimentos envolviam-no como azeite a ferver e as dores agudas no fígado faziam-lhe ver tudo negro, mas conseguiu andar. Retirou os tubos do soro e do dispositivo de drenagem, viu o que havia no armário de material hospitalar e, depois, voltou a deitar-se.

Passaram trinta minutos desde que o pessoal do turno da noite entrou, para a ronda habitual. O corredor está praticamente em silêncio. Josef retira devagar o tubo ligado ao pulso, sente a aspiração quando o extrai do corpo e vê que um pequeno fio de sangue lhe cai no joelho.

As dores no corpo não são especialmente fortes ao sair da cama. Vai até ao armário de material hospitalar, encontra compressas, bisturis, seringas descartáveis e rolos de adesivo. Enfia algumas seringas no bolso vazio da bata do hospital. Com as mãos a tremer, abre o invólucro de um bisturi e corta o tubo da drenagem. Por ele sai um sangue espesso e o seu pulmão esquerdo contrai-se lentamente. Sente uma dor debaixo da omoplata, tosse ligeiramente, mas não nota, na verdade, qualquer diferença com a redução da capacidade pulmonar.

De repente, ouvem-se passos no corredor, solas de borracha em cima do chão de linóleo. Com o bisturi na mão, Josef coloca-se atrás da porta, olha pela pequena janela e espera.

A enfermeira para e fala com o polícia de guarda ao local. Josef

ouve-os a rirem-se de alguma coisa.

– Eu deixei de fumar – diz ela.

– Se tiver um desses emplastos de nicotina, eu agradeço – continua o polícia.

– Também deixei de usar esses emplastos – responde ela. – Mas pode ir até ao jardim. De qualquer forma, eu vou ficar aqui por mais algum tempo.

– Cinco minutos – diz o polícia, ansioso.

O polícia afasta-se, ouve-se o barulho das chaves, a enfermeira folheia alguns papéis e, depois, entra no quarto. Na realidade, só tem tempo de ficar ligeiramente surpreendida. As rugas expressivas dos cantos dos olhos acentuam-se quando a fina lâmina do bisturi se crava no seu pescoço. Josef está mais fraco do que supunha, vê-se obrigado a desferir vários golpes. Os músculos contraem-se e sente-se a arder, em consequência dos movimentos repentinos. A enfermeira não cai de imediato, tentando segurar-se ao corpo dele. Os dois acabam por deslizar para o chão. O corpo dela está totalmente suado, muito quente. Josef tenta levantar-se, mas as suas mãos escorregam nos cabelos dela, que se abriram num feixe loiro pelo chão. Quando tira o bisturi do pescoço, da boca da enfermeira sai um ruído semelhante a um zumbido. As suas pernas começam a agitar-se, e Josef permanece de pé por um momento, observando-a antes de se decidir a afastar-se pelo corredor. O uniforme da mulher subiu e ele pode ver nitidamente as suas cuecas por baixo dos *collants*.

Josef sai então para o corredor. Dói-lhe muito o fígado. Continua para a direita, encontra roupas lavadas num carrinho e veste-se. Uma mulher gorda esfrega um pano de chão, para a frente e para trás, sobre o linóleo brilhante. Ela está a ouvir música, tem uns auriculares nos ouvidos. Josef aproxima-se por trás, pega numa seringa e ensaia vários golpes no ar em direção às suas costas, mas detém-se antes de lançar a agulha. A empregada não dá conta de nada. Então, Josef mete a seringa de novo no bolso, empurra a mulher com a mão e segue em frente. Ela quase cai ao chão e diz uns palavrões em espanhol. Josef para e enfrenta-a:

– O que é que disseste? – desafia-a.

Ela tira os auriculares dos ouvidos e olha estupefacta para Josef.

– Disseste alguma coisa? – repete.

A mulher nega com a cabeça rapidamente e continua a limpeza. O rapaz ainda fica a olhar para ela por alguns momentos, e, depois, prossegue o seu caminho em direção ao elevador, pressiona o botão de chamada e espera.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, à noite

Em alta velocidade, Joona Linna segue pela Valhallavägen, passa pelo estádio onde foram realizados os Jogos Olímpicos, no verão de 1912. Muda de faixa, ultrapassa um *Mercedes* pela direita e vislumbra a fachada de tijolo vermelho do edifício da Sofiahemmet entre as árvores. As rodas do carro ressoam em cima de uma grande placa de metal, e o comissário acelera a fundo para ultrapassar um autocarro urbano azul que começava a sair da paragem. O motorista do autocarro, irritado, buzina estridentemente quando Joona guina mesmo à frente dele. A água suja de uma poça é jorrada para cima dos carros estacionados e do passeio lateral, precisamente em frente do Tekniska Högsolan.

Joona Linna passa um semáforo vermelho em Norrtull, percorre Stallmästaregården e chega a conduzir a 180 quilómetros à hora, no curto trecho da autoestrada Uppsalavägen, antes da saída para passar por baixo da mesma autoestrada e subir em direção ao Hospital Karolinska.

Ao estacionar perto da entrada principal, vê vários carros da polícia com as suas luzes azuis a iluminar intermitentemente a fachada castanha do edifício hospitalar. Um grupo de jornalistas em frente da entrada ampla rodeia algumas enfermeiras a tiritar de frio, de rostos amedrontados. Duas delas choram diante das câmaras.

Joona tenta entrar, mas é logo detido por um jovem polícia, que, pelo modo como se movimenta, revela extremo nervosismo.

– Não se pode passar – diz o polícia, pondo-lhe a mão no peito.

Joona enfrenta os seus olhos azuis estupefactos, afasta-lhe a mão do peito e diz calmamente:

– Judiciária.

A expressão do jovem demonstra desconfiança.

– Identificação, por favor.

– Joona, por aqui, despacha-te.

Carlos Eliasson, o chefe da Polícia Judiciária, faz-lhe sinal com a

mão para que ele entre na área fracamente iluminada da receção do hospital. Através da vidraça, consegue distinguir Sunesson, sentado num banco, a soluçar, com o rosto consternado. Um colega mais novo está sentado ao seu lado, com o braço por cima dos ombros dele.

Joona mostra a sua identificação e o jovem polícia afasta-se rapidamente, abrindo passagem. Grande parte do vestíbulo está delimitada com uma fita de plástico. As câmaras dos fotojornalistas disparam no exterior das paredes de vidro e, dentro do hospital, são os técnicos forenses que fotografam o local.

Carlos está no comando das operações e é o responsável tanto pela operação geral e estratégica como pela operacionalidade tática. Dá rápidas instruções ao coordenador da equipa forense e volta-se, depois, para Joona.

– Conseguiram apanhá-lo? – pergunta o comissário.

– As testemunhas dizem que ele saiu pelo átrio do hospital apoiado num andarilho com rodas – elucida Carlos, tenso. – O andarilho foi encontrado lá em baixo, perto da paragem de autocarros. – Olha para o bloco de notas. – De lá saíram dois autocarros, sete táxis e também alguns transportes para deficientes... Calcula-se que devem ter passado por lá cerca de uma dezena de carros particulares e apenas uma ambulância.

– Já bloquearam as saídas da cidade?

– É tarde de mais para isso.

Carlos faz sinal a um polícia para se aproximar.

– Os autocarros já foram localizados: não encontrámos nada – esclarece o polícia.

– E os táxis? – pergunta Carlos.

– Já contactámos as duas empresas de táxis da cidade, a Táxi Stockholm e a Táxi Kurir, mas...

O polícia faz um gesto vago no ar, como se não lembrasse do que ia dizer.

– Já entraste em contacto com Erik Maria Bark? – pergunta Joona a Carlos.

– Ligámos para ele. Não atendeu, mas continuamos a tentar encontrá-lo.

– Ele precisa de proteção.

– Rolle! – grita Carlos. – Já localizaram o Bark?
– Acabei de lhe telefonar – responde Roland Svensson.
– Liga outra vez – incita Joona.
– Preciso de falar com o Omar da central de comunicações – diz Carlos, olhando em volta. – Vamos ter de alertar todas as unidades do país.

– O que queres que eu faça?
– Fica por aqui, verifica se deixei escapar alguma coisa – diz Carlos, que, em seguida, chama Mikael Werner, um dos técnicos do Departamento de Homicídios. – Informa o comissário Linna do que conseguiram averiguar até agora – ordena.

Werner olha para Joona inexpressivamente e começa a falar com uma voz anasalada:

– Uma enfermeira morta... Várias testemunhas viram o suspeito sair com um andarilho de rodas.

– Mostra-me o caminho – pede Joona, e, em seguida, sobem ambos pelas escadas de incêndio, porque a inspeção dos elevadores e dos poços dos mesmos ainda não terminara.

Joona observa as pegadas de sangue que Josef Ek deixara, descalço, a caminho da saída. No ar sente-se um cheiro a eletricidade e a morte. O rasto ensanguentado de uma mão na parede, aproximadamente onde antes estivera o carrinho da comida, indica que tropeçara ou precisara de se apoiar. Na porta metálica do elevador, também há sangue e algo que se assemelha ao rasto deixado por uma testa ou a ponta de um nariz ao encostar-se.

Continuam a andar pelo corredor e detêm-se diante da porta do quarto onde, apenas algumas horas antes, Joona teve o encontro com Josef. Há uma poça de sangue quase negro em volta de um corpo deitado no chão.

– Era enfermeira – explica Werner serenamente. – Ann-Katrin Eriksson.

Joona observa os cabelos loiros e os olhos sem vida da mulher, com o uniforme levantado acima das ancas. Parece até que o assassino tentou puxar-lhe a roupa para cima, pensa.

– A arma do crime, ao que parece, foi um bisturi – diz Werner secamente.

Joona responde-lhe em surdina, pega no telemóvel e liga para a

cadeia de Kronoberg.

A voz sonolenta de um homem atende e murmura qualquer coisa que Joona não consegue entender.

– Fala Joona Linna – apresenta-se rapidamente. – Quero saber se Evelyn Ek ainda está aí.

– O quê?

Joona repete, seco:

– Evelyn Ek ainda continua aí?

– Terá de perguntar ao oficial de plantão – responde a voz, num tom aborrecido.

– Pode chamá-lo, por favor?

– Um momento – diz o homem e afasta-se do aparelho.

Joona ouve os passos do homem e o ranger de uma porta que se abre. Depois, percebe uma troca de palavras e uma pancada. Olha para o relógio. Há dez minutos que chegou ao hospital.

Desce novamente pelas escadas e encaminha-se para a entrada principal do edifício, sempre com o telemóvel no ouvido.

– Fala Jan Persson – diz uma voz jovial.

– Aqui é Joona Linna, da Judiciária. Quero saber como está Evelyn Ek.

– Evelyn Ek – diz Jan Persson, hesitante. – Ah, sim, ela... Já a libertámos. Mas não foi fácil, ela recusava-se a sair daqui, queria ficar.

– Puseram-na em liberdade?

– Não, não, o procurador esteve aqui, ela foi para... – Joona ouve Jan Persson a remexer no que devem ser folhas de papel. – Ela foi para um dos nossos apartamentos que estão sob proteção permanente.

– Muito bem – exclama ele. – Ponha alguns agentes em frente da porta dela, entendido?

– Não somos idiotas – replica Jan Persson, arrogante.

Joona termina a chamada e vai ao encontro de Carlos, que está sentado numa cadeira, com um portátil em cima dos joelhos. Uma mulher está de pé ao seu lado apontando para o ecrã.

Omar, da central de comunicações, repete a palavra-código, Eco, no seu rádio. Essa é a designação usada para a unidade de cães-polícias a trabalhar na investigação. Joona imagina que, naquela

altura, já devem ter contactado a maior parte dos veículos policiais sem obter resultados.

Faz sinal a Carlos, mas não consegue chamar a sua atenção, de modo que decide sair por uma das portas envidraçadas mais pequenas. Está escuro e frio lá fora. O andarilho ficou abandonado na paragem de autocarros agora vazia. Joona dá uma vista de olhos em seu redor. Percorre com o olhar o grupo de pessoas que observa o trabalho dos polícias, do outro lado da zona circunscrita com as fitas, contempla as luzes azuis intermitentes dos carros e a movimentação intensa dos polícias, os *flashes* das máquinas dos fotógrafos e finalmente o parque de estacionamento, as fachadas escuras dos diversos edifícios do complexo hospitalar.

De repente, começa a andar com toda a rapidez, passa por cima da fita de plástico esvoaçante que delimita a área, abre caminho pelo meio do grupo de curiosos e olha na direção do cemitério do Norte. Desce, depois, pelo caminho que leva à igreja de Solna, segue ao longo do gradeamento e tenta vislumbrar alguma coisa entre as silhuetas escuras das árvores e das pedras tumulares. Uma rede de caminhos fracamente iluminados estende-se por uns sessenta hectares, com zonas evocativas, pequenos terrenos ajardinados, um crematório e trinta mil sepulturas.

Joona passa pela guarita, junto ao gradeamento, acelera o passo, lança um olhar ao obelisco claro de homenagem a Alfredo Nobel e continua pela frente da grande capela do cemitério.

De repente, o silêncio é total. O clamor junto à entrada do hospital deixou de se ouvir. O vento sussurra por entre os ramos nus das árvores e os passos do comissário ressoam debilmente entre as lápides e as cruzes. Ouve-se o motor de um veículo, ao longe, na autoestrada, e o restolhar de folhas secas por baixo de um arbusto. Aqui e ali, dentro de recipientes embaciados de vidro, brilham velas acesas em memória de entes queridos.

Joona encaminha-se para o extremo leste do cemitério, a zona que dá acesso à autoestrada, e, de repente, a uns quatrocentos metros de distância, vê alguém que se movimenta na escuridão, entre as lápides altas, em direção à saída. Detém-se a aguça a vista. A silhueta caminha titubeante, ligeiramente inclinada para a frente. Joona lança-se em corrida por entre as sepulturas e os canteiros

ajardinados, chamuscas oscilantes e anjos de pedra. Vê a pequena figura entre as árvores a coxear apressadamente e a atravessar o relvado coberto de geada. A sua roupa branca esvoaça atrás dele.

– Josef! – grita Joona. – Para!

O rapaz escapa ao seu ângulo de visão, ocultando-se atrás de um grande mausoléu, protegido por grades de ferro forjado e uma área de cascalho. Joona puxa pela sua arma, retira a patilha de segurança com rapidez. Corre, movendo-se de lado, distingue outra vez o rapaz, volta a gritar-lhe para que se detenha e faz pontaria à coxa direita. Mas, de repente, uma mulher interpõe-se entre ambos: estava curvada diante de uma sepultura e erguera-se; fica com o rosto exatamente na linha de fogo. Joona sente um baque no estômago, enquanto Josef desaparece novamente atrás de uma sebe de ciprestes. O comissário baixa a arma e corre atrás dele. Quando passa ao lado da mulher, ouve-a dizer a choramingar que só queria acender uma vela na sepultura de Ingrid Bergman. Sem olhar para ela, Joona grita-lhe que se trata de uma ação policial e volta a olhar em redor, na escuridão. Josef desapareceu entre as árvores e as pedras tumulares. Os poucos candeeiros iluminam apenas pequenas áreas, um banco verde ou escassos metros das passagens de cascalho. Joona pega no telemóvel, liga para a central de comunicações e pede reforços imediatos. A situação é perigosa e precisa de uma unidade completa, pelo menos cinco veículos e um helicóptero. Sobe por uma pequena colina em diagonal, salta por cima de uma cerca baixa e depois para. Ouve um cão a ladrar ao longe e, um pouco mais à frente, por perto, o ruído de alguém a pisar o cascalho de um caminho. Lança-se imediatamente nessa direção, vê alguém a andar agachado entre os túmulos, segue-o com o olhar e tenta aproximar-se, para encontrar uma linha de tiro adequada, caso consiga identificá-lo. Alguns pássaros negros levantam voo. Uma lata de lixo tomba. De repente, vê Josef a correr encurvado por trás de uma sebe acastanhada, coberta de geada. Joona escorrega e cai por uma encosta abaixo até embater num suporte com regadores e jarrões cónicos. Ao levantar-se, já não vê o rapaz. Sente a pulsação acelerada nas têmporas e nota que se feriu nas costas. Tem as mãos frias e rígidas. Atravessa o caminho de cascalho e, mais uma vez, olha em volta. Muito ao longe, vislumbra

um carro com o emblema da cidade de Estocolmo na porta, por trás do portão de entrada e do edifício de recepção. O carro dá meia-volta lentamente, as luzes vermelhas traseiras desaparecem e o feixe de luz dos faróis dianteiros desliza por entre as árvores e, de repente, ilumina a figura de Josef, que se detém, cambaleante, no estreito caminho. A cabeça pende-lhe pesadamente para a frente, enquanto dá dois passos a coxear. Joona corre o mais depressa que lhe é possível. Vê, então, que o carro parou, a porta da frente abre-se e de dentro sai um homem barbudo.

– Polícia! – grita.

Mas não o ouvem.

Dispara um tiro para o ar e o homem da barba olha na sua direção. Josef vai-se aproximando dele com o bisturi na mão. A cena desenrola-se em poucos segundos. Não tem possibilidade de chegar a tempo. Joona apoia-se num jazigo, a uma distância de mais de trezentos metros do rapaz, seis vezes mais do que a do campo de treino de tiro da Polícia. O ponto de mira oscila diante de Joona. É difícil ver alguma coisa, pestaneja e aguça o olhar. A figura acinzentada diminui de tamanho e fica mais escura. O ramo de uma árvore interpõe-se, baloiçando, na sua linha de tiro. O barbudo volta-se para Josef e dá um passo atrás. Procurando manter a mão firme, o comissário aperta o gatilho. Produz-se o disparo e o coice da arma sacode-lhe o braço até ao ombro. A bala desaparece sem deixar rasto entre as árvores e o eco do tiro desvanece-se. Faz pontaria de novo e, nesse momento, vê Josef a esfaquear o homem barbudo na barriga com o bisturi. O sangue brota do seu corpo. Joona dispara, a bala atravessa a roupa do rapaz. Josef cambaleia e larga o bisturi, leva a mão às costas, dá alguns passos e mete-se no carro. Joona corre para chegar ao local, mas Josef já conseguiu ligar o motor do carro. Passa por cima das pernas do homem estendido no chão e afasta-se a toda a velocidade. Ao compreender que não consegue chegar a tempo, Joona para e faz pontaria ao pneu da frente, dispara e acerta. O carro desvia-se um pouco da sua trajetória, mas continua em frente, aumenta a velocidade e desaparece na direção da autoestrada. Joona põe a pistola no coldre, pega no telemóvel e relata a situação à central de comunicações. Pede para falar com Omar e repete que precisa de

um helicóptero.

O homem barbudo continua com vida, um fio de sangue escuro escapa-se-lhe da barriga e escorre-lhe por entre os dedos, e parece ter as pernas partidas.

– Era apenas um miúdo – balbucia, em estado de choque. – Era apenas um miúdo.

– A ambulância já está a caminho – diz Joona no momento em que, por fim, ouve o barulho dos hélices do rotor de um helicóptero por cima do cemitério.

*

Já é muito tarde quando Joona levanta o telefone no seu gabinete na Judiciária, marca o número de Disa e espera que ela atenda.

– Deixa-me em paz – responde, estremunhada.

– Estavas a dormir? – pergunta Joona.

– É claro.

Por momentos, faz-se silêncio.

– A comida estava boa?

– Estava, sim.

– Espero que entendas. Vi-me obrigado a...

Joona cala-se, ouve-a bocejar e sentar-se na cama.

– Estás bem? – pergunta ela.

Joona olha para as mãos. Apesar de as ter lavado cuidadosamente, parece que os dedos ainda conservam um vago cheiro a sangue. Tinha ficado de joelhos, a pressionar o ferimento na barriga do homem de barbas cujo carro Josef Ek roubara. O ferido esteve consciente durante o tempo todo e falava-lhe, inquieto, do filho, que acabara de fazer o exame de admissão à universidade e que, pela primeira vez, iria viajar sozinho para o Norte da Turquia, para conhecer os avós paternos. O homem, então, olhou para Joona, viu as mãos dele em cima do ferimento e constatou, espantado, que não sentia qualquer dor.

– Não é estranho? – perguntou, olhando para ele, com os olhos brilhantes e límpidos de uma criança.

Joona tentou falar-lhe com calma, explicando-lhe que as

endorfinas faziam com que, naquele momento, não sentisse dores. O corpo estava em estado de choque e optara por poupar o sistema nervoso de mais uma sobrecarga.

O homem guardou silêncio por alguns instantes e depois perguntou-lhe muito sereno:

– É isto que se sente ao morrer? – E tentou sorrir a Joona. – Não dói nada?

Joona abriu a boca para lhe responder, mas no mesmo momento chegou a ambulância e sentiu que alguém lhe afastava cuidadosamente as mãos do ventre do homem e o separava dele alguns metros, para que os paramédicos pudessem colocá-lo numa maca.

– Joona? Como estás? – Era Disa.

– Estou bem.

Ouve-a mexer-se, como se estivesse a beber água.

– Ainda queres nova oportunidade? – pergunta ela seguidamente.

– Claro que quero.

– Embora não me ligués nenhuma – protesta, num tom de voz o mais severo possível.

– Tu sabes que isso não é verdade – responde ele e, de repente, repara que o seu tom de voz revela um enorme cansaço.

– Desculpa – diz Disa. – Gostei de saber que estás bem.

E a conversa termina. Joona ainda fica sentado por momentos, ouvindo o silêncio que reina no comissariado. Depois, levanta-se, retira a arma do coldre pendurado atrás da porta, desmonta-a e dispõe-se a limpá-la cuidadosamente, a olear cada peça. Depois volta a montá-la e guarda-a no armário fechado à chave. O cheiro a sangue desapareceu. Em vez disso, as mãos cheiram agora intensamente a lubrificante de armas. Volta a sentar-se, a fim de escrever o relatório para Petter Näslund, o seu superior direto, e no qual explica os motivos que justificaram que ele tivesse usado a sua arma de serviço.

Sexta-feira, dia 11 de dezembro, à noite

Erik espera enquanto metem as três *pizzas* no forno e pede mais salame para a de Simone. O telemóvel toca e ele olha para o visor. Não reconhecendo o número, volta a guardar o aparelho no bolso. Deve ser certamente mais um jornalista, e, de momento, não aguenta mais perguntas. Ao regressar a casa, com as enormes caixas de cartão que mantêm as *pizzas* quentes, pensa que terá de falar novamente com Simone, explicar-lhe que ficou zangado por estar inocente, que não fez nada daquilo que ela pensa. No caminho, para em frente a uma florista, hesita por um instante, mas acaba por entrar. Sente-se um aroma delicado dentro da loja, e a vitrina está embaciada. Decide-se pela compra de um ramo de rosas quando o telemóvel toca de novo. É Simone.

- Estou?
- Onde estás? – pergunta.
- Estou a caminho.
- Estamos a morrer de fome.
- Está bem, vou já.

Apressa-se a chegar a casa, atravessa o vestíbulo do prédio e espera pelo elevador. Através do vidro lapidado amarelo da entrada, o mundo lá fora parece de fantasia, como se estivesse encantado. Erik pousa as caixas de cartão no chão, abre a tampa do depósito do lixo e atira o ramo de rosas lá para dentro.

Já no elevador, porém, arrepende-se, acha que talvez ela tivesse gostado e não teria de modo algum interpretado o gesto como uma tentativa de a comprar, de evitar nova confrontação.

Toca à campainha da porta, Benjamin abre e pega nas caixas com as *pizzas*. Erik pendura o sobretudo no bengaleiro e dirige-se imediatamente para a casa de banho, a fim de lavar as mãos. Pega numa tablete de comprimidos pequenos, de um amarelo-esverdeado, pressiona e tira três, engole-os com a ajuda de um pouco de água e depois vai para a cozinha.

– Já estamos a comer – anuncia Simone.

Erik vê os copos de água em cima da mesa, murmura qualquer coisa sobre os Alcoólicos Anónimos, enquanto vai buscar dois copos de vinho.

– Muito bem – diz Simone, ao vê-lo tirar a rolha de uma garrafa.

– Ouve – começa ele –, sei que te desaponte, mas...

O telemóvel de Erik toca mais uma vez e os dois trocam um olhar.

– Não vais atender? – pergunta Simone.

– Não vou falar com mais jornalistas esta noite – explica Erik.

Ela corta umas fatias de *pizza*, pega numa e diz:

– Deixa tocar.

Erik serve o vinho nos dois copos, Simone agradece com um aceno de cabeça e sorri.

– A propósito – comenta de repente –, já quase desapareceu, mas cheirava a fumo de cigarro quando cheguei a casa.

– Tens algum amigo que fume? – pergunta Erik a Benjamin.

– Não – responde ele.

– E a Aida?

Benjamin não responde, come depressa, mas para de repente, pousa os talheres e fica a olhar de cabeça baixa para a mesa.

– O que é que se passa, miúdo? – pergunta Erik com cautela. – Em que estás a pensar?

– Em nada.

– Sabes que podes contar-nos seja o que for.

– Posso mesmo?

– Não achas que...

– Tu não entendes – interrompe Benjamin.

– Então, explica-me – tenta Erik.

– Não.

Continuam a comer em silêncio. Benjamin fixa o olhar na parede.

– O salame está ótimo – diz Simone em voz baixa, e limpa a mancha de *bâton* do copo. – É pena que tenhamos deixado de cozinhar juntos – acrescenta, dirigindo-se a Erik.

– E quando íamos ter tempo para isso? – defende-se ele.

– Querem parar de discutir? – grita Benjamin.

Bebe água e olha pela janela, para a cidade às escuras. Erik não come quase nada, mas enche o copo algumas vezes.

– Tomaste a injeção ontem? – pergunta Simone.

– Acaso o pai se esqueceu alguma vez?

Benjamin levanta-se e coloca o prato no lava-loiças.

– Obrigado pelo jantar.

– Fui ver o casaco de couro para que andas a poupar dinheiro – diz Simone de repente. – Achei que posso pôr o que falta.

Benjamin abre um amplo sorriso e abraça-a. Ela abraça-o com força, mas solta-o assim que sente o primeiro indício de que o filho se quer afastar. Depois, ele vai para o seu quarto.

Erik separa um canto da *pizza* e enfia-o na boca. Está com olheiras profundas e os sulcos em volta da boca muito marcados. Na testa, forma-se uma ruga de sofrimento ou de tensão.

O telemóvel toca de novo e move-se em cima da mesa, em virtude da vibração.

Erik olha para o visor e abana a cabeça.

– Ninguém conhecido – diz, apenas.

– Já te cansaste de ser uma celebridade? – pergunta Simone com suavidade.

– Hoje só falei com dois jornalistas – sublinha, com um sorriso amarelo. – Para mim, basta.

– O que queriam?

– Era daquela revista, *Café*, ou lá como se chama.

– Aquela que tem sempre *pin-ups* na capa?

– Sim, tem sempre alguma rapariga com cara de espantada ao ser fotografada, e vestida apenas com umas cuecas e a bandeira inglesa.

Simone sorri-lhe.

– O que é que eles queriam?

Erik aclara a garganta e responde, aborrecido:

– Perguntaram-me se podia hipnotizar as mulheres e levá-las a fazer sexo. E assim por diante...

– A sério?

– Claro.

– E a outra chamada? – pergunta ela. – Era da revista *Ritz* ou da *Slitz*?

– Da rádio Dagens Eko – responde. – Queriam saber o que eu achava da denúncia do procurador-geral.

– Que desagradável.

Erik esfrega os olhos e suspira. Parece até que perdeu alguns centímetros de altura.

– Sem a sessão de hipnose – diz lentamente –, Josef Ek talvez viesse a assassinar a irmã mais velha, assim que deixasse o hospital.

– Mesmo assim, não devias ter cedido – objeta Simone.

– Sim, eu sei – concorda e passa um dedo pelo copo. – Lamento ter...

Cala-se e Simone sente um repentino desejo de o acariciar, de o abraçar. Mas, em vez disso, permanece sentada a olhar para ele.

– O que vamos fazer? – pergunta, então.

– Fazer?

– Refiro-me a nós. Dissemos coisas horríveis, que devíamos separar-nos... Já não te compreendo, Erik.

Erik esfrega os olhos com força.

– Percebo que não confies em mim – diz e guarda silêncio de novo.

Simone procura o olhar dele, cansado, triste, observa-lhe o rosto sem brilho, os cabelos grisalhos, espetados, e pensa que existiu uma época em que, quase sempre, se divertiam juntos.

– Não sou o que tu queres que eu seja – continua Erik.

– Para – diz ela.

– O quê?

– Tu dizes que eu estou insatisfeita contigo, mas és tu que me traís, que nunca estás contente comigo.

– Simone, eu...

Afaga-lhe a mão, mas Simone retira-a. O olhar dele está cada vez mais perdido, e ela dá-se conta de que Erik tomou os seus comprimidos.

– Tenho de ir dormir – diz então e levanta-se.

Erik segue-a, o rosto pálido, os olhos cansados. A caminho da casa de banho, Simone verifica se a porta do apartamento está bem fechada.

– Podes dormir no quarto de hóspedes – diz.

Ele assente; parece indiferente, quase anestesiado e,

simplesmente, pega num edredão e na almofada.

*

A meio da noite, Simone acorda repentinamente ao sentir uma picada no antebraço. Está deitada de bruços, vira-se de costas e esfrega-o. O músculo arde-lhe e repuxa-lhe a pele. O quarto está às escuras.

– Erik? – sussurra, mas, então, lembra-se de que ele está a dormir no quarto de hóspedes.

Vira-se para a porta entreaberta e vê sair uma sombra. O chão de tacos range sob o peso de alguém. Pensa que Erik talvez se tenha levantado para ir buscar alguma coisa, mas conclui que ele deve estar profundamente adormecido, sob o efeito do soporífero. Acende o candeeiro da mesa de cabeceira, vira o braço para a luz e vê uma gota de sangue a sair de um pequeno ponto rosado na pele. Deve ter-se picado com alguma coisa.

Ouve pancadas leves no corredor, apaga a luz e levanta-se da cama, mas sente as pernas fracas. Massaja o braço dorido, enquanto entra na sala de estar. Alguém sussurra no corredor e dá risadinhas abafadas, como se arrulhasse, mas Simone tem a impressão de que não se trata de Erik. Sente um calafrio e repara que a porta de entrada está escancarada. O patamar da escada está às escuras e o ar frio entra pela porta. Ouve, então, um ruído proveniente do quarto de Benjamin, um gemido fraco.

– Mãe?

O rapaz parece assustado.

– Ai – ouve-o choramingar e, depois, começar a chorar. Um choro abafado, sufocado.

Pelo espelho no corredor, Simone vê alguém debruçado sobre a cama de Benjamin com uma seringa na mão. Os pensamentos disparam na sua mente. Tenta compreender o que está a acontecer, o que está a ver.

– Benjamin? – diz, com voz ansiosa. – O que estás a fazer? Posso entrar?

Aclara a garganta, dá um passo em frente, mas, de repente, sente falta de apoio nas pernas, procura agarrar-se ao aparador, mas não

consegue manter-se de pé. Cai ao chão, bate com a cabeça na parede e sente a dor começar a arder-lhe no crânio. Tenta levantar-se, mas as pernas não obedecem à ordem do cérebro, não sente a metade inferior do corpo. Apercebe-se de um estranho formigueiro no peito e a respiração torna-se mais pesada, perde a visão durante alguns segundos, mas recupera-a, ainda que desfocada.

E então vê que alguém arrasta Benjamin pelo chão, puxando-o pelas pernas. O casaco do pijama sobe-lhe para os ombros, e o rapaz mexe os braços devagar, confuso. Tenta agarrar-se à ombreira da porta, mas parece não ter forças e a cabeça choca contra ela. Benjamin olha para a mãe fixamente, está aterrorizado, mexe a boca, mas não sai qualquer som. Simone estica-se para lhe agarrar a mão, mas não lhe chega. Sem forças, tenta arrastar-se atrás do filho, revira os olhos, não vê nada, pestaneja e vê, em fragmentos intermitentes, Benjamin ser arrastado através da entrada do apartamento e do patamar, e, depois, a porta fecha-se com cautela. Simone tenta gritar por socorro, mas não é capaz, os olhos fecham-se, respira lenta e pesadamente, falta-lhe o ar.

E, em seguida, fica tudo negro.

Sábado, dia 12 de dezembro, de manhã

Simone sente como se tivesse a boca cheia de vidros e uma dor intensa ao respirar. Tenta passar a língua pelas gengivas, mas esta está inchadada e não consegue movê-la. Procura olhar em frente, no entanto, as pálpebras mal se erguem. Não consegue descortinar o que vê. Depois, a pouco e pouco, vai-se desenhando uma luz, metal, uma cortina.

Erik está sentado numa cadeira, ao lado da cama, e segura-lhe a mão. Tem os olhos húmidos e encovados. Simone tenta falar, mas sente a garganta em carne viva:

– Onde está o Benjamin? – diz, finalmente.

Erik estremece.

– O que disseste? – pergunta.

– O Benjamin – murmura ela. – Onde está o Benjamin?

Erik fecha os olhos e a boca fica tensa. Engole em seco e fixa os olhos nos dela.

– O que fizeste? – pergunta em voz baixa. – Encontrei-te caída no chão, Sixan, com a pulsação muito fraca. E, se não te tivesse encontrado... – Passa a mão pela boca e repete: – O que fizeste?

Simone tem dificuldade em respirar. Engole várias vezes. Percebe que lhe fizeram uma lavagem ao estômago, mas não sabe o que dizer. Não tem tempo para explicar a Erik que não tentou suicidar-se. O que ele acha não é importante. Quando tenta negar com a cabeça, sente náuseas.

– Onde é que ele está? – sussurra ela. – Para onde o levaram?

– O que queres dizer com isso?

As lágrimas correm-lhe pelas maçãs do rosto.

– Para onde o levaram? – repete.

– Querida, estavas caída no meio do corredor. O Benjamin já tinha saído quando eu me levantei. Vocês discutiram?

Ela tenta novamente negar com a cabeça, mas não tem forças.

– Havia alguém em casa... que o levou – diz, com a voz débil.

– A quem?

Ela chora convulsivamente.

– Ao Benjamin? – inquire Erik. – O que aconteceu ao Benjamin?

– Oh, meu Deus – murmura Simone.

– O que aconteceu ao Benjamin? – Erik quase grita.

– Alguém o levou.

Erik parece assustar-se, olha em volta, passa a mão a tremer pela boca e ajoelha-se ao lado dela.

– Conta-me o que aconteceu – pede, com a voz reprimida. – Simone, o que aconteceu?

– Vi alguém a arrastar o Benjamin pelo corredor – explica, num fio de voz.

– A arrastar... como? O que queres dizer com isso?

– Acordei durante a noite, ao sentir uma picada no braço, injetaram-me, alguém me deu...

– O quê? Onde é que sentiste a picada?

– Não acreditas em mim?

Tenta levantar a manga da camisa do hospital. Erik ajuda-a e descobre-lhe uma pequena marca vermelha no braço. Apalpa o inchaço à volta da picada com a ponta dos dedos e empalidece de súbito.

– Alguém levou o Benjamin – repete ela. – Não consegui impedir...

– Precisamos de saber o que te deram – diz ele, e prime o botão da campainha para chamar a enfermeira.

– Esquece, isso não importa, tens é de encontrar o Benjamin.

– Vou encontrá-lo, sim – garante-lhe sucintamente.

Uma enfermeira entra no quarto, Erik dá-lhe breves instruções sobre umas análises de sangue e a mulher sai apressadamente. Depois, volta-se de novo para Simone:

– O que aconteceu? – indaga. – Tens a certeza de que viste alguém a arrastar o Benjamin pelo corredor?

– Sim – responde, desesperada.

– Mas não viste quem era?

– Puxava o Benjamin pelas pernas pelo corredor e, depois, saiu pela porta. Eu estava no chão... não conseguia mexer-me.

As lágrimas voltam a rebentar, Erik abraça-a e ela soluça

encostada ao peito dele, a tremer da cabeça aos pés. Quando se acalma um pouco, afasta-se, empurrando-o suavemente.

– Erik – diz ela. – Tens de encontrar o nosso filho.

– Sim – anui ele, e sai do quarto.

A enfermeira bate à porta e entra. Simone fecha os olhos para não ter de a ver a encher os quatro pequenos tubos de sangue.

*

Erik dirige-se ao seu gabinete no hospital e, pelo caminho, recorda o trajeto da ambulância dessa manhã, ao lado da mulher, depois de a ter encontrado desmaiada no chão, quase sem pulso. A viagem rápida através da cidade, o dia já claro, o trânsito na hora de ponta, os carros a abrirem passagem, subindo os passeios. A lavagem ao estômago, a eficiência da médica que os atendeu, a sua serena rapidez. A máscara de oxigénio e a imagem escura do monitor a marcar o ritmo cardíaco irregular.

Erik liga o telemóvel no corredor, para e fica a ouvir todas as mensagens novas. No dia anterior, um polícia de nome Roland Svensson telefonou quatro vezes, para lhe oferecer proteção. Não existe nenhuma mensagem da parte de Benjamin ou de quem quer que seja que tenha a ver com o seu desaparecimento.

Decide ligar a Aida e sente uma súbita onda de pânico quando a rapariga lhe diz, com uma voz aterrada, que não faz a menor ideia de onde Benjamin possa estar.

– Será que ele foi para aquele lugar em Tensa?

– Não – responde ela.

Erik liga então para David, um amigo de Benjamin de longa data. É a mãe dele que atende. Quando ela lhe diz que não vê o Benjamin há vários dias, Erik interrompe a ligação, deixando-a com a frase a meio.

Liga para o laboratório do hospital para saber o resultado da análise, mas informam-no de que ainda não podem dar-lhe a resposta: o sangue acabara de chegar.

– Eu espero ao telefone – diz ele.

Ouve-os a trabalhar e, após algum tempo, chega a voz do Dr. Valdés em tom irritado:

– Olá, Erik, ao que parece, trata-se de *Rapifen* ou alguma substância parecida com o alfentanil.

– Alfentanil? Um anestésico?

– Provavelmente alguém o roubou de um hospital ou a algum veterinário. Não costumamos usá-lo, pois causa muita dependência. Mas, ao que parece, a tua mulher teve muita sorte.

– Porquê? – pergunta Erik.

– Porque sobreviveu.

Ele regressa ao quarto de Simone, para saber mais pormenores sobre o sequestro, para lhe contar tudo mais uma vez, mas vê que ela adormeceu. Tem os lábios gretados, em consequência da lavagem ao estômago.

O telemóvel toca dentro do bolso e ele corre apressadamente para fora do quarto e atende no corredor:

– Sim?

– Aqui é Linnea, da receção. Está aqui uma visita.

Demora alguns segundos a entender que a mulher se refere à receção de Neurologia, e que quem está a falar é Linnea Åkesson, que trabalha no hospital há quatro anos.

– Dr. Bark? – pergunta ela, à cautela.

– Uma visita para mim? Quem é?

– Joona Linna – responde ela.

– Bem, peça-lhe para subir até ao refeitório. Espero-o lá.

Erik desliga e permanece no corredor, enquanto os pensamentos, céleres, lhe atravessam a mente. Pensa nas mensagens da caixa de correio do seu telemóvel: Roland Svensson, da Polícia, ligara-lhe várias vezes para lhe oferecer proteção. Afinal, o que aconteceu? Alguém me ameaçou?, pergunta-se. E, de repente, fica petrificado ao cair em si e reconhecer como pouco usual a atitude do comissário Joona Linna ao vir vê-lo pessoalmente, em vez de telefonar.

Encaminha-se para o refeitório, passa os olhos pelas campânulas de plástico que protegem as sanduíches variadas, nota o cheiro doce de pão barrado com geleia e sente-se enjoado. As mãos tremem-lhe quando se serve de água num copo estriado.

Joona vem aí, pensa, para me contar que encontraram o corpo de Benjamin. É por isso que vem pessoalmente. Vai pedir que me

sente e depois anunciar que o meu filho está morto. Erik não quer pensar nisso, mas a verdade é que aquele pensamento não o deixa; não acredita, recusa-se a acreditar, mas a ideia regressa uma e outra vez. Cada vez mais rapidamente, a mente revela-lhe imagens terríveis do corpo de Benjamin atirado para uma valeta, junto à autoestrada, dentro de um saco preto do lixo numa zona florestal, a flutuar numa praia lodosa.

– Café?

– O quê?

– Quer?

Uma mulher jovem de cabelos loiros e sedosos está de pé, na sua frente, com uma cafeteira cheia na mão. O vapor do café quente, acabado de fazer, sai pelo bico da cafeteira. Ela olha para ele com um ar interrogativo, e Erik repara, então, que está com uma chávena vazia na mão. Ele nega com a cabeça e, ao mesmo tempo, vê Joona Linna a entrar no refeitório.

– É melhor sentarmo-nos – diz.

O olhar do comissário é de preocupação, fugidio.

– Está bem – responde Erik, quase inaudivelmente, após um momento.

Sentam-se a uma mesa ao fundo, coberta com uma toalha de papel; em cima dela, um saleiro. Joona coça uma sobrancelha e murmura qualquer coisa.

– O quê? – pergunta Erik.

Joona pigarreia ligeiramente e diz em seguida:

– Tentámos entrar em contacto consigo.

– Não atendi o telemóvel durante todo o dia de ontem – explica Erik, com uma voz fraca.

– Erik, lamento ter de o informar que... – Joona contém-se por um breve momento, olha para o comissário com uma expressão impenetrável e declara: – O Josef Ek fugiu do hospital.

– O quê?

– Tem direito a proteção policial.

A boca de Erik começa a tremer e os olhos enchem-se-lhe de lágrimas.

– Era isso que me queria dizer? Que o Josef fugiu?

– Sim.

Erik sente-se tão aliviado que gostaria de se deitar no chão e adormecer. Enxuga logo as lágrimas dos olhos.

– Quando é que ele fugiu?

– Esta noite... Matou uma enfermeira e feriu gravemente um homem – diz Joona penosamente.

Erik acena com a cabeça várias vezes, e os seus pensamentos voam rapidamente para uma nova e horrorosa situação.

– Ele foi ao meu apartamento durante a noite e levou o Benjamin com ele – declara.

– O que está a dizer?

– Que raptou o Benjamin.

– Viu-o?

– Não, mas a Simone...

– O que aconteceu?

– A Simone foi injetada com um anestésico potente – diz Erik lentamente. – Acabei de receber o resultado da análise do laboratório. Trata-se de um preparado denominado alfentanil, usado em grandes intervenções cirúrgicas.

– Mas ela está bem?

– Vai recuperar.

Joona concorda com a cabeça e anota o nome do fármaco.

– E a Simone diz que o Josef raptou o Benjamin?

– Não chegou a ver-lhe a cara.

– Compreendo.

– Conseguirão encontrar o Josef? – pergunta Erik.

– Vamos dar com ele, pode confiar. Já foi dado o alarme geral na Polícia – responde Joona. – Está gravemente ferido. Não vai a lado nenhum.

– Mas ainda não têm pistas?

Joona olha-o com uma expressão séria.

– Acho que o vamos apanhar muito em breve.

– Ainda bem.

– Onde estava quando ele entrou no apartamento?

– Estava a dormir no quarto de hóspedes – explica Erik. – Tinha tomado um soporífero e não ouvi nada.

– Portanto, quando ele entrou, viu a Simone sozinha no quarto.

– Provavelmente.

– Apesar disso, há qualquer coisa que não bate certo.

– É fácil não reparar no quarto de hóspedes: parece mais um roupeiro e, quando a porta da casa de banho está aberta, bloqueia o acesso.

– Não me refiro a isso – esclarece o polícia. – O que quero dizer é que não encaixa no perfil do Josef... Ele não anda por aí a dar injeções nas pessoas; o seu comportamento é muito mais agressivo.

– Talvez só a nós pareça agressivo – nota Erik.

– Que quer dizer com isso?

– Talvez tenha sempre consciência daquilo que faz. Quer dizer... na vivenda não foi encontrado sangue do pai.

– Não, mas...

– Isso indica que age de maneira fria e calculista. Talvez tenha decidido vingar-se de mim por intermédio do Benjamin.

Faz-se silêncio. Pelo canto do olho, Erik vê a mulher loira da cafeteira a bebericar o seu café e a olhar pela janela para os outros edifícios do hospital.

Joona baixa a cabeça, depois encara Erik e fala com notória sinceridade, com o seu sotaque finlandês suave e afetuoso:

– Lamento muito, Erik.

Após despedir-se de Joona à saída do refeitório, Erik vai para o seu gabinete, que é, ao mesmo tempo, o sítio onde dorme quando está de plantão no hospital.

Ainda lhe custa a acreditar que Benjamin tenha sido raptado. É simplesmente inacreditável, demasiado absurdo que um estranho tenha entrado no seu apartamento e arrastado o seu filho pelo corredor e pelo patamar, tenha chegado à rua e desaparecido na escuridão da noite.

Nada disto é lógico.

Não pode ter sido Josef Ek que levou o seu filho. Não faz sentido. Erik recusa-se a acreditar. É impossível.

Com a sensação de que tudo à sua volta está a desmoronar-se, senta-se à velha secretária e telefona para as mesmas pessoas, uma e outra vez, como se nos matizes das suas vozes pudesse descobrir que tinham deixado escapar algum pormenor importante, ou que estão a mentir ou a ocultar informações. Sabe que está a comportar-

se como um histérico quando telefona a Aida três vezes seguidas. Da primeira vez, para perguntar se ela sabe se Benjamin tinha alguns planos especiais para o fim de semana. Da segunda, para lhe perguntar se ela tem o número de telefone de algum outro dos seus amigos; explica-lhe que não sabe com quem Benjamin se dá na escola. E, da terceira, para perguntar se ela e Benjamin tinham discutido e, então, dá-lhe todos os números de telefone em que pode tentar localizá-lo, inclusive, o do hospital e do telemóvel de Simone.

Seguidamente, telefona mais uma vez para David, e este confirma-lhe que não via Benjamin desde as aulas do dia anterior. A partir daí, Erik começa a telefonar para a Polícia. Pergunta se há alguma novidade, se já fizeram alguns progressos. Depois, liga para todos os hospitais de Estocolmo. Telefona pela décima vez para o telemóvel desligado de Benjamin e, de seguida, para Joonas Linna, exigindo que intensifique a busca, que peça mais recursos e, finalmente, roga-lhe que faça tudo o que estiver ao seu alcance para encontrar o filho.

Depois, vai até ao quarto onde Simone se encontra, mas para antes de entrar. Sente que as paredes giram à sua volta, que alguma coisa se fecha sobre ele. O seu cérebro luta para compreender. E, dentro de si, ouve um repicar incessante: «Vou encontrar o Benjamin, vou encontrar o Benjamin!»

Através do vidro da porta, Erik vê a sua mulher. Está acordada, mas a expressão do rosto é de cansaço, de confusão. Os lábios estão descoloridos, as olheiras mais profundas. Os cabelos ruivos estão emaranhados, suados. Dá voltas à aliança de casamento, roda-a e pressiona-a contra o nó do dedo. Erik passa a mão pelo cabelo e, ao tocar no queixo, sente a barba crescida. Simone vê-o através do vidro, mas não muda de expressão.

Erik entra e deixa-se cair na cadeira, ao seu lado. Ela observa-o e depois desvia o olhar. Ele vê os seus lábios contraídos num esgar de sofrimento. Algumas lágrimas afloram aos seus olhos e o nariz fica vermelho.

– O Benjamin tentou agarrar-se a mim, estendeu o braço para chegar à minha mão – sussurra ela. – Mas eu estava para ali no chão, sem poder mexer-me.

A voz de Erik soa fraca:

– Acabei de saber que o Josef Ek fugiu do hospital, ontem à noite.

– Estou com frio – murmura ela.

Quando Erik tenta tapá-la com o cobertor azul do hospital, Simone afasta-lhe a mão.

– A culpa é tua – diz. – Estavas com tanta vontade de voltar a praticar a hipnose que...

– Por favor, Simone, a culpa não foi minha. Estava a tentar salvar uma pessoa, o meu trabalho consiste em...

– E o teu filho não conta? – grita ela.

Quando Erik tenta afagá-la, ela rejeita-o.

– Vou telefonar ao meu pai – diz, com a voz a tremer. – Ele vai ajudar-me a encontrar o Benjamin.

– Não quero que lhe telefones, seja por que motivo for – replica Erik.

– Já sabia que ias dizer isso, mas a verdade é que não quero saber o que pensas. Só quero recuperar o Benjamin.

– Eu vou encontrá-lo, Sixan.

– Já não acredito em ti.

– A Polícia está a fazer o que pode e o teu pai é...

– A Polícia? Foi a Polícia que deixou escapar esse louco – diz ela, transtornada. – Não foi isso que aconteceu? Eles não vão mexer um dedo para encontrar o Benjamin.

– O Josef é um assassino em série e a Polícia quer encontrá-lo. Mas eu não sou idiota, e sei que o Benjamin não é importante para eles, não se preocupam com ele, na realidade não tanto como nós, não como...

– Foi isso mesmo que eu disse – interrompe ela, irritada.

– O Joona Linna explicou-me que...

– A culpa é dele. Foi ele que te obrigou a hipnotizá-lo.

Erik nega com a cabeça e engole em seco.

– A decisão foi minha.

– O papá faria tudo – murmura ela.

– Quero que tu e eu analisemos de novo cada pormenor, precisamos de pensar, precisamos de calma e tranquilidade para...

– E que raio podemos nós fazer? – grita ela.

Faz-se silêncio. Erik ouve alguém a ligar a televisão no quarto ao lado.

Simone continua deitada, agora de cara virada para o outro lado.

– Temos de pensar – repete Erik cautelosamente. – Não tenho a certeza de ter sido o Josef Ek que...

– És um idiota, Erik – explode ela.

Tenta erguer-se da cama, mas não tem forças.

– Posso, pelo menos, dizer uma coisa?

– Vou arranjar uma arma e eu mesma vou encontrá-lo – diz ela.

– A porta da frente foi aberta, duas noites seguidas, mas...

– Já te tinha dito – interrompe ela. – Disse-te que alguém tinha entrado no apartamento, mas tu não acreditaste, nunca o fazes, se tivesses acreditado, então...

– Escuta – exige Erik. – O Josef Ek estava no hospital na primeira noite. Não pode ter sido ele a entrar em casa e a abrir o frigorífico.

Ela não o ouve, tenta apenas levantar-se da cama. Arqueja, aborrecida consigo mesma, e consegue chegar ao armário onde estão as suas roupas. Erik, de pé, não lhe presta qualquer ajuda, vê-a vestir-se a tremer e ouve-a praguejar entre dentes.

Sábado, dia 12 de dezembro, à noite

Já era noite cerrada quando Erik finalmente consegue a alta hospitalar de Simone. Em casa, está tudo virado de pernas para o ar: a roupa de cama atirada para o chão do corredor; os candeeiros acesos; a torneira na casa de banho aberta; os sapatos espalhados em cima do tapete da entrada; o telefone no chão, aberto e com a bateria de fora.

Erik e Simone olham em volta, com a angustiante sensação de que algo muito importante no seu lar está perdido para sempre. Os objetos parecem-lhes estranhos, isentos de significado.

Simone levanta uma cadeira, senta-se e começa a tirar as botas altas. Erik fecha a torneira da casa de banho e depois vai ao quarto de Benjamin. Olha para o tampo vermelho da escrivaninha. Os livros escolares estão ao lado do computador, forrados com papel cinzento. No quadro de cortiça, uma fotografia dele próprio dos tempos do Uganda, sorridente e bronzeado, com as mãos nos bolsos da bata. Erik toca ao de leve nos *jeans* de Benjamin, pendurados nas costas de uma cadeira, com a camisola de lã preta.

Regressa à sala de estar e vê Simone de pé com o telefone na mão. Já introduzira de novo a bateria e começa a digitar um número.

– Para quem estás a ligar?

– Para o papá – responde.

– Não podes esperar um pouco?

Ela deixa que Erik lhe tire o telefone das mãos.

– Porquê? – pergunta ela, com ar de cansaço.

– Não tenho forças para me encontrar com Kennet, agora não, não...

Fica em silêncio, pousa o telefone na mesa e passa a mão pelo rosto, antes de recommear:

– Será que não podes respeitar a minha vontade de não querer deixar tudo nas mãos do teu pai?

- Será que podes respeitar a minha...
- Deixa-te disso de uma vez – interrompe ele.

Simone olha para Erik, magoada.

– Sixan, neste momento, estou com dificuldades em ordenar os meus pensamentos. Não sei explicar-te, é como se apenas me apetecesse gritar ou algo parecido... A verdade é que não aguentaria ter o teu pai por perto.

- Já acabaste? – pergunta-lhe, voltando a pegar no telefone.
- Trata-se do nosso filho – diz ele.

Ela concorda.

– E tem de ser assim? Isto só pode ser resolvido por ele? – continua Erik. – Quero que tu e eu continuemos a procurar o nosso filho... juntamente com a Polícia, como deve ser.

- Preciso do meu pai – diz ela.
- E eu preciso de ti.
- Não consigo acreditar nisso – responde.
- Porque não acreditas?
- Porque tu só queres mandar em mim – atira-lhe Simone.

Erik vira-lhe as costas, começa a andar e logo se detém.

- O teu pai está reformado, não pode fazer nada.
- Ele tem contactos – diz ela.
- Isso é o que ele julga: que tem contactos, acha que continua a ser comissário, mas não passa de um reformado.
- Tu não sabes...

- O Benjamin não é um passatempo – interrompe-a Erik.
- Não me interessa o que possas pensar.

Olha para o telefone.

- Não posso ficar aqui se ele vier.
- Não faças isso – suplica ela em voz baixa.
- Só queres que ele venha para que te diga que me enganei, que é tudo culpa minha, exatamente como aconteceu quando ficámos a saber da doença do Benjamin: é tudo culpa do Erik... Até percebo que, para ti, seja mais cómodo, mas para mim...

- És um idiota – interrompe-o, sorrindo.
- Se ele vier, eu saio.
- Para mim é igual – replica ela, serena.

Ele baixa os ombros. Ela vira-se um pouco e começa a marcar o

número.

– Não o faça – pede.

Simone nem olha para ele. Erik sabe que não pode ficar. É impossível continuar ali quando Kennet chegar. Olha em volta. Não há nada que queira levar consigo. Ouve os toques do telefone e vê a sombra das pestanas de Simone a tremeluzir-lhe no rosto.

– Vai à merda – atira-lhe, e sai pelo corredor.

Enquanto Erik calça os sapatos, ouve Simone a falar com Kennet. Com voz chorosa, pede ao pai para vir o mais depressa possível. Erik tira o casaco do bengaleiro, deixa o apartamento e fecha a porta à chave. Desce as escadas, ainda faz uma pausa, pensa voltar para trás e dizer mais alguma coisa, explicar que não é justo, que é também o seu lar, o seu filho, a sua vida.

– Que se foda! – solta em voz baixa. E continua em direção à porta do prédio, saindo para a escuridão da rua.

*

Simone está perto da janela e vislumbra o seu rosto como uma sombra transparente na escuridão da noite. Ao ver o velho *Nissan Primera* estacionar em segunda fila diante da porta do prédio, esforça-se para reprimir o choro. E já está na entrada do apartamento quando o pai bate à porta. Retira a corrente de segurança, abre, deixa-o entrar, fecha, recoloca a corrente e tenta sorrir.

– Papá – diz, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe caem pelo rosto.

Kennet abraça-a, e ela, ao reconhecer o cheiro familiar a couro e a tabaco no casaco de pele dele, viaja até à sua infância durante breves segundos.

– Aqui estou eu, minha menina – diz ele, e senta-se na cadeira da entrada com ela nos joelhos. – O Erik não está em casa? – pergunta em seguida.

– Separámo-nos – murmura ela.

– Ah – diz Kennet.

Tira um lenço do bolso e Simone levanta-se do colo dele e assoa-se várias vezes. Depois, o pai despe o casaco e pendura-o no

bengaleiro, repara que a roupa de Benjamin se conserva intacta, que os sapatos estão no lugar e que a mochila está encostada à parede junto à porta.

Coloca a mão por cima do ombro da filha, enxuga-lhe cuidadosamente as lágrimas com o polegar e leva-a até à cozinha. Obriga-a a sentar-se numa cadeira, pega num filtro de papel e na lata de café, e liga a cafeteira elétrica.

– Agora, vais contar-me tudo – diz calmamente, ao mesmo tempo que procura e pousa em cima da mesa duas chávenas. – E começa do princípio, por favor.

Simone conta-lhe então pormenorizadamente o que acontecera na primeira noite, quando acordou ao sentir que havia alguém no apartamento. Como tinha notado o cheiro a tabaco na cozinha, como a porta de entrada estava aberta e como se deu conta da luz fria do frigorífico.

– E Erik? – pergunta-lhe Kennet, com pressa de saber tudo. – O que é que ele fez?

Ela hesita antes de encarar o pai e responder:

– Não acreditou em mim... Disse que algum de nós se teria levantado durante a noite, como sonâmbulo, e ido à cozinha.

– Sonâmbulo o tanas – murmura Kennet.

Simone sente o rosto a contrair-se-lhe de novo. O pai serve o café nas chávenas, faz uma anotação qualquer num papel e pede-lhe que prossiga.

Ela conta, então, que sentiu uma picada no braço que a fez despertar a meio da noite anterior, que se levantou e ouviu ruídos estranhos no quarto de Benjamin.

– Que espécie de ruídos? – pergunta Kennet.

– Murmúrios – diz, hesitante. – Ou queixumes. Não sei.

– E depois?

– Perguntei se podia entrar e vi que havia alguém lá dentro, alguém que estava inclinado sobre o Benjamin e...

– E?

– Nesse momento, senti as pernas a fraquejarem, não conseguia pronunciar uma palavra sequer e caí ao chão. Fiquei estendida no corredor sem me poder mexer, enquanto via que alguém arrastava o Benjamin para fora... Meu Deus, a cara dele... estava tão assustado.

Chamava por mim e tentou agarrar-me as mãos, mas, nessa altura, já não conseguia mover-me.

De repente, Simone fica em silêncio, a olhar para o vazio.

– Lembras-te de mais alguma coisa?

– De quê?

– Que aspeto tinha o intruso?

– Não sei.

– Não viste nada?

– Os movimentos dele eram estranhos, com as costas encurvadas, como se estivesse com dores no corpo.

Kennet faz mais anotações.

– Pensa bem – estimula-a.

– Estava escuro, papá.

– E o Erik? – pergunta Kennet. – O que fez ele?

– Estava a dormir.

– A dormir?

Ela confirma.

– Ultimamente, anda a tomar bastantes comprimidos para dormir – diz. – Estava no quarto de hóspedes e não ouviu nada.

O olhar de Kennet carrega-se de desprezo e Simone percebe fugazmente porque o marido se foi embora.

– Que tipo de comprimidos? – pergunta-lhe o pai. – Sabes o nome?

Ela coloca as mãos do pai entre as dela.

– Papá, o Erik, neste caso, não é o acusado.

Kennet retira as mãos.

– A violência infantil é quase sempre cometida por alguém da família.

– Eu sei disso, mas...

– Estamos a examinar os factos – interrompe-a Kennet com uma voz serena. – O criminoso tem obviamente conhecimentos de medicina e acesso a medicamentos.

Simone concorda.

– Viste o Erik deitado no quarto de hóspedes?

– A porta estava fechada.

– Mas não o viste, pois não? E não sabes se ele tinha tomado os comprimidos.

– Não – tem ela de admitir.

– Cinjo-me apenas àquilo que sabemos, Sixan – diz ele. – E, de facto, não o viste a dormir. Talvez estivesse mesmo no quarto de hóspedes, mas não podemos ter a certeza.

Kennet levanta-se, pega num pedaço de pão da despensa e tira o queijo do frigorífico. Prepara uma sanduíche para Simone.

Momentos depois, aclara a voz e pergunta:

– Por que razão o Erik abriria a porta ao Josef?

Ela olha para o pai, espantada.

– O que queres dizer com isso?

– Se ele fez isso, que motivos teria?

– Acho que esta nossa conversa não faz qualquer sentido.

– Porquê?

– O Erik ama o Benjamin.

– Sim, mas talvez alguma coisa tenha corrido mal. Talvez o Erik tenha apenas deixado entrar o rapaz para falar com ele e, depois, telefonar à Polícia, ou...

– Chega, papá – pede Simone.

– Devemos fazer todas estas perguntas se quisermos encontrar o Benjamin.

Ela esforça-se por anuir, assumindo uma expressão muito pouco natural. Acrescenta, quase inaudivelmente:

– Talvez o Erik julgasse que fosse outra pessoa a bater à porta.

– Quem?

– Acho que ele se encontra com uma mulher chamada Daniella – diz, sem olhar para o rosto do pai.

Domingo, 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, de manhã

Simone acorda às cinco horas da manhã. Kennet deve tê-la levado ao colo para a cama e tapado com o edredão. Levanta-se e vai diretamente ao quarto de Benjamin, com uma ardente esperança no peito, mas a sensação desaparece quando se detém no umbral da porta.

O quarto está vazio.

Não chora, mas parece-lhe que o sabor das lágrimas e da angústia impregnou tudo, tal qual uma gota de leite turva a água clara. Tenta organizar as ideias, não ousa sequer pensar em Benjamin, não se atreve a deixar que o pânico se apodere dela.

A luz está acesa na cozinha.

O pai deixara a mesa repleta com anotações de papel. O rádio de polícia está em cima do balcão e do aparelho sai um ruído sussurrante. Kennet está de pé totalmente imóvel, a olhar para o vazio. Depois, afaga o queixo, uma, duas vezes.

– Ainda bem que conseguiste dormir um pouco – diz ele.

Ela abana a cabeça.

– Sixan?

– Sim – murmura, dirigindo-se à torneira do lava-loiça. Deixa correr a água fria nas mãos e passa-as pela cara. Quando se limpa com o pano da cozinha, vê o rosto refletido no vidro da janela. Continua escuro lá fora, mas em breve chegará o amanhecer, com a sua rede prateada, o frio invernos e a obscuridade de dezembro.

Kennet escreve num pedaço de papel, afasta a folha e anota qualquer coisa num caderno. Ela senta-se numa cadeira, em frente do pai e procura imaginar para onde Josef poderá ter levado o filho, como conseguiu entrar em sua casa e porque escolheu precisamente Benjamin e não outro qualquer.

– «O filho predileto» – murmura ela.

– O que disseste? – pergunta Kennet.

– Nada, não é nada...

Simone estava a pensar que, em hebraico, Benjamin significa «filho predileto». No Antigo Testamento, Raquel era a mulher de Jacob. Ele trabalhou durante catorze anos para se poder casar com ela. Raquel teve dois filhos: José, que interpretava os sonhos do faraó, e Benjamin, o filho predileto.

O rosto de Simone contrai-se, num esforço para evitar o choro. E Kennet, sem pronunciar qualquer palavra, inclina-se para ela e abraça-a pelos ombros.

– Vamos encontrá-lo – assegura.

Ela acena com a cabeça. Concorde.

– Recebi isto, mesmo antes de acordares – diz ele, apontando para uma pasta de arquivo em cima da mesa.

– Que papéis são esses?

– São sobre a vivenda de Tumba, onde Josef Ek... Isto é o relatório dos técnicos que investigaram o local do crime.

– Mas não estás reformado?

Ele sorri e passa-lhe a pasta. Simone abre-a e lê os relatórios realizados pelos técnicos: impressões digitais, impressões das mãos, vestígios dos corpos arrastados, tecido epitelial debaixo das unhas, deteriorações na lâmina da faca, restos de medula num par de chinelos, salpicos de sangue no ecrã da televisão, sangue no abajur de papel de arroz, no tapete, nas cortinas. As fotografias escorregam do interior de uma capa de plástico. Simone tenta não olhar para elas, mas o seu cérebro ainda tem tempo de captar um ambiente espantoso: objetos de uso quotidiano, prateleiras, um móvel com uma aparelhagem de som, tudo coberto de sangue negro.

Espalhados no chão veem-se os membros de vários corpos mutilados.

Levanta-se, dirige-se ao lava-loiça e tenta vomitar.

– Desculpa – lamenta Kennet. – Não era minha intenção... Às vezes, esqueço que nem toda a gente é da Polícia.

Ela fecha os olhos e imagina o rosto aterrorizado de Benjamin, num quarto escuro com o chão coberto de sangue coagulado. Inclina-se e vomita. Restos de mucosidades e de bílis espalham-se em cima de colheres e chávenas usadas. Quando lava a boca e ouve um som estridente nos ouvidos, receia estar a mergulhar num estado de histerismo.

Ampara-se ao lava-loiça e respira lentamente, recompõe-se e olha para o pai.

– Não é nada – diz, com voz fraca. – É que não quero relacionar tudo isto com o Benjamin.

Kennet vai buscar um cobertor, cobre-a e volta a sentar-se lentamente na cadeira.

– Se o Josef Ek raptou o Benjamin é porque quer alguma coisa, não? Nunca tinha feito nada parecido...

– Acho que não aguento isto – murmura Simone.

– Apenas pretendo dizer que, na minha opinião, o Josef Ek veio atrás do Erik – continua Kennet –, mas como não o encontrou, levou o Benjamin para mais tarde fazer uma troca.

– Nesse caso, o Benjamin ainda está vivo... Tem de estar, não?

– É claro que sim – assegura Kennet. – A nós resta-nos saber onde ele o escondeu, onde está o Benjamin.

– Em qualquer lugar, pode tê-lo levado para qualquer lugar.

– Estás enganada – diz Kennet.

Simone olha para o pai.

– Provavelmente, escondeu-o num de dois sítios: em casa dele ou numa casa de campo.

– Mas a casa dele é esta – diz Simone, elevando a voz e apontando para as fotografias na capa de plástico.

Kennet apanha algumas migalhas com a palma da mão.

– Dutroux – diz.

– O quê? – indaga Simone.

– Dutroux, lembras-te dele?

– Acho que não...

Kennet fala-lhe então, como um perfeito conhecedor de casos, de Marc Dutroux, o pedófilo que sequestrou e torturou seis meninas na Bélgica. Julie Lejeune e Melissa Russo morreram de inanição, enquanto Dutroux cumpria a curta pena de um mês pelo roubo de um carro. Eefje Lambrechts e An Marchal foram enterradas vivas no jardim da casa dele.

– Dutroux tinha uma casa em Charleroi – continua. – Na cave, construíra um habitáculo oculto com uma pesada porta de duzentos quilos. Mesmo que se batesse nela, não soava a oco. A única maneira de encontrar esse espaço foi medindo a casa. As medidas

eram diferentes, por dentro e por fora. Sabine Dardenne e Laetitia Delhez ainda foram encontradas com vida.

Simone tenta levantar-se. Sente o coração bater no peito de um modo estranho. Pensa no facto de existirem homens que agem sob a necessidade de emparedar outras pessoas, que se acalmam por saber que elas estão a morrer de medo no escuro, que gritam por socorro atrás das paredes silenciosas.

– O Benjamin precisa de tomar o medicamento – murmura.

Vê o pai dirigir-se para o telefone, marcar um número, esperar um momento e depois dizer rapidamente:

– Charley? Escuta, há uma coisa que preciso de saber sobre o Josef Ek... Não, é a propósito da casa dele, da vivenda.

Uma pausa. Depois, Simone ouve a voz grave de alguém no recetor.

– Sim – diz Kennet. – Sei que pesquisaram, já tive tempo de dar uma vista de olhos ao relatório do local do crime.

Na outra ponta da linha, o homem volta a falar. Simone fecha os olhos e ouve os ruídos do rádio da polícia, que encobrem o som da voz surda ao telefone.

– Mediram a casa? – ouve o pai perguntar. – Não, é claro, mas...

Abre os olhos e sente, de repente, uma breve descarga de adrenalina a sobrepor-se à sonolência.

– Sim, seria ótimo... – agradece Kennet. – Podes mandar uma cópia das plantas pelo mensageiro? – indaga Kennet. – E toda a documentação relativa às licenças de construção que... Sim, para o mesmo endereço... Sim... muitíssimo obrigado.

Desliga o telefone e permanece de pé, a olhar através da janela para a paisagem escura.

– Será possível que o Benjamin esteja nessa casa? – pergunta ela.

– Será possível, papá?

– É isso que vamos ver.

– Mas, então, vamos... – exclama ela, impaciente.

– O Charley vai mandar-me a cópia dos desenhos das plantas da casa.

– Que plantas? Quero lá saber das plantas. Porquê esperar? Vamos já! De carro. Eu consigo abrir qualquer...

– Isso não serviria de nada... – interrompe ele. – Quer dizer... A

pressa é grande, mas não creio que ganhem tempo indo até à casa e destruindo uma parede atrás da outra.

– Mas precisamos de fazer qualquer coisa, papá.

– A casa esteve cheia de polícias nos últimos dias – explica ele. – Se houvesse algo evidente, tê-lo-iam encontrado, mesmo considerando que não andavam à procura do Benjamin.

– Mas...

– Eu tenho de examinar as plantas, ver onde se poderia construir um quarto escondido, comparar medidas com as que foram tomadas na vivenda.

– Mas se lá não existir nenhum esconderijo, onde é que o Benjamin pode estar?

– A família Ek partilhava uma casa de veraneio, nos arredores de Bollnäs, com o irmão do pai de Josef... Já pedi a um amigo que vive perto para lá dar um salto. Ele conhece bem o lugar onde a família Ek tinha a casa. Está situada na parte mais antiga de um complexo residencial de férias.

Kennet olha para o relógio e marca um número no telefone.

– Olá, Svante, é o Kennet, gostaria de saber...

– Já cá estou – interrompe-o o amigo.

– Onde?

– Dentro da casa – informa Svante.

– Só tinhas de dar uma olhadela...

– Os novos proprietários, os Sjölin, deixaram-me entrar e...

Ouve-se alguém a falar ao fundo.

– O nome não é Sjölin, mas Sjödin – corrige Svante. – Já compraram a casa há mais de um ano.

– Obrigado pela tua ajuda, Svante.

Kennet desliga a chamada. Uma ruga profunda forma-se-lhe na testa.

– E a cabana da tia? – sugere Simone. – Aquela em que a irmã mais velha se escondia?

– A Polícia já lá esteve várias vezes, mas tu e eu também podemos ir lá dar uma vista de olhos.

Ambos ficam em silêncio, de olhar intrigado e pensativo. Ouviram um barulho na caixa do correio da porta. O jornal da manhã, que chega tarde, cai pesadamente no chão do vestíbulo.

Nenhum deles sai do lugar. Percebem o barulho de outras caixas de correio mais longe e, depois, alguém abre a porta da rua.

De repente, Kennet aumenta o volume do rádio ligado à frequência da polícia. Fora feita uma chamada geral. Alguém responde, pede informações. Há uma breve troca de palavras e Simone consegue entender que uma mulher ouviu gritos no apartamento vizinho. Um carro da polícia segue para lá. Ao fundo, alguém solta uma gargalhada e começa uma longa explicação acerca do motivo por que continuam a barrar as tostas do pequeno-almoço, todas as manhãs ao seu irmão mais novo, já adulto. Kennet baixa o volume do rádio de novo.

– Vou fazer café – informa Simone.

De um colete militar verde, o pai tira um guia de Estocolmo, retira os castiçais da mesa e coloca-os no parapeito da janela, antes de começar à procura de alguma coisa no livro. Simone mantém-se de pé atrás dele, a observar a intrincada rede de estradas, comboios e linhas de autocarro vermelhas, azuis, verdes e amarelas que se entrecruzam, as extensões de floresta e os desenhos geométricos que representam os conjuntos habitacionais periféricos.

O dedo de Kennet segue por uma via amarela ao sul de Estocolmo, através de Älvsjö, Huddinge, Tullinge e chega a Tumba. Juntos, observam a página de Tumba e Salem. Trata-se de um mapa descolorido de um antigo núcleo urbano, onde recentemente se construíra um novo centro comercial, perto da estação do comboio que serve as cercanias. Observam a típica intervenção urbanística do pós-guerra, com edifícios altos, lojas, uma igreja, um banco e um entreposto de venda de bebidas alcoólicas. Em volta desse núcleo, estendem-se as feiras de vivendas e chalés. A norte da área comunitária, veem-se campos amarelos de feno, que, vinte quilómetros mais além, são substituídos por florestas e lagoas.

Kennet verifica os nomes das ruas da urbanização de vivendas e marca com uma circunferência um ponto entre os pequenos retângulos paralelos, como se fossem costelas.

– Onde raio se meteu esse mensageiro? – resmunga Kennet.

Simone enche as canecas de café e oferece ao pai o pacote de cubos de açúcar para ele se servir.

– Como é que ele conseguiu entrar aqui em casa? – pergunta.

– O Josef Ek? Bom, ou tinha uma chave ou alguém lhe abriu a porta.

– Não podia abrir com uma gazua?

– Não com esta fechadura. É demasiado difícil. Seria muito mais fácil arrombar a porta, nesse caso.

– Vamos dar uma vista de olhos ao computador do Benjamin?

– Já o devíamos ter feito – diz Kennet. – Pensei nisso antes, mas depois esqueci-me. Começo a ficar cansado.

Simone repara que o pai está a ficar velho. Nunca antes tinha pensado na idade dele. Olha para ela, com o semblante triste.

– Tenta dormir um pouco enquanto eu vejo o computador – sugere ela.

– Nem por sombras, que raio!

Quando entram no quarto do rapaz, ambos têm a sensação de que nunca fora habitado. De repente, Benjamin é apenas uma lembrança muito longínqua.

Simone sente uma crescente náusea invadir-lhe o estômago, a subir-lhe à boca seca, misturada com o pavor que a leva a engolir a saliva, uma e outra vez. Da cozinha chega-lhe o som do rádio da polícia, que crepita e lança ruídos estranhos. Ali dentro, no escuro, espera pela morte como uma ausência negra, uma carência de que, ela sabe, jamais conseguirá recuperar.

Liga o computador. No ecrã, surgem os primeiros reflexos, as luzes irrompem e, com um sopro, o ventilador começa a funcionar e o disco rígido reparte as suas ordens. Quando soa a melodia de boas-vindas do sistema operativo, é como se uma parte de Benjamin tivesse regressado.

Cada um deles puxa por uma cadeira e sentam-se. Ela clica na pequena foto com o rosto de Benjamin, pronta para iniciar a sessão.

– Vamos fazer tudo lenta e metodicamente, minha querida – diz Kennet. – Vamos começar pelo correio e...

Interrompe-se, ao ver que o computador pede uma senha para prosseguir.

– Tenta usar o nome dele – propõe Kennet.

Ela escreve «Benjamin», mas o acesso é negado. Depois, escreve «Aida», inverte os nomes, e logo os une. Escreve «Bark», «Benjamin Bark», ruboriza-se ao escrever «Simone» e «Sixan», tenta também

com «Erik», com nomes das bandas e cantores que Benjamin costuma ouvir, Sexsmith, Ane Brun, Rory Gallagher, Lennon, Townes Van Zandt, Bob Dylan.

– Nada – diz Kennet. – Vamos ter de trazer aqui alguém para nos abrir esta lata.

Simone tenta, então, com alguns títulos de filmes e de realizadores de cinema de que Benjamin costuma falar, mas desiste ao fim de algum tempo. É impossível.

– Já devíamos ter aqui as plantas da casa – impacienta-se Kennet. – Vou telefonar ao Charley para saber o que está a acontecer.

Ambos dão um pulo quando alguém bate à porta. Simone fica de pé no corredor a olhar para o pai com o coração palpitante, enquanto este se dirige à entrada e dá a volta à chave.

*

A manhã de dezembro é clara como areia e a temperatura, de poucos graus positivos, quando Simone e Kennet entram no bairro de Tumba, onde Josef Ek nasceu, cresceu e, com quinze anos, massacrou quase toda a família. A casa tem um aspeto semelhante às do resto da rua: bonita e simples. Se não fosse pelas fitas azuis e brancas da Polícia que a rodeiam, ninguém diria que aquela casa, dias antes, teria sido palco de dois dos mais sangrentos e cruéis assassinatos da história da Suécia.

Na frente, há uma bicicleta com rodas auxiliares apoiada a uma caixa de areia. A fita de demarcação soltou-se numa das pontas e o vento fez com que ficasse presa na caixa de correio, na frente. Kennet não para o carro e passa lentamente diante da moradia. Simone olha para as janelas com os olhos semicerrados. A casa parece completamente abandonada. Na verdade, toda a fila de vivendas dá a impressão de estar às escuras. O carro prossegue até ao fim da rua sem saída, dá meia-volta e aproxima-se do local do crime, quando o telemóvel de Simone começa a tocar.

– Estou? – atende, e escuta por um momento. – Aconteceu alguma coisa?

Kennet para o veículo, com o motor ainda a trabalhar, mas,

depois, gira a chave da ignição e desliga, puxa o travão de mão e sai do carro. Do porta-bagagens, retira um pé de cabra, uma fita métrica e uma lanterna. Antes de fechar a mala, ouve Simone a dizer que tem de desligar.

– O que achas?! – grita, ao telefone.

Kennet ouve-a através dos vidros do carro e vê o seu rosto crispado, quando ela deixa o lugar do passageiro, com as plantas da casa na mão. Depois, sem falar, encaminham-se os dois para a pequena cerca branca. Kennet retira uma chave de um envelope, avança para a porta de entrada e abre-a. Antes de entrar, volta-se para a filha, faz um breve gesto com a cabeça e observa-lhe a expressão resoluta.

Assim que entram no vestíbulo, são atingidos por um cheiro nauseabundo a sangue rançoso. Simone apercebe-se por um momento de que a sensação de pânico lhe sobe pelo peito: ali dentro, cheira a podridão, é uma pestilência adocicada, parecida com a das fezes. Olha de lado para Kennet: não dá a impressão de estar assustado, apenas concentrado, e os movimentos parecem ser totalmente controlados. Passam pela sala de estar e, pelo canto do olho, ela apercebe-se da parede manchada de sangue, do caos fenomenal, do terror que se eleva do chão e do sangue sobre a tubagem do aquecimento.

Do interior da casa, algures, ouve ruídos estranhos, uns rangidos. Kennet estaca imediatamente. Com calma, saca do coldre a sua antiga arma de serviço, tira a patilha de segurança e verifica a existência de balas no carregador.

Ouve-se de novo o ruído. Um som oscilante, mas pesado. Não parecem passos, mas alguém que se arrasta lentamente pelo chão.

Domingo, 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, de manhã

Erik acorda na cama estreita do seu gabinete no hospital. Ainda é noite cerrada. Vê as horas no telemóvel e comprova que são quase três horas da madrugada. Toma mais um comprimido, encolhe-se de novo debaixo do cobertor, resmungando, até sentir o formigueiro a espalhar-se pelo corpo e a escuridão a envolvê-lo por completo.

Ao acordar, algumas horas mais tarde, sente fortes dores de cabeça. Toma um analgésico, vai até à janela e percorre com o olhar as centenas de janelas do pavilhão em frente. O céu está branco, as luzes nos outros edifícios continuam apagadas. Erik inclina-se para a frente, sente o frio a chegar-lhe à ponta do nariz e imagina que, naquele momento, o seu rosto está refletido em todas aquelas janelas ao mesmo tempo.

Deixa o telemóvel em cima da secretária e, depois, despe-se. A pequena cabina de duche cheira a plástico e a desinfetante. A água quente escorre-lhe pela cabeça e pelo pescoço e ressoa de encontro às paredes de acrílico.

Depois de se secar, limpa o espelho embaciado, humedece o rosto e aplica o creme de barbear. Acidentalmente, a espuma mete-se-lhe nas narinas e Erik funga para a expulsar. A superfície limpa no espelho vai ficando cada vez mais reduzida, até formar um pequeno espaço oval que reflete apenas o seu rosto, à medida que se vai barbeando.

Erik continua a pensar no facto de Simone lhe ter dito que a porta de entrada do apartamento estava aberta, na noite anterior a Josef Ek ter fugido do hospital. Ela acordou, levantou-se e fechou-a. Mas dessa vez não poderia ter sido Josef Ek a abri-la. Como poderia tê-lo feito? Erik tenta compreender o que aconteceu na outra noite. Há demasiadas perguntas sem resposta. Como conseguiu o rapaz penetrar no apartamento? Talvez, simplesmente, tenha batido à porta até que Benjamin acordou e foi abrir. Então, imagina os dois rapazes, de pé, em frente um do outro, sob a luz fraca da escada. O

filho está descalço, os cabelos desgrenhados, usa um pijama infantil, pestaneja, de olhos cansados, sonolentos, e encara um rapaz mais velho do que ele. Poder-se-ia dizer que os dois se parecem um pouco, mas a principal diferença entre ambos é que Josef assassinou os pais e a irmã mais nova, acaba de matar uma enfermeira no hospital com um bisturi e de ferir gravemente um homem no cemitério do Norte.

– Não – diz Erik para si mesmo. – Não acredito nessa hipótese, não encaixa.

Quem poderia ter entrado? A quem é que o filho abriria a porta? A quem é que ele ou Simone poderiam ter confiado a chave do apartamento? Talvez Benjamin estivesse à espera de Aida. E se foi ela? Erik admite que tem de considerar todas as possibilidades. Talvez Josef tivesse um cúmplice que o ajudou a abrir a porta, talvez tenha planeado ir lá a casa na noite anterior, mas não conseguiu fugir do hospital. Talvez por isso a porta estivesse aberta: isso tinha sido o combinado com o seu cúmplice.

Erik acaba de fazer a barba, lava os dentes e pega no telemóvel que está em cima da mesa. Vê as horas e liga para Joonas Linna.

– Bom-dia, Erik – responde uma voz meio rouca, com sotaque finlandês.

O comissário deve ter reconhecido o seu número no visor do telemóvel.

– Acordei-o?

– Não.

– Desculpe telefonar-lhe tão cedo, mas...

Erik tosse.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunta Joonas.

– Encontraram o Josef?

– Precisamos de falar com a sua mulher, rever os pormenores minuciosamente.

– Mas acha que foi o Josef que levou o Benjamin?

– Não, não acredito, mas também não tenho a certeza. Quero examinar o apartamento, falar com os vizinhos e tentar encontrar alguma testemunha.

– Quer que peça à Simone para lhe telefonar?

– Não será necessário.

Uma gota de água desprende-se da torneira de aço inoxidável e cai na bacia com um som breve, cortante.

– Eu continuo a achar que deve aceitar a proteção da Polícia – diz Joona.

– Vou ficar aqui, no Karolinska, e não creio que o Josef volte aqui à minha procura.

– E a Simone?

– Pergunte-lhe. É possível que tenha mudado de opinião – lança Erik. – Embora agora já tenha um protetor.

– Ah, sim, já ouvi falar – diz Joona, animado. – A verdade é que me custa um pouco imaginar como deve ser ter o Kennet Sträng como sogro.

– A mim, também.

– Compreendo – diz Joona, soltando uma gargalhada, mas logo se cala.

– O Josef, por acaso, tentou fugir anteontem? – pergunta Erik.

– Não, acho que não, pelo menos não há nada que o indique. Porque pergunta isso?

– Alguém abriu a nossa porta na noite anterior, exatamente como aconteceu na sexta-feira.

– Tenho quase a certeza absoluta de que a fuga do Josef foi uma reação ao facto de ter sabido que seria preso, e isso ele só soube na sexta-feira – explica lentamente o comissário.

Erik abana a cabeça e passa o polegar pela boca, enquanto observa o papel de parede da casa de banho, semelhante à textura da fórmica.

– Não bate certo – suspira.

– Você viu a porta aberta? – indaga Joona.

– Não, foi a Sixan... A Simone é que se levantou.

– Terá ela alguma razão para mentir?

– Não pensei nisso.

– Não precisa de me responder agora.

Erik olha para o rosto refletido no espelho, enquanto revê o seu raciocínio pela segunda vez: talvez Josef tivesse um cúmplice cuja missão fosse tão-só comprovar, na noite anterior ao rapto, que a cópia da chave abria a porta. Não obstante, a curiosidade foi mais forte e ele entrou no apartamento. Não pôde conter-se e, curioso,

infiltrou-se para ver a família a dormir. A situação talvez lhe proporcionasse uma agradável sensação de controlo e, para fazer uma pequena brincadeira, deixou as portas do frigorífico e do congelador abertas. Depois, talvez tenha contado tudo ao Josef, descrito a sua visita, como os quartos estavam dispostos, quem dormia em cada um deles.

«Isso explicaria a razão por que o Josef não me encontrou», pensa Erik. «Na primeira noite, dormi no meu lugar na cama, ao lado da Simone.»

– A Evelyn estava na prisão na quarta-feira passada? – pergunta.

– Sim – confirma Joona.

– O dia inteiro e toda a noite?

– Sim.

– Ainda está lá?

– Foi transferida para um dos nossos apartamentos, mas tem dois agentes de guarda.

– Ela manteve contacto com alguém?

– Deve deixar que a Polícia faça o seu trabalho, sabe? – diz Joona.

– Eu faço apenas o meu – responde Erik, em voz baixa. – Quero falar com ela.

– O que quer perguntar-lhe?

– Se o Josef tem alguns amigos, alguém que possa estar a ajudá-lo.

– Isso posso eu perguntar.

– Talvez ela saiba quem poderia colaborar com o rapaz. Talvez conheça os amigos dele e saiba onde moram.

Joona deixa escapar um suspiro:

– Sabe muito bem que não posso permitir que faça uma investigação por sua conta, Erik. Ainda que eu, pessoalmente, não tivesse qualquer objecção.

– Posso estar presente quando falar com ela? Há muitos anos que trabalho com pessoas traumatizadas...

O silêncio instala-se entre eles durante alguns segundos.

– Venha ter comigo dentro de uma hora à entrada do Departamento Nacional da Polícia Criminal – concede Joona, em seguida.

– Estarei lá dentro de vinte minutos – confirma Erik.

– De acordo, dentro de vinte minutos – diz o comissário e termina a chamada.

Sem ideias definidas, Erik vai até à sua secretária e abre a gaveta de cima. Entre as canetas, borrachas e cliques, há diversas embalagens de medicamentos. Tira três cápsulas diferentes e engole-as.

Pensa que talvez devesse avisar Daniella de que não tem tempo para comparecer à reunião da manhã, mas depois esquece-se de o fazer. Sai do gabinete e apressa-se em direção ao refeitório. Sem se sentar, bebe uma caneca de café diante do aquário, acompanhando os peixes na sua incessante viagem pelo interior de um pequeno barco de plástico naufragado. Depois, embrulha uma sanduíche em guardanapos de papel e enfia-a no bolso.

No elevador, ao descer para a entrada do edifício, vê-se ao espelho e depara-se com o olhar vazio. Tem um ar triste, quase ausente. Observa-se a si mesmo e pensa no vazio que se sente no estômago quando se cai de uma grande altura, um vazio quase sexual e que, ao mesmo tempo, está intimamente ligado à impotência. Quase não tem forças, mas os comprimidos erguem-no a um plano luminoso e definido. «Aguenta mais um pouco», pensa. Resiste. Precisa apenas de aguentar o tempo suficiente para encontrar o filho. Depois, tudo pode desabar.

Enquanto conduz até ao seu encontro com Joona e Evelyn, tenta passar em revista aquilo que fez e em que lugares esteve durante a semana anterior, e, de imediato, se apercebe de que, por várias ocasiões, qualquer um poderia ter-lhe tirado as chaves e feito uma cópia. Na quinta-feira, num restaurante em Södermalm, pendurara o casaco com as chaves dentro do bolso e longe da vista. Também o deixara nas costas de uma cadeira, no seu gabinete no hospital, pendurado num cabide do refeitório do hospital e em muitos outros lugares. Provavelmente, o mesmo se aplicaria às chaves de Benjamin e da sua mulher.

Ao passar por uma área em reconstrução, a Fridhemsplan, consegue a custo puxar pelo telemóvel do bolso do casaco e ligar para Simone.

– Estou? – responde ela, com voz de quem está com pressa.

– Sou eu.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunta-lhe.

Ouve-se um barulho ao fundo, como se fosse uma máquina, e, de repente, faz-se silêncio.

– Queria apenas dizer que devem verificar o disco rígido do computador do Benjamin; não apenas o correio, mas toda a atividade em geral, tudo o que ele consultou, que *sites* visitou, ficheiros diversos, conversas em que participou e...

– É claro – interrompe ela.

– Não vos quero incomodar mais.

– Ainda não começámos a verificação do computador – diz ela.

– A senha é «Dumbledore».

– Eu sei.

Erik vira para Polhemsgatan e desce pela Kungsholmsgatan, passa em frente da Judiciária e vê como esta vai mudando de aspeto: primeiro, a nova construção, com a fachada lisa cor de cobre, depois, o anexo de betão, e finalmente o edifício antigo, alto, pintado de amarelo-ocre.

– Tenho de desligar – diz ela.

– Simone – diz então Erik –, disseste-me a verdade?

– A que te referes?

– Ao que aconteceu; que a porta estava aberta na noite anterior, que viste alguém a arrastar o Benjamin pelo...

– O que achas?! – grita ela. E desliga imediatamente.

Erik sente que não vai ter paciência para procurar um lugar para estacionar; no fim de contas, uma multa não tem importância nenhuma, vai ficar para pagamento numa próxima reencarnação. Sem hesitar, gira o volante mesmo em frente do comissariado, os pneus rangem e para exatamente diante da escadaria que dá para o Palácio da Justiça. Os faróis do carro iluminam a antiga e bonita porta de madeira trabalhada, entrada que há muito deixou de ser usada. Por cima, com uma designação e grafia obsoletas, as palavras: «Departamento de Detetives.»

Sai do carro e apressa-se a contornar o edifício, sobe um pouco a Kungsholmsgatan em direção ao parque e, depois, encaminha-se para a entrada do Departamento Nacional de Polícia Criminal. Ainda vê um pai e três crianças com as vestimentas próprias da

feita de Santa Luzia, por cima dos fatos de inverno, as longas túnicas brancas esticadas sobre as roupas mais grossas. As crianças têm coroas de luzes nas cabeças, por cima dos gorros, e uma delas segura uma vela com a mão enluvada. Erik lembra-se, de repente, de que Benjamin adorava andar ao colo quando era pequeno. Agarrava-se-lhe à perna, com os bracinhos esticados e dizia: «Quero colo. És *gande e fote*, papá.»

A entrada para o Departamento de Criminologia é um cubo envidraçado, alto e bem iluminado. Diante das portas giratórias, montadas num perfil de aço, existe um suporte metálico com um teclado numérico de acesso. Erik sente-se sem fôlego quando se detém diante do tapete de borracha preta da entrada, antes da outra porta com um novo teclado. Em linha reta, no bem iluminado vestíbulo, vê que há duas outras portas giratórias envidraçadas, ambas com teclados de segurança. Dirige-se para a receção, à sua esquerda, onde está um homem atrás do balcão de madeira, a falar ao telefone.

Erik anuncia-se e indica o motivo da sua visita. O rececionista cumprimenta-o, escreve algo no computador e levanta o auscultador do telefone:

- É da receção – diz em voz baixa. – Está aqui Erik Maria Bark.
- O homem ouve a resposta e vira-se então para Erik.
- Já vai descer – explica o rececionista amavelmente.
- Obrigado.

Erik senta-se num banco baixo, sem encosto, com almofadas de couro preto que rangem. Fica a olhar para uma estatueta de vidro verde e, depois, desliza o olhar pelas portas giratórias, de momento paradas. Do outro lado da grande parede de vidro vê-se um novo corredor, também com paredes de vidro, que atravessa um pátio interior por uns vinte metros, até à entrada do edifício anexo. De repente, Erik vê Joona Linna a passar ao lado de uma fileira de sofás, à direita, a carregar num botão na parede e a atravessar uma das duas portas giratórias. Já do lado de cá, atira uma casca de banana para dentro de um cesto de papéis de alumínio, saúda o homem na receção com a mão e avança diretamente para Erik.

Enquanto se dirigem a pé para o pequeno mas vigiado apartamento de Evelyn Ek, na rua Hantverkargatan, Joona procura

fazer um resumo dos interrogatórios feitos a Evelyn. Ela confirmara que tinha ido para o bosque com a espingarda com a intenção de se suicidar, que Josef há vários anos a obrigava a ceder às suas pretensões sexuais, que maltratava a irmã mais nova, Lisa, se Evelyn não satisfizesse os seus desejos. Quando chegou ao ponto de exigir o coito propriamente dito, ela conseguiu adiar o ato, ao objetar que isso era ilegal antes de ele fazer quinze anos. Com a aproximação da data do aniversário, Evelyn escondeu-se na cabana da tia materna, em Värmdö. Josef procurou-a, foi a casa do seu ex-namorado, Sorab Ramadani, conseguindo de alguma maneira que este lhe dissesse onde a irmã se escondia. No dia do seu décimo quinto aniversário, Josef foi visitar a irmã à cabana e, quando Evelyn se recusou a ter relações sexuais com ele, Josef disse-lhe então que ela já sabia o que iria acontecer e que era tudo por culpa dela.

– Ao que parece, o Josef planeou, pelo menos, o assassinato do pai – diz Joona. – Desconhecemos os motivos de ser ele o primeiro, mas talvez tenha tido a ver com o facto de Anders Ek se encontrar sozinho, num lugar fora de casa. Na segunda-feira, o Josef meteu num saco de desporto uma muda de roupa, dois pares de galochas, uma toalha, a faca de caça do pai, uma lata de gasolina e fósforos, e, de seguida, foi de bicicleta para o pavilhão desportivo de Rödsthage. Depois de matar o pai e de o mutilar, tirou-lhe as chaves do bolso, foi ao balneário das senhoras, tomou um duche e trocou de roupa. Em seguida, fechou a porta à chave, queimou o saco com as roupas ensanguentadas num parque infantil e voltou de bicicleta para casa.

– E o que aconteceu, depois, na vivenda? Foi mais ou menos como ele descreveu durante a hipnose? – pergunta Erik.

– Mais ou menos, não: parece que foi exatamente assim – esclarece Joona, aclarando a voz. – Apesar disso, o Josef tinha prometido que apenas mataria o pai, desconhecemos o motivo por que, de repente, também atacou a mãe e a irmã mais nova. – Com um olhar triste, encara Erik e conclui: – Talvez tenha tido a impressão de não haver terminado, de Evelyn não ter sido castigada como devia.

Pouco antes da igreja, Joona para diante de uma porta, marca

um número no telemóvel e informa de que já chegaram. Digita depois um código no teclado de acesso, abre a porta, deixando passar Erik, e juntos sobem os degraus da escada simples, com paredes de pintura pontilhada, que dá acesso ao elevador.

Na chegada ao terceiro andar, são esperados por dois polícias. Joona cumprimenta-os com um aperto de mão e abre a porta de segurança, sem a abertura para a introdução de jornais e do correio. Antes de abrir a porta por completo, bate com os nós dos dedos três vezes.

– Podemos entrar? – pergunta Joona, através da porta entreaberta.

– Ainda não o encontraram, pois não?

Evelyn está de costas, à janela, e não se distinguem os seus traços a contraluz. Erik e o comissário veem apenas uma silhueta escura, com os cabelos iluminados pela luz do sol.

– Não – responde Joona.

A jovem vai até à porta, deixa-os entrar e fecha-a de novo à chave, rapidamente. Verifica a fechadura e só então se vira para eles. Erik nota que ela respira com dificuldade.

– Este é um endereço secreto, tens a vigilância de dois polícias – diz Joona. – Ninguém pode dar ou procurar informações a teu respeito. Para isso, temos uma ordem judicial. Estás em segurança, Evelyn.

– Talvez enquanto estiver aqui dentro – nota ela. – Mas algum dia terei de sair e o Josef é bom a esperar.

Vai até junto da janela, olha para a rua, volta e, em seguida, senta-se no sofá.

– Sabes onde o teu irmão poderá estar escondido? – pergunta Joona.

– Acham que eu sei alguma coisa?

– Não sabes mesmo? – inquire Erik.

– Vai hipnotizar-me?

– Não. – Sorri, surpreendido.

A jovem está sem maquilhagem e, quando o encara, os seus olhos parecem sensíveis e indefesos.

– Pode hipnotizar-me, se quiser – diz ela, baixando a cabeça.

O apartamento consiste num quarto com uma cama grande, duas

poltronas e um aparelho de televisão, uma casa de banho com duche e uma cozinha com uma zona para comer. A janela tem vidros à prova de bala e as paredes estão pintadas num suave tom amarelo.

Erik olha em volta e segue-a até à cozinha.

– Muito boas, as instalações – comenta.

Ela encolhe os ombros. Está vestida com uma camisola vermelha e *jeans* desbotados. Os cabelos estão descuidadamente apanhados num rabo de cavalo.

– Vão trazer-me hoje alguns objetos pessoais – explica.

– Muito bem – diz Erik. – É normal a pessoa sentir-se melhor quando...

– Melhor? O que sabe do que me faria sentir melhor?

– Trabalhei com...

– Desculpe, mas isso não me interessa nada – interrompe ela. – Já disse que não quero falar com psicólogos, nem com assistentes sociais.

– Não estou aqui em nenhuma dessas qualidades.

– Em que função, então?

– Vim na tentativa de poder encontrar o Josef.

Evelyn vira-se para ele e atira-lhe:

– Pois não está aqui.

Sem saber muito bem porquê, Erik decide não lhe contar nada sobre Benjamin.

– Escuta, Evelyn – diz, antes, com toda a calma. – Preciso da tua ajuda para poder estabelecer quem são os amigos do Josef.

O olhar dela parece brilhar, quase febril.

– Muito bem – responde e franze um pouco os lábios.

– Ele tem alguma namorada?

Os olhos dela contraem-se e a boca fica tensa.

– Além de mim, quer dizer?

– Sim.

Ela nega com a cabeça, após alguns momentos de reflexão.

– Com quem se dá?

– Não tem nenhum círculo de amigos.

– E colegas da escola?

Ela encolhe os ombros:

– Que eu saiba, nunca teve amigos.
– Se ele precisasse da ajuda de alguém, a quem recorreria? – pergunta Erik.

– Não sei... Às vezes, vai falar com os bêbados atrás da loja da Systembolaget.

- Sabes quem são, como se chamam?
- Um deles tem uma tatuagem na mão.
- Que espécie de tatuagem?
- Não me lembro... Um peixe, parece-me.

Ela levanta-se e vai até à janela novamente. Erik observa-a. A luz do dia incide no seu rosto jovem e faz com que pareça mais transparente. Consegue distinguir perfeitamente as artérias pulsantes no seu longo e fino pescoço.

- Crês que poderia estar alojado em casa de algum deles?

Ela encolhe vagamente os ombros

- Talvez... – afirma.
- Achas mesmo?
- Não.
- O que é que achas, afinal?

- Acho que ele me vai encontrar antes que vocês o encontrem.

Erik fixa-a. A rapariga tem a testa encostada ao vidro da janela, e ele questiona-se sobre se a deve continuar a pressionar. Existe qualquer coisa na sua voz apagada, na desconfiança que demonstra, que lhe dá a perceber que Evelyn sabe coisas sobre o irmão que ninguém mais pode saber.

- Evelyn? Onde é que o Josef quer chegar?
- Não aguento mais falar sobre isso.
- Ele quer matar-me?
- Não sei.
- O que é que achas?

Ela inspira profundamente e a sua voz é rouca e cansada, quando diz:

– Se ele pensar que se meteu entre mim e ele, se tiver ciúmes, vai fazer isso mesmo.

- Isso, o quê?
- Matá-lo.
- Queres dizer que tentará.

Evelyn humedece os lábios, volta-se para ele e baixa o olhar. Erik quer repetir a pergunta, mas a voz não lhe sai. Nesse mesmo instante, alguém bate à porta do apartamento. Evelyn olha para Joona e para Erik, fica com medo e recua dois passos, escondendo-se na cozinha.

Batem novamente. Joona vai até à porta, espreita pelo óculo, e depois abre. Os dois polícias entram no vestíbulo. Um deles traz uma caixa grande de cartão nos braços.

– Julgo que trouxemos tudo o que estava na lista – diz o da caixa. – Onde quer que ponha as coisas?

– Tanto faz, em qualquer lado – responde Evelyn debilmente, ao sair da cozinha.

– Posso pedir uma rubrica?

O agente estende-lhe um papel, que Evelyn assina. Depois de terem saído, Joona torna a fechar a porta à chave. A jovem corre para ela, verifica se está bem fechada e volta-se de novo para os dois.

– Pedi que me trouxessem algumas coisas de casa...

– Sim, já disseste isso.

Evelyn baixa-se, fica de cócoras, retira a fita gomada castanha da caixa e levanta as palas da caixa. Retira um mealheiro prateado com a forma de um coelho e a imagem emoldurada de um anjo da guarda, mas estaca, de repente, no meio de um movimento.

– O meu álbum de fotografias – diz ela, e Erik repara que, repentinamente, fica com os lábios a tremer.

– Evelyn?

– Eu não pedi isto, não disse nada de...

Ela abre-o e, na primeira página, vê uma grande fotografia sua dos tempos do colégio. Parece ter uns catorze anos, tem um aparelho nos dentes e sorri timidamente. A sua tez é muito pálida e usa os cabelos curtos.

Evelyn vira a página e, do interior do álbum, cai um papel dobrado. Apanha-o, desdobra-o e, quando lê o que está escrito, fica intensamente corada.

– Ele está em casa – murmura e estende-lhes a carta.

Erik alisa o papel e ele e Joona leem juntos:

Sou o teu único dono, tu és minha e só minha. Matarei todos os outros e a culpa é tua. Vou matar esse cabrão do hipnotista e tu vais ajudar-me, garanto-te. Vais dizer-me onde ele mora, onde costumam foder e divertir-se, e, então eu vou matá-lo e tu vais ver como o faço. Depois, vais lavar a tua cona com muito sabão e vou foder-te cem vezes seguidas, e só então estaremos quites e prontos para recomeçar, tu e eu, apenas nós dois.

Evelyn desce as persianas e fica de pé, os braços cruzados diante do peito. Erik deixa a carta em cima da mesa e levanta-se. Josef está escondido na vivenda, pensa, não pode ser de outra maneira. Se conseguiu meter o álbum de fotografias com a carta dentro da caixa, tem de estar lá.

– O Josef voltou para casa – diz.

– E onde poderia estar, se não em casa? – replica Evelyn, em voz baixa.

Joona já está na cozinha, a falar por telemóvel com a central de comunicações.

– Evelyn, fazes ideia de como o Josef se pôde esconder da Polícia? – pergunta Erik. – O local tem sido objeto de pesquisas constantes, de há uns dias para cá.

– Na cave – responde a jovem, levantando os olhos.

– Que cave é essa?

– Existe um pequeno quarto separado, lá em baixo.

– Está na cave! – grita Erik em direção à cozinha.

Através do telefone, Joona consegue ouvir o lento teclar de um computador.

– O suspeito deve estar na cave – informa.

– Espera um pouco – diz o polícia do outro lado da linha. – Eu tenho de...

– É urgente – interrompe-o Joona.

Após uma pausa, o polícia prossegue tranquilamente:

– Foi dado um alarme, há dois minutos, para o mesmo endereço.

– O que estás a dizer? Para o número 8 da Gärdesvägen, em Tumba? – inquire Joona.

– Sim. Os vizinhos telefonaram, assegurando de que havia alguém dentro da casa.

Domingo, 13 de dezembro, Dia de Santa Luzia, de manhã

Kennet Sträng detém-se a escutar, antes de se dirigir lentamente para a escada. Mantém a pistola apontada para o chão, bem junto ao corpo. A luz do dia penetra no corredor, vinda da cozinha. Simone segue o pai e acha que a vivenda da família assassinada lhe faz lembrar a casa em que ela e Erik moraram quando Benjamin ainda era pequenino.

Ouvem-se estalidos em algum lugar... no chão, no interior das paredes.

– Será o Josef? – sussurra Simone.

Carrega a lanterna de bolso, as plantas da casa e o pé de cabra, o que faz com que sinta as mãos dormentes. O peso da ferramenta para forçar as portas é quase insuportável.

De repente, faz-se completo silêncio na casa. Os sons ouvidos antes, os estalidos e as pancadas abafadas pararam subitamente.

Kennet faz-lhe um sinal rápido com a cabeça, quer que desçam para a cave. Simone anui, apesar de todos os músculos do corpo lhe desaconselharem esse passo.

De acordo com as plantas da casa, a cave seria, sem dúvida, o melhor esconderijo. Kennet havia marcado o lugar com a caneta. Assinalara o espaço ocupado pela velha caldeira de combustível, onde poderia ter sido construído um tabique e um quarto praticamente invisível. O outro ponto assinalado por Kennet encontra-se imediatamente debaixo do telhado da mansarda.

Ao lado da escada de pinho que conduz ao andar de cima, existe uma pequena abertura, sem porta. Na parede ainda se podem ver umas pequenas dobradiças, certamente da cancela de proteção, que evitava que as crianças descessem. A escada de ferro que dá para a cave parece ter sido feita pelos moradores. As soldaduras são enormes, grosseiras, e os degraus estão atapetados com um tecido grosso, amarelecido.

Kennet carrega no interruptor da luz um par de vezes, mas esta

não acende. A lâmpada deve estar fundida.

– Fica aqui – diz, em voz baixa.

Simone tem uma ligeira sensação de pânico perante o cheiro forte e poeirento que sai da cave e que lhe faz lembrar o fumo emitido pelos tubos de escape dos grandes camiões.

– Dá-me a lanterna – pede, estendendo a mão.

Ela entrega-lha devagar. Ele esboça um pequeno sorriso antes de a ligar e iniciar a descida cuidadosamente.

– Está aí alguém? – grita Kennet, com voz aguda. – Josef? Preciso de falar contigo.

Na cave não se ouve nada. Nem um tilintar, nem a respiração de alguém.

Simone agarra o pé de cabra com firmeza e espera.

O feixe de luz da lanterna ilumina unicamente pequenos espaços nas paredes e no teto da cave, enquanto a escuridão mantém a sua densidade. Kennet continua a descer, e a luz começa a focar então pequenos objetos soltos: um saco de plástico branco, a fita refletora de um velho carrinho de bebé, a moldura do cartaz de um filme.

– Creio que posso ajudar-te – diz Kennet, num tom de voz agora mais baixo.

Chega ao fim da escada, varre o espaço com o feixe de luz para se assegurar de que não há ninguém que, de repente, salte do escuro para o atacar. O estreito feixe percorre as paredes e o chão, salta rapidamente por cima de objetos próximos e projeta sombras oblíquas e oscilantes. Em seguida, Kennet recomeça a análise calma e sistemática do lugar com a luz da lanterna.

Simone começa, então, a descer a escada. Com o seu peso, a estrutura metálica produz um som abafado.

– Aqui não há ninguém – garante Kennet.

– Mas, então, que ruído foi aquele que ouvimos? Alguma coisa foi – replica ela.

A luz do dia filtra-se através de uma pequena claraboia no teto da cave. Os olhos de ambos habitua-se pouco a pouco à fraca claridade. A cave está cheia de bicicletas de vários tamanhos, um carrinho de bebé, pequenos trenós, esquis e uma máquina de fazer pão, decorações natalícias, rolos de papel de parede e um escadote com manchas de tinta branca. Numa caixa de cartão, alguém

escreveu com letras grossas: «Revistas do Josef.»

De repente, Simone ouve barulho no teto, olha para a escada e, depois, para o pai, que parece não ter ouvido nada e que se encaminha lentamente para uma porta, no outro extremo da cave. Simone bate com a perna num cavalo de baloiço. Kennet abre a porta e olha para dentro da lavandaria, onde há uma máquina de lavar roupa já muito velha, uma secadora e uma antiga tábua de passar a ferro. Ao lado de uma bomba de aquecimento, pode ver-se um armário grande coberto por uma cortina velha.

– Ninguém por aqui – diz ele, voltando-se para Simone.

Ela olha para o pai e, ao mesmo tempo, vê a cortina atrás das suas costas. O tecido não se move, mas há nele algo estranho.

– Simone?

Há uma pequena mancha oval e húmida no tecido, como se produzida pela respiração de alguém.

– Desdobra novamente a planta da casa – pede Kennet.

A Simone parece-lhe que a mancha húmida é sugada para dentro.

– Papá... – sussurra.

– Sim – responde ele, encostando-se à ombreira da porta, ao mesmo tempo que mete a pistola no coldre e coça a cabeça.

Ouve-se um novo rangido, Simone vira-se e vê o cavalo de pau ainda a baloiçar.

– O que se passa, Sixan?

Kennet aproxima-se dela, tira-lhe a planta da casa das mãos, abre-a em cima de um colchão enrolado no chão, foca o desenho com a luz da lanterna e roda-o a cento e oitenta graus. Depois, olha para cima, compara com o desenho e vai até uma parede de tijolo junto da qual há uma velha liteira desmontada e um armário com coletes salva-vidas cor de laranja. Num painel de ferramentas encontram-se dependurados cinzéis, serras e agrafadores. O espaço ao lado do martelo está vazio, falta um machado de tamanho grande.

Kennet mede com o olhar a parede e o teto, inclina-se para a frente e bate na parede por trás da cama.

– O que achas? – pergunta Simone.

– Esta parede deve ter pelo menos dez anos.

- Será que existe alguma coisa por trás?
- Sim, acho que sim: um espaço bastante grande.
- Por onde se pode entrar?

Kennet ilumina de novo com a lanterna a parede e o chão debaixo da liteira. Sombras bailam por toda a cave.

– Aponta a luz para ali – pede Simone, indicando o chão junto ao armário.

Alguna coisa tinha arranhado o chão de cimento repetidas vezes e deixado uma marca em forma de arco.

– Atrás do armário – diz ela.

– Segura a lanterna – pede-lhe o pai, tirando a pistola do coldre.

De repente, ouve-se um barulho atrás do armário, semelhante ao som de alguém a deslocar-se lentamente no interior, com movimentos precisos mas vagarosos.

Simone sente o coração a acelerar. «Meu Deus, há alguém lá dentro», diz para si mesma. Gostaria de gritar pelo nome do filho, mas de imediato reconhece que não seria prudente fazê-lo.

Kennet faz-lhe um sinal com a mão para que se afaste. Ela prepara-se para dizer qualquer coisa quando, inesperadamente, o silêncio tenso na cave é desfeito. Ouve-se um impacto violento, em cima, como se se tratasse de madeira a rachar. Simone deixa cair a lanterna no chão e a cave fica às escuras. Ressoam passos rápidos no teto, por cima das suas cabeças. Feixes de luz fortíssima deslocam-se como ondas imensas pela escada de ferro abaixo e no interior da cave.

– Deita-te ao chão – vocifera um homem. – Ao chão, imediatamente, de bruços!

Simone está petrificada dos pés à cabeça, cega pela luz como um animal noturno na estrada, diante dos faróis de um carro.

- Deita-te! – grita Kennet.
- Cala o bico! – grita alguém.
- Para baixo, para baixo!

Simone não percebe que os homens se estão a dirigir a ela senão quando leva um murro fortíssimo no estômago e é empurrada para o chão de cimento.

– Para o chão, de bruços, já disse!

Ela tenta respirar, tosse e inspira com força. Uma luz intensa

ilumina então toda a cave. Figuras negras puxam por eles e empurram-nos pela estreita escada acima. Simone tem as mãos algemadas atrás das costas, custa-lhe andar, coxeia e bate com a cara no corrimão de ferro.

Tenta virar a cabeça, mas alguém a retém com brusquidão e a empurra com dureza contra a parede, junto à porta da cave.

Algumas das figuras parecem estar a observá-la fixamente. Simone pestaneja, não consegue ver quem são. Percebe fragmentos de uma conversa mais afastada e reconhece a voz austera e rigorosa do pai, dando explicações resumidas. É uma voz que lhe faz recordar o cheiro do café durante o pequeno-almoço, em casa, antes de ir para a escola, à hora do noticiário matutino na rádio Dagens Eko.

É nesse momento que se apercebe de que quem invadiu a casa foram agentes da Polícia. Talvez algum vizinho tenha visto a luz da lanterna de Kennet e telefonado para a Polícia.

Um agente de uns vinte e cinco anos, com olheiras e feições vincadas, observa-a com olhos arregalados. A cabeça rapada deixa ver um crânio disforme, cheio de protuberâncias. Passa repetidamente a mão pelo pescoço, ansioso.

– Como te chamas? – pergunta, com frieza.

– Simone Bark – responde ela, a gaguejar. – Estou aqui a acompanhar o meu pai, que é...

– Perguntei-te como te chamavas – interrompe o polícia, elevando a voz.

– Calma, Ragnar – diz um colega.

– És uma parasita – continua ele, virado para Simone. – É isso o que eu chamo às pessoas que se excitam ao ver sangue.

Resmunga e vira-lhe as costas. Ela continua a ouvir a voz do pai, que fala num tom monótono, cansado.

Simone vê então um dos agentes a sair de casa com a carteira dela.

– Desculpe – diz, dirigindo-se a uma mulher-polícia. – Nós ouvimos alguém, lá em baixo...

– Cala-te – interrompe a mulher.

– O meu filho...

– Eu disse para te calares. Onde está a fita adesiva? É preciso

tapar-lhe a boca.

Simone vê o polícia que lhe chamou parasita a procurar o rolo largo de fita adesiva, mas detém-se quando a porta de entrada se abre e no vestíbulo entra um homem loiro, alto, de olhos cinzentos penetrantes.

– Joona Linna, da Judiciária – anuncia ele, revelando o seu sotaque nitidamente finlandês. – O que têm?

– Dois suspeitos – responde a mulher-polícia.

Joona olha para Kennet e Simone.

– Eu encarrego-me disto – diz. – Há aqui um mal-entendido.

Na cara do comissário formam-se duas covinhas irónicas quando ordena que soltem os suspeitos. A agente encaminha-se para Kennet, retira-lhe as algemas, pede desculpas e, corada até às orelhas, troca algumas palavras com ele.

O polícia de cabeça rapada, pelo contrário, limita-se a dar alguns passos em frente de Simone e a olhá-la fixamente.

– Solta-a – ordena Joona.

– Ela resistiu violentamente, cheguei a ferir-me no polegar – responde.

– Estás disposto a prendê-los? – pergunta Joona.

– Claro.

– A Kennet Sträng e à filha?

– Não quero saber quem são – responde o polícia com uma agressividade evidente.

– Ragnar – diz-lhe a mulher-polícia em tom tranquilizador –, ele é nosso colega.

– É ilegal entrar nos locais onde se praticaram crimes e asseguro-te...

– Tem calma – interrompe-o Joona com decisão.

– Mas estou errado? – pergunta o agente.

Kennet aproxima-se dele, mas não diz nada.

– Estou errado? – repete Ragnar.

– Vamos discutir isso mais tarde – responde Joona.

– Porque não agora?

O comissário baixa a voz e replica secamente:

– Para teu bem.

A mulher-polícia aproxima-se de Kennet novamente, aclara a

voz e diz:

– Lamentamos imenso o que aconteceu. Amanhã vamos oferecer-lhe uma tarte com as nossas desculpa, de acordo?

– De acordo, obrigado – responde Kennet, ajudando Simone a levantar-se do chão.

– A cave – diz ela, de forma quase inaudível.

– Eu trato do assunto – diz Kennet, virando-se para Joona. – Há uma ou várias pessoas num esconderijo na cave, atrás de um armário com coletes salva-vidas.

– Ouçam – chama Joona, dirigindo-se aos polícias. – Temos razões para acreditar que o suspeito se encontra na cave. Sou o chefe de operações neste caso, e peço que atuem com cautela, entendido? Se surgir uma situação difícil, com um refém implicado, atuarei como negociador. O suspeito é um tipo perigoso, mas, se tiverem de abrir fogo, atirem para as pernas em primeiro lugar.

Joona pede emprestado um colete à prova de bala, que veste rapidamente. Manda dois polícias para as traseiras da casa e reúne à sua volta um grupo de operações. Ouvem todos as rápidas instruções e desaparecem com ele pela porta que dá acesso à cave, com a escada de ferro a ranger sob o peso dos homens.

Kennet fica abraçado a Simone, que, assustada, não para de tremer. Sussurra-lhe ao ouvido palavras tranquilizadoras, repete-lhe incessantemente que tudo vai correr bem. A única coisa que ela quer ouvir é a voz do filho, e reza para a poder ouvir, a qualquer momento, vinda da cave.

Pouco depois, Joona regressa da cave, com o colete à prova de bala na mão.

– Fugiu – diz Joona, resignado.

– O Benjamin, onde está o Benjamin? – pergunta Simone.

– Não está aqui – responde o comissário.

– Mas aquele quarto...

Simone dirige-se para a escada, Kennet tenta segurá-la, mas ela solta-se, força a passagem por Joona e desce apressadamente pela escada abaixo. A cave está agora iluminada como se fosse um dia ensolarado de verão. Três holofotes montados em tripés enchem o espaço de luz. O escadote manchado de tinta mudou de lugar e situa-se agora debaixo da pequena claraboia aberta. O armário dos

coletes foi deslocado para o lado e um dos policiais vigia a entrada do esconderijo. Lentamente, Simone encaminha-se na sua direção, ouve o pai dizer alguma coisa atrás de si, mas não consegue entender as suas palavras.

– Tenho de entrar – diz, com voz fraca.

O polícia levanta a mão e abana a cabeça.

– Infelizmente, não posso autorizar.

– É o meu filho.

Sente os braços do pai a envolvê-la, mas tenta libertar-se.

– Ele não está aqui, Simone.

– Larga-me!

Consegue aproximar-se e olha para dentro do esconderijo. No seu interior, Simone vê um colchão atirado para o chão, uma grande quantidade de revistas antigas de banda desenhada, embalagens vazias de batatas fritas, galochas de borracha azul-clara, latas de conservas, vários pacotes de cereais e um machado grande e reluzente.

Domingo, 13 de dezembro, Dia de Santa Luzia, ao meio-dia

No carro, ao voltar de Tumba, Simone ouve o pai a reclamar da falta de coordenação da Polícia. Não reage, deixa-o protestar enquanto, através da janela, vê famílias a passar nas ruas. Mães a caminho de algum lugar, com os filhos excessivamente agasalhados a palrarem com a chupeta na boca. Algumas das crianças tentam avançar com as suas trotinetas pela neve derretida. Todas usam mochilas parecidas penduradas às costas. Algumas raparigas, com adornos de Santa Luzia na cabeça, tiram comida de uma sacola e riem-se, animadas.

«Já se passaram mais de vinte e quatro horas desde que o Benjamin foi raptado e levado para longe de nós, desde que o arrastaram do seu próprio lar», pensa Simone, olhando para as mãos apoiadas nos joelhos. Ainda tem as marcas vermelhas causadas pelas algemas claramente visíveis nos pulsos.

Nada indica que Josef Ek esteja implicado no seu desaparecimento. Não havia nenhum sinal de que Benjamin tivesse estado no esconderijo, apenas de Josef. É muito provável que este estivesse lá dentro quando Simone e o pai desceram à cave.

Simone pensa que ele se deveria ter escondido ao ouvi-los e percebeu que o seu esconderijo tinha sido descoberto. O mais silenciosamente que pôde, esticou-se e conseguiu tirar o machado. Ao surgir o tumulto, com a entrada da Polícia, e depois de os arrastarem a ela e a Kennet para o andar de cima, Josef deve ter aproveitado para empurrar o armário, abrir o escadote debaixo da claraboia e fugir pela abertura.

Fugiu do hospital, enganou a Polícia e continua a monte, livre. Foi dado o alarme em todo o país, mas Josef Ek não pode ter raptado Benjamin. A fuga e o rapto aconteceram mais ou menos ao mesmo tempo, tal como Erik lhe tinha tentado explicar.

– Vens? – pergunta Kennet.

Simone ergue o olhar e sente que o tempo arrefeceu. O pai diz-

lhe várias vezes para ela sair do carro e, por fim, dá conta de que tinham estacionado na sua rua, a Luntmakargatan.

Simone abre a porta do apartamento e vê os agasalhos de Benjamin pendurados no vestíbulo. O coração dá um salto ao pensar que o filho está em casa, mas reconsidera, antes de recordar que ele fora arrastado dali em pijama.

O pai está pálido, diz que vai tomar um duche e desaparece na casa de banho.

Simone encosta-se à parede do vestíbulo, fecha os olhos e pensa: «Se recuperar o Benjamin, prometo que vou esquecer tudo o que aconteceu estes dias. Jamais falarei disso, não me zangarei com ninguém, vou deixar de pensar no assunto, estarei simplesmente agradecida.»

Ouve Kennet a abrir a água do duche.

Suspirando, descalça os sapatos, tira e deixa cair o casaco comprido ao chão, entra no quarto e senta-se na cama. De repente, não consegue lembrar-se do que tinha ido fazer ao quarto, se ia buscar alguma coisa ou apenas deitar-se um pouco e descansar. Sente na palma das mãos o frio dos lençóis e vê as calças amarrotadas do pijama de Erik, a saírem debaixo da almofada.

No exato momento em que a água do duche deixa de cair, lembra-se do que tinha ido ali fazer. Pensara em ir buscar uma toalha para o pai e depois ligar o computador de Benjamin para tentar encontrar alguma coisa que pudesse relacionar-se com o rapto. Levanta-se, tira uma toalha de banho cinzenta do guarda-roupa e regressa ao corredor. A porta da casa de banho abre-se e Kennet sai, já completamente vestido.

– A toalha – diz ela.

– Usei a pequena.

Tem os cabelos molhados e cheira a lavanda. Simone percebe que ele deve ter usado o sabonete líquido mais barato, do frasco do lavatório.

– Lavaste o cabelo com o sabonete das mãos? – pergunta-lhe.

– Cheirava bem – responde ele.

– Tinhas lá champô, pai.

– É igual.

– Está bem. – Sorri e decide não lhe explicar para que se usa a

toalha pequena.

– Vou fazer café – diz Kennet, dirigindo-se à cozinha.

Simone deixa a toalha cinzenta em cima do aparador e continua em direção ao quarto de Benjamin. Liga o computador e senta-se. No quarto, tudo está como foi deixado: a roupa da cama permanece no chão e o copo de água, virado.

A melodia de boas-vindas do sistema operativo do computador soa no quarto e Simone pousa a mão no rato, espera alguns segundos e clica na imagem miniaturizada do rosto de Benjamin para iniciar a sessão.

A máquina pede o nome do utilizador e a palavra-passe. Simone escreve «Benjamin», respira fundo e em seguida digita «Dumbledore».

O ecrã pisca, como se fosse um olho que se fecha e se abre novamente.

Entrou.

Na imagem de fundo, surge a fotografia de um veado na clareira de um bosque. Uma luz mágica, orvalhada, cobre a vegetação, e o animal, tímido, dá a impressão de estar calmo, sereno.

Apesar de Simone saber que está a invadir a esfera mais privada e íntima de Benjamin, sente como se, de repente, algo dele voltasse a estar próximo dela.

– És um génio – ouve o pai dizer nas suas costas.

– Não, não sou – responde ela.

Kennet põe-lhe a mão no ombro, no momento em que ela abre o programa da caixa de correio.

– A partir de que data devemos começar a procurar? – pergunta ela.

– Vamos ver tudo.

Simone passa em revista todas as mensagens recebidas, uma a uma, abre-as e lê-as.

Um colega da escola faz uma pergunta sobre uma coleta.

Há que fazer um trabalho de grupo.

Alguém afirma que Benjamin ganhou quarenta milhões de euros na lotaria espanhola.

Kennet sai do quarto e volta com duas canecas de café.

– Um pouco de café é a melhor bebida do mundo – diz,

sentando-se. – Como conseguiu entrar no computador dele, caramba?

Ela encolhe os ombros e bebe um gole de café.

– Tenho de telefonar ao Kalle Jeppson para lhe dizer que já não precisamos da sua lenta ajuda.

Ela continua a ler as mensagens. Abre um *e-mail* de Aida, em que a rapariga goza com o argumento de um filme e afirma que Arnold Schwarzenegger é um Shrek lobotomizado.

A circular semanal da escola.

O banco chama a atenção para o perigo de fornecer dados pessoais da conta bancária.

Facebook, Facebook, Facebook, Facebook e mais Facebook.

Simone entra na conta do Facebook de Benjamin e verifica que há centenas de pedidos de amizade de um grupo chamado Hypno Monkey. Todas as entradas se referem a Erik. Há diferentes teorias irónicas sobre Benjamin ter sido hipnotizado e transformado num idiota, prova de que Erik hipnotizou todo o povo sueco. A mensagem de alguém que exige uma indemnização por Erik lhe ter hipnotizado o pénis.

Existe também um *link* para um vídeo no *Youtube*. Simone entra e vê uma curta-metragem com o título *Asshole*. A voz *off* de um cientista descreve em que consiste o hipnotismo sério, enquanto a sequência de imagens mostra Erik a abrir passagem no meio de várias pessoas, a dar um empurrão a uma senhora idosa, de andarilho, que depois lhe faz um manguito nas costas.

Simone volta então para a caixa de entrada e encontra uma pequena mensagem de Aida que lhe põe os cabelos em pé. Há algo naquelas poucas palavras que faz com que uma angústia informe lhe comece a subir do estômago. De repente, sente as palmas das mãos suadas. Volta-se para Kennet e chama a sua atenção para o texto.

– Papá, lê isto – diz, virando o ecrã para ele poder ler a mensagem de Aida.

O Nicke diz que Wailord está zangado, que disse coisas más sobre ti. Acho que isso poderá ser realmente perigoso, Benjamin.

– O Nicke é o irmão mais novo da Aida – explica Simone.

– E Wailord? – pergunta Kennet, ao mesmo tempo que inspira profundamente. – Sabes quem é?

Simone nega com a cabeça. A inesperada angústia transformou-se numa bola escura que lhe revolve as entranhas. O que sabe ela realmente da vida de Benjamin?

– Acho que é o nome de uma figura do Pokémon – diz ela. – O irmão da Aida, o Nicke, falou desse tal Wailord.

Simone muda para a pasta de mensagens enviadas e encontra a resposta indignada de Benjamin:

O Nicke deve ser mantido em casa. Não deixes que ele desça para o mar. Se Wailord está realmente zangado, um de nós corre perigo. Devíamos ter ido à Polícia diretamente. Acho que seria perigoso de mais fazê-lo agora.

– Porra – reage Kennet.

– Não sei se isto é a sério, se faz parte de algum jogo.

– Não parece ser brincadeira.

– Pois não.

Kennet resmunga e coça a barriga.

– A Aida e o Nicke... – diz lentamente –, afinal, que tipo de miúdos são eles?

Simone olha para o pai e pergunta-se que espécie de resposta deve dar. Ele jamais conseguiria compreender alguém como Aida, uma rapariga que se veste de preto, tatuada, que usa *piercings*, se maquilha exageradamente e, além disso, tem uma estranha situação familiar.

– A Aida é a namorada do Benjamin – responde, finalmente. – E o Nicke é o seu irmão mais novo. Existe uma fotografia dela algures por aí.

Simone vai buscar a carteira do filho e encontra a fotografia da rapariga. Benjamin tem o braço por cima dos ombros dela, que parece pouco à vontade, mas ele ri abertamente diante da câmara.

– Mas que tipo de gente é essa? – insiste Kennet, ao olhar para a fotografia em que Aida aparece muito maquilhada.

– Que tipo de gente... – repete ela, devagar. – Não sei. Sei

apenas que o Benjamin gosta muito da Aida. E que ela parece tomar conta do irmão. Acho que ele tem algum tipo de deficiência mental.

– É agressivo?

Ela abana a cabeça.

– Acho que não.

Pensa mais um pouco e acrescenta:

– A mãe deles parece que está doente. Creio ter entendido que sofre de enfisema pulmonar, mas, na realidade, não sei nada ao certo.

Kennet cruza os braços, recosta-se na cadeira e olha para o teto. Depois, endireita-se e pergunta com a maior seriedade:

– Wailord é uma dessas figuras de desenhos animados, não é?

– Um Pokémon – responde ela.

– É muito conhecido?

– Com filhos de uma certa idade, fica-se a conhecer, quer se queira, quer não – explica Simone.

Kennet olha para ela, com um olhar de quem não sabe o que dizer.

– Pokémon – repete Simone. – É uma espécie de jogo.

– Um jogo?

– Não te lembras do Benjamin quando era mais pequeno, quando colecionava cartas e ficava a falar dos poderes das diversas personagens e como elas se transformavam?

Kennet não se lembra.

– Andou com aquilo pelo menos durante uns dois anos – diz ela.

– Mas agora não?

– Já é grande de mais.

– A ti vi-te a brincar com bonecas, mesmo depois de teres regressado do acampamento equestre.

– Sim, quem sabe, talvez ainda brinque com essas figuras em segredo.

– E de que é que trata esse tal Pokémon?

– Como te posso explicar? Tem a ver com animais. Mas não são animais verdadeiros. São mais parecidos com insetos ou robôs, não sei. Alguns são engraçados e bons, outros, verdadeiramente horrorosos. O jogo veio do Japão, no final dos anos noventa, e transformou-se numa verdadeira indústria no final da década. As

figuras são monstros de bolso, *pocketmonsters*. Quem joga, traz as figuras no bolso, cabem dentro de pequenas bolas. Na verdade, o jogo em si é bastante tonto: consiste em competir com outros jogadores, pretendendo que os diferentes Pokémon lutem entre si. A violência é grande, claro. O objetivo consiste em vencer o maior número de adversários possível, pois, nesse caso, ganha-se dinheiro... Os jogadores ganham dinheiro, as figuras Pokémon recebem pontos.

– E aquele que acumular mais pontos, vence – conclui Kennet.

– De facto, não sei. O jogo parece não ter fim.

– É, portanto, um jogo de números, não?

– É tudo uma questão de números. Por isso é que teve um sucesso enorme. Pokémon existe como programa de televisão, jogos de cartas, peluches, guloseimas, jogos de computador, jogo de dados, para a *Nintendo* e assim por diante...

– Não sei se fiquei a perceber – diz Kennet.

– Bem... – hesita ela, vacilante.

Kennet olha para a filha.

– Em que estás a pensar?

– Percebi agora que é mesmo essa intenção, a de que os adultos fiquem de fora – diz ela. – Assim as crianças são deixadas em paz. E podem ficar tranquilas porque nós, os velhotes, não conseguimos abarcar o mundo dos Pokémon, demasiado amplo, excessivamente grande.

– Achas que o Benjamin começou a jogar outra vez? – pergunta Kennet.

– Não, não da mesma forma. Isto... Isto deve ser outra coisa – responde Simone, apontando para o ecrã.

– Achas que Wailord é uma pessoa real? – inquire o pai, desconfiado.

– Sim.

– Que não tem nada a ver com os Pokémon?

– Não sei... O irmão mais novo da Aida, Nicke, falou-me de Wailord como se fosse uma das figuras do Pokémon. Talvez seja apenas o seu modo de falar. Mas tudo passa a ter uma dimensão diferente quando Benjamin escreve: «Não deixes que Nicke desça para o mar.»

– Que mar? – pergunta Kennet.
– Exatamente. Não existe mar nenhum aqui perto, só no jogo.
– Mas, ao mesmo tempo, isso sugere que o Benjamin levava a ameaça a sério – diz Kennet. – Que é uma ameaça real, não é verdade?

Simone concorda.

– O mar é brincadeira, mas a ameaça é real.
– Temos de encontrar esse tal Wailord.
– Poderia ser um *nick* – replica ela, ainda refletindo.
Ele olha para a filha com um ligeiro sorriso nos lábios.
– Começo a entender porque achei melhor pedir a reforma – comenta.
– *Nick* é uma identidade de uma página de *chats* – explica Simone, ao mudar de posição para ficar mais perto do computador.
– Vou fazer uma busca para Wailord.

O resultado indica oitenta e cinco mil ocorrências. Kennet levanta-se, vai para a cozinha. E ela percebe que o som do rádio da polícia aumenta. Estalidos e sussurros misturados com vozes humanas.

Simone passa, página a página, o material Pokémon japonês.

Wailord is the largest of all identified Pokémon up to now. This giant Pokémon swims in the open sea, eating massive amounts of food at once, with its enormous mouth¹.

– Aí tens o mar que procurávamos – diz Kennet em voz baixa, lendo a mensagem por cima do ombro dela.

Simone não o tinha ouvido chegar.

O texto descreve a maneira como Wailord caça as suas vítimas, dando saltos gigantescos, caindo no meio de cardumes enormes e seguindo em frente com a boca cheia de peixes. É horrível ver como Wailord engole as suas vítimas de uma só vez, lê Simone.

Em seguida, faz uma busca mais precisa, para que apareçam apenas as páginas em sueco, e entra num fórum onde se depara com a seguinte conversa:

«– Olá, como se pode obter um Wailord?

– Para se obter um Wailord, o mais fácil é aprisionar um

Wailmer algures no mar.

– Ok. Mas em que lugar no mar?

– Praticamente em qualquer um, desde que uses uma Super Cana.»

– Encontraste alguma coisa? – pergunta Kennet.

– Pode levar tempo...

– Vê todas as mensagens, procura no lixo, tenta encontrar a pista desse tal Wailord.

Ela ergue o olhar e repara que o pai vestiu o casaco de couro.

– O que vais fazer?

– Vou-me embora – responde ele concisamente.

– Embora para onde? Para casa?

– Tenho de falar com o Nicke e a Aida.

– Queres que te acompanhe? – pergunta ela.

O pai abana a cabeça.

– É melhor ficares a pesquisar no computador.

Kennet tenta sorrir enquanto ela o acompanha à porta. Parece muito cansado. Simone abraça-o antes de ele sair, fecha a porta à chave e ouve-o carregar no botão do elevador. O motor põe-se em marcha. De repente, Simone lembra-se de ter ficado um dia inteiro no patamar da escada, diante da porta, à espera de que o pai voltasse para casa. Naquela altura, devia ter uns nove anos e chegara à conclusão de que a mãe tencionava abandoná-los, e chegou a pensar que o pai também se iria embora.

Ao chegar à cozinha, Simone vê que Kennet cortara um pedaço de pão e deixara o resto em cima da embalagem. A cafeteira elétrica continua ligada e vê umas borras no jarro de vidro. O cheiro a café queimado mistura-se com a sensação de pânico que ela sente, presumivelmente porque se encontra nos últimos instantes de um período feliz da sua vida, já que esta ficará dividida em dois atos. O primeiro, o ato feliz, está a acabar, e Simone não tem forças para pensar no que se seguirá. Dirige-se ao sítio onde tinha deixado a carteira e tira o telemóvel. Como era de esperar, Ylva telefonara várias vezes da galeria. Schulman também está na lista de chamadas não atendidas. Simone recupera o seu número e carrega no botão de chamadas, mas arrepende-se e desliga antes mesmo do primeiro toque. Em seguida, pousa o telemóvel e volta para o computador no

quarto de Benjamin.

Lá fora, reina a obscuridade de dezembro. Parece que está vento, pois os candeeiros da rua, pendentes, baloiçam de um lado para o outro. E, na contraluz, assiste à queda dos primeiros flocos de neve do dia.

Simone encontra no lixo uma mensagem de Aida, com o seguinte texto: «Tenho pena de ti; vives numa casa de mentiras.» A mensagem contém um anexo grande. Simone sente a pulsação acelerar-se nas têmporas, quando dirige o cursor para abrir o arquivo. Mas, nesse preciso momento, alguém bate suavemente à porta do apartamento. É quase como se a arranhassem. Sustém a respiração, ouve que voltam a bater e levanta-se. Sente as pernas bambas quando percorre o corredor que conduz à porta de entrada.

¹ Em inglês, no original: «Wailord é a maior de todas as figuras Pokémon identificadas até agora. Este gigantesco Pokémon nada em pleno oceano, comendo grandes quantidades de alimentos de uma só vez, com a sua boca enorme.» (*N. do T.*)

Domingo, 13 de dezembro, Dia de Santa Luzia, à tarde

Kennet está no carro, diante da porta do prédio onde Aida mora, no bairro de Sundbyberg, e aproveita para refletir sobre a estranha ameaça existente no computador de Benjamin: «O Nicke diz que Wailord está zangado e disse coisas más sobre ti.» «Não deixes que ele desça para o mar.» Tenta lembrar-se de quantas vezes na vida viu e ouviu pessoas com medo. Ele próprio sabe muito bem o que é sentir medo. E sabe também que não existe ninguém que nunca tenha sentido medo.

O prédio onde Aida mora é relativamente pequeno, tem apenas três andares e uma aparência surpreendentemente idílica. É antigo e inspira confiança. Olha para a fotografia que Simone lhe deu. Uma rapariga com *piercings* no rosto e certamente no corpo, e os olhos pintados de negro. E pensa na razão por que lhe custa imaginá-la a morar num prédio desses, a sentar-se à mesa da cozinha e a dormir num quarto com uma decoração em que os cartazes com imagens de cavalos foram substituídos por fotografias de Marilyn Manson.

Kennet sai do carro para ir observar a varanda que julga pertencer à família de Aida, mas detém-se ao ver um vulto robusto a andar para cima e para baixo num caminho nas traseiras do prédio.

De repente, a porta abre-se. É Aida que sai. Parece estar com pressa. Olha em volta, por cima do ombro, tira um maço de cigarros do bolso. Puxa por um diretamente com os lábios, acende-o e fuma sem abrandar o passo. Kennet segue-a na direção da estação de metro. E decide falar com ela, assim que souber para onde ela vai. Um autocarro passa, zumbindo ao seu lado, e um cão começa a ladrar, algures. De repente, Kennet vê a figura volumosa que se escondia atrás do prédio aproximar-se de Aida. Esta deve tê-lo ouvido a correr, porque vira a cabeça para trás. Ele chega, rápido, e ela parece contente, sorri abertamente: as faces esbranquiçadas com pó e os olhos pintados com rímel negro adquirem imediatamente

um aspeto infantil.

O grandalhão salta com os pés juntos em frente dela. Aida faz-lhe uma festa no rosto e ele responde-lhe com um abraço. Ambos se beijam na ponta do nariz, e, então, ela afasta-se, acenando-lhe com a mão. Enquanto Kennet se vai aproximando do rapaz, julga que deve tratar-se do irmão dela. Ele está parado, seguindo Aida com o olhar, despede-se dela com a mão e dá meia-volta. Kennet vê então o seu rosto, terno e franco, e repara que sofre de estrabismo acentuado num dos olhos. Para debaixo de um poste de iluminação e espera. O rapaz caminha na sua direção, com passadas largas e vigorosas.

– Olá, Nicke – cumprimenta Kennet.

Ele estaca e olha-o, apavorado. Tem saliva acumulada nos cantos da boca.

– Não posso – diz devagar, na expectativa do que vai acontecer.

– O meu nome é Kennet e sou da Polícia. Bem, melhor dizendo, já estou velho e sou reformado. Mas isso não muda nada, ainda continuo a ser polícia.

O rapaz sorri, hesitante.

– E ainda tens pistola?

Kennet nega com a cabeça.

– Não – mente. – E também já não tenho carro da polícia.

O rapaz fica sério.

– Tiraram-te o carro quando ficaste velho?

– Sim. – Kennet confirma.

– Estás aqui para prender os ladrões? – pergunta Nicke.

– Que ladrões?

Nicke agarra o fecho de correr do casaco.

– Às vezes, tiram-me coisas – diz ao mesmo tempo que bate com os pés no chão, com força.

– Quem?

Nicke olha para ele, impaciente:

– Os ladrões.

– Ah, claro...

– O meu gorro, o meu relógio e uma bonita pedra com uma lista brilhante.

– Tens medo de alguém?

O rapaz nega com a cabeça.

– Então, aqui, toda a gente é boa? – pergunta Kennet, dubitativo.

Nicke resmunga e procura Aida com o olhar.

– A minha irmã anda à procura do monstro mais mau de todos.

Kennet aponta em direção ao quiosque que há junto ao metro:

– Apetece-te um refresco?

O rapaz acompanha-o e vai contando:

– Aos sábados, trabalho na biblioteca. Guardo no bengaleiro os casacões das pessoas e dou-lhes papelinhos com números; há mil números diferentes.

– Muito bem – diz Kennet, enquanto pede duas garrafas de *Coca-Cola*.

Nicke parece satisfeito, olha para ele e sorri. Pede outra palhinha. Depois, bebe, arrota, bebe e arrota de novo.

– O que é que quiseste dizer com aquilo da tua irmã? – pergunta Kennet, aparentemente sem dar importância.

Nicke franze a testa.

– É aquele rapaz. O namorado da Aida, o Benjamin. O Nicke ainda não o viu hoje. Mas antes ele estava muito zangado, muito zangado mesmo. A Aida chorou.

– O Benjamin estava zangado?

Nicke olha espantado para Kennet.

– O Benjamin não se zanga. Ele é bom. A Aida, quando está com ele, fica feliz e ri.

Kennet olha para o rapaz grandalhão.

– Mas, então, quem é que está zangado, Nicke?

De repente, o rapaz parece preocupado. Observa atentamente a garrafa e depois olha em redor.

– Não deixam que eu aceite coisas dos outros...

– Desta vez, não te vai acontecer nada, garanto-te – diz Kennet.

– Quem é que estava zangado?

Nicke coça o pescoço e com as costas da mão limpa os cantos da boca.

– O Wailord, ele tem uma boca enorme, assim – e abre muito os braços.

– O Wailord?

– Ele é mau.

– Nicke, onde foi a Aida?

As faces do rapaz tremem ao dizer:

– Ela não consegue falar com o Benjamin. Isso não é bom.

– Mas, agora, para onde é que ela terá ido?

Nicke parece prestes a chorar, ao mesmo tempo que abana a cabeça:

– Ui, ui, ui, não se deve falar com pessoas grandes desconhecidas...

– Olha, Nicke, eu não sou uma pessoa grande qualquer – diz Kennet, puxando da carteira e mostrando uma fotografia em que está com uniforme da Polícia.

Nicke olha para a fotografia atentamente e, depois, afirma com uma expressão séria:

– A Aida foi encontrar-se com o Wailord. Ela está com medo de que ele tenha comido o Benjamin. – E acrescenta, abrindo novamente os braços: – A boca do Wailord aberta é assim.

Kennet sorri, procurando aparentar tranquilidade.

– Sabes onde vive o Wailord? – pergunta em seguida.

– Eu não posso ir até ao mar, nem sequer aproximar-me.

– Como é que se chega ao mar?

– De autocarro.

Nicke procura alguma coisa nos bolsos e murmura para si mesmo:

– O Wailord jogou comigo uma vez e eu tive de pagar – diz, tentando sorrir. – Estava só a gozar comigo. Eles enganaram-me para que eu comesse uma coisa que não se deve comer.

Kennet espera. O rosto de Nicke fica vermelho e brinca com o fecho do casaco. Tem as unhas sujas.

– O que comeste? – pergunta Kennet.

As maçãs do rosto do rapaz voltam a tremer intensamente.

– Não quero – responde e as lágrimas correm-lhe pelo rosto.

Kennet dá-lhe umas palmadinhas no ombro e tenta manter o tom de voz sereno, quando diz:

– Ao que parece, o Wailord é mesmo mau.

– Muito mau.

Kennet repara que Nicke toca constantemente nalguma coisa

que guarda no bolso das calças.

– Eu sou polícia, já sabes. E prometo que ninguém se vai meter contigo.

– Tu és velho de mais.

– Mas sou forte.

Nicke parece mais satisfeito agora.

– Posso beber mais uma *Coca-Cola*?

– Se te apetecer...

– Sim, obrigado.

– O que é que tens no bolso? – pergunta Kennet, tentando não demonstrar grande interesse.

Nicke sorri.

– É segredo.

– Ah, é? – diz Kennet e abstém-se de fazer mais perguntas.

O rapaz morde o isco.

– Não queres saber?

– Nicke, não és obrigado a contar-me se não quiseses.

– Ui, ui, ui – diz. – Nem consegues imaginar o que é.

– Não me parece que seja algo especial.

Nicke tira a mão do bolso.

– Vou dizer-te o que é. – Abre a mão. – É o meu poder.

Na mão de Nicke, há apenas um pouco de terra. Kennet olha para o rapaz, inquisitivo. Este apenas sorri.

– Sou um Pokémon de terra – diz Nicke, satisfeito.

– Um Pokémon de terra.

Nicke fecha a mão com a terra e volta a metê-la no bolso.

– Sabes os poderes que eu tenho?

Kennet nega com a cabeça e, nesse mesmo instante, repara num homem com a cabeça pontiaguda a caminhar diante da fachada escura e húmida de um prédio do outro lado da rua. Dá a impressão de andar à procura de alguma coisa. Na mão, tem uma bengala com que dá pancadinhas no chão. De repente, ocorre a Kennet que talvez o homem esteja a tentar espreitar pelas janelas do rés do chão. Acha que tem de ir ter com ele e perguntar-lhe o que está a fazer, mas Nicke puxa-o pelo braço.

– Sabes que poderes eu tenho? – insiste o rapaz.

Contra a sua vontade, Kennet vê-se obrigado a desviar o olhar

do homem. Nicke começa a contar pelos dedos, enquanto diz:

– Eu sou bom contra os Pokémon elétricos, os Pokémon de fogo, os venenosos, os de pedra e os de aço. Eles não podem atingir-me, de modo que estou seguro. Mas não posso lutar contra os Pokémon voadores, nem tão-pouco contra os da relva, nem os Pokémon insetos.

– Ai sim? – pergunta Kennet distraidamente, e repara que o homem se detém. Parece estar à procura de alguma coisa, mas, na realidade, inclina-se para olhar para o interior da casa através de uma janela.

– Estás a ouvir? – indaga Nicke, preocupado.

Kennet procura sorrir-lhe, animado, mas, ao voltar a olhar para o edifício, o homem desaparecera. Aguça o olhar em direção à janela do rés do chão, porém, não consegue distinguir se está aberta.

– Não tolero a água – explica Nicke, triste. – A água é o pior para mim. Não aguento. Tenho muito medo da água.

Cautelosamente, Kennet solta-se da mão de Nicke.

– Espera um pouco – diz e dá uns passos em direção ao edifício.

– Que horas são? – pergunta o rapaz.

– Horas? São seis menos um quarto.

– Então, tenho de me ir embora. Ele fica zangado se eu chegar atrasado.

– Quem é que fica zangado? É o teu pai que fica zangado?

Nicke ri-se.

– Eu não tenho pai!

– A tua mãe, queria eu dizer.

– Não. O Ariados fica zangado. Ele vem buscar umas coisas.

Nicke olha, hesitante, para Kennet, depois baixa os olhos e pergunta:

– Dás-me algum dinheiro? Tenho muito pouco. E, se não levar mais, ele castiga-me.

– Espera um bocadinho – pede Kennet, que voltara a prestar atenção às palavras do rapaz. – É o Wailord que te pede dinheiro?

Afastam-se juntos do quiosque e Kennet repete a pergunta:

– É o Wailord que quer dinheiro?

– Estás maluco ou quê? O Wailord? O Wailord engolia-me

logo... Mas eles... os outros, esses podem nadar até ele.

Nicke olha para trás, por cima do ombro. Kennet insiste:

– Mas, então, quem é que quer o dinheiro?

– O Ariados, já te disse – confirma o rapaz, impaciente. – Afinal, tens dinheiro para me dar? Se me deres, posso fazer alguma coisa. Posso dar-te um pouco de poder...

– Não é preciso – responde Kennet, puxando da carteira. – Chegam vinte coroas?

Nicke solta uma gargalhada de satisfação. Mete a nota no bolso e deita a correr pela rua abaixo, sem se despedir.

Kennet fica parado um momento e tenta compreender aquilo que o rapaz lhe disse. Não consegue ligar tudo o que Nicke lhe contou, mas resolve segui-lo. Ao virar a esquina, vê-o parado junto ao semáforo. Quando fica verde, ele atravessa a rua. Aparentemente, está a caminho da biblioteca da praça quadrada. Kennet também atravessa a rua atrás dele e espera ao lado de um multibanco. Nicke volta a parar. Então, impaciente, recomeça a andar em volta de um fontanário, no meio da praça, em frente da biblioteca. O lugar está mal iluminado, mas, mesmo assim, Kennet consegue ver que Nicke continua a remexer na terra do bolso das calças.

De repente, um rapaz mais jovem ainda atravessa o canteiro de arbustos, ao lado da clínica dentária, e entra na praça. Aproxima-se de Nicke, para diante dele e diz-lhe qualquer coisa. Nicke atira-se imediatamente ao chão e entrega-lhe o dinheiro. O rapaz conta-o e dá-lhe umas palmadinhas na cabeça. De súbito, agarra-o pela gola do casaco, arrasta-o até ao fontanário e enfia-lhe a cabeça na água. Kennet sente o impulso de correr para eles, mas contém-se. Ele está ali para encontrar Benjamin, não pode assustar o rapaz que talvez seja o tal Wailord ou o possa levar até ele. Permanece de pé com os maxilares cerrados, contando os segundos até ser necessário avançar. Nicke esperneia, desesperado, enquanto o outro rapaz mantém uma expressão de estranha impassibilidade até ao momento em que o solta. Nicke fica sentado no chão, encostado ao fontanário, a tossir e a arrotar. O outro dá-lhe uma última palmadinha nas costas e afasta-se.

Kennet apressa-se a segui-lo através dos arbustos e de um

relvado lamacento até uma rua exclusiva para peões. Segue-o por uma zona de prédios altos, até ver que ele para em frente de uma porta. Estuga o passo e chega à porta antes que esta se feche. Sobem juntos no elevador e nota que o botão seis está aceso. Sai também no sexto andar, demora um pouco, finge procurar alguma coisa nos bolsos e vê que o rapaz se encaminha para uma porta, com a chave na mão.

– Ei, miúdo – chama-o.

O rapaz não se dá por achado e Kennet resolve aproximar-se, agarra-o pelo casaco e obriga-o a virar-se de frente.

– Largue-me, seu velho desgraçado – diz o rapaz, encarando-o fixamente nos olhos.

– Sabes que é proibido tirar dinheiro às pessoas à força?

Kennet perscruta-lhe o olhar fugidio e estranhamente tranquilo.

– O teu apelido é Johansson – diz Kennet, depois de deitar uma olhadela à placa da porta.

– Sim – responde, rindo. – E você, como se chama?

– Kennet Sträng, sou comissário da Polícia Judiciária.

O rapaz permanece no mesmo sítio, a olhar para ele, impassível.

– Quanto dinheiro tiraste ao Nicke?

– Eu não tiro dinheiro nenhum. De vez em quando, ele dá-me algum, mas não lhe tiro nada. Todos ficam felizes, ninguém se sente enganado.

– Vou falar com os teus pais.

– Ai sim?

– Queres que o faça?

– Por favor, não – diz o rapaz em tom de brincadeira.

Kennet toca à campainha da porta e, pouco depois, aparece uma mulher gorda e bronzeada.

– Olá – apresenta-se ele. – Sou comissário da Polícia Judiciária e receio bem que o seu filho ande por aí a arranjar sarilhos.

– Meu filho? Eu não tenho filhos! – replica ela.

Kennet vê o rapaz a sorrir, a olhar para o chão.

– Conhece este rapaz?

– Posso ver a sua identificação? – pergunta a gorda.

– Este rapaz...

– Ele não tem identificação nenhuma – intervém o rapaz.

– Claro que tenho – mente Kennet.

– Ele não é da Polícia. – O rapaz continua a sorrir e puxa da carteira. – Este é o meu passe do autocarro, e eu sou mais polícia do que...

Kennet arrebatava-lhe a carteira das mãos.

– Devolva-me a carteira.

– Só vou verificar.

– Ele disse que só queria dar um beijinho no meu pirilau – diz o rapaz, então.

– Vou chamar a Polícia – reage a mulher, assustada.

Kennet chama o elevador. A mulher olha em redor e começa a bater nas outras portas do patamar.

– Ele deu-me dinheiro – explica o rapaz à mulher. – Mas eu não quis ir com ele.

A porta do elevador abre-se. Um dos vizinhos espreita da porta, com a corrente de segurança posta.

– A partir de agora, vais deixar o Nicke em paz – ameaça Kennet, em voz baixa.

– É meu – responde o rapaz.

A mulher grita «Polícia!». Kennet entra no elevador, carrega no botão verde e vê que a porta se fecha. O suor escorre-lhe pelas costas. Chega à conclusão de que o rapaz deu conta de estar a ser seguido desde o fontanário e enganou-o: entrou num prédio e parou diante de uma porta qualquer. O elevador desce devagar, com a luz a piscar, rangem as correntes de aço, lá no alto. Kennet revista a carteira do rapaz: quase mil coroas, cartão de videoclube, passe de autocarro e um cartão de visita azul, amassado, onde se pode ler: «O Mar, Louddsvägen 18.»

Domingo, 13 de dezembro, Dia de Santa Luzia, à tarde

No telhado do quiosque de venda de hambúrgueres, montaram uma enorme salsicha de boca sorridente a despejar um frasco de *ketchup* sobre si própria com uma das mãos e, com a outra, a espetar o polegar. Erik pede um hambúrguer com batatas fritas, senta-se num dos bancos altos em frente ao balcão, junto à janela, e olha através do vidro embaciado. Do outro lado da rua, há uma serralharia. A montra está decorada para a quadra natalícia com pais natais, cujo tamanho chega à altura dos joelhos, colocados junto de diferentes cofres, fechaduras e outros artigos.

Erik abre a latinha de água mineral, bebe um gole e depois telefona para casa. Ouve a sua própria voz no atendimento automático, convidando-o a deixar uma mensagem depois do sinal. Resolve, porém, desligar e telefonar para o telemóvel de Simone. Esta não atende e, quando chega o convite para deixar uma mensagem, Erik diz:

– Olá, Simone... Queria apenas dizer que devias aceitar a proteção da Polícia, por causa do Josef Ek. Ele parece estar muito zangado comigo... Bom, é só isso.

O estômago vazio já aperta, quando ele dá a primeira dentada no hambúrguer. Sente-se muito cansado. Espeta o garfo de plástico na batata frita e pensa no rosto de Joona Linna quando este leu a mensagem de Josef Ek para Evelyn. Foi como se a temperatura caísse. Empalideceu de repente e os olhos cinzento-claros ficaram brancos como o gelo, mas voltaram logo a demonstrar firmeza e concentração.

O comissário telefonara-lhe quatro horas antes para lhe dizer que tinham perdido o rasto a Josef Ek. Ele estava na cave da casa, mas conseguiu fugir. Nada indicava que Benjamin tivesse lá estado também. Antes pelo contrário, os exames periciais de ADN davam a indicação de que Josef estivera sempre sozinho.

Erik tenta lembrar-se da expressão do rosto de Evelyn e das suas

palavras exatas quando soube que Josef tinha voltado para casa. Não acredita que a rapariga tenha ocultado deliberadamente a existência do esconderijo, esqueceu-se simplesmente de o mencionar. Só ao saber que Josef tinha fugido e escondido na casa, é que se lembrou da existência do esconderijo.

«Josef Ek quer fazer-me mal», pensa Erik. «É ciumento e odeia-me. Está convencido de que eu e Evelyn mantemos uma relação e está determinado a vingar-se em mim. No entanto, não sabe onde estou a morar. Na mensagem, exige que a irmã lho diga. ‘Vais dizer-me onde ele mora’, escreveu.»

– Não sabe onde eu moro – murmura para si próprio. – Se o Josef não sabe onde eu moro, é porque não foi ele que entrou em casa e levou o Benjamin de rastos.

Erik dá outra dentada no hambúrguer, limpa as mãos ao guardanapo de papel e faz uma nova tentativa para entrar em contacto com Simone. Ela precisa de saber que não foi Josef Ek que raptou Benjamin. Repentinamente, envolve-o uma sensação de alívio, apesar de saber que tem de começar tudo de novo, pensar novamente em todas as hipóteses. Tira uma folha de papel do bolso, escreve «Aida», mas arrepende-se logo e amarra o papel. «A Simone deve lembrar-se de mais pormenores», diz para si mesmo. «De certeza que viu algo mais.»

Joona Linna interrogou-a, mas ela não soube adiantar mais pormenores. Tinham estado muito concentrados em Josef, pela coincidência de ele ter fugido do hospital mesmo antes de Benjamin ter sido raptado. Agora, até parece estranho. Na realidade, não houve coincidência nenhuma. Nem se ajusta uma coisa na outra, repete incessantemente. A primeira intrusão do apartamento teve lugar antes de ele ter fugido. Josef é um assassino em série, já experimentou o que é matar. Sequestrar uma pessoa não encaixa no seu *modus operandi*. A única pessoa que Josef gostaria de levar consigo seria a irmã, está obcecado por Evelyn, a motivação para tudo o que fez.

O telemóvel toca e Erik larga o hambúrguer, limpa de novo as mãos ao guardanapo e atende sem olhar para o visor.

– Sim, Erik Maria Bark.

Estalidos, ruídos surdos ao fundo. Depois, silêncio.

– Estou? – insiste Erik, mais alto.

De repente, ouve-se uma voz fraca.

– Pai?

O óleo a ferver na frigideira crepita quando submergem o cesto das batatas no seu interior.

– Benjamin?

Viram um hambúrguer na chapa. Algo ressoa no telefone.

– Espera, não consigo ouvir.

Erik abre passagem aos empurrões por entre os outros clientes que entram no restaurante e dirige-se ao estacionamento. A neve redemoinha em frente à luz amarela da parede.

– Benjamin!

– Estás a ouvir-me? – pergunta ele, com uma voz estranhamente próxima.

– Onde estás? Diz-me onde estás!

– Não sei, pai. Não percebo nada. Estou dentro da mala de um carro que não para de andar...

– Quem é que te levou de casa?

– Acordei aqui, não vi nada, estou com sede...

– Estás ferido?

– Pai... – chora.

– Estou aqui, filho.

– O que está a acontecer?

Parece uma criança pequena e cheia de medo.

– Eu vou encontrar-te – diz Erik. – Sabes para onde estás a ser levado?

– Ouvi uma voz, como se falassem debaixo de um cobertor, mesmo quando acordei. De que se tratava? Era qualquer coisa acerca de... uma casa, julgo...

– Fala mais. Que casa?

– Não, não era uma casa... um casarão em ruínas.

– Onde?

– Estão a travar o carro, pai, o carro parou, oiço passos – diz Benjamin num tom estarecido. – Não posso continuar a falar.

Ouvem-se sons esquisitos, de coisas a mexer, pancadas e, de repente, o grito de Benjamin, um grito amedrontado, crispado, de alguém terrivelmente assustado.

– Larga-me, não quero, por favor, prometo...

Em seguida, o silêncio. A ligação foi interrompida.

Os flocos de neve secos continuam a flutuar e a cair na área do estacionamento, em frente ao quiosque dos hambúrgueres. Erik olha para o telefone, mas não se atreve a usá-lo, não quer arriscar-se a bloquear uma nova chamada do filho. Aguarda junto ao carro que Benjamin ligue novamente. Tenta relembrar o diálogo, mas está demasiado nervoso e perde-lhe o fio repetidamente. O pavor de Benjamin ecoa na sua mente em vagas rápidas. E sabe que tem de contar a Simone.

Os faróis vermelhos das traseiras dos carros formam uma fila que desliza em direção a norte, dividindo-se como se fosse uma língua bífida, à direita, em direção à universidade e à autoestrada Europa 18, e à esquerda, para o Hospital Karolinska e para a autoestrada Europa 4. São milhares de veículos a fluir lentamente, na hora de ponta. Erik lembra-se de que deixou as luvas e o gorro ao lado do prato no restaurante, mas não se importa minimamente.

No carro, a mão treme-lhe tanto que não consegue introduzir a chave de ignição na ranhura, e vê-se obrigado a usar as duas mãos. O asfalto está coberto de neve já suja e meio derretida. Faz marcha atrás na escuridão e vira à esquerda na avenida Valhallavägen.

Acaba por estacionar na rua Döbelnsgatan, desce com passadas largas até à Luntmakargatan, nota uma curiosa sensação de estranheza ao cruzar a porta de entrada do prédio, e sobe as escadas. Toca à campainha e espera, ouve passos e o leve som metálico da tampa do óculo a ser afastada. Ouve depois que giram a chave do lado de dentro. Após um instante, Erik empurra suavemente a porta e entra no vestíbulo às escuras. Simone recuara e está no corredor, com os braços cruzados. Veste *jeans* e uma camisola de tricô azul. E parece muito séria e concentrada.

– Deixaste de atender o telefone? – indaga Erik.

– Vi que telefonaste – diz ela, em voz baixa. – Era alguma coisa importante?

– Sim.

O rosto dela reflete agora o medo e angústia que tanto tentara esconder. Leva a mão à boca e olha fixamente para Erik.

– O Benjamin telefonou-me há meia hora.

– Deus seja louvado...

Simone aproxima-se dele.

– Onde está? – pergunta, elevando a voz.

– Não sei, ele não sabia dizer, não sabia nada...

– O que é que ele disse?

– Que estava fechado na mala de um carro.

– Estava ferido?

– Acho que não.

– Mas então...

– Espera – interrompe-a Erik. – Preciso de usar o telemóvel.

Talvez se consiga encontrar o rasto do telefonema.

– A quem vais telefonar?

– À Polícia – responde. – Tenho lá um contacto que...

– Posso falar com o papá, é mais rápido – sugere Simone.

Pega no telemóvel e senta-se no banco da entrada, ainda às escuras. Sente a cara a arder.

– Estavas a dormir? – pergunta. – Papá, preciso... O Erik está aqui. Ele falou com o Benjamin. É preciso encontrar a origem da chamada. Não sei. Não, não tive... É melhor falares com ele...

Erik levanta-se e faz sinal com a mão, querendo esquivar-se, quando ela se aproxima, mas acaba por aceitar o telemóvel e levá-lo ao ouvido.

– Estou?

– Conta-me o que aconteceu, Erik – pede Kennet.

– Ia telefonar para a Polícia, mas a Simone diz que tu podes encontrar a origem da chamada com mais rapidez.

– Talvez tenha razão.

– O Benjamin ligou-me há meia hora. Não sabia nada, nem onde se encontrava, nem quem o teria levado. Só sabia que estava fechado dentro da mala de um carro... E, enquanto falávamos, o carro parou. Disse-me, então, que estava a ouvir passos, gritou qualquer coisa e o telefone ficou mudo.

Erik ouve atrás de si o choro contido de Simone.

– Ele usou o seu próprio telemóvel? – pergunta Kennet.

– Sim.

– O telemóvel dele tem estado desligado... Desde ontem que o tento localizar. Ora, os telemóveis emitem sinais para a central que

estiver mais próxima, mesmo quando não estão em uso.

Erik ouve em silêncio, enquanto Kennet lhe explica brevemente que as operadoras de telecomunicações são obrigadas a colaborar com a Polícia, de acordo com os artigos 25, 26 e 27 da Lei de Comunicações, no caso de a condenação mínima para o delito que se investiga for de dois anos de prisão.

– E que podem averiguar? – pergunta Erik.

– A precisão das informações pode variar, dependendo das centrais, mas, com um pouco de sorte, teremos rapidamente uma indicação do lugar, num raio de cem metros.

– Então, despacha-te, tens de ser rápido.

Erik desliga e devolve o telemóvel a Simone.

– O que é que tens na cara? – pergunta ele.

– O quê? Ah, sim, não é nada.

Os dois entreolham-se, cansados, fragilizados.

– Queres entrar, Erik? – pergunta-lhe, então.

Ele aceita o convite, hesita um momento, depois tira os sapatos e entra no apartamento. Vê o computador ligado no quarto de Benjamin e encaminha-se para lá.

– Encontraste alguma coisa?

Simone fica à porta do quarto.

– Algumas mensagens entre o Benjamin e a Aida – diz ela. – Parece que se sentiam ameaçados.

– Por quem?

– Não sabemos. O papá anda a investigar.

Erik senta-se em frente do computador.

– O Benjamin está vivo – diz em voz baixa, olhando-a longamente.

– Sim.

– O Josef Ek, ao que parece, não está implicado.

– Já disseste isso. Ouvi a tua gravação. Que ele não sabe onde nós moramos – diz ela. – Mas o Josef telefonou para aqui, lembrestes? Portanto, poderia muito bem...

– Isso é diferente – interrompe-a.

– Será?

– A telefonista do hospital é que fez a ligação para aqui – explica. – Eu dei-lhes autorização para isso, sempre que o caso fosse

de força maior. Portanto, ele não tem o nosso telefone, nem sabe o nosso endereço.

– Mas alguém levou o Benjamin e o meteu num carro.

Erik fica em silêncio.

Está a ler a mensagem de Aida em que ela lamenta que Benjamin viva num ambiente de mentiras. E abre, depois, o ficheiro anexo. A imagem que ela mandou, uma fotografia a cores, fora tirada de noite com *flash* e contra um fundo de relva alta, meio selvagem, de um verde-amarelado. A imagem mostra ainda parte do terreno que parece inclinar-se ligeiramente até uma sebe baixa. Por trás desta, percebe-se a existência de uma vedação de madeira castanho-escura. No extremo da área amarela, vê-se um cesto de plástico verde e, ao longe, o que parece ser um campo de batatas.

Erik procura ver todos os pormenores da imagem, tenta compreender-lhe o significado, se existe algo na fotografia que ainda não tenha descoberto. Tenta perceber se nas zonas escuras, não atingidas pelo *flash*, distingue algum corpo, algum rosto, mas não encontra nada.

– Que foto tão esquisita – sussurra Simone.

– Talvez a Aida tenha simplesmente anexado a fotografia errada – sugere ele.

– Isso talvez explique porque o Benjamin a enviou para o lixo.

– Temos de falar com a Aida sobre isto e...

– O preparado – geme Simone, de repente.

– Eu sei...

– Deste-lhe o preparado na terça-feira?

Antes de Erik ter tempo de responder, ela sai do quarto a correr, atravessa o corredor e entra na cozinha. Ele segue-a. Quando lá chega, Simone está diante da janela a assoar-se com um pedaço de papel de cozinha. Erik estende o braço para a afagar, mas ela afasta-se. Ele sabe exatamente quando Benjamin levou a última injeção com o preparado que ajuda o sangue a coagular, que o protege contra eventuais hemorragias cerebrais espontâneas, que atenua a possibilidade de ele ter hemorragias em consequência de um simples movimento mais brusco.

– Na terça-feira passada, às nove e dez, dei-lhe a injeção. Ele ia patinar, mas, em vez disso, foi a Tensta com a Aida.

Ela acena com a cabeça, concorda e faz contas, de testa franzida:

– Hoje é domingo. Terça-feira tem de tomar uma nova injeção – sussurra ela.

– Não há grande perigo durante alguns dias – diz Erik, para a tranquilizar.

Vê-lhe o rosto cansado, os traços bonitos, as sardas. Os *jeans* descaídos, a renda das cuecas amarelas à volta da cintura. Gostaria de ficar ali, apenas isso, gostaria de voltar a dormir com dela. Na verdade, gostaria de fazer amor com ela, mas sabe que é cedo de mais para isso, cedo de mais até para fazer uma tentativa, cedo de mais para começar a ter saudades.

– Vou-me embora – murmura.

Ela anui.

Entreolham-se mais uma vez.

– Telefona-me assim que o Kennet descobrir a origem da ligação.

– Aonde vais? – pergunta ela.

– Tenho de trabalhar.

– Dormes no hospital?

– É prático.

– Podes dormir aqui – sugere.

Erik fica surpreso e de repente não sabe o que dizer, mas o breve instante de silêncio é suficiente para que ela o interprete como um sinal de dúvida.

– Não era um convite – apressa-se Simone a esclarecer. – Não metas outras ideias na cabeça.

– O mesmo digo eu – replica ele.

– Já mudaste para a casa da Daniella?

– Não.

– Já estamos separados – diz ela, em voz alta. – Portanto, não precisas de me mentir.

– Está bem.

– Está bem, o quê?

– Mudei-me para casa da Daniella – mente.

– Ótimo – sussurra ela.

– Pois.

– Não penso perguntar-te se ela é jovem e bonita...

– Mas é – interrompe-a Erik.

Sai da cozinha, vai até ao *hall* da casa, calça-se e deixa o apartamento. Espera um pouco, ouve-a a trancar a porta e a pôr a corrente de segurança. Só então desce as escadas.

Segunda-feira, dia 14 de dezembro, de manhã

Simone acorda com o telefone a tocar. As cortinas estão abertas e a luz de inverno inunda o quarto. Ainda tem tempo de pensar que talvez seja Erik, e sente vontade de chorar quando compreende que ele não vai voltar a ligar, que naquela manhã acordará ao lado de Daniella, que agora está completamente só.

Pega no telefone da mesa de cabeceira e atende:

– Sim?

– Simone? É a Ylva. Tenho tentado entrar em contacto contigo há vários dias.

Ylva parece muito tensa. Já são dez horas da manhã.

– Tive outras coisas em que pensar – responde Simone com firmeza na voz.

– Ainda não o encontraram?

– Não.

Há um momento de silêncio. Algumas sombras deslizam pelo lado de fora da janela do quarto. Simone nota que, no telhado do apartamento em frente, operários com fatos-macaco estão a retirar algumas placas rachadas.

– Desculpa – diz Ylva. – Não quero incomodar-te agora.

– Aconteceu alguma coisa?

– O auditor vem cá amanhã novamente. As contas não dão certo e eu não consigo pensar com o Norén a martelar por aqui.

– A martelar?

Ylva emite um som estranho.

– Veio com um martelo de borracha e afirma que está a fazer arte moderna... – explica Ylva, com uma voz cansada. – Diz que não pinta mais aguarelas e que, em vez disso, agora anda em busca de espaços ociosos na arte.

– Pois que os vá buscar a outro lado.

– Partiu o vaso do Peter Dahl.

– Telefonaste para a Polícia?

– Sim, claro. Vieram cá, mas o Norén não parava de apregoar o seu direito à liberdade artística. Disseram-lhe que abandonasse a galeria e agora fica lá fora a martelar.

Simone levanta-se e vê-se ao espelho fosco do guarda-vestidos. Está magra e exausta. Parece que lhe estilçaram o rosto em pedaços minúsculos, que, depois, voltaram a colar.

– E o Schulman? – pergunta, então. – Como vai a exposição dele?

Ylva parece ansiosa.

– Diz que precisa de falar contigo.

– Vou telefonar-lhe.

– Há qualquer problema com a iluminação. – Ylva baixa o tom de voz e acrescenta: – Não faço a menor ideia de como andam as coisas entre ti e o Erik, mas...

– Separámo-nos – anuncia Simone secamente.

– Porque eu acho, realmente... – Ylva suspende o que ia a dizer.

– O que é que tu achas? – pergunta Simone pacientemente.

– Acho que o Schulman está apaixonado por ti.

Simone encontra o seu próprio olhar no espelho e sente, de repente, umas contrações esquisitas no estômago.

– Vou ter de ir aí – diz ela.

– Achas que podes vir?

– Vou só fazer um telefonema.

Simone pousa o telefone e senta-se na cama por alguns momentos. Benjamin está vivo, diz para si própria, e isso é o mais importante. Ele vive, embora já tenham passado vários dias desde o seu sequestro. Isso é um bom sinal, significa que a pessoa que o levou, em princípio, não está interessada em matá-lo. As suas intenções são outras, talvez queira pedir um resgate. Simone faz um cálculo rápido dos seus bens. Afinal, o que é que ela possui? O apartamento parcialmente pago, o carro, algumas obras de arte. E a galeria, naturalmente. Poderá fazer um empréstimo, isso talvez conseguisse. Não é rica, mas o pai podia vender a casa de verão e também o seu apartamento, e mudarem-se todos para um apartamento alugado, seja em que lugar for, e isso não representaria qualquer problema. Verdadeiramente importante é reaver Benjamin, recuperar o seu filho.

Simone telefona ao pai, mas ninguém atende. Deixa-lhe uma breve mensagem, dizendo que vai para a galeria. Depois, toma um duche rápido, lava os dentes, troca de roupa e deixa o apartamento sem apagar as luzes.

Está frio na rua, o vento sopra forte, a uma temperatura de vários graus negativos. A escuridão da manhã de dezembro é silenciosa, sonolenta, um ambiente de cemitério. Um cão corre, com a correia da coleira a arrastar-se pelas poças de água formadas pela neve derretida.

Ao chegar à galeria, Simone depara-se com o olhar de Ylva através da porta envidraçada. Norén não se vê em nenhum lugar, mas junto à parede, no chão, há um jornal dobrado como se fosse o chapéu de Napoleão. Uma luz esverdeada emana de uma série de quadros pintados por Schulman. São pinturas a óleo, brilhantes, verde-aquário. Ainda mal entrou e já Ylva se apressa a abraçá-la. Simone repara que ela se esqueceu de pintar o cabelo de preto como costuma fazer: as raízes grisalhas adivinham-se ao longo da risca ao meio. Apesar disso, a pele do rosto é lisa, bem maquilhada, os lábios vermelho-escuros, como é hábito. Está vestida com uma saia-calça curta de cor cinza, com meias pretas de riscas brancas e sapatos castanhos de salto alto.

– Está a ficar bonito – elogia Simone, olhando em volta. – Fizeste um belo trabalho.

– Obrigada – sussurra Ylva.

Simone aproxima-se das pinturas.

– Não as tinha visto assim, em conjunto, como foram pensadas, – diz –, apenas em separado.

Dá mais um passo em frente.

– É como se as pinturas refluissem para o lado.

Continua para a outra sala. É lá que se encontram os blocos de pedra de Schulman, com as pinturas das cavernas, montados em suportes de madeira.

– Ele pretende iluminar esta sala com candeeiros de petróleo – informa Ylva. – Disse-lhe que era impossível, que as pessoas querem ver o que compram.

– Não, as pessoas não querem nada disso.

Ylva solta uma gargalhada.

- Quer dizer que o Schulman vai levar a dele avante?
- Sim, Ylva. Ele vai ter o que quer.
- Então, podes ser tu mesma a dizer-lho.
- Porquê? – pergunta Simone.
- Porque ele está lá dentro, no escritório.
- O Schulman?

– Disse que precisava de fazer umas chamadas.

Simone desvia o olhar para o escritório. Ylva pigarreia e diz:

- Vou comprar uma sanduíche para o almoço...
- Tão cedo?
- Estava a pensar fazê-lo, sim – diz Ylva, de olhos no chão.
- Então, vai.

É tal a tristeza que a embarga que tem de secar as lágrimas que começam a descer-lhe pelo rosto, antes de bater à porta do escritório e entrar. Schulman está sentado na cadeira por trás da secretária e mordisca uma esferográfica.

- Como estás?
- Não muito bem.
- Imagino.

Faz-se silêncio entre os dois. Ela baixa o olhar, invade-a uma sensação de vulnerabilidade, como se a tivessem desgastado até chegar à sua matéria mais frágil. Os lábios tremem-lhe quando diz:

– O Benjamin está vivo. Não sabemos onde está, nem quem o levou, mas está vivo.

- Isso são boas notícias – diz Schulman, em surdina.
- Chiça!... – sussurra ela. Vira-se e enxuga novamente as lágrimas do rosto com a mão a tremer.

Schulman aflaga-lhe levemente os cabelos. Simone evita o gesto, sem saber bem porquê. Na realidade, quer que ele prossiga. Mas ele baixa a mão. Olham um para o outro. Ele está vestido com um fato escuro, macio, com um capuz a sobressair da gola do casaco.

– Estás com um fato de ninja – diz ela, com um leve sorriso involuntário.

– *Shinobi*, a verdadeira palavra para ninja, tem dois sentidos – explica-lhe. – Significa «pessoa oculta», mas também «aquele que resiste».

- Resistir?

- Talvez seja essa a arte mais difícil que existe.
- Sozinha, não se consegue. Pelo menos, eu não consigo.
- Ninguém está só.

– Não aguento esta situação – sussurra Simone. – Sinto-me a desmoronar, tenho de deixar de dar voltas constantes à cabeça, não sei para onde devo ir, qual o caminho a seguir. Poderia até dar pancadas na cabeça ou atirar-me para os teus braços, só para me livrar deste estado de pânico... – De repente, Simone detém-se. – Isto... – tenta encontrar as palavras certas – soou... Peço desculpa, Sim.

– Nesse caso, o que preferes? Atirar-te para os meus braços ou bater na cabeça? – pergunta ele a sorrir.

– Nem uma coisa, nem outra – apressa-se a responder, mas ao dar-se conta da brusquidão da frase, tenta suavizá-la. – Não quero dizer com isso... gostaria até...

Guarda silêncio de novo e sente o coração a bater-lhe mais forte no peito.

- De quê? – pergunta ele.

Simone olha-o diretamente nos olhos.

– Esta não sou eu – diz. – Por isso me comporto desta maneira. Sinto-me uma idiota, se queres saber.

Ela baixa os olhos, sente-se a corar, pigarreia:

- Tenho de...

– Espera – diz ele, tirando um frasco transparente da sua bolsa.

Algo semelhante a borboletas grandes e escuras sobem no seu interior. Ouvem-se os pequenos adejos através do vidro embaciado.

- Sim?

– Quero apenas mostrar-te uma coisa fantástica.

Ergue o frasco diante dela. Simone observa os corpos escuros, o pó das asas que se colou ao vidro, os despojos da metamorfose. As borboletas seguram-se no vidro com as grossas patas. Nos seus movimentos, passam febrilmente as trompas pelas asas e as antenas umas das outras.

– Quando era pequena, sempre achei que eram bonitas – comenta ela. – Mas isso foi antes de as ver de perto.

– Elas não são bonitas, são cruéis – sorri Shulman. Depois, já sério, afirma: – Acho que é devido à metamorfose.

Ela toca no frasco e, ao fazê-lo, roça os dedos nas mãos dele.

– A sua crueldade depende da transformação?

– Talvez – responde ele.

Olham-se e já não são capazes de se concentrar na conversa.

– As tragédias transformam-nos – diz ela, ainda reticente.

Ele acaricia-lhe as mãos.

– É assim que tem de ser.

– Mas eu não quero ser cruel – sussurra ela.

Estão muito próximos um do outro. Shulman pousa o frasco na mesa com cuidado.

– Tu... – diz, ao mesmo tempo que se inclina e a beija levemente na boca.

Simone sente as pernas e os joelhos a enfraquecer. Ouve a sua voz suave e sente o calor que lhe chega do corpo dele... O cheiro do tecido do seu casaco macio, um odor a sono e a roupa de cama, a ervas aromáticas. É como se ela se tivesse esquecido da maravilhosa suavidade de uma carícia, quando a mão dele lhe afaga o rosto e o pescoço. Shulman encara-a com um sorriso nos olhos. E ela já não pensa em sair a correr da galeria. Sabe que talvez seja apenas uma maneira, durante um breve instante, de escapar à angústia que lhe dilacera o peito, mas não se importa. Quer apenas que aquilo dure um pouco mais, deseja tão-somente poder esquecer os terríveis acontecimentos. Os lábios dele aproximam-se novamente dos seus e, desta vez, devolve-lhe o beijo. O ritmo do pulso acelera e Simone respira rapidamente pelo nariz. Sente as mãos dele a acariciar-lhe as costas, as ancas, as nádegas, as coxas. As sensações percorrem-lhe todo o corpo, sente o ventre a arder: um desejo cego, repentino, de o ter dentro de si. Assusta-se perante a intensidade do impulso e recua com a esperança de que ele não tenha notado quão excitada está. Passa a mão pela boca, pigarreia, enquanto ele se vira e, rapidamente, se compõe.

– Podia entrar alguém – diz ela.

– E agora que vamos fazer? – pergunta Shulman, e Simone nota-lhe o tremor da voz.

Em vez responder, dá um passo na sua direção e beija-o de novo, intensamente. Já não pensa. Procura sentir-lhe a pele debaixo da roupa e sente as mãos dele a percorrer-lhe o corpo. Ele acaricia-lhe

o meio das costas, procura abrir caminho até à roupa interior, desce até às cuecas e, quando a sente molhada, geme, ofegante, e encosta o pénis ereto ao seu púbis. Ela quer entregar-se ali mesmo, de pé, encostada à parede, em cima da secretária, no chão, como se nada mais importasse no mundo, apenas para conseguir esquecer o pânico por alguns minutos. O coração bate acelerado e as pernas tremem-lhe. Ela puxa-o contra a parede e, quando ele lhe agarra as pernas para a penetrar, ela sussurra-lhe ao ouvido que o faça, que se apresse. Nesse momento, porém, ouve-se o tilintar da campainha de entrada na galeria e passos no chão de madeira.

– Vamos para minha casa – propõe Shulman.

Ela concorda e sente as faces a arder. Ele passa a mão pela boca e sai do escritório. Simone permanece onde está durante uns instantes e depois encosta-se à secretária com todo o corpo a tremer. Compõe a roupa e, quando entra no espaço da galeria, Shulman já saiu pela porta da rua.

– Bom apetite para o almoço – diz Ylva.

Simone arrepende-se quando se encontram dentro do táxi a caminho de Mariegränd. «Vou telefonar ao papá», pensa, «e depois digo-lhe que tenho de ir.» Só de pensar no que está a fazer, sente-se agoniada, com uma sensação de culpa, de pânico e de excitação.

Depois de ter subido a escada estreita até ao quinto andar e ele ter aberto a porta, começa a procurar o telemóvel na carteira.

– Preciso de telefonar ao meu pai – diz, esquivada.

Ele não responde, limita-se a entrar à frente dela no *hall*, com as paredes pintadas de terracota, e desaparece no corredor.

Simone permanece na entrada, sem tirar o casaco, e olha em volta, na semiobscuridade do vestíbulo. As paredes estão cobertas de fotografias e, ao longo do teto, há um nicho com aves empalhadas. Shulman regressa ao *hall*, antes de ela ter tempo de marcar o número de Kennet.

– Simone – sussurra –, não queres entrar?

Ela diz que não com a cabeça.

– Só por um momento? – insiste.

– Está bem.

Segue-o até à sala de estar, com o casaco posto.

– Somos adultos, tomamos as nossas próprias decisões – diz ele,

enquanto serve dois balões de conhaque.

Fazem um brinde e bebem.

– Sabe bem – diz ela, em surdina.

Numa das paredes, há duas amplas janelas. Aproxima-se e contempla os telhados de placas de cobre de Södermalm e a parte de trás de um painel iluminado a representar um tubo de pasta dentífrica.

Shulman chega por trás dela e envolve-a com os braços.

– Sabes que sou louco por ti? – sussurra. – Desde o primeiro momento em que te vi.

– Não sei, Sim... não sei muito bem o que estou a fazer – diz Simone, com a voz rouca.

– E precisas de saber? – pergunta-lhe a sorrir, enquanto vai puxando por ela, em direção ao quarto.

Ela segue-o como se sempre tivesse sabido que aquilo ia acontecer. Sabia que Shulman e ela iriam entrar os dois num quarto. Queria isso mesmo. E a única coisa que a contivera tinha sido a ideia de não querer ser como a mãe, como Erik, uns mentirosos que usavam de truques, faziam telefonemas e enviavam SMS às escondidas. Ela nunca se considerou uma traidora, jamais se permitiu uma infidelidade, mas, agora, não alberga qualquer sentimento de traição. O quarto de Shulman é escuro, as paredes estão forradas com aquilo que parece ser um tecido de seda azul-escuro, o mesmo tecido de que são feitos os cortinados que tapam as janelas. A luz invernal, oblíqua, filtra-se através das fibras do tecido como uma leve sombra.

Com as mãos a tremer, desabotoa o casaco e deixa-o cair ao chão. Shulman despe-se e ela observa-lhe os ombros torneados, a pele do corpo coberta de suaves pelos negros. Uma linha de pelos encaracolados, mais espessos, sobe-lhe do púbis até ao umbigo.

Ele observa-a com os seus olhos escuros, delicados. Simone começa a tirar a roupa, mas ao dar com o olhar dele, sente-se imediatamente tomada por uma estonteante e horrível sensação de solidão. Ele dá-se conta e desvia o olhar, acerca-se dela e ajoelha-se à sua frente. Ela vê como os cabelos lhe caem por cima dos ombros. Shulman, com o dedo, traça uma linha descendente, que começa no umbigo e desce até ao meio das coxas. Simone tenta sorrir, mas não

consegue.

Ele empurra-a suavemente para cima da cama e começa a tirar-lhe a roupa interior, ao mesmo tempo que ela levanta as nádegas, com as pernas apertadas. Depois, ergue as pernas e sente que as cuecas ficaram presas num dos pés. Deita-se, fecha os olhos e deixa que ele lhe abra as coxas. Sente os seus beijos quentes no ventre, nas ancas, nas virilhas. A respiração altera-se-lhe com a excitação, e passa-lhe os dedos pelos cabelos longos e espessos. Quer que Sim faça amor com ela, que a penetre. Deseja-o ardentemente e sente o coração a vibrar no seu peito. Vagas ardentes e entorpecedoras espalham-se pelo sangue e submergem-na. Ele deita-se sobre ela, Simone abre as pernas e geme quando ele a penetra. Shulman sussurra-lhe algumas palavras que ela não consegue compreender, mas abraça-o com firmeza, puxa-o para si e, quando sente todo o seu peso em cima dela, é como se penetrasse profundamente no oceano cálido e borbulhante do esquecimento.

Segunda-feira, dia 14 de dezembro, de tarde

Ao entardecer, está um frio glacial, mas o céu continua azul, sem nuvens. As pessoas movimentam-se com roupa grossa, pesada. Kennet observa as crianças cansadas, a caminho de casa, regressadas da escola. Para à esquina do 7-Eleven. Na montra da loja, um cartaz anuncia uma promoção de café com *lussekatt*, um bolo de açafrão, que se come normalmente no Dia de Santa Luzia. Entra e põe-se na fila, quando sente o telemóvel a tocar. No visor surge o nome de Simone, carrega no botão verde e atende.

– Saíste, Sixan?

– Tive de ir à galeria. E, depois, fui tratar de um assunto que... – diz, e logo se cala. – Acabo de ouvir a tua mensagem, papá.

– Dormiste bem? A tua voz soa...

– Sim, sim. Dormi um pouco.

– Ótimo – diz Kennet.

Repara nos olhos cansados da empregada e aponta para o cartaz da promoção.

– Conseguiste encontrar a pista da chamada do Benjamin? – pergunta Simone.

– Ainda não tive resposta nenhuma. Na melhor das hipóteses, só esta noite, segundo me disseram. Estava a pensar ligar-lhes novamente agora.

A empregada sugere a Kennet que escolha o *lussekatt*, que prefere, e ele apressa-se a apontar para o maior. A rapariga mete-o num saquinho de papel, recebe a nota amarrotada de vinte coroas e faz um gesto em direção à máquina de café automática e aos copos de papel. Ele agradece com um aceno, passa diante do balcão onde se grelham salsichas, retira um copo do respetivo depósito com alguma dificuldade, enquanto continua a conversa com Simone.

– Falaste com o Nicke? – pergunta ela.

– Ele é bom rapaz.

Kennet carrega na tecla do café.

- Consequiste saber alguma coisa sobre o Wailord?
- Muita coisa mesmo.
- Conta-me.
- Espera um segundo – diz ele.

Kennet retira da máquina o copo fumegante, cobre-o com uma tampa de plástico e encaminha-se para uma das mesas de plástico, pequenas e redondas.

– Ainda estás aí, Simone? – pergunta ele, enquanto se senta numa das cadeiras dobráveis.

– Sim.

– Acho que se trata de um grupo de miúdos que sacam dinheiro ao Nicke, dizendo que são personagens do tal Pokémon.

Kennet vê um homem de cabelos desgrenhados que empurra um carrinho de bebé moderno. Uma menina já crescida, vestida de cor-de-rosa e com uma chupeta, vai dentro dele e sorri, cansada.

– Isso tem alguma coisa a ver com o Benjamin?

– Os rapazes do Pokémon? Não sei. Talvez ele tenha tentado que acabassem com a exploração – diz Kennet.

– Temos de falar com a Aida – declara Simone, decidida.

– Tinha pensado fazê-lo mais tarde.

– E o que fazemos agora?

– Na verdade, tenho um endereço – diz Kennet.

– Endereço de quem?

– Do mar.

– Do mar? – pergunta Simone.

– É tudo o que sei.

Franzindo os lábios, Kennet bebe um gole de café. Parte um pouco de bolo de Santa Luzia e mete-o rapidamente na boca.

– Onde fica o mar?

– Perto de Frihamnen – diz Kennet, mastigando –, em Loudden.

– Posso acompanhar-te?

– Estás pronta?

– Daqui a dez minutos.

– Vou buscar o carro, que está perto do hospital.

– Telefona quando chegares. Eu desço.

– Combinado. Até já – despede-se ele.

Pega no copo de papel e no resto do bolo e deixa a loja. A

atmosfera está muito seca e muito fria. Algumas crianças saem da escola de mãos dadas. Um ciclista resolve atravessar a rua no cruzamento entre os carros. Kennet para no passeio, diante da passarela de peões, e aperta o botão para mudar o sinal. Tem a sensação de que passou por alguma coisa decisiva, mas não a soube interpretar. O trânsito passa a zumbir, rapidamente. Ouve-se ao longe a sirene de uma ambulância. Bebe um pouco de café pela abertura da tampa de plástico e olha para a mulher que espera do outro lado da rua, com um cão a tremelicar, seguro pela trela. Um caminhão de grande tonelage passa nesse instante, fazendo tremer o solo. Subitamente, ouve um riso abafado e ainda tem tempo para pensar que soa a falso antes de sentir um forte empurrão nas costas. Dá alguns passos no passeio, procurando não perder o equilíbrio, volta-se e vê uma menina de uns dez anos a olhar para ele, de olhos arregalados. Kennet deduz ter sido ela que o empurrou, pois não há mais ninguém por perto. Nesse momento, ouve a travagem estridente de um carro e sente um peso descomunal abater-se sobre ele. Um maço gigantesco bate-lhe nas pernas. O pescoço range e, de imediato, sente o corpo flácido e distante, em queda livre, envolto numa repentina escuridão.

Segunda-feira, dia 14 de dezembro, de tarde

Erik Maria Bark está sentado à secretária no seu gabinete. A luz fraca do dia entra pela janela que dá para o pátio interior, agora vazio, do hospital. Num saco de plástico fechado jazem os restos de uma salada. Ao lado do candeeiro de mesa, com um quebra-luz cor-de-rosa, uma garrafa de dois litros de *Coca-Cola*. Está a observar a fotografia que Aida enviara a Benjamin: no escuro, um feixe de luz forma uma clareira na zona de relva alta e amarelada, na sebe e na parte posterior da vedação de madeira. Apesar de olhar para a fotografia de perto, não consegue perceber o que a imagem pretende mostrar, qual é o seu objetivo. Aproxima a imagem do rosto e procura descobrir o que há dentro do cesto de plástico verde, normalmente usado para apanhar folhas mortas.

Erik pensa em telefonar a Simone e pedir-lhe que leia de novo, palavra por palavra, a mensagem que acompanhava a fotografia, para saber exatamente o que Aida escreveu a Benjamin e o que este respondeu. Mas chega à conclusão de que não deve obrigar Simone a falar com ele. Aliás, não entende porque se comportou de maneira tão estúpida e admitiu ter um caso com Daniella. Talvez o tenha feito porque desejava ser perdoado, mais uma vez, por Simone, e porque ela desconfiava dele sistematicamente.

De repente, volta a ouvir na sua mente a voz de Benjamin, quando ele lhe ligou da mala do carro em que estava deitado. E pensa na sua atitude adulta ao tentar mostrar-se forte. Tira um comprimido de paracetamol da caixa de madeira e engole-o com um pouco de café frio. A mão começou a tremer-lhe tanto que tem dificuldade em voltar a pousar a caneca na bandeja.

Imagina que Benjamin devia estar terrivelmente assustado, fechado na escuridão do carro. Queria ouvir a voz dele, não sabia de nada, não sabia quem o tinha levado, nem para onde se dirigiam.

Quanto tempo levará Kennet a conseguir localizar o telefonema? Erik sente-se irritado por ter sido quase obrigado a delegar essa

missão, mas diz para si mesmo que, se o sogro encontrar Benjamin, tudo o resto não tem qualquer importância.

Pega no telefone. Tem de falar com a Polícia e tentar apressá-los, pensa. Precisa de saber se já chegaram a alguma conclusão, se já localizaram a origem do telefonema, se já têm algum suspeito. Depois de pedir a ligação e de explicar o motivo da chamada, a transferência foi mal feita e tem de voltar ao princípio. Esperava poder falar com Joona Linna, mas passaram-lhe o agente Fredrik Stensund, que confirma estar a trabalhar nas investigações preliminares do desaparecimento de Benjamin Bark. O polícia mostra-se compreensivo e diz-lhe que também ele tem filhos adolescentes:

- Ficamos preocupados quando saem à noite, nem dormimos. Sabemos que devemos soltar-lhes as rédeas, mas...

- O Benjamin não saiu para se divertir – diz Erik num tom sério.

- Não, é claro. Mas surgiram certas informações que contradizem...

- Ele foi raptado – interrompe Erik.

- Compreendo como se deve sentir, mas...

- Não vão dar prioridade à busca do meu filho, não é verdade? – conclui Erik.

Ficam ambos em silêncio. O agente da Polícia respira fundo várias vezes antes de retomar a conversa:

- Considero com a maior seriedade tudo o que está a dizer e prometo-lhe que faremos o melhor possível.

- Então, veja se consegue localizar a chamada – zanga-se Erik.

- Estamos a tratar disso – responde Stensund, num tom de voz mais tenso.

- Por favor... – E, com estas palavras, proferidas num tom de voz muito débil, encerra-se a conversa.

Erik deixa-se ficar sentado com o telefone na mão. Eles têm de localizar a chamada, pensa. Precisam de encontrar um lugar, uma zona no mapa, uma direção. Só se podem agarrar a isso. E Benjamin apenas lhe conseguiu contar que ouvira uma voz.

Como se falassem debaixo de um cobertor, pensa Erik, se é que se lembra bem. É certo que Benjamin disse, realmente, ter ouvido uma voz, uma voz apagada? Talvez tenha sido apenas um

murmúrio, um som que lhe fez lembrar uma voz, sem palavras, sem significado. Erik passa a mão pelos lábios, olha de novo para a fotografia e interroga-se se existe alguma coisa escondida no meio da relva alta, mas não consegue ver nada. Depois recosta-se na cadeira e fecha os olhos. A imagem persiste: por cima da sebe e da vedação de madeira vê um lampejo rosado e, na sua mente, o montículo verde que desliza suavemente parece alcançar uma tonalidade azul. Como um tecido a espalhar-se pelo céu noturno, pensa. E, então, naquele instante, lembra-se de que Benjamin se referiu a uma casa, a um casarão em ruínas.

Abre os olhos e levanta-se da cadeira. A voz apagada dissera alguma coisa sobre uma mansão. Erik não entende como pôde ter esquecido aquilo. Fora isso que Benjamin dissera antes de o carro parar.

Enquanto veste o sobretudo, tenta recordar onde terá visto um casarão em ruínas. Não existem muitos na região. Lembra-se de que viu um, algures, ao norte de Estocolmo, perto de Rosersberg. Pensa rapidamente: a igreja de Ed, em Runby. É preciso atravessar a avenida e a colina, por cima da lagoa, passando pela paragem de autocarros e descendo para o lago Mälaren. Antes de alcançar o cemitério de barcos, sítio arqueológico perto do castelo de Runsa, a construção está localizada do lado esquerdo, na direção do lago. É uma espécie de pequeno palácio de madeira, com torres, varandas e um excesso de adornos de marcenaria.

Erik deixa o quarto e atravessa o corredor apressadamente. Tenta lembrar-se do dia da excursão e recorda-se de Benjamin também estar no carro. Tinham visitado os barcos de pedra, um dos maiores cemitérios viquingues da Suécia. Pararam no meio da elipse formada por pedras cinzentas em contraste com a relva verde. Estavam no final do verão e o calor era intenso. Erik lembra-se ainda de que a atmosfera estava muito tranquila e de que havia muitas borboletas a voar sobre o saibro do parque de estacionamento, quando regressaram ao interior do carro, a esquentar, e empreenderam o regresso a casa com as janelas todas abertas.

No elevador da garagem, Erik lembra-se ainda de que, na volta, alguns quilómetros depois, virou à esquerda, encostou o carro e

apontou para o casarão, perguntando a Benjamin, em tom de brincadeira, se ele gostaria de morar ali.

– Onde?

– Naquele casarão – insistiu ele. Mas já não se recorda da resposta de Benjamin.

O sol está quase a pôr-se. A sua luz oblíqua despede reflexos num charco gelado no estacionamento para visitantes no Serviço de Neurologia. A gravilha estala debaixo dos pneus do carro quando vira para a entrada principal.

Evidentemente, Erik sabe que é pouco provável que Benjamin se referisse àquele casarão em particular, embora não fosse impossível. Conduz para norte, pela autoestrada E4, enquanto a luz cadente mergulha o mundo na obscuridade. Pestaneja para melhorar a visão, mas só ao ver as tonalidades azuladas no horizonte a sua mente compreende que está a anoitecer.

Meia hora mais tarde, Erik aproxima-se do casarão. Entretanto, tentara falar quatro vezes com Kennet, para saber se tinha conseguido localizar o telefonema de Benjamin, mas não obteve resposta e também não quis deixar nenhuma mensagem.

O céu sobre o lago Mälaren ainda conserva um ligeiro brilho, mas a floresta já se apresenta completamente negra. Conduz o carro a baixa velocidade pelo estreito arruamento da pequena comunidade que crescera aos poucos na margem do lago. Os faróis do carro iluminam alguns chalés recém-construídos, casas do fim do século XIX e pequenas cabanas de férias. As luzes refletem-se nas janelas e iluminam uma entrada para veículos onde se vê um triciclo. Erik diminui ainda mais a marcha do carro e descortina, então, o casarão por trás de uma colina alta. Erik passa junto a mais algumas casas, até que decide estacionar na berma da estrada. Sai do carro e anda para trás um pouco, abre uma cancela que dá para um terreno onde foi construído um chalé de tijolos escuros, atravessa o relvado e chega às traseiras da casa. Há um mastro sem bandeira e as cordas batem ao sabor do vento fraco. Erik salta por cima de uma vedação baixa para o terreno contíguo, passa por uma piscina coberta com uma proteção de plástico que range. A área é dominada por uma grande janela panorâmica que dá para o lago, agora, às escuras. O empedrado está coberto de neve e de folhas

mortas. Erik estuga o passo, volta a vislumbrar o casarão do outro lado de uma sebe e abre caminho através dela.

Este terreno tem o acesso mais protegido do que os outros, pensa.

Um carro passa na pequena estrada de acesso, a luz dos faróis ilumina algumas árvores, e Erik volta a lembrar-se da estranha fotografia de Aida, na relva amarelada e nos arbustos. Aproxima-se do casarão, uma grande mansão de madeira, e apercebe-se do que parece ser um fogo azul a crepitar numa das salas.

O casarão tem janelas altas, com colunas, que na parte superior parecem formar bicos. Dali, a vista para o lago deve ser fantástica, pensa. Uma torre alta, sextavada, num dos lados da construção, e dois vãos envidraçados, fazem com que o edifício se assemelhe a um palácio de madeira em miniatura. O revestimento da parede chega até à base, mas a linha é entrecortada por um falso painel que dá uma impressão multidimensional. O portão de entrada é emoldurado com madeira talhada e as jambas terminam num bonito arco fechado.

Ao chegar perto da janela, Erik verifica que o reflexo azul vem de uma televisão. Alguém está a ver um programa de patinagem artística. As câmaras acompanham as esvoaçantes deslocações, os saltos com pirueta e as rápidas travagens dos patins. A luz azul cintila nas paredes da sala. No sofá, está sentado um homem gordo, vestido com umas calças de ginástica cinzentas. Puxa os óculos para cima da testa e recosta-se de novo no sofá. Parece estar sozinho na sala. Existe apenas um copo em cima da mesa de centro. Erik tenta ver para dentro da sala contígua. Ouve um pequeno som agudo por trás dos vidros. Anda em direção à janela seguinte e, no interior, vê um quarto com a cama por fazer e a porta fechada. Na mesa de cabeceira, há lenços de papel amarrotados, ao lado de um copo de água. Na parede, está pendurado um mapa da Austrália. Caem gotas de água sobre o parapeito da janela, coberto por uma chapa de estanho. Erik prossegue o seu caminho para a próxima janela. As cortinas estão corridas e nada se vê através delas, mas ouve de novo o estranho som anterior, vindo da parte de dentro da casa, e uma espécie de «clique».

Continua, dá a volta pela torre sextavada e, por outra janela, vê

o que deve ser a sala de jantar. No meio, uma mesa grande de madeira escura sobre um chão encerado e brilhante. Algo diz a Erik que a mesa será usada em raras ocasiões. Diante de um móvel envidraçado, há um objeto negro no chão; parece a caixa de uma guitarra. Ouve-se novamente um rangido. Erik aproxima o rosto do vidro, cobre com as mãos o reflexo exterior e vê um cão enorme a correr na sua direção. O animal atira-se contra a janela e começa a ladrar, com as patas dianteiras apoiadas no vidro. Erik recua, tropeça num vaso, dá a volta à casa e espera a ver o que acontece, com o coração aos pulos.

Pouco depois, o animal para de ladrar. Acende-se a luz exterior e volta a apagar-se.

Erik não sabe o que está ali a fazer. Sente-se terrivelmente só, desorientado. Compreende que será melhor voltar para o seu gabinete no Hospital Karolinska e começa a andar em direção à frente do casarão.

Ao virar a esquina, vê alguém na entrada. Nos degraus está o homem gordo, com um blusão de penas. Quando o vê, o seu rosto revela ansiedade. Talvez estivesse à espera de ver crianças a fugir depois da brincadeira, ou até de um cabrito-montês.

– Olá – saúda-o Erik.

– Isto é uma propriedade privada – replica o homem, com voz estridente.

O cão começa a ladrar outra vez por trás da porta fechada. Erik aproxima-se da entrada e descobre um carro desportivo amarelo no caminho de acesso. Tem apenas dois lugares e o porta-bagagens é nitidamente pequeno de mais para esconder o corpo de alguém.

– Esse *Porsche* é seu? – pergunta Erik.

– É, sim.

– E tem mais carros?

– Porque é que quer saber?

– O meu filho desapareceu – responde Erik, muito sério.

– Não tenho mais nenhum carro, está claro? – replica o homem.

Erik anota a matrícula num papel.

– Pode desandar, agora?

– Está bem – responde Erik, encaminhando-se para a vedação.

Para por momentos no caminho escuro e olha de novo para o

casarão, antes de voltar para o carro. Pega na caixinha de madeira com o papagaio e o índio, deita uns comprimidos redondos e escorregadios na palma da mão, conta-os com o indicador, junta-os e mete-os na boca.

Depois de uma breve hesitação, resolve ligar para Simone e ouve o sinal de chamada. Acha que ela deve estar em casa do pai, a comer sanduíches com salada e rodela de pepino de conserva. O sinal de chamada repete-se no meio do silêncio. Erik imagina o apartamento na rua Luntmakargatan às escuras, as roupas penduradas no bengaleiro do *hall*, os candeeiros com velas nas paredes, a cozinha com a mesa de carvalho, estreita e comprida, as cadeiras. O correio acumula-se no chão da entrada: uma pilha de jornais, contas para pagar, brochuras de publicidade em invólucros transparentes. Não deixa qualquer mensagem no atendedor de chamadas ao ouvir o seu sinal, simplesmente desliga. Roda a chave de ignição, faz inversão de marcha e inicia a viagem de regresso a Estocolmo.

Analisando o aspeto irónico da situação, reconhece que não há ninguém a quem possa recorrer. Ele, que dedicou tantos anos a pesquisar a dinâmica de grupos e a psicoterapia de grupo, de repente, encontra-se isolado e só. Não existe uma única pessoa para quem se possa virar, com quem possa falar. Todavia, foi a força dos grupos que o fez avançar na profissão. Tentou entender o facto de as pessoas que tinham sobrevivido à guerra em grupo terem muito mais facilidade em enfrentar os seus traumas do que aquelas que, nas mesmas circunstâncias, estiveram sozinhas. Queria perceber como era possível que os indivíduos de um grupo que tinham sido torturados, podiam curar melhor as suas feridas do que aqueles que se encontravam sós. O que existe no espírito de comunidade que facilita a cura? Essa foi a pergunta que fizera a si próprio. Seria ato reflexo, superação, normalização ou verdadeira solidariedade?

Sob a luz amarelada da autoestrada, Erik liga para Joona Linna. Após cinco toques, desiste e experimenta o telemóvel dele.

- Sim, é Joona – diz distraidamente o comissário.
- Olá, é o Erik. Já encontraram o Josef Ek?
- Não – diz Joona, com um suspiro.
- Parece que ele tem um padrão próprio, personalizado.

– Já lhe disse antes e penso continuar a dizer-lhe o mesmo, Erik: devia aceitar a proteção policial.

– Tenho outras prioridades.

– Eu sei.

Ambos ficam em silêncio.

– O Benjamin não voltou a ligar? – pergunta Joona, com o seu angustiante sotaque finlandês.

– Não.

Erik ouve uma voz ao fundo, talvez de um televisor.

– O Kennet ficou de localizar o telefonema, mas ele...

– Já sei, mas pode demorar – diz Joona. – Há que mandar um técnico para o centro de comunicações, para uma estação-base específica.

– Mas ao menos devem saber de que estação se trata, não?

– Acho que o operador tem possibilidade de saber isso imediatamente – responde Joona.

– Então, pode saber de que estação-base se trata?

Novo silêncio, por alguns momentos. Depois, retorna a voz neutra de Joona:

– Porque não fala com o Kennet?

– Já tentei, mas não atende as chamadas.

Joona, com um ligeiro suspiro:

– Vou verificar, mas não fique com muita esperança.

– O que quer dizer com isso?

– Que, possivelmente, a estação está localizada em Estocolmo e, nesse caso, isso não vai acrescentar nada até que o técnico possa especificar a procedência da chamada.

Erik ouve-o fazer qualquer coisa, como se abrisse um frasco de vidro.

– Estou a preparar um pouco de chá verde para a minha mãe – explica Joona brevemente.

Ouve-se uma torneira abrir e fechar.

Erik sustém a respiração por um segundo. Sabe que o comissário deve dar prioridade à fuga de Josef Ek e que o caso de Benjamin, de forma alguma, é o único com que a Polícia tem de se ocupar. Um adolescente que desaparece do lar é o pão nosso de cada dia para eles, mas, de qualquer modo, ele tem de perguntar. Simplesmente,

não pode deixar de o fazer.

– Joona, gostaria que assumisse o comando do caso do rapto do Benjamin – diz Erik. – Gostaria muito, mesmo. Sentir-me-ia...

Erik interrompe-se, doem-lhe os maxilares de tanto os ter apertado inconscientemente.

– Ambos sabemos que este não é um sequestro normal – prossegue. – Alguém injetou um anestésico cirúrgico na Simone e no Benjamin. Sei que dá prioridade à busca do Josef Ek, e compreendo que o meu filho não seja assunto seu a partir do momento que a ligação ao Josef se perdeu. Mas talvez tenha acontecido algo muito pior...

Erik para de falar, sente-se demasiado emocionado para poder continuar.

– Já lhe falei da doença do Benjamin – sente-se obrigado a recordá-lo. – Dentro de poucos dias, o sangue dele vai deixar de estar protegido pelo preparado que ajuda a coagulação. E, dentro de uma semana, os vasos sanguíneos terão sofrido tanto que pode ficar paralítico, ter um derrame cerebral ou ainda uma hemorragia pulmonar ao tossir.

– Ele tem de ser encontrado antes que isso aconteça – diz Joona.

– Pode ajudar-me?

Erik permanece sentado no carro com a sua indefesa súplica suspensa no ar. Mas a ele nada lhe importa: de bom grado se poria de joelhos para pedir ajuda. A mão que segura o telemóvel está húmida e escorregadia de suor.

– Não posso, sem mais nem menos, encarregar-me de um caso que está a ser investigado pela Polícia de Estocolmo – explica Joona.

– O agente chama-se Fredrik Stensund, é amável, mas parece que não tem qualquer intenção de sair do seu confortável gabinete.

– Eles sabem muito bem o que têm de fazer.

– Não me minta, peço-lhe – diz Erik, em voz baixa.

– Acho que não vou poder assumir o caso – diz Joona duramente. – Sobre isso não há nada que eu possa fazer, mas terei todo o prazer em tentar ajudá-lo. Pense bem em quem poderia ter levado o Benjamin. Pode ter sido alguém que simplesmente o viu na primeira página dos jornais, mas também pode ser alguém

conhecido. Se não houver um suspeito, tão-pouco há caso, não há nada. Tem de refletir, de recordar todos os passos da sua vida, uma e outra vez, de pensar nas pessoas que conhece, nas pessoas que a Simone conhece, e também o Benjamin. Passe em revista os seus vizinhos, parentes, colegas, pacientes, rivais, amigos... Já alguém o ameaçou, que talvez tenha ameaçado o Benjamin? Tente lembrar-se. Pode tratar-se de um ato impulsivo, mas também de um plano arquitetado durante anos. Analise minuciosamente, Erik, e depois volte a ligar-me.

Erik está prestes, mais uma vez, a pedir a Joona que assuma o caso, mas já não tem tempo. Ouve um clique no telefone. Continua a conduzir e, de olhos marejados de lágrimas, concentra a sua atenção na autoestrada diante de si.

Dia 14 de dezembro, de noite

Está frio e escuro no seu gabinete. Erik tira os sapatos com uma sacudidela dos pés e sente o cheiro a relva húmida quando pendura o casaco. A tiritar, põe água a ferver para fazer um chá. Toma dois tranquilizantes fortes e senta-se à secretária, tendo por única luz o seu candeeiro. Olha para a negra escuridão da janela, em cujo vidro se adivinha a si mesmo como uma sombra junto ao feixe de luz. «Quem me odeia?», pensa. «Quem me inveja? Quem me quer castigar, tirar tudo o que tenho, destruir a minha vida, a minha razão de viver? Quem poderia desejar acabar comigo?»

Levanta-se da secretária, acende a luz do teto e começa a andar de um lado para o outro. Detém-se, estende o braço para pegar no telefone em cima da mesa e derruba sem querer um copo de plástico com água, que avança lentamente na direção de uma publicação médica. Sem poder controlar os seus pensamentos, marca o número do telemóvel de Simone e deixa uma curta mensagem, dizendo que gostaria de consultar de novo o computador de Benjamin, e, depois, fica em silêncio, sem forças para acrescentar mais nada.

– Desculpa – diz finalmente, em voz baixa, e atira o telefone para cima da mesa.

O elevador faz um barulho surdo no corredor. Ouve as portas a deslizarem e o som de alguém a empurrar uma rangente cama de hospital e a passar em frente do seu gabinete.

Os comprimidos começam a fazer efeito e Erik sente a calma a subir pelo corpo como se fosse a fervura do leite, como uma recordação, uma onda de tranquilidade que se expande dentro de si. Como se caísse de grande altura, primeiro, através da atmosfera fria e transparente, e, depois, dentro de água quente e rica em oxigénio.

– Vamos lá, Erik – diz em voz alta.

«Alguém levou o Benjamin para se vingar de mim. Tem de haver um indício em algum lugar na minha mente», pensa.

– Vou encontrar-te – diz em surdina.

Olha para as folhas ensopadas da publicação médica. Vê a fotografia da nova chefe do Instituto Karolinska debruçada sobre a sua mesa de trabalho. O seu rosto suave encontra-se escurecido pela água. Ao tentar pegar na revista, Erik nota que aderiu ao tampo da secretária. A secção de classificados da última página ficou colada e em parte rasgada, com parte do artigo sobre a Conferência Mundial de Saúde. Senta-se de novo na cadeira e começa a descolar com as unhas os restos do papel na mesa, mas para, de repente, a meio do movimento, ao ver uma combinação de letras: E-V-A.

Na sua mente, emerge lentamente uma onda, carregada de reflexos e facetas, e, depois, a imagem perfeitamente nítida de uma mulher que se recusa a devolver algo que roubara. Sabe que se chama Eva. A boca dela, tensa, tem restos de saliva nos lábios finos e grita-lhe com raiva de ofendida: «És tu que roubas as coisas! Roubas e roubas, e voltas a roubar! O que dirias se eu roubasse as tuas coisas? Como achas que te sentirias?» A mulher esconde o rosto entre as mãos e diz que o odeia, repete-o uma e outra vez, talvez uma centena de vezes, antes de se acalmar. Tem o rosto pálido, os olhos vermelhos. Olha para ele extenuada, com uma expressão de antipatia e de incompreensão. Erik recorda-se dela, recorda-a perfeitamente.

«Eva Blau», pensa. Sabia que cometera um erro ao aceitá-la como paciente. Sabia-o desde o início.

Passaram já muitos anos desde o tempo em que a hipnose era uma parte importante da sua terapia. Eva Blau. O nome procede de outro tempo, antes de ter abandonado o hipnotismo, antes de ter jurado que nunca mais voltaria a usá-lo.

Erik confiava plenamente na hipnose. Comprovara que se um paciente fosse hipnotizado em frente dos outros, a sensação de ultraje gerada em função dos abusos sofridos não ficava tão arreigada. Era mais fácil de superar e também mais fácil de sanar. A culpa repartia-se, a identidade de vítima e verdugo desintegrava-se. Os pacientes não se culpavam a si mesmos pelo ocorrido ao encontrarem-se num lugar onde todos os outros tinham passado pela mesma situação.

Porque Eva Blau se tornara sua paciente? Neste momento, Erik

não consegue lembrar-se do problema dela. Ao longo dos anos conheceu muitos destinos horríveis. A ele recorriam pessoas com um passado devastador, frequentemente agressivas, sempre amedrontadas, compulsivas, paranoicas, muitas vezes com mutilações ou com algumas tentativas de suicídio às costas. Muitas chegavam quando já só uma tênua linha as separava de um estado psicótico ou esquizofrênico. Teriam sido sistematicamente maltratadas e torturadas, passado por falsas execuções, perdido os filhos, sido vítimas de incesto, violações. Teriam testemunhado atrocidades ou sido obrigadas a participar nelas.

«O que teria roubado?», pergunta-se Erik. «Acusei-a de roubo, mas o que foi que ela roubou?»

Incapaz de captar a recordação, levanta-se, dá alguns passos no gabinete, para, pestaneja. Alguma outra coisa aconteceu, mas o quê? Teve a ver com o Benjamin? Sabe que, em dada ocasião, explicou a Eva Blau que podia arranjar-lhe outro grupo de terapia, mas por que razão não se lembra do que aconteceu? Tê-lo-ia ela ameaçado?

A única coisa que consegue evocar na memória é um dos seus primeiros encontros, ali, naquele mesmo gabinete: Eva Blau tinha rapado a cabeça e aplicado uma maquilhagem de cor forte à volta dos olhos. Sentada no sofá, de repente, desabotoou a blusa e mostrou-lhe os seios brancos.

- Estiveste em minha casa – disse Erik.
- E tu, na minha – replicou ela.
- Eva, contaste-me coisas sobre a tua casa – continuou ele. – Isso é muito diferente de invadir uma casa alheia.
- Eu não invadi nada.
- Partiste o vidro de uma janela.
- Foi a pedra que partiu o vidro da janela – precisou ela.

Erik introduz a chave na fechadura do armário de madeira, abre-o devagar e começa a procurar. Tem de estar aqui, em algum lugar, diz para si próprio. Sabe que existe ali alguma coisa sobre Eva Blau.

Quando, por qualquer motivo, algum dos seus pacientes age de maneira inesperada, quando sai do que é normal, costuma conservar o material relacionado com o caso. Pode tratar-se de

comentários, de uma simples observação ou de algum objeto esquecido. Retira montes de documentos, blocos de notas, pequenos lembretes e recibos com comentários. Fotografias desbotadas numa pasta de plástico, um disco rígido externo, alguns diários do tempo em que acreditava numa relação aberta e sincera entre paciente e médico, o desenho feito, uma noite, por uma criança traumatizada. Várias cassetes áudio e vídeo das conferências no Instituto Karolinska. Um livro de Hermann Broch repleto de anotações... De repente, as mãos de Erik deixam de rebuscar. Sente um formigueiro na ponta dos dedos, ao ver uma cassete VHS envolta num papel pardo, preso com um elástico. No papel, está escrito: «Erik Maria Bark, fita 14.» Retira o papel, inclina a lâmpada e reconhece a sua letra: «Casarão.»

Uma corrente gelada percorre-lhe as costas e estende-se até aos braços. Fica com os cabelos da nuca em pé, e, de repente, consegue até ouvir o tiquetaque do seu relógio de pulso. Sente a cabeça a ressoar, as batidas do coração aceleram. Senta-se na cadeira e olha de novo para a cassete. De mãos a tremer, pega no telefone da mesa, liga para a portaria e pede para lhe levarem um aparelho de vídeo VHS. Com os pés pesados como chumbo, vai até à janela, entreabre as persianas e contempla a húmida capa de neve que cobre o pátio interior. Pesados flocos de neve continuam a cair lentamente do céu e vão pousar-se na sua janela, logo perdendo a cor e derretendo-se no calor do vidro. Erik reflete, então, que possivelmente se trata apenas de uma casualidade, de estranhas coincidências, mas ao mesmo tempo reconhece que algumas peças do *puzzle* encaixam umas nas outras.

«Casarão.» Aquela simples palavra num papel tem força suficiente para transportá-lo ao passado, para um tempo em que ainda se dedicava à hipnose. Erik sabe. Contra a sua vontade, sabe que tem de se aproximar de uma janela escura e tentar ver o que se oculta por trás dos reflexos, por trás das reflexões criadas pelo tempo que passou.

O empregado da portaria bate suavemente à porta. Erik abre, verifica que lhe trouxeram o que havia pedido e, em seguida, rebobina a cassete no obsoleto aparelho.

Põe a cassete a reproduzir, apaga a luz do teto e senta-se.

– Já quase que me esqueci de como se trabalha com isto – diz em voz alta, ao apontar o controlo remoto para o aparelho.

A imagem pisca, o som arrasta-se e estala por momentos, mas, depois, Erik ouve a sua própria voz através dos altifalantes da televisão. Devia estar constipado. Nota-se quando anuncia o lugar, a data e a hora, e conclui:

– Acabámos de fazer uma pequena pausa, mas encontramos-nos ainda num período pós-hipnótico.

Já se passaram mais de dez anos, pensa, enquanto vê a câmara a elevar-se. A imagem estremece um pouco e aquieta-se depois. A objetiva está dirigida para um semicírculo formado por cadeiras. Em seguida, é ele próprio que aparece diante da câmara e começa a ordenar as cadeiras. Há uma agilidade notória no seu andar, no seu corpo dez anos mais novo, que ele sabe já não possuir. Na gravação, o cabelo ainda não era grisalho e as rugas profundas na testa e nas faces ainda não eram visíveis.

Os pacientes chegam, movimentam-se com apatia e sentam-se nas cadeiras. Alguns falam baixo uns com os outros. Um deles ri. É difícil distinguir os seus rostos: a qualidade da gravação é má, difusa, com grão.

Erik engole em seco com esforço e ouve a sua própria voz no televisor a explicar, num timbre metálico, que está na hora de continuar a sessão. Alguns ainda estão a falar, outros já se sentaram e permanecem em silêncio. Uma cadeira range. Vê-se a si próprio junto a uma das paredes, a fazer anotações num bloco de papel. De repente, alguém bate à porta da sala e surge Eva Blau. Está tensa. Erik consegue distinguir-lhe umas manchas vermelhas no pescoço e nas faces, e vê como ele próprio lhe pega no casaco e o pendura, antes de indicar onde ela se deve sentar. Depois, apresenta-a brevemente aos outros membros do grupo e dá-lhe as boas-vindas. Os outros acenam com a cabeça, dizem, talvez, um «olá» em surdina. E alguns fingem não a ver, preferindo fixar o olhar no chão.

Erik recorda-se da atmosfera na sala: o grupo ainda estava sob a influência da primeira fase da hipnose, anterior à pausa, e sentiu-se perturbado com a entrada do novo membro. Os outros já se conheciam e haviam começado a identificar-se com as suas

histórias.

Cada grupo tinha no máximo oito pessoas e a terapia consistia em pesquisar, sob hipnose, o passado de cada uma delas, aproximando-se tanto quanto possível dos pontos dolorosos. A hipnose era realizada de modo coletivo. A ideia era que, desse modo, todos se tornassem mais do que testemunhas das vivências uns dos outros. Pela via aberta da hipnose, ao ouvir o testemunho de alguém em estado de transe, a dor era repartida, e choravam todos em conjunto, como no caso das catástrofes coletivas.

Eva Blau senta-se na cadeira vazia, dirige um breve olhar para a câmara e qualquer coisa no seu rosto transmite sarcasmo e hostilidade.

Foi esta mulher que invadiu a minha casa há dez anos, pensa Erik. Mas o que foi que ela roubou? E o que mais fez, além disso?

Observa-se a si próprio a dar início à segunda parte da sessão, resumindo o que aconteceu na primeira e prosseguindo com algumas associações de ideias, de maneira livre e espirituosa. Era uma forma de fazer com que os pacientes se sentissem mais à vontade e de bom humor, e em que era possível uma certa leveza de espírito, apesar das correntes subterrâneas, obscuras e abismais em que constantemente se moviam.

Erik posiciona-se à frente do grupo.

– Começaremos por fazer algumas reflexões sobre os pensamentos e as associações discutidas na primeira parte da sessão – diz. – Alguém quer fazer algum comentário?

– Muito confuso – diz uma mulher jovem, forte e muito maquilhada.

Sibel, pensa Erik. Chamava-se Sibel.

– Frustrante – acrescenta Jussi, com forte sotaque da província de Norrland. – Quer dizer, só tive tempo de abrir os olhos e coçar a cabeça, e acabou logo tudo.

– O que é que sentiste? – pergunta-lhe Erik.

– O cabelo – responde ele, a sorrir.

– O cabelo? – pergunta Sibel, rindo à socapa.

– Quando cocei a cabeça – explica Jussi.

Alguns dos presentes riem da piada. Uma pálida alegria deixa-se adivinhar no rosto sombrio de Jussi.

– Façam associações em relação à ideia de cabelo – continua Erik. – Charlotte?

– Não sei – diz. – Cabelo? Talvez barba... não?

– Um *hippie*, um *hippie* num helicóptero – continua Pierre, a sorrir. E descreve: – Ele senta-se assim, mastiga uma pastilha elástica e desliza...

Eva põe-se repentinamente de pé, com grande estrépito e protesta contra aquele tipo de exercício.

– Isto não passa de uma tolice – atira.

– Porque é que achas isso? – pergunta Erik.

Eva não responde, mas senta-se novamente.

– Pierre, queres continuar? – pede Erik.

Ele nega com a cabeça e cruza os dedos indicadores na direção de Eva, simulando, assim, defender-se dela.

Pierre sussurra em tom conspirativo. Jussi levanta a mão na direção de Eva e diz qualquer coisa impercetível, com o seu sotaque peculiar.

Erik julga ter entendido as suas palavras, tenteia com a mão à procura do comando da televisão, mas deixa-o cair sem querer e as pilhas caem e rolam no chão.

– Não é possível – resmunga para si mesmo, enquanto se ajoelha.

Com as mãos a tremer, pressiona depois a tecla de retorno rápido do aparelho e aumenta o volume, quando a fita começa a rolar de novo. E ouve-se:

– Isto não passa de uma tolice – diz Eva Blau.

– Porque é que achas isso? – pergunta ele, e como ela não responde, volta-se para Pierre e pergunta-lhe se quer continuar com a sua associação.

Pierre nega com a cabeça e cruza os dedos indicadores na direção de Eva.

– Mataram o Dennis Hopper por ele ser um *hippie* – murmura.

Sibel dá uma gargalhadinha disparatada e olha para Erik de lado. Jussi tosse, aclara a voz e levanta a mão na direção de Eva:

– No casarão, não precisavas de ouvir as nossas tolices – diz-lhe, no seu forte sotaque do Norte.

Todos ficam em silêncio. Eva vira-se para o homem, parece que

vai reagir agressivamente, mas alguma coisa faz com que se contenha, talvez a seriedade da voz dele e a tranquilidade do seu olhar.

«O casarão», a palavra ressoa na cabeça de Erik. Ao mesmo tempo, ouve-se a explicar mais uma vez como funciona aquele género de terapia de grupo, que começa sempre com alguns exercícios de descontração, antes de se prosseguir com a hipnose dos presentes, um a um.

– E, de vez em quando – continua Erik, dirigindo-se a Eva –, se sinto que está a resultar, tento que o grupo inteiro entre num estado de hipnose profunda.

Erik pensa como a situação lhe é familiar, e como, todavia, lhe parece tão terrivelmente longínqua, de uma época completamente diferente, antes de se ter afastado das pesquisas com hipnose. Vê-se a si mesmo puxar por uma cadeira, sentar-se em frente dos pacientes, dispostos em semicírculo, e falar-lhes, dizer-lhes que fechem os olhos e se recostem nas cadeiras. Momentos depois, convida-os a todos a sentarem-se bem descontraídos e a permanecerem de olhos fechados. Depois, põe-se de pé e fala-lhes sobre descontração, anda por trás deles, observando o grau de tranquilidade de cada um. Os rostos suavizam-se e distendem-se, cada vez menos conscientes, cada vez mais distanciados da representação e do fingimento.

Erik vê-se a si mesmo no ecrã a parar atrás de Eva Blau e pôr-lhe uma mão no ombro. Sente-se emocionado ao ouvir a sua própria voz a dar início à hipnose, deslizando suavemente numa profunda indução ao transe, mediante disfarçadas ordens de comando, completamente seguro da sua própria competência, desfrutando, consciente, da sua capacidade especial.

– Tens dez anos, Eva – diz. – Dez anos. Está um dia bonito e estás contente. Porque estás contente?

– Porque o homem dança e patinha nas poças de água – diz ela, sorrindo para si própria com uma careta.

– Quem está a dançar?

– Quem? – repete ela. – Gene Kelly, diz a mamã.

– Ah, estás a ver o filme *Serenata à Chuva*?

– A mamã é que está a ver.

– E tu, não?

– Oh, sim, claro.

– E estás contente?

Ela acena que sim, lentamente.

– E o que está a acontecer?

Eva aperta os lábios com firmeza e baixa a cabeça.

– Eva?

– A minha barriga cresceu – responde, num fio de voz.

– A tua barriga?

– Vejo que está muito inchada – insiste, e as lágrimas começam a correr-lhe pelas faces.

– O casarão – sussurra Jussi. – O casarão.

– Eva, tens de me ouvir – continua Erik. – Podes ouvir todos os outros aqui na sala, mas só perceberás a minha voz. Não te debes importar com o que os outros dizem. Presta apenas atenção à minha voz.

– Está bem.

– Sabes porque tens a barriga grande? – pergunta Erik.

O rosto dela está contraído, concentrado nalgum pensamento, nalguma recordação.

– Não sei.

– Oh, sim. Acho que sabes – diz Erik calmamente. – Mas vamos continuar no teu ritmo, Eva. Não precisas de pensar nisso agora. Queres ver novamente a televisão? Eu acompanho-te, todos aqui te acompanham, sempre, independentemente do que aconteça. É uma promessa. Foi isso que prometemos e tu podes confiar.

– Quero entrar no casarão – sussurra ela.

Com os olhos postos no ecrã, Erik senta-se na cama do seu gabinete no hospital. Aquela gravação está a aproximá-lo de qualquer coisa dentro de si, algo que pertence ao passado, que foi esquecido. Esfrega os olhos, olha para o ecrã da televisão e murmura:

– Abre a porta.

Ouve-se a sua própria voz a fazer a contagem decrescente, o que mergulha Eva Blau num transe cada vez mais profundo. Explica-lhe que, em breve, ela irá fazer o que ele lhe disser, sem pensar. Aceitará a sua voz como o único guia válido. Ela concorda

debilmente com a cabeça e ele continua a contar, deixando que os números caiam pesados, sonolentos.

A qualidade da imagem piora de repente. Eva abre os olhos ainda turvos, humedece os lábios e sussurra:

– Estou a vê-los a levarem alguém. Simplesmente aproximam-se dela e agarram-na...

– Quem são eles e quem agarram? – pergunta Erik.

Ela começa a respirar irregularmente.

– Um homem com rabo de cavalo – responde, com voz lamentosa. – Ele pendura a pequena...

A fita dá um solavanco e a imagem desaparece subitamente.

Erik avança um pouco a filmagem, mas a imagem não retorna. Metade da fita está estragada, apagada.

Permanece sentado diante do ecrã negro da televisão e vê-se a si mesmo a emergir da profunda e negra imagem tal como é agora, dez anos mais velho do que na gravação. Olha para a cassete, a número 14, e fixa a sua atenção no elástico e no papel onde está escrito «Casarão».

Terça-feira, dia 15 de dezembro, de manhã

Antes de as portas do elevador se fecharem, já Erik tinha carregado no botão mais de dez vezes seguidas. Sabe que nem por isso o elevador anda mais depressa, mas não pôde evitar fazê-lo. As palavras de Benjamin pronunciadas no escuro da mala do carro misturam-se com fragmentos de estranhas recordações que a cassete revolveu na sua mente. Uma vez mais, ouve a voz débil de Eva Blau afirmar que um homem com rabo de cavalo tinha levado alguém. Contudo, algo soava a falso nas suas palavras, ele intui que a mulher oculta qualquer coisa.

A cabina do elevador ressoa com força ao mesmo tempo que desce com um silvo.

«O casarão...», pensa ele, repetindo o desejo de que seja apenas uma coincidência, de que o desaparecimento de Benjamin não tenha qualquer relação com o seu passado.

O elevador para e as portas abrem-se. Erik apressa-se a atravessar a zona de estacionamento e desce pelas escadas estreitas. Dois andares mais abaixo, abre um portão de aço e continua por uma galeria até encontrar um novo portão com sistema de alarme. Carrega no botão do intercomunicador de serviço, espera um longo momento, atendem com brusquidão e ele explica pelo intercomunicador o motivo da sua visita. «Ninguém é bem-vindo neste departamento», pensa. É o arquivo onde estão guardadas todas as histórias clínicas de todos os pacientes, todas as pesquisas feitas no hospital, todas as experiências realizadas, as provas apresentadas contra determinados fármacos, como o *Neurosedyn*, e algumas pesquisas mais do que duvidosas relacionadas com a saúde dos seres humanos. Nas prateleiras, há milhares de pastas com os resultados das experiências feitas na década de 1980, com suspeitos de terem contraído o HIV, o histórico de esterilizações forçadas, as experiências feitas na área odontológica com atrasados mentais na época em que se ia promover a reforma do sistema social sueco.

Obrigaram-se crianças dos orfanatos, doentes mentais e idosos a andarem com pasta de açúcar nos dentes até estes se corroerem.

A porta abre-se e Erik entra na sala do imenso arquivo, inesperadamente bem iluminado com luz quente. Há qualquer coisa na iluminação que faz com que o ambiente fique agradável, bem distinto de uma cave subterrânea sem janelas.

Da sala de vigilância provém música de ópera: uma onda de *coloraturas* por uma *mezzosoprano*. Erik concentra-se, procura exibir um rosto tranquilo, de sorriso nos lábios, ao encaminhar-se para a sala dos vigilantes.

Um homem baixo com um chapéu de palha, de costas, está a regar algumas flores.

– Olá, Kurtan.

O homem vira-se e parece ter ficado agradavelmente surpreso:

– Erik Maria Bark! Não foi precisamente ontem que nos vimos pela última vez. Como estás?

Erik não sabe muito bem o que responder.

– Francamente, não sei. No momento, estou com bastantes problemas familiares.

– Estou a ver, foi...

– Bonitas flores – comenta Erik, para evitar mais perguntas.

– Amores-perfeitos. Sou louco por essas flores. O Conny garantia que, aqui em baixo, nenhuma flor iria crescer. «Ai sim? Nada consegue florescer aqui?», disse-lhe. Pois toma!

– Formidável – concorda Erik.

– Instalei lâmpadas ultravioletas por todo o lado.

– Não me digas!

– O pior deste solário é que tenho de usar protetor – diz o homem, a brincar. E mostra a embalagem de creme.

– Infelizmente, não posso ficar muito tempo.

– Põe um bocadinho no nariz – diz Kurt, ao mesmo tempo que espreme um pouco de creme e o coloca na ponta do nariz de Erik.

– Obrigado, mas...

Kurt baixa o tom de voz e os olhos brilham-lhe de modo especial quando diz:

– De vez em quando, ando por aqui apenas de calções. Mas não

digas nada a ninguém.

Erik sorri-lhe e sente a tensão no rosto. Calam-se e Kurt fixa o olhar no dele.

– Há muitos anos – começa Erik –, gravei as minhas próprias sessões de hipnose.

– Há quanto tempo exatamente?

– Mais ou menos, dez anos. Há uma série de gravações em VHS que...

– VHS?

– Sim. Já naquela altura eram obsoletas – continua Erik.

– Os vídeos foram todos digitalizados.

– Ótimo.

– Encontram-se no arquivo do computador.

– E como posso ter acesso?

Kurt sorri e Erik nota a brancura dos seus dentes em contraste com o rosto bronzeado.

– Eu ajudo-te.

Dirigem-se para os quatro computadores do arquivo, que se encontram num nicho, ao lado das estantes. Kurt tecla rapidamente a palavra-passe e, com o cursor, percorre o ecrã em busca dos ficheiros com as gravações.

– Os vídeos teriam o teu nome? – pergunta.

– Sim, deviam ter – responde Erik.

– Não estão cá – diz Kurt, ao fim de algum tempo. – Vou tentar com «Hipnose».

Tecla a palavra e realiza nova busca.

– Aqui temos alguma coisa. Procura tu mesmo.

Não consegue qualquer resultado referente à sua terapia. A única coisa encontrada e que lhe dizia respeito era um documento com os pedidos e as entregas. Erik tecla então as palavras «Casarão» e realiza nova busca. Experimenta com o nome «Eva Blau», embora os membros do seu grupo não estivessem registados como pacientes do hospital.

– Não há nada – diz finalmente, já cansado.

– Na realidade, houve muitos percalços quando se operaram as transferências de dados – explica Kurt. – Uma grande parte do material ficou estragada, tudo o que era Betamax e...

– Quem fez as transferências?

Kurt vira-se para Erik, encolhe os ombros e diz em tom de lamúria:

– Eu e o Conny.

– Mas as cassetes originais ainda devem estar em algum lugar – insiste Erik.

– Lamento, mas não faço a menor ideia.

– Achas que o Conny poderia saber alguma coisa?

– Acho que não.

– Telefona e pergunta-lhe, por favor.

– Ele viajou para Simrishamn.

Erik vira-se e tenta pensar com calma.

– Sei que muito material foi destruído por engano – diz Kurt.

Erik olha-o nos olhos e diz:

– Trata-se de uma investigação de importância vital – declara, extenuado.

– Já te disse que lamento o sucedido.

– Eu sei, não queria...

Kurt retira uma folha amarelecida de uma planta.

– Abandonaste a hipnose? – pergunta. – Sim, claro que abandonaste...

– É verdade, mas agora preciso de verificar...

Erik cala-se, já não sente forças para continuar, quer apenas voltar para o gabinete, tomar um comprimido e deitar-se.

– Temos problemas técnicos aqui em baixo muitas vezes – continua Kurt –, mas, de cada vez que nos queixamos, respondem-nos que façamos o que pudermos. «Aceitem-no com calma», foi o que nos disseram quando apagámos uma década de pesquisas sobre lobotomia. Velhas gravações em filmes de 16 milímetros, transferidas para VHS na década de 1980, mas que não conseguiram chegar à era dos computadores.

Terça-feira, dia 15 de dezembro, de manhã

De manhã, bem cedo, a grande sombra do Palácio da Justiça reclina-se sobre a fachada da Polícia Judiciária. Apenas a torre central, mais alta, está banhada pela luz do sol. Só algumas horas depois do amanhecer é que a Judiciária se despede da sombra e resplandece ao sol, com a sua tonalidade amarelada. O telhado de placas de cobre brilha. Os bonitos ornatos e os sulcos acobreados, com as suas pequenas saliências, cobrem-se de gotas condensadas. Durante o dia, a luz solar mantém-se, enquanto as sombras das árvores giram lentamente, como se fossem os ponteiros de um enorme relógio de sol, e poucas horas antes do anoitecer a fachada volta a ficar cinzenta.

Carlos Eliasson está no seu gabinete, junto ao aquário, a olhar pela janela, quando Joona bate à porta e entra sem pedir licença.

Carlos sobressalta-se e vira-se. Como sempre, ao ver Joona, o seu rosto fica carregado de contradições. E é com uma mistura de timidez, simpatia e irritação que lhe dá as boas-vindas. Aponta-lhe a cadeira em frente da sua secretária e repara, nessa altura, que ainda conserva na mão a lata de comida para os seus peixinhos.

– Acabei de ver que voltou a nevar – diz vagamente, ao mesmo tempo que pousa a lata ao lado do aquário.

Joona senta-se e olha pela janela. Uma camada fina e seca de neve cobre o parque Kronoberg.

– Talvez venhamos a ter um Natal branco – continua Carlos, sorrindo cautelosamente ao sentar-se atrás da sua secretária. – Na Escânia, onde eu cresci, não me lembro de haver neve no Natal. Era sempre a mesma paisagem: uma luz cinzenta sobre os campos...

Carlos cala-se abruptamente.

– Mas não vieste para falar do tempo, pois não? – diz com austeridade.

– Não exatamente.

Joona dirige-lhe um olhar sereno e recosta-se na cadeira.

– Quero assumir o caso do desaparecimento do filho de Erik Maria Bark.

– Não – responde Carlos com rudeza.

– Fui eu que comecei...

– Não, Joona. Tiveste autorização para acompanhar o caso enquanto tivesse ligação com o de Josef Ek.

– Continua a ter – insiste Joona teimosamente.

Carlos levanta-se, dá alguns passos impacientes e volta-se para ele:

– As nossas regras são claras como a água. Os recursos não estão disponíveis para...

– Acho que o rapto tem uma ligação com a hipnose a que Josef Ek foi submetido.

– Que queres dizer com isso? – pergunta Carlos, irritado.

– Que não pode ser uma coincidência o facto de o filho de Erik Maria Bark ter desaparecido poucos dias depois da hipnose.

Carlos senta-se novamente e, de repente, já não se sente seguro quando tenta argumentar:

– A fuga de um adolescente não é caso para a Polícia Judiciária.

– Ele não fugiu – contrapõe Joona secamente.

Carlos olha para os peixes de relance, inclina-se para a frente e prossegue em voz baixa:

– Joona, lá porque tens a consciência pesada, não vou permitir que...

– Nesse caso, peço a minha transferência – interrompe Joona, levantando-se.

– Para onde?

– Para o departamento que se ocupa do caso.

– Lá vens tu com a tua obstinação – diz Carlos, indignado, coçando a cabeça.

– Mas estou no meu direito. – Joona sorri.

– Meu Deus – suspira Carlos. Olha para os peixes e abana a cabeça, preocupado.

Joona começa a andar em direção à porta.

– Espera – grita-lhe o superior.

Joona detém-se, volta-se e encara Carlos de sobrancelhas levantadas, interrogativas.

– Vamos fazer o seguinte: não vais assumir o caso, que não é teu, mas terás uma semana para investigar o desaparecimento do rapaz.

– Muito bem.

– E poupa a tua frase preferida, «Não te disse?».

– De acordo.

Joona desce pelo elevador para o seu andar, cumprimenta Anja, que faz um sinal com a mão sem tirar os olhos do computador, e passa em frente do gabinete de Peter Näslund, cujo rádio está ligado. Um jornalista desportivo comenta a atuação da equipa feminina de esqui com afetada energia na voz. Joona retrocede e aproxima-se de Anja.

– Não tenho tempo – diz ela, sem sequer olhar para ele.

– Claro que tens – contrapõe Joona calmamente.

– Estou a tratar de um assunto muitíssimo importante.

Joona tenta olhar por cima do ombro dela.

– Do que se trata? – pergunta.

– De nada.

– Diz-me do que se trata.

Anja suspira.

– É um leilão. Estou a fazer a oferta maior neste momento, mas há um tipo qualquer, um idiota, que faz subir o preço constantemente.

– Um leilão?

– Faço coleção das figurinhas de Lisa Larsson – responde ela, querendo ser breve.

– Aquelas figurinhas de crianças gordas e sorridentes em cerâmica?

– É arte, mas tu não entendes nada disso.

Ela continua a olhar para o monitor.

– Está quase a terminar. Só espero que ninguém ofereça mais...

– Preciso da tua ajuda – insiste Joona. – Uma coisa relacionada com o teu trabalho e que é muito importante, de facto.

– Espera, espera, espera.

Ela levanta a mão na direção dele, pedindo-lhe silêncio.

– Consegui! Consegui comprá-las! Amalia e Emma.

E fecha rapidamente o *site*.

– Ora bem, Joona, meu velho amigo finlandês, que tipo de ajuda precisas?

– Quero que ligue para as operadoras de telemóveis e consigas descobrir a procedência de uma chamada que Benjamin Bark fez no domingo passado. Quero dados precisos sobre o lugar de onde ele telefonou. Dentro de cinco minutos.

– Meu Deus, que bom humor! – suspira Anja.

– Três minutos – corrige Joona. – As tuas incursões na Internet vão custar-te dois minutos.

– Vai para o inferno – sussurra ela, quando ele deixa a sala.

Joona dirige-se ao seu gabinete, fecha a porta, passa em revista a correspondência recebida e lê um postal de Disa, que viajou para Londres e diz que sente a falta dele. Ela sabe que Joona detesta imagens de chimpanzés a jogar golfe ou a envolver-se em papel higiénico, mas consegue sempre encontrar postais com esses motivos. Joona hesita entre virar o postal recebido e atirá-lo diretamente para o cesto de papéis, mas, claro, não consegue evitar a curiosidade. Vira o cartão e fica desagradavelmente chocado. Um *bulldog* com barba comprida, gorro de marinheiro e cachimbo na boca. Joona sorri perante o esforço de Disa e prende o postal no quadro de avisos, exatamente no momento em que o telefone toca.

– Sim? – atende.

– Já tenho a resposta – diz Anja.

– Foi rápido – confessa Joona, espantado.

– Disseram-me que tinham tido problemas técnicos, mas que, há já uma hora, telefonaram para o comissário Kennet Sträng a informar que a estação-base ficava em Gävle.

– Em Gävle – repete ele.

– Segundo disseram, ainda não terminaram o trabalho. Dentro de um ou dois dias, de qualquer maneira ainda esta semana, vão poder indicar o local exato de onde Benjamin telefonou.

– Podias ter vindo aqui e dar-me essas informações pessoalmente. São apenas quatro metros de distância da...

– Não sou tua criada, sabes?

– Claro que não.

Joona escreve «Gävle» numa folha em branco do bloco de anotações que tem à sua frente e pega no telefone.

– Erik Maria Bark – atende Erik, imediatamente.
– Fala Joona.
– Como vai isso? Conseguiu alguma coisa?
– Acabei de saber a localização aproximada da chamada.
– De onde foi?
– De momento, o que temos é que a estação-base fica em Gävle.
– Gävle?
– Um pouco a norte do rio Dalälven...
– Eu sei onde fica a cidade de Gävle. Só não compreendo, quer dizer...

Joona ouve Erik a movimentar-se no seu gabinete.

– Teremos dados mais precisos ainda esta semana – esclarece Joona.

– Quando?
– Pensam que amanhã ou depois.

Ele percebe que Erik se senta.

– Portanto, está a encarregar-se do caso, não é verdade? – pergunta com voz tensa.

– Sim, Erik – diz Joona, um pouco ríspido. – Vou encontrar o Benjamin, prometo.

Erik pigarreia e, quando a voz lhe sai normalmente, explica:

– Tenho pensado muito em quem pode ter feito isto, e há uma pessoa que gostaria que fosse investigada. Foi minha paciente, chama-se Eva Blau.

– Blau? Como «azul» em alemão?

– Sim.

– Ela ameaçou-o?

– É difícil explicar.

– Vou investigar imediatamente.

Faz-se silêncio do outro lado do telefone.

– Quero encontrar-me consigo e com Simone o mais depressa possível – diz Joona, por fim.

– Porquê?

– Nunca foi feita uma reconstituição dos factos, pois não?

– Uma reconstituição?

– Vamos investigar quem poderia ter visto o sequestrador do Benjamin. Pode estar em casa dentro de meia hora?

– Vou telefonar à Simone – responde Erik. – Esperamos lá por si.
– Ótimo.
– Joona – diz Erik.
– Sim?
– Sei que prender o autor de um delito costuma ser questão de horas, que as primeiras vinte e quatro horas são as mais importantes – diz Erik lentamente. – E já passaram...
– Acha que não vamos encontrá-lo?
– Isto é... Não sei... – suspira Erik.
– Não costumo enganar-me – replica Joona em voz baixa mas incisiva –, e acho que vamos encontrar o seu filho.

Joona desliga, pega no papel com o nome de Eva Blau e regressa à sala de Anja, onde se sente um cheiro forte a laranjas que provém de uma fruteira com citrinos, ao lado do teclado cor-de-rosa do computador. E, na parede, está pendurado um enorme cartaz com a imagem de uma Anja musculosa, a nadar em estilo mariposa nos Jogos Olímpicos.

Joona sorri.

– Eu fui guarda-costas durante o serviço militar. Conseguia nadar cinco quilómetros com boias de sinalização, mas nunca soube nadar nesse estilo.

– Desperdício de energia, é o que é.

– Eu acho que é um estilo bonito. Parece uma sereia – diz Joona.

A voz de Anja revela um certo orgulho ao tentar explicar:

– No estilo mariposa, a técnica da coordenação muscular é muito exigente. Trata-se de um ritmo cruzado e... Mas quem é que se importa com isso agora?

Anja estica o corpo, satisfeita, e o seu busto bem desenvolvido quase roça em Joona, que se encontra de pé, ao lado da secretária dela.

– Ah, sim... aqui está... – diz ele, estendendo o pedaço de papel.

– Agora preciso que me procures uma pessoa.

O sorriso de Anja desfaz-se.

– Imaginei que querias alguma coisa de mim, Joona. Sabia que era bom de mais para ser verdade, demasiado agradável. Tinha-te ajudado na questão da estação-base e tu chegas aqui com um

sorriso bonito nos lábios. Até cheguei a pensar que me ias convidar para jantar, ou coisa parecida...

– Vou convidar-te, sim, mas a seu tempo.

Ela sacode a cabeça e tira o pedaço de papel da mão de Joona.

– Procurar uma pessoa. Estás com pressa?

– Muita pressa, Anja.

– Mas, então, porque estás aqui a namoriscar comigo?

– Pensei que querias...

– Eva Blau – diz Anja, refletindo.

– Não é certo que seja o seu nome verdadeiro.

Anja morde os lábios, preocupada.

– Um nome inventado – diz. – Não é muita coisa. Não tens mais nada? Um endereço ou qualquer outra coisa?

– Nada. A não ser que ela foi paciente de Erik Maria Bark no Hospital Universitário Karolinska, há dez anos possivelmente, apenas durante alguns meses. Vais ter de consultar os registos, não apenas os normais, mas todos os outros. Será que existe uma Eva Blau inscrita na universidade? Se comprou carro, está inscrita no registo de veículos. Ou será que solicitou algum visto? Será que tem cartão de alguma biblioteca? Associações? Alcoólicos Anónimos? Gostaria também que consultasses a lista de pessoas com a identidade protegida, vítimas de crimes...

– Sim, sim, mas agora vai-te embora, para que eu possa trabalhar um pouco – interrompe-o Anja, despachando-o.

*

No carro, Joona interrompe o som do audiolivro, mescla de tranquilidade e intensidade, feita pelo ator Per Myrberg, de *Crime e Castigo*, de Fiodor Dostoievski. Estaciona perto do Lao Wai, o restaurante asiático onde servem comida vegetariana, e onde Disa mostra tanto empenho em ir jantar. Espreita pela montra e fica impressionado com a beleza ascética e simples dos móveis de madeira, a ausência do supérfluo, a falta de objetos decorativos.

Quando chega a casa de Simone, Erik já está lá. Cumprimentam-se e Joona faz-lhes um resumo do que pretende realizar.

– Vamos reconstituir o sequestro pormenorizadamente. A única

pessoa presente foi você, Simone.

Ela concorda, circumspecta.

– Fará de si mesma. Eu serei o sequestrador e você, Erik, será o Benjamin.

– Muito bem – diz Erik.

Joona olha para o relógio.

– Simone, a que horas acha que o sequestrador entrou em casa?

Ela tosse.

– Não tenho a certeza... mas o jornal ainda não tinha chegado... Portanto, deve ter sido antes das cinco horas. Tinha-me levantado para beber água e, nessa altura, eram duas da madrugada... Depois, fiquei acordada um bocado... Calculo que deve ter sido entre as três e as cinco.

– Pois bem, faremos uma média e vou pôr o relógio nas três e meia, horário médio – explica Joona. – Vou abrir a porta e entrar no quarto de Simone em bicos de pés, aproximo-me da cama e simulo dar-lhe uma injeção, e depois aproximo-me do Benjamin, ou seja, de si, Erik. No quarto, dou-lhe outra injeção e arrasto-o para fora do quarto pelo corredor até chegar ao vestíbulo e sair pela porta. Você é mais pesado do que o seu filho, portanto, temos de fazer um ajuste no tempo, descontando um minuto, mais ou menos. Simone, tente movimentar-se exatamente como naquela noite. Deite-se na mesma posição e coloque-se sempre nos mesmos lugares em que estava quando tudo aconteceu. Quero saber o que viu, exatamente o que conseguiu ver ou apenas imaginar.

Simone concorda, compreende, mas o seu rosto está pálido.

– Obrigada – suspira. – Obrigada por fazer isto.

Joona olha para ela com os seus olhos cinzentos:

– Vamos encontrar o Benjamin! – assegura.

Simone passa a mão rapidamente pela testa.

– Vou então para o meu quarto – diz com voz rouca, e vê Joona sair do apartamento com as chaves na mão.

Está deitada debaixo do edredão quando Joona entra. Este avança, rápido, em direção a ela. Não corre, mas move-se com determinação. Sente um formigueiro quando ele lhe pega no braço e finge dar-lhe uma injeção. No momento em que o seu olhar enfrenta o do comissário, de pé, inclinado sobre o seu corpo, ela

recorda-se do momento em que acordou ao sentir a picada, e de ter visto uma sombra deslizar silenciosamente em direção ao corredor. A simples recordação causa-lhe uma sensação desagradável no sítio onde a picaram. Quando deixa de ver as costas de Joona, senta-se na cama, esfrega o braço e levanta-se lentamente. Sai para o corredor, desvia o olhar para o quarto de Benjamin e vê Joona a inclinar-se sobre a cama, onde está Erik agora. E, de repente, pronuncia as palavras exatas, como se estas ressoassem na sua mente:

– Benjamin? O que estás a fazer? Posso entrar?

Continua, vacilante, em direção ao aparador. Então, recorda-se de que começou a perder forças e caiu ao chão. As pernas dobram-se, ao mesmo tempo que se lembra de como mergulhou cada vez mais profundamente num estado de mutismo negro, apenas entrecortado pelos lampejos de luz progressivamente mais breves. Deixa-se ficar meio sentada contra a parede e vê Joona a arrastar Erik pelos pés. A mente reproduz o inconcebível: como Benjamin tentou agarrar-se à ombreira da porta, como a cabeça dele bateu contra ela com um baque surdo e como procurou segurar a mão da mãe, com movimentos cada vez mais fracos.

Quando Erik passa diante de Simone e os seus olhares se cruzam, é como se uma figura de névoa ou vapor, durante um curto instante, se desenhasse no corredor. Vê o rosto de Joona, de baixo para cima. Este muda prontamente e um breve lampejo do rosto do criminoso abre caminho no seu consciente. O rosto na sombra e a mão amarela a segurar o tornozelo de Benjamin. O coração de Simone pulsa, acelerado, quando ouve Joona a arrastar Erik para o patamar do andar e a fechar a porta, do lado de fora.

Um mal-estar flutua no apartamento. Simone não consegue evitar a sensação de ter sido anestesiada novamente, está paralisada, muda, e sente os membros pesados quando se levanta e fica à espera de que eles regressem.

Joona arrasta Erik pelo mármore raiado do patamar e, ao mesmo tempo, percorre o espaço com o olhar, examinando os ângulos e as posições, em busca de lugares onde pudesse ter havido testemunhas. Tenta compreender tudo o que consegue ver, e pensa que, de facto, cinco degraus mais abaixo, quase junto da coluna

central, alguém poderia estar a observá-lo naquele momento. Depois, continua até ao elevador, chama-o. Abrem-se as portas. Inclina-se um pouco para a frente, vê o seu rosto refletido na moldura metálica, e, depois, na parede que desliza por trás. Arrasta Erik para dentro da cabina do elevador. Joona olha então para fora, pode ver a porta do vizinho da direita, a abertura para a entrada da correspondência, a placa de latão com o nome dele. Mas, do outro lado, vê apenas uma parede. A lâmpada do teto do patamar fica oculta pela ombreira da porta. Já dentro do elevador, Joona olha para o enorme espelho, baixa-se e estica-se, mas não vê nada. A janela da escada fica sempre escondida. Também não descobre nada quando olha por cima do ombro, mas, de repente, repara em algo inesperado. De um determinado ângulo, através do pequeno espelho oblíquo, consegue ver o óculo reluzente da porta do apartamento, que permaneceu escondido durante o tempo todo. Fecha a porta do elevador e nota que, pelo espelho pequeno, continua, embora de costas, a ver porta do apartamento. «Se alguém estivesse lá dentro a espreitar pelo óculo», pensa ele, «essa pessoa poderia ver nitidamente o meu rosto neste momento. Mas se desviasse a cabeça uns cinco centímetros para o lado, em qualquer direção, desapareceria do campo de visão.»

Quando abandonam o elevador, Erik ergue-se e Joona olha para o relógio.

– Oito minutos – diz.

Voltam para o apartamento. Simone está no corredor. Nota-se que esteve a chorar.

– Ele tinha luvas de cozinha nas mãos – diz ela. – Luvas amarelas.

– Tens a certeza? – pergunta Erik.

– Sim.

– Nesse caso, não adianta ficar à procura de impressões digitais – conclui Joona.

– O que vamos fazer? – pergunta ela.

– A Polícia já interrogou os vizinhos – diz Erik em tom pesaroso, enquanto Simone lhe sacode o pó das costas.

Joona puxa de um papel.

– Sim, tenho a lista dos vizinhos com quem falaram.

Naturalmente, concentraram-se neste andar e nos andares de baixo. Há cinco com quem ainda não falaram e um que...

Joona examina o papel e vê que o apartamento que se situa no ângulo oblíquo em relação ao elevador está riscado. Justamente, o da porta que ele viu através de ambos os espelhos.

– Um dos apartamentos está riscado – constata Joona. – É o que fica em diagonal relativamente ao elevador.

– Estavam em viagem – informa Simone. – Continuam ausentes. Seis semanas na Tailândia.

Joona olha, sério, para os dois.

– Está na hora de lhes fazer uma visita – declara simplesmente.

Na porta da qual se vê o interior da cabina do elevador através dos espelhos, pode ler-se «Rosenlund». É o apartamento que os agentes que realizaram os interrogatórios aos vizinhos não consideraram, em virtude de estar vazio e às escuras.

Joona baixa-se e espreita pela abertura do correio. Não vê nenhuma correspondência ou publicidade no tapete. De repente, ouve um ligeiro ruído dentro do apartamento: é um gato que vem a correr de outra divisão e se aproxima do vestíbulo. O gato para subitamente e olha, expectante, para Joona, que continua a segurar na placa da caixa do correio.

– Ninguém deixa um gato sozinho, dentro de casa, durante seis semanas – declara Joona em voz alta, como se falasse para si mesmo.

O gato escuta as palavras dele numa atitude alerta.

– Parece que não estás com fome – diz Joona para o animal.

O gato boceja, abrindo muito a boca, salta para cima de uma cadeira do *hall* e enrosca-se como uma bola.

A primeira pessoa com quem Joona irá falar é o marido de Alice Franzén. Foi ela que abriu a porta quando os polícias lá foram a primeira vez. O casal Franzén mora no mesmo andar que Simone e Erik. Têm o apartamento em frente do elevador.

Joona toca à campainha e aguarda. Tem uma fugaz recordação do seu tempo de criança, quando corria as casas com uma caixa de papelão com vasos de flores e um mealheiro de uma associação luterana de solidariedade. Lembra-se perfeitamente da sensação de estranheza ao olhar para dentro do lar de outra pessoa, e do

desagrado nos olhos de quem vinha abrir a porta. Volta a tocar à campainha e finalmente uma mulher de uns trinta anos abre-lhe a porta. Observa-o com uma atitude de alerta e uma expressão de desconfiança que o leva a pensar no gato do apartamento vazio.

– Sim?

– Sou o comissário Joona Linna – apresenta-se, identificando-se.

– Gostaria de falar com o seu marido.

Ela olha rapidamente por cima do ombro e depois pergunta:

– Poderia saber de que se trata? De facto, ele está muito ocupado.

– Trata-se da madrugada de sábado, 12 de dezembro.

– Mas sobre esse assunto a Polícia já esteve aqui – diz a mulher, irritada.

Joona olha rapidamente para o papel que tem na mão.

– Está escrito aqui que a Polícia falou com a senhora, mas não com o seu marido.

A mulher suspira, com azedume.

– Não sei se ele tem tempo – replica.

Joona sorri.

– É só um minuto. Prometo.

A mulher encolhe os ombros, volta-se para o interior do apartamento e chama:

– Tobias! É a Polícia!

Pouco depois, chega um homem com uma toalha enrolada à volta da cintura. A sua pele parece arder, está fortemente queimada pelo sol.

– Olá – diz ele para Joona. – Estava a tomar um banho de sol...

– Que agradável – comenta o comissário.

– Na verdade, nem por isso – responde Tobias Franzén. – Tenho carência de uma enzima no fígado. Estou condenado a tomar banhos de sol duas horas por dia.

– Ah, isso é outra coisa – diz Joona, secamente.

– Queria perguntar-me alguma coisa?

– Quero saber se viu ou ouviu algo estranho na madrugada de sábado, dia 12 de dezembro.

Tobias coça o peito, deixando marcas brancas na pele avermelhada.

– Agora percebo, trata-se disso. Lamento, mas não me lembro de nada em especial. Na verdade, não me lembro de nada.

– Bem, muito obrigado – agradece Joona, baixando a cabeça em sinal respeitoso de agradecimento.

Tobias estende o braço para pegar na maçaneta da porta e fechá-la.

– Só mais uma coisa...

Joona faz um gesto com a cabeça na direção do apartamento vazio.

– Essa família, os Rosenlund... – começa.

– São muito simpáticos – diz Tobias, tiritando de frio. – Não os vejo há algum tempo.

– Estão a viajar. Sabe se eles têm alguma empregada doméstica, mulher a dias, ou coisa parecida?

Tobias nega. Empalideceu e está com frio.

– Infelizmente, não faço a menor ideia.

– Obrigado – diz Joona e vê Tobias Franzén a fechar a porta do apartamento.

Prossegue com o nome seguinte na lista: Jarl Hammar, que vive no andar de baixo, um reformado que não estava em casa quando a Polícia veio a primeira vez.

Jarl Hammar é um homem magro que sofre nitidamente de Parkinson. Está vestido com um sóbrio casaco de lã e um lenço à volta do pescoço.

– Judiciária? – repete Hammar num fio de voz, encarando Joona com o olhar enevoado pelas cataratas. – O que quer a Polícia de mim?

– Queria apenas fazer-lhe uma pergunta – esclarece Joona. – Eventualmente, o senhor notou alguma coisa fora do comum aqui no prédio, ou na rua, durante a madrugada de 12 de dezembro?

Jarl Hammar inclina a cabeça e fecha os olhos. Momentos depois, abre-os e abana a cabeça.

– Tomo os meus medicamentos – diz ele. – Isso faz com que eu tenha um sono muito pesado.

Joona entrevê a figura de uma mulher atrás de Hammar.

– É a sua mulher? – pergunta. – Poderia falar com ela?

O reformado sorri de esguelha.

– A minha mulher, Solveig, era uma mulher maravilhosa, mas infelizmente já está debaixo da terra, faleceu há quase trinta anos.

O homem magricela vira-se para trás e aponta com o braço a tremer para uma figura escura no interior do apartamento:

– É a Anabella. Ajuda-me na limpeza e noutras coisas. Infelizmente, não fala sueco, mas, quanto ao resto, é perfeita.

A figura sombria sai para a luz, ao ouvir o seu nome. Anabella parece ser peruana, deve ter uns vinte anos de idade, a cara marcada pelas bexigas, os cabelos desleixadamente puxados para cima e é muito baixa.

– Anabella – diz Joona suavemente, em espanhol. – *Soy comisario de Policia*, Joona Linna.

– *Buenos dias* – responde ela apropriadamente, e olha-o com os seus olhos negros.

– *Tu limpias más apartamentos aqui? En este edificio?*

Ela acena que sim, confirma.

– *Que otros?* – pergunta Joona.

– *Espera un momento* – diz Anabella e pensa antes de começar a contar pelos dedos: – *El piso de Lagerberg, Franzén, Gerdman, Rosenlund, el piso de Johansson también.*

– Rosenlund – diz Joona. – *Rosenlund es la familia con un gato, no es verdad?*

Anabella sorri e acena, a confirmar.

– *Y muchas flores* – acrescenta.

Joona repete em sueco as palavras correspondentes a «muitas flores», e ela volta a confirmar com um novo aceno.

O comissário pergunta-lhe então se ela notou alguma coisa estranha, quatro noites antes, quando Benjamin desapareceu.

A cara de Anabella fica rígida.

– *No* – diz rapidamente e tenta escapular-se para dentro do apartamento de Jarl Hammar.

– *De verdad. Espero que digas la verdad*, Anabella – apressa-se o comissário a dizer e em seguida repete que se trata de algo muito importante, de um rapaz que desapareceu.

Jarl Hammar, que seguiu a conversa, diz com a sua voz roufenha e entrecortada, agitando as mãos a tremer:

– Por favor, trate bem a Anabella. Ela vale um império.

– Ela deve contar-me o que viu – explica Joona, decidido, e volta-se novamente para Anabella: – *La verdad, por favor.*

Jarl Hammar sente-se indefeso, quando vê as lágrimas a escorrerem dos olhos negros e brilhantes de Anabella.

– *Perdon* – murmura ela. – *Perdon, señor.*

– Não fiques triste, Anabella – diz o homem, fazendo um sinal a Joona. – Entre, por favor. Não posso deixar que ela fique aqui no patamar a chorar.

Entram e sentam-se os três na luminosa sala de estar. Hammar põe na mesa um boião com bolachinhas de gengibre, enquanto Anabella conta, em voz baixa, que não tinha onde morar, que esteve sem casa durante três meses, escondendo-se de noite no vão da escada e nos quartos de arrumos das casas onde fazia a limpeza. Até que recebeu as chaves do apartamento da família Rosenlund, para regar as flores e dar comida ao gato. Nessa altura, finalmente, passou a poder tratar da sua higiene e dormir em segurança. A rapariga repete continuamente que nunca roubou nada do apartamento, nem sequer comida, que não é nenhuma ladra, que não mexeu em nada e que não dorme na cama do casal, mas em cima do tapete na cozinha.

Depois, Anabella olha, muito séria, para Joona e diz-lhe que tem o sono muito leve, que sempre foi assim desde criança, quando tinha de cuidar dos irmãos mais novos. Na madrugada de sábado, ouviu um barulho na escada e ficou com medo, pegou nas suas coisas, foi silenciosamente até à porta de entrada e espreitou pelo óculo.

– A porta do elevador estava aberta – diz –, mas eu não conseguia ver nada. De repente, ouvi um barulho, suspiros e passos lentos, como se uma pessoa velha e pesada se aproximasse.

– Mas nenhuma voz?

Ela nega com a cabeça.

– *Sombras.*

Joona acena com a cabeça e pergunta:

– *Qué viste en el espejo?*

– No espelho?

– Da porta de casa dos Rosenlund pode ver-se para dentro do elevador, Anabella – esclarece Joona.

Ela repensa a situação e, depois, diz que se lembra de ver uma mão amarela.

– E, passado um pouco – acrescenta –, vi o rosto dela.

– Era uma mulher?

– *Sí, una mujer.*

Anabella explica que usava um capuz na cabeça, que puxava para tapar o rosto, mas, por um instante, conseguiu ver-lhe a face e a boca.

– *Sin duda era una mujer* – repete.

– De que idade?

Ela abana a cabeça, não sabe.

– Jovem, como tu?

– *Tal vez.*

– Um pouco mais velha? – pergunta Joona.

Ela confirma, mas depois diz que não tem a certeza, que apenas viu a mulher por alguns segundos e que, na realidade, o rosto dela estava tapado.

– *Y la boca de la señora?* – inquire Joona. – Como era a boca da mulher?

– Alegre.

– Quer dizer que estava alegre?

– *Sí. Contenta.*

Joona não consegue que Anabella lhe proporcione uma descrição minuciosa, indaga pormenores, formula uma e outra vez as mesmas perguntas de maneira diferente, apresenta sugestões, mas é evidente que a rapariga lhe descreveu tudo o que viu. Ele agradece-lhe e a Jarl Hammar, e despede-se.

A caminho do andar de cima, Joona aproveita para telefonar a Anja. Ela atende logo:

– Anja Larsson, Polícia Judiciária.

– Anja, conseguiste alguma coisa sobre a Eva Blau?

– Estou a tentar, mas é difícil obter alguma coisa quando me chateias a toda a hora com os teus telefonemas.

– Peço desculpa, mas é urgente.

– Eu sei, eu sei. Mas ainda não tenho nada para ti.

– De acordo. Liga-me quando...

– Para de me chatear – interrompe, e desliga.

Quarta-feira, dia 16 de dezembro, de manhã

Erik está no carro ao lado de Joona, soprando o café num copo de papel, enquanto passam pela universidade e pelo Museu Nacional de História Natural. Do outro lado da estrada, em direção ao lago Brunnsviken, o interior das estufas ainda se encontra iluminado, pois a manhã está escura.

– Tem a certeza do nome? Eva Blau? – pergunta Joona.

– Sim.

– Não existe nada nas listas telefónicas, nada no registo criminal, nada no censo, no registo de suspeitos e tão-pouco no de armas; nada na conservatória de contribuições e impostos, no registo civil e no de automóveis. Pedi que verificassem os registos de todos os distritos, de todas as províncias, registos paroquiais, companhias de seguros e agência de imigração. Não existe nenhuma Eva Blau na Suécia e nunca existiu.

– Foi minha paciente – insiste Erik.

– Então, tem de ter outro nome.

– Sei muito bem como se chamava, porra...

Cala-se. Alguma coisa lhe passou pela cabeça, uma leve suspeita de que talvez ela tivesse outro nome, mas logo desaparece.

– O que estava a dizer? – pergunta Joona.

– Vou rever os meus papéis. Talvez ela se fizesse passar por Eva Blau.

O céu branco de inverno está baixo e encoberto, parece que vai começar a nevar a qualquer momento.

Erik bebe um gole de café e nota o sabor adocicado, seguido por um travo amargo. O carro desvia-se na direção de uma zona residencial em Täby. Avança lentamente por entre as casas, ao longo de jardins cobertos de geada e árvores de fruto despidas, pequenas piscinas cobertas, caramanchões envidraçados, com móveis de vime, camas elásticas cheias de neve, grinaldas de luzes coloridas nos ciprestes, pequenos trenós azuis e carros estacionados.

– Aonde vamos, afinal? – pergunta Erik de repente.

Começam a flutuar na atmosfera pequenos flocos brancos de neve que se amontoam em cima do capô do carro, junto ao para-brisas.

– Estamos quase a chegar.

– A chegar aonde?

– Encontrei outras pessoas com o apelido Blau – responde Joona, sorridente.

Encosta o carro perto de uma garagem particular, mas deixa o motor a trabalhar. No meio do relvado, há um Winnie the Pooh de plástico, com dois metros de altura, a tinta da camisola vermelha já desbotada. De resto, não se veem mais brinquedos no jardim. Um caminho de placas de xisto, irregulares, vai dar à entrada da grande casa amarela de madeira.

– É aqui que vive Liselott Blau – explica Joona.

– Quem é?

– Não faço ideia, mas talvez saiba alguma coisa sobre a Eva.

Joona repara na expressão incrédula de Erik e acrescenta:

– De momento, é a única pista que temos.

Erik abana a cabeça:

– Já passou muito tempo, e a verdade é que deixei de pensar nessa época, no tempo em que me dedicava à hipnose. – Depara-se com os olhos claros de Joona e acrescenta: – Talvez nada disto tenha a ver com Eva Blau.

– Tentou, realmente, puxar pela memória?

– Acho que sim – tarda Erik a responder, com o olhar fixo no copo de café.

– Foi mesmo ao fundo?

– Talvez não o suficiente.

– Lembra-se se Eva Blau era perigosa? – pergunta Joona.

Erik olha pela janela do carro e repara que alguém resolveu retocar o focinho do Winnie the Pooh com uma caneta de feltro, desenhando uma fieira de dentes afiados e umas sobranceiras assustadoras. Bebe mais um pouco de café e, de repente, recorda-se do dia em que ouviu o nome de Eva Blau pela primeira vez.

Agora, sim, lembra-se.

Eram oito e meia da manhã. O sol batia em cheio nas janelas

empoeiradas. Lembra-se de que tinha dormido no hospital depois de fazer o turno da noite.

Dez anos antes

Eram oito e meia da manhã. O sol batia em cheio nas janelas empoeiradas. Dormira no hospital, depois de terminado o turno da noite. Sentia-me cansado, mas, apesar disso, ainda preparei o meu saco desportivo. Lars Ohlson tinha cancelado os jogos de badminton durante várias semanas. Estivera muito ocupado, a viajar com frequência entre o Hospital de Oslo e o Hospital Karolinska, dava aulas em Londres e preparava-se para fazer parte da administração do hospital. Mas, dois dias antes, ligara-me a perguntar se eu estava preparado para jogar.

– Claro que sim – respondi.

– E estás preparado para levar uma tarefa? – acrescentou, sem o habitual vigor na voz.

Deitei o resto do café no lava-loiças, deixei a caneca na pequena cozinha do pessoal, corri pelas escadas abaixo e fui de bicicleta até ao ginásio. Lars Ohlson já se encontrava no frio balneário quando eu cheguei. Olhou-me com uma expressão quase assustada, virou-se e enfiou os calções.

– Vais levar uma coça tão grande que nem te vais poder sentar durante uma semana – disse, ao olhar para mim.

A mão tremia-lhe quando fechou o armário.

– Deves ter trabalhado muito – disse eu.

– O quê? Ah, sim, tem sido...

Calou-se e deixou-se cair no banco.

– Sentes-te bem? – perguntei.

– Perfeitamente – respondeu. – E tu?

– Vou reunir-me com a administração na sexta-feira.

– Claro, a tua subvenção terminou, é sempre a mesma coisa.

– Embora não esteja muito preocupado – declarei. – Quer dizer, acho que vai correr tudo bem: a minha investigação vai pelo bom caminho, consegui obter resultados muito bons.

– Eu conheço o Frank Paulsson na administração – lançou, ao mesmo tempo que se levantava.

– Ai sim? Como?

– Fizemos o serviço militar juntos, no Norte, em Boden. É um tipo inteligente e muito aberto.

– Ótimo – disse em voz baixa.

Deixámos o balneário e Lars pegou-me no braço.

– Queres que lhe telefone e diga que te devam apoiar?

– Podes fazer isso? – perguntei.

– Não é permitido, mas quero que se lixe.

– Então, é melhor deixar como está. – Sorri.

– Mas tu tens de continuar com a investigação.

– Tudo se há de arranjar.

– Ninguém precisa de saber.

Olhei para ele e disse-lhe cautelosamente:

– Bem, talvez...

– Vou telefonar ao Frank esta noite – decidi.

Acabei por concordar e Lars bateu-me no ombro, a sorrir. Quando entrámos na grande sala do ginásio, com os ténis a chiar no pavimento, ele perguntou-me, de repente:

– Importavas-te de cuidar de uma paciente minha?

– Porquê?

– Acontece que não tenho tempo para a atender – explicou.

– Infelizmente, tenho a minha agenda cheia.

– Está bem, deixa.

Comecei a fazer alongamentos, à espera de que o campo cinco ficasse livre. Lars iniciou o aquecimento, começou a saltitar no mesmo lugar, passou a mão pelo cabelo e tossiu, para aclarar a garganta:

– Provavelmente, a Eva Blau encaixaria bem no teu grupo – disse. – Sofre de um trauma horrível. É pelo menos o que eu acho, pois, na verdade, foi-me impossível ver através da couraça dela.

– Posso aconselhar-te, se tu...

– Aconselhar-me? – interrompeu-me, acrescentando em voz baixa: – Para ser sincero, já terminei com ela.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não, só que... achei que ela estava muito doente, fisicamente, quero eu dizer.

– E não estava? – perguntei.

Muito tenso, ele sorriu e olhou-me de frente:

– Não podes dizer simplesmente que aceitas o caso? – perguntou.

– Vou pensar – respondi.

– Voltaremos a falar disso mais tarde – apressou-se a acrescentar.

Lars continuou o aquecimento, parou, olhou para a porta do ginásio com uma expressão inquieta, observou quem chegava e depois encostou-se à parede.

– Não sei, Erik, mas sentir-me-ia muito melhor se visses a Eva, eu...

Interrompeu o que ia a dizer e olhou para o campo onde duas jovens com aspeto de estudantes estavam a terminar uma partida. Uma delas tropeçou e perdeu uma bola muito simples. Ele riu e sussurrou:

– Que azar!

Olhei para o relógio, encolhi os ombros e voltei-me para ele. Estava de pé, a roer as unhas, e vi que tinha manchas de suor debaixo das axilas.

Parecia mais velho, como se tivesse encolhido. Alguém gritou à entrada do ginásio e ele sobressaltou-se, olhando para lá.

As duas jovens recolheram as suas coisas e saíram do campo a conversar.

– Chegou a nossa vez – disse. E comecei a andar.

– Erik, já alguma vez te pedi que tratasses uma das minhas pacientes?

– Não, mas é que estou com a agenda cheia.

– E se eu fizer os teus turnos? – apressou-se a acrescentar, olhando-me de frente.

– Olha que são muitos – respondi, admirado.

– Eu sei, mas como tu tens família talvez preferisses estar mais tempo em casa – disse.

– Ela é perigosa?

– A que te referes? – perguntou, com um sorriso amarelo, enquanto ajeitava as cordas da raquete.

– Eva Blau? O que pensas do caso?

Voltou a olhar para a porta do ginásio.

– Não sei o que te responder – replicou em voz baixa.

– Ela ameaçou-te?

– Quer dizer... Qualquer paciente do género se pode tornar

perigoso num dado momento. É um pouco difícil de definir, mas tenho a certeza de que vais conseguir resolver o problema dela.

– Com certeza que sim – disse.

– Então, aceitas? Diz que sim, Erik. Por favor.

– Está bem – respondi, por fim.

Ele corou, deu meia-volta e começou a andar para a linha de fundo. De repente, um fio de sangue começou a escorrer-lhe pelo lado de dentro da coxa. Lars limpou-o com a mão e olhou para mim. Ao ver que eu reparara no sangue, murmurou que tinha um pequeno problema de hérnia inguinal. Pediu desculpa e abandonou o campo a coxear.

Dois dias mais tarde, tinha acabado de entrar na minha sala de atendimento, quando alguém bateu à porta. Abri e lá estava Lars Ohlson no corredor, a vários metros de distância de uma mulher com um impermeável branco. Demonstrava preocupação no olhar e tinha a ponta do nariz vermelha, como se estivesse constipada. O seu rosto era magro e anguloso e estava profusamente maquilhada com sombras azuis e cor-de-rosa nos olhos.

– Este é Erik Maria Bark – disse Lars. – Um médico de primeira, muito melhor do que eu alguma vez serei.

– Vieram cedo – comentei.

– Podes atender? – perguntou ele, preocupado.

Acenei que sim e convidei-os a entrar.

– Erik, não tenho tempo – disse ele em surdina.

– Mas seria bom que também estivesses presente.

– Eu sei, mas tenho de ir – explicou. – Telefona-me a qualquer hora do dia ou da noite, se for necessário, de acordo?

Foi-se embora rapidamente e Eva Blau entrou na sala de consulta, fechou a porta atrás de si e, então, encarou o meu olhar.

– Isto é teu? – perguntou ela, de repente, segurando um elefante de porcelana, com a palma da mão a tremer.

– Não, não é meu – respondi.

– Mas eu vi como olhavas para ele – insistiu, num tom sarcástico. – Gostarias de o possuir, não?

Respirei fundo e perguntei:

– Porque achas que o quero?

– Queres ou não?

– Não.

– Queres isto, então? – perguntou em seguida, levantando o vestido.

Não tinha roupa interior e rapara o púbis.

– Eva, não faças isso – disse.

– De acordo – respondeu, de lábios frementes.

Estava muito perto de mim e apercebi-me de que as suas roupas exalavam um intenso odor a baunilha.

– Queres sentar-te? – sugeri, em tom neutro.

– Em cima de ti?

– Podes sentar-te no sofá – ofereci.

– No sofá?

– Sim.

– Claro, assim ficarás mais confortável – disse, atirando o impermeável para o chão. Depois, encaminhou-se para a secretária e sentou-se na minha cadeira.

– Queres falar um pouco de ti? – propus.

– E o que queres saber?

Perguntei-me se, apesar de ser tão nervosa como parecia, se deixaria hipnotizar com facilidade ou se ofereceria resistência, tentando manter-se reservada e apenas observadora.

– Eu não sou teu inimigo – expliquei-lhe calmamente.

– Não?

Abriu uma gaveta da secretária.

– Deixa isso – pedi-lhe.

Ignorou as minhas palavras e começou a mexer descuidadamente nos meus papéis. Acerquei-me dela, puxei-lhe a mão e fechei a gaveta, dizendo-lhe autoritariamente:

– Não podes fazer isso. Eu pedi para não o fazeres.

Olhou-me obstinadamente e abriu a gaveta de novo. Sem deixar de olhar para mim, pegou num maço de papéis e atirou-os ao chão.

– Basta! – disse-lhe com firmeza.

Então, os lábios dela começaram a tremer e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Odeias-me – suspirou. – Eu sabia, já sabia que me ias odiar, todos me odeiam.

De repente, pareceu amedrontada.

– Eva – disse eu, cautelosamente. – Não aconteceu nada, fica sentada, por favor. Podes usar a minha cadeira ou sentar-te no sofá, se preferires.

Ela concordou. Levantou-se da cadeira e dirigiu-se ao sofá. Mas, de repente, virou-se e perguntou-me em voz baixa:

– Posso beijar-te?

– Não, não podes. E, agora, senta-te, por favor – pedi-lhe.

Sentou-se no sofá finalmente, mas logo começou a mexer-se, inquieta. Reparei que tinha alguma coisa na mão.

– O que é que tens aí? – perguntei.

Imediatamente, pôs a mão atrás das costas.

– Vem cá ver, se te atreves – desafiou, num tom de tímida agressividade.

Senti umas breves pontadas de impaciência na mente, mas impus-me falar com absoluta tranquilidade, quando lhe perguntei:

– Queres fazer o favor de me contar porque estás aqui?

Ela abanou a cabeça.

– O que é que achas? – perguntou logo a seguir. Depois, o rosto contraiu-se e murmurou: – Porque ele disse que eu tinha um cancro.

– Estavas com medo de ter um cancro?

– Achei que ele queria que eu tivesse – disse ela.

– Lars Ohlson?

– Operaram-me ao cérebro duas vezes. Anestesiaram-me e violentaram-me enquanto dormia.

O seu olhar encontrou-se com o meu. Eva franziu os lábios.

– De modo que, agora, estou lobotomizada e, além disso, grávida.

– O que queres dizer com isso?

– Que está bem assim. Afinal, quero muito ter filhos. Um rapaz, um varão que me chupe os peitos.

– Eva, por que razão achas que estás aqui? – insisti.

Ela tirou a mão das costas e abriu o punho. A mão estava vazia, revirou-a várias vezes.

– Queres examinar a minha cona? – suspirou.

Senti que seria obrigado a abandonar a sala ou a chamar alguém, mas Eva Blau pôs-se de pé subitamente:

– Perdão – desculpou-se. – Perdão, só tenho medo que me odeies. Por favor, não me odeies. Quero ficar aqui, preciso de ajuda.

– Eva, acalma-te. Quero apenas ter uma conversa contigo. A intenção é que participes num dos meus grupos de hipnose, sabes disso, não? Lars Ohlson já te explicou tudo e disse-me que te tinhas mostrado recetiva, que querias fazê-lo.

Ela concordou, esticou o braço e atirou a minha chavena de café ao chão.

– Perdão – disse, novamente.

Assim que Eva Blau saiu, apanhei os papéis espalhados no chão e sentei-me à secretária. Pela janela vi que estava a choviscar, lembrei-me de que Benjamin iria participar numa excursão naquele dia e que tanto eu como Simone nos tínhamos esquecido de lhe pôr as calças impermeáveis, acabadas de lavar.

A chuva fina empapava as ruas e os parques infantis.

Pensei telefonar para a creche e pedir que o Benjamin não saísse. Todas aquelas excursões me causavam uma grande ansiedade. O certo é que nem sequer gostava da ideia de o meu filho ter de atravessar vários corredores e descer dois andares para chegar ao refeitório. Imaginava-o a ser empurrado por outras crianças alvoroçadas, a ver alguém a dar-lhe com uma porta na cara, a tropeçar nos sapatos deixados a monte, à entrada, a resvalar na gravilha do caminho do bosque. Procurei tranquilizar-me, pensando que era eu quem lhe dava as injeções; o medicamento era um coagulante que evitava que ele sangrasse por qualquer pequena ferida que fosse. Mas, de qualquer modo, era muito mais frágil do que as outras crianças.

Lembro-me da luz do sol, na manhã do dia seguinte, a coar-se através das cortinas cinzentas. Simone estava deitada ao meu lado, nua. Tinha a boca entreaberta, os cabelos desalinhados. Os ombros e o peito cobertos de pequenas sardas claras. A pele dos braços ficou, de repente, arrepiada e tapei-a com o edredão. Ouvi Benjamin a tossir levemente. Não tinha notado que ele estava no nosso quarto. Às vezes, durante a noite, se tivesse pesadelos, vinha silenciosamente e deitava-se num colchão, no chão, ao nosso lado. Eu costumava, então, embora numa posição incómoda, segurar-lhe na mão até que ele adormecesse de novo.

Vi que eram seis horas da manhã, virei-me de lado, fechei os olhos e pensei que gostaria de dormir um pouco mais.

– Papá? – chamou Benjamin, de repente.

– Dorme – disse eu em voz baixa.

Mas ele sentou-se no colchão, olhou para mim e disse com a sua voz fina e clara:

– Papá, esta noite estavas deitado em cima da mamã.

– Ai sim? – respondi e notei que Simone, ao meu lado, já tinha acordado.

– Sim, estavas debaixo do edredão e baloiçavas o corpo em cima dela – continuou.

– Que engraçado – disse eu em tom ligeiro, a tentar desviar a conversa.

– Hum.

Simone abafou um risinho e escondeu a cara debaixo da almofada.

– Devia estar a sonhar – acrescentei, evasivamente.

Ela sacudia-se debaixo da almofada, morta de riso.

– Sonhaste que estavas num baloiço?

– Bem...

Simone afastou a almofada e olhou para mim, com um largo sorriso:

– Vamos, responde – desafiou ela, num tom de voz tranquilo. – Sonhaste que estavas num baloiço?

– Papá?

– Deve ter sido isso mesmo...

– Mas – continuou Simone, a rir – porque o fizeste? Porque é

que estavas em cima de mim, quando...

– Está na hora do pequeno-almoço – atalhei. – Vamos...

Levantei-me e vi a expressão de dor no rosto de Benjamin. As manhãs eram sempre os piores momentos. As articulações tinham ficado imóveis durante várias horas e, ao acordar, sobrevinham, por vezes, hemorragias espontâneas.

– Estás bem?

Benjamin apoiou-se à parede para se pôr de pé.

– Espera, homenzinho. Eu faço-te uma massagem.

Benjamin deixou escapar um suspiro quando se deitou outra vez na cama e esperou que eu comesse cuidadosamente os exercícios de alongamento.

– Não quero a injeção – disse com tristeza na voz.

– Hoje não, Benjamin. Só depois de amanhã.

– Não quero, papá.

– Pensa no Lars, que tem diabetes – disse eu. – Ele tem de se picar todos os dias.

– O David não precisa de tomar nenhuma injeção – queixou-se Benjamin.

– Mas talvez haja outras coisas que sejam mais difíceis para ele do que para ti.

Fez-se silêncio.

– O pai dele já morreu – sussurrou Benjamin.

– Estás a ver... – disse eu, enquanto terminava de lhe massajar os braços e as mãos.

– Obrigado, papá – agradeceu Benjamin, ao levantar-se com todo o cuidado.

– Meu rapazinho...

Abracei ternamente o seu pequeno corpo frágil, mas, como sempre, resisti à tentação de o estreitar com força de encontro ao meu peito.

– Posso ver os desenhos animados do Pokémon? – perguntou ele.

– Pergunta à mamã – respondi, e ouvi a voz de Simone a gritar da cozinha: «Covarde.»

Depois do pequeno-almoço, sentei-me no escritório, à secretária de Simone, peguei no telefone e marquei o número de Lars Ohlson. Atendeu a secretária dele, Jennie Lagercrantz. Já trabalhava para

ele havia, pelo menos, vinte anos. Dei dois dedos de conversa com ela, contei-lhe que tinha tido a minha primeira manhã livre nas últimas três semanas e pedi-lhe que me pusesse em contacto com Lars.

– Espera um momento – disse.

Se não fosse tarde de mais, queria pedir-lhe que não falasse de mim a Frank Paulsson, o seu amigo da administração.

Ouviru-se um clique no telefone e, segundos depois, novamente a voz da secretária:

– Sinto muito, mas o Lars não pode atender nenhuma chamada de momento.

– Diz-lhe que sou eu.

– Já disse – respondeu, com voz firme.

Desliguei, sem mais uma palavra, fechei os olhos e fiquei a pensar que algo não corria bem, que talvez Lars Ohlson me tivesse enganado e que Eva Blau era possivelmente um caso mais complicado e mais perigoso do que ele me dera a entender.

– Arranjarei uma solução – sussurrei para mim mesmo.

No entanto, logo pensei que o grupo da hipnose se podia desestabilizar se ela se juntasse à terapia. Tinha reunido um pequeno grupo de pessoas, formado por homens e mulheres cujos problemas, histórias clínicas e procedência eram completamente diferentes. Não tinha considerado se podiam ou não ser facilmente hipnotizados. O meu objetivo era que se estabelecesse uma comunicação, um contacto dentro do grupo, que os pacientes se relacionassem consigo mesmos e com os outros. Muitos deles arrastavam consigo um sentimento de culpa que os impedia de se relacionarem, de se desenvolverem em sociedade. Culpavam-se por terem sido violados ou maltratados. Tinham perdido o controlo das suas vidas e toda a fé no mundo.

Na última sessão, o grupo tinha dado um passo em frente. Como habitualmente, falámos um pouco de generalidades, antes de eu fazer uma tentativa de conduzir Marek Semiovic a uma hipnose profunda. Não me tinha sido nada fácil consegui-lo anteriormente, já que ele estava sempre distraído ou na defensiva. Sentia que ainda não encontrara a maneira correta de chegar a ele, nem sequer sabíamos por onde começar.

– Uma casa? Um campo de futebol? Uma área florestal? – essas foram as minhas sugestões.

– Não sei – respondeu Marek, como habitualmente.

– Temos de começar por algum lado – disse.

– Mas por onde?

– Pensa num lugar a que te sintas obrigado a regressar, para compreenderes quem és agora – sugeri.

– À Bósnia, ao cantão de Zenica-Doboj – replicou Marek, num tom neutro.

– De acordo, muito bem – respondi, tomando nota. – Sabes o que aconteceu aí?

– Tudo aconteceu aí, numa mansão enorme, de madeira escura, quase um palácio, a casa de um grande proprietário de terras, com um telhado bem inclinado, uma pequena torre e varandas...

O grupo ouvia com atenção, todos pareciam compreender que Marek, de repente, acabava de abrir algumas portas do seu interior.

– Sentei-me numa poltrona, acho eu – prosseguiu ele pausadamente. – Ou talvez em cima de algumas almofadas. Do que tenho a certeza é que estava a fumar um *Marlboro*, enquanto... Devia haver centenas de raparigas e mulheres da minha cidade natal a passar à minha frente.

– A passar?

– Durante algumas semanas... Entravam pelo portão central e eram conduzidas pela escada acima até aos dormitórios.

– É um bordel? – perguntou Jussi, com o seu forte sotaque de Norrland.

– Não sei o que acontecia lá, não sei praticamente nada – respondeu Marek em surdina.

– Nunca chegaste a ver os quartos de cima? – perguntei.

Esfregou o rosto com as mãos e depois respirou profundamente.

– Conservo uma recordação – começou por dizer. – Entro num pequeno quarto e vejo uma professora que tive na universidade. Está deitada e atada na cama, nua, com nódoas negras nas ancas e nas coxas.

– O que acontece, então?

– Estou lá dentro, ao lado da porta, com um pau na mão e... Já não me lembro de mais nada.

- Tenta – pedi-lhe, calmamente.
- Desapareceu.
- Tens a certeza?
- Não aguento mais.
- Está bem, não precisas. Chega.
- Espera um momento – disse ele, mas ficou em silêncio durante um bom pedaço de tempo. Suspirou, voltou a esfregar a cara com as mãos e levantou-se.
- Marek?
- Não me lembro de mais nada – cortou, com voz estridente. Fiz algumas anotações e reparei que ele me observava.
- Não me lembro, mas tudo aconteceu naquele maldito casarão
- declarou.
- Olhei para ele e acenei com a cabeça.
- Tudo o que sou encontra-se naquela mansão de madeira.
- O casarão – concretizou Lydia do seu lugar, ao lado dele.
- Exatamente, era um casarão, uma mansão em decadência – concordou ele. E riu-se com uma expressão de dó.

Olhei para o relógio novamente. Dentro de momentos, iria enfrentar a administração do hospital e apresentar o resultado das minhas pesquisas. Teria de obter mais recursos ou seria obrigado a suspender a terapia. Por enquanto, ainda não me sentia nervoso. Passei a cara por água fria e sequei-a com toalhas de papel. Por um momento, olhei-me ao espelho e tentei sorrir, antes de deixar a casa de banho. Ao fechar a porta do meu gabinete, vi uma jovem parada no corredor, a poucos passos de mim.

– Erik Maria Bark?

Tinha o cabelo escuro e espesso apanhado num carrapito, e, quando sorriu, surgiram duas covinhas profundas nas faces. Envergava uma bata de médica e tinha uma pequena placa de identificação no peito.

– Maja Swartling – apresentou-se, estendendo a mão para me cumprimentar. – Sou uma das tuas maiores admiradoras.

– E isso a que se deve? – perguntei, esboçando um sorriso.

Parecia contente e dela desprendia-se um aroma suave a jacinto.

– Quero participar no teu trabalho – declarou, sem rodeios.

– No meu trabalho?

Confirmou com um aceno e corou intensamente.

– Tenho de o fazer – disse ela. – É incrivelmente emocionante.

– Desculpa se não partilho do teu entusiasmo. E, na verdade, nem sequer sei se as minhas pesquisas continuarão – esclareci.

– Como assim?

– A minha subvenção acaba este ano.

Pensei na reunião iminente e tentei explicar-lhe com delicadeza:

– Acho maravilhoso o teu interesse pelo meu trabalho. Teria muito prazer em discutir esse assunto contigo em qualquer outra ocasião. Mas, precisamente agora, tenho uma reunião importante marcada e...

Maja afastou-se para o lado imediatamente.

– Desculpa – disse ela. – Meu Deus! Desculpa...

– Podemos falar um pouco mais até ao elevador. – Sorri.

Ela pareceu ficar preocupada com a situação. Corou de novo e pôs-se a andar ao meu lado.

– Achas que haverá problemas com a subvenção? – perguntou, inquieta.

Faltavam apenas uns dois minutos para me reunir com a administração. Fazer um resumo da investigação – o programa, o objetivo e os resultados – a fim de solicitar mais recursos era o procedimento normal. Não obstante, no meu caso, era mais complicado, pois sabia que me iria debater com problemas provenientes da enorme quantidade de preconceitos que existiam em relação à hipnose.

– A maior parte considera que a hipnose é bastante imprecisa, e esse estigma faz com que não costumem aceitar resultados incompletos.

– Mas se lermos os teus relatórios é impossível deixar de notar a clareza e a importância dos caminhos adotados, ainda que seja demasiado cedo para publicar quaisquer conclusões.

– Leste os meus relatórios? – perguntei, cético.

– Foi um trabalho árduo, sim – respondeu sucintamente.

Parámos em frente à porta do elevador.

– O que pensas das minhas ideias sobre pistas de memória nas células cerebrais? – perguntei, pondo-a à prova.

– Referes-te aos pacientes com lesões cerebrais?

– Sim – disse, procurando esconder que estava surpreendido.

– Interessante – disse ela. – Contradizes as teorias sobre o modo como o cérebro trata a memória.

– Tens algumas ideias sobre o assunto?

– Tenho, sim. Acho que devias aprofundar a pesquisa sobre as sinapses e concentrar-te na amígdala.

– Estou impressionado – disse, enquanto carregava no botão de chamada do elevador.

– Tens de conseguir essa subvenção.

– Sei disso – respondi.

– O que vai acontecer se eles disserem que não?

– Espero ter tempo para desativar a terapia e ajudar os meus pacientes a encontrar outras formas de tratamento.

– E a investigação?

Encolhi os ombros.

– Talvez vá procurar outras universidades, para ver se alguma me aceita.

– Tens inimigos na administração? – perguntou ela.

– Espero que não.

Ergueu a mão e apoiou-a suavemente no meu braço, enquanto sorria com ar de quem se desculpa. Ficou ainda mais corada.

– Vais conseguir esse dinheiro. O teu trabalho é pioneiro, eles não vão poder fechar os olhos – declarou, olhando-me profundamente nos olhos. – Se não forem capazes de o ver, vou atrás de ti para a universidade, seja ela qual for.

De repente, fiquei a pensar se não estaria a tentar seduzir-me. Havia algo na sua humildade, na sua entoação suave e rouca... Olhei de relance para a placa dela, para ter a certeza do nome: «Maja Swartling, médica interna.»

– Maja...

– Não te vais livrar de mim... – suspirou, brincalhona –, doutor Bark.

– Vamos ter de falar mais a respeito disto – propus, quando a porta do elevador se abriu.

Maja Swartling sorriu, mostrando de novo as duas covinhas no rosto, juntou as mãos debaixo do queixo e brincou, fazendo uma profunda reverência e dizendo suavemente:

– *Sawadee*.

Quando subia no elevador para a sala dos diretores, dei comigo a sorrir por aquela saudação em tailandês. A campainha tilintou e saí para o corredor. Apesar de a porta do gabinete estar aberta, achei por bem bater. Annika Lorentzon estava sentada a olhar pela janela panorâmica, que oferecia uma vista ampla e fantástica sobre o Cemitério do Norte e o parque Haga. No seu rosto não havia um único traço das duas garrafas de vinho que, segundo ouvi dizer, ela bebia todas as noites para poder dormir, e, aos cinquenta anos, os vasos sanguíneos ainda permaneciam ocultos debaixo da pele. Evidentemente, tinha algumas rugas ao canto dos olhos e na testa, e o pescoço, outrora formoso, o mesmo que a tinha levado ao segundo lugar no concurso de Miss Suécia, muitos anos atrás, mostrava-se agora enrugado.

Simone ter-me-ia repreendido por pensar nestes termos, censurei-me a mim mesmo. Ter-me-ia dito imediatamente que era uma atitude machista diminuir uma mulher que ocupava um cargo importante, fazendo objeções à sua aparência. Ninguém

questionaria os hábitos alcoólicos do seu chefe, se este fosse um homem, nem tão-pouco lhe ocorreria fazer comentários ao seu rosto flácido.

Cumprimentei a diretora e sentei-me ao seu lado.

– Que beleza! – exclamei.

Annika Lorentzon dirigiu-me um sorriso sereno. A sua figura esbelta estava bronzeada, de cabelos finos e oxigenados. Não usava perfume, mas cheirava a limpo, com uma ligeira fragrância a algum sabonete exclusivo.

– Queres? – perguntou, e apontou na direção de várias garrafas de água mineral.

Neguei e comecei a perguntar-me onde estariam os outros diretores. Passavam cinco minutos do horário previsto e já deviam estar ali.

Annika levantou-se e explicou, como se tivesse lido os meus pensamentos:

– Eles já vêm, Erik. Hoje é dia da sauna semanal, sabes? – E, com um sorriso irónico, acrescentou: – Uma maneira muito engenhosa de evitar a minha presença na reunião, não te parece?

Nesse mesmo momento, a porta do gabinete abriu-se e entraram cinco homens, todos de rosto vermelho. As golas dos casacos estavam húmidas dos cabelos e pescoços molhados. Transpiravam vapor e *after shave* e vinham a conversar uns com os outros, sem demonstrar nenhuma pressa.

– Embora as minhas pesquisas custem dinheiro – ouvi eu da boca de Ronny Johansson.

– É claro – reagiu Svein Holstein, aborrecido.

– O Bjarne delira ao propor os cortes. Os idiotas da contabilidade querem fazer um ajuste no orçamento no campo todo.

– Também já ouvi falar disso, mas não devemos preocupar-nos – declarou Holstein em voz baixa.

As conversas esmoreceram, quando entraram no gabinete.

Svein Holstein deu-me um vigoroso aperto de mão.

Ronny Johansson, representante da indústria farmacêutica na administração, limitou-se a fazer uma pequena saudação de longe com a mão e sentou-se, ao mesmo tempo que o político Peder Mälarstedt, representante da administração provincial de serviços

públicos, me apertava a mão. Sorriu e piscou-me o olho, e eu vi que continuava a transpirar abundantemente. O suor escorria-lhe da testa.

– Gostas de transpirar? – perguntou-me, com um sorriso nos lábios. – A minha mulher odeia, mas eu acho que faz bem. É claro que faz.

Frank Paulsson, por seu lado, mal olhou para mim. Limitou-se a fazer uma breve saudação com a cabeça e foi colocar-se do outro lado da sala. Depois de todos terem terminado as suas conversas particulares, Annika bateu palmas levemente, pedindo silêncio, e convidou os homens a sentar-se à mesa de reuniões. Estavam todos com sede, depois da sauna, e imediatamente se atiraram às garrafas de água mineral, colocadas no meio da enorme mesa de tampo de plástico creme.

Permaneci de pé, imóvel, tão-só a observar aquelas pessoas que detinham nas suas mãos o futuro das minhas pesquisas. Era estranho, mas, ao olhar para eles, pensava ao mesmo tempo no meu grupo de pacientes. Era como se todos estivessem ali reunidos, naquele momento, com as suas recordações, as suas vivências e os seus traumas, como torvelinhos de fumo estáticos dentro de uma bola de vidro. O trágico e belo rosto de Charlotte; o corpo pesado e triste de Jussi; o cocoruto hirsuto da cabeça de Marek, o seu olhar penetrante e, ao mesmo tempo, amedrontado; a doçura pálida de Pierre; Lydia, com a sua maquilhagem berrante e as roupas a cheirar a tabaco; Sibel e as suas perucas; e, finalmente, a hiperneurótica Eva Blau. Os meus pacientes eram uma espécie de imagem especular daqueles homens, todos bem vestidos com fatos caros, endinheirados e seguros de si.

Os administradores acomodaram-se finalmente. Um deles suspirou enquanto se sentava, ao passo que outro fazia tilintar as moedas no bolso. Outro, em contrapartida, resolveu entrincheirar-se atrás da sua agenda. Annika olhou em volta, sorriu com suavidade e deu-me a palavra:

– Por favor, Erik.

– O meu método... – comecei por dizer –, o meu método consiste em tratar os traumas psíquicos agudos por meio da hipnose em grupo.

– Isso já sabemos – suspirou Ronny Johansson.

Procurei resumir os resultados obtidos até então. Os meus ouvintes escutavam-me distraidamente; alguns observavam-me, outros preferiram olhar para a mesa.

– Infelizmente, vou ter de sair – disse Reiner Milch, alguns momentos depois. E levantou-se.

Milch apertou a mão de dois dos seus colegas e saiu da sala.

– Receberam o material antecipadamente – acrescentei. – Sei que é bastante volumoso, mas era necessário. Não consegui abreviá-lo.

– E porque não? – indagou Peder Mälarstedt.

– Porque é cedo de mais para extrair conclusões – expliquei.

– Mas... e daqui a dois anos? – insistiu ele.

– É difícil dizer, mas vejo alguns padrões de comportamento – respondi, embora sabendo que não devia entrar nesse assunto.

– Padrões? Que tipo de padrões?

– Não nos queres dizer o que esperas encontrar? – perguntou Annika Lorentzon, sorridente.

– Pois bem, o objetivo da minha investigação é documentar os bloqueios mentais que persistem durante a hipnose. Como o cérebro, num estado de descontração profunda, descobre novas maneiras de proteger o indivíduo daquilo que o atemoriza, ou seja, quando se aproxima da origem do trauma. Quando a recordação bloqueada começa finalmente a aflorar durante o transe, o indivíduo aferra-se ao que tem à sua volta, numa derradeira tentativa para defender o seu segredo. E, então, começo eu a suspeitar, evoca material onírico nas suas representações mentais, apenas para evitar ver a realidade.

– A pessoa evita ver a situação em si? – perguntou Ronny Johansson, com repentina curiosidade.

– Sim, quer dizer, não... apenas para evitar ver o culpado – respondi. – Costuma substituí-lo por qualquer coisa, muitas vezes um animal.

Fez-se um silêncio profundo ao redor da mesa.

Vi que Annika Lorentzon, que até então se mostrara um pouco desconfortável perante os caminhos trilhados pela minha explicação, agora sorria, tranquila.

– Isso é possível? – articulou Ronny Johansson, quase em surdina.

– Até que ponto esses padrões são evidentes? – perguntou Mälarstedt.

– Evidentes, mas não comprovados – respondi.

– Existe alguma pesquisa semelhante no âmbito internacional? – Mälarstedt gostaria de saber.

– Não – respondeu Ronny Johansson em tom ríspido.

– Mas eu gostaria de saber – interveio então Holstein. – Se ficar por aí, qual é a sua opinião: o paciente vai continuar a encontrar novas defesas durante a hipnose?

– Poder-se-ia chegar mais longe? – perguntou Mälarstedt.

Senti o calor no meu rosto. Aclarei a voz e respondi:

– Acho que se pode chegar a averiguar o que há por trás dessas imagens, aprofundando a hipnose.

– Mas... E os pacientes?

– Também pensei neles, é claro – disse Mälarstedt para Lorentzon.

– Compreendo que tudo isto seja muito atraente – disse Holstein –, mas quero garantias... Nada de psicoses, nem de suicídios.

– Sim, embora...

– Pode prometer isso? – interrompeu-me Frank Paulsson, enquanto se entretinha com o rótulo da sua garrafa de água.

Holstein parecia cansado, olhou para o relógio.

– A minha prioridade é ajudar os pacientes – expliquei.

– E a pesquisa?

– É... – Aclarei a voz e acrescentei em voz baixa: – É apenas um subproduto. É assim que eu tenho de ver.

Alguns dos presentes em volta da mesa desviaram os olhares.

– Bem respondido – disse Frank Paulsson, subitamente. – Dou a Erik Maria Bark todo o meu apoio.

– Eu continuo preocupado com os pacientes – assinalou Holstein.

– Está tudo aí – defendeu-me Paulsson, apontando para os relatórios. – A evolução dos pacientes está registada nesses documentos.

– Acontece apenas que se trata de uma terapia pioneira, tão ousada que é nosso dever ter a certeza de que podemos defendê-la,

no caso de alguma coisa correr mal.

– Na realidade, nada pode correr mal – disse eu, sentindo, de imediato, um arrepio nas costas.

– Erik, é sexta-feira e todos estão desejosos de ir para casa – interveio Annika Lorentzon. – Acho que podes contar com a renovação da tua subvenção.

Os outros assentiram com a cabeça e Ronny Johansson reclinou-se na cadeira e aplaudiu.

Ao chegar a casa, encontrei Simone na espaçosa cozinha. Estava a retirar alimentos de alguns sacos e a colocá-los em cima da mesa: um molho de espargos, manjerona fresca, frango, limões e arroz. Mal me viu, soltou uma gargalhada.

– O que é que há? – perguntei.

Ela abanou a cabeça e disse com um largo sorriso:

– Devias ver a tua figura.

– Porquê?

– Pareces um rapazinho na manhã de Natal.

– Nota-se assim tanto?

– Benjamin! – chamou em voz alta.

Ele entrou na cozinha, com o estojo de medicamentos na mão. Simone apontou para mim, escondendo o riso.

– Olha – disse. – Que cara tem o papá?

Benjamin olhou-me nos olhos e vi que esboçava um sorriso.

– Papá, pareces muito satisfeito e alegre.

– E estou, miúdo. Estou mesmo.

– Descobriste um medicamento novo? – perguntou.

– Para quê?

– Para me curar, para que não tenha de tomar mais injeções – respondeu ele.

Levantei-o nos braços e abracei-o. E expliquei-lhe que ainda não tinham descoberto esse medicamento, mas que eu desejava, mais do que qualquer outra coisa no mundo, que o conseguissem rapidamente.

– Ok – disse ele.

Pousei-o no chão e vi que Simone ficara pensativa.

Benjamin puxou-me pelas calças.

– O que queres? – perguntei.

– Porque estás tão alegre, papá?

– É só pelo dinheiro – respondi simplesmente. – Consegui mais dinheiro para as minhas pesquisas.

– O David diz que tu consegues fazer magia.

– Não faço magia: hipnotizo, para tentar ajudar as pessoas que estão tristes e cheias de medos.

– Artistas? – perguntou.

Soltei uma gargalhada e Simone pareceu surpreendida.

– Porque dizes isso? – inquiriu.

– Ao telefone disseste que os artistas estavam assustados, mamã.

– Eu disse isso?

– Sim, há pouco, ouvi.

– É verdade, agora me lembro. Disse que os artistas se sentem nervosos e assustados quando expõem os seus trabalhos – explicou.

– A propósito, que tal o local perto do parque Berzelii? – perguntei.

– Na Arsenalsgatan...

– Já foste vê-lo?

Simone confirmou lentamente.

– O local é bom – respondeu. – Vou assinar o contrato amanhã.

– Mas, meu Deus, porque não me disseste nada? Parabéns, Sixan!

Ela riu.

– Sei precisamente o que vou apresentar na exposição inaugural – disse. – Obras de uma jovem que andou na escola superior de arte em Bergen, na Noruega. Ela é fantástica, pinta grandes...

Simone interrompeu o que ia a dizer porque tocaram à campainha do prédio. Ainda tentou ver quem era pela janela da cozinha e depois foi abrir. Eu segui-lhe os passos pelo corredor e, à distância, vi como a luz do dia inundava o escuro vestíbulo, quando ela abriu a porta. Simone olhava para fora, para o patamar.

– Quem era? – perguntei.

– Ninguém. Não estava aqui ninguém, quando abri – respondeu.

Fui espreitar pela janela, na direção dos arbustos, na rua, em frente da entrada.

– Mas o que é isto? – perguntou ela de repente.

No patamar da escada, em frente da porta, estava um objeto comprido com um cabo numa das extremidades e uma pequena rodela de madeira na outra.

– Que esquisito – disse eu, apanhando do chão o velho artefacto.

– Mas o que é isso?

– É uma palmatória, um instrumento que se usava antigamente para castigar as crianças.

Estava quase na hora de iniciar uma sessão com o grupo da hipnose. Os meus pacientes deviam chegar dentro de dez minutos: os seis do costume e a nova mulher, Eva Blau. Ao vestir a bata de médico, sentia sempre uma breve corrente de euforia, como se estivesse a ponto de participar de uma encenação teatral, preparando-me para entrar num palco e ficar sob a luz intensa dos focos. Essa sensação, todavia, nada tinha a ver com vaidade, mas com a experiência extremamente agradável de poder pôr em prática os meus conhecimentos especializados.

Peguei no meu bloco e reli as anotações da sessão anterior, realizada uma semana antes, e na qual Marek Semiovic nos falara do casarão de madeira no cantão de Zenica-Doboj.

Conseguira que Marek Semiovic entrasse numa hipnose mais profunda do que anteriormente. E ele descreveu, com toda a calma e objetividade, uma sala na cave, com chão de cimento, onde foi obrigado a aplicar choques elétricos a amigos e familiares. Mas, de repente, desviou-se do tema, mudou de cenário, recusou-se a seguir as minhas instruções e procurou sair da hipnose por iniciativa própria. Eu sabia que devia prosseguir gradualmente, passo a passo, e, por isso, decidi deixar Marek em paz na sessão de hoje. Era a vez de Charlotte começar a sessão, e, depois, faria uma primeira tentativa com a nova paciente, Eva Blau.

A sala da hipnose foi montada de forma a infundir confiança e serenidade aos pacientes. Os cortinados eram de uma tonalidade amarelada, indefinida; o chão, cinzento; os móveis, simples, mas confortáveis; as cadeiras e a mesa, de bétula, madeira clara, com pequenas manchas castanhas. Debaixo de uma das cadeiras, alguém esquecera um par de galochas azuis. As paredes estavam nuas, à semelhança de litografias de cores indefinidas.

Dispus as cadeiras em semicírculo e o tripé com a câmara de vídeo o mais longe possível.

A investigação entusiasmava-me. Sentia uma grande curiosidade em relação aos resultados, ao mesmo tempo que cada vez mais me convencia de que essa nova forma de terapia era melhor do que qualquer das outras que usara antes. O grupo era a chave para o tratamento de traumas: quando os pacientes partilhavam as suas experiências com os outros, o isolamento e a solidão

transformavam-se num processo curativo comum.

Fixei a câmara no tripé e liguei o cabo. Introduzi uma nova cassete, aproximei a objetiva das costas de uma cadeira, foquei e voltei a afastar a objetiva. Entretanto, uma das minhas pacientes chegou. Era Sibel. Presumi que estivera em frente do hospital durante horas, à espera de que abrissem a sala e a sessão começasse. Sentou-se numa das cadeiras e começou a emitir sons estranhos pela garganta, engolindo em seco e cacarejando. Depois, com um sorriso de insatisfação, corrigiu a posição da peruca de cabelos encaracolados que costumava usar nas nossas reuniões e suspirou devido ao esforço.

Em seguida, entrou Charlotte Cederskiöld. Estava vestida com uma gabardina azul-escura, bem apertada, com um cinto largo em volta da cintura estreita. Ao tirar o capuz, os fartos cabelos castanhos caíram-lhe sobre o rosto. Como sempre, estava extremamente triste e bonita.

Fui até à janela, abri-a e senti a brisa fresca e suave da primavera a acariciar-me o rosto.

Ao virar-me para dentro da sala, vi que Jussi Persson também já tinha chegado.

– Doutor – disse ele, com o seu sotaque arrastado de Norrland.

Demos um aperto de mão, e, em seguida, ele foi cumprimentar Sibel. Bateu com a mão na barriga proeminente e disse qualquer coisa que fez com que ela corasse e se risse. Ficaram a falar em voz baixa, enquanto esperávamos pelo resto do grupo. Lydia, Pierre e Marek, como de costume, chegaram um pouco atrasados.

Esperei que todos ocupassem os seus lugares. Eram todos indivíduos com um denominador comum: tinham sofrido abusos traumáticos. Abusos esses que tinham causado uma tal devastação na sua mente que, para sobreviver, tiveram de os ocultar até mesmo de si próprios. Na realidade, nenhum deles sabia com exatidão o que lhes acontecera. Estavam apenas conscientes de que o seu terrível passado lhes arruinara as vidas presentes.

«Porque o passado não está morto. O passado nem sequer passou», costumava eu dizer, citando o escritor William Faulkner. Referia-me a que cada pequena coisa que acontece a um ser humano o acompanha até ao presente. Todas as suas vivências

influenciam cada uma das suas opções, e, tratando-se de experiências traumáticas, o passado passa a ocupar todo o espaço do presente.

Muitas vezes, hipnotizava o grupo inteiro ao mesmo tempo, e escolhia um ou dois dos seus membros para com eles aprofundar a hipnose. Desta maneira, tínhamos sempre acesso a dois níveis em que podíamos discutir o sucedido: o da sugestão hipnótica e o nível consciente.

Com o tempo, viera a descobrir algo sobre a hipnose, algo que começara por ser tão-só uma suspeita e que se convertera num padrão cada vez mais nítido. Era uma descoberta que, naturalmente, precisava de ser confirmada. Eu estava consciente de que talvez esperasse de mais da minha tese: o causador do trauma nunca aparecia com a sua própria identidade durante a hipnose profunda. Era possível configurar a situação e observar o acontecimento aterrador, mas o indivíduo mantinha oculto o autor dos factos.

Com todos nos seus lugares, dei conta de que Eva Blau, a minha nova paciente, ainda não tinha chegado. Uma ansiedade familiar pairava na sala.

Charlotte Cederskiöld costumava sentar-se numa das pontas. Tinha tirado a gabardina e, como sempre, estava elegantíssima, com uma camisola cinzenta muito sóbria e um grande colar de pérolas à volta do pescoço gracioso. A saia era azul-escura, plissada, e calçava meias opacas, também azuis. Os sapatos, de saltos rasos, brilhavam. Quando os nossos olhares se cruzaram, sorriu-me timidamente. Antes de Charlotte integrar o grupo, tinha atentado contra a sua própria vida quinze vezes. Na última vez, dera um tiro na cabeça com a espingarda de caça do marido, na sala de estar do seu chalé, em Djursholm. A arma resvalara e ela perdeu uma orelha e parte da face. Mas nada disso se via agora: submetera-se a duas operações plásticas e modificara o penteado: o estilo pajem ocultava-lhe a prótese auricular e o aparelho contra a surdez. Quando via Charlotte inclinar a cabeça e escutar delicada e respeitosamente as histórias dos outros, sentia uma profunda angústia. Era uma bela mulher, de meia-idade, atraente, embora houvesse nela algo de terrivelmente dilacerante. Eu tinha consciência de não conseguir

manter-me imperturbável diante do abismo que pressentia no seu interior.

– Sentes-te confortável, Charlotte? – perguntei.

Ela disse que sim, com um aceno de cabeça, e respondeu com a sua voz suave, bem articulada:

– Estou muito bem, muitíssimo bem.

– Hoje, vamos explorar a casa interior de Charlotte – expliquei.

– O meu casarão. – Sorriu.

– Exatamente.

Marek dirigiu-me um sorriso impaciente e isento de alegria quando os nossos olhares se cruzaram. Estivera num ginásio, a treinar, durante toda a manhã, e viam-se-lhe os músculos inchados. Olhei para o relógio. Estava na hora de começar, não podíamos continuar à espera de Eva Blau.

– Proponho que comecemos agora – resolvi.

Sibel pôs-se precipitadamente em pé, tirou uma pastilha elástica da boca e embrulhou-a num guardanapo de papel, que atirou para o caixote do lixo. Dirigiu-me um olhar tímido e declarou:

– Estou pronta, doutor.

Após a descontração, seguia-se a escala progressiva da indução, em planos bem definidos, a dissolução dos limites da vontade. Prosseguia lentamente em níveis cada vez mais profundos, utilizando a imagem de uma escada de madeira húmida que deviam descer com todo o cuidado.

A energia começou a circular pouco a pouco entre nós, um calor característico que envolvia todos os presentes. A minha voz, de início clara e firme, passou a ser lenta e nebulosa. Neste dia, Jussi parecia especialmente nervoso, murmurava e, de vez em quando, contraía os lábios agressivamente. A minha voz continuava a conduzir os pacientes e os meus olhos viam como os seus corpos se afundavam nas cadeiras, como os seus semblantes se descontraíam e adquiriam a expressão característica de quem se submete à hipnose.

Comecei a caminhar por trás deles, tocando-lhes ao de leve nos ombros, para atestar os níveis de descontração de cada um. Conduzia-os assim, individualmente, o tempo todo, utilizando a contagem decrescente, passo a passo.

Jussi sussurrou qualquer coisa para si mesmo.

A boca de Marek Semiovic estava aberta e dela saía um fio de baba.

Pierre parecia mais magro e encolhido do que nunca.

Os braços de Lydia pendiam, descontraídos, ao lado dos braços da sua cadeira.

– Continuem a descer a escada – disse eu em voz baixa.

Não contei à administração que, durante as sessões, também o hipnotista mergulhava numa espécie de transe. Na minha opinião, isso era inevitável e bom, simultaneamente.

Nunca entendera a razão por que o meu próprio estado de transe, que tinha lugar em paralelo ao dos pacientes, se desenvolvia debaixo de água. Mas o certo é que eu gostava da imagem aquática, nítida e agradável, e habituara-me a ler os matizes do processo por meio dela.

Naturalmente, enquanto submergia no mar, os meus pacientes viam outras coisas: caíam nas recordações do passado, entravam nos seus quartos de criança, ou iam parar a lugares da adolescência, às casas de campo dos pais ou à garagem da menina vizinha. Não sabiam que, para mim, eles também se encontravam nas profundidades submarinas, descendo lentamente por entre formações de coral ou pelas ásperas paredes de uma fratura continental submarina. Na minha mente, naquele momento, estávamos todos juntos, submersos em água borbulhante.

Desta vez, estava disposto a experimentar conduzi-los a um estado hipnótico bastante profundo. Enquanto contava em ordem decrescente e falava do prazer da descontração, a água ressoava nos meus ouvidos.

– Quero que desçam um pouco mais ainda – indiquei. – Continuem a descer, mas, agora, mais lentamente. Em breve, vão parar, totalmente tranquilos, descontraídos... Mas, antes, vamos descer mais um pouco, mais um bocadinho. E, agora, enfim, paramos.

Vi o grupo todo na minha frente, disposto em semicírculo, no fundo arenoso dos mares, raso e extenso. As águas eram límpidas e ligeiramente esverdeadas. A areia, sob os nossos pés, apresentava pequenas formações onduladas, regulares. Havia medusas róseas a flutuar, tremeluzindo por cima das nossas cabeças. De vez em

quando, os peixes levantavam remoinhos de areia e fugiam.

– Agora, estamos todos no fundo – disse.

Eles abriram os olhos e encararam-me.

– Charlotte, hoje é a tua vez de começar – acrescentei. – O que é que estás a ver? Onde te encontras?

Os lábios mexeram-se, mas não pronunciou qualquer palavra.

– Aqui não há nada que seja perigoso – assinalei. – Estamos contigo o tempo todo, atrás de ti.

– Eu sei – disse, num tom de voz monótono.

Não tinha os olhos abertos, nem fechados. Pareciam os de uma sonâmbula, vazios e alheados.

– Estás diante da porta – disse-lhe. – Queres entrar?

Assentiu com a cabeça e os cabelos moveram-se ao sabor da corrente.

– Entra – indiquei.

– Sim, vou entrar.

– O que vês? – continuei.

– Não sei.

– Estás lá dentro? – perguntei, com a sensação de que talvez a estivesse a apressar.

– Sim, estou.

– Mas não vês nada?

– Sim, vejo.

– É alguma coisa estranha?

– Não sei, não acho...

– Descreve-a – acrescentei rapidamente.

Ela negou com a cabeça e pequenas bolhas libertaram-se-lhe dos cabelos, subindo, a cintilar, para a superfície. Reconheci a minha falta de tato, não estava a saber conduzi-la, estava simplesmente a empurrá-la. E, no entanto, não pude deixar de lhe dizer:

– Voltaste para a casa de campo do teu avô.

– Sim – respondeu, com a voz apagada.

– Já estás dentro de casa e caminhas em frente.

– Não quero.

– Dá apenas um passo em frente.

– Agora não – suspirou.

– Levanta os olhos e vê.

– Não quero.

O seu lábio inferior tremia.

– Vês alguma coisa que te pareça estranha? – perguntei. –
Alguma coisa que não devia estar a acontecer aí?

Uma ruga profunda formou-se-lhe na testa, e, de repente, compreendi que a sua resistência cederia demasiado depressa e que Charlotte ficaria extremamente extenuada com o transe. Podia ser perigoso, podia entrar em depressão profunda, se o processo fosse excessivamente rápido. Bolhas enormes saíam da sua boca, como uma corrente luminosa. O rosto brilhou e reflexos azul-esverdeados deslizaram-lhe na testa.

– Não precisas de o fazer, Charlotte, não precisas de olhar – tranquilizei-a. – Podes abrir a porta de vidro e sair para o jardim, se quiseses.

O corpo dela estremeceu e percebi que era tarde de mais.

– Tranquiliza-te – sussurrei, estendendo a mão para lhe tocar no ombro.

Tinha os lábios lívidos e os olhos arregalados.

– Charlotte, agora, com cuidado, vamos regressar juntos à superfície.

Os seus pés levantaram uma espessa nuvem de areia, quando ela começou a flutuar, em ascensão.

– Espera – pedi-me debilmente.

Marek olhou para mim e deu-me a impressão de que ia gritar qualquer coisa.

– Já estamos a subir, vou começar a contar até dez – continuei, enquanto subíamos rapidamente para a superfície. – E, quando eu terminar, vão abrir os olhos e sentir-se muito bem...

Charlotte respirou fundo, levantou-se da cadeira a cambalear, ajeitou a roupa e olhou para mim com uma expressão inquisidora.

– Vamos fazer uma pequena pausa – disse eu.

Sibel pôs-se de pé, sem pressa, e saiu para fumar. Pierre seguiu-a. Jussi continuou sentado, pesado, descontraído. Nenhum deles estava totalmente acordado. A subida fora demasiado abrupta, mas, como iríamos voltar a descer em seguida, achei que seria melhor manter o grupo naquele nível difuso de consciência. Sentei-me, passei as mãos pelo rosto, e estava a tomar algumas notas quando Marek Semiovic se aproximou.

– Muito bem feito. – Sorriu secamente.

– Não aconteceu como eu tinha imaginado – respondi.

– Eu achei divertido – disse ele.

Lydia também se aproximou, com as suas joias tilintantes. O cabelo pintado com hena brilhou como cobre polido ao ser beijado por um raio de sol.

– O quê? – inquiri. – O que é que foi divertido?

– Que tivesses posto essa rameira da alta sociedade no lugar.

– O que é que disseste? – questionou Lydia.

– Não estou a falar de ti, mas da...

– Não debes dizer que a Charlotte é uma rameira, porque isso não é verdade – declarou Lydia calmamente. – Não é, Marek?

– Está bem.

– Sabes o que faz uma rameira?

– Sei.

– Ser rameira – continuou ela, com um sorriso – não é necessariamente mau. É uma escolha que se faz. Trata-se da *shakti*, da energia feminina, do poder da mulher.

– Exatamente. Elas querem ter poder – argumentou ele com fervor. – Porra, a mim não me dão pena, garanto-te.

Desviei-me, fiquei a ver as minhas anotações, mas continuei a ouvir a conversa entre eles.

– Há quem não consiga equilibrar os seus *chakras* – disse Lydia com tranquilidade. – E, evidentemente, sente-se mal.

Marek Semiovic voltou para a sua cadeira. Parecia inquieto, passou a língua pelos lábios e olhou para Lydia.

– No casarão, aconteceram coisas – disse em voz baixa. – Eu sei,

mas...

Calou-se e cerrou os dentes, a ponto de os músculos dos maxilares se mexerem.

– Na realidade, está tudo bem – disse ela, pegando-lhe na mão.

– Mas porque é que eu não consigo lembrar-me?

Sibel e Pierre voltaram a entrar na sala. Estavam todos taciturnos, apagados. Charlotte parecia muito frágil, mantinha os braços finos cruzados, com as mãos apoiadas nos ombros.

Troquei a cassete da câmara de vídeo, acertei a hora e a data, e expliquei-lhes que ainda se encontravam em estado pós-hipnótico. Olhei pelo visor, levantei um pouco o tripé e ajustei a câmara. Depois, voltei a colocar as cadeiras nas posições corretas e pedi aos pacientes para ocuparem novamente os seus lugares.

– Venham sentar-se, por favor. Está na hora de continuarmos.

De repente, bateram à porta e Eva Blau entrou. Vi logo que estava muito tensa e fui recebê-la.

– Bem-vinda – disse.

– Sou mesmo? – perguntou.

– Sim – respondi.

Ela corou quando lhe peguei no impermeável e o pendurei. Depois, fui buscar mais uma cadeira e indiquei-lhe a sua posição no semicírculo.

– Eva Blau era paciente do Dr. Ohlson, mas, a partir de agora, fica integrada no nosso grupo. Todos tentaremos fazer com que ela se sinta bem-vinda.

Sibel fez um aceno, contida, Charlotte sorriu amavelmente, e os outros saudaram-na com alguma reserva. Marek fingiu nem sequer a ver.

Eva Blau sentou-se na cadeira vazia, tirou as luvas e apertou as mãos entre as coxas. Voltei para o meu lugar e dei início à segunda parte da sessão:

– Sentem-se confortavelmente, com os pés bem apoiados no chão e as mãos nos joelhos. A primeira parte da sessão não correu como eu esperava.

– Peço desculpa – disse Charlotte.

– Ninguém deve pedir desculpas, muito menos tu, espero que compreendas.

Eva Blau não tirava os olhos de mim.

– Começaremos por fazer algumas reflexões sobre os pensamentos e as associações discutidas na primeira parte da sessão – disse. – Alguém quer fazer algum comentário?

– Muito confuso – disse Sibel.

– Frustrante – continuou Jussi. – Quer dizer, só tive tempo de abrir os olhos e coçar a cabeça e acabou logo tudo.

– O que é que sentiste? – perguntei-lhe.

– O cabelo – respondeu, a sorrir.

– O cabelo? – inquiriu Sibel, rindo disparatadamente.

– Quando cocei a cabeça – explicou Jussi.

Alguns riram-se da piada.

– Façam associações em relação à ideia de cabelo – sugeri, com um pequeno sorriso nos lábios. – Charlotte.

– Não sei – disse ela. – Cabelo? Talvez barba... não?

Pierre interrompeu-a, com a sua voz clara:

– Um *hippie*, um *hippie* num helicóptero. – Sorriu. – Ele senta-se, mastiga uma pastilha elástica e desliza...

De repente, Eva levantou-se com grande estrépito.

– Isto não passa de uma tolice – atirou, indignada, dirigindo-se a Pierre.

O sorriso dele desvaneceu-se.

– Porque é que achas isso? – perguntei.

Eva não respondeu. Apenas me encarou antes de se sentar de novo, mal-humorada.

– Pierre, queres continuar? – pedi com calma.

Ele negou com a cabeça e cruzou os dedos indicadores, formando uma cruz, na direção de Eva, simulando, assim, defender-se dela.

– Mataram o Dennis Hopper por ele ser um *hippie* – murmurou num tom de conspiração.

Sibel riu-se e olhou-me de esguelha. Jussi tossicou e fez um gesto com a mão na direção de Eva Blau.

– No casarão, não precisavas de ouvir as nossas tolices – disse, com o seu forte sotaque.

A sala ficou em completo silêncio. Pensei que Eva não podia entender o que o casarão significava para o grupo, mas não se

importou. Virou-se para Jussi e parecia que ia reagir de maneira agressiva, mas ele olhou-a com uma expressão tão tranquila e séria que ela se conteve e voltou a sentar-se.

– Eva, vamos começar com alguns exercícios de descontração e de respiração – expliquei-lhe. Depois, vou hipnotizar todos, um a um, ou um par ao mesmo tempo. Naturalmente, todos participam, independentemente do nível de consciência em que se encontrem.

Um sorriso irónico perpassou pelos lábios de Eva.

– E, de vez em quando – acrescentei –, se sinto que está a resultar, tento que o grupo inteiro entre num estado de hipnose profunda.

Puxei a cadeira para a frente e pedi-lhes para fecharem os olhos e se recostarem.

– Os pés devem estar assentes no chão, as mãos em cima dos joelhos.

Enquanto procurava descontraí-los, pensei que devia começar a pesquisar os segredos de Eva Blau. Era importante que ela contribuísse com algum tema, para entrar em comunhão com os demais. Fiz a contagem regressiva e escutei atentamente a respiração de cada um, colocando-os num estado de hipnose ligeira, deixando-os a flutuar sob a superfície prateada das águas.

– Eva, agora vou ocupar-me só de ti – disse tranquilamente. – Deves confiar em mim. Vou tomar conta de ti durante a hipnose, nada de perigoso te vai acontecer. Vais sentir-te descontraída e segura, ouvirás a minha voz e seguirás as minhas instruções. Respeita sempre as minhas indicações, sem questioná-las previamente. Sentir-te-ás envolta na corrente das minhas palavras, nem antes nem depois, mas sempre no meio delas...

Mergulhámos na água cinzenta e vislumbrei o resto do grupo, suspenso, com o cimo das cabeças colado ao espelho ondulado. Então, submergimos na profundidade escura das águas, ao longo de uma corda grossa e forte, um cabo com farrapos de algas ondulantes.

Na realidade, ao mesmo tempo, eu estava de pé, atrás da cadeira de Eva Blau, com uma mão sobre o seu ombro, a falar-lhe, com voz calma e sussurrante. Os seus cabelos cheiravam a tabaco. Recostada no espaldar da cadeira, mostrava estar totalmente descontraída.

No meu próprio transe, a água diante dela surgia umas vezes castanha, outras cinzenta. O rosto permanecia na sombra, a boca bem fechada. Uma ruga profunda via-se-lhe entre as sobrancelhas, mas os olhos eram completamente escuros. Perguntei-me por onde devia começar. Na verdade, sabia muito pouco a seu respeito. As informações escritas de Lars Ohlson não continham praticamente nada sobre o seu passado. Seria obrigado a investigá-lo por minha conta e decidi tentar uma entrada muito cautelosa. Acontecia muitas vezes que a tranquilidade e a boa disposição constituíam o caminho mais curto para os problemas mais difíceis.

– Tens dez anos, Eva – disse, contornando as cadeiras dispostas em semicírculo para a poder ver de frente.

O seu peito mal se movia. Respirava com movimentos calmos e suaves da barriga.

– Tens dez anos, Eva. Dez anos. Está um dia bonito e estás contente. Porque estás contente?

Eva fez beicinho, sorriu fazendo uma careta, e disse:

– Porque o homem dança e patinha nas poças de água.

– Quem está a dançar? – perguntei.

– Quem? – repetiu, e ficou em silêncio um breve instante. – Gene Kelly, diz a mamã.

– Ah, estás a ver o filme *Serenata à Chuva*.

– A mamã é que está a ver.

– E tu, não? – perguntei.

– Oh, sim, claro. – Sorriu com os olhos semicerrados.

– E estás contente?

Eva Blau balançou a cabeça, a confirmar que sim.

– E o que está a acontecer?

Vi que apertava os lábios com força e baixava a cabeça. De repente, surgiu uma expressão estranha nos seus lábios.

– Eva?

– A minha barriga cresceu – disse, num fio de voz.

– A tua barriga?

– Vejo que está muito inchada – soluçou.

Jussi respirava fundo, ao lado dela. Pelo canto do olho, reparei que movia os lábios.

– O casarão – sussurrou ele, sob leve hipnose. – O casarão.

– Eva, tens de me ouvir – disse. – Podes ouvir todos os outros aqui na sala, mas só perceberás a minha voz. Não te deves importar com o que os outros dizem. Presta apenas atenção à minha voz.

– Está bem – concordou, com uma expressão satisfeita.

– Sabes porque tens a barriga grande? – perguntei.

Ela não respondeu. Eu continuava a observá-la de frente. Tinha o rosto sério e preocupado, com o olhar perdido nalgum pensamento, nalguma recordação. De repente, tive a impressão de que continha um sorriso.

– Não sei – respondeu finalmente.

– Oh, sim. Acho que sabes – arrisquei. – Mas vamos continuar no teu ritmo, Eva. Não precisas de pensar nisso agora. Queres ver novamente a televisão? Eu acompanho-te, todos aqui te acompanham, sempre, independentemente do que aconteça. É uma promessa. Foi isso que prometemos e tu podes confiar.

– Quero entrar no casarão – sussurrou ela.

Achei que alguma coisa não batia certo, enquanto fazia a contagem decrescente e lhes falava de uma escada que descia continuamente. Vi-me mergulhado em água morna, enquanto ia descendo ao longo de uma rocha subaquática, cada vez mais fundo.

– Abre a porta.

Eva Blau levantou o queixo, humedeceu os lábios, encovou as faces e sussurrou:

– Estou a vê-los a levarem alguém. Simplesmente aproximam-se dela e agarram-na.

– Quem são eles e quem agarram? – perguntei.

Ela começou a respirar de maneira irregular. O seu rosto ficou mais tenso. As águas turvas passaram, revoltas, diante dela.

– Um homem com rabo de cavalo. Ele pendura a pequena... – lamentou-se.

Vi que se agarrava fortemente com uma das mãos ao cabo das algas ondulantes. E as pernas movimentavam-se num lento esprear.

De um salto, saí da hipnose, consciente de que Eva Blau mentia, não estava hipnotizada. Não entendi como o descobri, mas estava absolutamente certo disso. Ela esquivou-se das minhas palavras, bloqueara as minhas sugestões. A minha mente sussurrou-me em

tom glacial: «Ela mente, não está hipnotizada, nem um pouco.»

Vi-a a baloiçar-se na cadeira, para a frente e para trás.

– O homem puxa por aquela pobre criatura. Puxa por ela com muita força...

De repente, os olhos de Eva Blau encontraram-se com os meus. E ficou imóvel. Uma gargalhada de troça estampou-se nos seus lábios.

– Representei bem? – perguntou.

Não respondi. Fiquei parado no lugar, vendo-a levantar-se, tirar o impermeável do bengaleiro e, depois, sair da sala tranquilamente.

Escrevi a palavra «Casarão» num papel, envolvi com ele a cassete de vídeo número 14 e prendi-o com um elástico. Em vez de arquivar a cassete como normalmente fazia, levei-a para o meu gabinete. Queria analisar a mentira de Eva Blau e a minha própria reação, mas já no corredor dei-me conta do que não batia certo desde o início: o rosto de Eva parecia consciente. Tentou parecer delicada, nunca mostrara o ar descontraído e sincero que os hipnotizados apresentam. Quem está sob hipnose pode sorrir, embora não sorria com o seu sorriso habitual, mas com outro, brando e adormecido.

Quando cheguei ao gabinete, a jovem médica esperava-me junto à porta. Surpreendi-me, ao recordar o seu nome: Maja Swartling.

Cumprimentámo-nos e, antes que eu tivesse tempo de abrir a porta, ela apressou-se a dizer:

– Desculpa ser tão insistente, mas estou a basear grande parte da minha tese na tua investigação. E não só eu, como também o meu orientador, gostaríamos que eu pudesse participar nela.

Olhou-me com um ar sério.

– Compreendo – disse-lhe.

– Posso fazer algumas perguntas? – pediu finalmente. – Isto é, autorizas-me que o faça?

De repente, o olhar dela pareceu-me o de uma menina: atento, mas inseguro. Tinha os olhos de um negro brilhante, que contrastavam com a pele excecionalmente branca. Os cabelos estavam bem penteados, entrançados em forma de grinalda. Era um penteado antiquado, mas que lhe ficava bem.

– Então? Não te importas? – insisti, de modo encantador. – Não imaginas como posso ser insistente.

Notei que lhe sorri. Havia nela uma frescura e uma sinceridade que me levou a abrir os braços e responder que estava à disposição. Maja sorriu abertamente, com um longo olhar de satisfação. Abri a porta e ela entrou sem rodeios no gabinete. Sentou-se na cadeira das visitas, puxou de um bloco de notas e um lápis e, em seguida, ficou a olhar para mim, sorridente.

– O que é que queres perguntar-me?

Corou intensamente e começou a falar, ainda com um sorriso tão amplo que parecia incapaz de o conter.

– Podíamos começar pela prática... O que achas sobre a possibilidade de um paciente te enganar? De só dizer aquilo que ele acha que tu queres ouvir?

– Na verdade, isso aconteceu hoje mesmo. – Sorri. – Uma paciente não quis ser hipnotizada. Resistiu e, naturalmente, não entrou em hipnose, embora tenha fingido que sim.

Maja tinha-se acalmado, parecia menos insegura. Inclinou-se para a frente, contraiu os lábios e perguntou:

– Fingiu?

– Eu descobri, claro.

Ergeu as sobrancelhas, inquisitiva:

– Como?

– Para começar, há uma série de sinais externos muito nítidos do repouso hipnótico. O mais importante é que o rosto perde toda a afetação.

– Podes desenvolver esse ponto?

– Estando consciente, mesmo a pessoa mais descontraída, controla a expressão do rosto. A boca fica fechada, há atividade nos músculos faciais e nos olhos... Mas, ao ser hipnotizada, nada disso está presente. A boca fica aberta, o queixo cai, o olhar perde-se... É difícil de descrever, mas percebe-se a diferença.

Parecia que Maja queria perguntar qualquer coisa, de modo que fiz uma pausa. No entanto, negou com a cabeça e pediu-me para continuar.

– Li os teus relatórios – disse ela. – O grupo de hipnotismo é constituído não apenas por vítimas, isto é, não apenas por pessoas que sofreram abusos, mas também por abusadores, pessoas que submeteram outras a coisas terríveis.

– Tudo funciona da mesma maneira no subconsciente...

– Referes-te a...

– Espera, Maja... E, no contexto de terapia de grupo, isso é, de facto, um recurso.

– Interessante – comentou, tomando nota. – Gostaria de voltar a essa questão, mas agora queria saber como é que o abusador se vê a si mesmo durante a hipnose. Chegas a insinuar que a vítima, frequentemente, substitui o abusador por outra coisa, por exemplo, um animal.

– Ainda não tive tempo de pesquisar como é que o abusador se vê a si mesmo, e não pretendo cair em especulações.

Ela inclinou a cabeça:

– Mas deves ter pressentido alguma coisa.

– Tenho um paciente que...

Calei-me e comecei a pensar em Jussi Persson, o homem de Norrland que carrega às costas a sua solidão, como se se tratasse de um peso terrível.

– O que ias a dizer?

– Sob hipnose, esse paciente regressa a uma torre de caça. É como se a espingarda o dominasse, atira e mata veados, deixando-os estendidos no chão. Quando fica consciente, nega que houvesse veados e diz que costuma ficar sentado na torre à espera de que apareça uma ursa.

– É isso que ele diz quando está consciente? – pergunta, espantada.

– Ele tem uma casa em Västerbotten.

– Ai sim? Pensei que ele morava aqui – riu.

– A história da ursa deve ser verdadeira – continuei. – Há muitos ursos nessa região. Jussi contou que uma ursa enorme lhe matou o cão, anos atrás.

Permanecemos sentados, olhando um para o outro em silêncio.

– Já é tarde – disse eu.

– Mas ainda tenho muitas perguntas...

Ergui as mãos.

– Podemos ver-nos mais vezes.

Ela olhou para mim. De repente, senti um estranho calor pelo corpo ao reparar numa fina nuvem de rubor a espalhar-se pela brancura da sua pele. Havia uma espécie de cumplicidade entre nós, um misto de seriedade e de vontade de rir.

– Posso convidar-te para uma bebida como agradecimento? Há um restaurante libanês bastante agradável...

Ela emudeceu de repente, quando o telefone tocou. Pedi desculpa e atendi.

– Erik?

Era Simone. Parecia tensa.

– O que foi? – perguntei.

– Eu... Estou nas traseiras da nossa casa, na faixa para bicicletas. Parece que alguém forçou a entrada.

Um estremecimento gelado percorreu-me o corpo. Lembrei-me da palmatória que encontráramos em frente da porta, o antigo instrumento de castigo.

– O que aconteceu?

Ouvi Simone a engolir em seco. Afastado, o ruído de crianças a brincar. Talvez estivessem no campo de futebol. Ouvi um apito e alguns gritos.

– O que foi isto? – perguntei.

– Nada, uma turma da escola – respondeu, procurando parecer serena. – Erik – continuou, apressada –, a porta da varanda do quarto de Benjamin foi forçada. Partiram o vidro.

Pelo canto do olho, vi Maja Swartling pôr-se de pé e perguntar-me com um gesto se devia sair.

Acenei que sim e encolhi os ombros, a lamentar a ocorrência.

Sem querer, embateu na cadeira, que fez barulho ao arrastar-se no chão.

– Estás sozinho? – perguntou Simone.

– Sim – respondi, sem saber porque mentia.

Maja despediu-se com a mão e fechou a porta sem ruído. Ainda podia sentir o seu perfume simples e fresco.

– Fizeste bem em não entrar – continuei. – Ligaste para a Polícia?

– Erik, estás esquisito. Aconteceu alguma coisa?

– Para além de que talvez haja um ladrão em nossa casa, neste mesmo instante? Telefonaste para a Polícia?

– Sim, telefonei para o meu pai.

– Ótimo.

– Disse-me que viria imediatamente.

– Tens de sair daí, Simone.

– Estou na faixa dos ciclistas.

– Consegues ver a casa?

– Sim.

– Se podes ver a casa, alguém que esteja lá dentro também te pode ver a ti.

– Chega – reagiu.

– Vai para o campo de futebol, por favor. Vou já para aí.

Estacionei atrás do *Opel* sujo de Kennet, puxei o travão de mão, tirei a chave e saí do carro. Kennet veio a correr na minha direção. Tinha uma expressão preocupada.

– Onde diabo se meteu a Sixan? – exclamou.

– Disse-lhe para esperar no campo de futebol.

– Ótimo, estava com medo de que...

– Caso contrário, ela teria entrado. Eu conheço-a, tem a quem sair.

Riu-se e deu-me um abraço forte.

– Que prazer em ver-te, rapaz.

Começámos a contornar a fileira de casas para chegar às traseiras da nossa. Simone estava apenas um pouco afastada. Provavelmente, esteve sempre a vigiar a porta da varanda que dava diretamente para o nosso jardim. Ergueu os olhos, largou a bicicleta, correu e veio abraçar-me, um abraço bem apertado. Olhou por cima do meu ombro e disse:

– Olá, papá.

– Vou entrar – disse ele, sério.

– Vou contigo – prontifiquei-me.

– Mulheres e crianças esperam cá fora, não? – suspirou Simone.

Saltámos por cima da cerca de madeira e atravessámos o relvado, onde havia uma mesa e quatro cadeiras brancas de plástico.

Havia pedaços de vidro espalhados pelos degraus da escada de acesso à varanda, e, na carpete do quarto de Benjamin, via-se uma grande pedra, entre estilhaços de vidro e lascas de madeira. Dirigimo-nos para o interior da casa, e, entretanto, pensei que não me podia esquecer de falar com Kennet acerca da palmatória, o instrumento de castigo que encontráramos diante da porta da frente.

Simone seguiu-nos e acendeu a luz do teto. Tinha o rosto afogoeado e os cabelos, de um loiro avermelhado, caíam-lhe pelos ombros.

Kennet entrou no corredor, olhou para o interior do quarto, à direita, e da casa de banho. O candeeiro de pé da sala estava ligado. Na cozinha, havia uma cadeira caída no chão. Percorremos todas as divisões, mas nada parecia faltar. Não fora um roubo. Alguém

entrara na casa de banho mais pequena do andar térreo e espalhou o papel higiénico pelo chão. Kennet olhou para mim com uma expressão de estranheza.

– Tens assuntos pendentes com alguém? – perguntou.

Neguei com a cabeça.

– Não, que eu saiba – respondi. – É claro que me encontro com muitas pessoas emocionalmente instáveis... mas também tu.

Ele concordou.

– Não levaram nada – disse.

– Papá, isso é normal? – perguntou Simone.

Kennet negou com a cabeça.

– Não é normal, não. Em especial, por terem partido o vidro da porta. Alguém quis que soubessem que ele ou ela tinha estado aqui.

Simone continuava na ombreira da porta do quarto de Benjamin.

– Tenho a impressão de que alguém se deitou em cima da cama dele – disse em voz baixa. – Como se chama aquele conto? *Caracóis de Oiro e os Três Ursinhos*, não é?

Corremos ao nosso quarto e constatámos que alguém também se deitara na nossa cama. A colcha tinha sido puxada e os lençóis estavam amarrotados.

– Que coisa esquisita – comentou Kennet.

Houve um breve silêncio.

– A palmatória – exclamou Simone, de súbito.

– Claro! Pensei nisso e esqueci-me outra vez – disse, encaminhando-me para o vestíbulo, para ir buscar a palmatória ao bengaleiro.

– Que raio é isso? – perguntou Kennet.

– Foi deixada em frente da nossa porta – explicou Simone.

– Deixa-me ver – pediu Kennet.

– Acho que é uma palmatória – disse eu. – Uma coisa com que se puniam as crianças antigamente.

– Muito bom para disciplinar – disse Kennet, a sorrir. E experimentou, sentindo-lhe o efeito.

– Não gosto nada disto. É tudo muito desagradável – comentou Simone.

– Receberam alguma ameaça ou algo que pudesse ser

considerado como tal?

– Não – respondeu ela.

– Mas talvez o devamos considerar desse modo – impaciente-me. – Talvez alguém pense que devemos ser punidos. Inicialmente, considere a palmatória uma piada de mau gosto, só porque mimamos muito o Benjamin. Quer dizer, para alguém que desconheça a doença do nosso filho, talvez possamos parecer um casal de neuróticos.

Simone foi direta ao telefone e ligou para a creche, para comprovar se estava tudo bem com Benjamin.

*

Nessa noite, deitámos Benjamin cedo e, como habitualmente, estendi-me ao lado dele e contei-lhe o enredo do filme africano de desenhos animados, *Kiriku*. Benjamin vira o filme muitas vezes e, amiúde, queria que lhe contasse a história, antes de adormecer. Se eu me esquecia de algum pormenor, ele recordava-mo e, se continuasse acordado ao terminar a história, Simone tinha de lhe cantar canções de embalar.

Depois de ele adormecer, fizemos um chá e vimos um filme. Sentados no sofá, voltámos a falar do assalto, do facto de nada ter sido roubado, e, em vez disso, terem desenrolado uma grande quantidade de papel higiénico e de se terem deitado nas nossas camas.

– Talvez tenha sido um casal de jovens que precisava de um lugar para fazer sexo – sugeriu Simone.

– Não creio. Nesse caso, haveria mais desordem.

– Não te parece estranho que os vizinhos não tenham dado por isso? Ao Adolfsson não lhe costuma escapar nada.

– Talvez tenha sido ele – insinuei.

– Fazer sexo na nossa cama?

Soltei uma gargalhada e abracei-a. Senti o aroma de um perfume delicado, nem pegajoso nem adocicado. Encostou-se a mim e senti-lhe o corpo magro e juvenil. Meti as mãos debaixo da blusa larga e explorei-lhe a pele. Os seios estavam quentes e túrgidos. Gemeu quando lhe beijei o pescoço e a sua respiração ofegante estrondeou-

me no ouvido.

Despimo-nos à luz ténue da televisão. Ajudámo-nos um ao outro com mãos rápidas e ansiosas, atirámos as roupas para o ar, a rir um para o outro, e beijámo-nos de novo. Ela arrastou-me para o quarto e empurrou-me para cima da cama, brincalhona.

– Está na hora de usares a palmatória? – perguntei.

Ela acenou que sim, aproximou-se, inclinou a cabeça e deixou que os cabelos me acariciassem as pernas. Sorriu de olhos fechados, ao mesmo tempo que se movia para cima. Os caracóis caíram-lhe sobre os ombros sardentos e magros. Os músculos dos braços estavam tensos, quando se sentou em cima das minhas ancas. E as faces ficaram docemente coradas quando a penetrei.

Durante alguns segundos, a recordação de certas fotografias perpassou pela minha mente. Tinha-as tirado na praia, numa ilha grega. Foi uns dois anos antes do nascimento de Benjamin. Tínhamos percorrido a costa de autocarro, e saímos num lugar que nos pareceu ser o mais bonito. Quando percebemos que a praia estava deserta, nem nos preocupámos em vestir os fatos de banho. Nus, comemos melancia morna debaixo do sol intenso e, depois, metemo-nos nas águas claras e pouco profundas, acariciando-nos e beijando-nos. Naquele dia, fizemos amor quatro vezes, na praia, cada vez mais indolentes e apaixonados. Lembrei-me dos cabelos de Simone, emaranhados pela água do mar, do olhar intenso pelo sol, do seu sorriso introspetivo, dos seus seios pequenos, redondos e firmes, dos seus bicos rosados e protuberantes, das suas sardas, do seu ventre plano, do seu umbigo e do seu púbis arruivado.

Simone deixou o corpo debruçar-se sobre o meu e começou a sentir a chegada do orgasmo. Levantou um pouco o corpo, e beijou-me no peito e no pescoço. Respirava cada vez mais depressa. Fechou os olhos, agarrou-se com força aos meus ombros e sussurrou-me:

– Erik, meu querido, continua, por favor, não pares...

Os movimentos de Simone passaram a ser mais rápidos, mais intensos, tinha as costas e as nádegas molhadas de suor. Deu um grito abafado e continuou a mexer-se com força para cima e para baixo. Deteve-se um instante, com as coxas a tremer, continuou um pouco mais e parou, gemendo. Respirou fundo, humedeceu os

lábios e apoiou as mãos no meu peito. Arquejou e fixou os olhos em mim, no momento em que eu recomecei os movimentos, não mais preocupado em aguentar-me, deixando-me levar pelo orgasmo, em intensos e deliciosos espasmos.

Estacionei a bicicleta diante do Instituto de Neurologia e fiquei, durante alguns momentos, a ouvir o chilrear dos pássaros e a observar as suas formas de cores claras através da folhagem das árvores. E a pensar que, havia pouco, acordara ao lado de Simone e olhara para os seus olhos verdes.

O meu gabinete estava como o tinha deixado no dia anterior. A cadeira onde se sentara Maja Swartling a entrevistar-me continuava fora do seu lugar habitual e o candeeiro da minha secretária ficara aceso. Eram apenas oito horas e meia da manhã. Teria tempo para reler as minhas anotações sobre a malsucedida sessão de hipnose com Charlotte. Era fácil de entender porque acontecera assim: eu tinha forçado o processo, preocupando-me unicamente com o objetivo. Fora um erro clássico e devia ter-me apercebido disso. Tinha demasiada experiência para cometer erros daqueles. Não adianta forçar um paciente a ver aquilo que ele se nega a ver. Charlotte entrara na sala, mas não quisera levantar os olhos. Devia ter ficado por ali, já tinha sido muito corajosa.

Troquei de roupa, vesti a bata, lavei as mãos e pensei no grupo de pacientes. Não estava satisfeito com o papel de Pierre. Corria atrás de Sibel ou de Lydia, era loquaz e brincalhão, mas mantinha-se muito passivo sob hipnose. Era cabeleireiro, abertamente homossexual e queria ser ator. Tinha aparentemente uma vida normal, exceto num pormenor recorrente: na época da Páscoa, todos os anos, fazia uma viagem com a mãe, fechavam-se no quarto do hotel, bebiam até se embriagar e tinham relações sexuais. O que a mãe não sabia é que Pierre, depois de cada uma dessas viagens, entrava em depressão profunda e tentara suicidar-se várias vezes.

Eu não queria forçar os meus pacientes. Queria que fossem eles próprios a escolher o que desejavam contar.

Bateram à porta. Antes de ter tempo de responder, Eva Blau abriu-a e entrou. Dirigiu-me um gesto muito estranho, como se tentasse sorrir sem mover um único músculo do rosto.

– Não, muito obrigada – disse ela, de repente. – Não precisas de me convidar para jantar, já comi. A Charlotte é uma pessoa muito fina. Faz-me comida; porções para toda a semana, que eu guardo no congelador.

– Isso é um gesto muito simpático da parte dela – assinalei.

– Ela compra o meu silêncio – explicou Eva enigmaticamente, colocando-se atrás da cadeira onde Maja se tinha sentado no dia anterior.

– Eva, queres contar-me porque vieste aqui?

– Não foi para te chupar a picha, quero que saibas.

– Não precisas de continuar a fazer parte do grupo – respondi com calma.

Ela baixou os olhos.

– Já sabia que me odiavas – murmurou.

– Não, Eva. Eu só disse que não és obrigada a fazer parte deste grupo. Certas pessoas não querem ser hipnotizadas, outras não se sentem especialmente inclinadas para tal, apesar de no fundo o desejarem, e outras, ainda...

– Odeias-me – interrompeu-me.

– Estou só a dizer que não posso ter-te nesse grupo, caso não queiras ser hipnotizada.

– Não foi minha intenção – desculpou-se. – Mas não vais meter a picha na minha boca.

– Já chega – exigei.

– Desculpa – sussurrou e tirou qualquer coisa da mala. – Olha, ofereço-te.

Peguei no que ela me estendia. Era uma fotografia: nela via-se Benjamin no dia em que fora batizado.

– É bonita, não é? – disse com orgulho.

Senti o coração a acelerar, a bater com mais intensidade.

– De onde tiraste isto? – inquiri.

– Isso é um segredinho meu.

– Responde-me, Eva. De onde?...

Ela interrompeu-me, em tom provocador:

– Olha por ti e caga-te nos outros, e assim serás feliz.

Olhei novamente para a fotografia. Era do álbum de Benjamin. Conhecia-a muito bem. No verso, viam-se as marcas da cola usada para a fixar no álbum. Fiz um esforço para falar com calma, apesar de sentir o sangue a latejar-me nas têmporas.

– Quero que me digas de onde tiraste esta fotografia.

Sentou-se no sofá, desabotoou a blusa e mostrou-me os seios.

– Mete-me a picha – disse ela. – Assim, ficarás satisfeito.

– Estiveste em minha casa – afirmei.

– E tu, na minha – reagiu, em tom de rebeldia. – Obrigaste-me a abrir a porta...

– Eva, tentei hipnotizar-te. Não é a mesma coisa que arrombar uma porta alheia e entrar.

– Não entrei à força – replicou rapidamente.

– Partiste o vidro de uma janela...

– A pedra é que partiu o vidro.

Estava exausto. Senti que perdia o controlo e reagia com raiva contra uma pessoa confusa e doente.

– Por que razão me tiraste essa fotografia?

– Tu é que tiras coisas! Tiras e continuas a tirar! Que raio dirias se eu tas tirasse a ti? Como é que te sentirias?

Escondeu o rosto entre as mãos e disse que me odiava. E repetiu-o talvez centenas de vezes, antes de se acalmar.

– Deves compreender que me enfureces quando dizes que tirei as tuas coisas – acrescentou, já serena. – Ofereci-te uma fotografia extraordinariamente bonita.

– Muito bem.

Mostrou um sorriso de satisfação e humedeceu os lábios.

– Dei-te uma coisa – continuou. – Agora quero um presente teu.

– O que queres que te dê? – perguntei calmamente.

– Não estás a brincar, pois não?

– Diz-me só o que queres...

– Quero que me hipnotizes – respondeu.

– Porque deixaste uma palmatória à minha porta? – perguntei.

Eva dirigiu-me um olhar vazio.

– O que é uma palmatória?

– Antigamente, castigavam-se as crianças com palmatórias – expliquei, dominando-me.

– Eu não deixei nada à tua porta.

– Deixaste uma antiga...

– Não mintas – gritou.

Levantou-se e encaminhou-se para a porta.

– Eva, apresentarei uma queixa à Polícia se não entenderes quais são os teus limites, se não entenderes que me deves deixar a mim e à minha família em paz.

- E a minha família? – replicou.
- Escuta-me!
- Porco fascista! – gritou e abandonou o gabinete.

Na minha frente, os meus pacientes estavam sentados em semicírculo. Desta vez, tinha sido fácil hipnotizá-los. Submergíramos todos suavemente. Continuei o trabalho com Charlotte. O seu rosto estava descontraído mas triste, as olheiras profundas, o queixo ligeiramente caído.

– Desculpa – sussurrou.

– Com quem estás a falar? – perguntei.

O rosto contraiu-se-lhe por momentos.

– Desculpa – repetiu.

Esperei. Era evidente que Charlotte se encontrava profundamente hipnotizada. Respirava fundo, mas em silêncio.

– Sabes que connosco estás segura, Charlotte – disse. – Nada poderá acontecer-te. Sentes-te bem, agradavelmente descontraída.

Ela acenou com a cabeça. Eu sabia que ela estava a ouvir-me, a seguir as minhas instruções, já sem poder diferenciar a realidade da hipnose do contexto imediato. No seu estado de hipnose profunda, era como se estivesse a assistir a um filme em que ela própria participava. Era tanto espectadora como atriz, mas não estava dividida em duas personalidades, antes formava uma unidade.

– Não te zangues – suspirou. – Desculpa, por favor. Eu vou compensar-te, prometo. Vou compensar-te.

Ouvia o grupo a respirar profundamente à minha volta e compreendi que estávamos no casarão. Tínhamos entrado na sala perigosa de Charlotte. Era lá que eu queria que ela ficasse. Desejava que tivesse forças suficientes para levantar os olhos do chão e visse alguma coisa, tivesse uma primeira visão daquilo de que tinha medo. Queria ajudá-la sem forçar o processo, sem repetir o erro da semana anterior.

– Está frio na sala de ginástica do avô – disse Charlotte de repente.

– Estás a ver alguma coisa?

– Pranchas compridas de madeira, um balde e um cabo – respondeu num fio de voz.

– Dá um passo atrás – indiquei.

Ela abanou a cabeça.

– Charlotte, dá um passo atrás e põe a mão no puxador da porta.

Vi-lhe as pálpebras a tremer, e de novo as lágrimas brotaram por

entre as pestanas. Apoiava as mãos no regaço, como uma idosa.

– Tocas no puxador da porta e sabes que poderás abandonar a sala quando quiseres – disse eu.

– Posso mesmo?

– Basta empurrar o puxador para baixo e sair.

– Talvez seja o melhor, sair...

Ficou em silêncio, levantou o queixo e virou a cabeça para o lado, lentamente, com a boca entreaberta e uma expressão infantil.

– Vou ficar um pouco mais – declarou em voz baixa.

– Estás sozinha aí dentro?

Negou com a cabeça.

– Ouço-o – murmurou –, mas não consigo vê-lo.

Franziu a testa, como se tentasse ver alguma coisa indefinida, sem nitidez.

– Há um animal aqui dentro – disse repentinamente.

– Que espécie de animal? – perguntei.

– O papá tem um cão muito grande...

– O teu pai está aí?

– Sim, está aqui. Está em pé, a um canto, perto dos espaldares. Está triste, vejo-o nos seus olhos. Ele diz que o fiz sentir mal. Está triste.

– E o cão?

– O cão dá umas passadas à frente das pernas dele, a farejar o chão. Aproxima-se, volta a afastar-se. Agora, está em silêncio junto dele, a arfar. O papá diz que o cão vai cuidar de mim... Não quero, não quero que o cão fique comigo, isso não é...

Charlotte conteve a respiração. Corria o risco de sair da hipnose, se continuasse a avançar.

Uma sombra terrível toldou-lhe o rosto, e pensei que seria melhor abandonar o estado de hipnose e sair daquele mar de negrume. Tínhamos encontrado o cão. Ela tinha ficado no seu lugar, a olhar para ele. Era um grande passo em frente. A seu tempo, resolveríamos a questão de saber quem, na realidade, era o animal.

Quando subíamos, no meio da massa de água, vi que Marek separava os lábios e mostrava os dentes na direção de Charlotte. Lydia estendeu uma mão através de uma nuvem verde-escura de sargaço e algas marinhas. Tentava alcançar e afagar as faces de

Pierre. Sibel e Jussi estavam de olhos fechados e subiam, a sair do transe. Encontrámo-nos com Eva Blau, já suspensa, à superfície.

Estávamos quase acordados. O limite em que a realidade se dissolvia por efeito da hipnose era sempre impreciso, e o mesmo acontecia em sentido inverso, no trajeto de volta ao território da consciência.

– Agora faremos uma pausa – disse, ao mesmo tempo que concentrava a minha atenção em Charlotte:

– Estás a sentir-te bem?

– Sim, obrigada – e baixou os olhos.

Marek levantou-se da cadeira, pediu um cigarro a Sibel e saiu com ela da sala. Pierre ficou sentado no seu lugar, ao lado de Jussi. Olhava para o chão e passou rapidamente as costas da mão pelos olhos, como se tivesse chorado. Lydia levantou-se devagar, esticou os braços lentamente por cima da cabeça e bocejou. Pensei dizer algumas palavras a Charlotte, que me alegrava por ela ter decidido permanecer um pouco no casarão, mas já não a vi na sala.

Peguei no meu bloco para registar umas rápidas anotações, mas fui interrompido por Lydia, que veio ter comigo. As suas joias tilintavam suavemente e senti o seu perfume almiscarado, quando se pôs ao meu lado e perguntou:

– A minha vez não está para breve?

– Na próxima sessão – respondi, sem levantar os olhos das minhas anotações.

– Porque não hoje?

Pousei a caneta e olhei para ela.

– Porque tinha pensado continuar com a Charlotte e, depois, com a Eva.

– Acho que a Charlotte disse que ia para casa.

Sorri-lhe.

– Vamos esperar para ver – rematei.

– E se ela não voltar? – insistiu ela.

– Nesse caso, sim, Lydia, é claro.

Ficou a observar-me por um momento, enquanto eu pegava novamente na caneta e começava a fazer as anotações.

– Duvido de que a Eva possa entrar em hipnose mais ou menos profunda – declarou Lydia, de repente.

Levantei novamente os olhos.

– Porque, na realidade, ela não quer encontrar-se com o seu corpo etéreo – continuou.

– Corpo etéreo?

Ela sorriu, envergonhada.

– Sei que usas outras palavras – disse –, mas sabes a que me refiro.

– Lydia, procuro ajudar todos os meus pacientes – disse simplesmente.

Inclinou a cabeça para o lado.

– Mas não vais conseguir nada, pois não?

– Porque achas que não?

Encolheu os ombros.

– Segundo as estatísticas, um de nós vai suicidar-se. Dois ou três serão internados e...

– Não se pode raciocinar dessa maneira – tentei explicar-lhe.

– Eu posso – interrompeu-me. – Porque quero fazer parte daqueles que se salvam.

Deu mais um passo na minha direção e, com uma expressão inesperadamente cruel, acrescentou em voz baixa:

– Acho que a Charlotte será das que acabam com a própria vida.

Antes de eu ter tempo para responder, ela suspirou e acrescentou:

– Pelo menos, não tem filhos.

Depois foi sentar-se na sua cadeira. Quando olhei para o relógio, verifiquei que já tinham passado mais de quinze minutos. Pierre, Lydia, Jussi e Eva tinham voltado aos seus lugares. Chamei Marek, que andava para trás e para diante no corredor, a falar sozinho. Sibel estava a fumar junto à porta e riu com ar cansado quando lhe pedi para entrar.

Lydia olhou para mim, satisfeita, quando por fim comprovei que Charlotte não voltara.

– Muito bem – recomecei, juntando as mãos. – Vamos continuar.

Passei os olhos pelos rostos na minha frente. Estavam preparados. Na realidade, as sessões eram sempre melhores depois da pausa. Era como se todos ansiassem por voltar às profundezas, como se a luz e o som sussurrante do fundo do mar nos

convidassem a submergir de novo.

O efeito da indução foi imediato. Lydia entrou em hipnose profunda em apenas dez minutos.

Mergulhámos e senti a temperatura amena das águas a envolver-me a pele. O grande bloco de rocha estava coberto de corais. Flutuando nas correntes, movimentavam-se os tentáculos dos pólipos. Eu observava todos os pormenores, cada uma das cores vibrantes e luminosas.

– Lydia, onde te encontras? – perguntei.

Ela humedeceu os lábios ressequidos e deitou a cabeça para trás, os olhos levemente fechados, mas mantinha um traço de irritação na boca e uma ruga na testa.

– Pego na faca.

A sua voz era seca e áspera.

– Que espécie de faca? – perguntei.

– A faca dentada do balcão da cozinha – disse, surpreendida. Depois, permaneceu em silêncio por alguns momentos, com a boca entreaberta.

– Uma faca do pão?

– Sim – disse ela a sorrir.

– Continua.

– Corto o semifrio em dois pedaços. Levo um deles e uma colher para o sofá, em frente da televisão. A Oprah Winfrey vira-se para o doutor Phil. Ele está sentado no meio do público e levanta o indicador. Amarrou uma fita vermelha em torno do dedo e vai começar a explicar porquê, quando Kasper desata a gritar. Sei que não quer nada, tenta apenas provocar-me. Grita porque sabe que isso me enfurece, que não aguento má-criação dentro de casa.

– Ele grita porquê?

– Sabe que eu quero ouvir o que diz o doutor Phil, sabe que eu gosto da Oprah... É por isso que ele grita.

– O que é que ele diz quando grita?

– Separam-nos duas portas fechadas, mas oiço que me grita palavras grosseiras. Diz: «cona, cona, cona...»

Lydia está corada e vê-se-lhe o suor na testa.

– E o que é que fazes? – perguntei.

Voltou a humedecer os lábios, com a respiração profunda.

– Aumento o som na televisão – respondeu com uma voz abafada. – Há um burburinho, ouvem-se os aplausos, mas o programa já não me parece divertido. Ele estragou-me aquele momento. É assim, mas eu devia ensiná-lo.

Sorriu levemente com os lábios fechados. Tinha o rosto muito pálido e as águas cintilavam-lhe na testa em espirais metálicas.

– E ensinaste? – perguntei.

– O quê?

– O que estás a fazer, Lydia?

– Eu... passo pela copa e desço para a sala. Ouvem-se assobios e sons esquisitos no quarto do Kasper, é... Não sei o que ele está a fazer, só quero voltar a subir para ver o programa de televisão, mas continuo a andar para a porta, abro-a e entro...

Calou-se e a água saiu com força pelos lábios ligeiramente abertos.

– Entras – repeti. – Onde entras, Lydia?

Os lábios mexeram-se ligeiramente. As bolhas de ar cintilaram e desvaneceram-se.

– O que estás a ver? – insisti, cautelosamente.

– Kasper finge que está a dormir quando entro no quarto dele – respondeu, devagar. – Rasgou a fotografia da avó. Prometeu ter cuidado se lha emprestasse, era a única que tinha. Agora, destruiu-a e, simplesmente, finge que está a dormir. Acho que vou ter de falar a sério com Kasper, no domingo. É aos domingos que analisamos como nos comportámos um com o outro. Bem gostaria de saber que conselho me teria dado o doutor Phil. Reparo que continuo com a colher de sobremesa na mão. Ao olhar para ela, não me vejo refletida no metal, mas um ursinho de peluche. Deve estar pendurado no teto...

Lydia franziu os lábios, subitamente aflita. Procurou rir-se, mas da sua boca saíram apenas sons estranhos. Tentou novamente, mas não soou como gargalhada.

– O que estás a fazer? – perguntei.

– Estou a olhar – disse, erguendo os olhos.

De repente, Lydia escorregou da cadeira e bateu com a cabeça no assento. Corri para ela. Ficou sentada no chão, ainda sob hipnose, mas não profunda. Olhou-me perplexa, de olhar assustado,

enquanto eu lhe falava num tom tranquilizador.

Não sei porque senti que devia telefonar a Charlotte. Alguma coisa me preocupava. Talvez porque, durante a hipnose, a convencera a ficar no casarão mais tempo do que na realidade podia suportar. Desafiara o seu orgulho e persuadira-a a erguer o olhar e a ver, pela primeira vez, o enorme cão que avançava em frente das pernas do pai. Preocupava-me o seu comportamento, ao abandonar a sessão sem dar qualquer explicação nem agradecer, como sempre fazia.

Arrependi-me imediatamente quando marquei o número do telemóvel dela, no entanto, esperei até ouvir a voz da caixa do correio. Então, desliguei.

Após um almoço tardio no restaurante Stallmästaregården, voltei de bicicleta para o Hospital Karolinska. Soprava um vento gélido, mas a luminosidade primaveril resplandecia nas ruas e nas fachadas das casas.

Afastei a preocupação em relação a Charlotte, tentando convencer-me de que havia passado por uma experiência tão forte que precisava de ficar em paz por algum tempo, com os seus sentimentos. As folhas das árvores do cemitério do Norte esvoaçavam ao sabor do vento e da luz.

Kennet iria buscar Benjamin nesse dia. Tinha prometido ao neto trazê-lo da creche no carro da polícia. O miúdo dormiria em casa dele, pois eu tinha de trabalhar até tarde e Simone ia à ópera com umas amigas.

Prometera a Maja Swartling deixar-me entrevistar pela segunda vez. Reparei, então, que ansiava falar com ela. Sentia-me satisfeito porque, em princípio, as minhas teorias tinham sido confirmadas por Charlotte.

Enfie-me pelo corredor em direção ao meu gabinete. A entrada do hospital estava praticamente vazia, com exceção de algumas senhoras idosas à espera do autocarro para deficientes. Lá fora, o tempo estava lindo: o sol brilhava e partículas de poeira flutuavam, suspensas na luz. Pensei que devia ir correr um pouco ao final do dia, assim que terminasse o serviço.

Quando cheguei ao meu gabinete, misto de escritório e quarto de descanso nas noites de turno, já Maja Swartling estava à minha espera, junto da porta. Os seus lábios carnudos, pintados de

vermelho, abriram-se num sorriso, e o travessão preso aos cabelos negros de azeviche brilhou quando ela se inclinou num cumprimento respeitoso e perguntou, com a sua habitual malícia:

– Espero que não te tenhas arrependido de me ter concedido a entrevista número dois.

– Claro que não – respondi, sentindo um formigueiro interior quando me detive perto dela, para lhe abrir a porta.

Os nossos olhares cruzaram-se e eu vi uma inesperada seriedade na sua expressão, quando passou por mim e entrou na sala. De súbito, tive consciência do meu próprio corpo, dos meus pés, da minha boca. Ela corou ao pegar na pasta cheia de papéis, na caneta e no bloco de apontamentos.

– O que aconteceu desde que nos vimos da última vez? – perguntou.

Convidei-a a tomar um café que fiz na pequena cozinha e, em seguida, comecei a relatar-lhe a bem-sucedida sessão do dia.

– Creio que encontrei o abusador de Charlotte – disse. – Aquele que lhe causou tanto mal que a levou a tentar o suicídio, uma e outra vez.

– Quem é?

– Um cão – respondi, sério.

Maja não se riu. Estava bem informada e sabia que uma das minhas teses, a mais ousada e mais apelativa, tinha por base a antiquíssima estrutura das fábulas: representar pessoas por intermédio de animais é uma das mais antigas maneiras de contar alguma coisa que, de outro modo, seria proibido e resultaria demasiado aterrador ou tentador. Para os meus pacientes, era uma maneira de expressar o incompreensível, pois quem devia cuidar deles e amá-los, em vez disso, ferira-os do modo mais horroroso que se possa imaginar.

Para mim, era muito fácil, quase deslealmente fácil, falar com Maja Swartling. Ela conhecia o tema sem ser especialista, formulava perguntas inteligentes e sabia ouvir.

– E Marek Semiovic? Como é que vão as coisas com ele? – perguntou, de caneta nos lábios.

– Conheces o passado dele. Chegou aqui como refugiado durante a guerra na Bósnia e, na realidade, só lhe trataram das feridas

físicas.

– Sim. Eu sei.

– Ele é uma figura interessante para as minhas pesquisas, embora ainda não tenha entendido bem o que lhe aconteceu, pois, quando está sob hipnose profunda, vai sempre dar à mesma sala, às mesmas recordações. É obrigado a torturar pessoas que conhece, rapazes com quem brincou. E, depois, acontece sempre a mesma coisa.

– Durante a hipnose?

– Sim. Recusa-se a continuar.

Maja anotou qualquer coisa, folheou o bloco e ergueu o olhar.

Achei por bem não lhe contar que Lydia tinha caído da cadeira durante a sessão e, em vez disso, passei a explicar-lhe as minhas ideias em relação ao facto de que, durante a hipnose, o livre-arbítrio do paciente só se encontrar limitado pela impossibilidade de ele mentir a si próprio.

O tempo passou e anoitecera. O silêncio imperava no corredor deserto, do lado de fora do meu gabinete.

Maja guardou as suas coisas na pasta, enrolou o xaile à volta do pescoço e pôs-se de pé.

– O tempo passou a voar – desculpou-se.

– Obrigado pelo dia de hoje – agradeceu, estendendo-lhe a mão.

Hesitou um instante, mas resolveu perguntar:

– Posso convidar-te para tomar alguma coisa esta noite?

Ponderei. Simone e as amigas iam à ópera ver a *Tosca* e voltaria tarde para casa. Benjamin ia dormir em casa do avô e eu tinha pensado ficar a trabalhar toda a noite.

– Acho que sim – respondi, com a sensação de estar a cometer uma transgressão.

– Conheço um pequeno restaurante na Roslagsgatan – acrescentou. – Chama-se Peterson-Berger. É bastante simples, mas muito agradável.

– Ótimo – limitei-me a dizer.

Vesti o casaco, apaguei as luzes e fechei a porta do gabinete.

Pegámos nas nossas bicicletas, atravessámos o parque Haga, junto ao lago Brunnsviken e dirigimo-nos a Norrtull. Quase não havia trânsito. Não passava ainda das sete e meia da noite e a

primavera percebia-se pelo chilrear da passarada no meio das árvores.

Estacionámos as bicicletas no pequeno parque em frente do antigo restaurante Claes på Hörnet. Quando entrámos juntos no restaurante e fomos recebidos pela risonha anfitriã, comecei a ter dúvidas. Que estava eu ali a fazer? O que iria dizer se Simone telefonasse a perguntar o que tinha feito? Percorreu-me uma vaga de mal-estar, que logo desapareceu. Maja era uma colega e queríamos continuar a nossa conversa. Simone, afinal, tinha saído com as amigas naquela noite. Provavelmente, naquele momento, estaria no restaurante da ópera a tomar um copo de vinho.

Maja parecia expectante. Por mim, não percebia muito bem o que estava ela ali a fazer na minha companhia. Era exceccionalmente bonita, jovem e extrovertida; eu devia ser uns quinze anos mais velho do que ela e era casado.

– Adoro a espetada de frango com cominhos que fazem aqui – disse ela, avançando para uma mesa, ao fundo do local.

Sentámo-nos e imediatamente veio uma empregada de mesa com um jarro de água. Maja apoiou o rosto na mão, olhou para o copo e disse calmamente:

– Se nos cansarmos deste lugar, podemos ir para minha casa.

– Maja, estás a tentar seduzir-me?

Riu-se e as covinhas na cara ficaram mais pronunciadas.

– O meu pai costumava dizer que eu nasci assim. Uma sedutora incorrigível.

Dei-me conta de que não sabia nada a seu respeito, e que ela, pelo contrário, obviamente averiguara tudo o que eu tinha feito.

– O teu pai também era médico? – perguntei.

Confirmou.

– O professor Jan E. Swartling.

– O neurocirurgião? – perguntei, admirado.

– Ou como quer que se lhe chame a alguém que remexe no cérebro de outra pessoa – respondeu amargamente.

Foi a primeira vez que o sorriso se desvaneceu do seu rosto.

Enquanto comíamos, comecei a sentir-me cada vez mais tenso com a situação. Bebi muito depressa e pedi mais vinho. Parecia que os olhares do pessoal, a óbvia suposição de que éramos um casal,

me tinham posto nervoso, inquieto. Fiquei meio bêbado, nem sequer conferi a conta no momento de assinar o recibo. Limitei-me a amarfanhá-lo e a atirá-lo para o cesto de papéis do bengaleiro, sem acertar. Já na rua, na amena noite primaveril, estava disposto a voltar para casa, quando Maja apontou para uma porta e perguntou se eu não queria subir, apenas para ver o apartamento dela e tomar um chá.

– Maja – disse eu –, o teu pai tinha toda a razão, és incorrigível. Ela riu dissimuladamente e meteu o braço no meu.

Subimos no elevador muito próximos um do outro. Eu não conseguia deixar de olhar para os seus lábios carnudos e sorridentes, os dentes brancos como pérolas, a testa alta e o cabelo negro e brilhante.

Maja notou o meu olhar e acariciou-me cautelosamente a face. Inclinei-me para a frente e estive prestes a beijá-la, mas contive-me quando o elevador parou com uma sacudidela.

– Vem – sussurrou, abrindo a porta.

O apartamento era diminuto, mas muito acolhedor. As paredes estavam pintadas de azul-celeste e a única janela tinha cortinas brancas de linho. O recanto da cozinha era airoso, com o chão de cerâmica branco e um pequeno e moderno fogão a gás. Maja dirigiu-se para lá e ouvi que abria uma garrafa de vinho.

– Pensei que íamos tomar chá – disse, quando ela voltou com a garrafa e dois copos nas mãos.

– Isto é melhor para o coração – argumentou.

– Nesse caso, está bem – respondi, e entornei um pouco de vinho na mão, ao pegar no copo.

Ela limpou-me com um pano de cozinha, sentou-se na cama estreita e reclinou-se.

– Lindo apartamento – comentei.

– É estranho ver-te aqui. – Sorriu. – Admiro-te há muito tempo e...

De repente, saltou da cama.

– Tenho de te tirar uma fotografia – exclamou, rindo-se contidamente. – O grande médico, aqui, em minha casa!

Foi buscar a câmara e concentrou-se.

– Fica sério – disse, olhando pelo visor.

Fotografou-me, rindo, incitou-me a fazer poses, brincou, disse que eu era muito *sexy* e, depois, pediu-me que pusesse cara de aborrecido.

– Inacreditavelmente sensual – riu-se com prazer.

– Vou ser capa da *Vogue*?

– Se não me escolherem primeiro a mim – replicou, entregando-me a câmara.

Levantei-me e senti que cambaleava. Olhei pelo visor e vi que se deitara na cama.

– Tu ganhas – disse, tirando-lhe uma fotografia.

– O meu irmão chamava-me sempre «gorducha» – disse. – Achas que sou gorda?

– És incrivelmente bonita – murmurei, ao vê-la sentar-se e tirar a camisola por cima da cabeça.

Um sutiã de seda verde-claro cobria-lhe o peito volumoso.

– Tira-me uma foto, assim – sussurrou, desapertando o sutiã.

Corou ostensivamente e sorriu. Foquei-a no visor e vi-lhe os olhos escuros, profundos, brilhantes, a boca sorridente, os seios firmes, jovens, com os mamilos rosados.

Fotografei-a de vários ângulos, enquanto ela posava e me fazia sinais para me aproximar.

– Vou fazer um primeiro plano – murmurei. E ajoelhei-me, sentindo como o desejo pulsava dentro de mim e me arrastava.

Agarrou um seio com a mão e o *flash* da câmara disparou. Sussurrou-me de novo para que eu me aproximasse. Eu estava com uma forte ereção, sentia dor e tensão nas virilhas. Baixei a câmara, inclinei-me para a frente e prendi-lhe um dos seios com a boca. Ela pressionou-o contra a minha cara e chupei-o, sentindo na língua a firmeza do seu mamilo.

– Meu Deus! – murmurou. – Meu Deus, que maravilha!

A sua pele era ardente, fumegante. Então, desabotoou os *jeans*, baixou-os e tirou-os com uma sacudidela. Levantei-me. Pensei que não devia fazer sexo com ela, que não podia, mas voltei a pegar na câmara e a fotografá-la. Estava só de cuecas, muito finas, em tom verde-claro.

– Vem, vem agora – sussurrou.

Vi-a, de novo, através do visor da câmara. Dirigiu-me um largo

sorriso e abriu as pernas mesmo na minha frente. O púbis negro deixava-se entrever dos lados das cuecas.

– Nós podemos...

– Não posso – respondi.

– Acho que podes. – Sorriu.

– Maja, tu és perigosa. És muito perigosa – disse, pousando a câmara.

– Eu sei que sou travessa.

– Mas eu sou um homem casado, sabes?

– Não achas que sou bonita?

– És lindíssima, Maja.

– Mais bonita do que a tua mulher?

– Deixa-te disso.

– Mas excito-te – suspirou, riu-se e, em seguida, pôs-se séria.

Assenti, recuando, e vi que sorria, satisfeita.

– Posso continuar a fazer as entrevistas?

– É claro – respondi, já a caminho da porta.

Vi-a lançar-me um beijo, que correspondi com outro. Deixei o apartamento, desci rapidamente para a rua e peguei na minha bicicleta.

*

Durante a noite, sonhei que estava a apreciar um alto-relevo com três ninfas. Acordei a dizer qualquer coisa em voz alta, tão alto que ouvi o meu próprio eco no silêncio do quarto escuro. Simone chegara a casa quando eu já estava a dormir e aconchegou-se ao meu corpo para adormecer. Eu estava suado e o álcool ainda corria no meu sangue. O camião do lixo passou na rua, piscando e ribombando, em frente da janela. A casa estava silenciosa. Meti um comprimido na boca e tentei deixar de pensar, mas não consegui afastar da cabeça as imagens daquela noite. Tinha fotografado Maja Svartling praticamente nua. Fotografara-lhe os seios, as pernas, as cuecas verde-claras. Mas não tínhamos feito amor, repeti para mim mesmo. Nem sequer pensei nisso, não queria. Tinha ultrapassado os limites, mas não traíra Simone. Agora, estava bem desperto. Glacialmente desperto. O que estava a acontecer comigo? Como

pudera Maja ter-me convencido a fotografá-la nua? Ela era bonita, sedutora. Tinha sido adulado por ela. Era tudo quanto bastava? Espantado, constatei que acabara de encontrar um ponto fraco em mim: era vaidoso. Nada poderia garantir que eu estava apaixonado por ela. Sentia-me bem na sua companhia em virtude da minha vaidade.

Virei-me na cama e cobri a cabeça com a roupa. Momentos depois, estava de novo a dormir profundamente.

Charlotte não veio à sessão naquela semana, o que me incomodou, pois nesse mesmo dia queria dar seguimento aos seus progressos. Marek entrou em profundo descanso hipnótico. Ficou enterrado na cadeira, com a camisola justa a envolver-lhe os braços fortes e bem trabalhados e os músculos superdesenvolvidos das costas. A cabeça rapada estava coberta de cicatrizes. Mascava lentamente. Levantou a cabeça e olhou-me com uma expressão vazia.

– Não consigo deixar de rir – disse em voz alta –, porque estes choques elétricos põem o tipo de Mostar a saltar, como nos desenhos animados.

Marek parecia satisfeito e meneava a cabeça.

– O rapaz está deitado no chão de cimento, manchado de sangue escuro. Respira com dificuldade, arrasta-se e começa a chorar. Maldição! Grito-lhe que se levante, que o matarei se o não fizer, que lhe vou enfiar a maldita faca pelo cu acima.

Por alguns instantes, Marek ficou calado. Depois, prosseguiu no mesmo tom vazio e leve:

– Ele levanta-se. Tem dificuldade em manter-se de pé. As pernas tremem-lhe, tem o pénis encolhido. Treme, pede compreensão, diz que não fez nada de mal. Aproximo-me dele, vejo-lhe os dentes ensanguentados e aplico-lhe um forte choque elétrico no pescoço. Ele salta, de olhos arregalados, bate várias vezes com a cabeça na parede, esperneia. Eu rio-me às gargalhadas. Desliza para um lado, ao longo do varandim, o sangue jorra-lhe da boca, e acaba por cair a um canto, em cima de um cobertor. Sorrio-lhe, baixo-me e aplico-lhe novo choque, mas o corpo mal estremece, como o de um porco morto. Grito na direção da porta que o espetáculo terminou, mas eles entram com o irmão mais velho do rapaz. Conheço-o, trabalhamos juntos, durante um ano, na Aluminij, a fábrica de...

Marek parou, com o queixo a tremer.

– E o que está a acontecer agora? – perguntei em voz baixa.

Continuou em silêncio, por um momento, antes de recomeçar a falar:

– O chão está coberto de relva verdejante. Agora, já não vejo o rapaz de Mostar, só um monte de relva.

– Não é estranho? – perguntei.

– Não sei, talvez. Mas já não vejo a sala. Estou cá fora, a atravessar um prado, no verão. Sinto a relva húmida e fria debaixo dos pés.

– Queres voltar para o casarão?

– Não.

Pouco a pouco, fi-los sair da hipnose. Assegurei-me de que todos se sentiam bem, antes de começar a conversar. Marek enxugou as lágrimas do rosto e esticou as costas. Tinha grandes manchas de suor nos sovacos.

– Fui obrigado, era o que faziam... Obrigaram-me a torturar os meus antigos companheiros – disse.

– Nós sabemos – anuí.

Olhou para o grupo com uma expressão tímida, inquieta.

– Ri-me porque estava com medo. Eu não sou assim, não sou perigoso – murmurou.

– Ninguém te está a julgar, Marek.

Voltou a esticar as costas e encarou-me com uma expressão orgulhosa.

– Fiz coisas horríveis – disse, coçando o pescoço.

– Foste obrigado.

Marek abriu os braços.

– Mas, onde quer que esteja, sinto-me tão fodido que, às vezes, chego a ter saudades – acrescentou.

– A sério?

– Maldito seja! – blafesinou. – É só um modo de falar. Não sei, não sei nada.

– Acho que te lembras de tudo perfeitamente – interrompeu Lydia, com um leve sorriso nos lábios. – Porque não queres contar?

– Cala-te! – gritou Marek, e aproximou-se dela de mão levantada.

– Senta-te! – ordenei-lhe com firmeza.

– Marek, não me grites – disse Lydia calmamente.

Cruzaram o olhar e ele deteve-se.

– Desculpa – disse, com um sorriso inseguro. Passou a mão pela cabeça várias vezes e voltou a sentar-se.

Durante o intervalo, já com um copo de café na mão, pus-me a olhar pela janela. O dia estava escuro, a chuva cortava o ar, intensa.

O vento que se filtrava, impetuoso, pela janela era frio e trazia um cheiro forte a folhas das árvores. Os meus pacientes começaram a acomodar-se na grande sala da terapia.

Eva Blau estava vestida toda de azul, pintara os lábios finos com *bâton* azul e as pálpebras com sombra da mesma cor. Como habitualmente, parecia inquieta. Punha o casaco de lã pelos ombros e voltava a tirá-lo repetidamente.

Lydia estava de pé, a falar com Pierre. Este escutava-a, fazendo um trejeito repetitivo e doloroso com os olhos e a boca.

Marek virara-me as costas e os seus músculos de culturista ressaltaram quando procurou alguma coisa na mochila.

Levantei-me e fiz sinal a Sibel, que apagou imediatamente o cigarro na sola do sapato e voltou a guardá-lo no maço.

– Vamos continuar – disse, com a ideia de fazer uma nova tentativa com Eva Blau.

Eva tinha uma expressão tensa. Um sorriso provocador espalhava-se pelos lábios pintados de azul. Eu estava avisado da sua complacência manipuladora. Ela não queria ser obrigada, mas eu tinha uma ideia de como insistir no livre-arbítrio que se ocultava por trás da hipnose. Era evidente que ela precisava de ajuda para se descontraír e começar a descer para o estado hipnótico.

Quando pedi ao grupo para deixar cair o queixo para o peito, Eva reagiu imediatamente com um amplo sorriso. Iniciei a contagem decrescente, senti-me cair de costas, com as águas a envolverem-me, mas mantive a vigília durante o tempo todo. Eva olhou de soslaio para Pierre e tentou respirar ao ritmo dele.

– Desçam devagar – disse eu. – Cada vez mais fundo, cada vez mais tranquilos, sentindo uma agradável descontração.

Passei por trás dos meus pacientes, olhando para os seus pescoços pálidos e as costas encurvadas. Pus-me atrás de Eva e coloquei-lhe a mão no ombro. Sem abrir os olhos, voltou-se lentamente, ergueu a cabeça e fez um trejeito com a boca.

– Agora falarei apenas com Eva – declarei. – Quero que permaneças consciente, mas descontraída. Ouvirás a minha voz quando me dirigir ao grupo, mas não ficarás hipnotizada. Sentirás a mesma tranquilidade, a mesma entrega agradável, embora continues acordada.

Vi como os seus ombros se descontraíam.

– Agora, passo a dirigir-me a todos. Ouçam-me, vou começar a contagem decrescente. A cada número, vamos descer mais profundamente no estado de descontração – prossegui. – Eva, tu vais seguir-nos apenas com o pensamento. Permanecerás consciente e desperta.

Enquanto voltava para o meu lugar, continuei a contagem decrescente e, quando me sentei na cadeira, diante de todos, pude constatar que o rosto de Eva estava inexpressivo. Parecia diferente. Era difícil imaginar que se tratava da mesma pessoa. O lábio inferior pendia-lhe, o seu interior cor-de-rosa e húmido contrastava com a maquilhagem azul. Respirava profundamente. Voltei-me para o meu interior, abandonei o controlo e submergi nas águas como se se tratasse do fosso escuro de um elevador. Encontrámo-nos entre os restos de um naufrágio ou dentro de uma casa inundada. Senti uma

corrente de água gelada a roçar a parte inferior do meu corpo e vi bolhas de ar ascendentes e pequenos retalhos de algas a flutuar.

– Continuem a descer, cada vez mais profundamente, com calma – estimulei, com muito cuidado.

Talvez vinte minutos depois, estávamos todos nas profundezas marítimas, sobre uma superfície de aço completamente plana. Algumas conchas tinham aderido ao metal. Aqui e ali, pequenas acumulações de algas. Um caranguejo branco arrastava-se na superfície lisa. O grupo formou um semicírculo, à minha frente.

O rosto de Eva permanecia pálido, submerso na surpresa. Na face, uma luz fraca, emanada das águas. O seu semblante, de tão descontraído, parecia nu e quase monacal. Uma bolha de saliva formou-se na entrada da boca relaxada.

– Eva, quero que descrevas minuciosamente o que estás a ver.

– Está bem – murmurou.

– Conta-nos – tentei. – Onde te encontras?

De repente, o rosto dela revelou uma expressão estranha. Era como se ela própria tivesse ficado espantada com alguma coisa.

– Saí. Estou a andar por um trilho de pinheiros com grandes pinhas, suave e pejado de caruma – murmurou. – Talvez vá ao clube de canoagem para espreitar pela janela das traseiras.

– É o que estás a fazer agora?

Eva confirmou e encheu as bochechas de ar como se fosse uma menina arrelhiada.

– O que estás a ver?

– Nada – apressou-se a responder de modo reservado.

– Nada?

– Apenas uma coisa... Estou a escrever na rua com giz, em frente do portão.

– A escrever o quê?

– Nada de importante.

– Pela janela, não vês nada?

– Não... Só um rapaz. Estou a ver um rapaz – mastigou as palavras. – Um rapaz muito bonito. Está deitado numa cama estreita, num sofá-cama. Um homem com roupão de banho branco deita-se por cima dele. Gosto de olhar para eles. Gosto de rapazes, de lhes tocar, de os beijar.

Mais tarde, Eva permanecia sentada e, com a boca entreaberta, ia percorrendo todos os presentes com o olhar.

- Não estava hipnotizada – declarou.
- Estavas descontraída, também dá resultado – respondi.
- Não, não dá, porque não estava a pensar naquilo que dizia.

Disse coisas diferentes. Não significavam nada. Eram apenas fantasias.

- O clube de canoagem não existe mesmo?
- Não – respondeu asperamente.
- E o trilho suave?
- Inventei – replicou, encolhendo os ombros.

Era evidente que se sentia incomodada por ter sido hipnotizada, por ter descrito uma coisa que acontecera realmente. Eva Blau era uma pessoa que, de nenhum outro modo, contaria qualquer coisa a seu respeito que tivesse a ver com a realidade.

Marek cuspiu na palma da mão, em silêncio, ao reparar que Pierre estava a olhar para ele. Este corou e desviou o olhar rapidamente.

– Eu nunca fiz nada de mal a uma criança – acrescentou Eva, em voz alta. – Sou boa, sou boa pessoa e todas as crianças gostam de mim. De facto, gostaria de ser *babysitter*. Ontem, estive à porta da tua casa, Lydia, mas não me atrevi a tocar à campainha.

- Não o faças – replicou Lydia, em voz baixa.
- O quê?

– Não vás a minha casa.

– Podes confiar em mim – continuou Eva. – A Charlotte e eu já somos muito boas amigas. Ela faz-me a comida e eu levo-lhe flores para ela pôr numa jarra em cima da mesa.

Os seus lábios ficaram tensos novamente, quando se dirigiu a Lydia:

– Comprei um brinquedo para o teu filho, o Kasper. É apenas uma coisinha, uma ventoinha que se parece com um helicóptero e pode ser usada para a pessoa se refrescar com a aragem da hélice.

– Eva – disse Lydia, com ar sombrio.

– Não é nada perigoso, não se pode magoar com o brinquedo, garanto-te.

– Não vás a minha casa, estás a ouvir?

– Hoje, não, não posso. Vou a casa do Marek, acho que ele precisa de companhia.

– Eva, já ouviste o que eu disse – atirou-lhe Lydia.

– De qualquer maneira, não tenho tempo esta noite. – E sorriu.

Lydia ficou a observá-la com o rosto pálido e tenso. Pôs-se de pé precipitadamente e saiu da sala. Eva permaneceu sentada, seguindo-a com o olhar.

Simone ainda não tinha chegado quando me indicaram a nossa mesa. Apoiado num copo havia um pequeno cartão com os nossos nomes. Sentei-me e pensei pedir uma bebida antes de ela chegar. Eram sete e dez. Eu próprio fizera a reserva da mesa no restaurante KB, na Smålandsgatan. Era o dia do meu aniversário e sentia-me feliz, pois, nessa época, raramente tínhamos oportunidade de sairmos juntos. Ela andava muito ocupada com o projeto da galeria de arte e eu, com as minhas pesquisas. Quando podíamos passar uma noite juntos, na maior parte das vezes, preferíamos ficar em casa, com Benjamin, a ver um filme ou a entreter-nos com um videojogo.

Deixei o olhar vaguear pelas imagens dissonantes nas paredes do restaurante: homens magros com sorrisos misteriosos e mulheres luxuriantes. A pintura mural fora executada numa noite, depois da reunião do Clube dos Artistas Plásticos, no andar de cima, na qual participaram Grünevald, Chatam, Högfeldt, Werkmästare e outros grandes modernistas. Provavelmente, Simone saberia descrever ao pormenor como tudo sucedera, e sorri ao pensar no discurso que me faria sobre o modo como aqueles homens célebres tudo fizeram para deixar fora do projeto as suas colegas.

Passavam vinte minutos das sete quando me trouxeram um *martini* com *vodka*, umas gotas de *Noilly Prat* e uma longa espiral de casca de limão. Decidi esperar, em vez de telefonar a Simone, procurando não me sentir irritado.

Provei a bebida e notei que estava a ficar inquieto. Contrariado, peguei no telemóvel, marquei o número de Simone e aguardei.

– Simone Bark.

Parecia distraída e o eco fez-lhe reverberar a voz.

– Sixan, sou eu. Onde é que estás?

– Erik? Eu estou na galeria. Estamos a pintar e...

De repente, ela emudeceu. E, em seguida, ouvi Simone a deixar escapar um sonoro queixume:

– Oh, não. Não! Tens de me perdoar, Erik. Esqueci-me completamente. Tive tantas coisas que fazer durante o dia... o canalizador, o eletricista e...

– Então, ficas aí?

Não pude ocultar a decepção na minha voz.

- Sim. Estou com o gesso e a cor da pintura atrasados...
- Tínhamos combinado jantar juntos – disse, desanimado.
- Eu sei, Erik. Desculpa, esqueci-me...

– De qualquer forma, consegui reservar uma boa mesa – acrescentei, sarcástico.

- Não faz sentido ficares à minha espera – suspirou.

Embora percebesse a tristeza na voz dela, não pude deixar de me sentir arreliado com a situação.

- Erik – sussurrou ao telefone –, perdoa-me.
- Tudo bem – disse e desliguei.

Não valia a pena ir a outro lugar. Estava com apetite e encontrava-me num restaurante. Imediatamente, fiz sinal ao empregado de mesa e pedi arenque e uma cerveja, de entrada, e peito de pato frito com cubinhos de carne de porco ao molho de laranja, como prato principal, acompanhado de um *bordeaux*. E, a finalizar, *gruyère Alpaga* com mel.

– Pode retirar o outro talher – disse ao empregado, que me lançou um olhar compungido, enquanto me servia um pouco da cerveja checa que trouxera, acompanhada do arenque, com fatias de pão.

Tive pena de não ter trazido comigo o bloco de notas, para ir aproveitando o tempo enquanto comia.

De repente, o telemóvel tocou no bolso de dentro do meu casaco, e a ideia fantasiosa de Simone ter brincado comigo e de, na verdade, estar prestes a entrar no restaurante logo se desfez como nuvem de fumo.

– Erik Maria Bark – disse, notando como a minha voz tinha soado monocórdica.

- Olá, fala Maja Swartling.
- Olá, Maja – respondi, lacónico.

– Pensei em perguntar-te... Oh, estou a ouvir muito barulho à tua volta. É má altura para te ligar?

– Estou no KB – expliquei. – É o dia do meu aniversário – acrescentei, sem saber porquê.

- Parabéns! Parece que são muitos à mesa.
- Não, estou sozinho – repliquei secamente.

– Erik... Desculpa ter tentado seduzir-te. Estou muito

envergonhada – explicou em voz baixa.

Ouvi-a pigarrear, do outro lado da linha. Depois, adotou um tom neutro, ao acrescentar:

– Ia perguntar-te se querias ler o relatório da minha primeira conversa contigo. O manuscrito está pronto e tenho de o entregar ao meu orientador, mas se lhe quiseres dar uma vista de olhos antes...

– Deixa-o na minha caixa do correio, por favor – apressei-me a responder.

Despedimo-nos e eu deitei o resto da cerveja no copo, bebi-a e o empregado limpou a mesa para, quase de imediato, trazer o peito de pato e o vinho tinto.

Comi, sentindo um vazio doloroso, demasiado consciente da mecânica da mastigação e da salivação, do som dos talheres ao tocarem no prato. Bebi o terceiro copo de vinho e permiti que as pessoas retratadas na pintura das paredes se transformassem no meu grupo de pacientes. A dama exuberante que, num trejeito agradável, apanhava os cabelos negros no alto da cabeça, para que os seios fartos se levantassem, era Sibel. O homem garboso, angustiado, bem vestido com fato completo, era Pierre. Jussi permanecia escondido atrás de uma forma estranha e sombria, e Charlotte estava sentada a uma mesa redonda, elegantemente vestida, de costas direitas, com Marek ao seu lado, vestido com uma roupa infantil.

Não sei quanto tempo tinha ficado a olhar fixamente para as imagens da parede, quando, de repente, ouvi atrás de mim uma voz ofegante:

– Graças a Deus, continuas aqui!

Era Maja Swartling.

Sorria abertamente e deu-me um abraço, a que correspondi com rigidez.

– Parabéns pelo aniversário, Erik.

Apercebi-me do cheiro a limpo dos seus espessos cabelos negros e de uma suave fragrância a jasmim, escondida algures na nuca.

Ela apontou para a cadeira na minha frente.

– Posso?

Ainda pensei que devia recusar e explicar-lhe que prometera a

mim mesmo não voltar a encontrar-me com ela, e que ela devia ter pensado duas vezes antes de ir ao restaurante. No entanto, hesitei, pois, apesar de tudo, tive de reconhecer que ficara contente por ter companhia.

Maja ficou em pé, junto à cadeira, à espera de uma resposta.

– É-me difícil dizer-te que não – respondi, dando conta imediatamente da ambiguidade da frase. – Refiro-me a...

Ela sentou-se, chamou o empregado com um gesto e pediu um copo de vinho. Depois, olhou-me com um ar astuto e colocou uma caixa diante do meu prato.

– É apenas uma lembrança – esclareceu e, mais uma vez, corou.

– Um presente?

Maja encolheu os ombros.

– É apenas algo simbólico... Só há vinte minutos é que soube que fazias anos hoje.

Abri a caixa e descobri, para meu espanto, que era algo parecido com uns binóculos.

– É um prisma anatómico – explicou. – Foi inventado pelo meu bisavô. Se não estou errada, ele ganhou o Prémio Nobel... não pelo prisma, é claro. Nessa época, o prémio era atribuído apenas a suecos e noruegueses – acrescentou, como que se desculpando.

– Um prisma anatómico – repeti, surpreso.

– É um objeto bonito, muito antigo. Como presente, é uma insignificância, eu sei...

– Não digas isso, é...

Olhei-a nos olhos e vi como era bonita.

– Foi muito gentil da tua parte, Maja. Muito obrigado.

Com todo o cuidado, voltei a colocar o prisma anatómico na caixa e meti-a no bolso.

– O meu copo já está vazio – disse, admirada. – Pedimos uma garrafa?

Já era tarde quando decidimos continuar no restaurante Riche, muito perto do Teatro Dramaten. Quase caímos ao pendurar os nossos casacos no bengaleiro. Maja apoiou-se em mim e eu calculei mal a distância até à parede. Quando recuperámos o equilíbrio e nos deparámos com o rosto sombrio e severo da empregada do

bengaleiro, Maja começou a rir-se às gargalhadas, e vi-me obrigado a levá-la para um canto.

O Riche estava cheio e muito quente. Pedimos *gin* tónico. Estávamos muito perto um do outro, a tentar falar e, de repente, começámos a beijar-nos apaixonadamente. Senti a cabeça dela a bater na parede quando pressionei o meu corpo contra o seu. A música era ensurdecadora. Maja repetiu-me ao ouvido que era melhor irmos para casa dela.

Sáímos à pressa e apanhámos um táxi.

– Vamos para a Roslagsgatan – balbuciou. – Roslagsgatan, 17.

O motorista acenou ter compreendido e meteu-se pela faixa de rodagem de táxis da rua Birger Jarlsgatan. Deviam ser duas horas da madrugada e o céu tinha começado a clarear. Os edifícios que desfilavam pelas janelas do carro eram cinzentos como as sombras. Maja encostou a cabeça no meu ombro e pensei que queria dormir, mas, de repente, senti a mão dela entre as minhas pernas. Tive logo uma ereção e ela reagiu, dizendo «ui!...» e riu-se baixinho junto ao meu pescoço.

Não sei como conseguimos chegar ao apartamento dela. Recordo-me de estar no elevador a lambe-lhe a cara. Notei um sabor salgado, a *bâton* e maquilhagem, e lembro-me de ter visto o meu rosto ébrio refletido no espelho manchado.

Ao entrar no vestíbulo, Maja atirou o casaco para o chão e os sapatos para o ar. Puxou-me para a cama, ajudou-me a despír e depois tirou o vestido e as cuecas brancas.

– Vem – suspirou. – Quero sentir-te dentro de mim.

Tombei pesadamente entre as coxas dela, senti que estava muito molhada e penetrei-a, sentindo o calor do seu abraço forte. Ela gemeu de prazer ao meu ouvido, agarrou-me nas costas e arqueou suavemente as ancas.

Fizemos amor, ébrios e sem energia. Comecei a sentir-me cada vez mais estranho, mais sozinho e mudo. Com o orgasmo próximo, pensei que devia sair dela, mas, em vez de o fazer, deixei-me vir, num desenlace rápido e espasmódico. Maja respirava, ofegante. Ainda permaneci em cima dela por alguns momentos, mas, já descontraído, deslizei suavemente para fora. O meu coração continuava a bater aceleradamente. Vi que os lábios dela se abriam

num sorriso estranho que me deixou de mau humor.

Senti-me mal. Não compreendia o que acontecera, nem o que estava ali a fazer.

Sentei-me na cama ao lado dela.

– O que foi? – perguntou, afagando-me as costas.

Tirei-lhe a mão.

– Já chega – disse eu bruscamente.

O meu coração explodia de angústia.

– Erik? Julgava...

Parecia aflita. Senti que não podia olhá-la, estava aborrecido com ela. Naturalmente, o que acontecera fora por minha culpa, mas nunca teria sucedido se ela não tivesse sido tão insistente.

– Estamos apenas cansados e bêbados – murmurou.

– Tenho de me ir embora – disse com a voz sufocada.

Peguei na minha roupa e fui a cambalear até à casa de banho. Era muito pequena e estava cheia de cremes, escovas e toalhas. Havia um robe pendurado, juntamente com uma *gillette* cor-de-rosa. Não me atrevi a olhar para o espelho, quando lavei a cara com um sabonete azul em forma de flor. Em seguida, a tremer, vesti-me, batendo várias vezes com os cotovelos na parede.

Quando saí, Maja estava de pé à minha espera. Tinha enrolado o corpo num lençol e parecia muito jovem e inquieta.

– Estás zangado comigo? – perguntou, e vi-lhe os lábios a tremer, como se estivesse prestes a chorar.

– Estou zangado comigo, Maja. Nunca o devia ter feito, nunca...

– Mas eu queria, Erik. Estou apaixonada por ti, não te dás conta?

Tentou sorrir, mas os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Por favor, não me trates como se eu fosse lixo – sussurrou, estendendo o braço para me atrair para ela.

Afastei-me e disse-lhe que tinha sido um erro, num tom que soou a rejeição mais do que eu pretendia.

Ela acenou com a cabeça e baixou os olhos. Tinha a testa enrugada e o semblante triste. Não me despedi. Simplesmente, saí do apartamento e fechei a porta atrás de mim.

Fui a pé até ao Hospital Karolinska. Talvez conseguisse que Simone acreditasse que tivera necessidade de ficar sozinho e dormira no hospital.

De manhã, tomei um táxi para casa, em Järfälla. Doía-me o corpo todo e sentia uma vaga repugnância pelo álcool que ingerira, assim como repulsa pela banalidade da minha conversa. Não podia ser verdade que tivesse traído Simone. Não podia ser verdade. Maja era bonita e insinuante, mas não me interessava de nenhuma forma. Como fora possível que me tivesse deixado seduzir ao ponto de ir para a cama com ela?

Não sabia como iria contar tudo aquilo a Simone, mas o certo é que devia fazê-lo. Cometera um erro, algo que acontece a muita gente, mas é possível ser perdoado quando se confessa.

Pensei que nunca iria separar-me de Simone. Ficaria ferido se ela me traísse, mas saberia perdoá-la. Nunca a abandonaria por uma coisa dessas.

*

Simone estava na cozinha a encher uma caneca de café quando eu entrei. Vestia o robe de seda rosa-claro, já desgastado e meio descolorido. Comprara-o na China, quando Benjamin tinha um ano de idade, e ambos me acompanharam nessa viagem, em que eu participei numa conferência internacional.

– Queres? – perguntou.

– Sim, obrigado.

– Erik, lamento imenso ter-me esquecido do teu aniversário.

– Dormi no hospital – expliquei, e julguei que a mentira devia ficar bem evidente para ela.

Os seus longos cabelos ruivos caíam-lhe em cima do rosto, as sardas claras destacavam-se suavemente. Sem dizer uma palavra, foi ao quarto e voltou com um embrulho na mão. Rasguei o papel com entusiasmo brincalhão.

Era uma coleção de CD do saxofonista *bebop* Charlie Parker, que continha todas as gravações da sua visita à Suécia: duas no Salão de Concertos de Estocolmo, duas em Gotemburgo; um concerto no Amiralén, em Malmö, e uma posterior *jam session*, na Associação Académica; as gravações no parque público de Helsingborg, no centro desportivo de Jönköping, no parque público de Gävle e, por último, no clube de jazz Nalen, em Estocolmo.

– Obrigado – agradei.
– Como vai ser o teu dia hoje? – perguntou ela.
– Tenho de voltar ao trabalho – respondi.
– Estava a pensar que talvez pudéssemos jantar algo especial, esta noite, aqui em casa.

– Adoraria – disse.
– Mas não vamos poder ficar até muito tarde. Amanhã, tenho de me encontrar com os pintores às sete horas. Ainda gostava de saber porque tem de ser sempre tão cedo...

Percebi que esperava por uma resposta, uma reação ou uma concordância.

– De qualquer maneira, acabamos sempre por esperar – murmurei.

– Exatamente. – Sorriu e bebeu mais um gole de café. – E, então, o que vamos comer hoje à noite? Talvez aquele bife de boi ao vinho do Porto, com molho de passas, lembras-te?

– Já foi há muito tempo – respondi, lutando para que não se visse que estava prestes a chorar.

– Não fiques zangado comigo.

– Não estou, Simone. – Tentei sorrir.

Um pouco mais tarde, quando já me encontrava no vestíbulo, com os sapatos calçados, pronto para me ir embora, Simone saiu da casa de banho com alguma coisa na mão.

– Erik – chamou.

– Sim?

– O que é isto?

Tinha na mão o prisma anatómico de Maja.

– Ah, isso? Foi um presente – respondi, notando o leve tom de falsete na minha voz.

– É muito bonito. Parece antigo. Quem to deu?

Virei-me para não ter de enfrentar o seu olhar.

– Um paciente – disse, tentando parecer distraído, enquanto fingia procurar as minhas chaves.

Ela riu-se, surpreendida.

– Julgava que os médicos não deviam aceitar presentes dos seus pacientes. Não é antiético?

– Talvez o deva devolver – disse, abrindo a porta da rua.

O olhar de Simone queimava-me as costas. Devia ter falado com ela, mas tive demasiado medo de a perder. Não me atrevi, nem sabia por onde começar.

*

Tinha de principiar a sessão dentro de alguns minutos. Cheirava intensamente a desinfetantes nos corredores e havia um rasto de humidade no chão, por onde passara o carrinho de limpeza. Charlotte veio a correr atrás de mim, eu ouvira-lhe os passos, muito antes de ela começar a falar:

– Erik – chamou com cautela.

Parei e virei-me para ela.

– Seja bem-vinda de novo.

– Desculpa ter desaparecido assim, sem uma explicação.

– Eu quis saber como te tinhas sentido na sessão de hipnose.

– Não sei – disse ela, a sorrir. – Sei apenas que, esta semana, me senti mais alegre e mais segura do que de há muitos anos a esta parte.

– Era o que eu esperava que acontecesse.

O meu telemóvel tocou, pedi desculpa e vi Charlotte a desaparecer atrás da curva que o corredor fazia. Olhei para o visor: era Maja. Não atendi, deixei tocar e depois vi que já tinha ligado várias vezes. Sem me sentir capaz de ouvir as mensagens deixadas no *voice-mail*, apaguei-as todas.

À entrada da sala de terapia, fui detido por Marek, que se colocou diante da porta e me dirigiu um sorriso estranho e vazio.

– Estamos a fazer uma pequena festa lá dentro – disse ele.

– A fazer o quê?

– Uma festa particular.

Através da porta, ouvi alguém a gritar.

– Deixa-me passar, Marek – ordenei.

Ele riu sarcasticamente.

– Mas, doutor, neste momento, não é possível...

Dei-lhe um empurrão e abri a porta. Marek desequilibrou-se, tentou segurar-se ao puxador, mas acabou por cair ao chão com uma perna esticada.

– Estava a brincar – disse. – C’um raio! Era só uma brincadeira.

Os pacientes estacaram e fitaram-nos. Pierre e Charlotte pareciam inquietos. Lydia observou-nos, mas virou-me as costas outra vez. Emanava do grupo uma atmosfera estranha. Diante de Lydia, estavam Sibel e Jussi. Sibel mantinha a boca aberta e dava a impressão de ter os olhos cheios de lágrimas.

Marek levantou-se e sacudiu as calças com as mãos.

Reparei que Eva Blau ainda não tinha chegado. Fui até ao tripé e comecei a preparar a câmara para a sessão. Fiz uma panorâmica, ajustei o zoom e testei o som pelos auscultadores. No visor da máquina, vi Lydia sorrir para Charlotte e ouvi-a comentar, com uma exclamação de alegria:

– Exatamente! É sempre assim com as crianças! O meu Kasper não fala de outra coisa, o seu único tema de conversa é o Homem-Aranha.

– Hoje em dia, são loucas por ele! – Charlotte sorriu.

– O Kasper não tem pai. Por isso, talvez o Homem-Aranha seja uma figura paterna para ele – disse Lydia, rindo de tal modo que as gargalhadas ressoaram nos meus auscultadores. – Mas divertimo-nos – continuou. – Rimo-nos muito, embora, nos últimos tempos, tenhamos tido bastantes desavenças. É como se ele tivesse ciúmes de tudo aquilo que eu faço. Quer estragar as minhas coisas, não quer que eu fale ao telefone, atirou o meu livro preferido à retrete, grita coisas horríveis... Deduzo que deva ter acontecido alguma coisa, mas ele não me quer contar.

No rosto de Charlotte surgiu um expressão preocupada. Jussi grunhiu qualquer coisa e vi Marek a fazer um gesto de impaciência na direção de Pierre.

Quando acabei de preparar a máquina, dirigi-me para a minha cadeira e sentei-me. Momentos depois, todos tinham ocupado os seus lugares.

– Vamos continuar como da última vez – disse eu, sorridente.

– É a minha vez – declarou Jussi, tranquilo, e começou a falar. – A casa dos pais, em Dorotea, lá no sul da Lapónia... com grandes extensões de terra, perto de Sutme, onde os lapões viviam em cabanas típicas, até à década de 1970. Vivo muito perto do lago Djuptjärnen – contou –, o último troço do caminho ainda é o tipo de

estrada antiga, por onde se transportavam troncos. Durante o verão, os jovens vão lá para tomarem banho. Achem emocionante ver Näcken.

– Näcken? – perguntei.

– O espírito das águas. Há mais de trezentos anos que o povo gosta de o ver a tocar violino no lago.

– E tu não gostas?

– Não – respondeu, com um grande sorriso.

– O que fazes lá no bosque, durante todo o ano? – perguntou Pierre, com um sorriso de gozo.

– Compro automóveis e autocarros velhos, faço as reparações necessárias e vendo-os novamente. O meu terreno parece uma sucata.

– A casa é grande? – perguntou Lydia.

– Não, mas é verde... O meu pai pintou-a, um verão. Ficou uma casa de um verde-claro muito estranho. Não sei o que lhe passou pela cabeça, talvez alguém lhe tenha dado a tinta.

Parou de falar e Lydia sorriu-lhe.

Nesse dia, foi difícil conseguir que o grupo descontraísse. Talvez porque eu estava distraído, a pensar em Maja, ou preocupado por ter reagido tão violentamente à provocação de Marek. Mas desconfiava de que alguma coisa tinha acontecido no grupo, algo que eu ignorava. Foram necessárias várias idas e vindas às profundezas para sentir que, finalmente, caíamos todos com o peso morto de um fio de prumo no precipício marítimo.

O lábio inferior de Jussi distendeu-se, a expressão tornou-se inerte.

– Quero que vás à torre de caça – disse-lhe.

Jussi sussurrou qualquer coisa sobre o coice no ombro, a dor que persistia.

– Já estás na torre? – perguntei.

– A relva alta do prado está coberta de gelo – respondeu, em voz baixa.

– Olha em volta. Estás sozinho?

– Não.

– Quem está aí?

– Um veado move-se no limite escuro do bosque. É uma fêmea,

brame, anda à procura da cria.

- E na torre, estás sozinho?
- Eu estou sempre sozinho, com a espingarda.
- Falaste de um coice. Já disparaste? – perguntei.
- Disparar?

Ele fez um gesto com a cabeça, como se apontasse em determinada direção.

– Vejo um animal parado – disse em voz baixa. – Está lá há várias horas, mas os outros ainda escouceiam no pasto ensanguentado, cada vez mais cansados.

– E o que fazes?

– Espero. Já começou a escurecer, quando me apercebo de um novo movimento no limite do bosque. Aponto a uma pata, mas logo me arrependo. Resolvo fazer pontaria à orelha, ao pequeno focinho preto, ao joelho. Agora, volto a sentir o coice. Acho que lhe ceifei a perna com o tiro.

– E, agora, o que fazes?

Jussi respirava pesadamente, com longas pausas entre cada inalação.

– Ainda não posso voltar para casa – respondeu finalmente. – Por isso, volto para o carro, deixo a espingarda no assento traseiro e pego na pá.

– O que vais fazer com a pá?

Tardou a responder, como se refletisse sobre a minha pergunta. Depois, respondeu em voz baixa:

- Vou enterrar o animal.
- E o que fazes depois? – perguntei.
- Quando acabar, já estará escuro. Vou até ao carro e bebo café com o copo do termo.

– E o que vais fazer quando chegares a casa?

– Deixo o casaco na copa.

– E depois?

– Sento-me no banco em frente à televisão. A espingarda fica no chão. Está carregada, mas a vários passos de mim, perto da cadeira de baloiço.

– E o que fazes, Jussi? Não há ninguém em casa?

– Gunilla mudou-se há um ano. O meu pai morreu há quinze.

Estou só, com a cadeira de baloiço e a espingarda.

– Estás sentado no banco em frente à televisão – insisti.

– Sim.

– Acontece alguma coisa, agora?

– Volta-se para mim.

– Quem? – perguntei.

– A espingarda.

– A que está no chão?

Confirmou. Espera. A boca fechada, tensa.

– A cadeira de baloiço range – disse. – Range, mas deixa-me em paz desta vez.

De repente, o rosto tenso de Jussi descontraí-se, mas o olhar permanece brilhante, longínquo, virado para dentro de si mesmo.

Estava na hora de fazer uma pausa. Fi-los sair do estado hipnótico e troquei umas palavras com cada um deles. Jussi balbuciou qualquer coisa sobre uma aranha e, depois, juntou-se aos outros. Eu fui à casa de banho. Sibel correu para a sala dos fumadores e Jussi foi até à janela, como era seu hábito. Quando regressei, Lydia tinha trazido um frasco de bolachas de açafrão, que ofereceu a todos.

– São caseiras – explicou, fazendo um gesto para Marek se servir.

Charlotte sorriu e apanhou uma migalha da beira do frasco.

– Foste tu que as fizeste? – perguntou Jussi, com um inesperado sorriso que imprimiu ao seu rosto de traços fortes uma certa expressão de leveza.

– Não tenho tempo. – Lydia sorriu, abanando a cabeça. – Ontem mesmo, acabei por discutir no parque infantil.

Sibel riu-se disparatadamente e devorou a sua bolacha em duas dentadas.

– Foi por causa do Kasper. Fomos ao parque, como de costume, e, quando lá chegámos, uma mulher veio ter comigo e disse-me que o Kasper tinha batido nas costas da filha com uma pá.

– Porra! – sussurrou Marek.

– Fiquei petrificada quando ouvi aquilo – continuou Lydia.

– E o que se faz numa situação dessas? – inquiriu Charlotte delicadamente.

Marek tirou mais uma bolacha e escutou Lydia com uma expressão que me levou a pensar se não estaria apaixonado por ela.

– Não sei. Disse à mulher que achava horrível o que me estava a contar. Fiquei verdadeiramente consternada, mas ela disse que não era caso para tanto, que achava que tinha sido apenas um incidente.

– Claro – concordou Charlotte. – As crianças, às vezes, são tão selvagens!

– De qualquer modo, prometi-lhe que falaria com o Kasper, que me encarregaria do assunto – acrescentou Lydia.

– Muito bem – anuiu Jussi.

– A mulher disse que o Kasper era um rapazinho muito bonito – comentou Lydia a sorrir.

Sentei-me, a folhear o meu bloco de notas. Queria recomençar a sessão de hipnose quanto antes. Era de novo a vez de Lydia.

Os nossos olhares cruzaram-se e ela sorriu com cautela. Estavam todos em silêncio, na expectativa, quando dei início ao trabalho. Havia uma vibração especial na sala. O silêncio pesado, cada vez mais denso, acompanhava o pulsar dos nossos corações. Submergíamos a cada expiração. Após a indução, as minhas palavras conduziram-nos a todos para as profundezas e, em seguida, voltei-me para Lydia:

– Continua a descer, com cuidado. Estás completamente descontraída, sentes os braços pesados, as pernas e as pálpebras também. Respiras lentamente e ouves as minhas palavras, sem as questionar. As minhas palavras envolvem-te, sentes-te segura e acompanhada. Lydia, neste momento encontras-te próxima daquilo em que não queres pensar, daquilo de que nunca falas, daquilo que evitas, daquilo que permanece oculto, ao lado da cálida luz.

– Sim – respondeu com um suspiro.

– Agora estás lá – afirmei.

– Estou muito perto.

– Onde estás, neste momento? Onde te encontras?

– Em casa.

– Quantos anos tens?

– Trinta e sete.

Observei-a. Os reflexos de luz percorriam-lhe a testa alta e lisa, a boca pequena e delicada, e a tez de uma brancura quase enfermicha.

Eu sabia que ela tinha feito trinta e sete anos duas semanas antes. Não retrocedera muito no tempo, como os outros, apenas alguns dias.

– O que está a acontecer? O que é que não está a correr bem? – perguntei.

– O telefone...

– O que há com o telefone?

– O telefone toca, toca de novo, atendo e desligo de imediato.

– Acalma-te, Lydia.

Parecia cansada, talvez preocupada.

– A comida vai ficar fria – disse. – Fiz legumes com molho branco, sopa de lentilhas e pão no forno. Preparava-me para comer enquanto via televisão, mas, pelos vistos, não vou conseguir...

O queixo tremeu-lhe por um momento, mas pareceu acalmar-se.

– Espero um pouco e olho para a rua através das persianas. Lá fora não há ninguém, não se ouve nada. Sento-me à mesa da cozinha e como uma fatia de pão quente com manteiga, mas a verdade é que estou sem apetite. Desço até à cave. Como habitualmente, está frio lá em baixo. Sento-me no velho sofá de couro e fecho os olhos. Tenho de me recompor, de reunir as minhas forças.

Fez uma pausa. Farrapos de algas caíram e agitaram-se entre nós.

– Por que razão tens de reunir forças? – perguntei.

– Para aguentar... Para me poder pôr de pé, passar diante do abajur vermelho de papel de arroz com caracteres chineses e da bandeja com velas aromáticas e pedras polidas. As tábuas do chão cedem e rangem por baixo da passadeira de plástico...

– Há alguém por perto? – perguntei-lhe, em voz baixa, mas arrependi-me imediatamente.

– Seguro na vara, pressiono a protuberância da passadeira para poder abrir a porta, inspiro profundamente, entro e acendo o candeeiro. O Kasper pestaneja por causa da luz, mas fica deitado. Fez xixi no bacio e o mau cheiro é forte. Está vestido com o pijama azul-celeste. O ritmo da respiração é agitado. Toco-lhe com a ponta da vara, através das grades. Ele choraminga, muda um pouco de posição, senta-se na gaiola. Pergunto-lhe se já aprendeu a lição e ele

assente com a cabeça insistentemente. Empurro o prato de comida para dentro. Os pedaços de bacalhau mirraram e ficaram escuros. Ele arrasta-se até ao prato e come. Fico satisfeita, e estou prestes a dizer-lhe que me agrada muito que nos entendamos, quando ele vomita em cima do colchão.

O rosto de Lydia contrai-se num esgar de sofrimento.

– Eu julgava que...

Os lábios ficaram tensos, os cantos da boca descaíram.

– Julguei que estávamos preparados, mas...

Sacudiu a cabeça.

– Não compreendo...

Humedeceu os lábios.

– Compreendes como eu me sinto? Compreendes? Ele diz que lamenta. Eu repito que amanhã é domingo, bato na minha própria cara e grito-lhe que olhe para mim.

Charlotte olhou para Lydia através das águas com uma expressão receosa.

– Lydia – disse –, agora vais sair da cave, sem te sentires assustada nem irritada. Podes sentir-te tranquila. Lentamente, vou tirar-te do transe profundo, conduzir-te à superfície e à clareza, e, depois, falaremos do que acabas de nos contar, apenas tu e eu, antes de despertar os outros.

Ela resmungou em voz baixa, cansada.

– Lydia, estás a ouvir-me?

Assentiu.

– Vou contar em ordem decrescente e, quando chegar ao número um, abrirás os olhos e estarás completamente acordada e consciente. Dez, nove, oito, sete... Sobes suavemente em direção à superfície, descontraída, com uma sensação agradável a percorrer-te o corpo. Seis, cinco, quatro... Estás quase a abrir os olhos, mas continuarás sentada na cadeira. Três, dois, um... Agora, abre os olhos, estás acordada.

Os nossos olhares encontraram-se. O rosto de Lydia parecia ter murchado. Eu não contava com isso. Continuava atônito com o que acabara de ouvir. Ao avaliar o direito à confidencialidade perante o dever de informar dados ofensivos, era evidente que este era um caso ao qual não se aplicava o segredo profissional, pois havia uma

terceira pessoa que corria perigo iminente.

– Lydia – disse. – Compreendes que tenho de informar os Serviços Sociais?

– Porquê?

– Estou obrigado a fazê-lo depois do que acabas de me contar.

– Porquê?

– Não percebes?

Os lábios de Lydia retraíram-se.

– Eu não disse nada.

– Descreveste como...

– Cala-te – interrompeu-me. – Tu não me conheces, não tens nada a ver comigo. Não tens o direito de te imiscuíres no que eu faço na intimidade da minha casa.

– Suspeito de que o teu filho...

– Já disse que te cales! – gritou, e abandonou a sala.

Estacionei próximo de uma alta sebe de abetos, a cem metros da grande casa de madeira de Lydia, na Tennisvägen, em Rotebro. A assistente social acedera ao meu pedido de a acompanhar na primeira visita domiciliária. De início, tinham recebido a minha denúncia com um certo ceticismo, mas, naturalmente, eram obrigados a abrir uma investigação.

Um *Toyota* vermelho passou por mim e parou em frente da casa. Saí do carro e fui ao encontro da mulher baixa e forte, e cumprimentei-a.

Pela abertura da caixa do correio, viam-se as pontas molhadas de folhetos de publicidade das lojas Clas Ohlson e Elgiganten. A cerca baixa estava aberta. Percorremos o pequeno caminho de acesso à casa. Notei que não havia brinquedos no jardim maltratado. Nem caixa de areia, nem baloiço pendurado na velha macieira, nem bicicleta com rodas de apoio atrás. As persianas estavam descidas em todas as janelas. Plantas ornamentais secas pendiam das floreiras. Uma tosca escada de pedra conduzia à porta de entrada. Pareceu-me ver um movimento por trás do vidro opaco. A assistente social tocou à campainha. Esperámos, mas nada aconteceu. Ela bocejou e olhou para o relógio, voltou a tocar e depois experimentou o fecho da porta. Esta não estava trancada, abriu-a e deparou-se-nos um pequeno vestíbulo.

– Está aqui alguém? – chamou a assistente social. – Lydia?

Entrámos, tirámos os sapatos e atravessámos uma porta que dava para um corredor com as paredes forradas a papel cor-de-rosa e com quadros representando pessoas em meditação com auréolas à volta das cabeças. Havia um telefone cor-de-rosa no chão, ao lado de uma mesinha.

– Lydia?

Abri uma porta e vi uma escada estreita que descia para a cave.

– É aí em baixo – disse.

A assistente social seguiu-me pela escada que levava à cave, onde havia um velho sofá de couro e uma mesa cujo tampo era de azulejos castanhos. Em cima de uma bandeja, viam-se algumas velas aromáticas por acender, no meio de pedras polidas e pedacinhos de vidro. Um abajur de papel de arroz, vermelho, com caracteres chineses, pendia do teto.

Com o coração aos pulos, tentei abrir a porta que dava para a outra sala, mas ela ficou presa num alto da passadeira de plástico. Com o pé, pisei a saliência e entrei, mas não havia nenhuma gaiola lá dentro. Em vez disso, no meio da sala, vi uma bicicleta virada e sem a roda da frente. Havia também uma caixa azul de plástico duro com diversas ferramentas: pedaços de borracha para tapar furos nos pneus, cola, câmaras de ar. Um dos ganchos reluzentes estava incrustado num canto, com um pneu pendurado. De repente, ouviu-se a madeira do teto ranger e percebemos que havia alguém na sala de cima. Sem trocarmos uma palavra, apressámo-nos a subir a escada. A porta da cozinha estava entreaberta. Vi uma faca de cortar pão e migalhas espalhadas no chão de linóleo amarelo.

– Está aqui alguém? – chamou a assistente social.

Entreí e vi que a porta do frigorífico estava aberta. À fraca luz da lâmpada, encontrava-se Lydia, com o olhar ansioso. Só alguns segundos depois, descobri que tinha uma faca na mão. Era uma faca para o pão, comprida e serrilhada. O braço pendia-lhe, lasso, ao lado do corpo, com a lâmina da faca a oscilar junto da coxa.

– Tu não podes estar aqui – sussurrou, olhando de repente para mim.

– De acordo – repondi-lhe, retrocedendo em direção à porta.

– Podemos sentar-nos e falar um pouco? – perguntou a assistente social, com voz serena.

Abri a porta do corredor e vi Lydia a aproximar-se lentamente.

– Erik – chamou.

Quando me dispunha a fechar a porta, vi que corria para mim. Fugi pelo corredor para o vestíbulo, mas a porta de entrada estava fechada à chave. Ouvi que Lydia se aproximava a passos rápidos, ao mesmo tempo que emitia um gemido animalesco. Abri outra porta e, aos tropeções, entrei numa sala onde havia uma televisão. Lydia empurrou a porta e entrou atrás de mim. Bati com a perna numa poltrona e dirigi-me à porta da varanda, mas não consegui abrir o fecho. Atirou-se a mim com a faca em punho, mas consegui proteger-me a tempo, atrás da mesa da sala de jantar. Ela, porém, continuou a perseguir-me à volta da mesa.

– A culpa é tua – atirou-me.

A assistente social entrou a correr na sala, sem fôlego.

– Lydia – chamou em tom severo. – Pare imediatamente. Pare com essa estupidez.

– É tudo culpa dele – repetiu ela.

– A que te referes? – perguntei. – Tenho culpa de quê?

– Disto – respondeu Lydia, espetando a faca no pescoço.

Olhou-me nos olhos, enquanto o sangue lhe salpicava o avental e os pés nus. A boca tremia-lhe e largou a faca. Procurou apoio com uma das mãos, caiu ao chão, e aí ficou sentada com as pernas encolhidas para um lado, como se fosse uma sereia.

Annika Lorentzon sorriu, constrangida. Rainer Milch estendeu o braço por cima da mesa e serviu-se de água mineral *Ramlösa* com gás. O botão de punho, com as três coroas do reino, reluziu em tons azuis e dourados.

– Deves compreender porque quisemos falar contigo o mais depressa possível – disse Peder Mälarstedt, compondo o nó da gravata.

Olhei para o *dossier* que me estenderam. Lá constava que Lydia tinha apresentado uma denúncia contra mim. Declarava que eu a levava a tentar o suicídio, ao insistir que ela reconhecesse factos inventados como verdadeiros. Acusava-me de a ter usado como cobaia e de lhe ter incutido na mente falsas recordações, através dos transe hipnóticos, de a ter acochado com o maior cinismo, e, diante dos outros, a ter desconsiderado, ao ponto de se desmorerar por completo.

Ergui o olhar do documento.

– Isto é uma piada de mau gosto, não é?

Annika Lorentzon desviou o olhar. Holstein, com o rosto totalmente inexpressivo, afirmou:

– A paciente é tua. As acusações são muito graves.

– Sim, mas é evidente que não são verdadeiras – disse, indignado. – Não existe qualquer possibilidade de incutir recordações durante a hipnose. Posso transportar os meus pacientes para uma recordação, mas não lembrar-me por eles. É como se fosse uma porta. Posso levá-los até ela, mas não consigo ser eu a abri-la por minha vontade.

Rainer Milch olhou-me, sério.

– A simples suspeita arruinaria toda a tua investigação, Erik. Por isso, deves compreender a gravidade do assunto.

Abanei a cabeça, irritado.

– O que essa mulher contou sobre o filho pareceu-me tão grave que me vi obrigado a informar os Serviços Sociais. O facto de ela reagir daquela maneira foi...

Ronny Johansson interrompeu-me abruptamente:

– Mas está escrito aí que ela nem sequer tem filhos – e bateu na pasta com o dedo comprido.

Soltei um riso de escárnio e Annika Lorentzon dirigiu-me um

olhar estranho.

– Erik, não ganhas nada em mostrar-te arrogante numa situação destas – recomendou em voz baixa.

– Numa situação em que alguém mente do princípio ao fim? – Sorri, irritado.

Ela inclinou-se sobre a mesa.

– Erik – disse lentamente –, a Lydia nunca teve filhos.

– Ela não tem filhos?

– Não.

Fez-se silêncio total na sala.

Olhei para as bolhas de gás da água mineral a subirem até à superfície.

– Não compreendo. Ela continua a viver na casa da sua infância – tentei explicar o mais calmamente possível. – Todos os detalhes coincidiam, não posso acreditar...

– Não podes acreditar – interrompeu-me Milch. – Mas enganaste-te.

– Não se consegue mentir desse modo durante a hipnose.

– Talvez não estivesse hipnotizada.

– Estava, sim. Eu consigo perceber, a expressão do rosto muda.

– Isso agora já não tem importância. O mal está feito.

– Se não tem filhos, então, não sei o que aconteceu – continuei.
– Talvez estivesse a falar de si própria. Nunca me deparei com um caso semelhante, mas talvez, assim, tenha rememorado uma recordação da sua própria infância.

Annika interrompeu-me:

– Pode ser como dizes, mas a questão permanece: a tua paciente fez uma séria tentativa de suicídio. E ela culpa-te por isso. Propomos que tires umas férias enquanto investigamos toda esta história.

E sorriu-me com brandura.

– Tudo se há de solucionar, Erik, tenho a certeza – acrescentou, com suavidade. – Mas, neste momento, deves afastar-te, até que tudo se esclareça. Não podemos permitir que a imprensa se regale com isto.

Pensei nos meus outros pacientes, Charlotte, Marek, Jussi, Sibel, Pierre e Eva. Não podia abandoná-los de um dia para o outro. Iam

sentir-se traídos, enganados.

– Não posso – disse, em voz baixa. – Eu não fiz nada de mal.

Annika deu-me uma palmadinha na mão:

– Haverá uma solução. A Lydia Evers é obviamente uma pessoa instável e está confusa. O mais importante agora é agirmos consoante as regras. Solicitarás uma baixa temporária da atividade de terapia pela hipnose, ao mesmo tempo que procedemos a uma avaliação interna dos factos. Sei que és um bom médico, Erik. Como já disse, estou certa de que voltarás a ficar com o teu grupo... – encolheu os ombros – ... talvez dentro de meio ano.

– Meio ano? – Levantei-me de um salto, indignado. – Tenho os outros pacientes, que confiam em mim. Não posso simplesmente abandoná-los.

O sorriso suave de Annika desapareceu do mesmo modo que se apaga uma vela. O rosto contraiu-se e a voz soava irritada, quando disse:

– A tua paciente exigiu a suspensão imediata da tua atividade. Além disso, fez uma denúncia às autoridades. Não se trata, para nós, de um problema menor. Investimos dinheiro com o teu trabalho e, se ficar demonstrado que as tuas pesquisas ultrapassaram os limites, vamos ter de tomar medidas.

Não soube o que responder, só me apetecia rir às gargalhadas de toda aquela situação.

– É um absurdo – foi a única coisa que consegui dizer.

Depois, virei-me e preparei-me para sair dali.

– Erik – chamou-me Annika. – Não consegues compreender que esta é uma boa oportunidade?

Parei e voltei-me.

– Não é possível que acreditem nessa estupidez das memórias incutidas.

Ela encolheu os ombros.

– Isso não é o importante. O importante é seguirmos determinadas regras. Solicita a baixa e suspende as atividades relativas à hipnose. E considera isso como uma proposta de conciliação. Podes continuar com a tua investigação e trabalhar em paz. Apenas te pedimos que não pratiques a terapia por hipnose enquanto procedemos às investigações.

– O que queres dizer com isso? Não posso admitir algo que não é verdade.

– Não te estou a exigir isso.

– Parece-me que sim. Um pedido de licença da minha parte vai parecer que estou a admitir a culpa.

– Diz-me que vais pedir essa licença – ordenou, rígida.

– Isto é uma completa idiotice – respondi com uma gargalhada e saí da sala.

A tarde já ia avançada e o sol brilhava nas poças de água. Após um curto aguaceiro, e enquanto corria pela pista à volta do lago, sentia-se o aroma do bosque, o cheiro a terra molhada e a raízes soltas. Meditava na atitude de Lydia. Continuava convencido de que ela contara a verdade durante a hipnose, mas não sabia de que modo. Qual era a verdade a que ela se referira, de facto? Provavelmente, descrevera uma lembrança real e concreta, mas colocara-a numa época errada. Durante a hipnose, é ainda mais notório que o passado não é passado, repetia eu para mim mesmo.

Enchi os pulmões com o ar fresco e saudável do início do verão e acelerei no último troço antes de casa, através do bosque. Ao chegar à nossa rua, vi um carro grande, preto, parado em frente do acesso à casa. Dois homens esperavam, nervosos, diante do carro. O vulto de um deles refletia-se na pintura brilhante do capô, enquanto fumava um cigarro com movimentos rápidos. O outro estava a tirar fotografias à nossa casa. Ainda não me tinham visto. Abrandei e ainda cheguei a pensar em dar meia-volta, quando me descobriram. O homem do cigarro atirou-o ao chão e apagou-o logo com o pé. O outro virou a máquina bruscamente para mim. Eu ainda estava a recuperar o fôlego, quando me aproximei deles.

– Erik Maria Bark? – perguntou o que estivera a fumar.

– O que querem?

– Somos do jornal da tarde, *Expressen*.

– *Expressen*?

– Sim. Queríamos fazer-lhe algumas perguntas sobre os seus pacientes...

Neguei com a cabeça.

– Não falo disso com estranhos.

– Não diga...

O olhar do homem deslizou pela minha cara corada, pela minha camisola preta de correr, as calças largas e o gorro na cabeça. Atrás dele, ouvi o fotógrafo a tossir. Um pássaro voou por cima de nós, desenhando um arco elegante, que se refletiu no capô do carro. No bosque, o céu ia-se cobrindo de nuvens, ao escurecer. Talvez viesse mais chuva durante a noite.

– A sua paciente deu uma entrevista ao jornal da manhã. Fez acusações muito sérias contra si – disse o jornalista secamente.

Fitei-o. Tinha um rosto bastante simpático. Meia-idade, um pouco de peso a mais.

– Agora tem a oportunidade de se defender – acrescentou, em voz baixa.

As janelas da nossa casa estavam às escuras. Simone certamente continuava na cidade, na galeria de arte. Benjamin ainda estava na creche.

Sorri para o homem e ele insistiu, dizendo:

– Caso contrário, a versão dela vai sair impressa sem ser contestada.

– Jamais me pronunciarei sobre qualquer paciente meu – expliquei lentamente.

Passei por eles, segui pelo trilho de acesso à casa, entrei e, já no vestíbulo, ouvi os dois a partirem no carro.

*

O telefone tocou às seis e meia da manhã do dia seguinte. Era a diretora do Hospital Karolinska, Annika Lorentzon.

– Erik, Erik – disse com voz tensa. – Já leste o jornal?

Simone sentou-se na cama, ao meu lado, e olhou para mim com uma expressão preocupada. Fiz um gesto de que não era nada de importante e saí para o corredor.

– Se estás a referir-te às acusações da Lydia Evers, toda a gente vai perceber que é mentira...

– Não – interrompeu-me com uma voz estridente. – Nem toda a gente. Muitas pessoas vão ver nela uma mulher indefesa, fraca e vulnerável, vítima de um médico extremamente manipulador e pouco sério. Do homem em quem ela mais confiara, ao qual se entregara, e que acabou por traí-la e aproveitar-se dela. É isso que está escrito no jornal.

Conseguia ouvir no telefone a sua respiração agitada. A voz soava rouca e cansada, ao acrescentar:

– Deves compreender que isto é prejudicial para o hospital.

– Farei uma declaração à imprensa – disse concisamente.

– Não será suficiente, Erik. Receio que não seja suficiente. – Fez uma curta pausa e, depois, acrescentou num tom monótono: – Ela

está a pensar processar-nos.

- Jamais ganhará – resmunguei.
- Ainda não sopesaste a gravidade da situação, pois não, Erik?
- Mas o que é que ela diz?
- Acho melhor saíres e comprares o jornal. Depois, deves sentar-te e pensar como te vais defender das acusações dela. E estás convocado para comparecer à reunião da administração, hoje à tarde, às quatro.

Quando vi a minha cara na primeira página do jornal, senti o coração em suspenso. A fotografia mostrava-me em primeiro plano com o gorro e a camisola. Tinha o rosto avermelhado e a minha expressão era de apatia. Saltei da bicicleta, com as pernas a tremer, comprei o jornal e voltei para casa. As páginas centrais traziam uma fotografia de Lydia com o rosto oculto, acorada no chão, com um ursinho de peluche no colo. Todo o texto versava sobre o modo como eu, Erik Maria Bark, a tinha hipnotizado e usado como cobaia, para, posteriormente, a acusar de praticar abusos e delitos. Segundo o repórter, Lydia teria chorado e esclarecido que não estava interessada em qualquer tipo de indemnização por danos e prejuízos. O dinheiro jamais a iria compensar por tudo o que tinha passado. Lydia cedera e confessara coisas que eu lhe plantara na boca durante as sessões de hipnotismo. O cúmulo dos meus atos de perseguição teria sido invadir-lhe a casa e instá-la a cometer suicídio. A mulher assegurava que só lhe apetecia morrer, que se sentia como se fizesse parte de uma seita da qual eu seria o líder e onde ela não tinha vontade própria. Fora apenas no hospital que, pela primeira vez, tivera coragem para questionar o tratamento que eu lhe administrava e, agora, exigia que eu nunca mais tivesse autorização para fazer o mesmo a outras pessoas.

Na página seguinte, havia uma fotografia de Marek, do grupo de terapia. Ele concordava com Lydia, dizia que a minha atividade era extremamente perigosa e que eu vivia obcecado por inventar aspetos doentios que, depois, obrigava os pacientes a confessar, sob hipnose.

Mais abaixo, na mesma página, um especialista chamado Göran Sörensen também emitia a sua opinião. Nunca ouvira falar dele,

mas o certo é que ele aparecia a julgar a minha investigação. Comparava a hipnose a sessões espíritas e dava a entender que, provavelmente, eu teria drogado os meus pacientes para agirem conforme eu queria.

A minha mente ficou vazia e em silêncio. Ouvia o tiquetaque do relógio na cozinha, ouvia o barulho de um carro ou outro a passar diante da nossa casa. Até que a porta se abriu e Simone entrou. Quando acabou de ler o artigo, o seu rosto apresentava a palidez de um cadáver.

– O que está a acontecer? – murmurou.

– Não sei – confessei, com a boca seca.

Fiquei ali sentado, a olhar para o vazio. E se eu estivesse equivocado a respeito das minhas teorias? E se a hipnose não resultasse em seres humanos profundamente traumatizados? E se fosse verdade que a minha vontade de encontrar padrões de comportamento tivesse influência nas suas recordações? Eu não acreditava que fosse possível a Lydia ter visto uma criança durante a hipnose, se essa criança nunca tivesse existido. Estava convencido de que ela descrevera uma recordação real, mas agora começava a sentir-me confuso.

Tive uma sensação estranha ao percorrer a curta distância entre a entrada e o elevador, quando me dirigi ao gabinete de Annika Lorentzon, pois toda a gente evitava o meu olhar. Ao passar por pessoas que conhecia e com quem convivia, vi-as tensas e preocupadas. Viravam a cara e estugavam o passo.

Até o cheiro do elevador me era alheio. Cheirava a flores murchas, e pensei em enterros, em chuva, em despedidas.

Ao sair do elevador, Maja Swartling esgueirou-se rapidamente ao cruzar-se comigo, fingindo não me ver. À porta do gabinete de Annika Lorentzon, Rainer Milch estava à minha espera. Afastou-se para o lado, entrei e cumprimentei-o com um «olá» seco.

– Erik, Erik, por favor, senta-te – disse Rainer.

– Muito obrigado, mas prefiro ficar de pé – declarei, mas logo me arrependi.

Continuava a perguntar-me o que Maja Swartling teria estado ali a fazer, com a administração do hospital. Talvez tivesse ido lá para

me defender. Sem dúvida, ela era uma das poucas pessoas que detinham um conhecimento real e pormenorizado das minhas pesquisas.

A diretora estava em pé, diante da janela, do outro lado da sala. Pensei que era indelicado e muito estranho da parte dela não ter me saudado à entrada. Em vez disso, permanecia calada, de braços cruzados, a olhar fixamente para a rua.

– Demos-te uma grande oportunidade, Erik – disse Peder Målarstedt.

Rainer Milch concordou.

– Mas recusaste-te a dar o braço a torcer – prosseguiu. – Não quiseste afastar-te voluntariamente, enquanto investigávamos o que aconteceu.

– Posso mudar de ideias – respondi em voz baixa. – Posso...

– Agora é tarde de mais – interrompeu-me. – Anteontem, poderíamos ter-nos protegido com isso, mas hoje seria apenas patético.

Annika Lorentzon abriu a boca:

– Eu... – disse com uma voz quase inaudível, sem se voltar para mim. – Esta noite, vou ao programa *Rapport* explicar por que razão permitimos que realizasses as tuas pesquisas.

– Mas eu não cometi nenhum erro – repliquei. – O facto de uma paciente formular acusações absurdas não pode fazer esquecer anos de investigação, um número infindo de tratamentos, que, de facto, sempre foram considerados irrepreensíveis...

– Não se trata apenas de uma paciente – interrompeu Rainer Milch –, mas de vários. Além disso, acabámos de ouvir um perito pronunciar-se sobre as tuas pesquisas...

Abanou a cabeça e fez uma pausa.

– Referes-te a esse tal Göran Sörensen? – perguntei, irritado. – Nunca ouvi falar dele, e é óbvio que não sabe nada sobre o assunto.

– Contactámos com alguém que estuda os teus trabalhos há vários anos – explicou Rainer Milch, coçando o pescoço. – Ela diz que tu possuis grandes expectativas, mas que constróis a maior parte das tuas teses sobre castelos de areia. Que não tens qualquer prova fidedigna e que, constantemente, fazes caso omissso do que é melhor para os teus pacientes, a fim de ter razão.

Fiquei perplexo, desorientado.

– Como se chama essa especialista? – acabei por perguntar.

Ninguém respondeu.

– Será, por acaso, Maja Swartling? – sugeri.

Annika Lorentzon corou.

– Erik – disse finalmente, virando-se para mim. – A partir deste momento, tens o emprego e o salário suspensos. Não te quero no meu hospital.

– E os meus pacientes? Tenho de ver como...

– Serão transferidos para outro médico – interrompeu-me.

– Vão sentir-se mal por...

– Nesse caso, a culpa é tua – respondeu, erguendo a voz.

Fez-se silêncio na sala. Frank Paulsson permaneceu imóvel, limitando-se a desviar o olhar. Ronny Johansson, Peder Mälarstedt, Rainer Milch e Svein Holstein observavam-me com o rosto inexpressivo.

– Muito bem – disse num tom vazio de expressão.

Havia apenas algumas semanas, tinha estado naquela mesma sala onde aquelas mesmas pessoas me tinham concedido novos recursos para as minhas pesquisas. E, agora, de um momento para o outro, tudo se acabara.

Ao chegar à rua, um grupo de pessoas veio ao meu encontro. Uma rapariga alta, loira, colocou-me um microfone diante da cara.

– Olá – disse com uma voz jovial. – Gostaria de ouvir um comentário seu, a respeito de outra das suas pacientes, uma mulher chamada Eva Blau, que, na semana passada, foi internada de urgência numa instituição psiquiátrica.

– De que é que está a falar?

Afastei-me, mas a câmara seguiu-me. A escura objetiva procurou-me. Olhei para a loira e vi-lhe a identificação no peito: Stephanie von Sydow. Fixei-lhe o gorro branco de croché e a mão a fazer sinais para a câmara se aproximar.

– Continua a acreditar que a hipnose é uma terapia válida? – perguntou.

– Sim – respondi.

– Portanto, vai continuar?

A luz branca das altas janelas, no final do corredor, refletia-se no chão húmido e brilhante da enfermaria de Psiquiatria do Hospital Södersjukhus. Passei por uma longa série de portas fechadas, com painéis de borracha e a tinta descascada, e parei diante do quarto B39. Dei-me conta de os meus sapatos terem deixado um rasto de passos secos na película brilhante do chão.

Ouvi ruídos abafados num quarto afastado, um choro fraco e, depois, o silêncio. Fiquei ali um momento, a tentar organizar os meus pensamentos antes de abrir a porta. Depois, peguei na chave, enfiei-a na fechadura, dei-lhe uma volta e entrei.

O cheiro a cera do chão penetrou comigo no quarto escuro, saturado de vapores de suor e de vômito. Eva Blau estava deitada na cama, de costas para mim. Fui até à janela e tentei deixar entrar um pouco de luz, quis levantar um pouco as persianas, mas o sistema não funcionava. Pelo canto do olho, vi que Eva começava a virar-se. Dei um puxão nas persianas, que, por fim, subiram, produzindo um estalido forte.

– Desculpa – disse. – Só queria que entrasse um pouco...

À luz repentina e penetrante, vi Eva Blau sentada na cama, com os cantos da boca descaídos e uma expressão amarga. Dirigiu-me um olhar anestesiado e o meu coração acelerou. A ponta do nariz de Eva estava mutilada. As costas formavam uma corcova e tinha uma ligadura ensanguentada na mão. Olhava-me fixamente.

– Eva, vim logo que soube – disse.

Com a mão ligada, bateu cautelosamente no estômago. A ferida redonda no lugar onde cortara o nariz sobressaía, vermelha, no rosto atormentado.

– Tentei ajudar-vos – declarei –, mas começo a pensar que, afinal, me enganei em quase tudo. Julguei que estava no bom caminho, que entendia como a hipnose funcionava, mas não era assim. Não entendia nada e lamento imenso não ter podido ajudar nenhum de vocês.

Passou as costas da mão pelo nariz e o sangue começou a escorrer-lhe para a boca.

– Eva, porque fizeste isso? – perguntei.

– Foste tu, a culpa é tua! – gritou, de repente. – É tudo culpa tua, deste cabo da minha vida. Levaste tudo o que eu tinha!

– Compreendo que estejas zangada comigo porque...

– Cala-te – espetou-me. – Tu não compreendes nada. A minha vida está arruinada e eu vou arruinar a tua. Eu posso esperar. Esperarei o que for preciso, mas hei de vingar-me.

Depois, gritou com a boca muito aberta, um grito rouco e transtornado. A porta abriu-se e entrou o doutor Andersen.

– Devias ter esperado lá fora – disse, sobressaltado.

– A enfermeira deu-me as chaves e eu pensei...

Empurrou-me para o corredor e fechou a porta do quarto à chave.

– Essa paciente é paranoica e...

– Não, não acho – interrompi-o, com um sorriso.

– Esse é o meu diagnóstico e a paciente é minha – replicou ele.

– Sim, desculpa.

– Centenas de vezes por dia, exige-nos que fechemos a porta do quarto e guardemos bem a chave.

– Sim, mas...

– Ela disse que não vai depor contra ninguém, que podemos submetê-la a choques elétricos e violações, mas que não vai contar nada. Afinal, o que é que fizeste aos teus pacientes? Ela está com medo, com um medo terrível. Foi uma loucura teres entrado lá...

– Está furiosa comigo, mas não tem medo de mim – interrompi-o, elevando a voz.

– Ouvi-a gritar – respondeu ele.

Depois da visita ao hospital psiquiátrico e do meu encontro com Eva Blau, meti-me no carro e dirigi-me ao estúdio da televisão. Pedi para falar com Stephanie von Sydow, a jornalista do programa *Rapport*, que tentara obter declarações minhas nesse mesmo dia. A rececionista ligou para uma assistente da redação e passou-me o telefone. Disse-lhe que estava disposto a dar uma entrevista e, momentos depois, veio ao meu encontro uma mulher jovem, de cabelo curto e olhar inteligente.

– Stephanie poderá recebê-lo dentro de dez minutos – disse.

– Ótimo.

– Vou acompanhá-lo à sala de maquilhagem.

Ao chegar a casa, após a curta entrevista, vi que estava tudo às escuras. Gritei, mas ninguém respondeu. Fui encontrar Simone no andar de cima, sentada no sofá, em frente da televisão desligada.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntei. – Onde está o Benjamin?

– Em casa do David – respondeu, com voz surda.

– Não são horas de ele voltar para casa? O que lhe disseste?

– Nada.

– Mas o que se passa? Fala comigo, Simone.

– Porque havia de o fazer? Eu não sei quem tu és – respondeu.

Senti a inquietação a percorrer-me o corpo. Aproximei-me e tentei afastar-lhe uma madeixa de cabelo do rosto.

– Não me toques – exclamou, afastando a cabeça.

– Não queres falar?

– Não quero? Não se trata de mim – disse. – Tu é que devias ter falado, não devias ter permitido que fosse eu a encontrar as fotografias, devias ter evitado que eu me sentisse como uma idiota.

– De que fotografias é que estás a falar?

Abriu um envelope azul-claro e deixou cair várias fotografias. Vi-me a mim mesmo a posar no apartamento de Maja Swartling e, depois, uma série de imagens dela, só com umas cuecas verde-claras. Os cabelos negros caíam-lhe sobre os grandes seios brancos. Parecia alegre, o rosto levemente ruborizado. Havia uma grande quantidade de primeiros planos, mais ou menos tremidos, dos seus seios. Numa das fotos, aparecia de pernas abertas em frente da objetiva.

– Sixan, vou tentar...

– Não aguento mais mentiras – interrompeu-me. – Pelo menos, neste momento.

Ligou a televisão, mudou para o programa *Aktuellt*, e foi dar precisamente com a informação relativa ao escândalo da hipnose. Annika Lorentzon, a diretora do Hospital Universitário Karolinska, não queria pronunciar-se sobre o caso enquanto a investigação estivesse a decorrer. Contudo, quando o informado jornalista tocou no tema da enorme subvenção que, recentemente, a administração concedera a Erik Maria Bark, sentiu-se pressionada e viu-se obrigada a responder.

– Foi uma decisão errada – replicou Annika em voz baixa.

- E qual foi o erro?
- Erik Maria Bark foi afastado temporariamente.
- Apenas temporariamente?
- Não poderá continuar a praticar a hipnose no Hospital Karolinska.

Depois, vi a imagem do meu próprio rosto no ecrã, sentado num estúdio de televisão, com o olhar assustado.

- Continuará com a terapia noutros hospitais? – perguntou a jornalista.

Olhei para ela como se não tivesse compreendido a pergunta, e, quase impercetivelmente, neguei com a cabeça.

- Erik Maria Bark, continua a achar que a hipnose é uma forma válida de tratamento? – perguntou a seguir.

- Não sei – respondi em voz baixa.

- Está a pensar continuar com a prática?

- Não.

- Nunca mais?

- Nunca mais voltarei a hipnotizar outra pessoa – declarei.

- Isso é uma promessa? – perguntou a jornalista.

- Sim.

Quarta-feira, dia 16 de dezembro, de manhã

Erik estremece. A mão com que segura o copo de papel agita-se e o café salpica-lhe o casaco e o punho da camisa.

Joona olha para ele, intrigado, e tira um lenço de papel da caixa pousada por cima do painel de instrumentos do carro.

Erik, através do vidro do carro, observa o casarão amarelo de madeira, o jardim e o tapete de relva, com o enorme Winnie the Pooh, de dentes pintados e afiados.

– Ela é perigosa? – pergunta Joona.

– Quem?

– Eva Blau.

– Talvez – responde Erik. – Quer dizer, é bem capaz de fazer coisas perigosas.

Joona desliga o motor, tiram ambos os cintos de segurança e saem do carro.

– Não espere muito – adverte Joona com o seu sotaque finlandês melancólico. – Talvez Liselott Blau não tenha nada a ver com Eva.

– Não – responde Erik, pensativo.

Atravessam o caminho de xisto escuro, quase preto, que contrasta com os flocos brancos de neve que esvoaçam no ar, assemelhando-se a um véu branco leitoso diante da grande casa de madeira.

– De qualquer modo, devemos ter cuidado – diz Joona. – Este poderia ser, de facto, o tal «casarão».

O seu rosto simétrico e amável ilumina-se com um leve sorriso. Erik para a meio do caminho. Sente que o tecido molhado da camisa em volta do punho arrefeceu. E que cheira a café velho.

– O casarão é uma casa na antiga Jugoslávia – esclarece Erik. – É um apartamento em Jakobsberg e um ginásio em Stocksund, uma casa de cor verde-clara, em Dorotea, e assim sucessivamente.

Não consegue deixar de sorrir quando encontra o olhar intrigado de Joona.

– O casarão não é uma casa concreta, mas um conceito – explica Erik. – O grupo da hipnose chamava «casarão»... ao lugar onde teriam tido lugar os abusos.

– Acho que compreendo – diz Joona. – Onde estava situado o casarão de Eva Blau?

– Esse é o problema – responde Erik. – Ela foi a única que não conseguiu encontrar o seu casarão. Ao contrário dos outros, nunca descreveu um lugar em concreto.

– Talvez seja aqui – diz Joona, apontando para a casa.

Continuam a percorrer o caminho de ardósia em grandes passadas. Erik toca na caixa de madeira com o papagaio, dentro do bolso. Sente-se mal, como se ainda estivesse aturdido pelas recordações. Passa a mão pela testa, quer tomar um comprimido, anseia por ele, mas sabe que deve conservar a mente lúcida. Tem de acabar com os comprimidos, não pode continuar assim por mais tempo. Já não aguenta mais esconder-se. Tem de encontrar Benjamin antes que seja tarde de mais.

Erik toca à campainha e ouve o seu timbre forte através da madeira maciça. Tem de fazer um esforço para não derrubar a porta, correr para o interior da casa e gritar por Benjamin. Joona tem a mão dentro do casaco. Após algum tempo, uma mulher jovem, de óculos, cabelos ruivos e a cara picada das bexigas vem abrir-lhes a porta.

– Procuramos Liselott Blau – diz Joona.

– Sou eu – responde ela, na expectativa.

Joona olha para Erik e percebe que aquela mulher de cabelos ruivos não é a mesma que dantes dava pelo nome de Eva Blau.

– Na verdade, procuramos a Eva – esclarece.

– Eva? Que Eva? – pergunta a mulher. – De que se trata?

Joona identifica-se e pergunta se podem entrar por um momento. Ela recusa e o comissário pede-lhe então para vestir um agasalho e sair de casa. Minutos depois, estão os três no relvado coberto de geada e conversam, com o vapor de água a sair-lhes pela boca em forma de pequenas nuvens.

– Vivo sozinha – diz a mulher.

– É uma casa grande.

Ela mostra um largo sorriso.

- Tenho uma boa situação financeira.
- Eva Blau é sua parente?
- Já lhes disse que não conheço nenhuma Eva Blau.

Joona mostra-lhe três fotografias de Eva, que imprimiu a partir da gravação de vídeo, mas a mulher ruiva limita-se a abanar a cabeça.

- Veja com atenção – pede Joona, com uma expressão séria.
- Não me diga o que devo fazer – reclama ela.
- Não, só estou a pedir que...
- Eu pago o seu salário – interrompe-o, falando lentamente. – São os impostos que eu pago que servem para pagar o seu salário.
- Olhe de novo para as fotos, por favor – pede-lhe.
- Nunca vi essa mulher.
- É importante – explica Erik.
- Para vocês, talvez – diz a mulher. – Para mim, não.
- Ela dá pelo nome de Eva Blau – acrescenta Joona. – Blau é um apelido muito pouco comum na Suécia.

De repente, Erik vê uma cortina a mexer no andar de cima. Lança-se para a casa, enquanto ouve Joona e a mulher a chamá-lo atrás de si. Entra a correr dentro de casa, olha à sua volta no vestíbulo, vê a larga escada e sobe-a com grandes passadas.

- Benjamin! – grita, detendo-se.

O corredor serve as duas alas da casa, com as portas dos quartos e das casas de banho.

- Benjamin? – chama de novo, agora num tom de voz normal.

O chão range algures. Ouve a mulher a entrar a correr no andar de baixo. Erik procura descobrir qual a janela onde viu a cortina a mexer-se e avança rapidamente para a direita, em direção a uma porta situada ao fundo do corredor. Tenta abri-la, mas dá conta de que está fechada à chave. Baixa-se e espreita pelo buraco da fechadura. A chave está posta, mas julga ter descortinado uma sombra em movimento, refletida no metal.

- Abre a porta! – diz, levantando a voz.

A ruiva começou a subir a escada.

- Não pode entrar cá dentro! – exclama.

Erik recua um passo, abre a porta com um pontapé e entra. O quarto está vazio. Vê uma grande cama por fazer, um edredão rosa-

pálido e um armário com vidros fumados. Uma câmara montada num tripé tem a objetiva virada para a cama. Dirige-se para o armário e abre a porta, mas verifica que não há ninguém lá dentro. Volta-se, olha para as pesadas cortinas e para a poltrona. Agacha-se e vê alguém encolhido no escuro, debaixo da cama: tem olhos tímidos e assustados, coxas magras, os pés descalços.

– Sai daí! – diz Erik com firmeza.

Estende um braço, consegue agarrar um tornozelo e puxa para fora um adolescente nu. O rapaz tenta explicar qualquer coisa. Fala-lhe com rapidez e intensidade numa língua que parece ser árabe, e, ao mesmo tempo, veste uns *jeans*. O edredão mexe-se, então, de baixo dele surge outro rapaz que diz algo ao amigo em tom imperioso. O primeiro cala-se imediatamente. À porta, aparece a mulher, que repete insistentemente, com voz trémula, que deixe em paz os seus amigos.

– São menores? – pergunta Erik.

– Fora da minha casa – responde ela, furiosa.

O segundo rapaz cobre-se com o edredão. Puxa por um cigarro e observa Erik, com um sorriso nos lábios.

– Fora! – ordena Liselott Blau.

Erik sai para o corredor e desce as escadas, seguido pela mulher, que vocifera com voz rouca que ele vá para o inferno. Erik deixa a casa e segue pelo caminho de acesso à rua. Joonas está à espera dele, com a arma escondida junto ao corpo. A mulher para diante da porta.

– Não podem fazer isto! – exclama. – Isto é ilegal, a Polícia precisa de uma ordem judicial para entrar na casa de alguém.

– Eu não sou polícia – replica Erik.

– Mas... Vou denunciá-los por isto, podem estar seguros.

– Como quiser – diz Joonas. – Eu próprio posso receber a denúncia.

Quarta-feira, dia 16 de dezembro, à tarde

Antes de chegarem à Norrtäljevägen, Joona resolve encostar o carro na berma, ao mesmo tempo que é ultrapassado por um poeirento caminhão basculante carregado de brita. Tira um papel do bolso do casaco e lê:

– Ainda faltam cinco pessoas com o apelido Blau na região de Estocolmo, três em Västerås, duas em Eskilstuna e uma em Umeå.

Volta a dobrar o papel e sorri para Erik de maneira encorajadora.

– Charlotte – diz este, em voz baixa.

– Não havia nenhuma Charlotte – replica Joona, limpando uma mancha do espelho retrovisor.

– Charlotte Cederskiöld – reage Erik. – Era amável para Eva. Se bem me lembro, chegou a ceder-lhe um quarto em casa dela, nessa época.

– Onde acha que poderíamos encontrá-la?

– Há dez anos, morava em Stocksund, mas...

Joona já tinha marcado o número da Polícia.

– Olá, Anja. Sim, desejo-te o mesmo. Ouve, preciso do telefone e da direção de Charlotte Cederskiöld. Mora em Stocksund, ou, pelo menos, morava. Sim, obrigado. Está bem, fico à espera – diz, pegando numa caneta e, uns segundos depois, escreve na parte de trás de um recibo. – Muito obrigado.

Liga o pisca do lado esquerdo e faz-se à estrada outra vez.

– Continua a viver lá? – pergunta Erik.

– Não, mas tivemos sorte. Agora, vive perto de Rimbo.

Erik sente um aperto inquietante no estômago. Não sabe dizer porque o atemoriza que Charlotte tenha saído de Stocksund, quando, possivelmente, deveria sentir o contrário.

– Um solar em Husby – diz Joona, introduzindo um CD na aparelhagem do carro.

Murmura que é a canção favorita da mãe e aumenta um pouco o

volume.

– Saija Varjus – exclama.

Afasta a tristeza da cabeça e canta, seguindo a música:

– Dam-dam-da-da-di-dum...

A canção triste ressoa dentro do carro. Quando termina, ambos conservam o silêncio por alguns momentos. Depois, Joona afirma num tom quase surpreendido:

– Deixei de gostar da música finlandesa.

E pigarreia um par de vezes.

– A mim, pareceu-me uma canção bonita – diz Erik.

Joona sorri e lança-lhe um rápido olhar de soslaio:

– A minha mãe estava presente quando Saija foi eleita rainha do tango, em Seinäjoki...

Ao deixarem a larga e movimentada autoestrada de Norrtäljevägen, para tomarem a estrada 77, perto de Sätuna, começa a cair uma chuva forte misturada com neve. Fica muito escuro para leste e os jardins vão desaparecendo, pouco a pouco, na penumbra.

Joona tamborila no painel de instrumentos do carro. O ar morno do aquecimento silva ao sair pelos ventiladores. Erik sente os pés molhados, por causa do calor húmido que flutua no interior do carro.

– Vamos lá ver – diz Joona para si mesmo, ao atravessar a pequena povoação e meter-se por uma rua estreita, deixando para trás os campos de cultivo congelados.

Ao longe, distingue-se uma grande casa branca, atrás de uma cerca alta. Estacionam perto do portão aberto e percorrem a pé o último trecho até à casa. Uma mulher jovem, de casaco de ganga, está a limpar com um ancinho o caminho de cascalho. Parece ficar assustada, quando eles se aproximam. À volta das pernas dela, saltita um *golden retriever*.

– Charlotte! – chama ela. – Charlotte!

Uma mulher surge na esquina da enorme casa, a arrastar um saco preto de lixo pela mão. Está vestida com um colete cor-de-rosa e uma camisola grossa cinzenta, *jeans* muito coçados e galochas.

Charlotte, pensa Erik. Realmente, é ela.

Estava longe de ser a mulher magra e reservada, trajada com

roupas elegantes e com um corte de cabelo impecável, à pajem. A pessoa que vem ao encontro deles, para os receber, tem um aspeto totalmente diferente. Usa o cabelo comprido e grisalho numa grossa trança, a cara está sulcada de rugas em redor dos olhos, sem vestígios de maquilhagem. Está mais bela do que nunca, pensa Erik. Quando ela o vê, é como se uma vaga de calor lhe percorresse o rosto. Num primeiro momento, parece simplesmente estupefacta, mas logo se abre num largo sorriso.

– Erik – diz, num tom de voz que não mudou: profundo, articulado e caloroso.

Larga o saco do lixo e aperta-lhe a mão.

– És tu, Erik? Que alegria ver-te de novo.

Cumprimenta Joonas e depois fica imóvel, por momentos, a examiná-los. Nesse momento, uma mulher forte abre a porta da casa e olha para eles. Tem uma tatuagem no pescoço e veste uma camisola de lã folgada, com capuz.

– Precisas de ajuda? – grita.

– São amigos meus – responde Charlotte, fazendo-lhe sinal com a mão para que se retire e, com um sorriso, fica à espera de que ela feche a porta.

– Eu... Construí um lar para mulheres nesta quinta. Há muito espaço, de modo que acolho mulheres que precisam... de se afastar do mundo durante um tempo. Deixo que vivam aqui, cozinhamos juntas, tratamos da casa... até se sentirem capazes de voltar a cuidar de si.

– Parece bem – diz Erik.

Ela acena com a cabeça em direção à porta, convidando-os a entrar.

– Charlotte, andamos à procura da Eva Blau – diz Erik. – Lembras-te dela?

– Claro que me lembro. Foi a minha primeira hóspede aqui. Tinha o quarto da ala...

De repente, interrompe o discurso.

– É curioso que a menciones – recomeça. – A Eva telefonou-me na semana passada.

– O que queria?

– Estava furiosa – diz Charlotte.

– Sim? – suspira Erik.

– Estava furiosa porquê? – pergunta Joona.

Charlotte respira fundo. Erik ouve o vento a soprar por entre os ramos despidos das árvores, e repara que alguém tentou fazer um boneco com a pouca neve que caíra.

– Estava zangada com o Erik.

Ele sente um calafrio, ao recordar o rosto afilado de Eva Blau, a agressividade da sua voz, o olhar penetrante e a ponta do nariz cortada.

– Prometeste não voltar a praticar hipnose – diz Charlotte –, mas, de repente, há uns dias, voltaste a fazê-lo. Apareceu em todos os jornais, falaram disso na televisão. Naturalmente, houve muita gente que ficou indignada.

– Vi-me obrigado – explica Erik. – Mas foi uma exceção.

Charlotte toma-lhe a mão.

– Tu ajudaste-me – suspira. – Aquela vez que eu vi... lembras-te?

– Lembro-me – anui Erik em voz baixa.

Charlotte sorri-lhe.

– Foi quanto bastou... Entrei no casarão, ergui o olhar e vi quem me tinha feito mal.

– Eu sei.

– Isso nunca teria sido possível sem a tua ajuda, Erik.

– Eu...

– Alguma coisa aqui dentro voltou ao lugar – continua ela, apontando para o coração.

– Onde está a Eva, agora? – pergunta Joona.

Charlotte enrugou um pouco a testa.

– Quando lhe deram alta, mudou-se para um apartamento no centro de Åkersberga e juntou-se às Testemunhas de Jeová. Nos primeiros tempos, ainda mantivemos contacto, emprestava-lhe dinheiro, mas, depois, distanciámo-nos. Ela acreditava que a perseguiam, falava muitas vezes em procurar proteção, que o mal a acossava.

Charlotte olha fixamente para Erik.

– Pareces preocupado – diz-lhe.

– O meu filho desapareceu. A Eva é a nossa única pista.

Charlotte observa-o com uma expressão triste.

– Espero que tudo se solucione depressa.
– Como é que ela se chama? Sabes? – pergunta Erik, então.
– Referes-te ao nome verdadeiro? Ninguém o sabe, nem mesmo ela, talvez.

– Talvez.

– Mas disse que era a Veronica, quando ligou da última vez.

– Veronica?

– Por causa do véu da Veronica. Tirou o nome daí.

Abraçam-se por um momento e logo Erik e Joona se apressam a regressar ao carro. Dirigindo-se para sul, em direção a Estocolmo, Joona volta a telefonar. Pede ajuda para encontrar uma tal Veronica, no centro de Åkersberga, e a morada da congregação ou do local de reunião das Testemunhas de Jeová.

Erik ouve Joona a falar e um pesado cansaço apodera-se dele. Pensa em todas as recordações que lhe vieram à mente e sente os olhos a fecharem-se lentamente.

– Sim, Anja. Estou a fixar – ouve Joona dizer. – Rua Västra Banvägen... Espera, Stationsvägen, 5. Ok, obrigado.

Como se o tempo se tivesse enovelado em torno de si mesmo e capturado o seu curso, Erik acorda quando descem por uma larga encosta, ao longo de um campo de golfe.

– Estamos a chegar – anuncia Joona.

– Adormeci – diz Erik, mais para si mesmo.

– A Eva Blau telefonou a Charlotte no mesmo dia em que você aparece nos jornais de todo o país – reflete Joona.

– E, dois dias depois, o Benjamin foi raptado – diz Erik.

– Porque alguém o viu.

– Ou porque quebrei a minha promessa de nunca mais hipnotizar ninguém.

– Nesse caso, a culpa foi minha – declara Joona.

– Não, foi...

Erik cala-se, não sabe muito bem o que dizer.

– Lamento – diz Joona, de olhar fixo na estrada.

Passam por uma loja com os vidros das montras partidos. Joona olha pelo retrovisor e vê que uma mulher com um lenço na cabeça se dispõe a varrer os estilhaços de vidro no chão.

– Não sei o que aconteceu a Eva quando a tive como paciente –

explica Erik. – Automutilou-se e ficou paranoica. Atirou a culpa de tudo para cima de mim e da hipnose. Nunca a devia ter aceitado no grupo, não devia ter hipnotizado ninguém.

– Mas ajudou a Charlotte – contesta Joona.

– Parece que sim – confirma Erik em voz baixa.

Depois de deixarem a rotunda para trás, atravessam a linha de caminho de ferro, voltam à esquerda junto ao parque desportivo, passam por cima de uma ribeira e, finalmente, param junto de um grande bloco de apartamentos cinzento.

Joona aponta para o porta-luvas.

– Pode dar-me a pistola outra vez?

Erik abre o compartimento e estende-lhe a pesada arma. Joona verifica o carregador e a patilha de segurança antes de guardar a pistola no bolso.

Atravessam o estacionamento velozmente e passam junto a um parque com baloiços, caixa de areia e escorregas.

Erik aponta na direção do saguão. Levanta os olhos e vê grinaldas cintilantes de luzes natalícias e muitas antenas parabólicas em quase todas as varandas.

Por trás da porta fechada, veem uma idosa amparada no seu andarilho. Joona bate com os dedos no vidro e acena simpaticamente. A mulher olha para eles e nega com a cabeça. O comissário decide mostrar-lhe a identificação policial, mas ela volta a abanar a cabeça. Erik rebusca nas algibeiras e encontra um envelope com recibos que devia deixar na tesouraria. Chega-se à janela, bate e mostra o envelope à mulher. Esta dirige-se imediatamente para a porta e carrega no botão para abri-la.

– É o correio? – pergunta com voz estridente.

– Carta urgente – responde Erik.

– Acontecem tantas desgraças no mundo... – suspira a mulher.

– O que é que lhe disse? – pergunta Joona.

Erik olha para o quadro de moradores e encontra Veronica Andersson no primeiro andar. A escada é estreita e está cheia de *graffitti*, a vermelho. A conduta do lixo deita mau cheiro. Chegam à porta em cuja placa se lê o apelido Andersson e Joona toca à campainha. O patamar está sujo com pegadas de lama de botas de criança.

– Toque outra vez – pede Erik.

Joona empurra a placa da caixa do correio e grita pela abertura que traz o último número da revista *Atalaya*. De repente, Erik vê que a cabeça do comissário recua, como se tivesse recebido um soco.

– O que foi?

– Não sei, mas quero que fique à espera cá fora – diz Joona, tenso.

– Não – responde Erik.

– Vou entrar sozinho.

Um copo cai ao chão atrás da porta de algum apartamento do primeiro andar. Joona puxa de um pequeno estojo de bolso, com dois finos objetos de aço. Um deles tem uma dobra na ponta e o outro parece uma chave muito pequena.

Como se Joona tivesse lido os pensamentos de Erik, murmura que não é ilegal entrar num apartamento sem ordem judicial.

– Basta existirem boas razões para isso, de acordo com a nova lei.

Acaba de introduzir o primeiro instrumento na fechadura, quando Erik resolve estender a mão e experimentar o fecho. A porta não está fechada. Um mau cheiro intenso vem ao encontro deles quando a abrem. Joona puxa da arma e, com um gesto brusco, intima Erik a esperar do lado de fora.

Erik ouve o coração a bater-lhe no peito, o sangue a assobiar nos ouvidos. O silêncio transmite-lhe uma sensação aziaga: Benjamin não está ali. A luz da escada apaga-se e a penumbra aproxima-se, rolando na sua direção. Ainda não está totalmente escuro, mas os seus olhos têm dificuldade em distinguir o ambiente à sua volta.

Joona sai de novo para o patamar.

– Acho que deve vir comigo lá dentro, Erik – chama.

Entram no apartamento e o comissário acende a luz do teto. A porta da casa de banho está aberta. O cheiro a podridão é insuportável. Na banheira vazia jaz Eva Blau. Tem o rosto inchado, as moscas amontoam-se-lhe na boca e esvoaçam no ar. A blusa puxada para cima deixa a descoberto a pele do ventre volumoso, de uma tonalidade verde-azulada. Os braços estão lacerados com profundos cortes negros. No tecido da blusa e nos cabelos loiros há

crostas de sangue coagulado. A pele apresenta uma coloração cinza-clara e uma rede de veias castanhas estende-se pelo corpo todo. O sangue parado apodreceu no seu sistema circulatório. Há uma acumulação de pequenas larvas de mosca nos cantos dos olhos e nos orifícios nasais e na boca. O sangue transbordou pela borda da banheira e escorreu para o tapete da casa de banho. As franjas e os cantos já tinham escurecido. No interior da banheira, ao lado do corpo, está uma faca de cozinha ensanguentada.

– É ela? – pergunta Joona.

– Sim, é a Eva.

– Está morta há pelo menos uma semana. O ventre está muito inchado.

– Também acho – concorda Erik.

– Portanto, também não foi ela que sequestrou o Benjamin – constata Joona.

– Tenho de refletir sobre isso – diz Erik. – Eu achava que...

Olha pela janela e vê o edifício baixo de tijolos, do outro lado das linhas do comboio. Eva podia ver o salão da sua congregação através da janela. Erik pensa que, provavelmente, isso lhe dava alguma segurança.

Quinta-feira, dia 17 de dezembro, de manhã

De repente, Simone sente uma gota de sangue a sair-lhe do lábio inferior, que mordera sem querer. Toda a sua energia está concentrada em deter os pensamentos que lhe assaltam a mente. O pai foi atropelado por um automóvel, está há uns dias num quarto sombrio do Hospital Sankt Görans e os médicos ainda não conseguiram determinar a gravidade do seu estado. A única coisa que conseguiu saber é que o choque podia ter sido mortal. Uma dor enorme inunda-lhe a cabeça. Perdeu Erik, talvez tenha perdido Benjamin e, agora, é possível que perca também o pai.

Não sabe em que ponto se encontra a investigação, mas, para estar segura, pega outra vez no telemóvel, verifica se está a funcionar e volta a metê-lo no bolso exterior da carteira, de onde o pode retirar facilmente, caso comece a tocar.

Em seguida, volta a debruçar-se sobre o pai e ajeita-lhe o cobertor. Ele dorme, mas da sua boca não sai qualquer som. Simone pensara muitas vezes que Kennet Sträng era o único homem do mundo que não ressonava minimamente durante o sono.

Tem a testa ligada e, debaixo da gaze, assoma uma mancha escura que se estende por um dos lados da cara. Parece outra pessoa, não só pelas manchas arroxeadas, como também pelo nariz inchado e os cantos da boca descaídos.

Mas não morreu, pensa ela. Está vivo, assim mesmo. E Benjamin, também. Simone está segura, tem de ser assim.

Anda para trás e para diante, no quarto. Recorda que, uns dias antes, depois de sair de casa de Sim Shulman, falara com o pai, mesmo antes do acidente. Ele dissera que tinha encontrado o Wailord e que ia «ao mar», para os lados de Loudden.

Simone olha de novo para o pai, que dorme profundamente.

– Papá?

Arrepende-se logo de lhe ter falado. Ele não desperta, mas uma expressão atormentada percorre-lhe o rosto, como uma nuvem.

Simone toca com cuidado na ferida do lábio, enquanto o olhar se depara com a coroa do Advento. Olha para os sapatos cobertos com as proteções de plástico azul. E pensa numa tarde, há muitos anos, em que ela e Kennet viram a mãe despedir-se deles com a mão e desaparecer no seu pequeno *Fiat* verde.

Simone estremece, a dor de cabeça golpeia-lhe fortemente as têmporas. Ajusta o casaco de malha ao corpo, e, de repente, ouve Kennet a queixar-se debilmente.

– Papá – diz, como se fosse uma criança.

Ele ergue as pálpebras. Tem o olhar turvo, não parece totalmente acordado. Um dos olhos apresenta um coágulo de sangue.

– Papá, sou eu, Simone. Como te sentes?

Ele deixa que o olhar vagueie pela filha. De repente, ela receia que ele não consiga ver.

– Sixan?

– Sim, estou aqui, papá.

Com todo o cuidado, senta-se na cama ao lado dele e pega-lhe na mão. Os olhos de Kennet fecham-se novamente, as sobrancelhas juntam-se, como se sentisse dor.

– Papá – repete, em voz baixa. – Como te sentes?

Ele tenta acariciar-lhe a mão, mas não consegue.

– Em breve, conseguirei levantar-me – diz, arquejante. – Não te preocupes.

Ficam em silêncio. Simone tenta afastar os pensamentos, tenta esquecer a dor de cabeça, deter a inquietação que avança. Não sabe se deve pressioná-lo, no estado em que ele se encontra, mas o pânico obriga-a a tentar.

– Papá, lembras-te do que falámos, mesmo antes de seres atropelado?

Olha para ela, cansado, e nega com a cabeça.

– Disseste que sabias onde encontrar o Wailord. Falaste do mar, lembras-te? Disseste que ias ao mar.

Os olhos de Kennet brilham. Faz uma tentativa para se erguer na cama, mas logo volta a afundar-se, com um gemido.

– Papá, conta-me. Tenho de saber onde fica. Quem é o Wailord? Quem é?

Ele abre a boca, o queixo treme-lhe, quando suspira:

– Um... rapazinho... É... um rapazinho...

– O que estás a dizer?

Mas Kennet voltou a fechar os olhos e parece que já não a ouve. Simone vai até à janela e observa o complexo hospitalar. Sente uma corrente de ar frio e repara no vidro sujo. Bafeja e, por breves instantes, vê um rosto impresso na janela embaciada: alguém antes dela estivera de pé nesse mesmo lugar, com a cabeça apoiada no vidro.

A igreja, do outro lado da rua, está às escuras, os candeeiros da rua refletem-se nos seus vitrais escuros. Simone lembra-se de que Benjamin enviou um *e-mail* a Aida, em que dizia para ela não deixar Nicke ir ao mar.

– Aida – diz, em voz baixa. – Vou falar com ela, e, desta vez, terá de me contar tudo.

*

É Nicke quem abre, quando Simone toca à porta de Aida. Ele olha-a, intrigado.

– Olá – diz ela.

– Arranjei cartas novas – revela-lhe ele, entusiasmado.

– Que bom – diz ela.

– São cartas de raparigas, mas muitas delas são superfortes.

– A tua irmã está em casa? – pergunta Simone, batendo no braço de Nicke.

– Aida! Aida!

Nicke corre para o interior do vestíbulo escuro e desaparece no apartamento.

Simone aguarda no patamar. Então, ouve um estranho bombear e algo que tilinta levemente. Momentos depois, vê uma mulher magra, com corcunda, que se aproxima dela. Arrasta um carrinho, ao qual está ligada por finos tubos de oxigénio que traz nas narinas.

A mulher bate no peito com o pequeno punho.

– En... fisema – sussurra, com voz sibilante, antes de o seu rosto enrugado se contrair com um rouco e doloroso ataque de tosse. Quando finalmente se acalma, faz sinal a Simone para entrar.

Percorrem juntas o comprido e escuro corredor até chegarem a uma sala cheia de móveis pesados. No chão, entre um armário de portas de vidro com uma aparelhagem de som e a mesinha baixa da televisão, Nicke está a entreter-se com as cartas do Pokémon. No sofá castanho, apertado entre duas grandes palmeiras, está Aida.

Simone mal a reconhece. Não está maquilhada e o rosto é jovem e bonito. Toda ela tem uma aparência delicada. Os cabelos, penteados e brilhantes, estão apanhados num rabo de cavalo comprido.

Aida estende o braço para tirar um cigarro do maço, em cima da mesa, e acende-o com a mão trémula, precisamente no momento em que Simone entra na sala.

– Olá – diz esta. – Como estás?

Aida encolhe os ombros. Parece ter estado a chorar. Dá uma fumaça e segura um cinzeiro esverdeado debaixo do cigarro, como se tivesse medo de deixar cair a cinza em cima dos móveis.

– Sen... te-se... – sussurra a mãe para Simone, que ocupa uma das largas poltronas, espremida ao lado do sofá, da mesa e das palmeiras.

Aida deita a cinza no cinzeiro de vidro esverdeado.

– Venho diretamente do hospital – diz Simone. – O meu pai foi atropelado outro dia. Ia a caminho do mar, para se encontrar com o Wailord.

Nicke levanta-se repentinamente. Tem o rosto corado.

– O Wailord está zangado. Muito, muito zangado.

Simone volta-se para Aida, que traga o fumo com força e depois fecha os olhos.

– Quem é o Wailord? – inquire. – De que se trata tudo isto?

Aida apaga o cigarro e depois diz com voz vacilante:

– Desapareceram.

– Quem?

– Um bando de rapazes que nos molestavam, ao Nicke e a mim. Eram terríveis, tinham-me debaixo de olho, iam fazer uma...

Cala-se e olha para a mãe, que deixa escapar um suspiro.

– Fizeram um boneco... a representar a mamã – diz Aida lentamente.

– Idiotas... – silva a mãe, sentada na outra poltrona.

– Usam nomes dos personagens do Pokémon, Azelf, Magmortar ou Lucario e, às vezes, não sei porquê, trocam de nome.

– Quantos são?

– Não sei, talvez sejam apenas cinco – responde. – São rapazes, o mais velho tem a minha idade. O mais novo, seguramente, não terá mais de seis anos. Um dia, decidiram que todos os que moram aqui lhes devem dar alguma coisa – explica Aida, encarando pela primeira vez o olhar de Simone. Tem os olhos cor de âmbar, bonitos, claros, mas parecem aterrados.

– Os mais pequenos eram obrigados a dar-lhes guloseimas, esferográficas... – continua, com a sua voz fina. – Esvaziavam os mealheiros para que não lhes batessem. Outros davam-lhes coisas suas, como telemóveis e jogos da Nintendo. A mim, ficaram-me com um casaco. E dei-lhes cigarros. Ao Nicke, sem mais nem menos, batiam-lhe e tiravam-lhe tudo o que levava. Eram do piorio...

A voz apaga-se e as lágrimas rebentam-lhe nos olhos.

– Será que levaram o Benjamin? – pergunta Simone, sem rodeios.

A mãe agita a mão no ar.

– Esse... rapaz... não ... está... bem...

– Responde-me, Aida – exige Simone. – Responde-me!

– Não grite... com... a minha... filha! – exclama a mãe, com a voz sibilante.

Simone abana a cabeça e diz uma vez mais, num tom ainda mais brusco:

– Agora, vais contar-me tudo o que sabes! Ouviste?

Aida engole com dificuldade.

– Não sei muito – diz finalmente. – O Benjamin meteu-se e disse-lhes que, a partir daquele dia, não lhes daríamos mais nada. O Wailord ficou furioso, disse que nos declarava guerra e exigiu que lhe dêssemos uma boa quantia de dinheiro.

Acende outro cigarro. Trémula, dá uma fumaça, deposita a cinza cuidadosamente no cinzeiro verde e depois acrescenta:

– Quando Wailord soube da doença do Benjamin, distribuiu agulhas entre todos os rapazes para o picarem...

Cala-se e encolhe os ombros.

– O que aconteceu? – pergunta Simone, impaciente.

Aida morde o lábio e retira uma partícula de tabaco da língua.

– O que aconteceu?

– De repente, um dia, o Wailord esfumou-se – murmura. – Continuei a ver os outros... Atacaram o Nicke, há dias. Agora, o chefe é um que se chama Ariados, mas estão confusos e desesperados, desde que o Wailord desapareceu.

– Quando foi isso? Quando foi que o Wailord se esfumou?

– Acho... – Aida pensa um pouco. – Acho que foi na quarta-feira da semana passada. Portanto, dois dias antes de o Benjamin ter desaparecido.

A boca treme-lhe.

– Tenho a certeza de que o Wailord o levou – murmura. – Deve ter-lhe feito alguma coisa terrível e agora não se atreve a aparecer...

De súbito, começa a chorar convulsivamente. Simone vê a mãe levantar-se com dificuldade, tirar-lhe o cigarro da mão e apagá-lo lentamente no cinzeiro verde.

– Maldito... monstro – sussurra a mãe, ofegante, sem que Simone perceba a quem se refere.

– Quem é o Wailord? – insiste Simone. – Tens de me dizer quem ele é.

– Não sei! – grita Aida. – Não sei!

Simone puxa então pela fotografia do relvado e dos arbustos ao lado da cerca de madeira castanho-escuro, que ela encontrara no computador de Benjamin.

– Olha para aqui – diz com aspereza.

Aida olha para a fotografia, com o rosto contraído.

– Que lugar é este? – pergunta Simone.

A rapariga encolhe os ombros e dirige um rápido olhar à mãe.

– Não faço ideia – responde num tom de voz monocórdico.

– Mas foste tu que enviaste esta foto ao Benjamin – replica Simone, irritada. – Ele recebeu-a de ti, Aida.

O olhar dela desvia-se e procura, de novo, os olhos da mãe, que está sentada com a máquina de oxigénio aos pés.

Simone abana-lhe a foto diante dos olhos.

– Olha para a fotografia, Aida. Olha mais uma vez e diz-me: por que razão mandaste isto ao meu filho?

– Foi só uma brincadeira – sussurra ela.

– Brincadeira?

Aida confirma.

– Como se lhe perguntasse se gostaria de viver ali – diz com voz débil.

– Não acredito no que dizes – afirma Simone, resoluta. – Diz-me a verdade!

A mãe levanta-se e aponta-lhe a mão agitada.

– Fora... da minha casa... agora...

– Porque mentes, Aida? – pergunta Simone e consegue finalmente que a rapariga olhe para ela.

A rapariga parece infinitamente triste.

– Desculpe – murmura, num fio de voz. – Desculpe.

Ao sair do apartamento, Simone encontra Nicke, de pé no corredor, a esfregar os olhos.

– Não tenho força. Sou um Pokémon sem poder.

– Claro que tens força – diz ela.

Quinta-feira, dia 17 de dezembro, ao meio-dia

Quando Simone entra no quarto de Kennet, no hospital, encontra-o sentado na cama. O rosto ganhou um pouco de cor e, pela sua expressão, parece que adivinhava que ela chegaria naquele momento.

Simone aproxima-se, inclina-se e encosta a face à mão dele, com cuidado.

– Sabes o que sonhei hoje, Sixan? – pergunta ele.

– Não. – Ela sorri.

– Sonhei com o meu pai.

– Com o avô?

Kennet ri suavemente.

– Imagina, estava na oficina, suado e satisfeito. «Meu rapaz», foi tudo quanto disse. Ainda sinto o cheiro a *diesel*...

Simone engole em seco e forma-se-lhe um nó doloroso na garganta. Kennet abana cautelosamente a cabeça.

– Papá... – suspira Simone. – Lembras-te da nossa conversa, antes de te atropelarem?

Olha para ela, sério, e, de repente, é como se uma luz se lhe acendesse na mente, iluminando-lhe o olhar. Tenta soerguer-se, mas volta a cair para trás.

– Ajuda-me, Simone – diz, impaciente. – Estamos com pressa, não posso ficar aqui parado.

– Papá, lembras-te do que aconteceu?

– Lembro-me de tudo perfeitamente.

Passa a mão pelos olhos, pigarreia e estende os braços.

– Segura-me – ordena.

E, desta vez, quando a filha lhe agarra as mãos, Kennet consegue sentar-se na beira da cama com as pernas suspensas do lado de fora.

– Preciso da minha roupa.

Simone apressa-se a ir ao armário para lha trazer. Ajoelha-se e, quando lhe começa a enfiar as calças pelos pés, a porta do quarto

abre-se e surge um jovem médico.

– Tenho de sair daqui – diz-lhe Kennet bruscamente, antes mesmo de ele ter tido tempo de entrar no quarto.

Simone levanta-se.

– Olá – cumprimenta-o, apertando a mão do médico. – O meu nome é Simone Bark.

– Ola Tuvefjäll – responde ele, e parece constrangido quando se volta para Kennet, que está de pé, a abotoar as calças.

– Olá – saúda-o, enquanto mete a camisa nas calças. – Lamento não poder ficar mais tempo, mas temos uma emergência.

– Não posso obrigá-lo a ficar aqui – diz o médico, com serenidade –, mas deve estar ciente de que recebeu uma pancada forte na cabeça. Pode estar a sentir-se bem agora, mas deve estar avisado de que podem surgir complicações dentro de um minuto, uma hora... talvez amanhã.

Kennet encaminha-se para o lavatório e passa a cara por água fria. Depois, endireitando-se:

– Lamento, como disse, mas tenho de viajar para o mar.

O médico olha para os dois, intrigado, ao vê-los sair apressados pelo corredor fora. Simone conta ao pai a visita que fez a Aida. Enquanto esperam pelo elevador, repara que Kennet tem de se apoiar na parede para não cair.

– Aonde vamos? – pergunta.

Pela primeira vez, o pai não protesta quando ela se senta ao volante. Limita-se a entrar no carro, apertar o cinto de segurança e coçar a testa debaixo da ligadura.

– Tens de me dizer aonde vamos – insiste Simone, ao ver que ele não responde. – Tens de me dizer como se chega lá, não?

Ele dirige-lhe um olhar cheio de mistério.

– Deixa-me pensar um momento – responde.

Encosta-se no assento, fecha os olhos e fica em silêncio por algum tempo. Simone começa a pensar que cometeu um erro; é evidente que o pai não está bem, deve regressar ao hospital. Nesse momento, ele abre os olhos e diz:

– Segue pela Sankt Eriksgatan, atravessa a ponte e vira à direita, para a Odengatan. Depois, desce para a Östra Station e segue pela Valhallavägen, na direção oeste, até ao edifício do instituto do

cinema sueco, Filmhuset. Aí, debes apanhar a Lindarängsvägen, que vai dar ao porto.

– Quem precisa de GPS? – Simone sorri, enquanto entra na congestionada Sankt Eriksgatan, em direção ao centro comercial Västermalmsgallerian.

– Eu pergunto-me... – começa Kennet a dizer, pensativo, mas logo se cala.

– O quê?

– Pergunto-me se os pais saberão de alguma coisa.

Simone olha-o rapidamente de soslaio, quando o carro está a passar pela igreja de Gustav Vasa. Vê uma longa fila de crianças com capas. Levam velas nas mãos e entram lentamente no templo.

Kennet tosse e aclara a voz:

– Gostaria de saber se os pais chegarão a tomar conhecimento do que os filhos andam a fazer.

– Chantagem, abusos, violências e ameaças... – responde Simone, esgotada. – Os pequenos tesouros da mamã e do papá.

Ela pensa no dia em que foi a Tensta, ao estúdio de tatuagens. Uns rapazes seguravam uma menina por cima do varandim. E, de nenhum modo, ficaram assustados. Pelo contrário, revelaram-se ameaçadores, perigosos. E lembra-se de como Benjamin tentou impedi-la de se aproximar do rapaz, na estação do metro. Agora compreende que devia ser um deles. Provavelmente, teria ouvido que usavam nomes de personagens do Pokémon.

– O que está a acontecer à Humanidade? – pergunta retoricamente.

– Não tive um acidente, Sixan. Empurraram-me para a frente de um carro – declara Kennet, com toda a firmeza na voz. – E vi quem o fez.

– Empurraram-te? Quem?...

– Foi um deles. Uma criança, uma menina.

Os triângulos com as luzes natalícias brilham nas janelas escuras do instituto do cinema. As ruas estão enlameadas com uma mistura de neve e chuva. Simone vira para a Lindarängsvägen. Por cima do sofisticado bairro de Gärdet, pairam nuvens baixas e pesadas. Ao que parece, vai desabar um temporal sobre os donos dos cães e das suas felizes mascotes.

Loudden é um cabo situado imediatamente a seguir ao porto de Estocolmo. Em finais da década de 1920, o cabo foi transformado em terminal petrolífero, com quase uma centena de cisternas. A área compreende construções industriais de baixa altura, torres de água e terminais de contentores, refúgios abertos na rocha e molhes.

Kennet puxa do cartão de visita amarrado que encontrou na carteira do rapaz.

– Rua Louddsvägen, 18 – diz, fazendo um sinal para Simone parar o carro.

Ela vira para uma área asfaltada, rodeada por uma cerca metálica.

– Vamos a pé até lá – declara Kennet, ao mesmo tempo que desaperta o cinto de segurança.

Caminham pelo meio de enormes cisternas e observam as estreitas escadas enroscadas como serpentinas à volta das construções cilíndricas. A ferrugem ganha terreno nas placas metálicas soldadas entre si, nos pontos de apoio das escadas e no varandim de segurança.

Começa a cair uma chuva fina e fria. As gotas caem em redor com um ruído metálico. Em breve, vai começar a escurecer e já não conseguirão ver nada. Formaram-se caminhos estreitos entre os grandes contentores ali amontoados, amarelos, vermelhos e azuis. Não há qualquer espécie de iluminação exterior, apenas cisternas, contentores, locais de carga e descarga, barracas que funcionam como escritórios, e, mais perto da água, a mera localização do molhe, com guindastes, rampas, barças e docas secas. Uma carrinha suja da marca *Ford* está estacionada do lado de fora de uma construção situada no flanco de um grande armazém feito de placas de zinco. Na escura vidraça da janela da barraca, veem-se umas letras adesivas, quase descoladas: «O Mar.» As letras inferiores, mais pequenas, tinham-se desprendido, mas ainda se conseguem ler as marcas deixadas no vidro pelas letras: «Escola de pesca submarina.» Há uma barra pesada em frente da porta.

Kennet espera um pouco, escuta e depois abre cautelosamente a porta. Está muito escuro dentro do pequeno escritório. No seu interior, veem-se apenas uma secretária, algumas cadeiras

desdobráveis com assentos de plástico e um par de botijas de oxigénio já enferrujadas. Na parede, está pendurado um painel desbotado de peixes exóticos a flutuar em águas de cor esmeralda. É notório que a escola de pesca submarina já não tem o seu escritório ali. Talvez tenha deixado de funcionar, falido, ou, então, mudou-se para outro lugar.

Um ventilador começa a girar de repente, atrás de uma grade, e ouve-se o barulho de uma porta no interior. Kennet põe um dedo nos lábios. Ouvem-se passos, nitidamente. Correm, abrem a porta e olham para dentro de um grande armazém. Alguém corre no escuro. Simone tenta ver alguma coisa, enquanto Kennet desce por uma escada metálica e inicia a perseguição, mas grita, logo em seguida.

– Papá? – chama ela.

Não consegue vê-lo, mas ouve a sua voz. Ele blasfema e grita-lhe que tenha cuidado.

– Estenderam um arame farpado.

Ouve-se um ruído metálico no chão de cimento. Kennet recomeçou a correr. Simone segue-o, salta por cima do arame farpado, continua e entra no amplo armazém. O ar é frio e húmido. Está escuro e é difícil orientar-se. Ouvem-se passos rápidos ao longe.

Através de uma janela filtra-se a luz do holofote de um guindaste de contentores. Simone vê alguém de pé junto de uma empilhadora. Trata-se de um rapaz com uma máscara que lhe cobre o rosto, uma máscara de tecido cinzento ou de papelão. Segura num tubo de ferro, dá alguns passos nervosos e esconde-se.

Kennet caminha energeticamente na direção de Simone, entre as prateleiras.

– Atrás da empilhadora! – exclama Simone.

O rapaz da máscara avança a correr e atira a Kennet o tubo de ferro, o qual gira no ar e passa a rasar por cima da cabeça do pai de Simone.

– Espera! Só queremos falar contigo! – grita Kennet.

O rapaz abre uma porta de aço e corre para o exterior. Ouve-se a porta a bater e entra alguma luz. Kennet chegou à porta.

– Vai escapar – diz, com um silvo.

Simone ainda o persegue, mas, ao sair, escorrega e cai no chão

húmido de uma passarela de carga. Sente um cheiro forte a desperdícios, levanta-se e vê o pai a correr ao longo do paredão. O solo está escorregadio por causa da neve, e, quando se apressa a segui-lo, escorrega de novo e por pouco não cai ao mar. Mas continua a correr e, ao longe, divisa as duas figuras a afastarem-se. A água escura e semicongelada pela neve enlameada bate na beira do molhe.

Simone sabe que, se tropeçasse e caísse, não demoraria muito tempo a sentir-se paralisada pela água gelada. Iria ao fundo como uma pedra, com o pesado casaco e as botas de inverno. Chegou a pensar naquele jornalista e na namorada que morreram quando o carro deles caiu do paredão. O carro afundou-se como uma pedra, foi engolido pelo lodo do fundo e desapareceu. Cats Falk era o nome dela, lembra-se Simone.

Está sem fôlego e treme de nervosismo e de esforço. Sente as costas empapadas de chuva.

Então, vê que o pai se deteve; aparentemente, perdeu o rapaz de vista. Está de pé, à espera dela, com as mãos apoiadas nos joelhos. A ligadura da cabeça soltou-se e respira com grande esforço para recuperar o fôlego. Um fio de sangue escorre-lhe do nariz. É como se algo se lhe tivesse rompido nos pulmões. No chão, vê-se uma máscara de papelão. Está praticamente desfeita pela chuva. Quando o vento a colhe, esvoaça e cai à água.

– Merda! – exclama Kennet, quando a filha chega junto dele.

Dão meia-volta, com o céu a ficar cada vez mais escuro. A chuva amainou, mas, em contrapartida, começou a soprar um vento forte que assobia por entre as grandes construções de chapa. Passam por uma doca seca de forma oval e Simone ouve o canto escuro e monótono do vento, lá no fundo. Foram pendurados pneus de trator nas suas beiradas para defender o acostamento. Ela olha para baixo, para aquele fantástico buraco perfurado na terra. Uma enorme bacia sem água, cujas paredes rochosas foram reforçadas com cimento e cintas de aço. Cinquenta metros mais abaixo, o chão é de cimento, com grandes plintos para dar apoio aos cascos dos navios.

Uma lona impermeabilizada bate com a ventania e a luz de um guindaste cintila nas paredes verticais do dique seco. De repente, Simone vê alguém sentado atrás de um dos plintos, ao fundo.

Kennet vê que ela estaca e volta-se para ela, intrigado. Sem dizer uma palavra, Simone aponta na direção do dique seco.

Uma figura agachada afasta-se da luz.

Kennet e Simone lançam-se para a escada estreita na parede. A figura levanta-se e deita a correr para o que parece ser uma porta. Kennet, agarrado ao corrimão, desce rapidamente pelos degraus inclinados. Resvala, mas recupera o equilíbrio. O ar está impregnado de um cheiro a metal, ferrugem e água da chuva. Continuam a descer encostados à parede, com o eco dos seus passos a ressoar na profundidade da doca.

O fundo está empapado. Simone sente a água gelada a infiltrar-se nas botas. Tem frio.

– Para onde é que ele foi? – exclama.

Kennet corre entre os plintos onde se encaixam os navios quando é necessário bombear a água. Aponta para o lugar por onde o rapaz fugiu. Não há porta nenhuma, como eles pensavam, mas uma espécie de portinhola. Kennet espreita através dela, mas não consegue ver nada. Está agitado, seca o suor da testa e do pescoço.

– Sai daí, de uma vez por todas – diz ele, arquejante. – Já chega!

Ouve-se um ruído áspero, pesado, ritmado. Kennet começa a arrastar-se, para entrar no ventilador.

– Papá, tem cuidado!

Alguma coisa range e, depois, o mecanismo da comporta começa a chiar. De repente, ouve-se um estrondo ensurdecador e Simone percebe o que está prestes a acontecer.

– Vai deixar entrar a água! – exclama.

– Há uma escada aqui dentro! – ouve Kennet gritar.

Com uma pressão enorme, pequenos esguichos de água gelada começam a cair no interior da doca seca, através das pequeníssimas frinchas das comportas. Continuam os ruídos metálicos e as comportas abrem-se mais um pouco. As águas precipitam-se. Simone corre para a escada, enquanto o nível das águas sobe. Esforça-se por avançar no meio da água gelada, que já lhe dá pelos joelhos. A luz do guindaste reflete-se nas paredes rugosas. As águas formam correntes, criam remoinhos fortes que a puxam para trás. Choca contra uma armação de ferro e fica com os pés dormentes pela dor. A pesada massa de água estrondeia lá no fundo. Está à

beira das lágrimas quando, finalmente, consegue alcançar a escada inclinada e começa a subir por ela. Alguns degraus depois, volta-se, mas não consegue ver o pai no meio da escuridão. O nível das águas já atinge a portinhola, na parede. Os estalidos ressoam como se fossem gritos. Simone sobressalta-se, mas continua a subir. O ar queima-lhe os pulmões e, então, nota que o estrépito das águas começou a diminuir. As comportas fecham-se e o fluxo da água detém-se. Perdeu a sensibilidade na mão com que se agarra ao corrimão. Sente a roupa pesada e a puxá-la para baixo em torno das coxas. Alcança o cimo da escada e vê o pai do outro lado da doca seca. Ele faz-lhe sinais e dirige-se para a escola de pesca submarina, arrastando o rapaz consigo.

Simone está encharcada, com as mãos e os pés gelados. O pai e o rapaz esperam por ela junto do carro. O olhar de Kennet é estranho, distante. O rapaz está de pé, diante dele, com a cabeça baixa.

– Onde está o Benjamin? – grita Simone, antes de chegar junto deles.

O rapaz não diz nada. Ela agarra-o pelos ombros e obriga-o a olhar para ela. Mas fica tão surpresa ao ver o rosto dele que deixa escapar um gemido.

O rapaz tem a ponta do nariz cortada.

Dá a impressão de alguém ter tentado coser a ferida, mas de maneira tosca e apressada. O seu olhar é completamente apático. O vento continua a assobiar. Os três entram então no carro. Simone liga o motor para pôr o aquecimento a funcionar e, em breve, os vidros ficam embaciados. Procura uma barra de chocolate, que oferece ao rapaz. No interior do carro, reina absoluto silêncio.

– Onde está o Benjamin? – pergunta Kennet.

O rapaz não tira os olhos dos joelhos. Mastiga o chocolate e engole com dificuldade.

– Vais contar tudo, estás a ouvir? Vocês bateram noutros rapazes, para lhes tirar dinheiro.

– Já não estou com eles, deixei-os – sussurra ele.

– Porque maltratam os outros? – pergunta Kennet.

– Não sei, isso começou a acontecer quando...

– Começou a acontecer? Onde estão os outros?

– Não sei, como vou saber? Talvez agora façam parte de outro

bando – replica o rapaz. – Foi o que aconteceu com Jerker.

– Tu és o Wailord?

A boca do rapaz começa a tremer.

– Eu deixei tudo – responde, num tom de voz muito fraco. – Juro que deixei.

– Onde está o Benjamin? – pergunta Simone, de repente.

– Não sei – apressa-se ele a responder. – Nunca mais lhe farei mal, juro!

– Escuta bem – continua ela –, eu sou a mãe dele, preciso de saber...

Mas cala-se quando o rapaz começa a baloiçar o corpo para trás e para a frente e a chorar desconsoladamente, repetindo sem cessar:

– Juro, juro... juro... juro...

Kennet apoia a mão no braço de Simone.

– Temos de o levar – diz, com a voz vazia. – O rapaz precisa de ajuda.

Quinta-feira, dia 17 de dezembro, à noite

No cruzamento das ruas Odengatan e Sveavägen, Kennet deixa Simone e faz o curto trajeto até ao hospital pediátrico Astrid Lindgren.

Um médico examina imediatamente o estado de saúde do rapaz e decide deixá-lo em observação. Está desidratado e desnutrido, tem feridas infetadas por todo o corpo e os dedos das mãos e dos pés enregelados. O nome do rapaz que adotara a alcunha Wailord é, na realidade, Birk Jansson e mora em Husby, com uma família de acolhimento. Os Serviços Sociais são informados e contactam o titular da custódia. Quando Kennet está prestes a sair do hospital, Birk rompe a chorar e explica que não quer ficar sozinho.

– Fique comigo, por favor – sussurra, com a mão a tapar a ponta do nariz.

Kennet sente o coração a bater-lhe no peito como se fosse um martelo, pelo esforço excessivo. Ainda sangra do nariz, em virtude das corridas que teve de dar, quando se detém junto à porta.

– Espero aqui contigo, Birk, com uma condição – diz.

Senta-se numa cadeira verde, ao lado do rapaz.

– Tens de me contar tudo sobre o desaparecimento do Benjamin.

Kennet deixa-se ficar ali sentado, cada vez com mais tonturas, na tentativa de conseguir que o rapaz fale durante as duas horas que faltam para a chegada da assistente social. No entanto, a única conclusão a que chega é que alguém assustou Birk de tal maneira que este deixou de acostrar Benjamin. Não parece sequer que saiba do seu desaparecimento.

Quando Kennet sai do hospital, ainda consegue ouvir a discussão entre a assistente social e a psicóloga sobre o internamento de Birk num lar para jovens em Lövsta, na província de Sörmland.

No carro, Kennet liga para Simone e pergunta se chegou bem a casa. Ela responde que conseguira dormir um pouco e estava a

pensar ir tomar um copo.

– Vou falar com a Aida – diz Kennet.

– Pergunta-lhe sobre a fotografia do relvado e da cerca. Alguma coisa não bate certo.

Kennet estaciona o carro em Sundbyberg, no mesmo lugar onde o deixara da última vez, perto do quiosque de bebidas. Está muito frio e alguns flocos de neve deslizam para dentro do carro e caem no assento da frente, quando abre a porta, em frente do prédio onde moram Aida e Nicke. Vê-os logo. A rapariga está sentada num banco do parque, junto ao caminho asfaltado, nas traseiras, que conduz à pequena ilha do lago Ulvsundasjön. Aida observa o irmão. Nicke mostra-lhe alguma coisa, parece que a deixa cair ao chão, mas apanha-a logo. Kennet espera um pouco, enquanto observa os dois. Existe algo na maneira de comunicarem um com o outro que os faz parecer muito sós e desamparados. São quase seis horas da tarde. As águas escuras do lago, afastado das casas, refletem as luzes da cidade.

Kennet sente uma tontura que lhe turva a visão por um instante. Atravessa com cuidado o caminho resvaladiço e desce na direção do lago, através do relvado queimado pela geada.

– Olá – saúda-os.

Nicke ergue os olhos.

– Ah, és tu! – exclama.

Corre e abraça Kennet.

– Aida – diz o rapaz, excitado. – Aida, é ele. Este velhote!

A rapariga dirige-lhe um sorriso pálido e inquieto. Tem a ponta do nariz vermelha do frio.

– E o Benjamin? – pergunta. – Já o encontraram?

– Não, ainda não – responde Kennet, enquanto Nicke se ri e continua a abraçá-lo e a saltitar à volta dele.

– Aida! – exclama Nicke. – Ele é tão velho que até lhe tiraram a pistola...

Kennet senta-se no banco ao lado de Aida. As árvores despidas formam manchas escuras à sua volta.

– Vim para te dizer que o Wailord foi entregue aos Serviços Sociais.

Aida volta o rosto para ele; a sua expressão é de incredulidade.

– Os outros já foram identificados – acrescenta Kennet. – Eram cinco no grupo do Pokémon, não é verdade? Birk Jansson confessou tudo, mas não teve nada a ver com o desaparecimento do Benjamin.

Nicke acalmou ao ouvir as palavras de Kennet e fita-o, boquiaberto.

– Venceste o Wailord? – pergunta.

– Sim – confirma Kennet com voz severa. – Foi-se!

Nicke começa a dançar, dando voltas no caminho. O seu corpo enorme solta nuvens de vapor no ar frio. De repente, para e contempla Kennet:

– És o Pokémon mais forte! És o Pikachu. És o Pikachu!

Feliz, Nicke abraça Kennet, e Aida ri-se, com uma expressão de surpresa.

– Mas, e o Benjamin? – pergunta.

– Não foram eles que o raptaram, Aida. Talvez tenham feito muitas asneiras, mas não levaram o Benjamin.

– Devem ter sido eles, devem ter sido eles.

– Na verdade, acho que não – retruca Kennet.

– Mas...

Kennet tira do bolso a fotografia que estava no computador de Benjamin, a que Aida enviara.

– Agora, preciso que me digas que lugar é este – diz num tom amável, mas firme.

Ela fica pálida e nega com a cabeça.

– Fiz uma promessa – murmura.

– Ouve, as promessas não são válidas quando a vida de alguém está em perigo.

Mas ela aperta os lábios e desvia o rosto. Nicke aproxima-se e olha para o papel.

– Foi a mãe dele que lha deu – conta, feliz.

– Nicke!

Aida olha zangada para o irmão.

– Mas é verdade – protesta Nicke, indignado.

– Quando é que aprendes a fechar a boca? – indaga ela.

Kennet manda-os calar.

– Foi a Sixan que deu esta fotografia ao Benjamin? Que queres dizer com isso, Nicke?

O rapaz olha ansioso para a irmã, como quem espera autorização para responder à pergunta, mas ela nega com a cabeça, voltada para ele. Kennet sente uma pulsão dolorosa na cabeça, onde sofreu o impacto.

– Responde-me agora, Aida – diz, lutando para manter a calma.
– Realmente, não faz qualquer sentido guardar segredo numa situação como esta.

– A fotografia nada tem a ver com isto – profere, angustiada. – Prometi ao Benjamin que não contaria a ninguém o que quer que acontecesse.

– Diz-me o que representa a fotografia!

Kennet ouve a própria voz a ecoar por entre os prédios. Nicke parece assustado e triste. Aida, teimosamente, aperta ainda mais os lábios. Kennet faz novo esforço para se controlar. Mas pode aperceber-se da instabilidade da sua voz quando tenta explicar:

– Aida, ouve com atenção. O Benjamin vai morrer se não o encontrarmos. Ele é o meu único neto. Não vou pôr de lado nenhuma pista, sem antes a investigar.

Ditas estas palavras, o silêncio é completo. No entanto, em seguida, Aida vira-se para Kennet e diz, resignada, a soluçar:

– O Nicke disse a verdade. – Engole com esforço, antes de acrescentar: – Foi a mãe que lhe deu esta fotografia.

– O que queres dizer com isso?

Kennet olha para Nicke, que confirma veementemente com a cabeça.

– Não a Simone – diz Aida –, mas a sua verdadeira mãe.

Kennet sente uma náusea a subir-lhe até à garganta e uma dor intensa no tórax. Tenta respirar fundo e o coração bate-lhe violentamente no peito. Começa a imaginar que vai ter um ataque cardíaco, mas a dor cede mais uma vez.

– A sua verdadeira mãe? – inquire.

– Sim.

Aida tira o maço de cigarros da mochila, mas não chega a acender nenhum, pois Kennet tira-lho suavemente da mão.

– Não podes fumar – diz ele.

– Porque não?

– Ainda não fizeste dezoito anos.

Ela encolhe os ombros.

– Está bem, de qualquer forma, não me importo – replica secamente.

– Muito bem – prossegue Kennet, sentindo-se inexplicavelmente lento a pensar.

Rebusca na memória factos relacionados com o nascimento de Benjamin. As imagens passam-lhe pela mente, agitadas: o rosto de Simone, vermelho de tanto chorar, após um aborto espontâneo, e, depois, naquele dia de S. João, com um largo vestido estampado, já em estado avançado de gravidez. Kennet lembra-se de quando os visitou na maternidade e ela lhe mostrou o bebé. «Olha que menino tão bonito», disse ela, a sorrir, com uma ligeira tremura nos lábios. «Vai chamar-se Benjamin, o filho predileto.»

Kennet esfrega os olhos com força, coça-se debaixo da ligadura e pergunta:

– Como se chama a sua... verdadeira mãe?

Aida olha para o lago, pensativa.

– Não sei – responde monocordicamente. – Juro, não sei. Mas ela contou ao Benjamin qual era o seu verdadeiro nome. E chamava-lhe sempre Kasper. Era boa, ia esperá-lo todos os dias à escola, depois das aulas. Ajudava-o nos trabalhos de casa e acho que, às vezes, lhe dava dinheiro. E ficou muito triste quando se viu obrigada a separar-se dele.

Kennet mostra a fotografia mais uma vez:

– E isto, o que é?

Aida olha de relance para a fotografia.

– É a sepultura da família, da verdadeira família do Benjamin. Os parentes dele estão enterrados aí.

As escassas horas de luz do dia já ficaram para trás e a escuridão da noite desceu novamente sobre a cidade. Em quase todas as janelas do outro lado da rua veem-se estrelas do Advento. O copo de *grappa* italiana, em cima da mesinha baixa da sala de estar, exala um forte aroma a uvas. Simone está sentada no chão de madeira, a examinar alguns esboços. Depois de ter saído do carro do pai, no cruzamento das ruas Sveavägen e Odengatan, dirigiu-se a casa. Tirou a roupa molhada, envolveu o corpo num cobertor e deitou-se. Adormeceu no sofá e só acordou quando Kennet telefonou. Mais tarde, chegou Sim Shulman.

Agora, está sentada no chão, apenas com a roupa interior. Bebe a aguardente, que lhe faz arder o estômago. Alinha os esboços, quatro folhas de papel que representam a exposição que ele planeia para o centro de arte de Tensta.

Shulman fala por telemóvel com o curador do centro, enquanto anda em círculos pela sala. De repente, o chão, que range sob os seus passos, deixa de o fazer. Simone dá conta de que ele mudou de posição, para poder ver-lhe o meio das coxas. Ela sente-o claramente. Junta os esboços, pega no copo e bebe um trago, sem olhar para Shulman. Abre um pouco as coxas e imagina como o olhar dele procura possuí-la com paixão. Agora, ele fala mais devagar, é óbvio que pretende terminar a conversa. Simone deita-se de costas e fecha os olhos, sente o formigueiro quente nos seios enquanto espera por ele, a afluência de sangue, a humidade no sexo. Shulman parou de falar e aproxima-se. Ela permanece de olhos fechados, abre um pouco as pernas. Ouve-o a correr o fecho da braguilha. De repente, sente as mãos dele nas ancas. Fá-la girar o corpo e pôr-se de joelhos. Tira-lhe as cuecas e penetra-a por trás. Simone ainda não está preparada. Vê as suas mãos no chão, os dedos imóveis em cima dos tacos de madeira de carvalho. As unhas, as veias nas costas das mãos. Tem de se segurar para não cair para a

frente, quando ele, dentro dela, a empurra, duro e solitário. O aroma intenso da *grappa* faz com que se sinta um pouco enjoada. Queria pedir a Sim que parasse, que o fizesse de uma outra forma. Queria recomeçar tudo no quarto, mais próximos um do outro. Ele ofega pesadamente e ejacula dentro dela. Momentos depois, sai e encaminha-se para a casa de banho. Ela puxa as cuecas para cima e fica estendida no chão. Uma estranha impotência parece prestes a apoderar-se dela, de lhe apagar os pensamentos, as esperanças, a alegria. Já nada mais lhe importa que não esteja relacionado com Benjamin.

Quando se levanta, vê que Shulman terminou o duche e sai da casa de banho, com uma toalha enrolada à cintura. Sente os joelhos doridos. Tenta sorrir ao passar por ele e fecha a porta da casa de banho à chave. Sente um intenso ardor na vagina quando se mete debaixo do chuveiro. É invadida por uma sensação terrível de solidão, ao mesmo tempo que a água quente lhe molha o cabelo, escorre pelo pescoço, os ombros e as costas. Ensaboia-se e lava-se minuciosamente. Enxagua o corpo todo, durante muito tempo, e levanta o rosto para receber o suave fluxo da água.

Pelo estrondo nos ouvidos, percebe que alguém está a bater à porta da casa de banho.

- Simone – chama Shulman. – O teu telefone está a tocar.
- O quê?
- O teu telefone.
- Atende – diz ela, fechando a torneira.
- Agora, também estão a bater à porta – grita ele.
- Já vou.

Pega numa toalha limpa do armário e seca-se. A casa de banho está cheia de um vapor tépido e a sua roupa interior, atirada para o húmido pavimento de azulejos. O espelho está embaciado, e ela adivinha-se a si mesma como um pálido fantasma sem rosto, uma figura de argila. Vem um som esquisito da grelha de ventilação, no teto. Simone não percebe porque todos os seus sentidos estão alerta, como se se encontrasse diante de um perigo grave, porque abre com extremo cuidado e em silêncio a porta da casa de banho e espreita para fora. Um silêncio aterrador irradia para ela, vindo de todos os cantos do apartamento. Alguma coisa não está bem. Interroga-se se

Schulman já terá saído, mas não ousa chamá-lo.

De repente, ouve o murmúrio de uma conversa, talvez vindo da cozinha, pensa. Mas com quem estará ele a conversar? Procura afugentar a sensação de terror, mas não consegue. O chão range e, pela frincha da porta da casa de banho, vê alguém a atravessar rapidamente o corredor. Não é Shulman, mas uma pessoa muito mais pequena: uma mulher vestida com um fato de treino largo. A rapariga vem da sala e Simone não tem tempo de se esconder. Os seus olhares cruzam-se através da porta entreaberta. A outra fica rígida e Simone vê os seus olhos a dilatarem-se de medo. Depois, nega rapidamente com a cabeça na sua direção e percorre o corredor até à cozinha. O calçado desportivo deixa pegadas de sangue no chão. Uma onda de pânico apodera-se de Simone, o coração acelera e conclui que tem de fugir do apartamento e fugir para longe. Abre a porta da casa de banho e sai furtivamente pelo corredor em direção ao vestíbulo. Tenta movimentar-se sem fazer ruído, mas ouve a sua própria respiração profunda e os estalidos do chão sob o seu peso.

Alguém fala consigo mesmo e procura alguma coisa na gaveta dos talheres na cozinha. Ouve-se um ruído metálico cortante.

Apesar do escuro, Simone consegue ver um vulto caído no chão do vestíbulo. Leva alguns segundos a compreender o que tem diante dela: Shulman jaz de costas, diante da porta de entrada. O sangue brota de um ferimento no pescoço, em lentas golfadas. Um charco escuro cobre praticamente todo o chão da entrada. Shulman olha fixamente para o teto, com as pálpebras a tremer. A boca está aberta e flácida. Ao lado da mão, entre os sapatos que descansam no tapete, está o telemóvel dela. Simone pensa que deve apanhá-lo, fugir do apartamento, chamar a Polícia e uma ambulância. Fica espantada por não ter tido o impulso de gritar quando viu Shulman caído no chão. Talvez devesse dizer-lhe alguma coisa, pensa, mas, de repente, ouve passos no corredor. A jovem está de volta. Simone tem o corpo todo a tremer, morde o lábio e tenta manter a calma.

– Não podemos sair. A porta está fechada à chave – sussurra a rapariga.

– Quem é que...

– O meu irmão mais novo – interrompe ela.

– Mas porquê?...

– Pensava que era o Erik. Nem o chegou a ver, julgava...

Uma gaveta da cozinha cai ao chão com estrépito.

– Evelyn? O que estás a fazer? – grita Josef Ek. – Vens ou não?

– Esconde-te – sussurra a jovem.

– Onde está a chave? – pergunta Simone.

– Está com ele, na cozinha – diz a rapariga e apressa-se a voltar para lá.

Simone percorre em silêncio o longo corredor e entra no quarto de Benjamin. Respira agitada, tenta fechar a boca, mas sente que lhe falta o ar. O chão range sob os seus pés, mas Josef Ek não para de falar em voz alta na cozinha e parece não dar conta de nada. Simone aproxima-se do computador do filho e liga-o. Quando se apressa a regressar, ouve a ventoinha começar a funcionar com um rangido. Ao entrar silenciosamente na casa de banho, ouve a melodia de boas-vindas do sistema operativo.

Com o coração aos pulos, aguarda alguns segundos, deixa a casa de banho, olha para o corredor vazio e dirige-se rapidamente para a cozinha. Lá não há ninguém. O chão está pejado de talheres e pegadas de sangue.

Ouve os irmãos no quarto de Benjamin. Josef Ek blasfema contra si mesmo e atira alguns livros ao chão.

– Vê debaixo da cama – exclama Evelyn com uma voz assustada.

Alguma coisa cai ao chão, Simone ouve Josef a arrastar a caixa das revistas de banda desenhada e a bufar, exaltado, quando comprova que ali não há ninguém.

– Ajuda-me – diz.

– No guarda-roupa – propõe ela rapidamente.

– Que raio é isto? – grita Josef.

As chaves estão em cima da mesa de carvalho da cozinha. Simone apanha-as e encaminha-se rápida e silenciosamente para o vestíbulo.

– Espera, Josef! – ouve Evelyn gritar.

Talvez esteja a vasculhar no outro guarda-roupa. Ouve-se um vidro a estilhaçar e passos pesados pelo corredor.

Simone salta por cima do corpo de Shulman e repara que ele move ligeiramente os dedos. Introdz a comprida chave na

fechadura, com a mão a tremer-lhe violentamente.

– Josef! – exclama Evelyn, desesperada. – Vê no quarto! Acho que ele está no quarto!

Simone dá a volta à chave e ouve o clique da fechadura, no mesmo instante em que Josef Ek irrompe no vestíbulo e olha fixamente para ela. Os seus pulmões deixam escapar um ronco arquejante. Simone tateia a maçaneta, de rosto voltado para ele. Josef empunha uma faca de trinchar, hesita um momento, mas avança na direção dela com passos rápidos. As mãos de Simone tremem tanto que não consegue mover a maçaneta. Evelyn entra de rompante no vestíbulo, lança-se às pernas do irmão e tenta segurá-lo, enquanto lhe grita que espere. Com um movimento rápido, e sem olhar, ele dá um golpe com a faca na cabeça de Evelyn. Esta grita de dor, mas Josef empurra-a. Evelyn não tem forças para se manter agarrada às pernas dele. Simone consegue abrir a porta e, aos tropeções, sai para o patamar. A toalha solta-se-lhe do corpo. Josef aproxima-se dela, mas para, de súbito, e fica a observar-lhe o corpo nu. Por trás dele, Simone vê Evelyn a untar-se, num movimento rápido, com o sangue de Shulman, derramado no chão. Passa a mão ensanguentada pelo rosto e pelo pescoço. E deixa-se cair.

– Josef, estou a perder muito sangue – grita. – Ajuda-me, meu amor...

Tosse e depois fica em silêncio, jaz de costas como se estivesse morta. Josef volta-se para a irmã e vê-lhe o corpo ensanguentado.

– Evelyn? – diz ele, com voz temerosa.

Josef retorna ao vestíbulo e, quando se debruça sobre a irmã, Simone distingue, de repente, a faca na mão de Evelyn e vê como ela a enterra no irmão, com uma força primitiva. A lâmina penetra nas costas de Josef, entre duas costelas. O rapaz imobiliza-se, deixa pender a cabeça e cai inerte no chão.

Sexta-feira, dia 18 de dezembro, de manhã cedo

No corredor do Hospital de Danderyd, Kennet passa por duas agentes da Polícia que estão a cochichar. Na sala, por trás delas, vê uma jovem sentada, de olhar vazio. Tem o rosto coberto de sangue e o cabelo empastado. Sobressaem algumas manchas negras no pescoço branco e no peito. Está sentada com as pernas ligeiramente encolhidas, ausente e infantil. Presume que seja Evelyn, a irmã do assassino em série, Josef Ek. Como se o tivesse ouvido pronunciar o seu nome em pensamento, ela ergue o olhar e encara-o. Nos seus olhos, há uma expressão estranha, uma mistura de dor e de comoção, arrependimento e triunfo, que quase parece obscena. Kennet desvia a cara instintivamente, com a sensação de ter visto algo de terrivelmente íntimo, um tabu. Sente um calafrio e diz para si mesmo que bem pode alegrar-se por estar reformado, por não ser ele a ter de entrar na sala de Evelyn Ek, puxar de uma cadeira e interrogá-la. Ninguém devia ter de suportar o que ela tinha vivido com Josef Ek, ao longo da sua existência.

Um homem fardado, de rosto comprido e pálido, vigia a entrada da sala de Simone. Kennet reconhece-o do tempo em que esteve no ativo, mas tem dificuldade em lembrar-se do seu nome.

– Kennet – diz o homem. – Está tudo bem?

– Não.

– Já imaginava.

De repente, Kennet lembra-se do nome dele: Reine. A mulher morrera de forma inesperada, quando acabavam de ter o primeiro filho.

– Reine – diz –, sabes como o Josef conseguiu entrar no apartamento da irmã?

– Ao que parece, ela deixou-o entrar.

– Voluntariamente?

– Não exatamente.

Então, Reine contou que Evelyn lhe tinha explicado que

acordara a meio da noite, fora até à porta do apartamento, olhara pelo óculo e vira o agente Ola Jacobsson sentado na escada, a dormir. No render da guarda, ela ouvira-o dizer ao colega que tinha filhos pequenos em casa e, por isso, não quis acordá-lo, voltou para o sofá e ficou a ver, mais uma vez, o álbum de fotografias que Josef lhe metera na caixa de papelão. As imagens eram reflexos ininteligíveis de uma vida que há muito tempo desaparecera. Voltou a colocar o álbum na caixa e refletiu se seria possível trocar de nome e mudar-se para o estrangeiro. Mais tarde, acercou-se da janela, olhou pela frincha da persiana e pareceu-lhe ver alguém em pé, no passeio. Recuou imediatamente, esperou uns momentos e voltou a espreitar. Estava a nevar intensamente e não conseguiu ver ninguém. Os candeeiros da rua baloiçavam ao sabor do vento forte. Sentiu um arrepio no corpo, e, furtivamente, foi de novo até à entrada do apartamento, encostou o ouvido à porta e escutou. Pressentia alguém do outro lado da porta. Aparentemente, Josef exalava um cheiro particular, um cheiro a ódio, a substâncias químicas candentes, e, de repente, Evelyn julgou sentir aquele odor. Talvez fosse imaginação sua, mas, de qualquer modo, deixou-se ficar junto à porta, sem ousar, no entanto, olhar pelo óculo.

Momentos depois, inclinou-se para a frente e murmurou:

– Josef?

No patamar, reinava o silêncio. Já se dispunha a voltar para dentro quando o ouviu murmurar do outro lado da porta:

– Abre.

Ela reprimiu um soluço e respondeu:

– Sim.

– Julgavas que podias livrar-te de mim?

– Não – suspirou ela.

– Só farás o que eu te disser.

– Não posso...

– Olha pelo óculo – interrompeu-a.

– Não quero.

– Faz o que te digo.

A tremer, inclinou-se e, por um ângulo da lente, viu o patamar da escada. O polícia que dormia continuava no mesmo lugar, mas agora havia uma grande poça de sangue escuro debaixo dele. Tinha

os olhos fechados, mas respirava, ofegante. Evelyn viu o irmão escondido, encostado à parede. Subitamente, este atirou-se contra a porta e deu uma pancada forte no óculo com o punho. A rapariga recuou e tropeçou nos sapatos do vestíbulo.

– Abre – exige ele. – Caso contrário, vou acabar com o polícia. Depois, toco à campainha dos vizinhos e mato-os a todos. E vou começar pela porta ao lado.

Nesse momento, Evelyn resignou-se, não aguentava mais. A sua esperança apagou-se quando a razão lhe disse que jamais poderia livrar-se de Josef. Com as mãos a tremer, abriu a porta e deixou entrar o irmão. O seu único pensamento, naquele momento, era que preferia morrer a permitir que ele voltasse a assassinar mais alguém.

Reine explica a sequência dos factos o melhor que pode, a partir da confissão da rapariga. Supõe que Evelyn quis ajudar o polícia ferido e evitar novos assassinatos, e que, por isso, abriu a porta.

– Jacobsson vai recuperar – diz. – Ela salvou-lhe a vida, ao obedecer ao irmão.

Kennet abana a cabeça:

– O que está a acontecer às pessoas? – lamenta-se.

Cansado, Reine passa a mão pela testa.

– Salvou a vida à tua filha.

Kennet bate devagarinho à porta do quarto de Simone e entreabre-a. As cortinas estão corridas e as luzes apagadas. Semicerra os olhos para poder ver na obscuridade. Num sofá, divisa um vulto que deduz ser a sua filha.

– Simone? – sussurra.

– Papá, estou aqui.

A voz provém do sofá.

– Queres ficar às escuras? Ou acendo a luz?

– Não aguento, papá – sussurra, após um momento. – Não aguento mais.

Kennet aproxima-se com passos silenciosos. Senta-se no sofá e abraça a filha, que rompe num choro de fazer partir o coração.

– Uma vez, quando eras pequena – suspira ele, dando-lhe palmadinhas nas costas –, ao passar pela tua creche no meu carro-patrolha, vi-te no jardim. Estavas encostada à cerca, a chorar. O

ranho saía-te pelo nariz, estavas molhada e suja, e ninguém fazia nada para te consolar. As pessoas da creche estavam a conversar umas com as outras, indiferentes ao que estava a acontecer.

– E o que fizeste? – pergunta Simone num sussurro.

– Estacionei o carro e fui ter contigo.

Kennet sorri para si mesmo, na obscuridade.

– Paraste logo de chorar. Pegaste na minha mão e vieste comigo.

Fica em silêncio.

– Imagina, então, que eu te pego na mão e vou para casa contigo. – Ela anui, encosta a cabeça no ombro dele e depois pergunta:

– Sabes alguma coisa do Sim?

Ele afaga-lhe o rosto e, por um instante, interroga-se se deve ou não contar-lhe a verdade. O médico dissera-lhe, sem qualquer delicadeza, que Shulman perdera demasiado sangue, tinha sérios danos cerebrais e nada havia a fazer. Por fim, acrescentou que não achava possível que viesse a sair do estado de coma.

– Ainda não sabem ao certo – responde cautelosamente –, mas...

– Kennet deixa escapar um suspiro – ... a situação não é boa, minha querida.

Ela estremece e recomeça a soluçar.

– Não aguento, não aguento – lamenta-se.

– Vamos lá, vamos lá... Já telefonei ao Erik, vem a caminho.

Ela assente.

– Obrigada, papá.

Ele afaga-a novamente.

– Não posso mais – murmura Simone.

– Não chores, minha querida.

Mas ela continua a chorar, lamentando-se.

– Não aguento mais...

Nesse momento, a porta do quarto abre-se e Erik acende a luz. Aproxima-se dos dois e senta-se no sofá, ao lado de Simone.

– Graças a Deus, estás bem!

Ela encosta a cabeça ao seu peito.

– Erik... – diz, quase sufocada pelo seu abraço.

Ele afaga-lhe a cabeça. Parece muito cansado, mas o seu olhar é desperto e intenso. Simone acha que ele cheira ao lar deles, a

família.

– Erik – diz Kennet, num tom sério. – Precisas de saber uma coisa muito importante. Tu também, Simone. Falei com a Aida.

– Ela disse alguma coisa? – pergunta Simone.

– Conte-lhe que tínhamos encontrado o Wailord e os outros – explica Kennet. – Não queria que continuasse a ter medo.

Erik olha para ele, na expectativa.

– É uma longa história, irei contá-la quando tivermos tempo, mas...

Kennet respira fundo e acrescenta, com a voz rouca e cansada:

– Alguém entrou em contacto com o Benjamin, dias antes de ele desaparecer. Alguém que se fez passar pela sua mãe biológica, a sua verdadeira mãe.

Simone solta-se imediatamente de Erik e olha para o pai. Limpa o nariz e, num fio de voz, provocado pelo pranto, pergunta:

– A sua mãe verdadeira?

Kennet confirma.

– A Aida contou-me que essa mulher lhe dava dinheiro e o ajudava nos trabalhos de casa.

– Mas isso é uma loucura – suspira Simone.

– Deu-lhe, inclusive, outro nome.

Erik olha para Simone, depois para Kennet e pede-lhe para continuar.

– Sim – assente ele. – A Aida disse-me que a mulher que dizia ser a mãe assegurava que o seu verdadeiro nome era Kasper.

Simone nota que o rosto de Erik se altera, e sente uma terrível inquietação que de repente a deixa completamente desperta.

– O que foi, Erik? – pergunta.

– Kasper? – repete ele. – Ela chamava-lhe Kasper?

– Sim – confirma Kennet. – A Aida, primeiro, não queria contar-me nada, tinha prometido ao Benjamin que...

Interrompe o que ia a dizer. Erik empalideceu, parece prestes a desmaiar. Levanta-se, dá uns passos para trás, quase tropeça na mesa, choca com uma poltrona e abandona o quarto precipitadamente.

Sexta-feira, dia 18 de dezembro, de manhã

Erik desce as escadas a correr em direção ao átrio do hospital e abre passagem pelo meio de um grupo de jovens com ramos de flores. Escorrega e cai no chão sujo, levanta-se e passa em frente de um velhote numa cadeira de rodas. Os tapetes molhados da entrada salpicam-lhe os sapatos quando abre as portas com um empurrão. Continua a descer a escadaria de pedra sem se importar com as poças de água, nem com a neve derretida, escura e lamacenta. Passa a correr em frente de um autocarro, atravessa a rua e as sebes baixas e entra no estacionamento para visitantes. Já está com a chave na mão e corre para o carro, numa longa fila de veículos sujos. Abre o carro, entra e liga o motor. Faz marcha atrás tão bruscamente que a parte lateral do carro roça no para-choques do veículo ao lado.

Ainda respira de forma agitada quando toma a Danderyvägen, na direção oeste. Conduz o mais depressa que pode, mas diminuiu a marcha quando se aproxima da escola de Edsberg. Ao passar na sua frente, aproveita a baixa velocidade para telefonar a Joona.

- Foi a Lydia Evers – diz quase aos gritos.
- Quem?
- Foi a Lydia Evers que raptou o Benjamin – prossegue, em tom sério. – Já lhe falei dela, é a mulher que me denunciou.
- Vamos investigá-la – responde Joona.
- Estou a ir para lá.
- Dê-me a direção.
- Uma casa na Tennisvägen, em Rotebro. Não me lembro do número, mas a casa é vermelha e bastante grande.
- Espere por mim em algum sítio...
- Não, vou diretamente para lá.
- Não faça nenhum disparate.
- O Benjamin vai morrer se não tomar o medicamento.
- Espere por mim...

Erik desliga e acelera ao passar por Norrviken e deixar para trás a linha do comboio, que desce para o extenso lago. Faz uma ultrapassagem perigosa em frente da fábrica de fermentos e sente a pulsação nas têmporas, ao virar em Coop Forum.

Orienta-se na zona residencial e estaciona junto da mesma sebe de abetos, como fizera dez anos antes, quando ele e a assistente social foram fazer a visita domiciliária a Lydia. Ao olhar para a casa do interior do carro, quase pode sentir a sua presença ali, dez anos atrás. Lembra-se de não terem encontrado sinais da existência de qualquer criança, nem brinquedos no jardim, algo que indicasse que Lydia fosse mãe. Por outro lado, mal tiveram tempo de ver a casa. Tinham descido até à cave e voltado pelo mesmo caminho. E, a seguir, Lydia começou a persegui-lo de faca na mão. Lembra-se da imagem dela a ferir-se no pescoço, sem tirar os olhos dele.

O lugar não mudou muito. A pizaria foi substituída por um restaurante de *sushi*, e as camas elásticas nos jardins estão cobertas de neve e de folhas secas.

Erik deixa a chave na ignição, sai do carro e sobe a correr a rua inclinada, em direção à casa. Percorre energicamente o último trecho, abre a cancela e entra no jardim. Uma neve húmida cobre a relva alta e amarelada, pedaços de gelo pendem das caleiras. Vasos com as plantas secas balançam ao vento nas floreiras suspensas. Erik empurra a porta e verifica que está fechada à chave. Vê debaixo do tapete da porta; alguns bichos-de-conta apressam-se a deixar o retângulo húmido da escada de cimento. O coração bate-lhe forte no peito, enquanto procura a chave debaixo do varandim, mas não encontra nada. Corre para as traseiras da casa, pega numa pedra do chão e atira-a contra o vidro da porta do terraço. O vidro racha e a pedra volta a cair no relvado. Erik torna a apanhá-la, arremessa-a com mais força e, desta vez, o vidro fica em pedaços. Corre para a porta, abre-a e entra num quarto em cujas paredes estão pendurados quadros com anjos e o guru indiano Sai Baba.

– Benjamin – grita. – Benjamin!

Chama pelo filho, apesar de ver que a casa está abandonada: tudo está imóvel e às escuras. Cheira a casa fechada, a roupa velha e a pó. Dirige-se rapidamente ao vestíbulo, abre a porta que dá para a escada da cave e recebe o impacto de um mau cheiro forte, a

cinzas, madeira carbonizada e borracha queimada. Desce a correr e tropeça num degrau. Bate na parede com o ombro, mas logo readquire o equilíbrio. As luzes não funcionam, mas, graças à luz da janela alta que dá para o jardim, percebe que deitaram fogo ao que havia naquele espaço. O chão range debaixo dos seus pés. Grande parte ficou queimada, mas alguns móveis ainda parecem intactos. A mesa com tampo de azulejos está apenas chamuscada, enquanto as velas de cheiro na bandeja derreteram todas. Erik dirige-se à porta que dá para o outro compartimento na cave. As dobradiças estão soltas e o interior, calcinado.

– Benjamin – diz, com medo na voz.

As cinzas rodopiam, chegam-lhe à cara e Erik pisca os olhos, sentindo-os a arder. No meio do chão, estão os restos do que parece ter sido uma gaiola suficientemente grande para nela caber uma pessoa.

– Erik – grita alguém de cima.

Ele para e escuta. Ouvem-se rangidos nas paredes. Pedacos queimados do teto desprendem-se. Caminha lentamente para a escada e ouvem-se ao longe latidos de cães.

– Erik!

É a voz de Joona, já dentro da casa. Sobe a escada e, ao chegar ao cimo, Joona dirige-lhe um olhar intranquilo.

– O que aconteceu?

– A cave ardeu – responde Erik.

– Nada mais?

Erik faz um gesto vago, na direção da cave:

– Os restos de uma gaiola.

– Pedi que trouxessem um cão-polícia.

Joona caminha apressadamente pelo corredor em direção ao vestíbulo e abre a porta. Faz sinal a uma colega de uniforme com um cão preso pela trela, uma mulher de cabelos negros bem presos numa longa trança. O labrador de pelo preto segue-a de perto. Ela cumprimenta Erik com a cabeça e pede-lhes para esperarem no exterior. Depois, agacha-se e fala com o animal. Joona tenta que Erik saia com ele, mas rende-se ao perceber que não conseguirá.

O cão de pelo luzidio move-se, ansioso, pela casa, fareja energicamente, respira, ofegante, e prossegue a busca. A barriga

agita-se com o esforço. Sistemáticamente, o animal verifica cada uma das divisões da casa. Erik continua no vestíbulo, nervoso. De repente, sente que vai vomitar e sai da casa. Dois homens fardados estão a conversar diante de uma carrinha da polícia. Erik passa por eles, em direção ao seu carro. Detém-se e tira do porta-luvas a caixinha de madeira, com o papagaio e o índio, e, em seguida, dirige-se a uma sarjeta e esvazia nela o seu conteúdo. Tem a testa coberta de suores frios. Humedece os lábios como se fosse dizer alguma coisa após um longo silêncio. Depois, deixa também cair a caixinha e ouve o barulho que esta faz ao embater na superfície da água.

Regressa ao jardim e vê Joona em frente da casa. Troca um olhar com Erik e nega com a cabeça. Este entra. A agente do cão está ajoelhada ao lado do labrador, dando-lhe palmadinhas no cachaço e fazendo-lhe festas atrás das orelhas.

– Foram à cave? – pergunta Erik.

– Evidentemente – responde, sem olhar para ele.

– E ao compartimento interno?

– Sim.

– Talvez o olfato do cão seja afetado pelas cinzas.

– O *Rocky* pode encontrar um cadáver debaixo de água, a sessenta metros de profundidade – diz ela.

– E uma pessoa viva?

– Se houvesse alguma aqui, o *Rocky* tê-la-ia encontrado.

– Mas ainda não procuraram lá fora – diz Joona, que entrou atrás de Erik.

– Não sabia que era preciso – replica a agente do cão.

– Mas é – responde Joona secamente.

Ela encolhe os ombros e levanta-se.

– Vem – diz ao labrador, com voz pesada. – Vem comigo. Vamos ver lá fora? Vamos ver lá fora?

Erik segue no encalço da mulher e do animal. Descem os degraus da entrada e seguem para as traseiras. O cão passa, agitado, por cima da relva alta, fareja em redor de um barril com água, onde se formou uma lâmina de gelo na superfície, e busca entre as velhas árvores de fruto. O céu está escuro, muito nublado. Erik repara que o vizinho acendeu algumas fieiras de lâmpadas de cores diferentes à

volta de uma árvore. O ar é frio. Os dois policiais foram para dentro da carrinha. Joona mantém-se sempre por perto da agente e do seu cão, e, de vez em quando, aponta para algum lugar. Erik segue-os até às traseiras da casa. De repente, reconhece o montículo ao fundo do jardim: a fotografia fora tirada ali, aquela que Aida enviou a Benjamin antes de ele desaparecer. Erik respira fundo. O cão mete o focinho no húmus, continua até ao pequeno monte, cheira nas imediações, ofega e gira sobre si mesmo. Fareja no meio dos arbustos baixos e por trás da cerca de madeira, volta, vai cheirar um cesto de folhas secas e continua até uma pequena horta, um pouco mais longe. Veem-se saquinhos de sementes pendurados em pequenas estacas, que assinalam o que foi plantado em cada fileira. O labrador preto rosna, inquieto, e acaba por se agachar no meio da pequena plantação. Fica deitado na terra solta e molhada. O corpo dele treme de excitação, enquanto a agente o elogia. Joona vira-se bruscamente e corre, gritando para onde Erik se encontra. Põe-se na sua frente para evitar que ele chegue à horta. Erik não percebe o que ele diz, nem o que está a tentar fazer, mas Joona consegue levá-lo para o jardim em frente da casa.

– Eu quero saber – diz Erik, com a voz entrecortada.

Joona anui e diz em voz baixa:

– O cão acaba de indicar que existe um cadáver debaixo da terra.

Erik cai no passeio, junto à caixa de eletricidade. Os pés, as pernas, todo o seu corpo parece ter desaparecido. Vê os dois policiais a saírem da carrinha, cada um com a sua pá, e fecha os olhos.

Erik Maria Bark está sozinho no carro de Joona Linna, a olhar pela janela, em direção a Tennisvägen. As copas negras das árvores escondem a luz dos candeeiros de rua. Os ramos escuros e emaranhados recortam-se contra o quadro negro de um céu de inverno. Tem a boca seca e dói-lhe a cabeça. Sussurra para si próprio, depois sai do carro. Salta por cima da faixa amarela que agora delimita o lugar e dirige-se para as traseiras da casa, pisando a relva alta e gelada. Joona está a observar o trabalho dos dois policiais com as respetivas pás. Trabalham em silêncio, com

movimentos mecânicos. Toda a pequena horta foi escavada, transformada agora num grande buraco retangular. Em cima de uma grande lona, amontoam-se pedaços de roupa esfarrapada e ossos. O som das pás continua, de metal a embater na pedra, mas, de repente, o seu movimento termina, e os dois homens endireitam as costas. Erik aproxima-se lentamente, com passos indecisos e pesados. E vê Joona a virar-se e a sorrir, com o semblante cansado.

– O que há? – murmura Erik.

Joona vai ao seu encontro, olha-o bem nos olhos e diz:

– Não é o Benjamin.

– Quem é, então?

– O corpo está lá, no mínimo, há uns dez anos.

– Uma criança?

– Talvez de cinco anos – responde Joona, sentindo um calafrio nas costas.

– Quer dizer que a Lydia, afinal, sempre tinha um filho – diz Erik com voz apagada.

Sábado, dia 19 de dezembro, de manhã

A neve cai, húmida e densa. Um cão anda a correr de um lado para o outro, num pequeno parque, perto do comissariado da Judiciária. O animal ladra insistentemente para a neve que cai e movimenta-se, feliz, no meio dos flocos brancos. Abre a boca, ofegante, e sacode o pelo. A imagem do cão faz com que Erik sinta o coração pequenino. E apercebe-se de que já nem se lembra do que é viver tranquilo. Já se esqueceu do que é não pensar permanentemente noutra coisa para além da vida sem Benjamin.

Sente-se mal e as mãos tremem-lhe devido à abstinência. Não toma qualquer comprimido há quase vinte e quatro horas e não dormiu nada durante a noite.

Ao dirigir-se para a ampla entrada da Judiciária, vem-lhe à memória uma fotografia de umas velhas tecedeiras que Simone uma vez lhe mostrou numa exposição de artesanato feminino. Era a imagem do céu num dia semelhante ao de hoje: nublado, denso e de um cinzento difuso.

Simone está no corredor, à porta da sala de interrogatórios. Quando Erik se aproxima, vai ao seu encontro e pega-lhe nas mãos. Por algum motivo, esse gesto faz com que ele se sinta agradecido. Ela está pálida e serena.

– Não precisas de estar presente – sussurra.

– O Kennet disse-me que querias – responde ele.

Ela assente, sem forças.

– É que estou tão...

Cala-se e pigarreia levemente.

– Estava zangada contigo – diz, agora mais segura de si.

Tem os olhos húmidos e avermelhados.

– Eu sei, Simone.

– No teu caso, ainda tens os comprimidos – diz ela, cortante.

– É verdade – responde-lhe.

Ela afasta-se e vai até à janela. Erik observa o seu corpo magro,

os braços firmes, cruzados. Sente um calafrio ao receber o ar gelado que se escapa pelas frinchas da janela. A porta da sala de interrogatórios abre-se e uma mulher forte, de uniforme da Polícia, chama-os em voz baixa:

– Por favor, podem entrar.

Sorri ligeiramente, com os lábios rosados e brilhantes.

– O meu nome é Anja Larsson – apresenta-se. – Sou eu quem vai registar os vossos testemunhos.

A mulher estende-lhes a mão roliça e bem tratada. As unhas compridas e pintadas com verniz vermelho despedem lampejos luminosos.

– Achei que tinham um ar natalício – explica alegremente, referindo-se às unhas.

– Ficam-lhe bem – responde Simone, distraída.

Joona Linna já está na sala. Pendurara o casaco nas costas da cadeira. Tem o cabelo loiro despenteado, e parece não ter sido lavado. Também não fez a barba. Quando se sentam diante dele, dirige a Erik um olhar sério e pensativo.

Simone aclara a garganta e bebe um gole de água. Ao pousar o copo na mesa, roça a mão de Erik. Os seus olhos encontram-se e ele vê-a desenhar com os lábios a palavra «perdão».

Anja Larsson coloca o gravador em cima da mesa, entre eles. Carrega no botão de gravação, verifica se a luz vermelha acende, informa resumidamente a hora e a data, e diz que pessoas se encontram na sala. Depois, faz uma curta pausa, inclina a cabeça para o lado e diz, com voz clara e amável:

– Pois bem, Simone, gostaríamos de ouvir o que tem para nos dizer sobre o que aconteceu anteontem à noite, no seu apartamento na Luntmakargatan.

Ela assente, olha para Erik e baixa os olhos.

– Eu... estava em casa e...

Fica em silêncio.

– Estava sozinha? – pergunta Anja Larsson.

Simone nega com a cabeça.

– Sim Shulman estava comigo – responde, com voz neutra.

Joona anota alguma coisa no seu bloco.

– Pode dizer-nos como acha que Josef e Evelyn Ek entraram em

sua casa? – pergunta Anja.

– Não sei ao certo, porque estava na casa de banho, a tomar um duche – esclarece Simone.

Por um momento, cora intensamente. O rubor desaparece quase de imediato, mas deixa-lhe um brilho vivaz na face.

– Estava no duche quando Sim me gritou que estavam a bater à porta... Não, espere. Ele gritou que o meu telemóvel estava a tocar.

Anja Larsson repete:

– Estava a tomar um duche e ouviu Sim Shulman a gritar que o seu telemóvel estava a tocar.

– Sim – confirma Simone. – E pedi-lhe para atender.

– Quem telefonou?

– Não sei.

– Mas ele atendeu?

– Acho que sim, estou quase certa disso.

– Que horas eram? – pergunta, de repente, Joona.

Simone sobressalta-se, como se ainda não tivesse dado pela presença dele, como se não reconhecesse o seu sotaque finlandês.

– Não sei – responde, desculpando-se, com o rosto virado para ele.

Joona não sorri, insiste:

– Aproximadamente.

Simone encolhe os ombros e responde de maneira evasiva:

– Cinco horas.

– Não quatro? – pergunta Joona.

– Porquê? O que quer dizer com isso?

– Nada. Só quero saber – responde ele.

– Já sabem isso tudo – diz Simone, dirigindo-se a Anja.

– Cinco horas, então – estipula Joona, anotando no bloco.

– O que fez antes do duche? – pergunta Anja. – É mais fácil lembrarmo-nos das horas quando recordamos o que fizemos durante o dia.

Simone abana a cabeça. Parece muito cansada, quase esgotada. Não olha para Erik. Este, ao seu lado, permanece em silêncio, com o coração galopante.

– Não sabia – diz, de repente, e volta a guardar silêncio.

Ela olha rapidamente para Erik.

– Não sabia que tu e Shulman tinham... – balbucia ele.

Simone anui.

– Sim, Erik, aconteceu.

Ele olha para Simone, para a agente da Polícia e para Joona.

– Desculpem tê-los interrompido – gagueja.

Com um tom indulgente, Anja volta-se de novo para Simone.

– Continue, conte-nos o que aconteceu. Sim Shulman gritou que o telefone tocava...

– Foi à porta de entrada e...

Simone cala-se e volta a corrigir:

– Não, não foi assim. Ouvi Sim dizer: «E agora também estão a tocar à porta», ou algo parecido. Saí do duche, sequei-me, abri a porta devagar e vi...

– Porquê devagar? – inquire Joona.

– O quê?

– Porque abriu a porta devagar e não como habitualmente?

– Não sei. Senti que havia no ar algo ameaçador... Não sei explicar...

– Ouviu alguma coisa esquisita?

– Acho que não.

Simone olha fixamente em frente.

– Continue – pede-lhe Anja.

– Vi uma rapariga pela abertura da porta. Uma jovem estava no corredor. Olhou para mim, parecia assustada e fez um sinal para eu me esconder. – Simone franze a testa. – Fui até ao vestíbulo e vi Sim... caído no chão... Havia muito sangue, cada vez mais. Os olhos tremiam-lhe e tentou mexer as mãos...

A voz de Simone torna-se confusa e Erik percebe que ela luta para não chorar. Queria consolá-la, apoiá-la, pegar-lhe na mão ou abraçá-la, mas não sabe se ela o rejeitaria ou se ficaria zangada, se ele tentasse.

– Quer fazer uma pausa? – pergunta Anja suavemente.

– Eu... eu...

Simone cala-se e leva o copo de água aos lábios, com a mão a tremer violentamente. Esforça-se por engolir e, depois, passa a mão pelos olhos.

– A porta da frente estava fechada à chave – prossegue, num tom

mais sereno. – A rapariga disse-me que ele tinha a chave na cozinha. Então, fui silenciosamente até ao quarto do Benjamin e liguei o computador.

– Ligou o computador... porquê? – pergunta Anja.

– Quis que ele acreditasse que eu estava lá dentro, que ouvisse o toque do computador e corresse para lá.

– A quem se refere?

– A Josef – responde ela.

– Josef Ek?

– Sim.

– Como sabia que era ele?

– Naquele momento, ainda não sabia.

– Compreendo – diz Anja. – Continue.

– Liguei o computador e escondi-me na casa de banho. Quando os ouvi entrar no quarto do Benjamin, fui em bicos de pés à cozinha e peguei nas chaves. A rapariga tentava reter Josef, enganando-o, dizendo-lhe que procurasse em diversos lugares, podia ouvi-los, mas acho que bati em alguma coisa no vestíbulo, porque, de repente, Josef veio atrás de mim. A rapariga tentou segurá-lo, agarrou-o pelas pernas e...

Simone engole em seco.

– Não sei como, mas a verdade é que consegui soltar-se dela. A rapariga, porém, fingiu que ele a tinha ferido, besuntou-se com o sangue do Sim, deitou-se no chão e fingiu que estava morta.

Por momentos, um novo silêncio. Simone parece ter dificuldade em respirar.

– Continue, Simone – encoraja Anja, em voz baixa.

Simone anui e conta resumidamente:

– Ao vê-la, o irmão voltou para trás e, quando se debruçou sobre ela, a rapariga apunhalou-o nas costas.

– Viu quem atingiu Sim Shulman com a faca?

– Foi Josef.

– Viu?

– Não.

Novo silêncio na sala.

– Evelyn Ek salvou-me a vida – sussurra Simone.

– Quer acrescentar alguma coisa?

– Não.

– Então, agradeço a sua colaboração e dou por terminado o interrogatório – conclui a mulher, e estende a mão resplandecente para carregar no botão e desligar o gravador.

– Espera – interrompe Joona. – Quem telefonou?

Simone olha para ele, aturdida. É como se o tivesse esquecido novamente.

– Quem ligou para o seu telemóvel?

Ela nega com a cabeça.

– Não sei. Nem sequer sei onde foi parar o meu telemóvel. Eu...

– Não faz mal – diz Joona calmamente. – Nós descobriremos.

Anja Larsson espera um momento, fica na expectativa, a olhar para Joona, e acaba por desligar o gravador.

Sem olhar para ninguém, Simone levanta-se e caminha devagar para a porta. Erik saúda Joona rapidamente com a cabeça e segue-a.

– Espera – pede-lhe.

Simone para e volta-se para ele.

– Espera, quero apenas...

Cala-se e observa o rosto nu e ferido de Simone. As sardas pálidas, a boca larga e os olhos verdes e claros. Abraçam-se sem dizer uma palavra, tristes e cansados.

– Está bem – diz ele. – Está tudo bem.

Ele beija-lhe os cabelos, os cabelos ruivos e encaracolados.

– Já não sei nada – suspira Simone.

– Vou saber se dispõem de alguma sala onde possas descansar.

Ela solta-se lentamente dos braços dele e nega com a cabeça.

– Vou buscar o meu telemóvel – diz, muito séria. – Tenho de saber quem telefonou quando Shulman atendeu.

Joona sai da sala de interrogatórios, com o casaco pendurado no ombro.

– O telemóvel está aqui na Judiciária? – pergunta Erik.

Joona aponta na direção de Anja Larsson, que se dirige para os elevadores, do outro lado do corredor.

– A Anja deve saber – responde.

Erik prepara-se para correr atrás dela, mas Joona, com um gesto, faz com que se detenha. Pega no seu telemóvel e marca um número curto.

Veem a mulher parar e atender.

– Precisamos de alguns papéis, meu tesouro – diz Joona, num tom de voz acariciante.

Com uma expressão mal-humorada, ela volta-se e caminha na direção deles.

– A Anja era uma atleta de primeira linha quando começou a trabalhar aqui – conta Joona. – Uma nadadora incrível, especialista no estilo mariposa. Ficou em oitavo lugar em...

– Que raio de papéis é que tu queres? Papel higiénico, talvez? – exclama Anja.

– Não fiques zangada por...

– Tu dizes muita asneira...

– Eu gosto de brincar um pouco contigo.

– Está bem, está – diz ela, com um sorriso.

– Tens a lista dos objetos que trouxemos para o laboratório?

– Ainda não está pronta. Vais ter de descer e verificar tu mesmo.

Seguem-na até aos elevadores. Ao descerem, os cabos ressoam por cima da cabeça deles e a cabina range sem parar. Anja sai no segundo andar e despede-se com um aceno, enquanto as portas se voltam a fechar.

Na receção, Erik vê um homem que lhe lembra um parente. Seguem rapidamente por um corredor com portas de ambos os lados, quadros de avisos e extintores de incêndio em caixas metálicas com a porta de vidro. No laboratório, a área tem mais luz e a maior parte dos presentes usa batas brancas. Joona cumprimenta um homem gordo que se apresenta como Erixon e lhes indica o caminho para outra sala. Em cima de uma mesa revestida a aço inoxidável, vê-se uma série de objetos alinhados. Erik reconhece-os. Duas facas de cozinha com manchas negras estão depositadas em duas bandejas metálicas diferentes. Reconhece uma toalha, o tapete da entrada, vários pares de sapatos e o telemóvel de Simone numa bolsa de plástico. Joona aponta para o telemóvel:

– Podemos vê-lo? – pergunta. – Já terminaram?

O tipo gordo dá uma vista de olhos à lista que se encontra ao lado dos objetos e tarda a responder:

– Acho que sim, o aparelho já foi examinado.

Joona retira o aparelho da bolsinha, limpa-o com um pouco de

papel e entrega-o despreocupadamente a Simone. Ela concentra-se enquanto carrega nos botões para ver a lista de chamadas. Murmura qualquer coisa, tapa a boca com a mão e afoga um grito a olhar para o visor.

– É... é do Benjamin – gagueja ela. – A última chamada foi do Benjamin.

Olham todos para o telemóvel. O nome de Benjamin pisca um par de vezes, antes de acabar a bateria.

– Shulman chegou a falar com o Benjamin? – pergunta Erik, levantando a voz.

– Não sei – geme.

– Mas ele atendeu ou não? Só quero saber isso.

– Eu estava no duche, mas acho que ele pegou no telemóvel antes de...

– Podes ver se a chamada foi atendida...

– Sim, a chamada foi atendida – interrompe ela. – Mas não sei se Sim teve tempo de ouvir ou dizer alguma coisa antes de abrir a porta a Josef.

– Não quero parecer aborrecido – diz Erik, esforçando-se por manter a calma –, o que interessa é saber se o Benjamin disse alguma coisa.

Simone volta-se para Joona.

– Não ficam registadas as chamadas feitas pelos telemóveis? – pergunta.

– Pode levar semanas a dar com ela – responde o comissário.

– Mas...

Erik segura Simone pelo braço e diz:

– Temos de falar com Shulman.

– Não é possível, ele está em coma – replica, indignada. – Já te disse que está em coma.

– Vem comigo – diz Erik, e deixam a sala.

Sábado, dia 19 de dezembro, à tarde

Simone está no carro, ao lado de Erik. Observa-o por momentos e, depois, olha pela janela. A esteira de neve enlameada que se acumulou no meio da via perde-se ao longe. Os carros circulam devagar, numa fila interminável. Os candeeiros da rua brilham monotonamente. Ela não faz reparo ao lixo acumulado no banco de trás e no chão, em volta das suas pernas: garrafas de água vazias, latas de refrigerantes, a caixa de uma *pizza*, jornais, copos, guardanapos, sacos de batatas fritas vazios e papéis de rebuçados.

Erik conduz em direção ao Hospital de Danderyd, onde Sim Shulman está em coma. Sabe exatamente o que vai fazer quando lá chegar. Lança um olhar a Simone. Está mais magra e os cantos da boca estão caídos, por tristeza ou preocupação. Ele consegue concentrar-se de um modo quase anormal, enquanto revê os acontecimentos dos últimos dias, fria e nitidamente. Julga compreender as circunstâncias que envolvem o que aconteceu à sua família. Antes de passar por Kräfriket, começa a explicar a Simone:

– Quando chegámos à conclusão de que não poderia ter sido Josef a raptar o Benjamin, o comissário pediu-me para eu procurar na memória – diz, rompendo o silêncio dentro do carro. – E comecei a olhar para trás, para o passado, em busca de alguém que quisesse vingar-se de mim.

– E o que encontraste? – pergunta Simone.

Pelo canto do olho, vê que ela virou o rosto para ele. E sente que está disposta a ouvir.

– Deparei-me com o grupo da hipnose, que abandonei... Só passaram dez anos, mas a verdade é que nunca mais pensei neles, eram águas passadas. Apesar disso, ao tentar relembrar-me, foi como se o grupo nunca se tivesse dissolvido, como se simplesmente tivesse permanecido de lado, à espera.

Erik vê que Simone está atenta. Continua a falar, tenta explicar as suas teorias sobre o grupo da hipnose, as tensões que surgiram

entre os seus membros, o equilíbrio que ele conseguira estabelecer e a confiança de que se orgulhava.

– Quando tudo terminou, prometi a mim mesmo que nunca mais iria hipnotizar ninguém.

– Sim.

– Mas, entretanto, quebrei a promessa, porque Joonas me convenceu de que essa era a única maneira de salvar Evelyn Ek.

– Achas que tudo o que nos aconteceu está relacionado com o facto de teres hipnotizado Josef Ek?

– Não sei...

Erik mantém-se calado e diz depois que isso talvez tenha despertado um ódio adormecido, um ódio que talvez tivesse estado contido tão-somente pela sua promessa de nunca mais voltar a hipnotizar alguém.

– Lembras-te de Eva Blau? – continua. – Entrava e saía, intermitentemente, num estado psicótico. Sabes que chegou a ameaçar-me, disse que arruinaria a minha vida...

– Nunca cheguei a entender porquê – diz Simone em voz baixa.

– Tinha medo de alguma coisa. Cheguei a admitir que era paranoica, mas, hoje, estou quase certo de que foi ameaçada por Lydia.

– Até as pessoas paranoicas podem ser perseguidas – diz Simone.

Erik entra na extensa área azul do Hospital de Danderyd. A chuva embate no para-brisas.

– Talvez até tenha sido Lydia que lhe cortou o nariz – continua Erik, como se falasse para si.

Simone estremece.

– Tinham-lhe cortado o nariz? – pergunta.

– Pensei que tinha sido ela, às vezes acontece – diz Erik. – Pensei que tinha cortado a ponta do nariz pela necessidade desesperada de sentir algo diferente, de evitar o que, na realidade, era doloroso...

– Espera, espera um momento – interrompe Simone, agitada. – Tinha o nariz cortado?

– A ponta, sim.

– O papá e eu encontramos um rapaz com a ponta do nariz cortada. Ele contou-te? Alguém o ameaçou, assustou e fez-lhe mal porque tinha importunado o Benjamin.

– Foi a Lydia.

– E foi ela também que sequestrou o Benjamin?

– Sim.

– O que é que ela quer?

Erik olha para ela, com uma expressão muito séria.

– Já consegui parte do seu objetivo – esclarece. – A Lydia confessou sob hipnose que tinha o filho Kasper preso numa gaiola na cave e o obrigava a alimentar-se com comida em mau estado.

– Kasper? – repete Simone.

– Quando o teu pai contou o que a Aida lhe disse, que uma mulher chamava Kasper ao nosso filho, soube que se tratava de Lydia. Fui à casa dela, em Rotebro, arramei a porta, entrei, mas não havia ninguém. Foi abandonada.

Conduz o carro rapidamente, por entre as fileiras de veículos estacionados. Como todos os lugares se encontram ocupados, volta a sair do estacionamento e dirige-se para a entrada do hospital.

– A cave estava calcinada, mas ainda lá estavam os restos de uma grande gaiola, o fogo tinha sido apagado – continua Erik. – Suponho que o incêndio foi posto.

– Mas, há uns anos, não havia gaiola nenhuma – lembra Simone.

– Ficou provado que ela nunca teve filhos.

– Joona Linna levou lá um cão-polícia, que descobriu o cadáver de uma criança no jardim; estava lá pelo menos há dez anos.

– Meu Deus... – suspira Simone.

– É verdade.

– Foi nessa altura...

– Creio que assassinou a criança que tinha encerrada na cave quando percebeu que a tínhamos descoberto – continua Erik.

– Então, tu tinhas razão...

– Parece que sim.

– E agora quer matar o Benjamin?

– Não sei... Provavelmente, acha que a culpa é toda minha. Se não a tivesse hipnotizado, poderia ter conservado a criança.

Erik cala-se e recorda a voz de Benjamin quando ele lhe telefonou. Tentara não parecer atemorizado quando lhe falara do casarão. Devia estar a referir-se à casa de Lydia. Fora ali que ela crescera, fora ali que cometera os abusos e onde, presumivelmente,

os sofrera. Se não levou Benjamin para o casarão, pode tê-lo levado para qualquer outro lugar.

Estaciona o carro diante da entrada principal do Hospital de Danderyd. Não trata de fechar o carro, nem de pagar o estacionamento. Limitam-se a caminhar apressadamente junto da escura fonte coberta de neve, passam por alguns fumadores que tiritam enfiados nas suas batas, atravessam a correr o vestíbulo cheio de gente e apanham o elevador para a enfermaria onde se encontra internado Sim Shulman.

O pesado aroma das flores inunda o quarto. Há jarras com grandes ramos perfumados, junto à janela. Em cima da mesa, vê-se uma pilha de cartões e de cartas enviados por amigos e colegas consternados.

Erik olha para o homem estendido na cama do hospital: as faces encovadas, o nariz, as pálpebras. Os movimentos marcadamente regulares do estômago acompanham o ritmo do ventilador. Encontra-se em estado vegetativo permanente; mantém-se vivo tão-só por graça dos aparelhos da sala e não sobreviveria sem eles. Introduziram-lhe uma cânula respiratória na traqueia através de uma incisão na garganta. É alimentado por meio de uma sonda que conduz diretamente ao estômago.

– Simone, tens de falar com ele assim que acordar...

– Não é possível acordá-lo – interrompe-o, com voz esganiçada.

– Está em coma, Erik, tem danos cerebrais causados pela perda de sangue. Não despertará, não voltará a falar.

Seca as lágrimas das faces.

– Temos de saber o que o Benjamin disse...

– Chega – exclama ela, e desata a chorar com força.

Uma enfermeira assoma à porta. Vê Erik a abraçar o corpo convulsivo de Simone e deixa-os em paz.

– Vou dar-lhe uma injeção de Zolpidem – sussurra, com a cara encostada ao cabelo dela. – É um sedativo muito forte que pode fazer sair as pessoas do estado comatoso.

Ele sente que Simone abana a cabeça.

– Que estás a dizer?

– Resulta apenas por um momento.

– Não acredito em ti – diz ela, cética.

– O sedativo reduz os processos hiperativos do cérebro que provocam o coma.

– E, então, acordará? Estás a falar a sério?

– Ele nunca recuperará. Sofreu graves danos cerebrais, Sixan, mas com o sedativo talvez desperte por alguns segundos.

– Que devo fazer?

– Às vezes, os pacientes a quem se administra o fármaco conseguem dizer algumas palavras. Noutras, apenas olham.

– Isto não é permitido fazer, pois não?

– Não vou pedir autorização. Fá-lo-ei assim mesmo e tu deves falar com ele, mal acorde.

– Então, apressa-te – diz ela.

Erik sai rapidamente para ir buscar o que precisa. Simone coloca-se ao lado da cama de Shulman e pega-lhe na mão. Olha para ele. O rosto está calmo. Os traços escuros, fortes, estão distendidos. A boca, habitualmente irónica e sensual, está inexpressiva. Nem sequer mostra aquela ruga de seriedade entre as sobrancelhas negras, tão característica. Ela afaga-lhe lentamente a testa. Pensa que continuará a expor a sua obra, pois um bom artista nunca morre.

Erik regressa ao quarto. Sem dizer uma palavra, dirige-se à cama e, de costas para a porta, levanta a manga da bata de Shulman.

– Estás pronta? – pergunta.

– Sim – responde ela. – Estou preparada.

Erik pega na seringa, enfia a ponta no cateter intravenoso e injeta lentamente a solução amarelada. A substância viscosa mistura-se com o soro transparente e desaparece pela agulha introduzida na dobra do braço, entrando na corrente sanguínea de Shulman. Erik guarda a seringa no bolso, desabotoa o casaco e coloca no seu peito os elétrodos de Shulman. Tira-lhe a pinça do dedo indicador e prende-a no seu. Em seguida, observa-lhe o rosto.

Não acontece absolutamente nada. O ventre continua a subir e a descer, regular e mecanicamente, com a ajuda do ventilador.

Erik nota a boca a ficar seca; sente-se paralisado.

– Vamos embora? – pergunta Simone, após alguns minutos.

– Espera – sussurra Erik.

Ouve-se o tiquetaque do seu relógio de pulso. Na janela, uma

pétala desprende-se suavemente de uma flor e pousa no chão. Algumas gotas de chuva batem no vidro. Ouve-se o riso de uma mulher que provém de outro quarto, longe.

Um estranho som agudo sai do interior do corpo de Shulman, como um vento fraco através de uma janela entreaberta.

Simone sente o suor a escorrer-lhe nas axilas e pelo corpo abaixo. A situação causa-lhe claustrofobia. Na verdade, queria fugir dali a correr, mas não consegue afastar o olhar do pescoço de Shulman. Talvez seja só impressão sua, mas, de repente, acha que as suas fortes veias pulsam mais rapidamente. Erik respira com dificuldade. Quando se debruça sobre Shulman, Simone nota que ele parece nervoso. Morde o lábio inferior e olha de novo para o relógio. Não acontece nada. Ouve-se o chiar mecânico do ventilador. Alguém passa diante da porta do quarto. As rodas de um carrinho chamam. Depois, volta o silêncio. O único barulho procede do trabalho rítmico da máquina.

De repente, ouve-se um som fraco e áspero. Simone não sabe de onde provém. Erik deu dois passos para o lado. O som áspero continua. Simone percebe que deve ser Shulman. Aproxima-se dele e vê que o seu indicador se mexe em cima do lençol bem esticado. Sente a pulsação a aumentar e vai dizer alguma coisa a Erik quando Shulman abre os olhos. Ele olha fixamente para Simone, com uma expressão estranha. A boca fecha-se com um esgar de medo. A língua mexe-se com dificuldade e a saliva escorre-lhe pelo queixo.

– Sou eu, Sim. Sou eu – diz ela, tomando-lhe a mão. – Vou fazer-te algumas perguntas muito importantes, de acordo?

Os dedos de Shulman tremem lentamente. Simone sabe que ele a está a ver. Mas, de repente, revira os olhos, os cantos da boca contorcem-se e as sobrancelhas arqueiam-se energicamente.

– Atendeste uma chamada de Benjamin no meu telemóvel, lembras-te?

Erik, que tem os elétrodos de Shulman no seu peito, vê no monitor como o seu próprio ritmo cardíaco acelera. Os pés de Shulman agitam-se debaixo do lençol.

– Sim, consegues ouvir-me? – pergunta ela. – Sou a Simone. Ouves-me, Sim?

Revira os olhos de novo, olha-a, mas desvia o olhar para o lado.

Ouvem-se passos rápidos no corredor, diante da porta, e uma mulher chama por alguém.

– Pegaste no meu telemóvel...

Ele assente, então, debilmente.

– Era o meu filho – continua ela. – Foi o Benjamin que telefonou...

Os pés de Shulman voltam a agitar-se. Os olhos reviram-se e a língua desliza para fora da boca.

– O que disse o Benjamin? – pergunta Simone.

Shulman traga, mastiga lentamente, as pestanas descem.

– Sim? O que disse ele?

Ele nega com a cabeça.

– Não disse nada?

– Não... – diz Shulman, com um silvo.

– O que disseste?

– Não Benja... – diz ele, quase sem voz.

– Não disse nada? – pergunta Simone.

– Não ele... – responde Shulman, com uma voz fraca e assustada.

– O quê?

– Ussi...

– O que dizes? – insiste ela.

– O Jussi telefonou...

A boca de Shulman treme.

– Onde estava? – pergunta Erik. – Pergunta-lhe onde estava o Jussi.

– Onde estava? – pergunta Simone. – Sabes?

– Em casa – responde Shulman, com voz clara.

– O Benjamin também estava lá?

A cabeça de Shulman tomba para o lado. A boca fica lassa e forma-se-lhe uma ruga no queixo. Simone olha para Erik, muito tensa, não sabe o que deve fazer.

– A Lydia estava lá? – pergunta Erik.

Shulman olha para cima desviando o olhar.

– A Lydia estava lá? – repete Simone.

Shulman assente.

– O Jussi disse alguma coisa sobre...

Simone para de falar quando vê que Shulman começa a queixar-se. Dá-lhe umas palmadinhas suaves na face e, de repente, ele fixa-a nos olhos.

– O que aconteceu? – pergunta, com voz clara, mas volta imediatamente a mergulhar no coma.

Sábado, dia 19 de dezembro, à tarde

Anja Larsson entra no gabinete de Joona Linna e entrega-lhe, em silêncio, uma pasta e um copo de *glögg*¹. Ele ergue a cabeça e dirige o olhar para o seu rosto, redondo e rosado. Desta vez, não lhe sorri.

– Já identificaram a criança – explica, em poucas palavras, e aponta para a pasta.

– Obrigado – agradece Joona.

Há duas coisas que detesta, pensa, enquanto contempla a pasta castanha. Uma, é ser obrigado a abandonar um caso, recuar diante de corpos não identificados, violações não resolvidas, situações de maus-tratos e assassinios. A outra, embora de um modo totalmente distinto, é que lhe solucionem os casos não resolvidos, pois quando se encontra a resposta para os velhos mistérios, raramente é a que se deseja.

Joona Linna abre a pasta e lê. O relatório diz que o corpo encontrado no jardim de Lydia Evers era de um rapaz. Tinha cinco anos quando o assassinaram. Uma fratura no crânio, provocada por um instrumento rombo, foi, aparentemente, a causa da morte. Além disso, foram encontrados ferimentos cicatrizados no esqueleto, que indiciam a prática de maus-tratos repetidos. O médico-legista escreveu a palavra «sova», com um ponto de interrogação a seguir. Os maus-tratos foram tão cruéis que causaram fraturas de ossos e diversas fissuras no esqueleto. São, principalmente, as costas e os braços as zonas mais atingidas por um objeto pesado. Várias deficiências no esqueleto indicam, também, que a criança passara fome.

Joona olha pela janela durante alguns momentos. Jamais se acostumará a isto. E prometera a si mesmo que, no dia em que o conseguisse, deixaria a Polícia. Passa a mão pelo cabelo espesso, engole com dificuldade e retoma a leitura.

A criança fora identificada. Chamava-se Johan Samuelsson e fora dada como desaparecida treze anos antes. A mãe, Isabella

Samuelsson, segundo ela própria declarou, encontrava-se no jardim, ao lado do filho, quando o telefone tocou dentro de casa. Foi atender, mas não levou consigo o menino. E, naqueles vinte ou trinta segundos que demorou a levantar o telefone, verificar que não havia ninguém na linha e desligar, a criança desapareceu.

Johan tinha então dois anos.

E cinco anos quando foi assassinado.

A partir daí, os seus restos mortais estiveram no jardim de Lydia Evers durante dez anos.

O aroma do *glögg* de repente provoca-lhe náuseas. Levanta-se para abrir um pouco a janela. Olha para o pátio do comissariado, para os ramos dispersos das árvores, perto da cadeia, para o asfalto húmido e brilhante.

Pensa que Lydia manteve a criança consigo durante três anos. Três anos de silêncio. Três anos de maus-tratos, de fome, de medo.

– Estás bem, Joona? – pergunta Anja, assomando à porta.

– Vou falar com os pais – diz ele.

– Pode ir o Niklasson – sugere Anja.

– Não.

– De Geer?

– Este caso é meu – diz Joona. – Eu vou...

– Compreendo.

– Podes verificar algumas moradas, entretanto?

– Meu querido amigo – responde ela, a sorrir –, claro que posso.

– Trata-se de Lydia Evers. Gostaria de saber onde viveu nos últimos treze anos.

– Lydia Evers? – repete ela.

Joona sente a alma pesada enquanto enfia o gorro e o casacão, preparando-se para ir comunicar a Isabella e Joakim Samuelsson que, infelizmente, encontraram o corpo do seu filho Johan.

Anja telefona-lhe, quando está a cruzar a portagem.

– Que rápida – diz ele, tentando mostrar-se contente, embora sem o conseguir.

– Meu querido, eu sou aplicada no trabalho – cantarola Anja.

Ouve-a respirar fundo. Um bando de aves negras levanta voo num campo coberto de neve. Pelo canto do olho vê-as como se fossem gotas turvas. Apetece-lhe praguejar em voz alta, quando

recorda as duas fotografias de Johan que se encontravam na pasta. Numa delas, vê-se um menino a rir às gargalhadas, com os cabelos em pé, disfarçado de polícia. Na outra, os restos das ossadas em cima de uma mesa metálica, cuidadosamente identificados com etiquetas numeradas.

– Porra! – resmunga para si mesmo.

– Que é isso?!

– Desculpa, Anja. Foi só um carro...

– Sim, está bem, mas já sabes que não gosto disso.

– Eu sei – diz ele, cansado, sem vontade nenhuma de discutir.

Anja parece ter finalmente compreendido que ele não está para brincadeiras, e resolve dizer em tom neutro:

– A casa onde foram encontrados os restos mortais de Johan Samuelsson pertenceu aos pais de Lydia. Foi lá que ela cresceu, e não possui outra direção.

– Não tem família? Pais? Irmãos?

– Espera, posso ler-te. Parece que não... O pai é desconhecido e a mãe já morreu. E parece que a mãe não cuidou de Lydia por muito tempo.

– Nenhum irmão? – insiste Joona.

– Não – confirma Anja. E ele ouve-a a folhear papéis. – Espera! Ah, sim! – exclama. – Tinha um irmão mais novo, mas parece que morreu quando era muito pequeno.

– Então, Lydia tinha... Que idade tinha Lydia então?

– Dez anos.

– E viveu sempre nessa casa?

– Não, não foi isso que eu disse – objetou Anja. – De facto, também morou noutro sítio. Por várias vezes...

– Onde? – pergunta Joona pacientemente.

– Ulleråker, Ulleråker, Ulleråker.

– No manicómio?

– O nome é clínica psiquiátrica, mas dá no mesmo.

Nesse instante, Joona toma o caminho de Saltsjöbaden, onde ainda moram os pais de Johan Samuelsson. Vê logo a casa deles, uma construção do século XVIII, com telhado de duas águas, pintada de vermelho. Há uma pequena casa de brinquedo no jardim e, por trás da colina que o terreno ocupa, deixa-se adivinhar a água densa

e negra.

Joona passa a mão pelo rosto antes de sair do carro. Odeia ter de fazer aquilo. O trilho de cascalho está cuidadosamente demarcado com seixos redondos. Caminha até à porta e toca à campainha. Aguarda. Levanta a mão e toca de novo. Finalmente, ouve alguém a gritar:

– Já vou abrir!

A fechadura range e uma adolescente abre a porta com um esticão. Tem os olhos pintados de preto e o cabelo roxo.

– Olá – diz ela, em tom inquisitivo, olhando fixamente para Joona.

– O meu nome é Joona Linna – apresenta-se. – Sou comissário da Polícia Judiciária. Os teus pais estão em casa?

A rapariga assente e vira-se para os chamar. Mas uma mulher de meia-idade já se encontra ao fundo do vestíbulo e observa Joona:

– Amanda – diz, temerosa. – Pergunta-lhe... Pergunta-lhe o que quer.

Joona abana a cabeça.

– Preferia não ficar aqui à porta para dizer o que tenho para lhes dizer. Posso entrar?

– Por favor – sussurra a mulher.

Joona dá um passo para dentro e fecha a porta. Olha para a rapariga, cujo lábio inferior começa a tremer. Depois, olha para a mãe, Isabella Samuelsson. Esta tem as mãos no peito, o rosto branco como o de um cadáver. Joona respira fundo e explica em voz baixa:

– Lamento muitíssimo, mas devo comunicar-lhes que encontrámos o corpo de Johan.

A mãe pressiona o punho fechado contra a boca e emite um gemido. Apoia-se na parede, mas escorrega e cai ao chão.

– Papá! – grita Amanda. – Papá!

Um homem desce a escada a correr. Quando vê a mulher sentada no chão, a chorar, refreia a corrida. A cor desaparece-lhe por completo dos lábios e do rosto. Olha para a mulher, para a filha e depois para o comissário.

– Trata-se de Johan, não é? – É tudo quanto diz.

– Encontrámos os seus restos mortais – confirma Joona, com a voz serena.

Sentam-se na sala de estar. A rapariga abraça a mãe, que chora, desesperada. O pai parece estranhamente calmo. Joona já viu isso antes. Estes homens – e, por vezes, as mulheres, embora não seja tão frequente – que parecem não reagir, que continuam a falar e a fazer perguntas, com um timbre especial na voz, uma certa vacuidade, enquanto fazem perguntas sobre os pormenores.

Joona sabe que não se trata de indiferença, mas de uma luta. É uma tentativa desesperada para prolongar o momento que antecede a chegada da dor.

– Como o encontraram? – geme a mãe, entre soluços. – Onde?

– Andávamos em busca de outra criança em casa de uma pessoa suspeita do sequestro – conta Joona. – O nosso cão farejou e indicou a zona no jardim... Johan morreu há dez anos, de acordo com a informação do médico-legista.

Joakim Samuelsson ergue o olhar.

– Dez anos? – abana a cabeça. – Mas... faz treze anos que Johan desapareceu.

Joona assente e dá-se conta do grau de exaustão em que se encontra, quando explica:

– Temos razões para acreditar que a pessoa que o raptou o manteve prisioneiro durante três anos...

Olha para os joelhos, esforça-se por parecer calmo ao levantar os olhos, novamente.

– Johan passou três anos em cativeiro – continua –, antes de lhe tirarem a vida. Tinha cinco anos quando morreu.

O pai desmorona, finalmente. A sua férrea tentativa de manter a calma estilhaça-se em mil pedaços, como se tratasse de um finíssimo cristal. É muito doloroso vê-lo. Olha fixamente para Joona, enquanto o rosto se contrai e as lágrimas começam a escorrer-lhe pelo rosto e entram-lhe pela boca aberta. Soluços terríveis rasgam o ar.

Joona olha em volta. Vê os retratos emoldurados nas paredes. Reconhece a fotografia da pasta, com o pequeno Johan de dois anos, disfarçado de polícia. Noutra, vê uma menina, no dia da sua comunhão. Há uma foto dos pais, a rir e a segurar um bebé recém-nascido. Joona engole em seco e espera. Realmente, odeia aquilo. Mas ainda não terminou:

– Há mais uma coisa que preciso de saber – acrescenta.

Mune-se de paciência, mais um momento, para que possam recuperar um pouco de calma e compreender o que ele vai dizer.

– Devo perguntar-lhes se alguma vez ouviram falar de uma mulher chamada Lydia Evers.

A mãe nega, desesperada, com a cabeça. O pai pestaneja algumas vezes e apressa-se a responder:

– Não, nunca.

Amanda suspira.

– Foi ela? – pergunta. – Foi ela que levou o meu irmão?

Joona olha para ela, o rosto sério:

– Pensamos que sim – responde.

Ao levantar-se, Joona sente as palmas das mãos húmidas e o suor a correr-lhe pelas costas.

– Lamento – diz, de novo. – Lamento muitíssimo, de verdade.

Deixa o seu cartão de visita em cima da mesa, diante deles, assim como o número de telefone de um assistente social e de um grupo de apoio.

– Telefonem-me, caso se lembrem de alguma coisa ou se necessitarem de falar comigo.

Prepara-se para sair quando, pelo canto do olho, repara que o pai se põe de pé.

– Espere... preciso de saber – diz. – Já a encontraram? Prenderam-na?

Ao virar-se para responder, Joona aperta os lábios e abre os braços:

– Não, ainda não. Mas andamos atrás dela. Vamos prendê-la. Estou certo disso.

Joona liga para Anja, mal entra no carro. Ela atende ao primeiro toque.

– Correu bem? – pergunta.

– Nunca corre bem – replica Joona, calmo.

Ficam calados durante um curto momento e depois ela diz:

– Estavas a ligar por algum motivo especial?

– Sim – responde Joona.

– Sabes que é sábado...

– O homem está a mentir – continua Joona. – Ele conhece a

Lydia. Disse que nunca ouviu falar dela, mas mentiu.

- Como sabes que mentiu?
- Pelos olhos, pelo olhar, quando perguntei. Tenho a certeza.
- Acredito em ti. Tens sempre razão, não é?
- Sim, é verdade.
- Quem não acredita, tem de aguentar ouvir-te dizer: «Não te

tinha dito?»

Joona ri-se no seu íntimo.

- Estou a ver que já me conheces...
- Querias dizer mais alguma coisa, para além de teres a certeza?
- Sim, estou a caminho de Ulleråker.
- Agora? Não sabes que esta noite temos o jantar de Natal?
- É hoje?
- Joona... – admoesta-o Anja. – É a festa do pessoal, ceia de Natal em Skansen. Não vais dizer que te esqueceste, pois não?
- É obrigatório ir? – pergunta Joona.
- Sim – responde Anja, com decisão. – E vais ficar sentado ao meu lado, compreendes?
- Só se não cometeres nenhuma imprudência depois de beberes uns copos.
- Não aguentarias...
- Queres ser mesmo um anjo? Telefona para Ulleråker e arranja maneira de haver alguém lá com quem eu possa falar sobre Lydia. Depois, poderás fazer comigo o que te apetecer – acrescenta Joona.
- Meu Deus! Vou já telefonar – exclama Anja alegremente. E desliga.

¹ Glögg – mistura de vinho tinto aquecido, com especiarias, para beber em festas de fim de ano na Suécia. (*N. do T.*)

Sábado, dia 19 de dezembro, de tarde

O nó no estômago de Joona Linna tinha quase desaparecido quando engata a quinta e o carro zumba em cima da neve derretida da E4, a caminho de Uppsala. A instituição para doentes mentais de Ulleråker ainda continua em atividade, apesar dos grandes cortes feitos nos cuidados psiquiátricos que se introduziram com a reforma levada a cabo no início da década de 1990, com a qual o governo sueco pretendeu que muitas pessoas psicologicamente doentes cuidassem de si próprias, depois de terem passado grande parte da sua vida em instituições. Foram-lhes oferecidas moradias das quais foram rapidamente despejados, já que não pagavam as faturas nem tinham a mínima capacidade para se ocuparem das lides de casa. Os internamentos diminuíram, mas os sem-abrigo aumentaram na mesma proporção. A grande crise financeira abateu-se sobre a comunidade sueca em consequência das políticas neoliberais e, de repente, as autoridades deixaram de dispor de recursos suficientes para voltar a acolher essas pessoas. Atualmente, apenas estão em funcionamento duas instituições psiquiátricas na Suécia, e a de Ulleråker é uma delas.

Como habitualmente, Anja fez um ótimo trabalho. Ao transpor a entrada principal, Joona percebe, pelo olhar da rececionista, que estão à espera dele.

– Joona Linna? – pergunta ela, simplesmente.

Ele confirma e mostra a sua identificação policial.

– O Dr. Langfeldt está à sua espera. Primeiro andar, primeira sala à direita, no corredor.

Joona agradece-lhe e começa a subir a larga escadaria de pedra. Ao longe, ouve pancadas secas e gritos. Cheira a fumo de cigarro e ouve-se o som de uma televisão em algum lugar. As janelas têm grades. Lá fora, vê-se um parque com aspeto de cemitério, com arbustos escurecidos pela chuva, e espaldeiras apodrecidas pela humidade, por onde trepam plantas nodosas. É um lugar sombrio,

pensa Joona, e conclui que a finalidade de um lugar daqueles não é que os pacientes se curem. Na verdade, é um lugar de conservação. Chega ao primeiro patamar da escada e olha em volta. À esquerda, atrás de uma porta envidraçada, há um corredor comprido e estreito. Pensa um instante onde já o vira antes e, então, apercebe-se de que é praticamente uma cópia da prisão de Kronoberg. Um corredor de portas fechadas a cadeado. Uma mulher idosa de vestido comprido sai por uma delas. Olha-o insistentemente através do vidro. Joona acena-lhe com a cabeça e, depois, abre a porta do corredor, à direita. Cheira intensamente a desinfetante, um cheiro forte que lembra o cloro.

O Dr. Langfeldt está junto da porta do seu gabinete, quando Joona lá chega.

– É da Polícia? – pergunta em tom retórico, estendendo-lhe a mão larga e rechonchuda. O aperto de mão é inesperadamente suave, talvez o mais suave que Joona sentiu até então.

O Dr. Langfeldt não muda de expressão quando diz, com um gesto sóbrio:

– Tenha a amabilidade de entrar...

O gabinete do médico é surpreendentemente grande. As paredes estão cobertas de pesadas estantes cheias de pastas iguais. A sala não tem qualquer objeto decorativo, nenhum quadro, nenhuma fotografia. A única imagem é um desenho infantil, pendurado na porta. Os pés nascem diretamente da cabeça, no desenho feito com lápis de cera verde e azul. As crianças de três anos de idade costumam desenhar as pessoas desse modo. Da cabeça, com olhos, nariz e boca, saem os braços e as pernas. Pode considerar-se que esses desenhos não têm corpo, ou que a cabeça é o corpo.

O Dr. Langfeldt vai até à sua secretária, sobre a qual descansam pilhas de papéis. Retira um telefone de modelo antigo de cima da cadeira das visitas e volta a dirigir a Joona um austero movimento com a mão, que este interpreta como um convite para se sentar.

O médico olha para ele, pensativo. O seu semblante é severo, cheio de rugas. Há algo sem vida nos seus traços, como se sofresse de paralisia facial.

– Obrigado por se ter incomodado – diz Joona. – É fim de semana e...

– Eu sei o que me quer perguntar – interrompe o médico. – Quer informações sobre Lydia Evers, minha paciente, não é assim?

Joona abre a boca para falar, mas o médico levanta a mão para ele se deter.

– Parto do princípio de que já ouviu falar do segredo profissional e da lei de confidencialidade no que respeita aos pacientes – continua Langfeldt. – E, além disso...

– Eu conheço a lei – interrompe Joona. – Se ao delito que se investiga correspondem mais de dois anos de prisão...

– Sim, sim, sim – diz Langfeldt.

O olhar do médico não é evasivo, mas simplesmente desalentado.

– É claro que também posso intimá-lo para interrogatório – declara Joona, sem agressividade. – Neste mesmo momento, o procurador-geral está a preparar um mandado de prisão preventiva contra Lydia Evers. E, naturalmente, teremos de confiscar a história clínica dela.

O Dr. Langfeldt esfrega as mãos e humedece os lábios.

– Eu apenas quero... – cala-se um momento e prossegue: – Simplesmente, quero ter uma garantia.

– Uma garantia?

O médico assente.

– Quero que o meu nome seja mantido fora desta história.

Joona cruza o olhar com o dele e chega à conclusão de que aquela ausência de vida é, na realidade, medo contido.

– Não lhe posso prometer isso – replica asperamente.

– Por favor.

– Insisto: não posso prometer nada – explica Joona.

O médico recosta-se na cadeira. Tem um ligeiro tremor na comissura dos lábios. É o único sinal de nervosismo que mostrou até então.

– O que quer saber? – pergunta.

Joona inclina-se para a frente e diz:

– Tudo. Eu quero sempre saber tudo.

Uma hora mais tarde, Joona Linna sai do gabinete do médico. Deita um olhar rápido ao corredor em frente, mas a mulher do

vestido comprido já lá não está. Quando desce apressadamente a escadaria de pedra, repara que, lá fora, escureceu por completo, já não se distingue o parque, nem as espaldeiras. Obviamente, a jovem da receção já deve ter ido para casa. O balcão está vazio e a porta para o exterior, fechada. O edifício parece mergulhado no silêncio, apesar de Joona saber que a instituição alberga cem pacientes.

Joona aciona o trinco elétrico, sai, entra no carro e deixa o amplo estacionamento.

Algo o inquieta, algo que lhe escapa. Tenta recordar-se do momento em que surgiu essa preocupação.

O médico fora buscar uma pasta, idêntica a todas as outras que enchiam as estantes. Depois, batera levemente com os dedos na primeira folha e dissera:

– Aqui está ela.

A fotografia de Lydia mostrava uma mulher bastante bonita, de longos cabelos até à cintura, pintados com hena, e uma estranha expressão sorridente: a raiva corria sob a superfície suplicante.

Quando deu entrada pela primeira vez para tratamento, Lydia tinha apenas dez anos de idade. O motivo fora o assassinato do seu irmão mais novo, Kasper Evers, perpetrado por ela. Fora num domingo. Abriu-lhe o crânio com um cacete. Contou ao médico que a mãe a obrigava a tomar conta do irmão. Kasper ficava sob a sua responsabilidade enquanto a mãe estava a trabalhar ou a dormir. Castigá-lo era tarefa dela.

Depois da morte de Kasper Evers com três anos de idade, as autoridades tomaram Lydia a seu cargo e a mãe foi condenada a prisão por maus-tratos infligidos às crianças.

– Lydia perdeu toda a família – murmura Joona.

Põe o para-brisas a funcionar depois de um autocarro, em sentido contrário, lhe ter salpicado o carro com água suja.

O Dr. Langfeldt tratara de Lydia apenas com fortes ansiolíticos, não lhe administrara qualquer tipo de terapia, pois considerou que ela tinha agido sob uma grande pressão materna. Por prescrição sua, Lydia fora colocada num centro aberto para delinquentes juvenis. Ao completar catorze anos de idade, o seu nome desapareceu dos registos, mudou-se para a antiga casa dos pais e passou a viver com um jovem que conhecera no centro. Cinco anos

mais tarde, voltou a aparecer nos registos, quando foi internada novamente, segundo uma lei entretanto abolida, porque, por várias vezes, agredira uma criança num parque infantil.

O Dr. Langfeldt encontrara-se com ela pela segunda vez na instituição e tornou-se seu médico, embora desta vez não estivesse autorizado a dar-lhe alta.

O médico contou ao comissário, com voz áspera e distante, que Lydia fora a um parque infantil e escolhera determinada criança, um menino de cinco anos, que atraía e agredira. Aparentemente, fora várias vezes ao parque, antes de ser apanhada. O último episódio de maus-tratos fora tão grave que a criança quase perdeu a vida.

– Lydia passou seis anos internada na clínica psiquiátrica de Ulleråker. Esteve sob tratamento durante todo esse tempo – explicou Langfeldt, sorrindo sem alegria. – Ela comportava-se exemplarmente. O seu único problema foi sempre o de estabelecer alianças com outros pacientes. Organizava grupos à sua volta, grupos a que exigia lealdade absoluta.

Agora, pensa Joona, Lydia está a formar outra família. Vira para Fridhemsplan, quando, de repente, se lembra da festa do pessoal em Skansen. Considera a possibilidade de fingir que se tinha esquecido, mas acaba por reconhecer que deve a Anja a obrigação de comparecer.

Langfeldt fechara os olhos e massajara as têmporas, antes de acrescentar:

– Após seis anos sem incidentes, Lydia passou a ter licença de sair de vez em quando.

– Sem nenhum tipo de incidentes? – perguntou Joona.

O médico refletiu.

– Aconteceu uma coisa, mas nunca pôde ser confirmada.

– O que foi que aconteceu?

– Uma paciente feriu-se na cara. Insistia que fora ela própria a cortar-se, mas houve zunzuns de que tinha sido Lydia Evers. Pelo que me lembro, não passaram de mexericos. Nada de sério.

Langfeldt, então, ergueu as sobrancelhas como se pretendesse continuar com a exposição.

– Por favor, continue – disse Joona.

– Obteve alta e mudou-se de novo para a casa de família. Continuou sob tratamento psiquiátrico e a ter bom comportamento. Não havia nenhum motivo – acrescentou o médico –, absolutamente nenhum para duvidar do seu empenho em curar-se. Anos mais tarde, Lydia acabou o tratamento e, nessa altura, optou por uma forma de terapia muito em voga na época. Fez parte de um grupo de terapia com...

– Erik Maria Bark – completou Joona.

Langfeldt assentiu.

– Aparentemente, a hipnose não foi tão útil para ela – disse, com soberba. – Afinal, Lydia tentou suicidar-se e acabou por vir parar às minhas mãos, pela terceira vez...

Joona Linna interrompeu o médico:

– Ela contou-lhe o que aconteceu?

Langfeldt abanou a cabeça:

– Pelo que pude entender, foi tudo culpa do hipnotista.

– Sabe que Lydia confessou a Erik Maria Bark ter maltratado uma criança? – perguntou o comissário asperamente.

Langfeldt encolheu os ombros.

– Ouvi falar disso, mas suponho que qualquer hipnotista consegue fazer com que uma pessoa confesse seja o que for.

– Portanto, não levou a sério a confissão dela? – inquiriu.

Langfeldt sorriu levemente.

– Ela estava um farrapo. Era praticamente impossível ter uma conversa a sério com ela. Foi preciso tratá-la com eletrochoques e administrar-lhe fármacos neurolépticos fortes. Foi um êxito conseguir que ela recuperasse de novo.

– Quer dizer que nem sequer se deu ao trabalho de investigar se havia algum fundo de verdade na confissão dela?

– Considerei que se tratava do sentimento de culpa pela morte do irmão mais novo – respondeu Langfeldt, com ar severo.

– Quando lhe deu alta?

– Há dois meses. Ela estava bem, sem dúvida.

Joona levantou-se e o seu olhar voltou a recair na única imagem do gabinete do Dr. Langfeldt, o desenho sem corpo, preso na porta. Uma cabeça andante, pensou, de repente. Apenas um cérebro, sem coração.

– É você, não é verdade? – disse, apontando para o desenho.

O médico parecia perturbado quando o comissário abandonou a sala.

*

São cinco da tarde e o sol já se pôs há duas horas. Está frio e escuro como breu. Dos poucos candeeiros de rua provém uma luz brumosa. Para lá de Skansen, vislumbra-se a cidade em manchas de luz ténue. Nas tendas, veem-se artesãos a soprar vidro e ourives a expor as suas criações em prata. Joona atravessa o mercado de Natal. Aqui e além, ardem fogueiras, os cavalos batem com as patas, assam-se castanhas. Crianças correm num labirinto de pedra, outras bebem chocolate quente. Ouve-se música, as famílias dançam de mãos dadas, em volta de um enorme abeto colocado no centro da pista de baile.

O telemóvel de Joona toca e ele para em frente de uma barraca de venda de salsichas e sanduíches de rena.

– Sim, Joona Linna.

– Fala Erik Maria Bark.

– Olá.

– Acho que a Lydia levou o Benjamin para o casarão do Jussi, situado nos arredores de Dorotea, na província de Västerbotten, na Lapónia.

– Acha?

– Tenho quase a certeza – responde Erik, decidido. – Hoje, já não há voos. Não precisa de vir, mas fiz três reservas para o voo de amanhã de manhã.

– Está bem – diz Joona. – Mande-me uma mensagem com os dados desse tal Jussi, que eu ponho-me em contacto com a Polícia de Västerbotten.

Enquanto caminha pelos trilhos estreitos de cascalho, em direção ao restaurante Solliden, ouve o riso de crianças atrás de si e sobressalta-se. O bonito restaurante, pintado de amarelo, está decorado com ornamentos luminosos e ramos de abeto. No salão, foram postas quatro mesas compridas com comida típica de Natal. Logo que entra, Joona vê os colegas de trabalho. Estão sentados

junto à janela panorâmica, que oferece uma vista fantástica sobre as águas da baía de Nybroviken e Södermalm, com o parque de diversões Gröna Lund, de um lado, e o Museu Vasa, do outro.

– Estamos aqui! – exclama Anja, a chamá-lo.

Põe-se de pé e faz-lhe gestos com a mão. Joona sente-se contente com o entusiasmo dela. Ainda carrega uma desagradável sensação, depois da visita ao médico de Ulleråker.

Saúda toda a gente e senta-se ao lado de Anja. Carlos Eliasson está à sua frente, do outro lado da mesa, com um gorro de Pai Natal na cabeça e acena alegremente a Joona.

– Já tomámos a nossa aguardente – diz ele, em tom confidencial, e a sua pele, normalmente amarelada, ganha cor.

Anja tenta enfiar a mão no braço de Joona, mas este levanta-se repentinamente e diz que vai buscar um pouco de comida.

Passa por entre as mesas repletas de gente que conversa e come, e sente que, na verdade, não consegue despertar dentro de si um verdadeiro espírito natalício, como se uma parte do seu corpo ainda estivesse na sala de estar dos pais de Johan Samuelsson, ou deambulasse pela instituição psiquiátrica de Ulleråker, subindo a escadaria de pedra e avançando para a porta fechada que comunica com o extenso corredor semelhante ao de uma prisão.

Joona pega num prato da pilha, põe-se na fila para se servir de arenque e fica a observar os colegas de trabalho à distância. Anja espremeu o corpo roliço dentro de um vestido vermelho de lã *mohair*. Não tirou as botas de inverno. Petter conversa animadamente com Carlos. Rapou o cabelo e o cocuruto brilha à luz dos candelabros.

Joona serve-se de arenque de escabeche com mostarda e fica de pé. Olha para uma mulher de outro grupo. Usa um vestido cinzento-claro, justo ao corpo, e dirige-se à mesa dos doces, acompanhada por duas raparigas com bonitos penteados. Um homem de fato castanho apressa-se a segui-las, levando pela mão uma menina com um vestido vermelho.

Acabaram-se as batatas de uma caçarola. Joona espera um pouco até a empregada voltar com uma panela e enchê-la de novo com batatas acabadas de cozer. O seu prato favorito, uma tarte finlandesa de nabo e couve, não se vê em lado nenhum. Joona faz

equilíbrios com o prato, por entre os agentes que já vão no quarto prato. Cinco técnicos do Departamento de Criminologia cantam à mesa com os pequenos copos de aguardente bem erguidos. Joona volta a sentar-se ao lado de Anja e sente imediatamente a mão dela em cima da sua perna. Ela sorri e diz, divertida:

– Lembras-te do que me prometeste? – Inclina-se para ele e sussurra: – Quero dançar um tango contigo, esta noite.

Carlos ouve o que ela diz e exclama:

– Anja Larsson! Tu e eu vamos dançar o tango!

– Vou dançar com o Joona – replica, inflexível.

Carlos balança a cabeça para o lado e diz atabalhoadamente:

– Posso tirar uma senha de espera?

Anja faz uma careta e saboreia a sua cerveja.

– Como correu em Ulleråker? – pergunta a Joona.

Ele responde com um esgar e Anja conta-lhe que um tipo que não estava especialmente doente tinha sido fortemente medicado, porque era mais cómodo para o pessoal da clínica.

Joona assente e dispõe-se a provar o arenque, quando, de repente, se detém. Agora recorda-se do que lhe pareceu tão importante no que lhe relatou Langfeldt.

– Anja – diz. – Preciso de ver um relatório da Polícia.

Ela ri-se desatinadamente.

– Agora, não – replica.

– Amanhã, então, mas o mais cedo possível.

– Que espécie de relatório?

– É um caso de maus-tratos. Lydia Evers foi internada por ter maltratado uma criança num parque infantil.

Anja tira um lápis da bolsa e toma nota num talão, pousado na mesa, diante dela.

– Amanhã é domingo, gosto de dormir até tarde – diz, aborrecida.

– Dormes depois...

– Danças comigo?

– Está prometido – sussurra Joona.

Carlos dormita numa cadeira ao lado do bengaleiro. Petter e os outros colegas desandaram para o centro, para prosseguirem a

noitada no Café Opera. Joona e Anja prometeram tomar conta de Carlos, de modo que ele chegue a casa são e salvo. Enquanto esperam pelo táxi, aventuram-se ao ar frio da noite. Joona leva Anja para a pista de dança e adverte-a de que o soalho da plataforma está coberto por uma fina camada de gelo.

Dançam enquanto ele trauteia, suavemente:

– Dum-dum, du-du-dum...

– Casa-te comigo – suspira Anja.

Joona não responde. Pensa em Disa e no seu rosto melancólico. Pensa na amizade de todos esses anos e em como se viu obrigado a deixá-la, naquele dia. Anja vai mais longe e passa-lhe a língua pela orelha, mas ele afasta a cabeça devagar.

– Joona – diz Anja –, tu danças tão bem.

– Eu sei – sussurra ele, fazendo-a rodopiar.

Cheira a lenha e a *glögg*, à volta deles. Anja aperta o corpo contra o dele. Joona pensa que será difícil levar Carlos até à paragem de táxis; terão de ir pela escada rolante.

Nesse preciso momento, toca o telemóvel no bolso dele. Anja geme, desiludida, quando ele se afasta para atender:

– Joona Linna.

– Olá – saúda uma voz tensa. – Sou eu, Joakim Samuelsson. Esteve hoje em nossa casa...

– Sim, sei quem é – diz Joona.

Lembra-se do modo como as pupilas de Joakim Samuelsson se dilataram, quando lhe perguntou por Lydia Evers.

– Queria saber se nos poderíamos encontrar – pergunta Joakim Samuelsson. – Há uma coisa que lhe quero contar.

Joona olha para o relógio. São nove e meia da noite.

– Podemos encontrar-nos agora? – sugere Joakim, e acrescenta que a mulher e a filha foram visitar os sogros.

– Pode ser – assente Joona. – Pode ir à Judiciária? A entrada é pela Polhemsgatan; vêmo-nos lá dentro de quarenta e cinco minutos.

– Sim – responde Joakim com uma voz infinitamente cansada.

– Não fiques triste, minha amiga – diz Joona a Anja, que o espera no meio da pista. – Mas acabou o tango por esta noite.

– Tu é que devias ficar triste – replica ela, desgostada.

– Não tolero o álcool – suspira Carlos, quando o conduzem até à escada rolante e, depois, à saída.

– Não vomites – avisa-o Anja bruscamente –, caso contrário, peço um aumento de salário.

– Anja, Anja... – diz Carlos, magoado.

*

Joakim está num *Mercedes* branco, do outro lado da rua, em frente da entrada da Polícia Judiciária. A luz do interior do carro está acesa, e o rosto dele revela cansaço e solidão, sob a lâmpada sombria. Quando Joona bate no vidro da janela, sobressalta-se, como se estivesse imerso nos seus pensamentos.

– Olá – diz, abrindo a porta. – Entre.

Joona senta-se, à frente, a seu lado. E espera. Cheira vagamente a cães, dentro do veículo. No assento traseiro, está estendido um cobertor de lã.

– Sabe? – começa Joakim. – Quando penso em mim, e em como eu era quando Johan nasceu, é como se pensasse num estranho. Tive uma infância bastante difícil, passei por várias instituições para jovens e lares de acolhimento... Mas quando conheci Isabella, esforcei-me por melhorar. Comecei a estudar a sério e formei-me em Engenharia no mesmo ano em que nasceu Johan. Lembro-me de que fizemos férias, nunca antes o tinha feito. Fomos à Grécia, Johan mal tinha começado a andar e...

Joakim Samuelsson abana a cabeça.

– Isso foi há muito tempo. Ele parecia-se muito comigo, tinha os mesmos...

Faz-se silêncio dentro do carro. Uma ratazana cinzenta foge pelo passeio escuro, ao lado dos arbustos, por entre o lixo acumulado.

– O que me quer contar? – pergunta Joona, momentos depois.

Joakim esfrega os olhos com as mãos.

– Tem a certeza de que foi a Lydia Evers que fez aquilo? – pergunta, num fio de voz.

Joona assente.

– Tenho a certeza absoluta – diz.

– Pois bem – sussurra Joakim Samuelsson.

Volta o rosto cansado e enrugado para Joona e declara simplesmente:

– Eu conheço-a. Conheço-a muito bem. Estivemos juntos no centro para jovens delinquentes.

– Sabe porque raptou Johan?

– Sim – responde Joakim, engolindo com dificuldade. – Lá, no centro... a Lydia tinha apenas catorze anos, quando descobriram que estava grávida. Naturalmente, ficaram muito assustados. Por isso, obrigaram-na a abortar. O caso seria abafado, mas... Houve muitas complicações, teve uma infecção grave no útero que se espalhou para os ovários. Deram-lhe penicilina e curou-se.

As mãos de Joakim tremem quando as apoia no volante.

– A Lydia e eu deixámos a instituição e fomos viver para a casa dela, em Rotebro. Tentámos ter filhos, ela estava completamente obcecada com a ideia, mas não conseguimos. Um dia, marcou uma consulta num ginecologista e fez exames. Jamais esquecerei o momento em que chegou a casa, depois da consulta, e me contou que ficara estéril, em consequência do aborto.

– Foi você que a engravidou, quando estavam na instituição? – pergunta Joona.

– Sim, fui eu.

– Portanto, devia-lhe um filho – diz o comissário, quase para si mesmo.

Cai um intenso nevão. A neve amontoou-se nos terminais do aeroporto de Arlanda. As pistas de aterragem são varridas pelo incessante vaivém dos limpa-neves. Erik está sentado junto a uma janela panorâmica, a olhar para uma passadeira rolante que transporta malas para um grande avião muito colorido.

Simone chega com café e um prato de bolos de açafrão e bolachas de gengibre. Deixa as duas chávenas de café em cima da mesa, à frente de Erik, e faz um gesto em direção à grande janela por onde se veem os aviões. Observam um grupo de hospedeiras de bordo a caminho de um dos aviões. Todas elas têm gorros de Pai Natal e parecem incomodadas pela neve derretida debaixo dos sapatos.

No parapeito da janela da cafetaria do aeroporto colocaram um pequeno Pai Natal mecânico que mexe as ancas ritmicamente. Dá a impressão de que as pilhas estão a acabar, pois os movimentos são cada vez mais espasmódicos. Erik olha Simone nos olhos. Ela levanta ironicamente as sobranceiras ao ver as contorções do Pai Natal.

– Ofereceram os bolos – diz, olhando em frente, e depois lembra-se: – Hoje é o quarto domingo do Advento!

Olham-se sem saber o que dizer. De repente, Simone estremece, parece angustiada.

– O que foi? – pergunta Erik.

– O medicamento – diz, sufocada. – Esquecemo-nos dele... Se ele estiver lá, se continuar com vida...

– Simone, eu...

– Já passou muito tempo, não se vai aguentar de pé...

– Simone, eu trouxe-o... – diz Erik. – Trouxe-o comigo.

Ela olha para o marido com os olhos vermelhos.

– Trouxeste?

– O Kennet lembrou-se. Telefonou-me do hospital.

Simone levava Kennet de carro para casa dele. Viu-o sair do carro e cair de bruços em cima da neve enlameada. Primeiro, julgou que ele tivesse tropeçado, mas quando correu para o erguer, mal podia olhar para ela. Levou-o ao hospital onde o transportaram de maca. Os seus reflexos eram muito fracos e as pupilas reagiam lentamente. Os médicos acharam que o seu estado se devia a uma combinação da comoção cerebral com o cansaço excessivo.

– Como está ele? – pergunta Erik.

– Estava a dormir quando fui lá ontem, mas o médico acha que não há grande perigo.

– Ainda bem – diz Erik.

Depois, olha para o Pai Natal mecânico e, sem dizer uma palavra, pega num guardanapo vermelho, com motivos de Natal, e tapa-lhe a cabeça.

O guardanapo fica a balançar ritmicamente, como um fantasma. Simone começa-se a rir, e algumas migalhas de bolacha saem disparadas da boca dela e aterram no anoraque de Erik.

– Perdão – desculpa-se. – Mas ficou tão engraçado. Parece um Pai Natal louco que...

Dá-lhe novo ataque de riso e dobra-se toda. Então, começa a chorar. Pouco depois, acalma-se, assoa-se, limpa o rosto e continua a beber o café.

O contorno da sua boca começa a enrugar-se novamente, no momento em que Joona Linna se aproxima da mesa.

– A Polícia de Umeå está a dirigir-se para lá – anuncia, sem rodeios.

– Tem contacto com eles por rádio? – pergunta Erik de imediato.

– Eu, não. Mas eles estão em contacto com...

Joona cala-se abruptamente, ao ver o guardanapo pendurado no Pai Natal dançarino. Um par de botas de plástico castanhas assoma debaixo do papel. Simone vira a cabeça para o lado e o seu corpo começa a sacudir-se com o riso, o choro, ou uma mistura de ambas as coisas. Parece estar quase a engasgar-se. Erik põe-se rapidamente de pé e tira-a dali.

– Larga-me – diz ela, entre as convulsões.

– Só te quero ajudar, Simone. Vem, vamos dar uma volta por aí.

Abrem uma porta que dá para uma varanda e ficam lá um

pouco, a respirar o ar frio.

– Já estou melhor, obrigada – suspira ela.

Erik limpa a neve do varandim e põe-lhe o pulso em cima do metal frio.

– Já estou a ficar melhor – repete ela. – A sério... melhor.

Fecha os olhos e cambaleia. Erik ampara-a e, então, vê que Joona está a olhar para eles por trás da janela da cafetaria.

– Simone, como estás? – sussurra.

Ela olha para ele com os olhos semicerrados:

– Ninguém acredita em mim quando digo que estou muito cansada.

– Eu também estou cansado, acredito em ti.

– Mas tu tens os teus comprimidos, não é?

– É... – responde ele, sem pensar em defender-se.

O rosto de Simone contrai-se e, de repente, Erik sente algumas lágrimas quentes a correrem-lhe pela cara. Consequência, talvez, de ter deixado os comprimidos, de já não contar com nenhum tipo de proteção adicional. Encontra-se indefeso e exposto.

– Durante todo este tempo – acrescenta, com os lábios a tremer –, só pensei numa coisa: o Benjamin não pode ter morrido.

Ficam quietos e abraçam-se. A neve cai em grandes flocos por cima da cabeça deles. Um avião prateado levanta voo, ao longe, com um ruído estrondoso. Quando Joona bate no vidro da porta da varanda, ambos se assustam. Erik abre a porta e Joona sai para o frio. Pigarreia.

– Achei que deviam ficar a saber que já foi identificado o corpo encontrado na casa de Lydia.

– Quem era?

– Não era filho dela... O menino estava dado como desaparecido há treze anos.

Erik assente e espera. Joona suspira profundamente.

– Os restos de excrementos e de urina indicaram que... – Joona abana a cabeça. – Indicaram que o pequeno viveu lá bastante tempo, provavelmente três anos, antes de ela lhe tirar a vida.

Novo silêncio. A neve cai com um sussurro sobre as suas cabeças. Mais um avião brama ao longe na subida em direção ao céu.

– Por outras palavras, você tinha razão, Erik. A Lydia tinha uma criança encerrada numa gaiola, na cave da casa dela. Uma criança que considerava seu filho.

– Sim – assente Erik, quase inaudivelmente.

– Desfez-se do menino quando compreendeu que tinha revelado o seu segredo durante a hipnose, e as consequências que isso lhe poderia acarretar.

– De facto, acreditei que me tinha enganado. Já o tinha assumido – diz Erik, com a voz apagada, enquanto observa a pista de aterragem.

– Foi por isso que deixou de praticar hipnose, não foi? – pergunta Joona.

– Foi – responde Erik.

– Julgou que se tinha equivocado e jurou que nunca mais hipnotizaria ninguém – continua Joona.

Simone passa uma mão trémula pela testa.

– A Lydia viu-te quando quebraste a promessa, viu o Benjamin – diz em voz baixa.

– Não, acho que ela nos deve ter vigiado durante estes anos todos – sussurra Erik.

– Deixaram sair Lydia de Ulleråker há dois meses – conta Joona.

– Aproximou-se do Benjamin com toda a cautela. Talvez até se tenha contido devido à sua promessa de nunca mais hipnotizar ninguém.

Joona pensa que Lydia considerava Joakim Samuelsson culpado do aborto que lhe provocou a esterilidade, quando esteve no centro de recuperação para jovens delinquentes, e, por isso, sequestrou-lhe o filho, Johan. Mais tarde, Lydia terá pensado que a terapia de Erik era a causadora de ela se ter visto obrigada a assassinar Johan, e raptou Benjamin quando ele voltou a hipnotizar.

O rosto de Erik mantém-se sério, duro, taciturno. Prepara-se para explicar que, na realidade, salvara a vida de Evelyn ao quebrar a sua promessa, mas desiste de o fazer quando vê um polícia a aproximar-se deles.

– Temos de ir – diz o homem, rapidamente. – O avião descola daqui a dez minutos.

– Já falaste com a Polícia de Dorotea? – pergunta Joona.

- Ao que parece, é impossível estabelecer contacto com a patrulha que seguiu para a casa – responde o agente.
- Porquê?
- Não sei, mas dizem que tentaram durante cinquenta minutos.
- Que raio! Então, têm de enviar reforços – diz Joonas.
- Já lhes disse, mas querem esperar.

Ao começar a percorrer a curta distância até ao avião que os aguarda, para os transportar para o aeroporto de Vilhelmina, no Sul da Lapónia, Erik sente, de repente, uma breve e peculiar sensação de alívio: durante todo aquele tempo, ele sempre tivera razão.

Levanta a cabeça. A neve cai, rodopia e amontoa-se, leve e pesada ao mesmo tempo. Simone volta-se e toma-lhe a mão.

Quinta-feira, dia 17 de dezembro

Benjamin está deitado no chão e ouve os pés curvos da cadeira de baloiço a rangerem, para trás e para a frente, na superfície reluzente da carpete de plástico. Doem-lhe muito as articulações. Ouve-se um rangido e o vento varre o telhado de chapa. De repente, a mola grossa da porta que dá para o vestíbulo produz um ruído metálico. Ouvem-se passos na entrada. Alguém sacode as botas. Benjamin levanta a cabeça, mas a coleira aperta-lhe o pescoço quando tenta ver quem entra na sala.

– Fica aí deitado – murmura Lydia.

Ele encosta a cabeça no chão e volta a sentir as franjas compridas e ásperas da carpete na cara, e o cheiro do pó no nariz.

– Dentro de três dias será o quarto domingo do Advento – declara Jussi. – Devíamos fazer bolinhos de gengibre.

– Os domingos são feitos para cuidar da disciplina e nada mais – diz Lydia e continua a baloiçar-se na cadeira.

Marek sorri sarcasticamente, mas permanece em silêncio.

– Ris-te? – inquire ela.

– Não.

– Quero que a minha família seja feliz – diz Lydia em voz baixa.

– E somos – confirma Marek.

O chão está gelado. Através das paredes coa-se uma corrente de ar frio que faz rodopiar o algodão entre os cabos, por trás da televisão. Benjamin está só com o pijama. Relembra o momento em que chegaram ao casarão de Jussi. Já tinha nevado. Depois, voltou a cair neve, que se derreteu e posteriormente congelou. Foi conduzido por Marek através da área de estacionamento, diante da casa, entre velhos autocarros cobertos de neve e carros de sucata. Benjamin teve de caminhar descalço, com o gelo a queimar-lhe os pés. Foi como atravessar um fosso entre os grandes veículos cobertos de neve. Dentro de casa, a luz estava acesa. Jussi assomou aos degraus da entrada com a espingarda em riste, mas assim que viu Lydia foi

como se as suas forças se escoassem. Não estava à espera dela. Mas, embora não fosse bem-vinda, não lhe ofereceu resistência e decidiu submeter-se à sua vontade. Resignou-se, como o gado. Jussi limitou-se a abanar a cabeça quando Marek se aproximou dele e lhe tirou a arma. Depois, ouviram-se passos no vestíbulo e apareceu Annbritt. Jussi murmurou que ela era a sua companheira e que deviam deixá-la ir-se embora. Quando viu a coleira à volta do pescoço de Benjamin, Annbritt empalideceu e tentou voltar a entrar em casa e fechar a porta, mas Marek evitou a manobra, metendo o cano da espingarda na abertura da porta, e, com um sorriso nos lábios, perguntou se podiam entrar.

– Vamos falar da ceia de Natal? – pergunta Annbritt, com voz insegura.

– O mais importante são os arenques e as carnes de porco frias – diz Jussi.

Lydia suspira, irritada. Benjamin ergue o olhar para a ventoinha do teto amarelo, com quatro candeeiros cujos quebra-luzes são igualmente amarelos. A sombra das pás imóveis desenha uma flor cinzenta recortada no aglomerado pintado de branco.

– Ao rapaz, damos-lhe almôndegas – diz Jussi.

– Já veremos – responde Lydia.

Marek cospe num vaso de flores e olha para o exterior.

– Estou a ficar com fome – diz.

– Temos muita carne de rena e de veado no frigorífico – responde Jussi.

Marek aproxima-se da mesa, procura no cesto de pão, parte uma bolacha e mete-a na boca.

Quando Benjamin olha para cima, Lydia puxa-lhe pela coleira. Tosse e volta a deitar-se. Está cansado e com fome.

– Devo estar a precisar de tomar o meu medicamento – diz.

– Vais passar bem sem ele – responde Lydia.

– Preciso de tomar uma injeção por semana, e já passou mais de uma semana desde...

– Cala-te.

– Vou morrer se não...

Lydia dá um puxão tão forte na coleira que Benjamin geme de dor. Começa a chorar e ela volta a dar um puxão para ele se calar.

Marek liga a televisão. Ouvem-se estalidos e umas vozes ao longe. Talvez seja um programa desportivo. Marek vai mudando de canal, sem conseguir captar a imagem de nenhum deles e, então, desliga o aparelho.

- Devia ter trazido a televisão da outra casa – diz.
- Aqui não há televisão por cabo – explica Jussi.
- És um idiota – afirma Lydia.
- Porque não funciona a antena parabólica? – pergunta Marek.
- Não sei – responde Jussi. – Às vezes o vento é muito forte, provavelmente ficou torta.

- Então, manda-a consertar – diz Marek.
- Conserta-a tu!
- Chega de conversa – interrompe Lydia.
- De qualquer modo, a televisão só dá porcarias – murmura Jussi.
- Eu gosto de ver *Let's dance* – diz Marek.
- Posso ir à casa de banho? – pergunta Benjamin em voz baixa.
- Tens de mijar lá fora – diz Lydia, então.
- Está bem – responde ele.
- Leva-o lá fora, Marek – ordena Lydia.
- O Jussi que o leve – replica.
- Ele pode ir sozinho – diz Jussi. – Não consegue fugir. Lá fora, estão cinco graus negativos e estamos longe...

- Vai com ele – corta Lydia. – Eu tomo conta da Annbritt, entretanto.

Benjamin sente uma tontura, ao pôr-se de pé. Repara que Jussi tirou a coleira das mãos de Lydia. Tem os joelhos rígidos e sente uma dor terrível nas coxas quando começa a andar. Cada passada é insuportável, mas aperta os maxilares para manter o silêncio. Não quer incomodar Lydia, não quer provocá-la.

Ao longo do corredor, estão pendurados diplomas. A luz provém de um aplique metálico na parede, com um quebra-luz de vidro fumado. Em cima da passadeira de plástico cor de cortiça, vê-se um saco dos supermercados Ica, com as palavras «qualidade, atenção, serviço».

- Preciso de cagar – diz Jussi e solta a coleira. – Espera no vestíbulo quando voltares.

Jussi aperta a barriga, desaparece, a bufar, na casa de banho e

fecha a porta com o trinco. Benjamin olha para trás, vê as costas fortes e arredondadas de Annbritt através da porta entreaberta e ouve Marek a falar da *pizza* grega.

Num gancho do corredor, está pendurado o casacão verde acolchoado de Lydia. Benjamin revista-lhe os bolsos e encontra as chaves da casa, um porta-moedas dourado e o seu próprio telemóvel. O coração bate-lhe aceleradamente no peito, ao ver que tem bateria suficiente para fazer pelo menos mais uma chamada. Passa, escondendo-se, a porta que dá para o vestíbulo, continua pela porta da despensa e sai para o frio paralisante. Tem pouca cobertura. Caminha, descalço, pelo trilho coberto de neve que conduz ao depósito de lenha. No meio da escuridão, divisa as formações de neve em cima dos velhos autocarros e dos carros desmantelados, no jardim. As mãos geladas tremem-lhe de frio. O primeiro número que encontra é o do telemóvel da mãe. Chama e encosta o aparelho à orelha, a tremer. Ouve os primeiros sinais, quando a porta da casa se abre. É Jussi. Olham um para o outro. Benjamin nem se lembra de esconder o telemóvel. Talvez devesse correr, mas não sabe para onde ir. Jussi aproxima-se dele a passos largos, de rosto pálido e exaltado.

– Acabaste? – pergunta em voz alta.

Jussi continua a andar para o local onde se encontra Benjamin e olha-o bem nos olhos. Tira-lhe o telemóvel das mãos e dirige-se para o depósito de lenha, precisamente no momento em que Lydia aparece à porta de casa.

– O que estão aí a fazer? – pergunta.

– Vou buscar mais uns toros – grita Jussi, escondendo o telemóvel dentro do casacão.

– Já fiz – diz Benjamin.

Lydia permanece à porta e manda o rapaz entrar em casa.

Uma vez no depósito de lenha, Jussi olha para o visor do telemóvel e vê escrito «Mãã». Apesar do frio, sente o cheiro a madeira e resina. O local está praticamente às escuras. A única luz provém do telemóvel. Jussi leva-o ao ouvido e, nesse momento, ouve alguém a responder.

– Está, está? – é a voz de um homem.

– Erik? – pergunta Jussi.

– Não, sou...

– O meu nome é Jussi. Podes dar um recado ao Erik? É importante. Estamos em minha casa. Lydia, Marek, eu e...

Jussi cala-se porque o homem que atendeu, de súbito, dá um grito gutural. Ouve-se um estrondo, alguém tosse, uma mulher chora e lamenta-se. Depois, resta o silêncio e a chamada é cortada. Jussi olha para o aparelho. Pensa fazer uma nova tentativa com outro nome e começa a passar em revista os contactos, quando a bateria, de repente, chega ao fim. O aparelho apaga-se no instante em que a porta do depósito se abre e surge Lydia.

– Vi a tua aura através da frincha da porta. Era de um azul intenso – diz.

Jussi esconde o telemóvel atrás das costas, enfia-o no bolso das calças e começa a apanhar lenha e a metê-la na cesta.

– Vai para casa – ordena Lydia. – Eu faço isso.

– Obrigado – responde e deixa o depósito.

No caminho para casa, Jussi vê os cristais de gelo a reluzirem à luz da janela. As botas produzem um ruído seco. Ouve, então, atrás de si, o som de algo a arrastar-se pela neve e a arfar levemente. Chega a pensar que é o seu cão, *Castro*. Lembra-se de quando o animal era apenas um cachorrinho e como conseguia caçar ratos debaixo da neve ainda fofa. Jussi sorri para si mesmo quando uma pancada na nuca o faz tropeçar e inclinar-se para a frente. Teria caído de bruços se o machado não tivesse ficado incrustado na cabeça e tivesse sido puxado para trás. Fica imóvel, com os braços pendentes. Lydia puxa o machado e solta-o da cabeça de Jussi, que sente o sangue a correr-lhe pelo pescoço e pelas costas. Cai de joelhos e por terra. Sente a neve na cara. Fazendo força no pé, vira-se de costas, para tentar levantar-se. O seu campo de visão diminui vertiginosamente, mas, nos derradeiros momentos em que está consciente, ainda vê Lydia levantar o machado mais uma vez.

Dia 20 de dezembro, quarto domingo do Advento, de manhã

Benjamin está agachado contra a parede, por trás da televisão. Sente uma náusea horrível, tem dificuldade em fixar o olhar num ponto, mas o pior é a sede. Está sedento como nunca tinha estado na vida. A fome abrandou. Não desapareceu, ainda continua a sentir uma vaga dor persistente que lhe sobe dos intestinos, mas que foi aplacada pela sede e pelas dores nas articulações. A sede parece asfixiá-lo, como se a garganta estivesse coberta de feridas. Mal consegue engolir, já não tem saliva na boca. Pensa nos dias que passou deitado no chão da casa. Como Lydia, Marek, Annbritt e ele passam o tempo na única sala mobilada, sem fazer nada.

Benjamin ouve a neve a cair no telhado, e pensa no modo como, um dia, Lydia entrou na sua vida, como ela se aproximou dele, a correr, quando regressava a casa, depois da escola.

– Deixaste cair isto – disse-lhe, entregando-lhe o gorro.

Ele parou e agradeceu-lhe. Então, ela olhou-o de um modo estranho e disse, em seguida:

– Tu és o Benjamin, não és?

Ele perguntou-lhe como sabia o seu nome. Lydia passou-lhe a mão pela cabeça e explicou-lhe que era a sua mãe biológica.

– Mas o teu nome de batismo é Kasper – disse. – Gostaria de te chamar assim.

E, então, deu-lhe uma pequena peça de croché azul-clara.

– Fi-la para ti quando estavas na minha barriga – suspirou.

Ele explicou-lhe que se chamava Benjamin Peter Bark e que não podia ser seu filho. Imaginou que a situação devia ser muito dolorosa para ela, de modo que tentou falar-lhe com calma e amabilidade. Lydia ouviu-o com um sorriso e limitou-se a negar melancolicamente com a cabeça.

– Pergunta aos teus pais – disse. – Pergunta-lhes se, de facto, és filho deles. Podes fazê-lo, mas não te dirão a verdade. Eles não podiam ter filhos. Vais notar que mentem e fazem-no porque têm

medo de te perder. Tu não és filho deles. Eu posso contar-te a tua verdadeira origem. És meu filho, essa é a verdade. Não vês como somos parecidos? Obrigaram-me a dar-te para adoção...

– Mas eu não sou adotado – respondeu ele.

– Eu sabia... Eu sabia que não te contariam a verdade – disse Lydia.

Ele refletiu um instante e, de repente, reconheceu que o que a mulher lhe dizia poderia ser verdade. Durante muito tempo, tinha-se sentido diferente.

Lydia olhou para ele, com um sorriso.

– Eu nada posso demonstrar – disse, de novo. – Deves confiar nos teus próprios sentimentos. Tu mesmo deves perceber; então sentirás que é verdade.

Separaram-se, mas Benjamin voltou a encontrar-se com ela no dia seguinte. Foram juntos a uma confeitaria e ficaram lá a conversar durante muito tempo. Ela contou-lhe como fora obrigada a dá-lo para adoção, mas nunca se esquecera dele. Tinha pensado nele todos os dias, desde que nasceu e o separaram dela. Sentira a sua falta em cada minuto da sua vida.

Benjamin contou tudo a Aida e os dois concordaram que Erik e Simone não deveriam saber nada, até ele ter tempo de pensar no assunto. Queria, primeiro, conhecer Lydia, queria avaliar se podia ser verdade o que afirmava. Ela contactava-o através do endereço eletrónico de Aida. Foi assim que lhe enviou a fotografia da sepultura da família.

– Quero que saibas quem és – disse-lhe. – Aqui jazem os teus parentes, Kasper. Um dia, iremos lá os dois juntos, tu e eu.

Benjamin quase chegou a acreditar nela. Achava interessante o que ela lhe contava. Era estranho descobrir que alguém o amava tanto. Lydia deu-lhe alguns objetos, pequenas recordações da sua própria infância, e dinheiro também. Ofereceu-lhe livros e uma máquina fotográfica. Ele, por sua vez, deu-lhe alguns desenhos e outras coisas que guardava desde criança. Ela conseguiu até que o tal Wailord deixasse de o acostrar. Um dia, mostrou-lhe uma folha de papel assinada por Wailord em que ele se comprometia, sob palavra de honra, a nunca mais aparecer por perto de Benjamin e dos seus amigos. Os seus pais jamais conseguiriam algo semelhante.

O rapaz estava cada vez mais convencido de que os pais, aquelas pessoas em quem ele tinha acreditado a vida inteira, se comportavam como verdadeiros mentirosos. Ficava irritado porque nunca falavam com ele, nunca lhe mostravam o que significava para eles.

Tinha sido incrivelmente idiota.

Lydia começou a dizer-lhe que gostaria de ir a casa de Benjamin e de passar algum tempo com ele. Queria que lhe desse umas chaves. Benjamin não entendia muito bem por que razão as queria, e garantiu-lhe que abriria a porta, quando ela tocasse. Então, ela mostrou-se zangada. Disse que seria obrigada a castigá-lo, se não obedecesse. O rapaz ficou perfeitamente atônito. Lydia explicou-lhe que, quando ele era pequenino, dera uma palmatória aos pais adotivos como sinal de que queria que eles lhe dessem uma boa educação. Em seguida, tirou-lhe simplesmente as chaves da mochila e disse-lhe que ela própria decidiria quando ia visitar o filho.

Foi nesse momento que Benjamin compreendeu que ela não estava no seu juízo perfeito.

No dia seguinte, ao ver que Lydia estava à sua espera, aproximou-se dela e pediu-lhe calmamente que lhe devolvesse as chaves e que não fazia tensões de voltar a encontrar-se com ela.

– Mas, Kasper – dissera-lhe –, claro que te darei as chaves.

E assim fez. Benjamin começou a andar e Lydia seguiu-o. Ele parou e perguntou-lhe se ela não tinha entendido que não queria voltar a vê-la.

Benjamin olha para o seu corpo. Vê um grande hematoma no joelho. Se a mãe visse, ficaria histérica, pensa.

Marek, como habitualmente, está de pé a olhar pela janela. Funga pelo nariz e cospe para a janela, através da qual se vê o corpo de Jussi, estendido na neve, lá fora. Annbritt está sentada à mesa, encolhida. Tenta parar de chorar. Engole em seco, pigarreja e, depois, soluça. Quando saiu e viu Lydia a assassinar Jussi, gritou até que Marek lhe apontou a espingarda e lhe disse que a mataria se deixasse escapar um soluço que fosse.

Lydia não se vê em parte nenhuma. Benjamin levanta-se aos tropeções e diz com a voz rouca:

– Marek, há uma coisa que precisa de saber...

Ele olha para Benjamin com os seus olhos negros como grãos de pimenta. Depois, deita-se no chão para fazer flexões.

– O que é que queres, porra? – pergunta, com um queixume.

Benjamin engole em seco, sentindo a garganta dorida.

– O Jussi contou-me que a Lydia te queria matar – mente. – Primeiro, daria cabo dele, depois da Annbritt e, por fim, de ti.

Marek faz mais algumas flexões e depois levanta-se do chão, a ofegar.

– Tu és um idiota muito engraçado.

– Foi o que ele me disse – insiste Benjamin. – Ela só gosta de mim. Quer ficar sozinha comigo. É verdade.

– Ai sim? – pergunta-lhe.

– Sim, o Jussi disse-me que ela lhe contou o que iria fazer. Que iria matá-lo primeiro e agora ele está...

– Cala o bico – interrompe-o Marek.

– Pensa ficar aí sentado, à espera da sua vez? – pergunta Benjamin. – Ela não quer saber de si. Acha que a família será mais feliz se formos só ela e eu.

– O Jussi disse mesmo que ela ia matar-me? – pergunta, então, Marek.

– Juro, ela vai...

Marek solta uma gargalhada e Benjamin cala-se.

– Asseguro-te que, ao longo da minha vida, já ouvi tudo o que as pessoas são capazes de dizer para evitar a dor – rosnou, com um pequeno sorriso. – Todas as promessas e todos os ardis, todos os pactos e todos os truques.

Depois, vira-se para a janela com indiferença. Benjamin suspira e tenta continuar a inventar, quando Lydia entra na sala. Tem os lábios tensos. Está muito pálida e esconde alguma coisa atrás das costas.

– Já passou uma semana e é outra vez domingo – explica solenemente, fechando os olhos.

– O quarto domingo do Advento – murmura Annbritt.

– Vamos descontraí-los e meditar sobre a semana que deixámos para trás – diz, com lentidão. – Há três dias que o Jussi nos deixou, já não está neste mundo. A sua alma viaja numa das sete rodas celestiais. Será castigado pela sua traição durante milhares de anos,

ao longo de sucessivas encarnações num inseto ou numa rês.

Então, fica em silêncio.

– Já refletiram? – pergunta, após um momento.

Os outros assentem e Lydia sorri, satisfeita.

– Kasper, vem aqui – chama em voz baixa.

Benjamin tenta pôr-se de pé, esforça-se por não mostrar a dor, mas, ainda assim, Lydia pergunta-lhe:

– Estás a gozar comigo?

– Não – sussurra ele.

– Constituímos uma família e respeitamo-nos uns aos outros.

– Sim – responde ele, com um soluço.

Lydia sorri e mostra o objeto que escondia nas costas. É uma tesoura, uma tesoura de alfaiate grande e afiada.

– Então, não terás qualquer problema em receber o teu castigo – acrescenta com calma.

Com o rosto inexpressivo, pousa a tesoura em cima da mesa.

– Sou apenas uma criança – diz Benjamin, cambaleando.

– Fica quieto de uma vez! – brada ela. – É preciso sempre mais. Nunca percebes nada, nunca. Luto e esforço-me, trabalho até me sentir exausta para que esta família vingue, para que seja pura e irrepreensível. Quero apenas que ela vingue.

Benjamin chora, o rosto deformado por soluços pesados e roucos.

– Acaso não somos uma família? Somos ou não?

– Sim – responde-lhe. – Sim, somos.

– Então, porque te comportas assim? Escondes-te furtivamente atrás de nós, atraíçoas-nos e enganas-nos. Roubas-nos, falas mal de nós e destróis... Porque me fazes isso? Metes o nariz nos assuntos dos outros, fazes intrigas e, depois, ainda te ficas a lamber todo.

– Não sei – suspira Benjamin. – Desculpe.

Lydia pega na tesoura. Respira fundo e o rosto cobre-se de suor. Tem as faces e o pescoço vermelhos.

– Vais receber o teu castigo e, assim, poderemos esquecer o que se passou – diz em tom leve e imparcial.

Deixa vaguear o olhar entre Annbritt e Marek.

– Annbritt – diz, em seguida. – Vem cá.

Annbritt que, até então, tinha estado sentada a olhar para a

parede, aproxima-se, vacilante. O olhar tenso vagueia em todas as direções, a ponta do queixo treme-lhe.

– Corta-lhe a ponta do nariz – ordena Lydia.

O rosto de Annbritt cora intensamente. Olha para Lydia e Benjamin. Por fim, nega com a cabeça.

Lydia dá-lhe uma bofetada. Agarra-a por um braço e empurra-a na direção de Benjamin.

– O Kasper meteu o nariz onde não devia e, por isso, agora, fica sem ele.

Annbritt esfrega o rosto, com ar ausente e, então, pega na tesoura. Marek aproxima-se, agarra com força a cabeça de Benjamin e vira-lhe a cara para Annbritt. Vê na sua frente o brilho metálico da tesoura e o rosto nervoso da mulher, o tique nos olhos e na boca, as mãos que começam a tremer.

– Corta de uma vez! – ordena Lydia.

Annbritt está de pé com a tesoura voltada para Benjamin. Já não consegue aguentar o choro por mais tempo.

– Sou hemofílico – geme Benjamin. – Morrerei se o fizer. Sou hemofílico!

As mãos de Annbritt tremem quando, na frente dele, fecha a tesoura no ar e a deixa cair ao chão.

– Não consigo – soluça. – Não consigo... Doem-me as mãos, não consigo segurá-la.

– Isto é uma família – diz Lydia, com uma expressão de extremo cansaço, enquanto, com esforço, se curva para apanhar a tesoura. – Tens de me obedecer e respeitar, estás a ouvir?

– Tenho dores nas mãos, já te disse! A tesoura é grande de mais para...

– Cala-te – interrompe-a Lydia, atingindo-a na boca com o cabo da tesoura.

Annbritt chora, dá um passo para o lado. Encosta-se, insegura, à parede e leva a mão aos lábios, que sangram.

– Os domingos são feitos para cuidar da disciplina – diz Lydia, ofegante.

– Não quero – suplica ela. – Por favor... Não quero...

– Vem aqui – ordena Lydia, impaciente.

Annbritt abana a cabeça e murmura qualquer coisa.

– O que disseste? Disseste «cona»?

– Não, não – responde Annbritt, a chorar. E estende a mão. – Vou fazê-lo – soluça. – Vou cortar-lhe o nariz. Vou ajudar-te. A dor passa depressa.

Satisfeita, Lydia estende-lhe a tesoura. Annbritt aproxima-se novamente de Benjamin, dá-lhe uma palmada na cabeça e murmura, rapidamente:

– Não tenhas medo. Foge o mais rapidamente que puderes.

Benjamin olha para ela sem compreender, enquanto procura decifrar o seu olhar assustado, os lábios trémulos. Annbritt levanta a tesoura, mas vira-se para Lydia e fere-a na cara, mas sem muita força. Benjamin vê Lydia a defender-se do ataque e Marek a agarrar o pulso forte de Annbritt, esticar-lhe o braço e deslocar-lhe o ombro. Annbritt grita de dor. Benjamin já saiu da sala quando Lydia apanha a tesoura do chão, se aproxima de Annbritt e se senta em cima do seu peito. Annbritt abana a cabeça para tentar escapar.

Quando Benjamin atravessa o vestíbulo gelado, desce os degraus da entrada e enfrenta o exterior gelado, ouve Annbritt a gritar e a tossir.

Lydia limpa o sangue da cara e olha em volta, à procura do rapaz.

Benjamin caminha rapidamente pelo trilho coberto de neve.

Marek pega na espingarda, pendurada na parede, mas Lydia segura-o.

– É bom para ele aprender – diz. – O Kasper está descalço e de pijama apenas. Vai voltar para a mamã, quando estiver a congelar.

– Caso contrário, morrerá – acrescenta Marek.

Benjamin mete um pouco de neve na boca e faz por esquecer a dor, ao correr por entre as filas dos carros. Escorrega, cai, mas volta a levantar-se. Depois de correr um pouco, já não sente os pés. Marek grita-lhe qualquer coisa de casa, nas suas costas. Benjamin sabe que não lhe poderá escapar, é pequeno e está fraco. O melhor é esconder-se na escuridão e, depois, descer até ao lago, quando tudo tiver acalmado. Talvez encontre por lá algum pescador com o seu berbequim e o seu banco. Jussi dissera que o gelo se tinha formado no Djuptjärn, apenas uma semana antes, e que o início do inverno tinha sido ameno.

Benjamin para. Procura perceber se há passos a aproximar-se e pousa a mão numa carrinha enferrujada. Depois ergue o olhar para a parte escura do bosque e prossegue a marcha. Não aguentará muito mais tempo. Sente o corpo a arder, de dor e de frio. Tropeça, cai e gatinha debaixo do oleado que protege um trator. Continua a arrastar-se na relva coberta de geada até ao carro seguinte e, então, levanta-se. Apercebe-se de que está entre dois autocarros. Tateia até encontrar uma janela aberta num deles, consegue subir e deslizar pela abertura. No escuro e às apalpadelas, encontra, em cima de um assento, vários tapetes que usa para se cobrir.

Domingo, dia 20 de dezembro, quarto domingo do Advento, de manhã

O edifício vermelho do aeroporto de Vilhelmina é a única coisa que se vê na paisagem deserta e branca. São apenas dez horas da manhã, mas o céu permanece na penumbra, nesse domingo, o quarto do Advento. Os holofotes iluminam a pista de cimento. Após hora e meia de voo, avançam agora lentamente em direção ao terminal.

A sala de espera está aquecida e é surpreendentemente acolhedora. Ouvem-se melodias natalícias nos altifalantes e no ambiente flutua o aroma do café proveniente de uma loja que parece uma combinação de quiosque de jornais e revistas, balcão de informações e cafetaria. Do lado de fora, estão pendurados objetos de artesanato lapão: facas de manteiga, canecas de madeira e alforjes de casca de bétula. Simone dirige um olhar vazio para os gorros lapões. Sente uma certa tristeza por essa cultura milenar de caçadores, que se vê obrigada a ressuscitar na forma de gorros coloridos, com borlas vermelhas, diante de turistas folgazões. O tempo levou consigo o xamanismo dos lapões. Nas casas, o tambor lapão está pendurado na parede, por cima do sofá, e a criação de renas está em vias de se transformar em atração turística.

Joona digita um número no telemóvel, enquanto Erik aponta para um táxi que aguarda na saída vazia. Joona abana a cabeça e fala com crescente irritação. Erik e Simone ouvem uma voz metálica a grunhir no aparelho. Quando desliga o telefone, Joona mostra uma expressão reservada. Os seus olhos brilhantes estão tensos e sérios.

– O que foi? – pergunta Erik.

Joona estica o pescoço para olhar pela janela.

– Os polícias que foram à casa ainda não entraram em contacto com a central – diz ele, em tom distraído.

– Isso não me cheira bem – diz Erik, em voz baixa.

– Vou ligar para o comissariado.

Simone tenta puxar Erik para o lado.

– Não podemos ficar aqui sentados à espera deles.

– E não ficaremos – responde Joona. – Vamos ter um carro à nossa disposição. Já devia estar aqui.

– Meu Deus – suspira Simone. – Leva tudo tanto tempo...

– As distâncias aqui no Norte são diferentes – explica Joona, com um brilho cortante nos olhos.

Simone encolhe os ombros. Dirigem-se para a saída e, quando cruzam a porta, são apanhados pelo incomparável frio seco do Norte.

De repente, dois carros azul-escuros param na sua frente e deles saem dois homens, vestidos com os uniformes alaranjados de socorristas de montanha.

– Joona Linna? – pergunta um deles.

Ele assente com um leve aceno da cabeça.

– Viemos trazer-lhe um carro.

– Socorristas de montanha? – pergunta Erik, tenso. – Onde está a Polícia?

Um dos homens agita-se e explica, contendo-se:

– Não há muita diferença, aqui no Norte. A Polícia, os agentes alfandegários e os socorristas de montanha costumam colaborar entre si, quando é necessário.

O outro homem acrescenta:

– Estamos com falta de pessoal, neste momento. O Natal está à porta...

Ficam parados, em silêncio. Erik parece desesperado. Abre a boca para dizer alguma coisa, mas Joona antecipa-se:

– Souberam alguma coisa do carro-patrolha que foi mandado à cabana?

– Não, desde as sete da manhã – responde um dos homens.

– Quanto tempo demora a chegar lá?

– Bom, leva entre uma e duas horas a chegar a Sutme, de modo que...

– Duas horas e meia – acrescenta o outro. – Atendendo à época do ano em que estamos.

– Qual dos dois carros podemos levar? – pergunta Joona,

impaciente, aproximando-se de um deles.

– Não sei... – responde um dos homens.

– Ficamos com o que tiver mais gasolina – declara Joona.

– Quer que veja o indicador de combustível? – pergunta Erik.

– Tenho quarenta e sete litros no meu – diz um dos homens rapidamente.

– Então, tens mais dez litros do que eu.

– Muito bem – diz Joona, abrindo a porta do carro indicado.

Entram para o carro, equipado com aquecimento. Um dos homens dá as chaves a Joona, que pede a Erik para introduzir a localização no GPS.

– Esperem! – grita Joona em direção aos dois homens que já se encaminham para o outro carro.

Param.

– Os homens que, esta manhã cedo, foram mandados à cabana também eram socorristas de montanha?

– Sim.

Dirigem-se para nordeste, ao longo do lago Volgsjön, até à zona de Brännbäck. Dois quilómetros mais à frente, tomarão a estrada nacional 45, e seguirão em linha reta para leste por mais dez, antes de chegarem a uma serpenteante estrada de, pelo menos, oitenta quilómetros, ao sul de Klimpfjäll e na direção de Daimadalen.

Viajam em silêncio. Quando o aeroporto de Vilhelmina já ficou para trás, e rumam a Sutme, notam que o céu em volta dá a impressão de querer ficar mais claro. Uma luz estranha e suave parece melhorar a visibilidade, e podem divisar os contornos das montanhas e dos lagos em redor.

– Olhem – aponta Erik. – Está a ficar mais claro.

– Só aclarará daqui a algumas semanas – diz Simone.

– A neve reflete a luz que atravessa as nuvens – explica Joona.

Simone encosta a testa à janela do carro. Atravessam florestas cobertas de neve, seguindo-se amplas zonas planas, pântanos escuros e lagos que se estendem como grandes planícies. Passam por placas informativas, com nomes como Jetneme e Trollklinten, e o da extensa lagoa de Långseleån. Na penumbra, conseguem vislumbrar um formoso lago de margens escarpadas, frias e congeladas, que resplandecem estranhamente, sobretudo pela

luminosidade da neve, e que, de acordo com a placa, dá pelo nome de Mevattnet.

Após quase hora e meia de viagem, ora em direção a norte, ora a leste, a estrada começa a estreitar-se e quase a desaguar no gigantesco lago Borgasjön. Encontram-se, então, no município de Dorotea. Aproximam-se da fronteira com a Noruega e a paisagem fecha-se em altas e escarpadas montanhas. De repente, um carro, a circular em sentido contrário, faz-lhes sinais de luzes, ofuscando-os. Desviam-se para a berma da estrada e param. Veem o outro carro a parar e a fazer marcha atrás para vir ao encontro deles.

– Os socorristas da montanha – diz Joona secamente, ao verificar que os dois carros eram iguais.

Joona baixa o vidro do carro e o ar gelado do exterior leva-lhes o ar quente do carro.

– Vêm de Estocolmo? – exclama um dos homens do outro carro, com um acentuado sotaque finlandês.

– Sim, somos nós – responde Joona, em finlandês. – Os malditos «zero-oito»¹!

Eles riem-se e Joona prossegue, em sueco:

– Chegaram a ir à casa? Não conseguiram estabelecer contacto connosco.

– As ondas de rádio não chegam lá – explica o homem. – De qualquer modo, foi combustível esbanjado. Lá não há nada.

– Nada? Nenhuma pegada em redor da casa?

O homem abana a cabeça.

– Verificámos as diferentes camadas de neve.

– Que camadas? – exclama Erik.

– Caíram cinco nevões desde o dia 12. Portanto, procurámos pegadas em cinco camadas de neve.

– Fizeram um belo trabalho – diz Joona.

– Foi por isso que demorámos tanto.

– Quer dizer que ninguém esteve lá? – inquire Simone.

O homem abana a cabeça.

– Não, pelo menos desde o dia 12, como disse.

– Porra – murmura Joona, em surdina.

– Voltam connosco? – pergunta o homem.

Joona abana a cabeça.

– Viemos de Estocolmo até aqui, não vamos voltar agora.

O homem encolhe os ombros.

– Como quiserem.

Despedem-se e desaparecem para oeste.

– Não chegam as ondas de rádio?... – sussurra Simone. – Mas o Jussi telefonou de lá...

Continuam a viagem em silêncio. Simone pensa o mesmo que os outros: que aquela viagem pode ser um erro fatal, que talvez os tenham enganado para que se dirigissem a um local falso, em direção a um mundo de cristal, feito de neve e de gelo, rodeado de pântanos e de escuridão, enquanto Benjamin está em qualquer outro lugar, sem proteção, sem a medicação, talvez até sem vida.

É meio-dia. Mas no longínquo Norte, na profundidade das florestas de Västerbotten, o dia e a noite confundem-se nesta época do ano. É uma noite compacta que não permite a passagem da luz. Uma noite tão poderosa e tão dura que consegue eclipsar a alba, de dezembro a janeiro.

Chegam à casa de Jussi no meio de uma escuridão densa e pesada. A atmosfera está gelada e suspensa, enquanto percorrem a pé o último troço do caminho até à casa, em cima da dura capa de neve. Joonas puxa da pistola. Pensa que há muito tempo não via neve de verdade e tinha aquela sensação de secura no nariz, provocada pelo frio intenso.

Há três casas dispostas em forma de «U». A neve formou uma cobertura arredondada em cima dos telhados e amontoou-se junto das paredes, chegando às janelas. Erik olha em volta. As marcas dos pneus do carro dos socorristas distinguem-se nitidamente, assim como uma grande quantidade de pegadas à volta das construções.

– Oh, meu Deus – sussurra Simone, apressando-se.

– Espere – diz Joonas.

– Não há ninguém aqui, a casa está vazia, nós...

– Parece vazia... – interrompe-a Joonas. – É tudo quanto sabemos.

Simone espera, a tiritar, enquanto Joonas avança por cima da camada de neve, em direção à casa. Para diante de uma das pequenas janelas, inclina o corpo e vê uma arca de madeira e, no chão, alguns tapetes feitos de retalhos. As cadeiras estão viradas e

encostadas à mesa, o frigorífico tem a porta aberta e está limpo e desligado.

Simone olha para Erik, que, de repente, começa a agir de maneira estranha. Anda em círculos em cima da neve, passa a mão pela boca, para no meio do jardim e olha em volta várias vezes. E, quando ela se prepara para lhe perguntar o que está a acontecer, Erik explica em voz alta e nítida:

– Não é aqui.

– Aqui não há ninguém – reage Joona, cansado.

– Refiro-me... – continua Erik, com uma voz estranha, aguda. – Refiro-me a que este não é o casarão do Jussi.

– O quê?

– Não é esta a cabana. O casarão do Jussi é verde-claro, foi assim que ele mo descreveu. Existe uma despensa à entrada, o telhado é construído com chapas, presas com pregos ferrugentos. Há uma antena parabólica perto da cumeeira e o jardim está cheio de carros, autocarros e tratores velhos...

Joona tira um papel da algibeira:

– Esta é a morada, está escrito aqui.

– Mas é o lugar errado.

Erik dá alguns passos em frente da casa. Depois, olha sério para Simone e Joona, e insiste:

– Este não é o casarão dele.

Joona diz um palavrão e puxa do telemóvel, mas logo acrescenta outro quando se lembra de que ali não tem cobertura.

– É muito pouco provável que encontremos alguém a quem perguntar. Vamos ter de andar até voltar a ter sinal – diz e regressam ao carro.

Retrocedem e, no momento em que estão a chegar à estrada, Simone vê uma figura escura, parada entre as árvores. Está de pé e fita-os, totalmente rígida, de braços caídos.

– Ali! – exclama. – Estava alguém ali.

A margem da floresta, do outro lado da estrada, é densa e escura. Há neve amontoada entre os troncos. As árvores têm um aspeto sobrecarregado. Simone desce do carro e ouve Joona a gritar-lhe que espere. A luz dos faróis reflete-se nas janelas da casa. Simone tenta espreitar entre as árvores. Erik consegue chegar junto

dela.

– Eu vi uma pessoa – geme ela.

Joona para o carro, puxa atabalhoadamente da arma e segue-os. Simone corre com rapidez para a entrada da floresta. Vê novamente o homem entre as árvores, um pouco mais longe.

– Eh! Espere! – exclama.

Corre ainda mais um pouco, mas para ao ver o homem. É um velho, de rosto sereno e cheio de rugas. É muito baixo, mal lhe chega ao peito, e está vestido com um espesso anoraque e um par de calças que parecem de pele de rena. Leva ao ombro várias perdizes mortas, atadas a um cordel.

– Desculpe incomodá-lo – diz Simone.

Ele responde qualquer coisa que ela não entende, baixa o olhar e murmura. Erik e Joona aproximam-se cautelosamente. Joona voltou a guardar a arma no casacão.

– Parece que fala finlandês – diz Simone.

– Espere – pede Joona, dirigindo-se ao homem.

Erik percebe que o comissário se apresenta, aponta para o carro e, depois, pronuncia o nome de Jussi. Exprime-se em finlandês, de maneira calma e pausada. O velho assente lentamente com a cabeça e acende um cachimbo estreito. Depois, olha para cima, como se quisesse descobrir alguma coisa. Dá umas fumaças no cachimbo, pergunta algo com uma voz melodiosa e ouve a resposta de Joona. De imediato, nega com a cabeça, desculpando-se, e olha para Erik e Simone com expressão pesarosa. E logo oferece o cachimbo a Erik, que teve presença de espírito suficiente para pegar nele, fumar e devolvê-lo. O tabaco é forte e amargo, e esforça-se por não tossir nem pigarrear.

O lapão volta a falar. Simone vê-lhe um brilho dourado entre os dentes enegrecidos e ouve-o a explicar alguma coisa a Joona, pormenorizadamente. Quebra um galho de uma árvore e faz vários riscos na neve. Joona inclina-se para o desenho, aponta e faz perguntas. Tira um pequeno bloco de notas do bolso e copia o desenho. Simone sussurra «obrigada», quando voltam para o carro. O pequeno homem vira-se, dirige-se para a floresta e desaparece por um trilho entre as árvores.

Regressam apressadamente ao carro. As portas tinham ficado

abertas e os assentos estão tão frios que lhes queimam as costas e as coxas.

Joona entrega a Erik o papel onde anotou as informações do ancião.

– Ele falava em dialeto *sami ume*, e, por isso, não compreendi tudo. Fez referência aos terrenos da família Kroik.

– Mas ele conhecia o Jussi?

– Sim. Se bem compreendi, o Jussi tem outra casa, uma cabana de caça, no interior da floresta. Deve haver um lago, agora, à esquerda. Devemos ir até um lugar onde se ergueram três pedras grandes, em memória de um antigo acampamento estival dos lapões. A partir daí, a terra deixa de estar aplanada. Temos de seguir a pé na direção norte, em cima da neve, até encontrar uma velha caravana.

Joona olha com semblante irónico para Simone e Erik e acrescenta:

– O velhote disse também que se o gelo do lago Djuptjärn rachar com as nossas pisadas, é porque já passámos do local.

Quarenta minutos depois, reduzem a velocidade e param diante das três pedras que o município de Dorotea ali mandara colocar. Os faróis do carro fazem com que tudo pareça cinzento e rodeado de sombras. As pedras aparecem, mas logo desaparecem no meio da escuridão.

Joona estaciona o carro na orla da floresta. Diz que talvez fosse melhor cortar uns ramos e camuflá-lo, mas não há tempo para isso. Olha de relance para o céu estrelado e começa a andar rapidamente. Simone e Erik seguem-no. A dura camada de neve repousa como uma placa pesada e rígida sobre a neve porosa, mais abaixo. Avançam o mais silenciosamente que podem. As indicações do velho coincidem: quinhentos metros à frente, encontram uma caravana enferrujada, meio escondida pela neve. Afastam-se do trilho e verificam que há pegadas no novo caminho. Mais abaixo, avistam uma casa, cercada de neve. Sai fumo da chaminé. Pela luz que se escapa pelas janelas, as paredes da casa são esverdeadas.

«Esta é a casa de Jussi», pensa Erik. «Este é o casarão.»

No amplo jardim, veem-se grandes volumes escuros. A zona de estacionamento, coberta de neve, assemelha-se a um estranho

labirinto.

Aproximam-se lentamente da casa, com a neve a ranger debaixo dos pés. Caminham por uma passagem estreita, entre os carros desmantelados, autocarros, debulhadoras, arados e motas cobertas de neve.

Através da janela, veem uma figura que se desloca com rapidez. Alguma coisa está a acontecer lá dentro, os movimentos são rápidos. Erik não consegue esperar mais e deita a correr em direção à casa. Não quer saber das consequências, tem de encontrar Benjamin, o resto não tem importância. Simone segue-o, ofegante. Caminham em cima da grossa camada de gelo e param ao lado de um caminho desimpedido de neve.

Em frente da casa, há uma pá e um trenó de alumínio. Ouve-se um grito sufocado, ruídos surdos e agitados. Alguém assoma à janela. À entrada da floresta, ouve-se um ramo a quebrar. A porta do depósito de lenha bate com força. Simone respira, agitada, enquanto se vão aproximando da casa. A pessoa que viera à janela desapareceu. O vento ulula na copa das árvores e os flocos de neve amontoam-se em cima da dura camada de gelo. De repente, a porta da casa abre-se e um feixe de luz forte encandeia-os: alguém lhes está a apontar uma lanterna aos olhos. Semicerram os olhos e cobrem-nos com as mãos, para poderem ver.

– Benjamin? – grita Erik.

Quando o feixe de luz se dirige para o chão, vê que é Lydia que está diante deles. Segura na mão uma tesoura grande. A luz da lanterna derrama-se sobre uma figura na neve: é Jussi. O rosto apresenta uma tonalidade azulada, os olhos estão fechados e tem um machado cravado no peito. O corpo encontra-se coberto de sangue congelado. Simone mantém-se em silêncio, ao lado de Erik, que, pelas suas inspirações curtas e assustadas, nota que ela também viu o cadáver. Nesse mesmo instante, dá conta de que Joona não está com eles. Erik imagina que deve ter tomado outro caminho e tentará aproximar-se por trás de Lydia, silenciosamente, se ele conseguir retê-la durante tempo suficiente.

– Lydia, que bom voltar a ver-te – diz Erik.

Ela está imóvel, observando-os, sem dizer nada. A tesoura aberta cintila-lhe na mão, baloiçando. A luz da lanterna brilha no fundo

cinzento do caminho.

– Viemos buscar o Benjamin – explica Erik calmamente.

– O Benjamin? – pergunta Lydia. – Quem é?

– É o meu filho – diz Simone, sufocada.

Erik faz-lhe um gesto dissimulado, para lhe pedir que fique calada. Talvez ela o tenha notado, pois dá um passo atrás e tenta respirar com mais tranquilidade.

– Não vi o filho de ninguém, só o meu – responde Lydia lentamente.

– Lydia, ouve o que te vou dizer – pede Erik. – Se nos entregares o Benjamin, vamo-nos embora daqui e esquecemos isto. Prometo-te que nunca mais voltarei a hipnotizar ninguém...

– Não o vi – repete Lydia e olha para a tesoura. – Aqui, só estamos Kasper e eu.

– Deixa-nos ao menos dar-lhe o medicamento – pede Erik e nota que a voz lhe começou a tremer.

Lydia está agora numa situação perfeita, pensa Erik, febrilmente. Está de costas para a casa. Basta que Joona a contorne, se aproxime em silêncio, vindo das traseiras, e a domine à força.

– Quero que desapareçam daqui – diz ela secamente.

Erik julga ver alguém mexer-se no meio dos veículos, na diagonal da cabana, e sente um alívio repentino. De repente, o olhar de Lydia torna-se mais aguçado, ergue a lanterna e ilumina o depósito de lenha e a neve.

– O Kasper precisa do medicamento – diz Erik.

Lydia baixa a lanterna novamente.

– Eu sou a mãe dele, sei perfeitamente do que ele precisa – replica num tom rígido e frio.

– Tens razão, é verdade – reage Erik rapidamente. – Mas se nos deixares dar-lhe o medicamento... depois, bem poderás castigá-lo, repreendê-lo. Hoje é domingo e...

Erik cala-se, ao ver uma figura a aproximar-se por trás da casa.

– Aos domingos – continua –, costumas...

Duas pessoas acercam-se, vindas das traseiras da casa. Joona move-se rígida e relutantemente em direção a eles. Por trás, está Marek, com a espingarda apontada às costas dele.

Lydia franze os lábios e caminha por cima da camada de gelo.

– Atira-lhes – diz, seca, e aponta para Simone. – Trata dela primeiro.

– Só tenho dois cartuchos na espingarda – responde Marek.

– Faz como quiseres, mas faz – replica ela.

– Marek – diz Erik. – Eu fui demitido. Gostaria de te ter ajudado a...

– Cala-te – interrompe-o ele.

– Tinhas começado a falar sobre o que te aconteceu no casarão da povoação rural, na província de Zenica-Doboj.

– Se quiseres, até te posso mostrar o que aconteceu – diz Marek, olhando para Simone com os olhos brilhantes.

– Faz de uma vez o que tens a fazer – sussurra Lydia, impaciente.

– Deita-te no chão – diz Marek a Simone. – E tira as calças.

Ela não se mexe. Marek aponta-lhe o cano da espingarda e Simone recua. Erik dá um passo e Marek vira a arma rapidamente para ele.

– A ele, vou acertar-lhe na barriga – diz. – Assim, poderá ver enquanto nos divertimos.

– Anda, de uma vez – ordena Lydia.

– Espera – pede Simone. E começa a abrir o fecho das calças.

Marek cospe na neve e dá um passo na sua direção. Parece não saber muito bem o que lhe quer fazer. Olha para Erik e agita a arma na sua frente. Simone não olha para ele. Marek aponta a arma, primeiro para a cabeça, depois para a barriga.

– Não faças isso – pede Erik.

Marek baixa a espingarda e aproxima-se de Simone. Lydia recua um pouco. Simone começa a baixar as calças e os *collants*.

– Segura-me na espingarda – diz Marek para Lydia, em voz baixa.

Ela aproxima-se devagar, quando se ouve um ruído proveniente dos veículos cobertos de neve. São estalidos metálicos, vários, repetidos. Joona tosse. Os estalidos continuam e, de repente, ouve-se um estampido. É um motor a pôr-se em marcha, com o barulho cortante dos pistões em funcionamento. Um facho potente de luz ilumina o chão de neve, que se torna de um branco brilhante. O motor emite fortes bramidos, a caixa de velocidades guincha, o gelo

estilhaça-se. Um velho autocarro, coberto com uma lona impermeável, solta-se da parede de neve, rompe a capa de gelo e avança para eles.

Quando Marek desvia o olhar na direção do autocarro, Joona salta com rapidez e consegue agarrar a espingarda pelo cano. Marek não a larga, mas vê-se obrigado a dar um passo em frente. Joona atinge-o fortemente no peito e tenta dar-lhe um pontapé entre as pernas, mas o outro não cai. Gira a espingarda e com a coronha atinge Joona na cabeça e, depois, na nuca. Marek tem os dedos tão frios que a arma lhe resvala das mãos, dá uma volta no ar e cai aos pés de Lydia. Simone atira-se para ela, mas Marek consegue agarrá-la pelos cabelos e puxa-a para trás.

O autocarro ficou preso num abeto, o motor estrondeia. Os gases do escape e os flocos de neve formam nuvens de vapor ao redor do veículo. A porta da frente do autocarro abre-se e fecha-se, repetidamente, com um grunhido.

As rotações do motor aumentam e a árvore abana, ao mesmo tempo que a neve cai dos ramos oscilantes. O autocarro bate insistentemente contra o tronco da árvore e arranca-lhe a casca, com um baque surdo e metálico. As rodas, com correntes para a neve, derrapam incessantemente.

– Benjamin! – grita Simone. – Benjamin!

O rosto transtornado do rapaz pode ver-se por trás do para-brisas do autocarro fumegante. Sangra do nariz. Lydia corre para o autocarro empunhando a espingarda de Marek. Erik segue-a. Lydia sobe para o autocarro e grita qualquer coisa a Benjamin. Bate-lhe com a coronha e empurra-o para fora do lugar do motorista. Erik não consegue chegar a tempo. O autocarro faz marcha atrás, roda abruptamente para um lado e começa a descer a encosta, em direção ao lago. Erik grita para Lydia parar e corre atrás deles, seguindo os sulcos deixados na neve pelas rodas.

Marek não larga os cabelos de Simone. Ela grita e tenta soltar-se. Joona desliza rapidamente para um lado, baixa o ombro, gira o corpo e acerta-lhe violentamente na axila com o punho fechado. O braço do outro voa como se se tivesse desprendido. Já não consegue continuar a segurar os cabelos de Simone. Ela liberta-se e vê na neve a enorme tesoura. Marek gesticula, mas Joona esquiva-se e,

com todas as suas forças, atira o cotovelo direito, em diagonal, contra o seu ombro, de tal maneira que lhe parte a clavícula, com um ruído surdo, e o faz cair no chão, urrando de dor. Simone lança-se para apanhar a tesoura, mas Marek ainda consegue atingi-la com um pontapé no estômago e ser ele a agarrá-la; descrevendo um arco com o braço, lança-a para a frente. Ela grita e vê o rosto de Joona ficar petrificado quando a tesoura se crava na sua coxa direita. O sangue respinga na neve. Apesar disso, o comissário mantém-se de pé, já tem as algemas na mão e, com elas, golpeia a orelha esquerda de Marek. Este imobiliza-se totalmente, limita-se a olhar em frente, aturdido, e tenta dizer alguma coisa. Está a sangrar da orelha e do nariz. Joona, a arfar, inclina-se para ele e algema-lhe os punhos inertes.

Ofegante, Erik corre atrás do autocarro em plena escuridão. Os farolins traseiros de cor vermelha brilham na sua frente, e, mais adiante, os faróis vão iluminando as árvores em redor. Ouve-se um estalido forte quando um dos retrovisores laterais se parte ao embater numa árvore.

Erik sabe que o frio protege o filho, que a temperatura negativa faz descer a do corpo alguns décimos, o suficiente para que o sangue de Benjamin corra com mais lentidão. Talvez se possa salvar, apesar de ter sido ferido.

O declive do terreno por trás da casa é bastante acentuado. Erik tropeça, cai, mas levanta-se de novo. O arvoredo e as encostas estão cobertos de neve. O autocarro é uma sombra ao longe, uma silhueta com uma aura de luz difusa a envolvê-lo.

Interroga-se se Lydia tentará contornar a pequena lagoa para chegar ao velho trilho de troncos. No entanto, vê que o autocarro se detém subitamente e toma o caminho do gelo. Erik grita-lhe para que ela pare.

Uma corda solta enrola-se no pontão e arranca a lona que cobria o autocarro.

Erik aproxima-se da margem e apercebe-se do cheiro a *diesel*. O autocarro já penetrou uns vinte metros em cima do gelo.

Ele escorrega no declive, está sem fôlego, mas continua a correr.

De repente, o autocarro para. Tomado de pânico, Erik vê que os farolins vermelhos de trás se deslocam para cima, como se

erguessem a vista lentamente.

O gelo estala, com um tremendo baque surdo. Ele estaca na margem e tenta ver o que se passa. Percebe, então, que o gelo cedera, que o autocarro está a afundar-se. As rodas giram em marcha atrás, mas apenas conseguem aumentar o tamanho do buraco no gelo.

Erik agarra então numa boia salva-vidas do molhe e lança-se a correr por cima do gelo, com o coração a galopar-lhe dentro do peito. A luz no interior do autocarro, que ainda flutua, fá-lo brilhar como um farol coberto de geada. Ouve-se um barulho, desprendem-se grandes pedaços de gelo que ficam a boiar nas águas negras.

Erik julga divisar um rosto branco na água que se agita por trás do autocarro.

– Benjamin! – grita.

A ondulação forte faz com que o gelo se torne resvaladiço. Rapidamente, Erik pega na corda da boia, amarra-a à volta da cintura, apertando bem o nó para a não perder. Depois, lança a boia, mas já não vê ninguém. O motor do veículo continua a roncar. E a luz vermelha dos farolins traseiros espalha-se pelos pedaços de gelo lodoso.

A parte dianteira do autocarro afunda-se cada vez mais, de tal modo que já só se vê o tejadilho. Os faróis desaparecem na água, o motor deixa de se ouvir. Fica tudo praticamente em silêncio. O gelo quebra, a água borbulha. De repente, Erik vê que tanto Benjamin como Lydia ainda se encontram dentro do veículo. O chão inclina-se e eles andam para trás. Benjamin agarra-se a uma barra de apoio. O tejadilho na área do motorista está quase ao nível do gelo. Erik aproxima-se rapidamente e salta para cima do autocarro, que baloiça sob o seu peso. Ao longe, ouve a voz de Simone a gritar alguma coisa, chegara à margem do lago. Erik arrasta-se até à janela do tejadilho do autocarro, levanta-se e quebra o vidro com um pontapé. Os estilhaços caem em cima dos assentos e no chão. Só consegue pensar em tirar Benjamin do autocarro, que se vai afundando. Enfia-se pela janela aberta, agarrado ao tejadilho, consegue apoiar os pés nas costas de um assento. Benjamin parece aterrorizado. Só tem o pijama em cima do corpo, escorre-lhe sangue do nariz e de uma pequena ferida na face.

– Papá – sussurra.

Erik procura Lydia com o olhar. Ela está de pé, ao fundo do corredor, com uma expressão taciturna. Segura a espingarda e tem a boca a sangrar. O assento do motorista já está debaixo de água. O autocarro continua a afundar-se e o chão a inclinar-se cada vez mais. Entra água pelas portas centrais.

– Temos de sair daqui! – exclama Erik.

Lydia limita-se a abanar a cabeça lentamente.

– Benjamin – diz ele, sem tirar os olhos de Lydia. – Salta para cima de mim e sai pela abertura no tejadilho.

O rapaz não responde, mas faz o que Erik lhe diz. Aproxima-se, inseguro, sobe para um assento e depois para os ombros do pai. Quando alcança a abertura do tejadilho, Lydia levanta a espingarda e dispara. Erik não sente nenhuma dor, apenas um coice tão forte no ombro que acaba por cair. Ao levantar-se de novo, nota a dor e o sangue quente a escorrer. Benjamin continua pendurado no buraco. Erik acerca-se dele e ajuda-o a sair, com o braço incólume, apesar de ver que Lydia lhe aponta novamente a espingarda. Benjamin já se encontra em cima do tejadilho, quando ouve o segundo tiro. Lydia erra o alvo. A bala passa ao lado da anca de Erik e acerta numa janela, perto dele. A água gelada do lago entra com fúria no interior do autocarro e, em seguida, acontece tudo muito rapidamente. Erik tenta alcançar a abertura, mas o autocarro aderna e ele fica abaixo da linha de água.

O violento impacto do frio provoca-lhe a perda de consciência durante alguns segundos. Mas, depois, em pânico, esperneia fortemente, atinge a superfície e enche os pulmões de ar. O autocarro afunda-se lentamente nas águas escuras com um ruído metálico. O veículo dá um solavanco, Erik leva uma pancada na cabeça e volta a ficar debaixo de água. Esta atordoa-lhe os ouvidos e um frio indescritível envolve-o, ao passo que, através do para-brisas, vê a luz dos faróis a submergir no lago. O coração bate-lhe, forte, no peito, sente uma forte pressão no rosto e na cabeça. A água fria anestesia-o de uma forma tão poderosa que já não consegue mexer-se. Vê Lydia debaixo de água, agarrada a uma barra, com as costas voltadas para os assentos traseiros. Olha para a abertura e para o buraco na janela, e sabe que o autocarro vai afundar-se

completamente. Sabe que tem de sair a nado, que tem de lutar e apressar-se, mas os braços não reagem. Quase não sente o peso da gravidade, não tem sensibilidade nas pernas, procura mexer-se, mas tem dificuldade em coordenar os movimentos.

Erik vê-se agora rodeado por uma nuvem de sangue que emana da ferida no ombro. De repente, cruza o olhar com Lydia. Ela fita-o calmamente. Ambos flutuam nas águas geladas do lago e observam-se.

Os cabelos de Lydia ondulam na água e pequenas bolhas de ar formam uma fiada de pérolas que lhe sai pelo nariz.

Erik precisa de respirar, sente uma grande pressão na garganta, mas resiste à luta dos pulmões para receberem oxigénio. As têmporas parecem bater e cintilar com uma luz branca dentro da cabeça. A temperatura do corpo é tão baixa que está prestes a perder a consciência. Nota um zumbido nos ouvidos, forte e oscilante.

Erik pensa em Simone e que Benjamin se vai salvar. Parece um sonho poder libertar-se na água gelada. Com uma estranha nitidez, compreende que chegou a sua hora e sente uma pontada de angústia no estômago.

Perdeu a noção de orientação e do seu próprio corpo, da luz e da escuridão. De repente, sente a água tépida, quase quente. Pensa que, muito em breve, vai ter de abrir a boca e desistir, deixar simplesmente que o fim chegue e os pulmões se encham de água. Novos e estranhos pensamentos perseguem-no, quando, de repente, alguma coisa acontece. Sente um esticão na corda da boia salva-vidas amarrada ao corpo. Agora, fica preso algures. Erik é puxado para um lado, não consegue evitar o movimento, já não lhe restam forças. Inexoravelmente, o seu corpo lasso é puxado em direção a uma barra e, em seguida, diagonalmente, para a abertura no tejadilho do autocarro. A parte superior da cabeça embate nalguma coisa, um dos sapatos sai-lhe do pé e, por fim, acha-se fora do veículo, no meio das águas escuras. Flutua, vê o autocarro a mergulhar para as profundezas sem ele, e divisa a figura de Lydia dentro daquela gaiola iluminada que mergulha silenciosamente no fundo do lago.

1 «Zero-oito» é uma expressão recente na Suécia, usada popularmente para designar os residentes da área telefónica «08», pertencente à capital sueca e seus arredores. (*N. do T.*)

Quinta-feira, dia 24 de dezembro

Simone, Erik e Benjamin entram numa Estocolmo cinzenta, sob um céu já escurecido. O ar é pesado e uma névoa quase púrpura envolve a cidade. Por todo o lado resplandecem as grinaldas de pequenas lâmpadas das árvores de Natal, colocadas nas varandas. Nas janelas, veem-se penduradas estrelas do Advento e, nas montras, há os velhos Pais Natais no meio das vistosas decorações.

O taxista, que os deixa no Hotel Birger Jarl, usa um gorro vermelho na cabeça. Despede-se deles com um gesto, através do espelho retrovisor, e apercebem-se então de que tem pendurado um pequenino Pai Natal no tejadilho do carro.

Simone relanceia pela receção do hotel e pelas janelas às escuras do restaurante, e comenta que lhe parece estranho dormir num hotel quando se encontram apenas a duzentos metros de casa.

– Mas, de facto, não quero voltar a entrar no nosso apartamento – diz.

– Estou de acordo contigo – responde Erik.

– Nunca mais.

– Nem eu – acrescenta Benjamin.

– O que fazemos? – pergunta Erik. – Vamos ao cinema?

– Estou com fome – diz Benjamin, em voz baixa.

Quando o helicóptero chegou ao hospital de Umeå, diagnosticaram a Erik um princípio de congelamento. O ferimento da bala não era grave, a bala perfurara-lhe o músculo do ombro esquerdo e apenas roçara o osso do braço. Depois da operação, dividiu um quarto com Benjamin, que fora internado para ser medicado e poder recuperar os níveis de hidratação. Benjamin não sofrera hemorragias graves e recuperou rapidamente. Depois de passar apenas um dia no hospital, começou a protestar e a dizer que queria voltar para casa. A princípio, nem Erik, nem Simone acederam, pois queriam que ele permanecesse em observação, em virtude da sua doença, e que, assim, pudesse falar com alguém que

o ajudasse a assimilar o que acontecera.

A psicóloga Kerstin Bengtsson estava tensa e, na verdade, não parecia compreender o grau de perigo a que Benjamin fora submetido. Depois de conversar com ele durante quarenta e cinco minutos, encontrou-se com os pais e assegurou-lhes que o rapaz estava bem, atendendo às circunstâncias, e que deviam esperar, dar-lhe tempo.

Erik e Simone interrogaram-se se a psicóloga apenas teria querido tranquilizá-los, pois, na sua opinião, Benjamin precisaria de ajuda. Repararam que o filho saltava por cima das memórias, como se já tivesse decidido não considerar algumas delas, e pressentiam que, se o deixassem sozinho, se encerraria no que acontecera, como uma rocha em torno de um fóssil.

– Conheço dois bons psicólogos – disse Erik. – Falarei com eles, assim que voltarmos a casa.

– De acordo – respondeu Simone.

– E tu, como te sentes?

– Ouvi falar de um famoso hipnotista que...

– Cuidado com ele.

– Já sei disso – respondeu Simone, a sorrir.

– Falando a sério – prosseguiu ele –, vamos precisar de assimilar tudo isto.

Ela assentiu e ficou com uma expressão pensativa.

– Meu pequeno Benjamin – disse com suavidade.

Erik deitou-se na cama ao lado da do filho e Simone sentou-se na cadeira entre ambas. Depois, contemplaram Benjamin, estendido na cama, pálido e magro. E ficaram a observar-lhe o rosto, incansavelmente, tal como quando era um recém-nascido.

– Como estás? – perguntou-lhe Erik, em voz baixa.

Benjamin virou a cabeça e ficou a olhar pela janela do quarto. A escuridão transformava o vidro num espelho que vibrava com a força do vento.

Quando Benjamin conseguiu subir para o tejadilho do autocarro com a ajuda do pai, ouviu o segundo tiro, escorregou e quase caiu à água. No mesmo momento, viu a mãe no escuro, junto à margem do enorme buraco, a gritar-lhe que o autocarro estava a afundar-se e que tentasse alcançar a borda do gelo. Benjamin viu, então, a boia

salva-vidas a flutuar nas águas negras, por trás do autocarro. Saltou e conseguiu agarrá-la, enfiou-a no corpo e nadou para a borda. Simone andou uns passos na sua direção, puxou-o pela boia e tirou-o dali. Despiu o casaco e envolveu o corpo do filho, abraçou-o e disse-lhe que um helicóptero vinha a caminho.

– O papá ainda está lá dentro – soluçou Benjamin.

O autocarro afundou-se rapidamente, perdeu-se na água e tudo ficou escuro. Ouvia-se o ruído das ondas que se erguiam e das bolhas de ar que ascendiam. Simone levantou-se e viu que os grandes pedaços de gelo começavam a voltar à sua posição anterior.

Acocorou-se e abraçou o filho com força, quando, de repente, sentiu um puxão no corpo dele, o rapaz foi-lhe arrancado dos braços, tentou levantar-se, mas escorregou. A corda da boia salva-vidas estava esticada em cima do gelo e desaparecia nas águas. Benjamin era puxado para o buraco, mas, ao mesmo tempo, oferecia resistência e gritava, deslizando com os pés descalços. Simone conseguiu segurá-lo e, então, resvalaram até perto da borda.

– É o papá! – gritou Benjamin. – Ele tinha a corda atada à cintura!

O rosto dela ficou tenso e adotou uma expressão resoluta. Pegou na boia, passou os braços por ela e fez pressão com os calcanhares contra o gelo. Benjamin fez um esgar de dor quando viu que se aproximavam cada vez mais do buraco. A corda estava tão esticada que produzia um som surdo, ao deslizar na borda do gelo. De repente, a sorte da luta mudou: ainda sentiam uma forte resistência, mas puderam recuar e afastar-se do buraco. Depois, essa resistência desapareceu quase por completo. Tinham conseguido trazer o corpo de Erik através da abertura no tejadilho do autocarro e, agora, ele flutuava rapidamente para a superfície. Segundos depois, Simone conseguiu içá-lo para cima do gelo. Erik ficou ali estendido, a tossir, ao mesmo tempo que uma mancha vermelha se espalhava debaixo do seu corpo.

Quando a Polícia e a ambulância chegaram à cabana de Jussi, encontraram Joonas caído na neve com um garrote improvisado em volta da coxa, ao lado de Marek, que gritava e vociferava. O cadáver azulado de Jussi, ainda com o machado cravado no peito, jazia em frente da escada de entrada. A Polícia e os socorristas de

montanha encontraram uma sobrevivente no interior da casa. Era a companheira de Jussi, Annbritt, que se escondera no guarda-roupa do quarto. Estava ensanguentada e tinha-se encolhido no meio das roupas penduradas, como uma criança. O pessoal da ambulância colocou-a numa maca e levou-a para o helicóptero que os esperava, para proporcionar os primeiros socorros durante o transporte para o hospital.

Dois dias mais tarde, os mergulhadores da equipa de resgate desceram pelo buraco aberto no gelo do lago, para procurarem o corpo de Lydia. A sessenta e quatro metros de profundidade, o autocarro estava assente sobre as suas seis rodas, como se estivesse simplesmente na paragem, à espera de que os passageiros entrassem. Um dos mergulhadores entrou pela porta da frente e iluminou com uma lanterna os assentos vazios. A espingarda estava no chão, ao fundo do corredor. Só quando dirigiu a luz da lanterna para cima é que viu Lydia. Ela tinha flutuado e estava com as costas encostadas ao tejadilho do autocarro. Os braços estavam descaídos e o pescoço, dobrado. A pele do rosto tinha começado a amolecer e a desprender-se. Os cabelos ruivos ondulavam suavemente com o movimento da água. A boca tinha uma expressão calma e os olhos estavam fechados, como se estivesse adormecida.

Benjamin não sabia onde tinha passado os primeiros dias depois do sequestro. Possivelmente, Lydia tinha-o encerrado em sua casa ou na de Marek, mas ele continuava tão aturdido com o que lhe injetaram, que não conseguia perceber o que estava a acontecer-lhe. Quando começava a despertar, davam-lhe mais injeções. Os primeiros dias pareciam escuros e perdidos.

Recuperara a consciência dentro da mala do carro, a caminho do Norte. Conseguiu encontrar o telemóvel e ligar para o pai, antes de ser descoberto. Certamente, ouviram a voz dele dentro da mala.

Sucederam-se vários dias longos e tormentosos. Erik e Simone apenas conseguiram arrancar-lhe alguns fragmentos do que acontecera. Chegaram tão-só a compreender que o tinham obrigado a ficar deitado no chão da casa de Jussi com uma coleira ao pescoço. A julgar pelo estado em que se encontrava quando chegou ao hospital, não lhe tinham dado comida nem água durante vários dias. Um dos pés tinha congelado, mas recuperaria. Benjamin

contou-lhes que conseguira fugir com a ajuda de Jussi e de Annbritt, mas, depois, guardou silêncio durante um momento, antes de explicar que Jussi o salvara quando tentou telefonar para Simone, e que, ao sair de casa a correr, ouvira Annbritt a gritar, quando Lydia lhe cortou a ponta do nariz. Benjamin arrastou-se entre os carros velhos, pensou que tinha de se esconder e entrou pela janela de um dos autocarros cobertos de neve. Ali encontrou alguns tapetes e um cobertor bafiento que, com toda a certeza, o salvaram de morrer congelado. Adormeceu lá dentro, encolhido no assento do motorista e acordou umas horas depois, ao ouvir a voz dos pais.

– Eu não sabia se ainda estava vivo – suspirou Benjamin.

Depois, ouviu Marek a ameaçá-los e viu a chave do autocarro na ignição. Sem refletir no que estava a fazer, tentou ligar o motor, viu que os faróis se acendiam e ouviu o bramido rouco e furioso do motor. Foi então que arrancou para o sítio onde julgava que Marek se encontrava.

Benjamin calou-se e duas grandes lágrimas ficaram-lhe suspensas nas pestanas.

Depois de passar dois dias no hospital de Umeå, o rapaz sentiu-se suficientemente forte para andar, e foi com Simone e Erik visitar Joona, que se encontrava no pós-operatório. A ferida causada pela tesoura com que Marek o atacara na coxa era bastante profunda, mas, com três semanas de descanso, seguramente recuperaria por completo. Ao entrar no quarto, viram uma bela mulher, com uma trança loira e comprida por cima do ombro, sentada ao lado dele, a ler-lhe um livro em voz alta. Apresentou-se como sendo Disa, uma velha amiga do comissário.

– Fazemos parte de um clube de leitores, por isso tenho de me certificar que ele não se atrasa – esclareceu, com o seu sotaque finlandês, enquanto punha o livro de lado.

Simone viu que ela estava a ler *Rumo ao Farol*, de Virginia Woolf.

– Os socorristas de montanha emprestaram-me um pequeno apartamento. – Disa sorriu.

– Vocês serão escoltados até casa pela Polícia, desde o aeroporto de Arlanda – Joona informou Erik, mais tarde.

Mas tanto Simone como Erik declinaram a oferta; sentiam que precisavam de estar sozinhos com o filho, e não a verem mais polícias. Assim que Benjamin teve alta, depois do quarto dia, Simone reservou imediatamente três bilhetes de avião para regressarem a casa e, depois, foi buscar café. Mas, pela primeira vez, a cafetaria do hospital estava fechada. Na sala de espera, só havia um jarro com sumo de maçã e algumas bolachas. Saiu à rua à procura de café em algum lugar, mas tudo parecia estranhamente deserto e fechado. Uma calma aprazível banhava a cidade. Parou diante de uma linha de comboio. Ficou ali, simplesmente a seguir com o olhar os carris reluzentes, a neve sobre as travessas e o cais de embarque. Ao longe, na escuridão, lorigou o amplo rio Ume, com as suas brancas faixas de gelo à superfície e a água negra e resplandecente.

E, nesse preciso instante, algo começou a descontrair no seu interior. Pensou que tudo tinha terminado, que tinham recuperado Benjamin.

Depois de aterrarem no aeroporto de Arlanda, viram que a escolta policial solicitada por Joona Linna os esperava no meio de uma dezena de jornalistas pacientes, com as suas câmaras e de microfones em riste. Sem trocarem uma palavra, resolveram sair por outra porta, evitar o aglomerado de gente e apanhar um táxi.

Agora, estão hesitantes em frente do Hotel Birger Jarl de Estocolmo, e decidem caminhar pela Tulegatan, continuam pela Odengatan e param na esquina da Sveavägen. Olham em volta. Benjamin está vestido com um fato de treino demasiado grande que lhe deram na secção de objetos perdidos da Polícia, um gorro – peça de artesanato lapão para turistas – que Simone lhe comprara no aeroporto e um par de luvas. A zona de Vasastan está deserta. Parece que tudo está fechado. As estações de metro, as paragens dos autocarros, os restaurantes às escuras que descansam em silêncio.

Erik olha para o relógio. São quatro horas da tarde. Uma mulher passa, apressada, subindo a Odengatan, com uma bolsa grande nas mãos.

– É noite de Natal – diz Simone, caindo em si. – Hoje, é a noite de consoada.

Benjamin olha espantado para a mãe.

– Isso explica porque toda a gente diz «Feliz Natal». – Erik sorri.

– O que vamos fazer? – pergunta Benjamin.

– Aceitam-se sugestões – diz Erik.

– Pedimos o menu de Natal no McDonald's? – propõe Simone.

Nesse instante, começa a chover. Uma chuva fina e gelada cai sobre eles. Estugam o passo em direção ao restaurante, localizado um pouco para lá do Observatorielunden. É um local sem luz, baixo, espremido contra o solo do edifício ocre da biblioteca. Atrás do balcão, está uma mulher de uns sessenta anos. Não há mais clientes no restaurante de hambúrgueres.

– Eu gostaria de beber um copo de vinho – diz Simone. – Mas imagino que não será possível.

– Um batido – diz Erik.

– De baunilha, morango ou chocolate? – pergunta a mulher, em tom azedo.

Simone está prestes a ter um ataque de riso, mas consegue dominar-se e diz, esforçando-se por manter-se séria:

– Morango, quero de morango.

– Eu também – acrescenta Benjamin.

A mulher digita o pedido, com pequenos movimentos bruscos.

– É tudo? – pergunta.

– Pede um pouco de cada coisa – diz Simone para Erik. – Nós vamos sentar-nos.

Caminha com Benjamin por entre as mesas vazias.

– Junto à janela – sussurra-lhe, sorridente.

Senta-se ao lado do filho, abraça-o e nota que as lágrimas lhe correm pelas faces. Lá fora, vê a longa e mal colocada piscina. Como habitualmente, não tem água e está cheia de lixo. Um miúdo passa de *skate*, fazendo um barulho infernal. Num dos bancos, perto do teleférico, a um canto do parque infantil e por trás da escola comercial, Handelshög, está sentada uma mulher. Ao seu lado, um carrinho de compras vazio. O teleférico baloiça ao sabor do vento forte.

– Estás com frio? – pergunta Simone.

Benjamin não responde. Limita-se a encostar o rosto ao dela, ali fica, e deixa que a mãe lhe beije a cabeça, vezes sem conta.

Em silêncio, Erik pousa uma bandeja na mesa, à frente deles, e vai buscar outra, antes de se sentar e começar a distribuir as caixas, os pequenos pacotes e os copos de papel.

– Que bom – diz Benjamin, soerguendo-se.

Erik dá-lhe o brinquedo que oferecem com o *Happy Meal*.

– Feliz Natal – diz.

– Obrigado, papá. – Benjamin sorri, e olha para o invólucro de plástico.

Simone observa o filho. Emagreceu imenso, mas acha que há qualquer coisa mais. Como se ainda tivesse um peso enorme em cima dele, algo que lhe perpassa pela mente, que o angustia e o acossa. Parece estar noutro lugar, como se olhasse para dentro de si, como se visse o reflexo de uma janela escura.

Ao ver Erik a estender o braço e a afagar o rosto de Benjamin, irrompe a chorar novamente. Vira a cabeça, sussurra um pedido de desculpas e fica a olhar para um saco de plástico que esvoaça na rua e se vem colar ao vidro da janela.

– Vamos tentar comer alguma coisa? – sugere Erik.

Benjamin está a desembulhar um hambúrguer duplo, quando o telemóvel de Erik toca. Ele olha para o visor e vê que é Joona.

– Feliz Natal, Joona – diz, ao atender.

– Erik – diz Joona, no outro lado da linha. – Já chegaram a Estocolmo?

– Estamos cá, e mesmo a começar a ceia de Natal.

– Lembra-se de que lhe disse que íamos encontrar o seu filho?

– Sim, lembro-me.

– Às vezes, duvidava, quando nós...

– É verdade, sim – assente Erik.

– Mas eu sabia que tudo terminaria bem – continua Joona, com o cerrado sotaque finlandês.

– Eu não.

– Eu sei, reparei nisso – comenta Joona. – Por isso mesmo, quero dizer-lhe uma coisa.

– Ai sim?

– O que é que eu lhe disse?

– Como?

– Eu tinha razão, ou não?

- Sim – responde Erik.
- Feliz Natal – diz Joona. E desliga.

Erik olha surpreso para o telemóvel e, depois, para Simone. Observa-lhe a pele clara e os lábios carnudos. Nos últimos tempos, as rugas causadas pela preocupação tornaram-se mais pronunciadas em redor dos olhos. Ela sorri-lhe e depois ambos voltam o olhar para Benjamin.

Durante algum tempo, Erik também observa o filho. Dói-lhe a garganta pelas lágrimas retidas. Benjamin come as suas batatas fritas com uma expressão séria. Está perdido nos meandros de algum pensamento. Tem o olhar vazio, está preso nas recordações e no abismo que os separa. Erik estende o braço, aperta os dedos do filho e vê que ele ergue o olhar.

– Feliz Natal, papá – diz Benjamin, a sorrir. – Olha, come algumas batatas fritas, se te apetece.

– E que tal se pegássemos na comida e fôssemos visitar o avô? – sugere Erik.

– Estás a falar a sério? – pergunta Simone.

– Não é divertido estar internado num hospital, pois não?

Simone sorri-lhe e pede imediatamente um táxi pelo telemóvel. Benjamin vai falar com a mulher da caixa e pede-lhe um saco para levar a comida.

Uma vez no táxi, passam lentamente pela Odenplan. Erik vê a sua família refletida na janela do carro e, ao mesmo tempo, o enorme abeto decorado, no meio da praça. Como se tomassem parte numa roda, deslizam diante da árvore que se ergue generosamente, iluminada com centenas de pequenas lâmpadas serpenteando até à estrela que resplandece no alto.